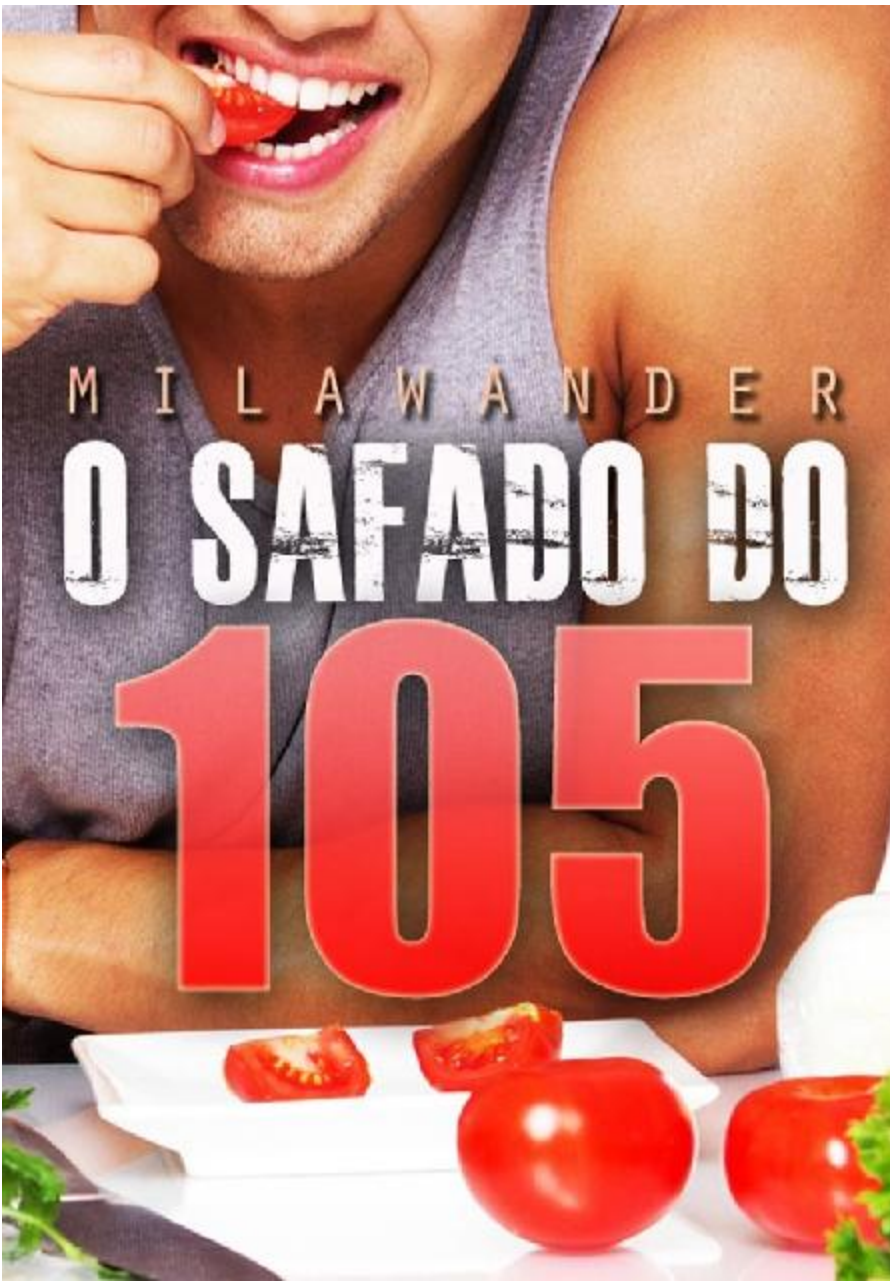


O Safado do 105



O Safado do 105

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Mila Wander

Agradecimentos:

À leitora Daniela Fernandes, pelo sonho louco que me fez escrever um livro tão especial.

Obrigada por compartilhá-lo comigo. Espero que tenha atendido às suas expectativas.

Às minhas leitoras betas queridas. Não consigo medir o nível da minha gratidão e nem do

carinho que sinto. Vocês foram as melhores amigas e incentivadoras que um autor poderia desejar.

Amo-as de todo o meu coração: Rosemeire Molan, Patricia Silva, Denise Costa, Joyce Morais, Sara

Cândido, Érika Romani, Líllian Gonçalves, Vitória Freitas, Juliane Gomes, Lygia Fernandes,

Fernanda Miola, Joseane Araújo, Paula Pilar, Tanielly Sommer, Aline Carvalho, Luciana Maia, Josy

Stoque, Helen Moro, Carol Rabello. Suas lindas!

Aos meus queridos leitores, que me acompanharam do começo ao fim no Wattpad. Vivi

momentos de intensa alegria graças ao carinho e empolgação de vocês. Obrigada!

À turma do grupo “Histórias da Mila Wander”, tanto do facebook quanto do Telegram. Muito

obrigada por tudo que fizeram por mim durante esses meses. O safado nunca teria chegado tão longe

se não fosse por causa de vocês.

Aos grupos do Whatsapp: Livromaníacas, O safado do 105, Team Mila O Safado do 105, Safado

do Bataclan, Calvetes da Mila Wander... E tantos outros que foram formados graças ao nosso safado

favorito. Muito obrigada, gente. De coração mesmo.

Ao meu marido Éverton, por aguentar os meus surtos e distrações, também por comemorar junto

comigo cada vitória. Eu te amo muito!

Espero que gostem de cada linha, pois foram escritas com todo carinho e dedicação. Tenha uma

ótima leitura!

Beijos,

Mila Wander

Este é um aviso de que a obra é nacional, cem por cento brasileira, e de que o

compartilhamento do PDF não é autorizado pela autora. Diga não à pirataria! Ajude o autor

nacional a vender seus livros. Incentive a compra dos e-books nacionais, assim tornaremos o

mercado literário brasileiro mais viável para ambas as partes: autores e leitores.

**Se estiver lendo este livro através de um arquivo PDF pare agora!
Informe-se sobre como**

adquirir esta obra legalmente. Jamais compartilhe PDF de livros em grupos ou e-mails sem se

informar sobre como fazer para adquiri-lo.

Cópia parcial ou total terminantemente proibida.

Copyright – 2014.

1

A mudança é uma merda necessária

Na vida de quem não quer morrer morando com os pais

Os anjos gritaram amém. Os pássaros cantaram no ritmo do “aleluia, aleluia”, e o meu sorriso

evidente quase fez as minhas bochechas arderem de tão esticada que ficou a minha pele. Desci do

carro bem devagarzinho, como que para saborear lentamente o gostinho doce da mudança. Lembro-me

até de ter fechado os olhos e inspirado profundamente.

O vento era fresco, e soprava com uma tranquilidade que invadia o meu peito. Havia muitas

árvores na rua, nada de gás carbônico em demasia. Crianças brincavam de queimada mais adiante.

Uma casinha estilo Barbie bem bonitinha estava diante de mim, parecida com a que eu implorei para

que a minha mãe comprasse quando tinha sete anos (ela não comprou, que isso fique claro).

Estava tudo mais do que perfeito. O bairro era perfeito, a rua era perfeita, a casa era perfeita, a

vida era perfeita, o mundo era perfeito, e eu, Raissa Magalhães, finalmente estava livre de toda aquela

gente doida que compunha a minha família. Nada contra, só que não dá para viver em um lugar onde

não se sabe quando exatamente estão conversando ou discutindo.

Foram vinte e oito anos. Vinte e oito anos de muitos: Raissa, vai lavar os pratos! Raissa, passa

pano na casa! Para onde pensa que vai a essa hora, Raissa? Raissa, já disse que não gosto dessa sua

amiga. Raissa, esse seu namorado é irritante. Raissa, cuida da Clarinha, ela é tão pequena! Raissa,

você não pode dormir tão tarde. Raissa, sai deste computador! Raissa, sua aula é daqui a uma hora e

você ainda está aí? Raissa, você só pode estar louca se pensa que vai comer chocolate no jantar!

Raissa, Raissa, Raissa, Raissa!

Na moral, naquele instante, esperava nunca mais ouvir o meu nome de novo. Eu ia morar

sozinha (ops, deixe-me repetir: sozinha! Mais uma vez: sozinha! Outra: SOZINHA! Ok, ok... Acho

que me empolguei) e muita coisa iria mudar. Teria as minhas próprias regras, planos, horários e

responsabilidades. Pagaria todas as contas, precisaria lavar meus pratos, fazer a minha comida e lavar

a minha roupa, mas cara... O preço da paz não pode ser quitado com um cartão de crédito. Tudo vale a

pena quando é a liberdade e a privacidade que está em jogo. Só de pensar que teria um banheiro só

meu, a felicidade era tão grande que dava vontade de chorar.

Nunca queira morar com pais malucos, uma avó com amnésia, uma irmã solteira com uma

filha pequena e um irmão adolescente em plena ascensão da puberdade. Só da confusão. A minha

antiga casa devia ter um alerta do Ministério da Saúde bem na placa de boas-vindas. Tenho certeza de

que, depois de vinte e oito anos de doideira, o meu cérebro não funcionava como o das pessoas

normais.

A minha única esperança era aquela nova fase da minha vida, que estava começando com

estilo. E, claro, com um emprego novo (e bom), casa nova (e linda), tranquilidade, calma... Seria

quase como se eu tivesse me mudado para a montanha dos monges, no Tibete. Já me sentia bem mais

zen enquanto percorria o pequeno jardim da frente. Podia ouvir até o
“aaaaummmmmmmmm”

ressoando ao longe, provavelmente alguém meditava diante do silêncio da
rua. Ou era apenas o meu

cérebro perturbado imaginando coisas.

Querendo ou não, este é o começo da minha história. Havia uma Raissa
radiante, sorrindo para

os ares, ouvindo meditações alheias e pássaros em sinfonia. Foi comigo,
mas podia ter sido com você.

Imagine-se em um processo maravilhoso de mudança; aquela que você estava
esperando há muitos anos.

Imagine que nada no mundo poderia estar mais perfeito, procure em sua
mente o dia mais lindo da sua

vida.

Era o que eu estava vivenciando naquele momento. Afinal, tudo havia saído
do jeito que quis: a

casa estava à venda por um preço tão pequeno que nem acreditei. Quando
fui visitá-la, realizei a

compra na hora, sem ao menos pensar duas vezes. Tudo bem que era
pequena. E tudo bem que era

dupla.

Certo, deixe-me explicar.

A casa na realidade era enorme, só que dividida em duas. Mal dava para
perceber por causa da

reforma que o antigo dono havia feito. Como a planta era toda simétrica, e ele precisava de dinheiro,

teve a grande ideia de dividi-la em duas e alugar a outra parte. Funcionou. Bom, não deve ter

funcionado tanto assim, visto que comprei a parcela que pertencia ao antigo dono. O vizinho acabou

comprando de vez a outra.

Mas, sério, nem parecia que eram duas casas em uma. Havia duas varandinhas logo na frente, e a

divisão era bem clara: a de número 104 era uma casinha cor-de-rosa, meio salmon, e a 105 era toda

azul. Uma barra de proteção branca e bem bonitinha separava as duas singelas varandas.

Subi o degrauzinho até a varanda da casa de número 104. As instalações já eram todas

distintas; as contas de água e luz vinham separadamente. O muro gradeado era baixo, e a portinha de

madeira na frente ficava sempre aberta. Até porque não adiantaria muito trancá-la, qualquer sujeito

podia atravessá-la com um pulo. Precisava me lembrar de não esquecer a porta aberta, nem as janelas.

Ainda bem que o bairro era seguro. Até guarda noturno havia, daqueles que apitam durante a

madrugada. Coisa de tempo antigo mesmo!

Sorri pela milésima vez enquanto virava a chave (a minha chave) na maçaneta (a minha maçaneta).

– Vida nova... Aqui vou eu! – murmurei e ri baixo, abrindo a porta no mesmo instante em que a porta vizinha foi aberta.

Ouvi risadas. Parecia um grupo de mulheres. Decidi esperar para saudar o meu vizinho. O

corretor disse que era um homem que morava ao lado, e que ele morava sozinho, mas devia estar

recebendo visitas, sei lá. Enfim, queria falar com o sujeito. Morar ao lado de um cara poderia ser bom,

traria mais segurança e eu ficaria menos neurótica.

As risadas continuaram enquanto três mulheres desciam a escadinha da varanda vizinha e

seguiram até a portinha de ferro. Nem olharam para a minha cara. Sequer notaram a minha presença.

Estava desistindo de dar um “alô” para o vizinho quando um sujeito alto, moreno, com as

costas largas e com a bunda maior que a da Carla Perez foi até a portinha. Não sei o que me deixou

assustada tão depressa. Não sei se foi assistir ao cara beijando as três mulheres de uma só vez (e na

boca!), se foi o seu corpo estupendo ou o fato de ele estar trajando apenas uma cueca boxer cinza.

Meu queixo caiu. E caiu mais ainda, acho que a minha língua se apoiou no chão de madeira da

minha varanda, quando o sujeito se virou de frente depois que as garotas foram embora, mostrando

uma protuberância óbvia na parte da frente da cueca. Foi só isso que consegui visualizar, juro. Não

consegui tirar os meus olhos do saco do cara, foi mais forte que eu.

– Ei, você é a nova vizinha? – o homem gritou, aproximando-se. Eu ainda olhava para o saco

dele. – Ei! Como é mesmo o seu nome? – Parou bem na minha frente, e me vi obrigada a encarar o seu

rosto.

Minha língua dançou a macarena no chão da varanda. A baba escorreu pela beirada da minha

boca, e achei que o dia estava quente demais para o meu gosto. Devia fazer tipo uns... quinhentos

graus Celsius.

O homem sorriu de um jeito malicioso, notando o meu estado de transe imediato. Dentes

brancos maravilhosos se puseram à mostra. Olhos escuros e sobrancelhas grossas incitaram a mais

profunda sacanagem.

Ele chacoalhou uma mão na minha frente.

– Ei! Acorda!

– Puta que pariu.

– Hã?

– Meu nome é Raissa... – Consegui erguer uma mão para frente. Ele a apertou utilizando mais

força que o necessário. Como sua mão era quente!

Minha língua continuou fazendo a dancinha ridícula da macarena.

O cara sorriu ainda mais maliciosamente. Na moral, não dá para descrever o que foi a visão

daquele homem de cueca, rindo daquele jeito na minha frente. Era um absurdo. Uma afronta contra

toda a comunidade feminina.

– Muito prazer, Raissa. Prazer até demais... Ah! – Ele soltou um gemido? Sério, produção?

Não soube responder na hora, mas o sorriso sacana não desapareceu do seu rosto por nada. – Pensei

que uma velhota tivesse comprado o 104.

– Acho que eu sou a velhota – murmurei, ainda sem acreditar nos meus olhos que a terra há de

comer.

O cara gargalhou. Tipo, mesmo. Colocou até uma mão na barriga, composta por um tanquinho

que me fez perceber que lavar roupa não seria algo tão ruim assim.

– De modo algum, Raissa! Você tá no ponto.

No ponto de quê, Senhor?

– Desculpa, como é seu nome mesmo? – Fechei os olhos e balancei a cabeça em negativa.

Tomei fôlego e os reabri. Precisava me concentrar. Aquela energia que fazia os meus olhos serem

atraídos para a cueca do homem não podia ser mais forte que eu.

– Você pode me chamar do que quiser... – falou com a voz nitidamente afetada e piscou um

olho. Depois, passou a língua por seus lábios grossos.

Achei que fosse desfalecer. Passei séculos traduzidos em um segundo tentando assimilar o que

tinha sido aquela passada básica de língua.

– Ok, vou te chamar de Calvin – falei sem pensar.

– Calvin? – O cara fez uma careta divertida.

– Calvin Klein. – Olhei para a sua cueca, e ele gargalhou alto. Era a marca da maldita. Sei

disso porque tinha uma faixa com o nome rodeando a sua cintura definida.

Sem conseguir reagir a mais nada, simplesmente virei as costas e entrei na minha nova casa

sem sequer olhar para trás.

Como eu estava dizendo... Podia ter sido com você. Mas foi comigo. E, dali em diante,

descobri que morar sozinha podia significar tudo, menos tranquilidade. A minha mudança necessária

não podia ser normal, afinal, eu não sou normal. Tenho uma família doida que me fez desenvolver

distúrbios psicológicos irreparáveis.

Juro que só queria paz. Queria tédio. Queria um domingo de pura morgação diante do Faustão,

comendo pizza requentada e esperando pela segunda-feira como quem espera pela morte.

Mas não. Nada seria igual e, ao mesmo tempo, seria tão louco quanto. Não podia esperar pelo

diferente, não depois de ter conhecido o Sr. Calvin Klein, mais conhecido como o safado do 105.

2

Casa nova, vida nova, problemas novos...

Passei a manhã e a tarde inteira organizando os móveis, que ainda estavam na caixa, pois os

havia comprado durante a semana. Não tinha onde guardá-los na antiga casa – não sem causar

verdadeiro rebuliço –, portanto deixei mesmo para o último instante. As entregas foram realizadas

gradativamente, e ainda tinha muitas coisas a caminho. A minha cozinha estava incompleta, bem

como a sala de estar. O único cômodo pronto de verdade era o quarto, composto pela minha

maravilhosa cama de casal (só para *mim!*) e o meu guarda-roupa cor-de-rosa com seis portas (só para

as *minhas* roupas!).

O meu banheiro também estava pronto. Espalhei sabonetes decorativos na pia e nos diversos

compartimentos do móvel novo que comprei para colocar toalhas e alguns produtos de higiene. Ficou

uma maravilha, tudo branquinho e na cerâmica... Ai, como adoro banheiros limpinhos e cheirosos! Era

impossível ter um daquele antes, pois meu irmão adolescente é um moleque que não sabe usar nada

sem sujar de um jeito irreparável.

Nunca fiquei tão feliz em fazer cocô. Sério, mal dava para acreditar quando fiz a minha estreia

sensacional no meu próprio banheiro. A alegria não coube em mim, e me vi rindo sozinha enquanto

caga... defecava. Enfim, vou mudar de assunto, a coisa está ficando meio nojenta.

Fiz uma limpeza geral ao som do Linkin Park. A casa não estava tão suja assim, mas guardava

um pouco do cheiro do antigo dono. Queria que a minha casa tivesse o meu cheiro e, mesmo sabendo

que levaria um tempo, aquela limpeza inicial seria muito necessária para que atingisse os meus

objetivos.

No fim da arrumação, achei que o cafofo já estava com cara de casa, afinal. Não poderia

receber os amigos ainda, pois estava sem sofás ou qualquer lugar onde pudessem se sentar, mas para o

meu dia a dia estava ótimo. O meu lar precisava primeiramente me receber, depois que receberia os

outros. Tudo tem seu tempo. Além do mais, era uma ótima desculpa para não receber nenhum membro

da família. E isso era uma notícia muito boa.

Organizei as minhas roupas no armário com a maior dedicação possível. Retirei lençóis e

edredons novos, com cheirinho de limpo. Fiz tudo com tanta dedicação que me esqueci totalmente de

comer. Quando fui sentir fome eram quase sete horas da noite. Não sabia onde arranjar comida tão

tarde em um dia de domingo, por isso me lembrei do meu vizinho.

O senhor Calvin Klein.

Ele poderia me dizer se tinha alguma pizzaria ou *delivery* por perto. Só esperava não encontrá-lo

usando apenas cueca de novo. Não estava tão preparada assim para mais doses de sedução e

sacanagem. O cara era doido, mas eu precisava me acostumar com ele rápido.

Não tenho preconceitos ou comentários depreciativos para fazer, por mim o cara pode realizar as

suas orgias dentro de casa – com direito a quantas mulheres quiser –, não vou me incomodar. Não sou

nenhuma mulher quadrada que fica horrorizada com a sexualidade alheia, cada um faz o que quer da

própria vida e do próprio prazer. Considero-me uma pessoa bem mente aberta. Tanto, que às vezes sou

confundida com uma tapada lesada.

Saí da *minha* casa e logo senti um frio absurdo. Não sabia que a brisa fresca da manhã se

transformaria em um vento frio irritante, mas não achei de todo ruim. A minha antiga casa era

naturalmente quente. Não sei se o inferno era ali ou se havia algum outro tipo de explicação, mas às

vezes o tempo estava bom e a casa continuava abafada, cozinhando-nos como pedaços de carne

bovina.

Sorri ao descer o degrau da minha varanda e subir o da varanda do vizinho. Não sabia o que

esperava daquele novo encontro, mas estava um pouco mais preparada para eventuais surpresas. O

cara era gostoso e voluptuoso. Além de muito safado. Ficava jogando indiretas... Enfim, eu precisava

me acostumar com o seu jeito safado de ser. Ele era novo – talvez até mais do que eu –, precisava

mesmo curtir a vida e dar em cima da vizinha novata.

Eu realmente não me importava. Se ele quisesse viver eternamente imerso no máximo teor da

luxúria, o problema era dele. Desde que me fornecesse um pouco de segurança e civilidade, estaria

ótimo para mim. Seria bom também se não andasse de cueca enquanto eu estivesse com visitas. Pelo

menos isso. Mas bem, achei que o fato de ele fingir não ser um galinha assumido para a minha família

pudesse fazer parte de uma conversa futura. O primeiro dia precisava ser mais *light*, sem regras e

mimimis.

Não estava a fim de me tornar uma vizinha chata logo de cara. Preferia esperar para ver o seu

comportamento no dia a dia para começar a tomar alguma atitude a respeito. Para mim, não existe

essa de “a primeira impressão é a que fica”. As pessoas mudam o tempo todo, além de que, sei lá, ele

podia estar bêbado ou sob efeito de alguma droga mais cedo. Vai saber... Eu não o conheço, assim

como as pessoas, de modo geral, não se conhecem. É ridículo julgar por apenas uma atitude, ainda

mais sendo a primeira e única que você acompanhou.

Soltei um suspiro, tentando me preparar para sentir uma vontade louca de dar. Sei que ele me

faria sentir aquilo, afinal, não sou cega, surda ou muda, e tenho hormônios que funcionam muito bem,

obrigada. Sou extremamente heterossexual, adoro homens de todos os tipos, mas tenho uma queda por

homens grandes. O safado do 105 era *enorme*.

Não encontrei campainha, por isso dei algumas batidas na porta. Esperei por alguns segundos,

e nada aconteceu. Bati novamente, desta vez com mais veemência. Nada.

Eu sabia que tinha gente em casa, pois as luzes estavam acesas. Decidi verificar na janela ao

lado da porta. Sei que é feio bisbilhotar o interior da casa alheia, mas eu realmente queria uma

orientação sobre como arranjar comida no bairro àquela hora da noite. Não me lembro de ter passado

por uma padaria ou mercadinho pela manhã, mas posso ter me distraído de tão excitada com a

mudança que estava.

A janela da casa 105 estava fechada, mas dava para ver perfeitamente o interior.

Diferentemente da minha janela ao lado da porta – que dava para a sala de estar –, a do vizinho dava

para a cozinha. Devo confessar que soltei um arquejo maluco de surpresa quando visualizei o meu

querido Calvin.

– Tá de brincadeira... – murmurei baixinho logo após a minha quase engasgada.

O Senhor Calvin Klein estava trajando um short preto por cima da cueca, que não soube dizer

se era a mesma, mas a tarja da Calvin ainda se fazia presente. Só isso. Mas ver o seu corpo digno de

galã exposto não foi tudo. O cara estava com fones de ouvidos enormes, cantando alguma música com

muita empolgação – não dava para ouvir sua voz dali –, enquanto batia uma colher de pau dentro de

uma vasilha grande.

O sujeito estava cozinhando?

Só me restou pensar sobre o que iria fazer. Podia dar meia volta e pegar o meu carro, seguir

sem direção pelo bairro até achar alguma coisa. Ou podia dar umas batidinhas na janela, vai que ele

perceba a minha presença.

Olha, vou te dizer, às vezes faço coisas sem medir as consequências. Quando vejo... Bum! Está

feito. Devo ter pirado ou algo assim, pois as minhas mãos bateram na janela com força, e o vizinho

boy magia se assustou no mesmo instante. Ainda pensei em sair correndo, mas era tarde demais.

Calvin me acharia muito louca se eu simplesmente sumisse, do nada. Não podia dar uma de louca logo

no primeiro dia.

Ele sorriu daquele jeito sacana quando percebeu que era eu. Deixou a vasilha em cima de uma

mesa que havia bem no meio da cozinha, estilo bem americanizado. Tirou os fones de ouvido e veio

até a janela, abrindo-a através de um trinco na lateral. A janela era igualzinha a minha.

– Raissa! A nova vizinha do 104, o que é que manda? Quer açúcar? Ou quer algo mais? – O

maldito teve a cara de pau de me olhar como se eu fosse um pedaço farto de bisteca suína ao molho

barbecue. Senti fome só de pensar nisso, mas acho que devo ter corado tanto que o barbecue virou

molho de tomate.

– Er... Sabe o que é, Calvin... – Ele gargalhou diante do apelido que eu coloquei nele. Parei de

falar e esperei que terminasse de rir da minha cara.

– Ai, desculpa, Raissa. Você é engraçada além de gata. Pode falar.

Prendi os lábios e fiz uma careta. Sério, não estava acostumada com tanta cara de pau. Ele me

deixava desconcertada só com um olhar. Ficava parecendo uma menininha virgem diante dele. Que

merda! Ele devia estar me achando a maior quadrada!

Respirei fundo e tentei me controlar. Ele agitou os cabelos castanhos entre os dedos e se apoiou

na parede ao lado da janela, deixando o músculo definido do braço esquerdo bem destacado.

Continuou me hipnotizando com aquele jeito cafajeste malicioso.

– Estou com fome e me esqueci de fazer compras... – Fui rápida e séria. – Pode me dizer onde

tem algum mercado por aqui?

Ele não respondeu logo. Continuou me olhando como se eu não tivesse dito nada. Pensei em

perguntar novamente, mas aí ele abriu a boca e soltou um suspiro que mais pareceu um gemido.

Alguma parte sugestiva do meu corpo deu uma vibrada bem básica. O frio foi embora de repente,

como se a lua tivesse virado sol.

– Você está com muita sorte, Raissa. Aliás, a sua maior sorte foi ter comprado a casa de número

104. Sou um ótimo vizinho, sabe? – Continuou sorrindo “sacanamente”. – Sou muito prendado, adoro

cozinhar. Não há um dia que eu não prepare um prato novo, e hoje estou fazendo nhoque. Gosta?

Arregalei os olhos.

– Gos... Gosto.

Ele se aproximou da janela até deixar a cabeça do lado de fora. Precisei dar um passo para trás,

pois a impressão que tive foi a de que o sem-noção iria me beijar ali mesmo, como se eu tivesse

acabado de dizer que gosto dele e não do maldito nhoque.

– Com molho de queijo – murmurou sem se abater. – Muito queijo derretido. Receita da minha

mãe, ela é italiana. Que Deus a tenha!

Fiquei meio sem graça. Ele não pareceu nada abalado.

– Sinto muito.

– Ah, eu nem a conheci. – Gargalhou. – Morreu assim que me teve. Enfim... Raissa, minha

querida vizinha, gostaria de dividir o nhoque comigo?

Abri a boca, sem saber o que responder. Não podia aceitar, podia? Eu só queria saber onde era a

padaria mais próxima. Não estava a fim de comer com um cara safado soltando indiretas, ou melhor,

diretas. Apesar de ser mente aberta e de não me importar com as safadezas dos outros, gosto de

manter a cordialidade, o respeito e a normalidade, na medida do possível.

– Eu só... Só queria saber se há uma padaria...

Calvin bufou, parecendo indignado.

– Amanhã eu te mostro, Raissa. Venha, vizinha, juro que não vai doer. – Dei alguns passos para

trás, sentindo-me um pouco perdida. Ainda estávamos falando de um convite para jantar? – Espere aí,

não fuja! Eu não mordo... Bom, posso morder se você quiser. – Piscou um olho. Fiz uma careta. – É

sério, Raissa, fica aí. Vou abrir a porta.

Eu, hein? Não consegui raciocinar muito enquanto esperava o doido varrido abrir a porta de sua

casa. Também não pensei quando entrei devagar, sendo assistida por aquele cara enorme e gostoso,

que não parava de sorrir com malícia.

A casa dele era quase a mesma coisa que a minha, só mudava a disposição dos cômodos. Sua

cozinha estava no lugar da minha sala e a sua sala no lugar da minha cozinha. O resto era tudo igual. E

meio bagunçado também. Quero dizer, tinha roupas espalhadas pelos móveis. Algumas até femininas.

O sofá estava meio fora de posição, mas, tirando isso, a casa dele era bem normal.

O que chamou a minha atenção foi um mural de fotos na parede da sala. Calvin Klein posava em

fotos loucas, uma mais engraçada que a outra, na companhia de amigos, amigas – muitas, muitas

amigas – e pessoas que achei que fossem familiares, por serem mais velhas.
Precisei desviar o rosto

quando percebi algumas fotografias em que ele estava nu, rodeado de
mulheres gatas, todas nuas.

Resfoleguei.

– Então... Faz o quê da vida, vizinha?

Ele perguntou da cozinha. Já tinha voltado a machucar a massa com força,
utilizando-se

daqueles braços fortes e grandes como ele. Um cheiro delicioso subiu, e
consegui identificar: era

queijo sendo derretido.

– Sou ginecologista – respondi.

O safado gargalhou alto.

– Puta merda, é o emprego dos meus sonhos! Como se sente admirando
todos os tipos de vagina

do mundo?

Comecei a rir sozinha. A cara de vislumbre do Sr. Klein foi muito
engraçada, do jeito que a

minha mente perturbada supôs.

– Estava brincando, Calvin! Sou analista de sistemas.

Ele deu de ombros.

– Ah... Legal. Danadinha, me pegou de jeito! Vai ver, um dia vou te pegar
de jeito também!

O maluco continuou rindo, mas parei no mesmo instante. Tipo, como reagir diante das diretas

que me soltava? Não pude evitar; meu rosto esquentou de novo. Arrependi-me de ter feito aquela

piada. Não devia brincar em terreno desconhecido. O cara podia ser um ninfomaníaco, sei lá.

Fui até a cozinha e me sentei em uma cadeira de perna alta. Tentei não olhar para o corpo

perfeito dele, nem observar o modo delicioso como se movia enquanto colocava a massa em um

aparelho que fazia o nhoque ter cara de nhoque.

– E você, o que faz? – Arrependi-me de ter aberto a minha boca assim que o fiz. Preparei-me

para outra piadinha.

– Sou chefe de cozinha em um restaurante.

Quase engasguei com a minha baba.

– Sério?

Olhei-o sem querer, e ele já estava me olhando. Desta vez, seriamente. Não, digo, não foi

seriamente, foi com uma expressão além da seriedade. Parecia desejo. O doido estava me secando.

Filho de uma mãe sem pai...

– Não, sou apenas um ajudante que fica lavando os pratos e preparando molhos. Mas sonhar é de

graça! – Riu de um jeito divertido, e acabei rindo também. Ele parou. – Ei, é legal quando você ri.

Gostei, Raissa.

Devo ter corado pela milésima vez.

– Então... Queria ser cozinheiro? – mudei de assunto.

– É. Ainda vou ser um dia. Quem sabe...

Era engraçado ver um cara do tamanho (e do corpo) dele querendo ser cozinheiro. Sempre achei

que todos os cozinheiros fossem velhos, obesos e barbudos, mas pelo visto estava enganada.

– Vou provar o seu nhoque, aí te digo se você é bom mesmo.

Ele me olhou e sorriu com o modo cafajeste ativado.

– Sou bom em muitas coisas, vizinha. Basta que prove.

Uau! Aquela foi demais para a minha calcinha. Na moral, foi difícil ver aquele homem na minha

frente e não imaginar as coisas nas quais ele pudesse ser bom. Confesso que, enquanto ele terminava

de fazer o jantar – como se nada tivesse dito –, um filme pornográfico imenso se passou pela minha

cabeça, com direito a tudo o que há de mais erótico. Rolou de tudo um pouco, acredite. As minhas

ideias se transformaram em um bacanal.

Quando o nhoque foi servido, eu estava quase pirando por uma “sobremesa”, se é que me

entende. Mas fui me acalmando. Precisava voltar a ser firme. Sr. Klein comeu no mais completo

silêncio, só me olhava de vez em quando. Ainda bem.

O nhoque ao molho de queijo estava divino. Aliás, não me lembro de ter comido um nhoque tão

gostoso em toda a minha vida. Confesso que, enquanto comia, não conseguia parar de pensar no

instante em que eu elogiaria o jantar. O doido certamente soltaria mais uma direta, e não sei até

quando suportaria aquele joguinho idiota de sedução.

Só depois da nossa última garfada que ele voltou a falar:

– Raissa, não me mate de expectativa. Eu sou um ansioso, não sei esperar por nada. – A careta

que fez não negou a sua ansiedade. Parecia um moleque. – O que achou do jantar? Pode ser sincera.

Inspirei todo o ar que me foi possível. Meu coração começou a bater bem depressa, e nem sei

dizer por que.

– Perfeito, Calvin. Você cozinha bem pra burro. Nunca comi um nhoque tão bom... E não estou

elogiando só porque sou sua vizinha, juro.

Ele gargalhou e se levantou da cadeira. Deu-me um beijo bem demorado na bochecha. Quero

dizer, acho que era para ser na bochecha, mas na realidade foi no canto da minha boca.

– Ei... Gostei de você, vizinha. Vamos ser ótimos vizinhos.

Disso eu não duvidava, Sr. Calvin Klein. Não dava para duvidar nem se eu quisesse.

Mas a coisa foi mais complicada do que pensei.

3

Só queria dormir em paz, mas a paz não foi feita

Para pessoas como eu

Arranjei uma desculpa qualquer para não prolongar o jantar na casa do Sr. Calvin Klein. Ele

ainda tentou me empurrar uma taça de vinho, mas neguei e fiquei só com a torta alemã que havia

preparado mais cedo. Estava uma delícia. Sério, o doido cozinha muito bem. Ele fisgaria qualquer

mulher pelo estômago se não tivesse a capacidade de fisgá-las por outras partes do corpo.

A primeira noite dormindo sozinha na minha casa foi bem esquisita. Não consegui pregar o

olho direito, pois estava estranhando tudo. As sombras do meu quarto escuro, o colchão novo – e duro

demais para o meu gosto –, o cheiro, os ruídos (ou a ausência deles). Não estava acostumada a dormir

em meio a tanto silêncio. Liguei a TV em um volume baixo para ver se melhorava, mas ainda assim

tive dificuldade para dormir.

Vi o sol nascer e um galo cantar bem distante, e então consegui dar um cochilo. Não foi grande

coisa, visto que precisava me acordar exatamente às sete horas. Não podia me atrasar para ir ao

trabalho, visto que o meu chefe era um porre com relação aos horários.

Adorei acordar e não ter que esperar uma fila enorme para conseguir tomar um banho.

Consegui me arrumar em menos de meia hora, coisa quase impossível na minha antiga casa. Meu

irmão demorava horas se masturbando logo pela manhã no banheiro, a minha irmã dava banho na

minha sobrinha – mesmo podendo fazer isso mais tarde, pois é uma desocupada que não trabalha e só

sabe falar mal dos outros –, a minha avó inventava de lavar a sua dentadura e os meus pais ficavam

gritando ordens feito loucos enquanto faziam o café da manhã.

Um inferno na terra.

Não me importei com o fato de não ter conseguido dormir quando saí de casa quinze minutos

mais cedo do que o normal. Atravessei o jardim com um sorriso enorme estampado no rosto. Não

havia comido nada, mas, por incrível que pareça, ainda estava satisfeita com o nhoque do dia anterior.

Sabia que teria fome mais tarde, por isso decidi ir atrás de algum mercado ou padaria por conta

própria.

– Bom dia, vizinha! – A voz do Calvin me assustou, tirando-me dos devaneios. Eu estava

prestes a abrir a portinha da frente. Olhei para os lados, fazendo caretas, mas não encontrei o sujeito

em parte alguma. – Aqui, ao lado da roseira!

Espremi os meus olhos e o procurei pelo jardim. Havia uma roseira (que dava rosas vermelhas,

um luxo!) perto do muro gradeado, no extremo esquerdo do terreno. Vi o safado do 105 empunhando

uma tesoura enorme. Ele estava cortando alguns galhos da roseira, eu acho.

– Bom dia, vizinho! – saudei, sentindo-me um pouco envergonhada. Por incrível que pareça,

Calvin estava vestido com uma bermuda bem recatada e uma camisa de manga comprida. Nunca o

tinha visto tão vestido.

Tudo bem que estava fazendo um frio bem gostoso àquela hora da manhã, mas achei que a pele

dele tivesse desenvolvido características da pele de um jacaré, e andasse parcialmente nu durante

vinte e quatro horas por dia.

– Você está muito gata... Toda importante e inteligente. Bom dia de trabalho!

Corei de imediato. Precisava me acostumar, precisava me acostumar,

acostumar...

– E você? Não vai trabalhar?

– Pego mais tarde. – Piscou um olho. Quase morri.

Não soube dizer se ele tinha dito que pegaria no trabalho ou se pegaria outra coisa, só sei que

dei um “tchauzinho” tímido e decidi voltar à normalidade da minha rotina. Aquela sim não mudaria.

Achei uma padaria bem na esquina, e comprei algumas coisas. Havia um supermercado no

outro quarteirão. Passaria por lá depois do expediente, não queria me atrasar logo no dia que consegui

sair cedo de casa. Cheguei à empresa na hora exata. Até achei um lugar vago no estacionamento sem

precisar procurar muito. Uma maravilha!

As notícias ruins do dia começaram assim que sentei à minha mesa e liguei o computador.

Meu celular começou a tocar. Pensei em desligá-lo, mas ignorar a minha mãe era a pior decisão que

alguém podia tomar em toda a sua vida.

– Oi, mãe...

– *Raissa? Cadê você, minha filha?*

– Eu? Estou trabalhando, oras... – Ri um pouquinho.

– *Como assim, está trabalhando? E nós?* – Sua voz ficou ainda mais urgente e afetada. A

mulher estava nervosa logo cedo? Ferrou.

– Não estou entendendo, mãe. – Peguei uma caneta e fiz um coração em um bloquinho de papel

colorido.

– *Raissa, quem você acha que vai levar o Gui para escola? Seu pai sai muito cedo, não dá*

tempo de levar, você sabe disso. Ainda tem o hotelzinho da Clarinha, e sua irmã precisava fazer umas

coisas no Centro.

Larguei a caneta em cima da mesa. Afundei o meu corpo na cadeira confortável – que eu havia

exigido, pois não dava para trabalhar no pedaço de tábua duro que era a cadeira antiga – e soltei um

longo suspiro. Não dava para acreditar no que a minha mãe estava dizendo. Era duro descobrir que,

mesmo ganhando a minha liberdade e autosuficiência, ainda ia ter que bancar a motorista para um

monte de gente que podia simplesmente pegar um ônibus.

– Mãe, Gui tem dezessete anos. Com essa idade eu ia à escola de metrô, depois ainda pegava

um ônibus. A escola dele fica bem mais perto, talvez dê até para ir andando, ou de bicicleta.

– *Não vou deixar meu filho andar de bicicleta no meio da rua! Ficou louca, Raissa? Ele pode*

cair e quebrar o pescoço!

Tudo para a minha mãe era cair e quebrar o pescoço. Sério, eu não pude ter um patins por

causa disso. E também não pude ir ao parque de diversões pelo mesmo motivo. Nem subir as escadas

lá de casa com pés descalços.

– Ele não vai cair, e muito menos quebrar o pescoço. – Se a minha mãe soubesse que o

passatempo do Guilherme era andar de skate (emprestado de um amigo maconheiro) na rua de baixo,

ela teria um troço. – Eu que vou ganhar um torcicolo se tiver que dirigir para todo mundo logo cedo.

Mande a Sara pegar um ônibus para ir ao Centro. Ah, e o hotelzinho da Clara é na rua de trás, pelo

amor de Deus! Até a senhora ou a vovó pode levá-la!

Minha mãe ficou calada durante um tempo. Depois, iniciou a sua já conhecida sessão de “eu

sou a vítima e ninguém me ama”.

– *Vai abandonar a sua família assim? Eu te criei com tanto amor, Raissa, daí você vai embora*

e quer se livrar de todas as responsabilidades? Perdi a minha filha, é isso?

Soltei um suspiro bem alto. Esfreguei as mãos na minha testa.

– Mãe, eu só quero viver a minha vida. Quero ficar sozinha e ter paz até encontrar alguém com

quem possa constituir a minha própria família. Os meus irmãos estão grandinhos demais, está na hora

de cada um fazer o mesmo também.

Ela soltou um soluço. Revirei os olhos.

– *Tudo bem, Raissa... Acho que... Acho que não me acostumei com a ideia de ficar sem você.*

Sei que precisa de privacidade... Você é uma mulher adulta. Cresceu tão rápido que não consegui

acompanhar.

Rápido? Aqueles vinte e oito anos foram uma eternidade para mim. Mas tudo bem, fiquei

contente por ela ter me compreendido. Não havíamos tido muitas conversas sobre a minha mudança.

Na verdade, foi algo bem repentino. Eu estava juntando dinheiro desde os vinte e quatro anos, mas

ninguém sabia. Quando dei a notícia de que havia comprado uma casa, ninguém achou que fosse

mesmo verdade. Até a minha própria ficha ainda não tinha caído.

– Obrigada, mãe. Preciso ir, meu chefe não está me olhando com uma cara muito boa – menti.

Não havia sinal do meu chefe. Acho que ele nem tinha chegado ainda.

– *Tudo bem... Bom trabalho, filha. Te amo.*

– Também. Beijinho!

Um peso de mil toneladas foi tirado das minhas costas quando desliguei o telefone. Pensei que

não conseguiria, mas finalmente me vi livre de tudo o que me ligava à minha família. Já não teria

responsabilidade com ninguém além de mim mesma. Eles precisavam se virar sem mim.

A sensação de liberdade me acompanhou durante todo o dia. Trabalhei com muito bom humor.

Senti-me uma nova mulher, pronta para mudar em todos os sentidos. Sabia que muita coisa seria

diferente, mas era exatamente o diferente que eu buscava. Estava cansada de ser sempre ordenada.

Não me leve a mal, eu amo a minha família. Só estou velha demais para aturar certas coisas.

O meu pai odiou o fato de eu ter me mudado. Segundo ele, eu só devia sair de casa quando

estivesse casada. Pensamento da época em que a minha bisavó era virgem. Ainda bem que a minha

mãe discorda disso, e fez o velho ao menos aceitar as minhas decisões. Até porque, com sinceridade,

do jeito como a minha vida amorosa está o tal casamento vai demorar muito.

Procurei nos meus relacionamentos a liberdade que não encontrava em casa. Já me apaixonei,

já quebrei a cara, já tive homens loucos por mim (que quebraram a cara), enfim... Tentei de tudo um

pouco, mas a minha vontade de ser livre nunca passou.

Meus namoros foram curtos, o mais longo durou uns nove meses. De uns tempos para cá, venho

em busca apenas de um bom sexo. Eu mereço poder transar sem pôr a minha liberdade em risco, não

é? A escolha é totalmente minha, e sei que posso mudar de opinião sem problema algum. Não vou dar

uma de difícil caso encontre alguém especial. Não tenho medo de me apaixonar.

Também não sou nenhuma desesperada. Os anos podem passar sem que eu encontre uma boa

companhia, não me importarei. Eu gosto de mim mesma, sou feliz sozinha. Adoro ler, assistir à

televisão, ir ao cinema, fazer compras... Faço muitas coisas sem companhia, e adoro. A solidão não é

um problema para mim. E é por isso que tenho certeza de que vou amar morar só.

A ideia inicial era fazer apenas uma pequena compra, mas, depois do fim do meu expediente,

acabei fazendo a feira do mês. Comprei tanta porcaria que se a minha avó soubesse diria que eu

morreria de diabete, como aconteceu com meu avô. Ah, mas eu amo doces! Agora que ninguém iria

ficar me pentelhando, vigiando até o que como, poderia devorá-los sem culpa. Quero dizer, quase sem

culpa, pois não quero engordar.

Cheguei à minha casinha linda e cor-de-rosa às oito e meia da noite. Não havia sinal do safado

do 105. A casa dele estava toda escura, por isso fiz o favor de ligar as luzes do jardim. Nem acreditei

quando fui até a minha varanda e descobri um vaso grande ao lado da porta. Havia rosas vermelhas

maravilhosas (e cheirosas!) enfeitando. Achei aquele gesto tão bonitinho! Seria mais bonitinho ainda

se eu não soubesse quais eram as reais intenções do Sr. Klein. Ele não estava tentando ser agradável,

só estava dando em cima da vizinha para conseguir sexo quando quisesse.

Não que eu não quisesse sexo. Eu queria *muito* (até demais!), ainda mais com um cara lindo,

maravilhoso e gostoso como ele. Só que o cara me assusta. Ele é doido, pode ser até uma espécie de

tarado. Vai saber... Além de que não esqueço o modo como beijou aquelas três mulheres. Deve ser

acostumado a entrar todas as modalidades do sexo, e eu não me acho uma pessoa indicada para curtir

o clima geral da luxúria.

Adoro sexo, mas prefiro sexo normal. E também não sei se é uma boa ideia manter relações com

o vizinho. Não é legal misturar as coisas, tínhamos que manter uma convivência confortável para nós

dois. Certo?

Cheirei as rosas. Sorri de um jeito bobo, como qualquer mulher faz ao receber flores. Resolvi

deixá-las ali, pois a minha varanda estava vazia demais. O vaso deu mais vida à entrada da minha

casa. Talvez pudesse mantê-lo por tempo indeterminado. Claro que as rosas iriam murchar, mas eu

podia dar um jeito e comprar alguns arranjos artificiais depois.

Não me estressei por ter que fazer o meu próprio jantar. Só o silêncio reinante era motivo de

dádiva. Fiz muitas orações. Rezei bastante, desta vez agradecendo pela grande mudança na minha

vida. Aquele foi o jantar mais silencioso da história. Nem o som eu quis ligar. O bairro era tão calmo

que quase não passavam carros, por isso o único ruído que ouvi foi o de alguns grilos brincando no

jardim.

Fui dormir muito cedo. Na verdade, já estava pescando enquanto lavava os pratos. Tomei um

banho relaxante e praticamente me atirei na minha cama nova. Juntei três travesseiros (um na cabeça,

outro entre as pernas e o último eu abracei com força) e me acomodei da melhor forma que consegui.

Não demorei nada a cair no sono.

Pensei que o meu despertador havia tocado, mas não. O meu quarto ainda estava escuro. Olhei

o relógio de cabeceira e constatei que eram duas horas da manhã. Eu já me sentia satisfeita, por mim,

podia me acordar para ir trabalhar, mas saber que eu ainda tinha algumas horas me fez bem. Quero

dizer, quase. Descobri o que havia me acordado dez segundos depois de ter aberto os meus olhos.

– Ah! Fode! Fode! Com força! – Levei um susto imenso. Cheguei até a me sentar na cama. –

Fode, cachorro!

Olhei ao redor, meio desnorteada. Demorei alguns segundos para descobrir que os gemidos e

os gritos não vinham da minha casa. Ajoelhei-me na cama e coloquei os meus ouvidos na parede, logo

após a cabeceira.

– Ah, delícia! Que rabo gostoso!

Opa! Eu conhecia aquela voz. Era o Sr. Calvin Klein. Podia até visualizar o seu sorriso sacana

enquanto falava aquilo.

– Fode o meu rabo! Rápido!

Caraca! Que mulher gulosa! A parede começou a vibrar muito. Sério, até a minha cama foi

meio que empurrada para trás. O barulho se tornou insuportável, mas mesmo assim não tirei os meus

ouvidos da parede. A curiosidade falou muito mais alto do que a surpresa.

Tentei imaginar o que tanto fazia barulho, e, pelos meus cálculos, o quarto do Sr. Calvin talvez

tenha ficado bem ao lado de onde é o meu. Aquele ruído grotesco era das pernas de madeira (ou de

outro material, não sei) de uma cama em atrito com o chão. Isso sem contar com a cabeceira, que

devia estar praticando luta livre contra a parede.

Soltei um resfolego. Aquele era o sexo do cara? Puta que pariu, que selvagem! Sério, não deu

para evitar; o meu corpo se esquentou na hora, só de imaginar o que estava sendo feito. Por outro lado,

não devia estar surpresa. Nunca esperei romantismo e carícias suaves vindas do Calvin, ele tinha todos

os sintomas de quem adora fazer o “lepo lepo” com muita força.

Os barulhos continuaram até que a mulher soltou um grito animalesco.
Calvin ainda gritou

para que ela gozasse gostoso no pau dele, e só consegui imaginar como seria isso. Misericórdia... Era

demais para mim. Acho que aquela mulher não sairia viva daquela trepada.
Bom, eu não sairia. Na

verdade, achei que não sairia viva só de escutar.

Depois de quinze minutos sem que a selvageria tivesse cessado, decidi me mudar

temporariamente para a sala. Eu ainda não tinha sofá, por isso peguei um colchonete enrolado

embaixo da cama e o forrei com um edredom. Precisei fechar a porta do meu quarto para não ouvir os

animais no cio (com a porta aberta ainda dava para ouvir, acredite!).

E para dormir de novo? Foi tarefa impossível. Revirei de um lado e do outro pelo menos umas

cinquenta vezes até descobrir o que estava me angustiando: aquele tesão dos infernos que havia

despertado a minha calcinha tão cedo (ou tão tarde!).

Só consegui ter paz para dormir quando o meu companheiro de horas sombrias, ou seja, o meu

dedo do meio da mão direita, fez o seu serviço. Bastou uma vez e pronto. Dormi como uma princesa,

abandonada no cantinho da minha sala vazia.

4

Admitir a carência é um passo importante para qualquer mulher que não pretende manter relações

com o vizinho safado

Não adiantou muito o fato de eu ser uma mulher independente e livre de qualquer

responsabilidade que me ligasse à minha antiga casa; acordei morrendo de torcicolo mesmo assim.

Deve ter sido praga jogada pela Sara, a minha irmã. Mamãe deve ter lhe dito a história da dor no

pescoço, ou então dormir no colchonete fininho não havia sido uma boa ideia.

Seja como for, trabalhei como um zumbi na terça-feira. Não vi sinal algum do Sr. Calvin Klein

pela manhã, e fiquei muito grata por isso, do contrário certamente teríamos a nossa primeira

discussão. O motivo iria me deixar envergonhada por toda a vida, mas, sinceramente, a minha vontade

de chamá-lo de tudo o que não presta foi grande quando me levantei e constatei que mal podia virar o

pescoço para os lados.

Depois de uma manhã repleta de dor e “ai, ai, ais”, resolvi comprar alguns analgésicos na

farmácia. Acabei explicando o meu problema, e o farmacêutico me indicou um anti-inflamatório bem

massa. A dor melhorou muito durante a tarde. Mediante o meu pescoço começava a se mover, mais eu

percebia que o Calvin não tinha nada a ver com aquilo. Quero dizer, se eu levasse um cara para a

minha casa ia querer gemer sem ter que medir o volume. Já bastavam os anos infundáveis em que tive

que gozar em silêncio quando resolvia levar algum namorado à minha antiga casa. Não que ele

dormisse no meu quarto; papai só permitia que os namorados, tanto os meus quanto os da minha irmã,

dormissem na sala. Mas nada nos impedia de fazer uma visitinha durante a madrugada, né?

Sendo assim, perdoei o safado do 105 internamente, antes mesmo de ter uma oportunidade

para lhe dizer que medisse o volume do sexo animal que fazia com as vadias que visitava sua casa

durante a madrugada. Decidi nunca fazê-lo. Na verdade prometi a mim mesma jamais tirar a liberdade

que ele tinha de fazer o que quisesse em sua casa. Só assim eu teria a minha própria liberdade. Afinal,

não posso tirar de alguém o que quero para mim.

Quando cheguei à minha casa, às sete horas da noite, novamente não havia sinal algum do

Calvin. A casa dele estava escura, e de novo fiz o favor de ligar as luzes do jardim. As rosas vermelhas

ainda estavam lá, no mesmo vaso presenteado por ele. Estavam mais cheirosas do que nunca, exalando

um perfume adocicado que adorei. Achei estranho, pois não havia me lembrado de colocar um pouco

de água para mantê-las. Supus que o Calvin tivesse feito isso mais cedo. Sorri ao tirar aquela

conclusão; ele realmente era um rapaz prendado, como já havia me dito.

Fiquei feliz por não ter entrado em uma briga desnecessária com ele. Nossa relação daria

supercerto, desde que mantivéssemos o bom-senso e o diálogo. Renovei as minhas promessas antes de

entrar na minha querida casa; prometi ter calma e paciência nas situações em que pudesse realmente

ficar chateada.

Dormi cedo mais uma vez – até porque tive preguiça e jantei macarrão instantâneo –, logo após

tomar mais um comprimido do anti-inflamatório. O descanso foi muito bem-vindo e, graças aos céus,

não tive surpresa alguma durante a madrugada.

Acordei com o pescoço quase cem por cento. Fiz um café da manhã reforçado (deu tempo!),

tomei um banho demorado (deu tempo!) e me arrumei tão devagar que nem parecia que ia trabalhar. O

bom humor tomou conta de mim novamente. Agradei por mais um dia pelo menos umas trezentas

vezes, até inspirei o cheiro de rosas da minha varanda antes de cruzar o jardim.

As luzes já estavam desligadas, sinal de que a rotina entre mim e o Calvin havia se

estabelecido: eu ligaria as luzes à noite, ele as desligaria pela manhã. Caminhei lentamente até um pé

de goiaba. Estava enorme e carregado, realmente muito bonito. Retirei uma fruta, que estava tão

madura que ganhava uma cor meio amarelada. Sorri. Nunca tinha reparado que o jardim era realmente

lindo e bem cuidado. Havia um pé de pitanga e uma bananeira, além da goiabeira. O resto eram flores

e plantas que não davam frutos. Não era um jardim muito grande, mas tinha uma variedade legal, com

as plantinhas disponibilizadas de um modo bem organizado.

– Bom dia, vizinha! – Senti mãos segurarem a minha cintura. Uma boca quente encontrou

algum ponto entre a minha orelha e o meu pescoço. Claro que me arrepiei. – Quanto tempo, hein?

Acho que temos horários desencontrados!

Virei para trás e dei de cara com o Sr. Calvin. Meu queixo caiu completamente. Ele estava

usando calça jeans e uma jaqueta preta de couro por cima de uma camisa azul-escura. Óculos escuros

muito estilosos combinaram perfeitamente com o formato másculo de seu rosto. O cabelo castanho

estava ordenadamente bagunçado. Uma delícia.

Só o tamanho daquela criatura podia intimidar qualquer mulher, não precisava nem do

restante. Definitivamente, não havia necessidade daquele sorriso sacana apontado para mim como se

fosse uma arma. E ela estava atirando muito, porque, na moral, eu já me sentia morta diante dele.

Perdi até a capacidade da fala.

– Raissa? Aconteceu alguma coisa?

– Obrigada pelas rosas... – murmurei, embasbacada. A palavra “rosas” quase não saiu por

causa de uma rouquidão repentina. Forcei a garganta, tentando me recompor. – Obrigada pelas rosas,

adorei. São lindas.

– Elas combinam com você. – Ele apoiou os óculos no topo da cabeça e piscou um olho. Ver

seu rosto encantador tão de perto fez meu cérebro dar tilt de novo. – Como está a nova casa?

Gostando?

– Sim... Ainda faltam algumas coisas, mas estou amando morar sozinha.

– É a sua primeira vez? – perguntou como um sussurro. O safado sorriu daquele jeito.

Meu coração quase saiu pela boca. Meu Deus, ele tinha a capacidade de falar sobre qualquer

coisa em duplo sentido! Ou era eu que entendia tudo pelo outro lado? Misericórdia...

– Não... Quero dizer, sim. – Fiz uma careta. – É a primeira vez que moro só.

– Se precisar de ajuda, Raissa, posso ser útil em todos os sentidos.

Minha nossa...

Precisei soltar um resfolego. Até ri um pouquinho, pois ainda não acreditava direito no

tamanho da cara de pau daquele cara.

– Obrigada, Calvin.

Ele gargalhou. Tirou os óculos da cabeça e agitou os cabelos com as mãos.

– Eu não estou usando uma Calvin Klein hoje. E agora? – Juro por tudo o que é mais sagrado

que ele fez que ia abaixar a calça jeans. Na verdade, pelo que o conheço, ele ia mesmo se eu não

tivesse dado alguns passos para trás e saído do transe.

– Não importa, Calvin! Você disse que eu podia te chamar do que eu quisesse, não?

– É verdade. – Deu de ombros, ainda sorrindo. – Está certo, Raissa, você que manda. Mas é

sério, posso ajudá-la no que for preciso. Em dias de semana chego em casa à meia-noite, mas pode me

chamar a qualquer hora. Estou completamente livre para você aos domingos.

Certo. Completamente livre para mim aos domingos.

– Bom... Vou receber alguns móveis neste sábado. Se puder me...

– Claro que posso, vizinha! – interrompeu-me com animação. Foi uma pressa bem exagerada.

– As minhas manhãs aos sábados são livres. Esqueci de dedicá-las a você também.

Seu sorriso sacana não era capaz de morrer por nada neste mundo. Tomando uma dose de

coragem (e de mais sei lá o quê, acho que foi alguma coisa contida no anti-inflamatório), aproximei-

me do sujeito. Olhei para cima, pois apesar de não ser tão baixinha, e estar usando saltos, o maldito

ainda conseguia ser mais alto que eu. Acho que ele tinha mais de um e noventa, ou chegar bem perto

disso.

– Obrigada, Calvin... – Apertei sua bochecha como se fosse uma criancinha.

– Sua dedicação

será recompensada.

Ri internamente ao analisar cada detalhe de seu sorriso morrendo. Sério, o cara se modificou

totalmente. Prendeu os lábios e ficou me comendo com os olhos. Seu humor era muito fácil de ser

manejado.

A minha vez de sorrir chegou. Expliquei-me logo em seguida, só para deixá-lo desconcertado

por ter levado a minha sentença para o âmbito das segundas intenções:

– Vou fazer um almoço bem legal neste sábado, sei que não é uma boa recompensa para um

cozinheiro como você, mas sei fazer uma feijoada que, modéstia a parte, fica uma delícia.

Calvin voltou a sorrir. Tocou o meu queixo e balançou.

– Aposto que a sua feijoada é uma delícia, Raissa – murmurou. Seus olhos me fizeram trocar a

palavra feijoada bem rapidinho.

Desisti de tentar entrar no jogo dele, pois eu certamente sairia perdendo. O cara manja das

frases de duplo sentido, a coitada aqui é apenas uma leiga.

– Combinado, então. Bom dia pra você, Calvin! – Acenei e virei as costas, já caminhando na

direção da portinha.

– Bom dia, Raissa! – Ele demorou dois segundos para dizer a próxima frase: – Você tem um

belo traseiro!

Corei instantaneamente. Cheguei até a parar antes mesmo de abrir a maldita portinha. Olhei

para trás, e tive certeza de que gaguejaria uma resposta. Calvin voltou a colocar os óculos.

– Você também, Sr. Klein! – Acho que falei mais alto do que pretendia. Ainda deu tempo de

ouvir a sua gargalhada enquanto eu tentava andar pelo curto caminho até o meu carro.

Não tínhamos garagem ou qualquer estacionamento por perto, por isso eu estacionava em

frente à nossa casa mesmo. A rua era larga e bem tranquila, percebi que muitas pessoas faziam o

mesmo. Desconfiava que o carro do Calvin era o Siena preto que vivia estacionado atrás do meu,

exceto quando ele não estava em casa. Ainda não sabia dizer com certeza, também não iria perguntar.

A minha quarta-feira foi composta por pensamentos eróticos que envolviam o Calvin e eu. Em

todos os flashes que circulavam pela minha cabeça, havia os nossos corpos nus e a cama batendo

contra a parede na velocidade seis da dança do “créu”. A minha loucura imaginosa só era impedida,

de vez em quando, pela razão, que me alertava do perigo que significava manter uma relação baseada

no sexo sem compromisso com o vizinho cafajeste.

Mesmo me considerando uma adulta madura e consciente, sei perfeitamente que transar com o

cara vai me afetar de um modo irreparável. Por exemplo, tenho certeza de que não ficaria feliz em

ouvi-lo com outra mulher. Sei lá, iria me sentir trocada, afinal, eu estaria bem ali ao lado... Enfim. É

diferente do que ser apenas uma vizinha. Passar a ser uma foda que mora ao lado era uma péssima

ideia.

Passei a maior parte do tempo excitada, louca para que o Sr. Calvin caísse do céu e fosse parar

bem em cima da minha mesa. Para ser sincera, cheguei a imaginá-lo empurrando toda a papelada no

chão e me jogando ali em cima. Era louco e igualmente excitante. O sexo dele devia ser mesmo

incrível, aquela mulher aos berros não me deixava pensar no contrário. Eu estava, oficialmente, louca

por uma boa foda com o safado do 105.

A comprovação de que era loucura querer alguma coisa com o Calvin além de uma amizade

que permitia troca de elogios sobre traseiros (e competição de frases de duplo sentido) veio naquela

madrugada. Havia me permitido dormir um pouco mais tarde por causa de um filme que passava na

TV aberta. Escutei quando a porta do vizinho abriu e fechou, sinalizando que ele tinha chegado do

trabalho. Após trinta minutos de puro silêncio, os quais passei deitada na minha cama, sentindo-me a

rainha do meu mundo, ouvi gemidos atrás de mim.

Coloquei meus ouvidos em alerta imediatamente. Achei que estava começando a ouvir coisas,

visto que nada consegui escutar durante alguns minutos. Aí o Calvin fez questão de me tirar todas as

dúvidas.

– Adoro te foder bem gostoso...

Sua voz saiu como um sussurro, mas mesmo assim consegui ouvir. Levantei-me da cama e, de

novo, encostei o meu ouvido na parede. Ele não parecia estar com a mesma mulher. Aquela não

gritava, só gemia baixo vez ou outra. Percebi que a cama chacoalhava de leve, totalmente diferente da

selvageria anterior.

Foi difícil, mas tomei a séria decisão de não ficar prestando atenção nos ruídos provocados

pelo vizinho. Voltei a me deitar na cama, e até aumentei um pouco mais o volume da TV. Procurei me

concentrar no filme, mas não consegui. Uma parte de mim ficou atenta aos gemidos que a mulher

soltava, sempre constantes e discretos. Foi impossível não me excitar. Podia ouvir a respiração

ofegante do Sr. Calvin, deixando a situação da minha calcinha ainda mais desfavorável.

Piorou quando a parede começou a provocar um barulhão. No início foi bem de leve, quase

imperceptível, mas a coisa deve ter esquentado na casa ao lado. Calvin parece ser do tipo que começa

devagar, mas se rende ao ritmo acelerado da entrega. Devia estar uma delícia, pois os gemidos da

mulher aumentaram drasticamente. Comprovei que, sim, não era a mesma da segunda-feira.

– Eu realmente preciso de um homem – murmurei para o nada. Não sei se o vizinho escutou,

acho que não. Ele estava muito ocupado, diferentemente de mim, que só me ocupei em ouvir a

ocupação dele.

A pancadaria total contra a parede do meu quarto veio mais rápido do que pude acompanhar. A

mulher gemeu coisas ininteligíveis, e o Sr. Calvin não parou de tecer elogios sobre a vagina dela:

apertadinha, quente, gostosa, lambuzada... Enfim, pude até visualizar o “piu-piu” da maldita só com as

descrições que ele fazia. Desejei que ela fizesse algum comentário sobre o pinto dele. Seria bem mais

legal imaginá-lo, obviamente, mas a coitada só fazia gemer como se estivesse sentindo dor. Ótimo

sinal, né?

Depois de não sei quantos minutos suportando um tesão fora do comum, e ouvindo o sexo

desenfreado do meu vizinho gostoso, decidi me mudar para a sala de novo. Ele era incansável. A

mulher pareceu ter gozado pelo menos umas três vezes, e nada do homem gozar. Confesso que estava

esperando aquele momento, mas percebi o quanto estava sendo idiota e desesperada. A minha carência

estava ultrapassando limites jamais atingidos antes.

O colchonete acabou fazendo o seu serviço mais uma vez (bem como o meu dedo), e só assim

consegui ter paz para dormir. Desta vez, tomei o cuidado de não adormecer em uma posição ruim para

o meu pescoço. Ponto para mim! Acordei bem melhor, embora ainda me sentisse um pouco quebrada.

Não estava com tanto bom humor quando fui trabalhar naquela manhã de quinta-feira. Mas

também não estava pensando em esculachar o meu vizinho. Tentei me manter neutra. Bom, para ser

sincera, pensava em uma solução definitiva que não envolvesse ter que dizer na cara dele para que

parasse de transar praticamente no meu quarto.

Eu tinha certeza de uma coisa: não havia comprado uma cama nova para nada. Precisava

dormir nela, e não em um colchonete tão confortável quanto um exame ginecológico. As luzes

estavam apagadas, mas não encontrei o meu vizinho em parte alguma do jardim. Ele parecia se

recolher nos dias em que aprontava as suas safadezas. Esperto!

Para completar a minha manhã repleta de rancor e ideias que pudessem solucionar o meu

grande problema, a minha irmã Sara resolveu me ligar. Tipo, ela nunca me liga, exceto quando precisa

de alguma coisa. Pensei em não atender, mas aí ela falaria com a mamãe e a merda seria jogada no

ventilador. A culpa de tudo sempre era minha. Achei até estranho os meus pais não terem me culpado

por ela ter aparecido grávida aos dezessete anos. Quando ela me contou, aos prantos, da gravidez, pude

até ouvir a voz do meu pai dizendo: “Raissa, como deixou a sua irmã abrir as pernas para um moleque

qualquer?”.

Aos vinte e um anos, Sara ainda era a mesma garota mimada. A diferença era que precisava

criar uma garota ainda mais mimada que ela. Mas a culpa não é da minha sobrinha, a Clara. Eu a amo

de paixão. A coitada não pôde escolher a mãe que gerou a sua vida. Se pudesse, certamente não

escolheria a Sara.

– O que foi, Sara? – fui logo perguntando.

– É assim? Credo, Rai! A pessoa morrendo de saudade, e é assim que você trata?

Fala sério!

– Saudade? Certo... Vai logo dizendo o que você quer, estou ocupada – menti feio. Havia

resolvido muitas coisas logo cedo, de modo que não tinha mais nada para fazer durante todo o

expediente. Sabia que seria um daqueles raros dias em que eu teria tempo para ler um e-book inteiro

no computador.

– Estou mesmo com saudade. E louca para ver a sua nova casa! Ah, irmãzinha, vou te visitar

neste sábado!

– NÃO! – gritei alto demais. Olhei para os lados, esperando alguma repreensão. Veio do meu

chefe um segundo depois, quando ele colocou a cara no canto da porta da sala e me olhou feio. Dei de

ombros, fingindo que estava trabalhando. – Nem pensar, estarei ocupada neste sábado.

Muito ocupada sendo ajudada pelo meu vizinho safado e fazendo um almoço para ele. E eu só

esperava que a minha feijoada ficasse mesmo uma delícia.

– Que mentira, Raissa! Você sempre dorme aos sábados! Passa o dia inteiro sem fazer nada!

– Preciso organizar os meus móveis, Sara.

– Ah, posso ir à noite! Então durmo contigo! Vamos lá, eu deixo a Clara com a mamãe.

Era só o que faltava na minha vida: a minha irmã Sara e eu assistindo ao sexo selvagem do

meu vizinho durante a madrugada.

– Vou sair à noite.

– Sério? Com quem? – empolgou-se. Sara sempre ficava muito animada, até demais, quando

eu tinha um encontro. Até me ajudava a separar a roupa ideal, além de me fazer uma chapinha no

cabelo.

– Não te interessa, Sara, que droga. Tenho que desligar.

Ela demorou um tempo a responder.

– Rai... Sinto a sua falta. É verdade. – Sara falou aquilo tão seriamente que acreditei.

Soltei um suspiro.

– Eu te ligo no domingo. Está bem?

– Obrigada, irmã... Bom trabalho! Beijo!

– Beijo...

Confesso que a minha irmã mais nova gosta mais de mim do que eu gosto dela. Não acho que a

gente seja compatível para uma amizade fraterna. Eu a amo, é claro, mas somos muito diferentes.

Acho que os seus caprichos sempre me irritaram, e o fato de eu levar a culpa por causa deles não

ajudou a criar um bom sentimento com relação a ela. Bom, o fato é que não posso esconder a minha

casa para sempre. Um dia terei de receber a minha família, e este dia será aquele em que eu implorarei

(de joelhos no chão e lágrimas nos olhos) para o safado do 105 não inventar de transar com ninguém.

Foi durante aquele dia relativamente ocioso que tive uma grande ideia. Uma ideia baseada em

um princípio básico chamado “olho por olho, dente por dente”. Pensa comigo, se eu podia ouvir o meu

vizinho, então obviamente o meu vizinho podia me ouvir. Ele só precisava de alguém tão maluco

quanto ele. A minha mãe sempre dizia que remédio para doido é um doido pior.

Sorri como um gênio que descobre o segredo da vida. Ou como uma mulher disposta a dar uma

de doida.

Um homem safado é capaz de transformar uma mulher comum em uma maníaco-compulsiva em

menos de uma semana

Nem esperei para escutar mais gemidos no meu quarto naquela quinta-feira à noite. Tudo

porque ouvi alguém batendo palmas no jardim, quase à uma hora da manhã. Olhei pela janela de

soslaio, meio temerosa porque já era bem tarde, e vi duas mulheres lindíssimas em frente à varanda do

safado do 105. O meu corpo inteiro congelou quando ele saiu de casa e as recebeu, dando-lhes abraços

e beijos intensos (na boca!). Conversaram um pouco, riram um bocado, até que Calvin as guiou para

dentro de sua residência.

Não sou estúpida para achar que não rolaria um ménage muito doido, por isso me antecipei e

peguei o maldito colchonete. Já estava ficando puta com a situação. O meu vizinho era um maníaco

sexual incansável. E eu uma mulher carente que não aguentava mais ouvi-lo em ação. Não estava

fazendo bem para os meus hormônios (que não paravam de me avisar que eu precisava de um homem

com H maiúsculo), para o meu sono (metade do meu tubo de corretivo tinha ido embora só com o

intuito de disfarçar as minhas olheiras pela manhã) e principalmente para o meu pescoço (que ainda estava meio dolorido).

Revirei no colchonete até quase três horas da manhã. Não consegui pregar o olho, imaginando

o safado transando com as duas gostosonas. Eu podia ir ao meu quarto para escutá-los, mas me recusei

a fazer isso. A curiosidade, daquela vez, não podia falar mais alto.

Em vez de bancar a bisbilhoteira, preparei um chazinho de camomila. Abri as janelas da sala e

da cozinha, pois a noite estava quente e eu ainda não tinha um ventilador, só o ar-condicionado do

quarto. A brisa suave da noite logo melhorou o clima abafado da minha casa, trazendo-me um pouco

mais de conforto.

O relógio que pendurei na cozinha me deixava cada vez mais frustrada. Os minutos avançavam

em uma velocidade que achei ser maior que a normal, e, enquanto os meus pensamentos vagavam e eu

bebericava o chá, perdi totalmente o sono. Sabia que ficaria me sentindo horrível durante todo o dia,

mas resolvi cumprir a promessa de não ficar chateada. Só precisava de uma boa solução.

Estava na hora de começar a resolver o meu problema.

Fiz uma limpeza geral na minha cozinha (de novo), lavei o banheiro e varri a sala. Estava

parecendo uma louca viciada em limpeza, afinal, tudo ainda estava limpo, mas precisava me distrair.

Sabia que não ia adiantar ficar revirando no colchonete, precisava dar utilidade à minha noite em

claro.

Eram quase cinco horas da manhã quando tive coragem de entrar no meu quarto. Fiquei

esperando por algum gemido, mas nada escutei. Aliviada, tomei um banho e comecei a me arrumar

lentamente para ir ao trabalho. Ainda deu tempo de deitar na minha cama e cochilar durante uns

quarenta minutos, trajando o uniforme do trabalho – calça social preta e a camisa da empresa.

O meu despertador me acordou às sete, e embora aquele fosse o horário de acordar e me

arrumar, decidi sair de casa de uma vez. Estava em meus planos comer qualquer coisa na padaria da

esquina e passar no mercado para comprar os itens que precisaria para fazer a feijoada do sábado.

Para a minha surpresa e total espanto, assim que saí de casa visualizei o safado e a sua bendita

cueca Calvin Klein – mas aquela era toda preta – segurando um regador e molhando as plantinhas que

jaziam perto do pé de pitanga. Detive-me ao seu corpo exposto durante alguns minutos. A bunda

enorme e redondinha ainda estava lá, dando um formato impressionante à cueca. As costas largas, os

braços definidos, o tanquinho talhado pelos deuses... Aquele homem era uma espécie rara que exaltava

toda a beleza masculina.

Foi impossível não desejá-lo, mesmo estando puta da vida com a canalhice dele. Suspirei

profundamente enquanto analisava suas coxas grossas, condizentes com todo o restante. Ele estava tão

absorto em regar as plantas que nem percebeu a minha aproximação.

Apesar de estar me sentindo um zumbi (embora externamente estivesse parecendo uma Barbie,

toda maquiada e produzida), e de ele ser o real culpado por isso, não podia deixar a situação me

abalar. Eu conhecia muito pouco do Calvin, tão pouco que nem sabia qual era o seu verdadeiro nome.

Com muita sinceridade, o meu real desejo naquele instante não foi de brigar ou de esbofeteá-lo com

aquele regador (embora tenha pensado nisso por alguns segundos), mas sim saber um pouco mais

sobre o cara safado que comia um monte de vadia diariamente.

A sua história devia ser, no mínimo, interessante.

Aprimei a bolsa no meu ombro e me preparei para surpreendê-lo. Mesmo estando bem atrás do

sujeito, ele ainda não havia percebido a minha presença. Segurei a sua cintura com força, logo

sentindo toda a rigidez dos seus músculos.

– Bom dia, vizinho! – berrei como uma maníaca. Ele tomou um susto tão grande que caiu para

frente, levando os meus braços consigo.

Foi um desastre. Calvin mergulhou nas plantas diante de si, e eu caí bem em cima dele, batendo

o meu rosto nas suas costas enormes e os meus joelhos em suas coxas. Meus cabelos foram agarrados

por um galho do pé de pitanga durante o percurso, e soltei um grito de dor.

Cheguei a achar que estava no meio de um pesadelo muito ruim enquanto tentava me levantar.

Calvin buscou apoio para se erguer, mas o meu peso o impedia, então ele acabou desistindo e ficou

esperando que eu conseguisse sair dali primeiro. As plantas e galhos grudados na gente não ajudavam

em nada, bem como os meus saltos (que naquele instante mais pareciam patins), por isso foi uma

tarefa complicada e demorada.

Quando finalmente fiquei de pé, com os cabelos assanhados, cheios de folhas grudadas, e com o

uniforme amassado, tive vontade de chorar. Calvin se levantou bem rápido depois que a maluca aqui

parou de imprensá-lo contra as plantas.

– Uau! – Ele limpou a barriga, toda suja de terra e folha, com as mãos. – Que ataque foi esse?

Nossa, Raissa... Assim você me mata! – Começou a gargalhar.

Praguejei um monte de palavrão mentalmente. Ainda tentava recuperar o meu fôlego (e a minha

dignidade, embora ela jamais pudesse ser recuperada depois daquele mico).

– Desculpa! – choraminguei.

Ele bateu uma mão contra a outra, tentando se livrar da sujeira. Olhava o próprio corpo com um

sorriso divertido estampado nos lábios. Ele ainda estava melado nas pernas e no rosto, e devo

acrescentar que nunca estive tão sexy. Eu pegava aquele homem sujo de lama, de graxa, de farinha de

rosca... Resumindo a minha enorme lista composta por mais de mil itens: pegava aquele cara de

qualquer jeito.

– Desculpa pelo quê, Raissa? – Finalmente me olhou. Perdi-me em algum lugar dentro de seus

olhos profundos. – Foi o bom-dia mais intenso da minha vida. Só seria mais perfeito se você estivesse

só de calcinha! – Riu.

Abri a boca. Não deu tempo de raciocinar muito.

– Da próxima vez vou me lembrar disso.

Foi instantâneo, Calvin parou de rir e me olhou de cima a baixo. Prendeu os lábios como se

estivesse morrendo de tesão. Não pude suportar a curiosidade; dei uma bela de uma olhada no volume

da sua cueca. Não foi o suficiente para calcular o tamanho do seu RG, mas foi o bastante para que ele

percebesse o que eu estava procurando.

– Da próxima vez que me agarrar entre as plantas te ensino a manejar o regador... – murmurou,

tocando de leve o seu pênis por cima da cueca.

Eita! Meu coração disparou. Senti o sangue deixar o meu corpo enquanto dava alguns passos

para trás. Calvin continuou me olhando, mas pelo menos deixou as mãos subirem pela sua barriga.

Começou a retirar mais sujeira por ali, só que bem lentamente, de um jeito mais sensual impossível.

– Eu sei muito bem como se rega uma planta – incitei, tomando doses de coragem.

Calvin sorriu amplamente, mas daquele seu velho modo sacana.

– Aposto que sim, Raissa... – sussurrou. Deu alguns passos para frente, ficando perigosamente

perto de mim. Mande a minha razão calar a boca. Ela queria que eu me afastasse e saísse correndo

dali, mas não pude. – Você deve ser uma jardineira de mão cheia... –
Analisou o meu corpo com um

olhar misterioso. – Com todo esse equipamento... Ah!

Sério, ele precisava parar com aqueles suspiros-gemidos. Eu não podia ser dona de mim

enquanto ele os soltasse sem pudor algum. Já era difícil me controlar em situações normais, o cara

ainda apelava!

Lembrei-me da minha ideia de ser mais doida do que ele. Não sei se aquele era o momento

certo, mas eu precisava arriscar. Nada de ficar parecendo uma idiota, precisava mostrar que era uma

mulher decidida. Não fazia ideia de como aquilo faria os seus encontros durante a madrugada ser mais

silenciosos, o que era o meu real objetivo. Mas e daí?

Olhei bem em seus olhos escuros e me aproximei ainda mais, deixando o meu queixo se encostar

ao seu peito firme. Sorri com malícia e não pensei em mais nada quando ergui uma mão e toquei a sua

cueca. Fiz uma careta quando constatei que o safado, diferentemente de um segundo atrás, já estava

excitado de *verdade*. Tipo, mesmo. Um volume glorioso preencheu a minha mão, e achei que fosse

morrer antes de dizer o que eu queria.

Vi os olhos dele se apertarem e mais um suspiro-gemido marcar presença.
Seu corpo tremelicou

um pouco diante do meu toque.

– Seu equipamento de jardinagem também não é nada mal... Tenha um bom dia, Calvin Klein.

Afastei-me depressa e virei as costas, caminhando decididamente até a portinha de madeira.

Pude sentir seu olhar queimando o meu traseiro, mas ele nada falou e eu não tive coragem de olhar

para trás. A minha dose de ousadia do mês inteiro já havia atingido o limite.

Trabalhar foi muito difícil. Não conseguia me concentrar em nada além do regador do Calvin,

que era capaz de deixar a minha planta (e a de qualquer mulher, pelo visto) muito bem molhada. Mas

tudo bem, era sexta-feira, dia de alegria. Não fui capaz de sentir sono durante todo o expediente,

graças a ele. Mas não podia me esquecer de que também foi graças a ele eu não ter dormido a noite

inteira.

Eu não tenho muitos amigos. Na verdade, eu meio que não tenho amigos. Pode ser estranho dizer

isso com tanta normalidade, mas para mim é mesmo natural. As minhas amigas do tempo de escola

estão todas casadas, vivendo as próprias vidas, e na faculdade de Análise de Sistemas só tinha homem.

Peguei uns sete, transei com dois, e acabou que não fiz amizade com nenhum. Não me culpe, eu

realmente precisava aproveitar o fato de ser a única mulher em uma sala composta por cinquenta e

quatro pessoas.

Sendo assim, costumava sair sozinha ou com algumas primas mais próximas às sextas-feiras. Às

vezes saía com a Sara, mas é um saco ter que ficar tomando conta dela. A doida sempre exagera na

bebida. Alguns colegas de trabalho até me chamaram para um *happy hour*, mas eu tinha outros planos

para aquela noite: preparar a feijoada que eu havia prometido ao safado do 105.

Passei em um supermercado, visto que não deu tempo de ir pela manhã, depois fui direto para

casa. Liguei as luzes do jardim, como de costume, e parei diante da minha porta. Olhei para o chão. As

rosas vermelhas ainda estavam lá, mas desta vez o vaso estava bem mais cheio. Percebi que todas elas

eram novas, e também que havia alguns ramos de outro tipo de flor; uma bem pequeninha, da cor

branca. Sorri, porque foi o que me restou.

Eu gostava daquele cuidado que o Calvin me oferecia. Alguma coisa acabou me dizendo que

aquele jardim havia sido ideia totalmente dele. E, com sinceridade, homem que curte plantas só pode

ser um homem sensível. Perguntei-me onde aquele cafajeste de carteirinha guardava a sua

sensibilidade, e só depois de um tempo percebi que a resposta estava diante de mim: aquele jardim era

a sua própria sensibilidade. Era a maneira como ele a externava.

Tudo bem, eu já estava fazendo suposições românticas demais para o meu gosto. Ele

provavelmente só cuidava do jardim para ter a oportunidade de exhibir o seu corpo em uma cueca

Calvin Klein. E certamente só me presenteava com aquelas rosas para arranjar sexo, como havia

suposto desde o princípio.

Foi muito mais confortável para a minha mente aceitar que o meu vizinho era um maníaco

sexual. Aceitar que ele era sensível por trás de tanta volúpia parecia loucura.

Liguei o som bem alto, aproveitando que o vizinho não estava (e se estivesse, foda-se, antes som

alto que gemido alto) e comecei a preparar a minha deliciosa feijoada. Todo mundo da minha família

se animava quando eu decidia prepará-la. Nas festas e churrascos era só o que o povo pedia: “cadê a

feijoada da Raissa?”, “vai ter a feijoada da Raissa?”. Pela primeira vez na vida, fazia aquele prato em

uma quantidade pequena.

Uma nostalgia incomum tomou conta de mim enquanto cortava todas as carnes que utilizaria.

No fundo, sentia saudade da minha família. Os nossos jantares eram os melhores, mamãe fazia

questão de que comêssemos juntos todas as noites. Eu sempre ria bastante, mesmo estando cansada

por causa de um dia exaustivo de trabalho. A minha avó sempre contava uma de suas histórias, e o

meu pai jamais deixava de me dar um beijo de boa noite.

Por mais loucos que eles fossem, eram tudo o que eu tinha no mundo. Tudo o que sou devo à

presença constante de cada um deles, e sei que, mesmo estando distante, jamais deixarei de amá-los.

Precisava viver a minha vida sim, mas será que a liberdade que tanto almejava seria plena com um

afastamento tão completo? Eu nem tinha ligado para a minha mãe, nem para ninguém. Parecia uma

filha ingrata.

Cheguei a pegar o meu celular, mas desisti. Eu precisava de um tempo maior para raciocinar

sobre aquilo. Talvez sentir saudade não seja algo tão ruim, deve haver uma aprendizagem muito

grande por trás da nostalgia. Não impediria a mim mesma de aprender com a distância. Eu precisava

ter a certeza de que estava sendo injusta, precisava sentir na pele. Não tenho medo de aprender com a

vida.

Enquanto cantarolava e cozinhava, abri uma garrafa de vinho que tinha comprado. Sempre me

imaginei tomando vinho sozinha na minha própria casa, e aquela era a ocasião propícia. Digo e repito,

adoro a minha companhia. Não entendo como podem existir pessoas que sempre têm a necessidade de

estar com alguém para fazer tudo. Acredito que a vida tenha me oferecido poucas frustrações por

causa disso: não preciso de ninguém para ser feliz. Nunca precisei.

Enquanto deixava a panela fazendo o seu serviço, decidi tomar um banho bem esperto.

Aproveitei o meu momento “eu me amo e sou gostosa” para fazer uma hidratação no cabelo e no

corpo, além de depilação completa. Sério, até fiz um desenho em formato de coração. Aí ficou uma

desgraça disforme e acabei tirando tudo, mas valeu a tentativa.

Nunca tomei um banho tão demorado, mas acredito que tenha sido necessário. Uma nova Raissa

saiu daquele banheiro, e pela primeira vez me senti realmente pertencente àquela casa. Acho que eu

também estava precisando de móveis novos e de uma limpeza geral, tanto exterior quanto interior. Só

sei que gostei do resultado, embora não soubesse exatamente o quê de fato havia mudado em mim. O

espelho me mostrou a mesma garota de sempre, mas nem sempre o espelho diz de verdade quem a

gente é.

Envolvi o meu corpo na minha toalha verde-limão e fui conferir a panela. Um cheiro

maravilhoso incensou a minha casa inteira quando a destampeei, e fiquei feliz por estar dando certo.

Com muita sorte o meu vizinho querido do pintão (e de tudo ão), iria aprovar os meus dotes

culinários. Tentei não pensar que estava cozinhando para um cozinheiro, e que certamente ele daria a

sua opinião com mais profissionalismo.

Ouvi um barulho na porta e corri até a janela ao lado. Uma olhadinha rápida no relógio da

cozinha me fez ter a certeza de que aquela não era hora de receber visita: quase uma da manhã.

Arregalei os meus olhos quando percebi o Sr. Klein diante da minha varanda, trajando apenas uma

bermuda azul. Ele não percebeu a minha olhadinha pela janela, ainda bem. Teria tempo de colocar

uma roupa.

Dei dois passos na direção do meu quarto e parei. A história do doido invadiu novamente o

campo das minhas ideias, e cheguei a rir de mim mesma. Balancei a cabeça em negativa e dei mais

um passo. Parei.

Certo, eu já disse que às vezes faço as coisas sem pensar. A minha mente tem um parafuso a

menos, por isso não me julgue. Eu nunca disse que era normal. E não me senti nada normal quando, do

jeito que estava, fui até a porta e abri.

Calvin sorria do seu jeito safado, mas tudo mudou quando deu uma bela olhada nas minhas

condições. Eu estava ensopada. Havia gotas fartas escorrendo pelo meu cabelo e pelas minhas pernas,

e a toalha pequena me cobria de um jeito não tão confortável assim.

– Você tirou o dia para me assassinar ou é só impressão? – Calvin sussurrou, apoiando seu corpo

delicioso na lateral da minha porta. Cruzou os braços na frente de si e continuou a me olhar como se

eu fosse uma fatia de torta de limão (essa foi só para combinar com a cor da toalha).

– Ainda nem te ataquei... – Sorri com malícia. Precisava ser mais doida. Precisava ser mais

doida...

– Ainda.

Não soube o que responder. Calvin passou um tempão só me analisando, de forma que comecei a

me sentir uma estúpida por não ter colocado uma roupa decente antes de atender a porta.

– Então... A que devo a sua visita, vizinho? Quer açúcar? Ou quer algo mais? – Pisquei um olho.

Ele fez uma careta confusa, mas depois sorriu. É bom demais usar as mesmas armas que o seu

oponente. Já estava na chuva e já estava molhada, o resto era lucro.

– Algo mais com açúcar – respondeu em um murmúrio. Descruzou os braços e deu um passo à

frente. Acabei dando um para trás. A minha razão começou a martelar o meu juízo. Não podia dar

cabimento a ele, pelo amor de Deus. O cara fodeu pelo menos quatro mulheres desde a minha chegada.

Aliás... É, perdi as contas.

– Hum... Então, estou fazendo a feijoada! – Virei as costas e fui andando até a cozinha,

atravessando a sala vazia. Mudar de assunto foi a minha melhor opção. – Está combinado amanhã, não

é? Os móveis devem chegar logo cedo.

– Senti o cheiro lá da minha casa, por isso que estou aqui. Fui totalmente atraído. – Riu de leve,

e senti o meu coração ser possuído pelo ritmo ragatanga. – Ei, sua casa está ficando maneira.

Olhei para trás e o vi abrindo a porta do meu quarto. Pensei que não faria aquilo, mas o doido

entrou mesmo. Entre a minha cozinha e o meu quarto são apenas cinco passos, mas os dei envolvida

em milhões de pensamentos loucos. Ainda esperei o Calvin sair de lá, mas ele demorava muito.

Tomei fôlego e resolvi entrar de uma vez. Ele estava de pé diante da minha cama, observando-a

como se fosse atração turística. Para um homem como ele, devia ser mesmo. Seu parque de diversões

era bem ali. E os meus pensamentos só giravam em um carrossel sem sentido, depois entravam em

uma montanha-russa e se perdiam em um trem fantasma: a minha vontade mesmo era sair gritando,

mas na direção do monstro, não da oposta.

– Por que entrou no meu quarto? – perguntei por perguntar.

– A gente só conhece alguém de verdade pelo quarto. Não sabia disso? – Encarou-me e sorriu

com malícia.

– Não...

– É verdade. Você é organizada, controladora e... meiga. O guarda-roupa grande mostra que tem

atitude... Que é centrada e determinada. A meiguice vem da cor. Você deve ter uns vinte e tantos anos

e ainda se preocupou em deixar o rosa prevalecer no seu quarto. A cama... – Sentou-se nela. – Diz que

you é preguiçosa. Mas nem tanto, talvez seja apenas carência... – Fiz uma careta, e ele riu. – Você

gosta de ser mimada, Raissa.

Deitou-se completamente, pegando o meu travesseiro e o abraçando. Eu mal podia acreditar que

aquele cara estava na minha cama, analisando a minha personalidade (e acertando cada ponto). Não

fui capaz de falar nada. Calvin ainda brincou com um dos meus ursinhos, que eu deixava em cima da

cama só para enfeitar.

– Você é ligada a sua família – continuou. Comecei a ficar realmente assustada. – Esses ursos

comprovam. Apesar de gostar de privacidade, é uma mulher companheira e romântica.

Olhei para os lados, sem saber onde enfiar a minha cara. Sinceramente, para Calvin me conhecer

melhor a única coisa que faltava era que eu deixasse aquela toalha cair no chão. Se bem que o que

estava fazendo era pior do que se estivesse me despindo diante dele.

– Acho... Acho melhor você... ir.

Calvin não se chateou com a minha sentença. Ajoelhou-se na cama e ergueu uma mão. Não

entendi direito o que queria, mas acabei lhe entregando a minha. Puxou-me devagar, fazendo-me

sentar na cama ao seu lado. Mil coisas se passaram pela minha cabeça.

– Você não gosta de se sentir invadida. Desculpe-me – murmurou. Beijou as costas da minha

mão. Prendi o fôlego. – Um dia estará no meu quarto e entenderá o quanto sou ansioso e curioso. Mas

já digo de antemão que eu adorei cada detalhe de você, Raissa.

Calvin se levantou como se não tivesse dito nada. Eu havia criado raízes ali mesmo, estava

oficialmente incapaz de me mexer, de falar, de demonstrar qualquer tipo de reação. Nunca ninguém

havia me desvendado com tanta facilidade, e me feito ficar tão absorta. Ele pensou que tinha me

conhecido, mas a verdade é que, diante de suas palavras, eu mesma passei a me conhecer.

– Até mais, vizinha – disse, beijando-me a testa. Meu corpo inteiro se derreteu com a sua boca

quente de encontro à minha pele fria. Calvin caminhou até a porta e se virou antes de partir. – Você

fica uma delícia enrolada em uma toalha. Estou louco para provar da sua feijoada... Na verdade, não

vejo a hora. – Piscou um olho.

...

Vou dizer mais nada não.

6

Não sei nada sobre ele, mas passei a saber muito sobre mim desde que o conheci

Devo ter passado pelo menos meia hora sentada na minha cama, refletindo sobre a cena que

havia acabado de presenciar. Por fim, decidi que não valia a pena ficar pensando muito naquilo, pois

obviamente fazia parte da capacidade do Calvin de fazer qualquer mulher cair em sua rede. Eu que não

seria idiota de ficar admirada por ele ter um lado sensível e legal por trás de toda safadeza. Só Deus

sabe os artifícios que usa para conseguir tanta mulher em tão pouco tempo (recuso-me a acreditar que

apenas a sua beleza seja o bastante, é claro que precisa haver algo mais).

Vesti um pijama simples e fiquei apenas esperando a feijoada ficar pronta. O cheiro ficou uma

delícia, mas o gosto ainda precisava ser apurado, e aquela noite, bem como a manhã do dia seguinte,

seria muito útil para fazê-la ficar perfeita. Dei uma limpada na cozinha antes de me deitar. Pensei em

ligar a TV, mas desisti, pois ouvi a do Sr. Klein ligada. Sabia que dormiria muito bem apenas com o

ruído dela.

Não parei de pensar no sujeito nem por um segundo. Abracei o travesseiro que ele tinha

abraçado, na esperança de encontrar algum cheiro que o pertencesse. Nada. Só o meu cheiro estava ali,

e me perguntei se ele o tinha sentido. Provavelmente.

Um raio de lucidez me fez compreender que aquela era a noite ideal para pôr em prática a minha

grande ideia. Calvin estava sozinho, certamente não receberia nenhuma de suas cadelas para latir alto

no meu pé do ouvido. Comecei a rir sozinha enquanto ligava o meu notebook na minha TV. Entrei em

um site pornográfico e passei um tempão escolhendo o vídeo ideal. Tinha de tudo. Confesso que fiquei

envergonhada só de ler os títulos bizarros de cada vídeo, mas busquei a coragem e a maluquice que eu

sabia que habitavam dentro de mim. Não podia desistir.

Escolhi um vídeo chamado “fucking hard” (fodendo com força). Era a cara dele. Coloquei a

minha TV no último volume e o esperei carregar. Soltei um longo suspiro e cliquei no *play*. Uma

mulher loira e nua (com cara de quenga) apareceu na tela, e logo fiquei envergonhada. Nem eu mesma

acreditei que estava fazendo aquilo.

Um cara enorme, se é que me entende, e nu apareceu atrás dela, esfregando-se. A atriz soltou seu

primeiro gemido. Sorri. A minha ideia era a mais perfeita de todas. Deitei-me na cama e comecei a

apreciar o vídeo, como faço de vez em quando (claro que não naquele volume, normalmente assisto no

mudo, pois as mulheres desses filmes costumam gemer como se estivessem morrendo). É sempre bom

saber o que fazer na cama, portanto assistia toda vez que achava que precisava inovar as minhas

“técnicas”.

A foda começou rápido. Não há muita conversa neste tipo de filme: a mulher olha para a câmera,

exibe o corpo, um homem pintado aparece e eles começam a transar. Simples e prático. Nada a ver

com a vida real. Tudo bem, era aquilo que eu queria. Todos os sons que eu almejava estavam reunidos

ali: mulher gemendo, homem ofegando, sexos se chocando um contra o outro na maior velocidade. Tá

certo que eu fiquei excitada, não sou de ferro, mas achei que pudesse valer a pena.

Alguns minutos se passaram até que decidi me levantar. Apoiei o meu ouvido na parede,

notando que a televisão do vizinho já não estava mais ligada. Será que ele tinha ido dormir? Será que

estava prestando atenção nos gemidos e gritos do vídeo? A dúvida quase me deixou louca.

Não demorou muito para que eu me sentisse ridícula. E infantil. Eu devia era arranjar um

homem de verdade para estar comigo naquela cama. Devia eu mesma gemer no ouvido do meu

vizinho safado, e não deixar que um vídeo tosco fizesse por mim. Foi então que tive uma ideia

maluca, como todas as outras.

Baixei o volume da TV até não conseguir ouvir mais nada. Tirei o meu pijama e me deitei na

cama lentamente. Soltei um suspiro enquanto tocava o meu corpo. Logo, guiei meus dedos na direção

da minha vagina. Nunca havia tido tanta privacidade para me masturbar, e fiquei admirada comigo

mesma. E feliz também. Um momento íntimo como aquele era raríssimo, em que só havia eu e

ninguém mais. Quero dizer, não podia esquecer que o Calvin estaria ouvindo, portanto eu devia fazer

durar e gritaria do jeito que sempre quis, mas nunca tive coragem.

Fiquei observando o vídeo só para me concentrar melhor, pois a verdade era que já estava

excitada. E, sem querer, comecei a imaginar o meu safado favorito bem ali comigo, estimulando as

minhas vontades. Foi tão fácil integrá-lo aos meus pensamentos que fiquei imediatamente assustada.

Eu o desejava tanto que estava começando a perder o controle, prova disso era a loucura que cometia a

cada gemido alto que soltava.

O quarto do Calvin ainda estava muito silencioso. Nem sinal da televisão. Só consegui ouvir,

além dos meus próprios gemidos, os grilos cantando em nosso jardim. Meus dedos trabalharam

avidamente, de modo que o meu primeiro orgasmo foi atingido depressa. Gritei como uma atriz pornô,

começando a entender o porquê de elas berrarem tanto: elas eram livres para tal, e eu só estava

experimentando aquele tipo de liberdade depois de vinte e oito anos de silêncio.

Não ousei parar. O vídeo ainda rolava solto, os meus nervos pediam mais e o meu corpo cada

vez mais quente implorava pelo toque. Contorci-me na cama, sentindo o lençol alisando a minha pele.

Nos meus devaneios, Calvin percorria as suas mãos em mim, desvendando-me completamente.

Acelerei o movimento dos meus dedos quando senti que estava perto de novo. Fechei os olhos

com força e gemi alto enquanto me contorcia, fazendo de tudo para adiar o êxtase. Não adiantou. Ele

veio com força total, e me contorci tanto que bati a minha cabeça na cabeceira. Doeu.

– Droga... – resmunguei ofegante.

O vídeo já tinha terminado. Eu nem havia me dado conta. Passei um tempo tentando me

recuperar, completamente quieta e jogada na minha cama. Estava exausta.

Foi então que eu o ouvi. Calvin resfolegou alto bem atrás de mim.

– Raissa! – gritou o meu nome em um rosnado intenso, repleto de desejo. Meu sangue congelou.

Os gemidos do safado não cessaram durante alguns segundos, os quais usei para morrer.

Ele estava se masturbando? Para mim? Puta que pariu!

Depois do que supus ser um orgasmo, Calvin permaneceu tão quieto quanto eu. Ainda estava em

estado de choque. Mal sabia o que pensar do que tinha acabado de acontecer. Seja como for, sentia-me

em total desvantagem. O meu abalo foi tão grande que a minha única certeza era a de que tinha atirado

contra mim mesma.

– Raissa? – ouvi sua voz me chamando. Permaneci muda. – Sei que está ouvindo. Não precisa

ficar com vergonha...

Vergonha? Não. Não soube definir o que sentia. Pavor, talvez. Tesão. Uma vontade louca de

derrubar aquela parede que nos separava.

– Raissa, me desculpa... Eu não sabia que dava para ouvir. Estou tão admirado quanto você.

– Eu sabia que dava para ouvir, Calvin – falei seriamente, começando a tremer. Um frio ridículo

me obrigou a puxar o lençol e me cobrir.

Ouvi a sua risada. Fechei os olhos. Ele parou depois de um tempo. Ficou calado, e eu também.

Meu coração ainda batia forte, mas pelo menos a respiração estava mais controlada.

– As cortinas... – ele murmurou. Por incrível que pareça eu escutei.

– Cortinas?

– As suas cortinas. São floridas... Dá a ideia de campo. Você gosta de liberdade. É uma mulher

sem preconceitos.

– Como sabe?

– Você ainda não me julgou.

Refleti a respeito. Eu o tinha julgado bastante, mas era algo que acontecia no meu íntimo. De um

modo geral, não julguei demonstrando preconceito. Jamais pararia de falar com ele ou o excluiria por

ser um cafajeste.

– O que mais resta saber sobre mim? – perguntei em um sussurro.

– Não sei, Raissa – falou com uma seriedade que eu não conhecia vinda dele. – Saber que você

gozou para mim duas vezes, e de propósito, está me fazendo questionar os motivos de eu ainda não

estar na sua cama. Ou de você não estar na minha.

Arquejei. Minha pressão podia explodir qualquer aparelho medidor.

– Deve ser porque eu ainda não sei o seu nome.

Calvin gargalhou alto. Acabei rindo também. Seu senso de humor era legal. Descobri que

gostava daquele jeito divertido de encarar as coisas. Deve ser por isso que ele parecia ser tão jovem, o

bom humor é capaz de rejuvenescer qualquer pessoa.

– Um nome é apenas um nome. O que mais não sabe sobre mim?

– Tudo. A única coisa que eu sei é que você é um safado.

Pensei que ele ficaria chateado, mas o doido apenas riu ainda mais alto.

– Isso é tudo o que precisa saber sobre mim.

Aquiesci como se ele pudesse me ver. Bom, aquilo era o bastante. Por mais desejo que eu

sentisse por aquele homem, saber aquela única informação sobre ele era o suficiente para a minha

razão. Eu não devia me envolver com o safado do 105. Jamais daria certo.

Permanecemos em silêncio durante algum tempo. Foi ele quem decidiu falar:

– Boa noite, vizinha. Não paro de pensar na sua feijoada.

Suspirei. Pude até visualizar o sujeito piscando o olho daquele jeito sacana. Tinha certeza de que

o maldito não estava falando da feijoada.

– Boa noite, vizinho.

7

Não posso me esquecer de que o meu vizinho safado é um safado

Acordei cedo só para não perder o costume, e acabei não me arrependendo porque as minhas

entregas começaram a chegar a partir das oito horas. Nem eu tinha consciência de que havia comprado

tantas coisas novas; sofás, aparelho de jantar (mesa e quatro cadeiras), mesinha de centro, um rack

para sala, um para o meu computador e uma mesinha menor para cozinha.

Nem sinal do meu vizinho. Estava com vergonha de chamá-lo para me ajudar na montagem. O

que aconteceu durante a madrugada estava me enchendo de angústia; o aperto no peito não queria

passar, e o frio na barriga, idem. Meu cérebro tentava dar explicações malucas para justificar as

minhas atitudes (acredite quando eu digo que a minha mente fértil elaborou todas as artimanhas

mirabolantes possíveis), mas a verdade é que me arrependi de ter feito aquilo. Devia ter ficado na

minha.

Por mais que eu quisesse ter este poder, nada faria o tempo voltar, então tentava não pensar

muito. Só precisava erguer a cabeça e sobreviver a uma manhã inteira com o safado do 105 soltando

as suas indiretas diretas. Precisava ser forte e, acima de tudo, controlada. Os meus hormônios à flor da

pele não podiam ser mais fortes que a minha razão (embora tenha a certeza de que são).

Estava tentando, sem sucesso, montar o rack da sala (acocorada no chão, suada e estressada por

não estar entendendo porcaria nenhuma) quando ouvi batidinhas na porta. Ela estava aberta, por isso

apenas olhei para o lado. Calvin estava sorrindo (como sempre), seminu (como sempre), trajando

apenas uma bermuda branca, segurando alguma coisa que não consegui identificar. Ergui-me.

– Bom dia, vizinho – murmurei em um muxoxo. A vergonha completa esbofeteando a minha ex-

cara de pau.

Não dava. Sério, estou sendo muito sincera quando digo: não dava para observá-lo sem desejá-

lo. Era impossível. O cara era lindo demais. Sorrindo daquele jeito, então, fazia qualquer mulher

sensata (como eu) mudar de ideia em menos de um segundo.

– Bom dia, vizinha – saudou todo contente. – Desculpa a demora, estava procurando isso. –

Ergueu uma maleta preta e grande em uma mão.

– O que é isso?

– Ferramentas. Você nunca vai conseguir montar isso sem uma furadeira. – Aproximou-se da

bagunça que eu tinha feito. Havia pedaços infindáveis de madeira e pregos de toda a qualidade

espalhados pelo chão. O manual estava todo amassado, jogado em um canto. – E a minha furadeira

trabalha que é uma beleza! – Piscou um olho.

3, 2, 1... Começou o primeiro *round*. Daquela vez, eu só ficaria na retaguarda. Ele não ia me

atingir. Não ia.

Soltei um suspiro enquanto ele se ajoelhava no chão e abria a tal maleta. Havia de tudo um

pouco ali dentro.

– Belas ferramentas – comentei sem querer, esquecendo-me de que tudo o que eu falasse seria

usado contra mim.

Calvin ergueu a cabeça e sorriu com malícia, mostrando seus dentes maravilhosos e a curva

perfeita da sua boca carnuda, que, por sinal, estava me chamando aos berros. Quase tampei meus

ouvidos, só não o fiz porque não adiantaria.

Ele tocou no espaço bem ao seu lado, indicando para que eu ficasse ali. Obedeci, pois foi o que

me restou. Sentei-me no chão enquanto ele me analisava de cima a baixo. Encarei-o de volta. Cada

partícula de mim implorava por alguma coisa que eu nem sabia o que era, ou, talvez por saber bem, eu

tentava ignorar.

– Raissa? – murmurou o meu nome de um jeito impressionante. Fechei os olhos, mas os reabri

depressa. Droga. Não estava funcionando.

– Hã?

– Está estranha... Aconteceu alguma coisa?

Balancei a cabeça em negativa. Calvin levantou mais a bermuda e se sentou nas próprias pernas.

Continuou me olhando. Do nada, ergueu uma mão e tocou o meu queixo. Como ele era quente!

– Você é linda. E gostosa. E legal. Não fica triste, não combina contigo, tá?
– Piscou o maldito

olho.

Aquiesci e suspirei. Decidi sair de perto, não chegaríamos a lugar algum se ficássemos tão

próximos. Ele não parecia ser um cara muito difícil de desconcentrar (um rabo de saia era o

suficiente). E eu queria que montasse aqueles móveis depressa, só assim a gente almoçaria cedo e eu

me veria livre daquele ímã que me impulsionava até ele, deixando-me desesperada.

– Vou tentar montar a mesa – alertei. – Parece-me mais fácil.

– Tudo bem!

Bem que eu tentei me concentrar, mas observar aquele homem enorme e gostoso montando um

móvel é uma cena imperdível. Fiquei me sentindo uma idiota, afinal, estava pensando que o Calvin se

desconcentraria por qualquer rabo de saia enquanto era eu que o secava mais que secador em salão de

beleza. Deprimente!

Acabei ligando o som e indo até a cozinha. Deixei a feijoada no fogo para ferver novamente. Fui

adiantando o arroz e cortando a couve. Seria mais útil se organizasse o almoço do que se tentasse

montar a mesa (descobri depois de quarenta minutos que não era tão fácil assim de ser montada, aliás

tenho certeza de que coloquei um parafuso no lugar errado, mas não consegui tirá-lo de lá).

Estava cantarolando e muito concentrada no corte da couve quando senti um corpo quente bem

atrás do meu. Mãos surgiram do nada diante de mim, segurando as minhas e me obrigando a parar de

trabalhar a faca. Foi instantâneo, meu corpo travou todo. Uma pulsação horrível fez a minha cabeça

quase explodir, parecia que havia água gelada em vez de sangue circulando nas minhas veias.

– Assim você vai se cortar, Raissa. – Um murmúrio baixo perto do meu ouvido fez a minha pele

se arrepiar. – Empurre a couve na direção da faca, não o contrário.

Suas mãos por cima das minhas começaram a se movimentar, obrigando-me a acompanhá-las.

Bem que tentei buscar a minha força interior (estava quase soltando um kamehameha) para cortar a

maldita couve, mas o corpo quente daquele homem se esfregando nas minhas costas estava bem mais

interessante.

Arquejei e, sem querer, empinei a minha bunda só um pouquinho. Calvin riu com malícia. Fui

tomada por uma nova onda de arrepio.

– Suas unhas precisam ficar mais perto da faca do que seus dedos... – continuou explicando. –

Incline a sua mão assim... E acelere o movimento.

Não sei o que me deu. Minhas mãos continuaram lerdas, mas o meu quadril obedeceu que foi

uma beleza. Comecei a rebolar um pouco, mas parei quando senti que as coisas lá embaixo estavam

ficando... duras. Pensei que fosse morrer de tanto tesão.

– Eu acho melhor você voltar a montar o rack – sussurrei. – Sou pior em montagem do que em

corte.

Sr. Klein riu de novo. Acabei dando outra empinada, só para ter certeza de que ele estava mesmo

excitado. Mas é claro que não precisava de comprovação, havia uma ferramenta maciça pressionando

a curva entre a minha bunda e as minhas costas.

– Você é ótima no corte, Raissa.

– Você parece ser bom em tudo.

Desta vez ele gargalhou. Ri um pouco também, mesmo estando desconcertada e envergonhada

de mim e da minha capacidade de me atirar em cima do sujeito.

Para o meu alívio (ou não), ele acabou se afastando.

– Já terminei o da sala e o do computador... Acho que só falta a mesa.

Olhei-o de soslaio. Nem tive coragem de encarar seus olhos.

– As mesas. São duas. Uma vai ficar na cozinha.

– Só é olhar para trás.

Virei-me e dei de cara com a maldita mesa. Já estava devidamente montada e depositada bem no

centro. Perguntei-me como não havia notado antes. Acho que me concentrei demais cortando a couve

e cantando as músicas que ainda rolavam no meu som.

Calvin riu do meu desconcerto. Olhei para ele de um jeito frustrado, e acabei piorando a situação

quando deixei meus olhos navegarem até a sua bermuda, que ainda carregava um volume alto na

frente. Tentei desviar o rosto, mas já era tarde demais. O safado já havia percebido o meu interesse.

– A feijoada sai daqui a pouco – mudei de assunto, voltando a cortar a couve como ele tinha

ensinado. – Acho que vou fazer caipirinha, você topa?

– Topo, de boa. Ei, Raissa...

Olhei-o.

– Presta atenção na faca. Não quero que se machuque. – Piscou um olho. Misericórdia...

Como ele queria que eu prestasse atenção na faca daquele jeito? Eu só conseguia pensar sobre

uma ferramenta, um regador... Enfim, você entendeu. Já estava confusa com tantos duplos sentidos.

Tudo culpa da minha carência. Ou de mim. Ou dele. Ou daquela casa que era tão perto da dele. Ou do

corretor que me convenceu a comprá-la.

No fim, acho que ninguém é inocente.

Calvin se perdeu em algum lugar da sala enquanto eu preparava a caipirinha. Fiquei pensando se

era uma boa ideia misturar vizinho safado com bebida alcoólica, mas eu já tinha oferecido e seria

chato se não preparasse. Prometi a mim mesma que tomaria apenas um copo, quantidade suficiente

para ficar relaxada, e não bêbada.

De cara, dei logo um gole tão grande que levou metade do conteúdo. Esqueci-me de que a bebida

não curaria a minha excitação, muito pelo contrário, só faria ampliá-la. Deixei meu copo na cozinha e

fui levar o do Calvin.

Estaquei assim que entrei na sala. Quase derrubei o copo no chão de tão estupefata. Calvin

estava terminando de montar a mesa num canto, mas as cadeiras já estavam ao redor dela. Os sofás

estavam muito bem dispostos, bem como a mesinha de centro e o rack. Até aí tudo bem, salvo que ele

teve trabalho para deixar tudo no lugar certinho. O que me admirou mesmo foi a presença de um

tapete rosa-bebê tão felpudo que parecia um gato gigante dormindo na minha sala. A combinação das

cômodas junto com o tapete era perfeita.

– Calvin... Onde... Onde arranjou este tapete? – quase não consegui perguntar.

Ele saiu de debaixo da mesa, empunhando um martelo. Observou o tapete e, de repente, ficou

muito sério.

– Posso tirar se não tiver gostado.

– Está... Está lindo, nunca vi um tapete tão fofo! Mas... Como o conseguiu?

Ele deu de ombros.

– Era da minha mãe.

Fui me aproximando da mesa onde ele estava.

– Calvin... Explica isso direito. – Minhas mãos começaram a tremer. – Não posso ficar com este

tapete.

– Eu que não posso usar um tapete cor-de-rosa, Raissa. – Sentou-se no chão e fez uma careta. –

Guardo este tapete há vinte e quatro anos, finalmente achei uma utilidade para ele.

Vinte e quatro anos? Calvin tinha vinte e quatro anos? Ou só guardava o tapete durante este

tempo? Mas a sua mãe havia morrido assim que nasceu, não? Minha nossa, aquele homem estava

mesmo disposto a me endoidar.

Sentei-me no chão, bem de frente para ele. Encarei-o e lhe ofereci o copo de caipirinha. Calvin

sorriu e deu um gole.

– Hum... A sua caipirinha está uma delícia. – Sorriu com malícia.

Balancei a cabeça.

– Já chega, Calvin. Conte-me a história do tapete.

Ele suspirou, dando adeus ao sorriso sacana.

– Não tem muito que contar. Fiquei com muitas coisas da minha mãe, esta casa é uma delas. –

Arregalei os olhos. – Bom, na verdade o meu pai ficou com a casa.

– O corretor não me disse nada sobre isso...

Calvin sorriu.

– Aquele idiota faria qualquer coisa para vender a casa, Raissa. É o meu irmão. Quando o meu

pai morreu, ele quis porque quis que a vendêssemos e dividíssemos o dinheiro. – Levei uma mão à

boca, passada. Calvin não se abalou. – Eu me recusei a sair daqui, então ele veio com essa história de

dividir a casa ao meio.

– Oh, meu Deus... Eu... Não sabia disso, Calvin. Caramba... Olha, se você quiser, eu posso dar

um jeito, sei lá. Posso vendê-la para você e...

– Não, Raissa! De forma alguma! – Continuou sorrindo. – Nem pense nisso, esta casa é sua e

sempre será até quando você quiser.

– Mas... Poxa vida, não estou me sentindo bem em fazer parte disso.

Ele largou o martelo de um lado e o copo de caipirinha do outro. Ergueu as mãos lentamente até

segurar as laterais do meu rosto.

– Você nada tem a ver com a babaquice do meu irmão. Ele tinha direito a metade e,

sinceramente, prefiro você como vizinha a morar com aquele chato.

Balancei a cabeça. Estava realmente me sentindo péssima.

– Mas esta é a casa dos seus pais...

– Eles morreram, Raissa. Ninguém leva nada no caixão. Relaxa... Ainda estou aqui, não é?

Jamais irei embora, foi aqui que nasci e cresci. O resto são apenas lembranças.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Não sou do tipo chorona, mas aquela história me comoveu

de verdade. Deve ter sido uma barra para ele. Aliás, não faço ideia do que seja viver sem uma mãe, um

pai... A minha família é tudo para mim. Se meus pais morressem, Deus me livre, detestaria a ideia de

vender a nossa antiga casa.

Segurei as mãos dele, que ainda estavam sobre o meu rosto.

– Tem certeza? – choraminguei.

– Ei, não chore. Está tudo bem. Eu tenho certeza absoluta. – Sorriu, mas sem resquícios de

malícia ou sacanagem. Fiquei vidrada naquele sorriso novo, diferente para mim. – E ficaria muito

feliz se ficasse com o tapete. Não me lembro da minha mãe, mas sinto sua presença nesta casa... Meu

pai dizia que ela amava morar aqui.

– Ah, Calvin... Não sei...

– Por favor, Raissa. – Encarou-me com tanta firmeza que me senti fraquejando.

– Tudo bem. Certo... Eu fico com ele, mas é só um empréstimo.

Sorriu.

– Como quiser. Obrigado, vizinha.

Sério, tive vontade de me atirar nos braços dele. Até me visualizei passando as pernas ao redor

da sua cintura, terminando sentada em seu colo. Iria lhe beijar a boca até que se deitasse, e então

transaríamos debaixo da minha mesa nova.

Dei de ombros. Eu não sabia direito os motivos de ainda não ter feito aquilo. Depois de um

segundo me lembrei de que o cara era um cafajeste, cretino, maníaco sexual, comedor de vadia

adoidado. Um safado...

Um safado fofo, protetor, sensível, que sabe cozinhar, entende de jardinagem, monta móveis e

fode gostoso. Mas, ainda assim, um safado.

8

Aprender com a vida é bom, mas aprender com o Sr. Klein é melhor ainda

Calvin fez a mesma maldade que fiz com ele no domingo passado. Serviu-se de um prato

gigantesco de feijoada (um homem daquele tamanho precisava se manter), arroz, couve e farofa e foi

comendo sem esboçar reação alguma. Eu estava achando uma delícia, mas vai saber, né? O cozinheiro

era ele.

Fiquei apreensiva durante todo o almoço, que realizamos na minha sala nova, com mesa nova,

pratos novos, talheres novos... Certo, isso me fez ficar contente, tirando a angústia que sentia ao

esperar suas críticas. Precisei fazer mais caipirinha, pois nem ele e nem eu paramos em um copo só.

Tudo bem, fiz mais fraca, colocando mais gelo do que cachaça.

– Ai, meu Deus! – gritei quando ele deu a última garfada. – Esqueci de fazer uma sobremesa!

Que droga! Como sou tapada! – Dei um cascudo na minha testa.

Ele gargalhou.

– Não se preocupe, Raissa, tem pudim de morango lá em casa... Você vai amar o meu pudim. –

Acrescente um sorriso malicioso aqui.

Encarei-o. Os três copos de caipirinha me fizeram dizer:

– Aposto que sim. Deve ser bem firme o seu pudim.

Calvin sorriu ainda mais amplamente.

– Vai sentir a consistência mais breve do que imagina – falou baixinho. – Vou lá buscar.

Agarrei o seu braço. Ok, eu estava ficando bêbada.

– Não! Primeiro me diga o que achou da feijoada!

Ele segurou a mão que o tocava. Depois a alisou devagarzinho, sem desviar os olhos de mim.

Não ousei me mexer. Seus dedos percorreram o meu antebraço e foram subindo até os meus ombros.

Circularam o meu pescoço, e continuei sem me mexer. Só percebi que um rastro quente de desejo foi

deixado na minha pele quando o maldito parou de me tocar.

– Trabalho em um restaurante que serve pratos típicos de diversas regiões do país. Os caras são

muito bons... – Senti o meu corpo congelar. Sabia que ele ia me criticar pesado. – Eu me espelho

neles, na verdade. Não me olha desse jeito, Raissa...

Resfoleguei.

– Desculpa, é que estou nervosa!

Sorriu. Senti o meu rosto corar.

– Não fique nervosa... Só mordo se me pedir – sussurrou. Minha calcinha deu uma vibrada, e a

cor do meu rosto não deve ter melhorado muito.

– Você está me enrolando! Diga logo!

Gargalhou. Calvin se levantou da cadeira e puxou a minha mão, obrigando-me a levantar

também. Fiquei o observando feito uma retardada.

– O que eu quero dizer é que esses filhos da mãe que passaram anos estudando sobre comidas

típicas ainda não conseguiram fazer uma feijoada tão saborosa quanto a sua, Raissa. – O vermelho do

meu rosto deve ter dado lugar ao branco. – Estou impressionado!

– Ah, Calvin! – Não resisti. Simplesmente me atirei no pescoço do cara. Dei-lhe um abraço

forte, com direito a um quase sufocamento. Ele revidou o abraço, envolvendo seus braços firmes na

minha cintura.

Achei que pudesse derreter feito açúcar misturada em água. O meu vizinho gostoso começou a

rir sem pausas; Calvin realmente tem um senso de humor tão grande quanto ele.

– Acho melhor você me largar, não posso usar o meu sangue para outra coisa além da digestão.

Desse jeito vou ter um AVC.

Envergonhada, larguei-o bem depressa. Quando menos percebi, estávamos rindo da situação.

– Quero provar do seu pudim! – falei em meio a risadas.

Rimos ainda mais, porque a gente tinha a capacidade de imaginar tudo no duplo sentido. Quer

dizer, eu tinha entrado na onda dele de cabeça.

– Vou pegá-lo, mas preciso de um banho antes da sobremesa. Estou meio suado. Você espera?

Aquiesci. Daria um milhão por uma fungada naquele pescoço suado, aposto que o cheiro dele

estava bom. Não me julgue, mas eu adoro homens suados. Sou tarada por suor masculino. Claro, só se

o cara tiver a capacidade de suar sem feder. Não são todos que conseguem. Para os que conseguem,

tiro o meu chapéu.

– Claro que sim!

Calvin me deu um beijinho na bochecha antes de pegar a sua maleta de ferramentas e sair pela

minha porta. Ergui os meus braços, conferindo o cheiro dos meus sovacos. Não estava lá tão ruim,

mas eu tinha suado muito também. Decidi fazer o mesmo que ele, mas fui impedida quando olhei para

os nossos pratos sujos em cima da mesa. Era melhor dar um jeito naquilo primeiro.

Tenho verdadeiro pavor de pratos sujos. Deve ser porque na minha antiga casa sempre tinha uma

pia cheia para dar conta. Diferentemente de antes, só havia dois. Amém! Foi a primeira vez que lavei

pratos com um sorriso enorme nos lábios. A manhã havia dado certo; a minha casa estava linda, o meu

almoço foi satisfatório... Tudo bem que eu quase me descontrolei, mas estava viva e, o mais

importante, não tinha caído de vez nas garras do safado do 105.

Depois de deixar a cozinha habitável novamente, fui direto para o chuveiro. Tomei um banho de

cabeça, pois o meu cabelo havia suado também (odeio ficar com o cabelo sujo, mesmo que tenha

lavado na noite anterior). Escovei os meus dentes, passei desodorante e me enrolei na bendita toalha

verde-limão. Lembrei-me da noite anterior e comecei a rir sozinha. Quem diria que eu ia mesmo dar

uma de doida? Para o bem ou para o mal, espero que o comportamento do meu vizinho se modifique,

agora que ele sabia que eu podia ouvi-lo trepando com as mulheres que leva para casa.

Saí do banheiro e entrei no meu quarto, totalmente distraída. Pendurei a toalha em um cabideiro

cor-de-rosa que havia ao lado da minha televisão. Abri o guarda-roupa e congelei. A parte interna da

porta do guarda-roupa era um espelho, e quase não acreditei no que estava vendo no reflexo. Além do

meu corpo nu, Calvin estava deitado na minha cama, observando-me com ar esfomeado.

Virei de costas. O maldito estava mesmo ali. E vestindo apenas uma cueca Calvin Klein branca.

E abraçando o meu travesseiro. E sorriu daquele jeito cafajeste quando nossos olhares se encontraram.

E achei que fosse morrer.

– O que... – Olhei ao redor. Ele se levantou e ajoelhou na cama. Todo o seu corpo enorme à

mostra ficou em evidência. Perdi a capacidade da fala.

Calvin abriu a boca, mas desistiu de falar. Largou o meu travesseiro e se levantou, colocando-se

de pé na minha frente. Deu um passo na minha direção, e imediatamente dei um para trás. Minhas

costas se chocaram na porta aberta do guarda-roupa.

Ele não desistiu. Continuou se aproximando, analisando-me dos pés a cabeça. Seu sorriso há

muito tinha ido embora, dando lugar a um olhar selvagem e extremamente sedutor. Quando aquele

corpo musculoso se aproximou o bastante para se encostar ao meu, soltei todo o ar que havia juntado

em meus pulmões.

Calvin ergueu uma mão e segurou o meu queixo. Encarei-o de perto. O maldito sorriu. Minhas

pernas bambearam, e tive certeza de que as minhas partes íntimas não estavam mais sequinhas, como

as tinha deixado. Um tesão horroroso tomou conta de mim, e o safado só tinha me olhado até então.

– Você é a minha sobremesa, Raissa – ele murmurou e se curvou, beijando-me o pescoço

lentamente. – Eu sou a sua.

Soltei um gemido fraco. Suas mãos começaram a percorrer o meu corpo vulnerável. Não fui

capaz de responder nada, muito menos de reagir. Só permiti o seu toque quente, provocando-me

arrepios intensos. Seus dedos escorreram pela minha coluna e seguraram a minha cintura. Subiram

pela minha barriga e seguraram os meus seios. A boca suave ainda brincava com o meu pescoço.

Perdi o fôlego. Seu tamanho diante de mim estava me intimidando. Não sabia o que fazer com

um homem daquele tamanho. Nunca havia tido qualquer coisa com um cara tão gostoso, em todos os

sentidos, e olha que já fiquei com muitos gatinhos.

Calvin me empurrou ainda mais contra o guarda-roupa. Toquei a lateral da sua cintura e

contestei o que já sabia: a pele dele era quente, e os músculos, firmes. Coloquei um dedo tímido

dentro de sua cueca. Ainda não sabia como agir. Nem se era certo fazer aquilo. Nem se faria aquilo.

A quem estou tentando enganar? Já estava decidido desde que o vi na minha cama. Eu tomaria a

minha sobremesa até me lambuzar por inteira. Não tinha volta, estava oficialmente nas garras daquele

homem. Ele havia me pegado de jeito, como prometido.

Calvin se afastou um pouco só para me observar. Segurou o meu rosto com as duas mãos, com a

respiração levemente acelerada. Os olhos estavam refletindo todo o desejo que sentia, e quase não

acreditei que tudo aquilo era por mim.

Sem nada dizer, ele simplesmente afundou a sua boca na minha. Minha cabeça ficou presa

contra o guarda-roupa também. Perdi qualquer chance de fuga (não que eu quisesse fugir). Sua língua

quente e saborosa tomou a minha para si em movimentos loucos, jamais realizados por mim antes. O

beijo daquele cara era incrível. Ele sabia exatamente o que fazer, de modo que fiquei tão entregue

quanto jamais consegui ficar na minha vida.

A minha reação finalmente veio. Deixei a minha boca e os meus lábios bem flexíveis,

correspondendo cada investida dele com muita permissividade. Envolvei os meus braços ao redor do

seu pescoço e abri as minhas pernas, pendurando-me nele em um pulo.

Calvin não parou. Segurou as minhas coxas com as suas mãos enormes e me guiou até a cama.

Depositou-me lentamente no colchão, sem nunca retirar os seus lábios urgentes dos meus. As minhas

pernas totalmente abertas deram sinal verde para a sua ereção, e ele começou a massageá-la contra a

minha vagina.

Sua boca deixou a minha por um segundo.

– Eu vou te foder todinha, Raissa – rosnou. Arregalei os olhos.
Misericórdia... Não podia mais

esperar por aquilo. Era bom demais para ser verdade. – Mas primeiro eu
quero chupar essa sua boceta

até que nunca mais se esqueça de como é a minha língua nela.

Respondi com um gemido, pois o tesão atingiu um limite tão alto que achei
que fosse explodir

antes mesmo de começar. Suas sentenças definitivas, ditas com uma
firmeza quase bruta, me tiraram

da órbita. Aquele era o meu safado favorito no auge da sua safadeza.

Calvin me deu um beijo ainda mais urgente e molhado. Apoiou seu
antebraço ao redor do meu

rosto e jogou o seu corpo totalmente contra o meu, deixando-me presa em
seus domínios. O fôlego

deixava o meu corpo na medida em que continuava se esfregando em mim.
Virei o rosto só para

gemer, e ele aproveitou a chance para beijar o meu pescoço.

– Nem te comi ainda e já estou viciado – rosnou entre lambidas e mordidas
que iam da minha

orelha até o meu ombro. Gemi. – Vou te foder tanto ainda, Raissa... Vou te
foder pra sempre, até te dar

toda a porra que estiver em mim. Mulher cheirosa do caralho!

Eita! Calvin é do tipo falante. Falante e obsceno. Minha nossa senhora das vizinhas perdidas,

estou totalmente ferrada. Literalmente fodida. O que é que eu vou fazer com um homem daqueles na

minha vida? Por outro lado, entendi perfeitamente os motivos (além dos óbvios) pelos quais as

mulheres enlouquecem por ele. E a gente nem tinha feito nada ainda!

Soltei um gemido alto quando ele me abocanhou um seio. Tomou o outro com as mãos firmes e

o apertou. Senti sua língua estimulando a ponta, depois seus dentes brincando ao redor dela. Gemi de

novos.

– Ah, Raissa, como eu amo quando geme... – Balançou a cabeça e me encarou com fúria,

escolhendo o outro seio para abocanhar.

Meu coração batia tão depressa e em descompasso que temi pela minha vida. E as coisas só

pioravam. Ele deu um verdadeiro trato nos meus seios, uma coisa que eu nunca vi. Usava a língua

como ninguém, mesclando os lábios e os dentes, guiando-os em movimentos loucos que não seguiam

ordem alguma. Cada investida era uma surpresa. Se ele estava usando tanto gás nos meus seios, não

podia nem ter a mínima noção do que seria quando descesse mais.

De repente, deu-me um chupão dolorido (e prazeroso) na minha barriga.
Gemi, prendendo os

lábios. Ele seguiu fazendo aquilo até chegar ao meu umbigo, lambendo-o
com vontade. Sua mão

deixou o meu seio e segurou a parte interna da minha coxa. Apertou.

Usou o polegar da mesma mão de um jeito bem estratégico, fazendo com
que atingisse a minha

vagina. Gemi, contorcendo-me. Ouvi um resfolego exagerado partindo dele,
e notei que me observava.

– Ontem você me deixou louco, Raissa – voltou a rosnar, e no mesmo
instante seu polegar foi

me penetrando devagarzinho. Fechei os olhos e preendi os lábios, depois os
soltei por causa da falta de

fôlego. Que homem era aquele, meu Deus? – Sonhei com o meu pau nessa
boceta molhada. Eu quero

te beber todinha... Vou te foder com a minha língua.

Seu polegar encontrou espaço em mim. Um espasmo louco cruzou o meu
corpo, fazendo-me

contorcer. Calvin retirou o dedo e o chupou como uma criança. Observá-lo
fazendo aquilo foi

indescritível, eu realmente não conseguia entender o que sentia. Era tesão
sim, mas havia algo mais.

Uma coisa forte que deixava o meu estômago (e todo o meu corpo) em
frangalhos.

Utilizando-se da mesma mão, Calvin enfiou o dedo indicador na minha boca. Depois, juntou

com o maior de todos e me obrigou a engoli-los até o fim, fazendo movimento de vai e vem. Achei

que fosse engasgar, mas não. Consegui dar conta não sei como.

– Não se preocupe, gostosa, primeiro os meus dedos e depois o meu pau. Prometo foder a sua

garganta como se deve.

Quanto mais aquele homem falava menos eu achava que daria conta de tanta safadeza e

obscenidade. Podia ficar chocada, mas essa não era a palavra certa. Se eu tivesse chocada já teria

desistido. O problema era que as suas palavras só estavam me deixando ainda mais louca. Era como se

eu quisesse apostar todas as minhas fichas para concretizar cada promessa cretina.

Calvin retirou os dedos da minha boca e os guiou até o meu sexo, penetrando-me devagarzinho,

como fez com o polegar. Eu estava tão molhada que o meu corpo o recebeu perfeitamente, e um novo

espasmo me fez vibrar da cabeça aos pés. Gemi.

Sem parar de me encarar nem por um segundo, aquele homem impressionante usou a outra mão

para envolver os meus cabelos, prendendo-me pelo couro cabeludo. Ergueu a minha cabeça até as

nossas testas se encostarem. Respirei o seu hálito, percebendo o quanto estava ofegante, sedento por

mais.

Seus dedos começaram a se movimentar depressa dentro de mim. Meus gemidos se

intensificaram, até que o mais alto foi abafado por um beijo profundo. Eu não sabia se me concentrava

na sua língua brincando na minha boca ou nos seus dedos brincando com o meu ponto G (não me

pergunte como ele o encontrou tão rápido). Só sei que a minha vontade de gozar só se intensificava, e

o meu corpo estava tão quente que parecia ter entrado em estado febril.

Lembrei-me de que possuía mãos. Sério, eu estava esquecida, parecia uma marionete sendo

manipulada por um cara experiente. Encontrei-me sem escudo para me defender e sem arma para

atacar. Timidamente, comecei a apalpar o seu corpo perfeito. Iniciei pelo seu peitoral e fui descendo

até os gominhos de seu abdômen másculo. Precisei parar porque estava quase gozando, e também

porque não conseguia respirar devido a sua boca que não deixava a minha.

Gritei entre os seus lábios, e só assim Calvin se afastou um pouco. O êxtase tomou conta de

mim, obrigando-me a fechar as pernas, expulsando-o através de espasmos involuntários. Ele não se

deixou abalar. Continuou forçando os dedos contra mim enquanto eu gritava muito alto, como uma

maluca.

– Olha pra mim, Raissa! – berrou com fúria. Obedeci, sem parar de gritar. Seus olhos haviam se

modificado tanto que nem parecia a mesma pessoa. – Ah, como é linda gozando... Puta que pariu! Meu

pau já te quer.

Safado de uma figa. O maldito finalmente tirou os seus dedos de mim, colocando-os na própria

boca. Depois, beijou-me intensamente. Meu cérebro rodopiou, acompanhando as cambalhotas que o

meu estômago dava. Ergui as mãos e apertei seus cabelos castanhos. Desci pelas suas costas largas.

Senti uma ausência absurda quando ele afastou a sua boca e sumiu. Fiquei aérea durante o

segundo que o safado levou para encaixar os seus lábios na minha vagina. Gritei, apavorada. Não sabia

se suportaria mais. Sei que estava só começando, porém havia gozado tão intensamente que já me

sentia mole.

Pelo visto, Calvin não quis saber disso. Começou a me chupar como um louco, massageando a

minha pélvis com mãos decididas. Sua língua ligeira subia e descia, ora devagar, ora numa velocidade

que eu realmente não soube explicar como conseguia atingir. Meu fogo foi reacendido em questão de

instantes. Já me encontrava toda desejosa, cheia de vontades.

Encontrei um travesseiro acima de mim e apoiei a minha cabeça. Precisava assistir ao seu

estímulo. Tinha que entender como aquele cafajeste era capaz de me deixar à beira da loucura com

tanta facilidade.

Notando que eu o observava, o cretino ergueu os olhos na minha direção. Senti um tiro de

sedução atravessando a minha testa, confundindo qualquer resquício de razão. Aquele homem era o

pecado em pessoa. A personificação da luxúria, não podia haver outra explicação.

– Gostoso... – gemi baixinho. – Delícia...

Vi sua boca inteira se abrir e envolver o meu clitóris, chupando-o com força. Arfei. Logo em

seguida, o maldito voltou a usar a língua, só que a movimentando horizontalmente. Prendi os seus

cabelos entre os meus dedos e fechei os olhos. Mais espasmos tomaram conta do meu corpo. Sentia

que estava expelindo bastante líquido na boca dele, e mesmo assim o maldito o tomava com

insistência, sem dar uma pausa sequer.

– Eu vou gozar... – avisei um segundo antes de ser envolvida por um êxtase ainda mais intenso

que o primeiro. Só sei que gritei. Usei toda a liberdade que agora eu tinha para externar o desejo que

me consumia.

Calvin parou para me assistir, mantendo apenas a língua experiente de fora, pressionando o meu

ponto mais sensível. Sorri quando parei de gritar. Ele também. Daquele jeito sacana que eu conhecia.

– Toda vez que gozar para mim, eu quero que seja na minha presença – sussurrou. Esticou os

braços até alcançar os meus seios. Apertou-os com força e puxou as pontas, arrebitando-as. – É

covardia fazer isso sem mim. – Levantou-se até ficar de joelhos na cama. Seus dedos alisaram a

própria ereção, e então voltou a sorrir. – Meu pau te quer muito, mas a minha boca é incansável,

Raissa.

Meu corpo voltou a travar. Como assim? Misericórdia divina! Eu não aguentava mais esperar

para ser dele. Precisava consumir aquela loucura de uma vez por todas. Desisti de todas as

explicações racionais que me impediam de transar com ele há muito tempo.

Devo ter feito uma careta frustrada, mas Calvin apenas riu de leve e puxou a minha perna para o

lado com força, fazendo-me terminar com a barriga virada para o colchão. Depois, ele segurou a

minha cintura e a puxou, erguendo o meu quadril até me deixar de quatro, com o traseiro todo exposto.

Com a cara no travesseiro e os cabelos desganhados, achei que, agora sim, podia morrer facinho.

Senti aquelas mesmas mãos grandes massageando a minha bunda. Levei uma palmada forte em

uma nádega. Gritei. Dedos suaves escorreram pelas minhas aberturas, e senti gotas de suor no meu

rosto. A tal boca incansável surgiu do nada, acordando o meu desejo imediatamente. Seus lábios

subiram e desceram por toda a extensão, e se repetiram tantas vezes que perdi as contas. Comecei a

gemer em desespero.

Uma nova palmada certamente me deixou marcas na outra nádega. Gritei. Que homem louco era

aquele, meu Deus? Que... Sério, naquele instante, tive a certeza de que nunca havia passado por uma

experiência sexual tão profunda quanto aquela. Nenhum homem jamais me tomou daquele jeito tão

decidido, tão firme, valente, gostoso...

Seus lábios acabaram por escolher a minha vagina, mas os dedos fizeram outra escolha. No

começo, tocou-me com muita suavidade. Tanta, que achei que não me penetraria por ali. Eu me

enganei. Calvin começou a empurrar um dedo bem lentamente, fazendo pausas para me estimular

como se procurasse espaço. Gemi muito. Falo sério.

As sensações foram muito diferentes de qualquer uma que eu já havia sentido. Seus lábios

trabalhando em sincronia com os seus dedos foi um acontecimento impressionante. Enquanto o tempo

passava, e o Calvin não tinha pressa alguma, eu não podia acreditar que estava prestes a entrar no

clímax de novo. Mas aconteceu no instante exato em que ele penetrou o seu dedo e acelerou o

estímulo no meu clitóris. Foi perfeito. PER-FEI-TO.

Gritei contra o travesseiro, lutando para não desabar. Calvin segurou a minha bunda com força,

bebendo todo o líquido do meu prazer até o fim. Terminei acabada. Em todos os sentidos. Por mim, a

gente podia parar ali mesmo. Não estava acostumada a tantos orgasmos em uma relação, acho que o

máximo que havia atingido antes foram quatro. Normalmente parava no segundo.

– Raissa, eu não aguento mais ignorar o meu pau – o safado rosou com a cara ainda na minha

vagina, depois se afastou completamente, retirando seus dedos. Senti toda a sua ausência.

Não me mexi. Permaneci do jeito que estava, só esperando. Já não conseguia pensar... Não

conseguia fazer nada além de esperar aquele homem terminar de acabar com a minha raça.

Ouvi um ruído característico de preservativo sendo aberto. Fechei os olhos e tentei respirar.

Apertei os meus dedos, franzindo o lençol abaixo de mim. Ainda estava no modo marionete ativado.

Enquanto ele não me movesse, eu jamais sairia daquela posição.

Senti suas mãos segurando a minha bunda de novo. Calvin chacoalhou as minhas nádegas em

movimentos circulares, e só depois senti algo me invadindo. Foi devagar. Muito lentamente... Aos

poucos, fui me dando conta do quanto aquele homem era enorme. Comecei a gemer quando o meu

corpo atingiu o limite da elasticidade, mas mesmo assim ele ainda tentava me invadir.

Calvin começou a ofegar. Retrocedeu um pouco, mas tornou a me preencher até onde deu.

Gritei. Não estava doendo (não tanto), muito pelo contrário, era gostoso. A sensação de ser possuída

sempre foi maravilhosa para mim, mas o que acontecia ia além da grandiosidade. Depois de tudo o

que ele tinha feito, cheguei a me sentir honrada por estar ali, recebendo o seu pau.

Ouvi um gemido seu. Meu coração acelerou. Movi um pouco o meu quadril, rebolando em

câmera lenta. Ele gemeu de novo, mas, logo em seguida, soltou um urro selvagem. Segurou a minha

cintura e forçou os nossos sexos um contra o outro. Gritei.

– Se gritar assim eu não vou me controlar, Raissa. Vou ter que te arrombar de vez.

Mordi o travesseiro com força. Acho que ele notou o meu pânico.

– Vamos, Raissa, meu bem, eu não vou te comer pela metade. – Alisou toda a extensão da minha

coluna. Sua voz saiu doce e firme ao mesmo tempo. – Tem muito pau pra sua boceta ainda. Quero que

me engula todo, gostosa. Nenhuma parte de mim não quer estar em você.

Respondi com um gemido alto e estridente. Empinei o meu traseiro e forcei ainda mais a minha

vagina contra ele. Respirando fundo, tentei relaxar. Não sei por que havia ficado tão empenhada em

recebê-lo por completo. Mas fiquei. E fiz o possível para abrir o espaço que, naquele instante, achei

que o safado merecia.

Calvin retrocedeu mais uma três vezes antes de seu pau realmente estar em mim. Senti cada

centímetro, e sabia que era tudo, pois sua pélvis já estava toda encostada à minha bunda. Ouvi uma

sucessão de gemidos e suspiros partindo dele.

– Ah, Raissa... Meu pau já ama a sua boceta.

Dito isso, o maldito começou com a selvageria já conhecida – e nunca experimentada – por

mim. Só que é muito fácil ouvi-lo fodendo as suas vadias, difícil mesmo é aguentar o tranco daquele

homem incansável. Ele se movimentou tão rápido dentro de mim que a cama começou a chacoalhar, e

desta vez a parede recebeu pancadas do lado oposto ao que estava acostumada.

Meu corpo foi se acostumando ao seu aos poucos. No início cheguei a sentir muita dor, mas

passou. A elasticidade da minha abertura atingiu o ponto perfeito para recebê-lo inteiro sem me

machucar, e então, quando realmente comecei a sentir prazer, achei que jamais voltaria a sentir um do

tamanho daquele.

Como se aquilo fosse pouca bobagem, Calvin ainda teve a ousadia de puxar os meus cabelos.

Meu corpo foi projetado para trás, mas o seu pau me empurrava para frente, e me vi diante de um

espaço curto demais para mim e para o meu desejo. Minha bunda batia no seu quadril com tanta força

que provocava um barulho alto. Juntando com as batidas na parede e com os meus gritos, há de se

chegar à conclusão de que silêncio não combinava com aquele cara.

Depois de um tempo incalculável, Calvin decidiu mudar de posição. Movimentou as minhas

pernas, virando-me de frente. Vislumbrei o seu pau enorme por alguns instantes, completamente

extasiada. Estava vestido com um preservativo. Tive vontade de chupá-lo. Acho que o Calvin entendeu

o meu olhar guloso apontado para o seu sexo latejante. Deitou-se na cama ao meu lado e segurou os

meus cabelos, guiando-me até ele.

Pode me julgar, mas odeio sexo oral com camisinha. É a mesma coisa que chupar um picolé sem

retirar a embalagem. Bom, o fato é que não pensei em muita coisa; quando menos percebi já tinha me

livrado do preservativo e estava sentindo o gosto daquele homem. Ele tinha uma ponta rosada

deliciosa, e me lambuzei com ela de todas as formas que consegui.

Ouvia Calvin gemer e se contorcer, e isso só me incitava a continuar chupando com muita

vontade. Lambi as suas bolas e toda a extensão impressionante daquele monumento. No início, ele

deixou que eu fizesse o que queria (e fiz mesmo!), mas depois começou a ser tomado pela ansiedade,

agitando seu quadril contra a minha boca na maior rapidez.

– Essa boca faminta merece porra! – rosnou alto, agitando-se com ainda mais velocidade. Pensei

que Calvin gozaria, mas ele parou e me afastou depressa. Vestiu o preservativo de novo. – Mas eu

ainda não terminei de te foder.

O safado me puxou para si, fazendo-me ficar em cima dele. Abri as minhas pernas ao seu redor,

feliz por ter a chance de tocá-lo. Aproveitei a posição ao máximo. Enquanto cavalgava em cima

daquele pau delicioso, beijei-lhe a boca centenas de vezes, percorrendo as minhas mãos urgentes por

cada partícula do seu corpo firme e quente.

Calvin é muito afobado. Ele se erguia às vezes e puxava os meus cabelos, movimentando o

quadril embaixo de mim para me socar profundamente. Era delicioso – e em uma dessas vezes quase

gozei –, mas eu gostava mais quando voltava a se deitar por completo e eu retomava o controle do

movimento.

Seus olhos não largavam os meus por nada. Mantinham a mesma segurança e firmeza, mas ao

mesmo tempo exalavam suavidade, dedicação. Era estranho. Calvin era um grande mistério para mim.

Mas nada me impediu de viver aquele nosso momento com toda a intensidade.

Nossos corpos já estavam suados quando ele me empurrou para o lado, deitando-me na cama.

Não chegamos a nos desencaixar. Veio com o seu corpo enorme para cima de mim, investindo

pesadamente em um movimento de vai e vem profundo.

De todos os detalhes daquela loucura, achei aquele instante o mais intenso. Não sei se foi os seus

olhos grudados nos meus, a boca procurando pela minha o tempo todo, o seu pau achando o caminho

ideal para me fazer gozar ou a iluminação do quarto que estava tão perfeita que fazia o seu corpo –

incluindo aqueles olhos – provocar um efeito hipnotizante sobre mim.

Gozei tão intensamente e o encarando tão de perto que achei que estava flutuando. O teto do

meu quarto pareceu se iluminar como uma bola de fogo.

– Ah, Raissa... Que delícia! – Calvin gemeu e ofegou, acelerando bastante o ritmo. Parou quando

o meu êxtase foi embora. Ficou apenas me analisando. Senti seus braços tremerem.

De repente, ajoelhou-se na cama e retirou o preservativo. Não consegui entender nada durante

um segundo. No outro, um jato de sêmen atravessou a minha barriga e se perdeu nos meus seios.

Observei-o, estupefata. Calvin gritou o meu nome umas trezentas vezes enquanto me lambuzava

inteira do seu prazer.

O safado sorriu com malícia quando terminou. Deitou-se ao meu lado e me puxou para cima

dele. Obedeci. Estava acabada, arrasada, fodida, extasiada e um monte de adjetivos que acho que ainda

nem existem.

Calvin me beijou mais uma vez. Foi um beijo doce, muito suave.

– Ei, vizinha... Obrigado pela sobremesa. – Piscou um olho.

Faleci.

9

Um balde de água fria só é frio se a gente estiver colocando fé no aquecedor

Só entendi que havia adormecido quando acordei bem devagar. O meu quarto estava escuro e,

como a porta estava aberta, percebi que na verdade a casa inteira tinha ficado imersa na escuridão

total. Meio desnorteada, procurei o meu celular na cabeceira da cama. Eram oito e meia da noite.

Ainda era sábado.

Partes bem sugestivas do meu corpo começaram a latejar. O clima era frio, e a minha pele estava

grudenta. Estranhei a minha nudez completa. Lembranças dos momentos com o meu vizinho

invadiram a minha mente com efeito retardado (isso para não dizer que a retardada fui eu). Com o

coração iniciando uma série de batidas frenéticas, procurei-o pela minha cama. Só constatei o que já

sabia: eu estava sozinha.

– Calvin? – chamei. Não obtive respostas.

Soltei um longo suspiro. Não era para estar admirada. O meu vizinho era um safado, certamente

tinha mais o que fazer em uma noite de sábado. Mesmo assim, ainda me levantei da cama e o procurei

pela casa. Nada. A porta de saída estava fechada, mas não trancada. Suspirei novamente.

Tudo bem, eu tinha caído nas garras do safado do 105. A mágica havia acabado, bem como o

interesse dele. O meu também foi saciado. Sabia como ele era na cama (incrível) e como seria senti-lo

em mim (incrível), agora podia ficar em paz. Aquele momento foi necessário para ambos. Calvin me

queria, e eu também, não havia motivos para arrependimentos.

Transar com o meu vizinho tinha sido uma experiência e tanto. Pensava nisso enquanto tomava

um banho esperto, tocando as partes do meu corpo que foram tocadas por ele mais cedo. A sensação

de suas mãos me apertando ainda circulava pelo meu corpo como se fosse o meu sangue. Pudera, o

cara era avassalador. Eu não podia esperar nada diferente de uma foda deliciosa vindo dele.

E bem, a minha carência havia diminuído bastante (podia sentir que as teias de aranha já não

estavam mais na minha “aranha”), coisa que também não podia ser diferente. Não depois de vivenciar

aquelas emoções intensas e aqueles orgasmos profundos. No fim, senti-me na vantagem. O momento

com o meu vizinho safado-magia só me proporcionou o bem.

Coloquei um pijama confortável e parti para a cozinha, na intenção de assaltar a geladeira.

Morria de fome. O cara tinha me saciado de um jeito que nenhum alimento seria capaz de fazer, mas

me deixou com o estômago vazio e roncando alto (parecia que tinha um alien dentro de mim).

Abri a porta da geladeira e tive uma surpresa logo de cara. Havia um item que não devia estar lá:

uma travessa com um delicioso pudim de morango. Aquilo estava uma beleza! Sério, havia morangos,

chantilly e muita calda escorrendo. O alien quis abrir um buraco no meu estômago para deixar passar

uma mão, assim ele pegaria aquela delícia para devorá-la. Acabei fazendo isso por ele.

Um bilhete caiu nos meus pés, fazendo-me gritar de susto. Pensei que tinha sido uma barata.

Odeio baratas. Você não tem noção do quanto. Já cheguei a quebrar o dedo mindinho do meu pé

esquerdo tentando fugir de uma. Foi o maior pavor pelo qual já passei.

Deixei o pudim em cima da minha mesa (novinha em folha!) e peguei o bilhete, que na verdade

era um pedaço de papel arrancado de um caderno de brochura. A letra era feia pra burro, quase

ilegível. Tentei traduzir para o português:

“Fiz ontem. Ainda não provei, mas tudo que reúne chantilly e morango fica uma delícia. Só não

mais que a sua “feijoada”, claro. Amei cada partícula dela, Raissa. Queria estar sentindo o seu

cheiro de mulher gostosa neste instante, mas precisei ir trabalhar. Maior saco!

Pode ter certeza de que estou pensando em você agora. Quero que pense em mim enquanto come

esses morangos. Hummm... Na verdade quero te comer com esses morangos. Guarde um pra mim.

Calvin.”

Safado!

Ri sozinha durante muito tempo, parecia uma maluca. Peguei um prato rindo, encontrei uma

colher rindo e me servi do pudim rindo. Comi o primeiro morango e ri até chorar. Depois eu acho que

chorei de verdade quando o sabor do pudim se misturou na minha boca, e então percebi que a

sobremesa do sujeito estava para algo além da escala da perfeição.

– No quê que esse cara é ruim, meu Deus? – perguntei para o nada, e, percebendo que não

receberia uma resposta, desatei a rir.

Liguei as luzes da casa, admirando-a completa pela primeira vez. Não havia tido tempo de curtir

a minha sala nova. Observei o tapete felpudo e sorri. Depois, senti-me esquisita. Não era legal ficar

com ele. Sei lá, era estranho. Ser responsável, mesmo que provisoriamente, pelo tapete da mãe do

Calvin não me parecia uma boa ideia. Vai que ela estivesse assistindo àquilo tudo do além e não

tivesse gostando nada?

Acabei me sentando nele e pegando uma almofada em cima do sofá. Fiz um sinal da cruz.

– Sra. Klein, espero que sua alma esteja em paz. Vou cuidar do tapete, eu juro! – murmurei. – Do

seu filho também... – Fiz uma careta. Sério, eu sou muito idiota, e percebo que sou mais ainda

morando sozinha. Na verdade, acho que todo mundo é um pouco mais de si mesmo quando não tem

ninguém olhando.

Terminei de comer o pudim lentamente, com a maior pena de acabar. Tentaria me contentar só

com uma fatia (uma fatia bem grande, que mais pareciam três, mas eu podia chamar de uma, certo?).

Deixei o prato em cima da mesa de centro e me deitei de vez no tapete. Era tão confortável!

Tentei ver se tinha algum cheiro ruim – afinal, havia sido guardado durante anos –, porém nada senti

além de um odor que achei ser característico do material utilizado. Calvin devia guardá-lo bem até

demais, ou então, sabendo que eu tinha me mudado e na esperança de me presentear, tê-lo levado à

lavanderia durante a semana.

Revirei o bilhete do Calvin nos meus dedos. Li mais uma vez. Depois outra. E mais uma só para

conferir se tinha deixado de entender alguma coisa. Perdi as contas depois da décima vez. Fui

acordada apenas pelo meu celular, que tocava de um jeito estridente.

Corri até o quarto, quase tropeçando, e o peguei. Não vou mentir: a minha esperança maior

estava voltada a um homem lindo e alto, um moreno sedutor, dono do sorriso mais cafajeste que eu já

tinha visto na vida. Pensei que a ligação era dele. O que não fazia muito sentido, afinal, não me

lembro de ter lhe dado o meu número.

Atendi com a voz mais sexy do mundo, principalmente depois de ver que o número era

desconhecido.

– *Raissa?* – a voz era feminina. Fazia muito barulho ao fundo, parecia estar no meio de uma

festa.

Meu fogo no rabo se dissipou bem rápido.

– *É ela. Quem fala?*

– *Não reconhece a voz da sua prima? Fala sério, nega! É a Lilian! Estou numa festa de arromba*

aqui na casa daquele cara que você pegou... O loirinho fofo, do dente pra frente!

Fiz uma careta horrenda. Hã? Não entendi nadinha.

– *Quê?*

– *Uma festa, Rai! Só falta tu! Vem pra cá, agora! Está cheio de gatinhos! O loirinho já*

perguntou por você!

– *Que loirinho, Lilian?* – Balancei a cabeça. A minha prima não tinha jeito mesmo. Não era de

hoje que me ligava, chamando-me para festas malucas em que todo mundo ficava bêbado e caía na

piscina sem roupa no final. Conhecia um monte de filhinho de papai rico que se reunia com o único

objetivo de chamar mulheres gatas para se embebedarem junto com eles.

Já fui a uma. Arrependi-me para vida toda. Paguei o maior mico fazendo topless (não fui a

única, mas mesmo assim... Se aquele bando de mulher bêbada pulasse de uma ponte, eu tinha que

pular?), e a minha sorte havia sido o fato de todo mundo não ter se lembrado direito de quem tinha

tirado ou não a blusa. Pelo menos foi o que achei. Um pessoal tirou fotos e postou no *facebook*. Minha

irmã viu, meu irmão, idem (imagine a sensação de ter o seu irmão mais novo assistindo a uma coisa

dessas? Depois descobri que ele cobrava um real para os amigos lhe visitarem, na intenção de me

verem pessoalmente).

Meu pai precisou me chamar para uma “conversa” séria sobre o fato de eu estar usando drogas

ilícitas. Tentei lhe explicar que só havia bebido algumas doses de tequila, mas não adiantou. Passei

meses sendo vigiada (e proibida de frequentar qualquer tipo de festa), até que desistiram de pegar no

meu pé.

– *Aquele loirinho com cara de cavalo, primo do Igor! Eca!* – Igor era o ex-namorado dela. – *O*

cara deve estar malhando, Raissa! Só tem delícia aqui, garanto!

Cocei a minha cabeça.

– Você sabe que não vou mais a festas assim...

– *Affe, Raissa, não acredito! Pelo que soube, você está morando sozinha! Sua irmã que me disse!*

Aliás, nem pra me avisar, né? Tu és uma prima muito fuleira mesmo!

– Foi tudo muito rápido, Li – menti. Nem sabia direito o porquê de ainda não ter contado um

fato tão importante sobre mim para a minha prima, que naquele instante era a única coisa mais perto

de amiga que eu tinha. Sou um zero à esquerda quando se trata de amizade.

– *Só te perdoo se aparecer! Vou te dar o endereço.*

Minha prima começou a falar sem pausas o endereço da casa do sujeito. Era em um bairro nobre,

como previsto. Não o anotei em parte alguma, só memorizei. Conhecia aquela rua. Depois, era só

aguçar os ouvidos e escolher a casa que estivesse fazendo mais barulho. Isso, claro, se eu fosse.

– *Anotou?*

– Anotei. Mas ainda não sei se eu vou, Li...

– *Prima, acorda! Bebida de graça, gatos à vontade, música eletrônica... Cadê a velha Raissa?*

Nem eu sei onde havia enfiado a velha Raissa. Aquela certamente era uma versão nova. E, não

sei por que, mas me achei ainda mais diferente depois do sexo louco com o vizinho. Foi impossível

não lembrar aqueles dedos incríveis me estimulando. Soltei um suspiro.

Precisava esquecer aquela merda, e rápido. Já estava se tornando perigoso demais para o meu

gosto.

– A velha Raissa está aí em trinta minutos! – falei alto demais, tentando me empolgar. Lilian riu

feito uma louca (já estava bêbada, com certeza) e desligou na minha cara.

Não tive escolha. Abri o meu guarda-roupa (só meu!) e escolhi pelo básico: vestido preto de

tubinho e sapatos que me deixava tão alta quanto a Ana Hickmann (que fique claro que só teríamos a

altura em comum, nada mais). Fiz uma maquiagem composta por batom vermelho “perigueta”. Eu

tinha que ficar bonita, certo? Era o mínimo que eu podia fazer. Claro que não pegaria ninguém. Minha

cota de caras gatos já tinha estourado o limite do ano só naquela tarde.

Devo ter demorado mais que o normal, pois eram dez e meia quando estacionei o meu carro

quase em frente à casa mais barulhenta. Ouvi o “tuntz, tuntz” característico da música eletrônica, bem

como visualizei luzes rodopiando um jardim imenso que ficava logo após grades de ferro imensas que

trabalhavam como muro. A quantidade de carros estacionados por ali era enorme, de modo que me

achei uma sortuda por ter conseguido uma vaga tão perto.

Os portões estavam abertos, mas havia vários grupos de pessoas dispersos pelo jardim, e

também logo na entrada. Eu não conhecia uma alma sequer, só a Lilian. Atravessei os portões na

maior cara de pau, achando que em algum momento alguém me pararia e perguntaria quem eu era.

Não aconteceu. O máximo de atenção que consegui despertar veio por parte de alguns caras, que me

secaram com a cara de pau ainda maior que a minha.

Tentei equilibrar os meus saltos no caminho de pedra que ia até um terraço enorme, cheio de

gente interessante, bonita e cheirosa. Percebi isso assim que alcancei a multidão e inspirei

profundamente. Nem sinal da Lilian. Percorri o ambiente como se fosse a dona da casa.

Cheguei até uma porta enorme de madeira, que estava aberta, dando acesso à casa. Um luxo!

Nunca vi sala tão grande, parecia de novela. Havia gente se esfregando nos sofás, nas paredes, e até

em cima da mesa, mas ninguém parecia se importar. Lana Del Rey começou a cantar no exato

momento em que um cara gatinho surgiu com uma bandeja de bebidas. Eu nem sabia do que se

tratava, mas aceitei mesmo assim.

Um gole foi o bastante: era Martini. Entrei imediatamente no clima. Tudo bem, eu estava

sozinha em uma casa desconhecida, com um bando de gente que nunca vi mais bêbado, cantarolando

junto com a Lana e bebendo Martini falsificado (ou não). Bom, pelo menos a Lilian tinha razão.

Aquele lugar mais parecia um gatil.

Voltei para o amplo terraço, pois tinha mais gente lá (ou seja, menos chance de alguém

reconhecer a penetra que havia em mim). Passei pelas pessoas e até ensaiei alguns passos. Virei o

copo de Martini. Aquela era a velha Raissa. Ela ainda estava ali. Sempre amei festas, foi os meus pais

que me fizeram esquecer isso. Confesso que o trauma ainda existia, era a única explicação por estar

com o coração batendo tão depressa.

Visualizei a Lilian no canto esquerdo, perto de uma pilastra. Estava conversando com um

loirinho alto e muito bonitinho. Aproximei-me. Mesmo que não quisesse atrapalhar a minha prima,

não podia ficar em uma festa desconhecida por tanto tempo.

– E aí, Li! – Cheguei “chegando”, empurrando o seu ombro com o meu. A doida quase caiu no

chão. Sério, eu sou um desastre. Bom, pelo menos obriguei o cara a agarrá-la antes que caísse. Ponto

para mim.

Lilian se recuperou da queda e se virou na minha direção. Seu rosto se iluminou.

– RAISSA! AMIGA! QUE SAUDADE! – Sim, ela gritou de um jeito bem esganiçado. Se a festa

não tivesse me notado até então, creio que aconteceu naquele instante. Abraçou-me com força, quase

me derrubando também.

– Como estamos? – perguntei. Olhei o loirinho sem querer, e o reconheci imediatamente. Puta

merda, eu já tinha mesmo ficado com aquele cara! Foi numa festa organizada pelo ex da Li. – Ei!

Beleza?

– Beleza, Raissa... Quanto tempo, né? – Sorriu, mostrando os tais dentes de que lhe davam o

“aspecto equino”. Ok, só os dentes dele que eram estranhos. O resto até ia. Ele beijava bem. Quero

dizer, pelo que me lembre.

Lilian me largou e me observou atentamente.

– Mulher, que pele é essa? Você está linda! Depois me dá a marca da base!
– Tocou o meu rosto

suavemente. – Uau, preciso dessa maciez! Urgente!

Lilian sofria de espinhas fora de hora. As espinhas da coitada só apareciam em dias de festas, era

impressionante. Localizei uma na sua bochecha, devidamente disfarçada com corretivo. Ri por

instinto, percebendo o quanto estava com saudade daquela doida.

– Você também está linda, prima! – Admirei seu vestido cor-de-rosa. Caía muito bem com seus

cabelos castanho-claros longos. Não menti, ela estava mesmo encantadora.

– Já vi que conseguiu bebida! – gargalhou. – Não perde tempo, hein?

– O garçom ajudou muito! – gargalhei também, de um jeito cúmplice. Lilian riu ainda mais.

Percebi que o loirinho ficou meio desconcertado.

Confirmei o que imaginava dez minutos depois de ter encontrado a Lilian. A maldita logo deu

um jeito de se afastar, deixando-me sozinha com o sujeito. Era óbvio que ele queria um “repeteco”.

Veio se chegando cheio de ânsia, achando que eu entraria na dele facinho. Enganou-se. O mar não

estava para peixe naquela noite.

Comecei a dançar sem dar muita bola, apenas mantendo-me perto dele por educação (e um

pouquinho de pena também, coitado). O meu copo não parava vazio. Nem meus pés pararam quietos.

Adoro dançar. Sempre gostei, desde pequena. Pratiquei Ballet durante todo ensino fundamental, mas

parei no médio. Meio que enjoiei.

Devo ter dado muito na cara que não estava nem um pouco a fim de ficar com o loirinho, pois

quando menos percebi, ele já não estava ao meu lado. Nem sinal da Lilian, aquela cadela. Devia estar

latindo por aí, atrás de um cachorrão sarado. Ri de mim mesma e dos meus pensamentos. Estava

ficando meio alterada. Péssimo sinal.

O garçom veio com mais uma dose de Martini. Ele era tão bonitinho que acabou me

convencendo a encher o copo. Droga! Por que a minha carne tinha que ser tão fraca? Se eu fosse um

tantinho mais forte e controlada não teria dado bola para o meu vizinho safado.

Lembrei-me dele. Daquele sorriso sacana... Dos olhos escuros e profundos... Do toque... Ai, meu

Deus... Devo ter suspirado umas mil vezes no meio da pista de dança, sentindo-me perdida por causa

das lembranças fora de hora. Uma meleca geral!

Pensei em ir embora. Lilian jamais descobriria o meu paradeiro mesmo. Já tinha feito a minha

parte; apareci por lá, toda bonitona, como combinado. Provei que a velha Raissa ainda existia. Não

havia mais nada para fazer no meio de tanta gente desconhecida.

De repente, o terraço imenso da casa me trouxe uma sensação claustrofóbica. A ideia de ir para

casa se tornou ainda mais atrativa, por isso decidi acatá-la. Sequei o meu copo (desperdiçar para quê?)

e o deixei em cima de uma das caixas de som enormes instaladas no canto. Procurei o caminho de

pedras do jardim, mas não o encontrei.

Tomei a pior decisão da minha vida. Segui pela grama verdinha e bem cortada, enterrando os

meus saltos de um jeito que me fez andar como um ganso manco. Cruzei alguns arbustos e palmeiras.

Estava escuro por ali, mas conseguia visualizar o portão de saída mais adiante. Era a luz no fim do

túnel.

Arrependi-me de não ter procurado melhor o caminho de pedras. Devia estar bêbada, não tinha

outra explicação para a minha falta de senso. Continuei andando cambaleante, até que o meu salto se

enterrou de verdade na grama. Tipo, não consegui mais levantar o meu pé direito.

Olhei ao redor. Vi um casal se esfregando em uma palmeira logo adiante. Estavam quase se

comendo. Fora eles, ninguém por perto.

– Puta que pariu... – murmurei. Tentei levantar o meu pé, e nada. – Droga... Cacete...

Parei e suspirei fundo. Agachei-me, mesmo estando de vestido. Tinha consciência de que o meu

“lance” ia aparecer por inteiro. Tirei a fivela da sandália e liberei o meu pé. Fiz o mesmo com a outra,

sentindo verdadeira raiva de ter ido aquela festa. Devia estar em casa, entupindo-me de pudim de

morango. E esperando o safado chegar do trabalho para que cumprisse a sua promessa.

Não. Devia ter ido mesmo. Nada de engordar. E nada de ficar esperando pelo vizinho. Era

demais até para mim.

Puxei a sandália com a maior força que consegui reunir, e só então ela veio com tudo. Resultado:

caí sentada na grama.

– Mas é uma merda mesmo, viu? – falei alto demais.

Levantei-me o mais depressa que pude. Peguei as minhas sandálias e fui andando como se não

tivesse acontecido nada. Era o que tinha restado para a minha dignidade. Um segundo se passou e

fiquei pensando nos bichos que poderia estar pisando. Podia ter uma barata ali...

Dei passos mais largos, até que passei pelo casal desentupidor de pia. Eles não se pegavam mais,

o cara até tinha se distanciado. Ouvi uma gargalhada que foi capaz de me deixar toda arrepiada, da

cabeça aos pés. Tudo porque a reconheci.

Virei para trás.

Sério, a minha vida devia virar filme. Não acreditei quando vi nada mais nada menos que o

Calvin. Ele estava vestindo uma calça jeans preta e uma camisa lilás bem esportiva. Fiquei um tempão

o observando. Na verdade, passei tanto tempo analisando o modo como ele ria e gesticulava como um

doido. Às vezes tocava a mulher, que estava apoiada no tronco da palmeira. Devo ter me

transformado em uma delas, pois literalmente criei raízes.

Não sei como foi que aconteceu, mas depois de alguns segundos eles perceberam que não

estavam totalmente sozinhos. Calvin se virou na minha direção e parou de rir. Continuei no mesmo

lugar, com a mesma expressão e as mesmas sandálias sujas de grama nas mãos.

– Raissa? – Andou até mim lentamente, deixando a mulher sozinha. Era uma magra azeda com

cara de patricinha. Típico dele. – O que faz aqui?

Dei um passo para trás quando ele ficou perto demais.

– Uma prima é amiga do dono da casa – respondi sem emoção.

– Que bacana, amigos em comum! – Encarei-o. Estava rindo do mesmo modo sacana. Cínico.

Maldito. – Karen! – Virou-se para trás, chamando a vadia. – Vem cá, quero que conheça alguém.

Dei um passo para trás, mas estaquei. A mulher veio saltitando como uma galinha pintadinha, e

tive vontade de cavar o meu túmulo bem ali naquele jardim. Aqui jaz Raissa. Boa filha, péssima

amiga e vizinha otária.

– Esta é Raissa, a vizinha de que te falei! – Riu como se nada estivesse acontecendo. – Raissa,

Karen é a minha melhor amiga.

Não consegui deixar de fazer uma careta. Melhor amiga? Fala sério, né? Só podia ser uma piada.

Karen sorriu amplamente e ergueu uma mão, tocando-me o rosto. A minha careta ficou pior

ainda. Pensei que ela não podia ficar pior do que aquilo, mas me enganei. Quando Karen se inclinou

para me beijar bem perto da boca, tive certeza de que só podia estar imersa em um sonho.

– Ela é mesmo uma maravilha, Deli! Bem que você disse. Raissa, flor, foi um prazer te

conhecer! – Tocou os meus cabelos. – Vou pegar bebida pra gente!

Saiu do meu campo de visão em menos de dois segundos. Calvin continuou me olhando e

sorrindo como o canalha miserável que ele é. Soltei todo o ar dos meus pulmões.

– Deli?

Calvin gargalhou.

– Você não é a única a me apelidar. Karen me chama de Deli carinhosamente. Vem de “delícia”.

– Gargalhou ainda mais alto. Nem fiz questão de acompanhá-lo. Não tinha a menor graça.

– Beleza. Estou indo para casa. – Virei as costas e dei alguns passos. Calvin puxou a minha mão

com força, de modo que nossos corpos se chocaram. Segurou-me a cintura de jeito.

– Não tão rápido, vizinha – sussurrou do jeito rouco que me deixava louca. Desvencilhei-me de

seus braços, morta de raiva. Ele me largou, fazendo uma careta. – O que houve? Está chateada?

– Não, claro que não! Eu na maior inocência evitando ficar com um loirinho bem bonitinho

porque tinha transado loucamente com meu vizinho cafajeste hoje à tarde, e ele lá, na mesma festa,

agarrando uma de suas vadias. Estou me sentindo ótima! – Certo, sei que não devia fazer drama. Só

que não consigo ser tão cara de pau quanto ele.

Calvin ficou muito sério. Prendeu os lábios.

– Raissa... Eu pensei que soubesse que... que não somos nada. Só transamos.

Só transamos. Que maravilha! A culpa é toda minha, eu sei.

– Eu sei, Calvin. Sei perfeitamente. – Balancei a cabeça, aquiescendo.
Estava muito séria, e ele

também. Pelo menos isso. – Mas foi hoje. Será que não podia esperar vinte e quatro horas?

Desviou o rosto.

– Ela é mesmo uma amiga.

Ri com desdém.

– Eu vi.

– Olha, Raissa... Eu sou assim. A gente transou, e foi delicioso... Na verdade, não parei de pensar

em você. Foi... muito bom mesmo. Gostei de você em todos os sentidos, não tenho por que mentir

quanto a isso. – Até eu me assustei com a sua seriedade. – Mas eu sou assim.

– Um safado – concluí.

– É isso aí. A liberdade é tudo que tenho, Raissa. Eu a utilizo do jeito que quero. Não sou de

ninguém. Não *consigo* ser.

Aquiesci, começando a compreendê-lo. Eu também queria liberdade, não? Sabia perfeitamente

que transar com o vizinho não significaria nada. Nem para ele e nem para mim. Só fomos conduzidos

pelo desejo. Usamos a nossa liberdade ao nosso favor.

– Você tem razão, Calvin. Acho que... não sou acostumada a este tipo de coisa, mas te entendo. –

Dei de ombros. – Vou para casa, já estava indo.

– Está de carro? Eu te levo. – Segurou a minha mão. Não encontrei forças para me afastar.

– Estou de carro, sim. Relaxa. Divirta-se com a Karen-quenga.

Ele sorriu.

– Ela gostou de você. – Fiz uma careta. Calvin percebeu o meu estranhamento. – Karen também

gosta de liberdade, Raissa. Nós somos muito íntimos. Se um dia quiser se juntar a nós... – Seu sorriso

de malícia se intensificou.

Arfei. Sério, tentava fazer aquilo não me atingir, mas, bem lá no fundo, estava decepcionada. E

não soube dizer qual era o fundamento da minha decepção.

– Não, obrigada. Gosto de pênis.

Calvin gargalhou.

– Tenho amigos também. Se quiser...

Arregalei os olhos. Ele estava mesmo sugerindo aquilo? Um sanduíche de Raissa? Misericórdia

divina... Olhei para o céu e só pensei na Sra. Klein. A coitada devia estar desesperada lá no céu,

observando as safadezas infindáveis do filho querido.

– Gosto de um pênis por vez – completei. – Vou lá.

Virei as costas de novo, mas o Calvin correu até ficar na minha frente.

– Só para constar... Não sou mentiroso. Isso, nunca. Eu estava trabalhando. Acabei de chegar de

lá.

– Não importa... – Balancei os ombros.

– Ei, Raissa, importa sim. – Segurou o meu queixo. – Quero que confie em mim, sou seu

vizinho.

Aquiesci.

– Beleza. Agora, deixe-me ir.

Calvin me deu um selinho rápido. Não consegui me afastar. Eu estava tão atônita que nem me

dei o trabalho de sair do canto.

– Chego daqui a pouco, não demoro. Juro. Estou esgotado... E a culpa é sua.

Ri, mas sem sentir a menor graça. Fui andando em direção ao portão quando ouvi sua voz atrás

de mim:

– Gostou do pudim?

– O seu pudim tem uma bela consistência, vizinho! – respondi de volta, mas nem olhei para trás.

Sabia que ele estava sorrindo daquele jeito safado. E que estava secando a minha bunda.

10

Uma fogueira, uma parede e um verso de Clarice Lispector às vezes é tudo o que uma mulher precisa

para seguir em frente

Não posso dizer que não chorei, pois estarei mentindo. Devo ter derrubado uma ou duas lágrimas

durante a volta para casa, mas depois tomei a decisão de não me deixar abalar por uma coisa que eu já

sabia que ia acontecer. Estava na minha previsão do tempo interna. O que eu fiz foi a mesma coisa que

colocar a roupa no varal sabendo que ia chover. Sim, no mínimo, foi muita falta de inteligência.

Cheguei a minha casa me sentindo derrotada, parecia que tinha levado uma pisa. Abri a

geladeira, cheia de fome, e dei de cara com a porcaria do pudim de morango. Devo ter devorado umas

três fatias enormes. Só sei que comi como se não houvesse amanhã. Acredito que tenha chorado um

pouco mais enquanto devorava o pudim, não sei ao certo. Estava aérea. E um pouco alterada pelo

álcool também.

Era a primeira vez que eu chegava tão cedo e tão sóbria depois de uma festa como aquela. O

relógio do celular marcava uma e meia da manhã quando, depois de um banho, deitei na cama. A

mesma que guardava lembranças que eu queria esquecer. Foi impossível não me lembrar delas, mas

eu tentei ao máximo. Fiz de tudo.

Estava cada vez mais evidente para mim que estava precisando de um colo. Um tipo de consolo

silencioso que eu só conseguia receber da minha família. Nem sabia o quanto o olhar da minha mãe

faria falta. Nem o quanto a ausência do beijo de boa noite do meu pai doeria. Até mesmo a Sara e o

Guilherme rondaram os meus pensamentos. Descobri que estava morrendo de saudade de todo mundo.

O pior de tudo era que fazia apenas uma semana que tinha me mudado.

Depois de pensar um pouco mais, percebi que não passava de uma mulher mimada. Acredite, foi

um grande passo para o meu autoconhecimento. Sempre pensei que fosse uma mulher madura,

precocemente autosuficiente, mas pelo visto não passava de uma garotinha que não podia ver

problemas e já queria ser paparicada. Antes, eu sabia o tempo todo que teria braços quentes para me

consolar caso algo desse errado, contudo, naquele momento, não tinha mais nada além da minha

consciência e discernimento. Contava apenas com a maturidade, e acabei descobrindo que não era tão

grande quanto imaginei que fosse.

Fechei os olhos, saboreando o gostinho estranho de descobrir quem realmente sou. Sorri, porque

aquela era mais uma aprendizagem que só a solidão completa pôde me oferecer. É engraçado os meios

que a vida se utiliza para nos fazer crescer, isso para não dizer perfeito. Ver a minha história sendo

construída, perceber que estava aprendendo em uma semana coisas sobre mim que não descobri em

vinte e oito anos, só podia ser uma dádiva. Um presente dos céus.

Gosto de ver sempre o lado bom das coisas, e embora estivesse com o meu coração bem

apertadinho, coloquei na minha cabeça que todo aprendizado requer dor. Mudar de conceitos é um

processo amargo – afinal, ninguém quer descobrir que esteve errado –, imagina o de transformar o

autoconceito? Certamente dói demais. E é muito solitário.

Escutei a porta da casa do vizinho se abrindo. Permaneci quietinha, apenas analisando cada ruído

que Calvin fazia. Fechou porta, abriu, andou de um lado e do outro, abriu gavetas (eu acho), depois

sumiu. Deve ter ido tomar banho. Só sei que, depois de alguns minutos, percebi que estava bem atrás

de mim. Deitado em sua cama. Era estranho demais tê-lo tão perto e tão longe. Aquela parede

existente entre nós era mais grossa do que pude imaginar. Talvez ela deixasse atravessar os barulhos,

mas uma coisa muito importante sempre permaneceria do outro lado, distanciando-nos.

Não soube dizer se isso era bom ou ruim. Se uma parte de mim atravessasse e invadisse o lado

dele, estaria sendo uma Raissa que desconheço. Pior, seria uma Raissa que desprezo. Mas, se ele

viesses para o meu lado... Bom, isso é impossível. Pau que nasce torto (mija fora da bacia) morre torto.

Afinal, quais são as chances de um safado deixar de ser safado? O que o faria mudar?

Calvin era muito novo. Talvez mudasse com o tempo, quem sabe quando descobrisse que a

quantidade de pessoas com quem transa não é a mesma quantidade de amigos. Talvez quando

descobrisse que nem todo mundo se importa com ele de verdade. Talvez quando realmente se

apaixonasse. Ou sei lá, faço apenas suposições. A paixão é superestimada. Também não tenho amigos,

portanto ando meio descrente com relação a amizades. Nunca entendi direito como é contar com

alguém que não seja da família. Eu só me importo com eles, por que vou achar que outras pessoas se

importarão comigo?

A grande notícia é que talvez ele estivesse com a razão. Andar por aí vivendo a liberdade plena,

incluindo a sexual, podia ser o maior sinal de inteligência e maturidade. As pessoas se apegam as

outras com facilidade, e acabam se decepcionando. Veja só o meu caso, totalmente apegada a minha

família, descubro que sou uma mimada tardiamente e me encontro em um estado de decepção que

promete gerar muitos conflitos internos. Calvin não se apega a ninguém, nem mesmo parece estar

incomodado por ser órfão e ter o seu irmão morando em outro lugar. Resultado: ele anda sempre

sorrindo para o nada, com um bom humor de causar inveja.

Sério, meu cérebro já tinha dado um nó. Não sabia mais o que era certo ou errado, quando, de

repente, ouvi a voz dele.

– Raissa? – Foi um murmúrio facilmente escutado. Não ousei responder. Mesmo estando

completamente arrepiada com o seu timbre suave. – Raissa? Está dormindo?

Abri a boca. Pensei em responder, mas desisti. Ainda estava confusa. Decepcionada. Com a

derrota pairando sobre a minha cabeça.

– Deve estar dormindo... Sei que está aí, posso ouvir a sua respiração.

Tampe o nariz de propósito. Depois me arrependi, pois precisei soltar um resfolego. E aí

certamente comprovei a minha presença. E Calvin certamente entendeu que eu o estava ignorando de

propósito. Mesmo assim, não ousei dizer nada.

– Só queria te pedir desculpas. Às vezes penso que todas as pessoas são como eu, e acabo as

decepcionando. Não conheço outro tipo de vida além da minha, Raissa. Não conheço porque já gosto

desta.

Um nó subiu pela minha garganta.

– Pare de se justificar, Calvin, que droga! – falei alto demais, tomada pela raiva momentânea.

– Eu sabia que estava aí...

– Claro que estou. Esta é a minha casa agora.

– Que bom, vizinha! Acho que de agora em diante nunca mais vou me sentir sozinho. – Pude

visualizar o seu sorriso malicioso. Ele sorri com o timbre de voz.

Congelei. Como assim? Calvin Klein, o maior comedor de vadias do planeta, sentindo-se

sozinho? Conta outra história pra ver se eu durmo!

– É bem ao contrário. Seremos dois solitários.

Calvin ficou em silêncio.

– Está se sentindo sozinha? – perguntou por fim.

– Eu *estou* sozinha.

Mais silêncio. Pensei que o Sr. Klein tinha desistido de me importunar, mas me enganei. Acho

que estava procurando o que diria logo em seguida no *Google*.

– “Que a minha solidão me sirva de companhia. Que eu tenha a coragem de me enfrentar. Que eu

saiba ficar com o nada e, mesmo assim, me sentir como se estivesse plena de tudo”.

Arfei. Mudei de posição, ficando com a barriga para cima. Encarei o meu teto. Pedi para que

Calvin repetisse. Ele o fez, aos sussurros. Não consegui evitar: lágrimas vastas molharam o meu rosto

e se perderam no travesseiro. Reparando no meu silêncio, aquele safado de uma figa repetiu as frases

novamente. Abafei alguns soluços no lençol, não queria que ele descobrisse que eu estava chorando.

– Muito obrigada, vizinho – murmurei, com a voz meio embargada.

– Agradeça à Clarice Lispector. – Ele riu, e acabei o acompanhando. Enxuguei mais lágrimas.

– Fala a verdade, você está com o *Google* aberto.

Calvin gargalhou de verdade. Acompanhei-o.

– Não, não... Eu gosto de ler. Minha mãe tinha uma biblioteca. Ficava no lugar que agora é a sua

cozinha. – Congelei automaticamente. – Ainda tenho alguns livros e pensamentos... Na verdade, ela

tinha um caderno com algumas frases. Tem escrito na frente: para o meu filho... Ah, quase falei o meu

nome agora. – Riu.

– Por que não diz logo seu nome?

Ouvi um suspiro.

– Não sei, eu curti muito esse mistério.

– Sua amiguinha Karen-quenga sabe o seu nome?

Ele riu, provavelmente do apelido “carinhoso” que eu tinha colocado nela.

– Claro que sabe.

– Legal, então me deixe sem saber.

– Agora quero saber por que... Fiquei curioso.

Suspirei.

– Quero ser diferente de qualquer mulher que você já tenha conhecido – admiti. Depois, fechei

os olhos, absolutamente arrependida. Droga! Estava dando uma de dramática. E de sentimental. Desse

jeito só ia assustar o cara, ele não queria ninguém dando uma de mocinha em apuros para o seu lado. E

nem eu me prestaria a este papel medíocre.

– Você já é, Raissa... Mas por que quer ser diferente?

Minhas mãos começaram a tremer. Balancei a cabeça em negativa, e só depois descobri que ele

não podia me ver.

– Esquece, Calvin. Vamos dormir. Pretendo visitar os meus pais logo cedo.

– Ah... Hum... Tudo bem... – Achei que ele ficou estranho. Chegou a soltar alguns suspiros que

me deixaram fora de mim. Sério, parecia que ele estava assoprando bem no meu ouvido.

– O que foi?

– Nada. Vamos dormir. Boa noite, vizinha.

– Você não me disse o que tem no caderno da sua mãe.

– Ah, sim... “Para fulano de tal, mamãe já te ama sem ao menos saber a cor dos seus olhos. Não

vejo a hora de te segurar em meus braços”... Ela estava me esperando, acho que uns sete meses de

gestação.

Abafei um soluço. Calvin ficou em silêncio.

– Boa noite, vizinho – falei com a voz embargada. Ele não respondeu.

Cheguei a duas conclusões. A primeira foi que o meu vizinho era um homem safado, muito

safado mesmo. Bom, a essa eu já tinha chegado há muito tempo, mas só tive a noção geral do estrago

quando fiz a besteira de transar com ele. Saber que gostava de viver daquele modo podia ser um

motivo para me sentir aliviada. Afinal, não tinha nada de errado comigo. Não era uma questão pessoal,

era apenas uma questão de escolha por parte dele. Eu respeitaria a sua escolha da mesma maneira

como sempre quis que as pessoas respeitassem as minhas.

A segunda conclusão, que tirei depois de alguns minutos revirando na cama, era que aquele

maldito, canalha, cafajeste, cachorro... Aquele cara sorridente e bem humorado, lindo de morrer... me

fazia bem. E, sinceramente, não me importa se ele fode com o mundo todo. Vi nele alguém especial,

que tinha uma sensibilidade escondida em um local que eu queria alcançar, pois sei que me trará

surpresas, sejam elas boas ou ruins. Estou aqui para aprender tanto com a rotina quanto com as

surpresas, não é verdade?

Ficaria feliz em compartilhar as nossas noites separadas por uma parede. Seria como estar perto

de uma fogueira. Não podia encostar muito para não me queimar, mas se mantivesse uma distância

segura, conseguiria me aquecer sempre que quisesse.

Povoar a solidão é tarefa fácil para quem tem um monte de gente para amar

Saí de casa logo cedo e, pela respiração alta que escutei no meu quarto assim que despertei,

Calvin ainda estava dormindo. Dirigi até a casa dos meus pais. Não havia telefonado ou deixado

qualquer aviso, apenas achei que necessitava de um domingo em família, como todos os outros.

Talvez a sensação de normalidade fosse o meu melhor remédio.

Tive a certeza de ter feito a coisa certa quando encontrei os meus pais, a minha avó e os meus

irmãos sentados ao redor da mesa para o café da manhã. Eles quase não acreditaram quando me viram

(mamãe arregalou os olhos e a minha avó, que normalmente é bem lenta, ergueu-se da cadeira em

questão de segundos). A recepção foi calorosa. Os beijos e abraços vieram de todas as partes. Não

demorou muito até que a confusão foi instalada; todo mundo falando alto e de uma vez só. Eles jamais

mudariam.

Fui obrigada a narrar cada detalhe da minha semana. Claro que não falei nada sobre a loucura

com o Calvin, porém me percebi comentando sobre ele (também omiti o fato de o meu vizinho ser

muito do gostoso e igualmente safado) quando o papai perguntou se eu tinha feito alguma amizade no

bairro. Infelizmente, a ideia de todos irem me visitar foi levantada em algum momento. Precisei

enrolar, dizendo que não estava pronta para receber visitas, mas claro que ninguém me deu bola.

Marcaram um almoço para o sábado seguinte sem ao menos perguntarem se eu estaria disponível.

Bom, pelo menos havia sido um almoço. Calvin provavelmente sairia para o trabalho, e todos

iriam embora antes de escurecer. No fundo, eu não queria que ninguém o conhecesse. Seria muito

desconcertante. Minha família já era doida, visualizá-la em convivência pacífica com outro doido – ou

seja, o Calvin – não me passava pela cabeça. Tenho certeza de que se juntariam para falar sobre mim

daquele velho jeito chato de quem não tem o que comentar, então descubrem um assunto em comum

(que no caso seria eu) para falar as mais diversas besteiras. Uma merda completa.

Além de tudo, eu não queria que a minha irmã conhecesse o meu vizinho. Sara chega a ser pior

do que ele. Sério, a doida é muito safada. Tenho certeza de que se atiraria em cima do sujeito. Sabendo

que ele não é nada seletivo, com certeza daria em merda. E antes que ela fosse feita, eu não teria

coragem de contar para a Sara que ele já tinha “dona”. Quero dizer, não sou dona dele, mas a minha

irmã não pode ficar com um cara que fiquei e que por acaso é o meu vizinho, certo? Seria no mínimo

muito esquisito. Só de pensar nisso o meu estômago dava reviravoltas.

Passei o dia inteiro com eles. Almoçamos no quintal, como sempre, e depois cada qual foi

fazer o que mais gosta; Sara saiu com as amigas, Guilherme foi andar de skate (alegando que iria

jogar videogame no vizinho, mas eu o conheço muito bem), papai foi ler o jornal e mamãe foi à missa

com a vovó. Acabei indo com elas. Não me considero tão religiosa assim, mas gostava de ouvir a

Palavra às vezes. Sentia-me reconfortada durante toda a semana quando ia à missa aos domingos. E

foi assim que me senti quando saí de lá; acho que Deus abriu a minha mente e me disse para me

manter tranquila.

Pensei em voltar para casa, mas a minha mãe exigiu a minha presença no jantar. Ela é muito

mandona, vocês não fazem ideia. Na verdade, estava acostumada até demais a mandar em mim, só que

daquela vez fiquei porque quis.

Enquanto eu a ajudava a cozinhar, pensei muito sobre isso. Cheguei à conclusão que, no fundo, a

minha mãe sempre me mandou fazer o que precisei. Nem sempre foi o que eu quis, claro, mas essa é a

função das mães. Se eu não tivesse sido educada deste modo, certamente não saberia diferenciar o que

é bom ou ruim para mim. Ela havia cumprido com o seu dever muito bem. Um filho que não obedece

aos pais acaba desobedecendo às regras, às leis e à própria ética... A obediência, por mais chata que

seja, é um fator necessário para o bom desenvolvimento de qualquer um.

O jantar estava divino. Senti-me orgulhosa por ter ajudado a prepará-lo. Vovó ainda decidiu

fazer pudim de leite para a sobremesa, e claro que logo me lembrei do Calvin. A hora da divisão do

doce foi uma loucura. A discórdia era instalada na minha casa sempre que havia a presença de alguma

coisa muito gostosa para ser compartilhada. Isso jamais mudaria, pelo visto.

Depois que consegui me servir do pudim, tentei desvirtuar os meus pensamentos enquanto

lambia a minha própria colher, mas devo ser muito idiota mesmo. Definitivamente, havia mudado

muito.

Sara acabou percebendo o meu comportamento estranho.

– No quê está pensando enquanto lambe esta colher, Raissa? – perguntou assim, na maior cara de

pau.

– Sara! – Papai reclamou, olhando-a feio. Guilherme começou a gargalhar.

– Sempre amei doces – defendi-me, mas não consegui fingir normalidade. Meu rosto havia

superaquecido, e mamãe percebeu também. Ela ergueu uma sobrancelha e ficou me analisando.

Continuei comendo normalmente.

– Está de namorado novo, filha?

Sério, eu ia matar a Sara. Por que as irmãs mais novas sempre têm que falar merda pros seus

pais? Já não bastavam as inúmeras confusões nas quais tinha me metido por causa dela!

– Não, mãe.

– Raissa vai morrer enalhada – Guilherme comentou. – O último, aquele cara... o do cabelo

espetado... – Gesticulou, assanhando os cabelos lisos para cima. – Foi embora porque não aguentou as

“nóias” dela.

Obviamente, ele estava falando do meu ex-namorado.

– Guilherme! – Papai reclamou de novo.

Dei de ombros. Na verdade ele tinha ido embora porque achou uma loira dos olhos verdes e do

peitão, que provavelmente era melhor de cama do que eu. Nosso relacionamento era composto apenas

por muito sexo e zero diálogo. Quero dizer, não tinha como dialogar com o sujeito. Era bonito, sim,

mas igualmente burrinho.

– Ela só está esperando o rapaz correto. Não é mesmo, Rai? – Vovó era tão legal! – Para quê ter

pressa? Eu me casei com dezessete anos e me arrependo até hoje... – Parou e sorriu. Ela não gostava

de falar sobre o vovô. Ele era viciado em jogos e acho até que batia na coitada. Não sei bem a história

toda. Só sei que ele morreu há muito tempo, nem cheguei a conhecê-lo.

– Que nada, vó! Ela tem vinte e oito anos e está encalhada, daqui para que se case... Acho que

vai ficar para tia. – Sara observou a Clarinha, que estava sentada ao seu lado, em uma cadeira

especialmente para ela. A menininha comia o pudim com tanta concentração que nem ligava para o

que estávamos falando.

– Melhor do que ser mãe solteira – alfinetei em um resmungo. Encarei a minha irmã seriamente.

Ela me deu língua.

– Raissa! – Papai, como previsto, reclamou.

Sara fechou o bico e começou a limpar a boca da filha.

– Não fale assim com a sua irmã, Rai! – Mamãe veio defendê-la.
Difícilmente eu venceria

algum embate contra qualquer um dos meus irmãos na frente dos meus pais.

– Ela que começou. Não pretendo ter compromisso com ninguém por agora,
só isso. Estarei com

alguém assim que mudar de ideia. – Encarei o Guilherme. Ele riu com
ironia.

– Tá certo!

– É, Gui... Pelo menos não estou em um relacionamento sério com a minha
mão direita e com as

garotas da Playboy.

Ele congelou. Sorri. Mamãe olhou feio para ele.

– Ainda guarda aquelas revistas horrorosas, Guilherme? – Ela odiava
descobrir as artimanhas

que o meu irmão usava para ver pornografias. O computador dele já estava
com todos os sites

devidamente bloqueados. Coitado do garoto.

– Não!

– Claro que guarda, devem estar embaixo da cama. – Sara me ajudou. Sorri
mais amplamente. A

gente só se juntava de verdade quando era para ficar contra o Guilherme.

– Vou dar uma olhada nisso. – Papai fez uma careta para ele, balançando a
cabeça como se

sentisse verdadeira vergonha de ter um filho viciado em masturbação.

Guilherme ficou soltando fumaça pelas ventas, morrendo de raiva. Depois de um segundo, senti

pena dele. Eu não tinha feito aquela visita para me comportar do modo infantil como sempre me

comportava quando estava com a minha família. Precisava mostrar maturidade. Fazer jus à posição de

irmã e filha mais velha, que mora sozinha e é independente.

– Relaxa, papai. Ele vai fazer dezoito anos daqui a dois meses. Vamos mudar de assunto.

Guilherme me olhou de um jeito confuso, bem como a Sara e o meu pai. Não me importei.

Vovó sorriu e me serviu de mais pudim. Por um segundo, imaginei como seria ter o Calvin ao redor

daquela mesa, sorrindo do jeito sacana e fazendo comentários dúbios sobre tudo, incluindo a

sobremesa.

Deixei uma névoa densa chamada pensamento racional dissipar tudo o que a minha mente

perturbada tinha imaginado. Não era saudável pensar no meu vizinho fora de hora. Aliás, em hora

alguma isso era saudável.

O assunto foi devidamente desviado pela minha mãe. Tiraram-me da berlinda e colocaram a

Sara. Graças aos céus! O fato de a minha irmã não ter um emprego era preocupante para todo mundo,

menos para ela. Sara fazia pouco caso, alegando que não trabalharia em paz enquanto a Clara não

estivesse crescida. Todo mundo discordava daquilo, afinal, papai estava pagando um hotelzinho caro.

Sara deixava a Clara lá e passava o dia todo de fofoca com as amigas.

Sempre achei a minha irmã uma mimadinha de merda, mas daquela vez decidi ficar calada. Ela

só tinha vinte e um anos e duas vidas para tomar conta: a dela e a da minha sobrinha. A coitada não

tinha consciência nem para cuidar de si própria. Infelizmente, meus pais precisavam sentir um pouco

a educação diferenciada que deram para ela. Por mais que tivessem sido perfeitos comigo (dizendo-

me não quando era preciso), eles erraram feio com ela (dizendo-lhe sempre sim). Achei que eu era a

mais prejudicada na história, mas me enganei. Sara, agora, estava precisando de todos os “nãos” que

não havia recebido. Eu os dividi em prestações que duraram vinte e oito anos. Ela teria de pagar à

vista.

Deixei a casa dos meus pais com a alma renovada. Pronta para encarar mais uma semana de

trabalho. Também retirei do meu peito aquela sensação chata de solidão. Eu não estava sozinha, podia

contar com a minha família do mesmo jeito como sempre contei. Podia voltar a curtir a minha própria

companhia sem medo de ser uma pessoa solitária. Morar sozinha não significa estar sozinha.

Já era noite quando abri a portinha de madeira. O clima estava bem frio e seco, uma brisa

irritante soprava e me trazia arrepios. A casa dos meus pais era sempre tão aconchegante que nunca

sentia o frio que fazia lá fora, por isso foi uma surpresa comprovar que a noite seria uma daquelas que

eu nem ousaria ligar o ar-condicionado.

Liguei as luzes do jardim, mesmo já sendo tarde e ter visto as luzes da casa do Calvin acesas.

Gostava do aspecto que o jardim fornecia à noite, quando as luzinhas embutidas em pequenas grades

no chão faziam o seu serviço. Sentia-me em uma espécie de floresta encantada. Doideira, não? Enfim,

só sei que eu gostava de percorrer aquele trajeto até a minha humilde varanda.

Para a minha total surpresa, percebi que as rosas do vaso haviam sido renovadas de novo. Mas

isso não foi tudo. Além do de sempre, havia a presença de outro vaso, que era só um pouquinho maior.

Flores de uma coloração incrível fizeram os meus olhos brilharem.
Agachei-me para observar melhor.

Não entendo nada de flores, mas aquelas eram lindas. Mal consegui
identificar aquela cor, e depois de

um tempo acreditei que eram roxas.

Sorri. Passei alguns segundos sorrindo para elas, como se fossem capazes
de sorrir de volta.

Sentei-me no chão em algum momento. Cruzei as pernas em posição de
borboleta e coloquei a minha

bolsa no chão. Não soube dizer direito o que aconteceu, acho que estava
começando a admirar de

verdade as plantas e flores daquele jardim. Nunca fui uma pessoa ligada à
natureza (na verdade

sempre achei esquisito esse povo que ama as plantas como se fosse gente),
mas me senti conectada

com o ambiente, como se cada folhinha pudesse me compreender.

Estava muito absorta quando senti um trambolho ao meu lado. Levei muito
tempo para entender

que o Calvin tinha aparecido e se sentado. Encarei-o com ar confuso, depois
apenas sorri. Ele sorriu de

volta. Daquele jeito. Pensei que falaria alguma coisa, mas se manteve
calado também.

Tive tempo de sobra para observá-lo; estava usando calça de moletom preta
e uma camisa de

manga comprida branca. Parecia ser de um tecido bem grosso. Realmente, fazia muito frio. A minha

calça e o tênis trazia conforto às minhas pernas, porém meus braços expostos não paravam de se

arrepiar. Péssimo dia para escolher usar blusa de alcinha.

Abracei a mim mesma depois de uma rajada de vento forte. Calvin sorriu ainda mais e, do nada,

tirou a própria camisa. Ofereceu-me. Olhei-o torto, porém uma força interna me fez pegá-la sem

questionamentos. Vesti-a e me abracei, sentindo o cheiro dele quase me fazer surtar. A visão diante de

mim também não ajudava. Jamais me acostumaria com a beleza daquele homem.

– Qual é o nome dessa flor? – perguntei baixinho para não incomodar o silêncio. Toquei no vaso

novo, alisando as flores com carinho.

– Você tem mesmo problemas com nomes – Calvin também falou baixo. Sua voz foi capaz de

interferir no meu sistema nervoso. Resultado: meu coração acelerou de imediato.

– Não tenho problemas com nomes. Só que tudo tem um nome, e eu queria saber.

– Por quê?

Franzi a testa.

– O nome é a primeira coisa que a gente conhece de alguém ou de alguma coisa.

Calvin riu fraco. Alisou meus cabelos do mesmo jeito como eu estava fazendo com as flores.

Senti o meu couro cabeludo se arrepiar. Sério, a sensação foi esquisita, pensei que o meu cérebro

esmagaria o meu crânio, ou vice-versa.

– Quando a gente conhece o nome, pensamos que sabemos tudo sobre aquilo. Então nos

esquecemos ou ficamos com preguiça de saber o restante... – Seus dedos pararam nos meus lábios.

Senti um calor fora do comum tomar conta do meu corpo. Calvin olhou para as flores. – O que achou

delas?

– São lindas... Obrigada.

– E o quê mais?

Dei de ombros.

– São... Sei lá... Há algo nesta cor. Trazem uma sensação de alegria. Além de que são pequenas,

singelas... Ela também não tem perfume, mas isso não me pareceu ruim. É como se evitassem se

expor, mesmo que a cor faça isso por elas muito bem.

– Viu só? Se você soubesse o nome não se preocuparia em desvendar mais sobre elas.

Aquiesci, compreendendo totalmente o que ele queria dizer. Estava falando sobre si mesmo.

Sobre o fato de eu não saber o seu nome, e de isso não ser o mais importante.

Tive vontade de abraçá-lo. Nem tentei me conter, envolvi meus braços ao redor do seu pescoço e

depositei a minha cabeça em seu peito firme. Senti braços enormes me envolverem.

Calvin começou a sussurrar bem baixinho, fazendo seu hálito brincar com o topo da minha

cabeça:

– “A violeta é introvertida, e sua introspecção é profunda. Dizem que se esconde por modéstia.

Não é. Esconde-se para poder captar o próprio segredo. Seu quase-não-perfume é glória abafada, mas

exige da gente que o busque. Não grita nunca seu perfume. Violeta diz levezas que não se podem

dizer”.

Fechei os olhos, sentindo-me embalada pelas palavras. Sinceramente, não me passou pela cabeça

o que aquele homem estava tentando fazer comigo (e conseguindo que era uma beleza). Não parei para

raciocinar, e talvez este tenha sido o meu maior erro.

– São violetas? – Dã. Pergunta mais idiota impossível.

– Uhum.

– E as palavras?

– Dona Lispector.

Suspirei.

– Sua mãe gostava muito dela.

– Creio que sim. Eu também gosto.

– Acho que estou aprendendo a gostar. – Levantei um pouco a cabeça para observá-lo de perto.

Seus olhos escuros analisaram cada partícula do meu rosto, até que pararam na minha boca.

Calvin prendeu os lábios. Depois, sorriu sacanamente.

– Da Clarice ou de mim?

Continuei séria.

– Dos dois.

Calvin me soltou muito rapidamente. Ficou sério na velocidade da luz, olhando-me como se eu

fosse um E.T.. Levei uma espécie de susto com o seu movimento brusco, e só então percebi o quanto

estava dando uma de romântica.

Eu, hein? Onde já se viu?

– Não se preocupe, Calvin, eu sei até que ponto posso gostar de uma escritora morta e de um

vizinho safado. – Sorri.

Ele gargalhou. Acompanhei-o, sem opção. A verdade era que eu não fazia ideia do quanto podia

gostar dele (se é que podia gostar). Mas o coitado, que era avesso a compromisso (devia ter

desenvolvido uma espécie de alergia), não devia saber da minha capacidade de me perder dentro de

mim mesma.

– Só estava esperando você chegar. Agora que sei que está bem... Boa noite, Raissa.

Ele estava fugindo. Era notável. Até foi se levantando na maior correria. O clima estranho em

que entramos foi demais para ele. Não me surpreendi, pois havia sido esquisito até para mim.

Levantei-me também e abri a porta da minha casa. Nem o respondi. Calvin segurou a minha mão antes

que eu entrasse. Voltei a minha atenção para aqueles olhos escuros maravilhosos.

– Não vai me dizer boa noite?

– Vou. Assim que estivermos em nosso quarto.

Ele riu alto.

– Nosso?

– É. Afinal, o que é uma parede de gesso?

Pensou um pouco.

– Uma coisa chata que me impede de tirar a sua roupa todas as noites. Se é que você dorme de

roupa...

Eita, pau! Devo ter ficado da cor das flores novas com aquela frase. Calvin apenas riu. E por um

raio de segundo eu odiei tanto aquela parede que já cogitava pegar o meu martelo de carnes só para me

livrar dela.

– Hoje eu vou dormir só de calcinha. – Recuperei o meu fôlego e tentei entrar no jogo sacana

daquele cara... sacana.

Ele lambeu os lábios deliciosos, que imploravam por um beijo.

– Que cor? – É um safado mesmo!

Olhei para o chão. Sorri.

– Violeta.

Ouvi a sua gargalhada antes de fechar a porta praticamente na cara dele. Depositei o meu corpo

contra a porta, soltando um longo suspiro, e só então notei que ainda estava usando a sua camisa.

Pensei em devolvê-la, mas desisti. Já estava decidido: ia dormir de calcinha violeta e de camisa

branca quentinha, com o cheiro do meu vizinho delicioso, sensível e estupidamente cafajeste.

A ideia do martelo de carnes ainda estava fixa na minha cabeça.

12

Amizade não é troca de favores, tampouco é uma troca; amizade é uma espécie de amor incondicional

que não sinto por ninguém

A semana foi muito corrida, tudo por causa de um novo cliente, dono de uma empresa muito

famosa na cidade. Ele queria um sistema bem diferenciado para a melhoria dos processos, e precisei

quebrar a cabeça junto com os desenvolvedores. O meu chefe estava uma pilha de nervos, morrendo

de medo de que algo desse errado. A grana era tão preta que ele até me ofereceu uma bonificação

maravilhosa caso tudo ficasse nos conformes.

O meu dinheiro dava exatamente para tudo o que precisava pagar, mas a minha avó costumava

dizer que “abraço e bufunfa nunca são demais”. Fiz o possível para seguir cada recomendação do

chefe e dos programadores, estudando o projeto com afinco para conseguirmos liberar a tempo. Levei

trabalho para casa na segunda e na terça-feira. Na quarta e na quinta, fiquei diante da minha mesa até

quase dez horas da noite, pois percebi que ir para casa me atrasava muito, acabava perdendo tempo

preparando o jantar e dando uma arrumada no que estivesse bagunçado.

O nível do meu estresse estava cada vez mais alto, e a da minha paciência cada vez mais baixa.

Em nenhum dia da semana tinha visto o meu delicioso vizinho, e isso estava me incomodando (não

devia, mas estava). Dormia tão profundamente que não escutava a sua presença em “nosso” quarto.

Apenas pela manhã ouvia a sua respiração alta no meu pé do ouvido, e lhe dava um bom dia silencioso

antes de sair para o trabalho.

Pensando melhor, nossos horários desencontrados era uma sorte tremenda na minha vida. Eu não

podia suportar aquelas doses homeopáticas e embriagantes do Calvin, por isso decidi que o melhor

mesmo era seguir em frente sem pensar na ausência dele.

Meus sentimentos faziam uma luz vermelha de alerta ficar piscando o tempo todo. Sabia que

estava imersa em um mundo paralelo (quase estilo Matrix), em que coisas impossíveis podiam

acontecer. Coisas como o meu vizinho deixar de transar com as vadias gostosas, martelar a parede e

cumprir a promessa de tirar a minha roupa todas as noites.

Certo, eu não parava de pensar nisso, mas precisava.

Na quinta-feira, dia mais difícil, trabalhoso e estressante que já tive em meu trabalho, cheguei a

minha casa absolutamente mal-humorada. Acho que a TPM não ajudava em nada; meus nervos

estavam à flor da pele, meu ventre andava inchado, sentia-me gorda, feia e uma espinha do tamanho

de um tiranossauro havia nascido bem na minha bochecha direita.

Ignorei qualquer novidade na minha varanda (mentira, não ignorei, só não havia nada diferente

mesmo), entrei na minha querida casinha, joguei a bolsa no sofá, tirei os sapatos e me joguei no tapete

da Sra. Klein. Quero dizer, foi assim que comecei a chamá-lo. Não me lembro exatamente desde

quando. Não sabia o nome da mulher, então podia nomeá-la como quisesse, certo? Eu não conseguia

chamar aquele tapete de “meu tapete”, era demais para mim. Devo ser mesmo muito esquisita!

Fui tirando as minhas roupas e jogando-as no sofá acima de mim. Terminei de calcinha e sutiã,

soltando suspiros de irritação. Meu estômago roncava, pedindo algo delicioso (ou pelo menos

diferente da comida do refeitório da empresa), mas sabia que não teria ânimo, coragem ou destreza

para preparar alguma coisa realmente legal.

Ouvi a porta do vizinho ser aberta. Não sabia que o Calvin estava em casa, ainda era

relativamente cedo. Levantei-me depressa na esperança de vê-lo. Cheguei até a abrir a porta, mas me

lembrei de que tinha retirado as minhas roupas no último instante. Fui até a janela e a abri. Coloquei a

minha cara toda para fora.

Calvin estava vestindo apenas cueca e sandálias Havaianas. Reconheci a Karen-quenga com ele.

Trocaram algumas palavras e riram, depois ela segurou a cintura dele. Passou unhas enormes pintadas

de vermelho em sua pele, e então o Calvin se inclinou para beijá-la.

O meu cérebro não queria ver aquilo por mais nem um segundo, mas obriguei a mim mesma a

não perder nada. Tentei ficar atenta aos movimentos dele, e percebi que aquele beijo desentupidor de

pia era estranho. Eles usavam mais línguas do que lábios, na verdade acho que os lábios nem

chegavam a se encostar. Muito estranho.

Karen-quenga sorriu e deu as costas, caminhando decididamente até a portinha de madeira. Foi

embora sem olhar para trás, enquanto Calvin certamente analisava a bunda dela até se perder de vista.

Ele pareceu soltar o ar dos pulmões quando a vadia se foi, e logo deu alguns passos na direção do pé

de goiaba.

Continuei o observando silenciosamente. Sr. Klein tocou nas folhas com cuidado. Recolheu uma

goiaba madura (droga, a que eu estava de olho durante toda a semana) e deu uma mordida. Depois,

virou-se na direção da própria varanda. A anta aqui se esqueceu de sair da janela, por isso ele acabou

me descobrindo. Seu sorriso se iluminou, e veio até mim em passos lentos, com o corpo másculo

preenchendo a cueca de um jeito maravilhoso.

– Oi, sumida! Como estamos? – Parou bem na minha frente e se inclinou para me dar um beijo

na bochecha. Em cima mesmo da minha espinha jurássica.

– Estamos bem, na medida do possível. E você?

Calvin me observou com mais cuidado e notou que eu estava apenas de sutiã. Percebi que se

aproximou um pouco mais para observar o restante. Debrucei-me na janela, evitando a sua ousadia.

Ele riu.

– Estou ótimo... Raissa, quer me matar? – Sua voz saiu carregada pelo desejo, mas tentei

ignorá-la. Calvin se aproximou bastante de mim, de modo que seu peitoral nu quase grudou na minha

cara. Olhei para cima no último instante, e meu queixo o tocou.

– O que eu fiz?

– Abre a porta... – murmurou baixinho, com a voz ainda afetada. Meus braços começaram a

tremer de nervosismo. Olhos cativantes não desviaram dos meus. Achei que fosse morrer antes

mesmo de me decidir se abriria a porta ou não.

Balancei a cabeça em negativa.

– Tudo bem, não precisa. Afaste-se.

Calvin virou de lado e levantou uma perna, buscando apoio para se sentar na beirada da janela.

Afastei-me no impulso, quase sem acreditar no que o maluco estava fazendo. Ele passou primeiro uma

perna e depois a outra, concluindo seu serviço com um pulo curto. Em segundos, o meu vizinho

delícia tinha invadido a minha casa. A janela ampla não lhe trouxe dificuldade alguma.

Acompanhei os seus olhos atentos, que me analisaram dos pés a cabeça em uma lentidão

sufocante. Dei alguns passos para trás, mas parei. Não sabia para onde fugir. Nem mesmo se queria

fugir.

Tentei buscar algum motivo para não deixá-lo avançar, e o encontrei no mesmo instante. Amém!

– Aquela era a Karen-quenga? – perguntei e me sentei no sofá. Levei minhas pernas para cima e

a abracei, tentando proteger a minha nudez parcial.

Calvin pareceu ter saído do transe. Sorriu e se sentou ao meu lado, de um jeito bem largado.

– Era. Veio jantar comigo hoje. – Observou as minhas pernas expostas, e só depois olhou para

mim.

– Sei. Você não devia estar trabalhando?

– Estou de folga. Raissa, você quer me matar.

Fiz uma careta.

– Não tenho culpa se não se cansa nunca. Karen-quenga deve ser muito ruinzinha, viu?

Ele me olhou de um jeito confuso.

– Do que está falando?

– Dessa sua cara de jacu. Não basta transar com uma mulher por dia? Pelo amor de Deus, Calvin,

que mania feia de ser canalha! – Nem eu sabia que estava tão irritada.

Levantei-me do sofá e fui direto para cozinha. Estava morrendo de fome, acho que era o

estômago vazio que me fazia ficar ainda mais estressada. Abri a geladeira e constatei que não tinha

nada. Precisava fazer compras, mas havia ignorado o meu apetite durante aqueles quatro dias de muito

trabalho. Restos mortais do pudim de morango ainda estavam lá, quase no fim. Ignorei-os.

Fechei a geladeira e abri um armário. Tinha apenas uma caixa de sucrilhos sem açúcar. Droga!

Senti a aproximação do Calvin. Fechei os olhos e contei até dez.

– O que há contigo? – perguntou com interesse, mantendo uma distância segura.

– TPM. Das brabas.

Calvin gargalhou. Meu Deus, como ele conseguia manter o bom humor tão constante?

Continuei vasculhando o armário, mas nada interessante deu o ar da graça. Comecei a ficar

desesperada, e então fechei o armário com força e apoiei meus cotovelos na pia. Cobri o meu rosto

com as mãos, sentindo vontade de chorar.

Calvin chegou muito perto. Tomou a liberdade de passar sua mão ao longo da minha coluna. Não

pestanejei. O maldito, ganhando liberdade (dê tudo para um cara safado, menos liberdade, porque ele

vai aproveitar sem dó), veio por trás de mim, colando seu corpo grande no meu. As mãos pararam nos

meus ombros e apertaram.

– A gente não transou.

Bufei.

– Tá certo.

– Ei, Raissa... Já disse que não sou mentiroso.

– Não quero saber, Calvin. Tanto faz. – Ele me puxou para si, de modo que fui obrigada a me

reerguer. Minha cabeça foi apoiada em seu peito másculo, e então suas mãos percorreram a minha

cintura até parar nos meus seios, por cima do sutiã.

Sua boca encontrou o meu ouvido.

– Já jantou? – perguntou baixinho.

Balancei a cabeça e gemi. Foi um gemido estranho, que misturou a frustração por não ter nada

gostoso para comer com o prazer de ter algo realmente gostoso para comer, se é que me entende,

mesmo sabendo que não seria nada legal cair em tentação de novo.

– Vamos lá em casa, Raissa. Prometo que você só vai sair de lá quando estiver bem alimentada.

– Calvin e suas frases de duplo sentido. Senhor...

A proposta era irrecusável. Nenhuma parte de mim não quis que o Calvin me desse um trato

completo. Nem mesmo o pensamento sobre a Karen retirou a minha vontade de me deixar ser guiada.

– Promessa é dívida, Sr. Klein... – sussurrei com os olhos ainda fechados, concentrada em sentir

suas mãos navegando o meu corpo.

Calvin riu e fez o meu corpo girar. Parei de frente a ele. Seus braços apoiaram as minhas coxas,

erguendo-me até que eu me pendurasse completamente. Começou a andar como se o meu peso não

fizesse diferença alguma. Abriu a minha porta e seguimos até a casa dele em silêncio. Depositei o meu

rosto no seu ombro e deixei o meu cansaço ser jogado para bem longe de mim.

Eu disse que ele me fazia bem. Mais do que isso, Calvin estava disposto a me fazer bem. Não

sabia até quando isso seria possível, mas o futuro precisava ficar no lugar dele. Não podia trazê-lo

para o presente, do contrário viveria em uma espécie de inércia eterna.

Fui colocada em cima da sua mesa, a que ficava na cozinha. Ele ficou me olhando como se o

jantar fosse eu o tempo todo. Daria a minha vida para desvendar os seus pensamentos. Aqueles olhos

escuros guardavam coisas que eu não conseguia compreender, mas gostava muito. Era o tipo de

mistério que só me deixava ainda mais atraída.

– Fique aí, Raissa... Vou te servir de tudo o que você quer.

A promessa provocou espasmos em todo o meu corpo. Fiquei imediatamente quente, mesmo

estando frio lá fora.

– O que sabe sobre o que eu quero? – perguntei quase sem voz.

Calvin sorriu e se afastou devagar, seguindo até o fogão.

– Uma mulher de TPM quer as mesmas coisas. Não é tão difícil assim.

– Acho que você é o único homem que sabe lidar com uma mulher em estado de fúria.

Gargalhou alto enquanto pegava um prato dentro do armário. Não me respondeu nada, apenas foi

colocando a comida cheirosa dentro do prato, separando-a com uma dedicação impressionante. Não

soube identificar o que era, mas confiava até de olhos fechados nos dotes culinários daquele homem.

Uma dúvida irritante decidiu pousar sobre o meu consciente. Calvin veio com o prato e um garfo

nas mãos, parando bem diante de mim. Quando me viu, fez uma careta.

– O que foi, Raissa?

Suspirei.

– Por que não transou com ela? – Decidi ser bem direta. Não queria me importar, mas já me

importava com o relacionamento que ele tinha com sua melhor amiga.

Sou muito burra mesmo, sério.

– Dificilmente nós transamos sem a companhia de outra mulher, Raissa. Karen é lésbica. Sou o

único homem com quem ela consegue se relacionar mais intimamente. Eu a ajudo com algumas

mulheres que a princípio não são lésbicas.

Abri a boca involuntariamente. Tive a sensação de que estava vivendo em um mundo

desconhecido. Porque, sério, no meu mundo não existia esse negócio todo de juntar três pessoas (ou

mais, vai saber) para transar. A minha ideia de sexo é muito romântica, totalmente diferente daquilo.

Na verdade, o cenário todo me parecia grosseiro, desrespeitoso.

– Suas amizades são assim? Troca de favores sexuais?

Calvin fez uma careta bem séria. Nunca tinha visto aquela expressão nele, pareceu irritado.

– Claro que não. Ela veio aqui hoje... E não tivemos nada. Somos muito amigos. Isso vai além da

cama.

– Será?

Ele colocou o prato, que estava segurando até então, do meu lado. Ficou me observando durante

um tempão. Acho que pensava um pouco mais no que faria comigo. Pelo olhar ferino, não podia ser

algo muito bom. Estava visivelmente chateado.

– Desculpa, isso não é da minha conta.

Calvin aquiesceu devagar. Coçou a cabeça e voltou a pegar o prato. Pensei que não seria

possível, mas seu sorriso se fez presente de novo, como se nada tivesse acontecido. Uma parte de mim

quis saber se aquele tão famoso sorriso era verdadeiro mesmo.

– Eu não sei o que você quer de mim, Raissa. Temo que seja alguma coisa que não possa te dar.

Seria muito triste.

Ri com desdém. Pareci estar bem tranquila, mas a verdade é que suas palavras me abalaram

muito.

– Por que acha que quero algo de você? Acredito que se acostumou demais a barganhar amizade.

É por isso que não tenho amigos, não se pode esperar que alguém te dê conforto de graça.

Calvin juntou uma boa quantidade de comida no garfo. Encarou-me, ainda sério, e praticamente

enfiou o garfo na minha boca. Comi de um modo meio esquisito, mas logo a esquisitice deu lugar à

admiração. Estava uma delícia!

– Puta merda, que troço bom! O que é isso?

– Moranga com filé mignon. É basicamente um creme feito de abóbora com pedacinhos de filé.

Bom, né? – Sorriu amplamente. O papo sério pareceu ter se esvaído entre nossos dedos.

Calvin preencheu o garfo mais uma vez. Fez questão de me servir novamente. Senti-me uma

criança indefesa e incapaz de manejar a própria comida, mas a sensação não era ruim. Muito pelo

contrário, acho que o Calvin tinha razão sobre mim: gosto de ser paparicada.

– Divino! Fora do comum... Minha nossa, era tudo de que eu estava precisando. – Abri o bocão

quando ele veio com mais uma garfada. Rimos juntos do meu desespero.

Foi difícil me acostumar com a velocidade dele. Eu estava com tanta fome que devoraria aquilo

tudo em um segundo, mas Calvin era paciente e detalhista, queria que cada garfada estivesse com o

alimento bem distribuído. Além do creme de abóbora, havia arroz e batatas, que estavam igualmente

divinas.

Depois de um bom tempo, quando já estava quase no fim, ele resolveu cortar o silêncio que tinha

se formado entre nós:

– Não tem amigos?

– Não.

– Por quê?

– Sou péssima com amizades. – Percebi o seu rosto se contorcendo de um jeito engraçado.

– Não parece.

– Mas é. Acho que não acredito em amizade.

Sr. Klein juntou o resto da comida em uma só garfada e me ofereceu. Já me sentia devidamente

satisfeita.

– Bom, você me fez refletir sobre isso. Acho que tem razão, a gente sempre procura uma espécie

de retorno.

– Viu só?

Calvin colocou o prato sujo em cima da pia. Foi até a geladeira e remexeu algumas coisas.

Fiquei observando a sua bunda enorme e redonda. Por um segundo, quis descer dali e apertá-la como

se não houvesse amanhã (até imaginei ela fazendo um barulhinho tipo aqueles brinquedos de apito),

porém, quando estava quase tornando meus devaneios realidade, ele se ergueu e retirou uma torta

enorme de dentro da geladeira. Meus olhos brilharam.

– Esta é de prestígio. Fiz hoje de manhã.

– Você definitivamente sabe do que uma mulher de TPM precisa.

Ouvir a sua gargalhada foi só mais um item que compunha a capacidade que ele tinha de me

fazer bem. Ele pegou uma colher grande e um prato menor. Fatiou um pedaço enorme de torta e veio

na minha direção. Novamente, parou entre as minhas pernas.

– Raissa... – Brincou com a torta, imitando um aviãozinho. Ri de leve. – É sério, não estou

fazendo isso porque quero algo em troca. – Abri o bocão e me delicieei com aquela preciosidade

sambando na minha língua.

Meu Deus, tudo o que aquele cara fazia era perfeito!

– Sei o que você quer de mim, Calvin. Felizmente, posso te dar. – Encarei-o com malícia. Ele

fez a mesma cara sacana. Depois, começou a rir forte.

– Você melou a sua boca toda!

Comecei a rir junto, mas a situação piorou. Pedacinhos de torta voaram por toda parte. Ele riu

ainda mais alto e começou a tentar me limpar com o seu polegar. Seu rosto foi se aproximando

gradativamente, até que precisei parar de rir.

Seus olhos encararam a minha boca. Não tive tempo de raciocinar, sua boca urgente atirou

contra o alvo demarcado pelos seus olhos. Percebi a mim mesma envolvida em um beijo profundo,

repleto de línguas, lábios e tudo o que eu tinha direito. O sabor do prestígio foi dividido entre nossas

salivas, e o negócio ficou tão nojento quanto excitante. Não consegui mais parar.

Trouxe seu corpo ainda mais para perto quando lhe abracei com as minhas pernas. Minhas mãos

seguraram seus cabelos, e senti braços quentes tomarem a minha coluna com muita precisão. Sua boca

deixou a minha, mas não foi capaz de se afastar da minha pele. Uma língua áspera fez trajetos que

partiram do meu pescoço, fizeram parada no meu ouvido e foram descendo pelo meu colo.

O meu sutiã foi aberto em algum momento, e no seguinte já não estava mais em mim. Soltei um

gemido alto de prazer quando a mesma língua encontrou a ponta de um seio. Calvin parou o que

estava fazendo só para me observar.

– Raissa... Sinto que vou morrer a cada vez que geme assim. – Sua mão segurou a minha com

jeito, guiando-a até a sua cueca. Senti um volume impressionante entre os meus dedos. – Mas uma

parte de mim nasce como se fosse a primeira vez.

Respondi com um sorriso tímido. Minha respiração já se encontrava ofegante, bem como a dele.

Seu corpo quente voltou a tomar o meu, e a boca retornou ao início, onde tudo começou: na minha.

Calvin só se afastou para deixar claro o que faria, como se estivesse enumerando mais um item

do cardápio daquela noite:

– Agora, você vai comer os meus dedos, a minha língua e o meu pau, que quase morreu de

saudade da sua boceta molhada. – A voz saiu como a de um animal feroz no cio.

A única certeza que eu tive foi a de que tudo aquilo seria mais gostoso do que prestígio. Aliás,

por mais que o Calvin fosse um bom cozinheiro, nada do que preparasse se compararia ao sabor do seu

corpo feito para a luxúria possuindo o meu.

13

Não me lamento pelo que devia (ou não) fazer; sei as consequências das minhas escolhas

Não soube dizer o que significava aquela suavidade circulando pela minha língua. Calvin havia

iniciado um beijo selvagem, como o esperado, mas a voracidade foi diminuindo gradativamente. Os

lábios pareciam querer desistir de investir contra os meus, contudo permaneciam constantes, jamais se

distanciando. Minha pele ficou toda arrepiada. Juro, ele foi capaz de eriçar cada pelinho do meu corpo

apenas com um beijo suave.

Aquelas mãos grandes apoiaram a minha coluna como se eu fosse uma preciosidade. Foram

abaixando devagar, e me levando junto, porém de um jeito confortável. Não fiz esforço algum, estava

no estado de marionete que pelo visto ele sempre me faria ficar. Minhas costas sentiram a superfície

fria da mesa. Quero dizer, acho que era eu quem estava quente demais.

Calvin curvou o seu corpo grande e musculoso inteiro, fazendo com que as nossas bocas jamais

se afastassem. Senti sua ereção dura entre as minhas pernas, e o abracei ainda mais forte com elas.

Meus nervos à flor da pele me permitiram sentir absolutamente tudo o que aquele homem fazia

comigo; tomei consciência das suas mãos me tocando, da sua respiração ofegante contra o meu rosto,

do seu corpo inteiro encontrando o meu em diversos pontos. Era bastante informação para processar,

mas a minha mente fazia o possível para não deixar passar nada.

Entrei em uma espécie de frenesi. Nada fazia muito sentido. A luz da cozinha refletia o corpo

dele de um jeito fantástico. O cheiro de comida gostosa mesclado com o perfume masculino que ele

usava (que saudade daquele cheiro!) tirou o meu juízo, que há muito já não era grande coisa. Achei

que não fosse possível que o meu coração batesse mais forte que aquilo, mas aconteceu assim que os

seus dedos brincaram com as laterais da minha calcinha.

Era difícil acreditar que seria dele novamente, mas ao mesmo tempo não me surpreendia.

Acredito que, no fundo, sabia muito bem que não resistiria aos seus caprichos. Eu era uma fraca

quando o assunto era o Calvin. Não conseguia ficar chateada como deveria, não conseguia recuar e me

preservar de algo que certamente acabaria me machucando. Estava brincando com o fogo, sabia bem

disso, mas a vontade de me queimar nos braços do safado era mais forte que o meu instinto de

sobrevivência.

Fui despida lentamente. Apesar de não estar ouvindo nada além dos grilos lá fora e das nossas

respirações ofegantes, pude escutar alguma música muito erótica, lenta, profunda. Calvin parecia fazer

tudo no ritmo dela. Uma sintonia perfeita. Fechei os olhos e me entreguei à batida silenciosa do nosso

momento.

O safado se afastou só quando precisou erguer as minhas pernas para me livrar da calcinha. As

mãos continuavam comandando, firmes, precisas. De alguma forma, Calvin conhecia o jeito ideal de

me tocar. Não era áspero nem tampouco suave, só perfeito para me fazer entender que, naquele

instante, pertencia somente a ele.

Gemi quando sua boca encontrou os dedos dos meus pés. Não fazia ideia, até então, de que

acharia tão excitante um estímulo por ali. Mas foi (e muito!). Podia sentir seus lábios com os pés, a

maciez e a destreza da sua língua rodopiando cada dedo. Eu nem sabia se estavam tão limpos assim,

mas, pela sua paciência e falta de pressa, não parecia se importar nem um pouquinho.

Soltei um gemido, e ele parou na mesma hora. Abriu as minhas pernas lentamente, ainda

seguindo o ritmo da música invisível que nos envolvia. A cada centímetro que as minhas coxas

ficavam longe uma da outra, desvendava aquele homem incrível entre elas, como se fosse uma

cortina. Terminei completamente exposta e ofegante, morrendo por dentro ao analisá-lo por inteiro;

seu rosto afilado, misturando masculinidade e também certa inocência, talvez por ser novinho demais,

os olhos hipnotizantes devorando o meu corpo sobre a mesa, a boca presa de um jeito lindo, os braços

grandes se movimentando mediante as mãos acariciavam as minhas coxas, o peitoral arfando, o

abdômen rígido.

Foi impossível. Era muito fácil. Fácil demais o meu corpo se entregar para ele, ser dele. A

visão do paraíso me levou exatamente para lá, e embora soubesse que tudo poderia virar um inferno,

meu coração começou a bater acelerado, preenchendo meus instintos de algo além do tesão.

Sabia que não dava para voltar atrás. Fui atraída como um bichinho indefeso nas garras de um

animal selvagem, que sabe caçar como nenhum outro. As grades da armadilha se fecharam,

provocando um ruído grotesco que me fez entender que só um milagre me tiraria dali.

– Calvin... – gemi o único nome que conhecia daquele cara. Era difícil acreditar que alguém

que eu não tinha como nomear corretamente havia me atingido tanto.

Ele soltou os lábios, deixando a boca desenhada totalmente visível. Fechou os olhos e desviou

o rosto. Soltou um longo suspiro e voltou a abri-los, mas não me encarou. Percebi os seus instantes de

confusão, mas eles duraram muito pouco.

As mãos alisaram a parte interna das minhas coxas até se encontrarem bem no meio. Gemi

novamente. Eu era uma bomba de pavio curto, sabia que explodiria facilmente nas mãos dele. A

música ainda tocava quando ele, seguindo os passos exatos, começou a me estimular.

– Sua boceta é tão linda – murmurou, rouco. Os olhos ainda evitavam os meus. Encararam a

minha vagina e lá ficaram, até que sua boca atirou contra mim (ou ao meu favor). Gritei diante da

sensação sem igual. – E tão gostosa... – sussurrou entre as minhas pernas. O hálito quente se chocando

na minha pele sensível me fez gemer. Lambeu toda a minha extensão e parou. – Deliciosa... Estou

viciado, Raissa.

Muito safado. Muito, muito cafajeste. Eu não podia me esquecer disso. Precisava lembrar o

tempo todo, mas era difícil saber até qual era o meu nome quando a sua boca me estimulava. Ele tinha

razão, nomes não são importantes. Aquele desejo que inflamava o meu corpo inteiro parecia ter muito

mais valor.

Senti sua língua me torturando. Acompanhei cada trajeto que ela fez, assisti às minhas reações

como se fosse uma mera expectadora. Calvin sabia o que estava fazendo. Na verdade ele parecia saber

até mesmo o que eu estava sentindo. E só me fazia sentir cada vez mais, até que os meus espasmos

saíram totalmente do meu controle.

Suas mãos ainda tentaram me segurar, impedindo o meu ventre de se contorcer, mas nem a sua

força foi capaz de impedir o orgasmo intenso que irrompeu. Gritei muito alto. Pus para fora toda a

loucura que era estar com aquele homem.

Calvin só voltou a se erguer depois que tomou todo o meu gozo. Continuou evitando os meus

olhos, mas abriu a boca várias vezes para dizer alguma coisa enquanto seus dedos continuaram me

atijando. Eu estava tentando recuperar o ar, meu pulmão reclamava muito. Ergui os meus braços,

deixando-os estirados na mesa. Encarei o teto. Senti as mãos dele remexendo os meus seios. Soltei

mais um gemidinho.

– Raissa...

Encarei-o. Calvin se inclinou de lado e se abaixou um pouco. Estava tirando a própria cueca.

– Sim... – Só existia aquela palavra no meu vocabulário.

Ele se afastou um pouco e abriu uma gaveta. Pegou uma série de preservativos, com os

envelopes grudados um ao outro. Sorri. Quem guardaria camisinhas na gaveta da cozinha? O safado do

105, claro! Devia guardar pacotes como aqueles em cada compartimento de sua casa.

– Você vai gozar no meu pau até enjoar... – rosnou baixo, vestindo-se com um dos

preservativos que abriu. Ainda não me olhava. – E, quando enjoar, vai gozar de novo. E de novo... Não

vou parar, Raissa.

Sua promessa encheu o meu corpo de tesão, e o meu peito de uma ânsia que mal conseguiu ser

controlada. A música que nos envolvia mudou de gênero muito rapidamente. Bastou que suas mãos

puxassem a minha cintura com firmeza, buscando apoio. Senti seu pênis atijando a extensão da minha

vagina algumas vezes antes de me penetrar. Acho que vi estrelas.

Calvin abriu ainda mais as minhas pernas e retrocedeu lentamente uma única vez. Tornou a me

penetrar. O meu corpo estava tão relaxado e pronto para ele que não senti a dificuldade da primeira

vez. O segundo retrocesso foi rápido, bem como a próxima investida. Depois, devo ter perdido o

fôlego ou a consciência, porque seu movimento foi tão rápido que nem soube dizer como ele

consequia.

O pior de tudo era a constância. Os choques dos nossos corpos eram intensos, barulhentos, e

sentia o seu pênis me preenchendo daquele modo perfeito que já conhecia. A posição era

absolutamente confortável, de modo que só precisei fechar os olhos e gemer.

Calvin ergueu a minha perna direita e deixou a esquerda disposta na mesa. Apertou-me as coxas

e continuou se movimentando na maior velocidade.

A mesa de madeira pesada começou a se mexer perigosamente, pude ouvir o barulho de alguns

pratos e copos tilintando. O ruído de atrito no chão era diferente do que a cama fazia, mas também era

bem alto, estridente. Intensifiquei os meus gemidos. Espasmos tão rápidos quanto o Calvin cruzaram o

meu corpo.

– Ah, Raissa... – ouvi-o praticamente berrando. Estava fora de si, assim como eu. Ainda bem

que não era a única louca por ali. – Raissa... Raissa... – Repetiu o meu nome algumas vezes, de um

jeito selvagem. Gostava de ouvir sua boca me chamando. Era um convite ao orgasmo.

Seus dedos começaram a me estimular, mas nem precisava. Entrei no segundo êxtase depressa.

Segurei a beirada oposta da mesa, tentando controlar os espasmos. Minha coluna se desgrudou da

superfície. As mãos dele me empurraram de volta para ela, depois seguraram os meus seios com força.

A minha perna erguida desceu pela lateral. Seu corpo se projetou todo para frente.

Calvin voltou a me beijar, só que dessa vez sem nenhum resquício de suavidade. Seu quadril

ainda balançava com destreza na direção da minha vagina.

As mãos largaram os meus seios e prenderam o meu pescoço. Achei que fosse morrer sem ar.

Calvin puxou a minha cabeça, obrigando-me a ir de encontro à sua boca fervorosa. A língua guerreou

com a minha, e acho que ninguém saiu perdendo. Prendi minhas mãos nos seus pulsos, quase

implorando por um socorro. A falta de ar, por incrível que pareça, fez uma coisa louca acontecer com

o meu corpo, como se a ausência do olfato liberasse um sentido desconhecido por mim.

Não acreditei quando percebi que estava gozando novamente. Foi um orgasmo mais sutil, que

seria imperceptível se não tivesse feito questão de gritar alto. Calvin parou para me assistir. Minha

vagina vibrou ao redor do seu pau. Ouvi alguns gemidos vindos dele.

– Puta que pariu, Raissa... Você me deixa louco...

Eu o deixava louco? Fala sério. Depois de tudo o que tinha feito, ainda achava que a culpada

era eu?

– *Você* me deixa louca... – respondi aos sussurros.

Ele sorriu do velho jeito safado. Deu-me um selinho e depois voltou a se erguer, porém me

levou junto. Fiquei de pé, não me pergunte como. Acho que só consegui porque ele não me largou por

nada. Beijou a minha boca, voltando à doçura.

Estranho demais... Calvin não se decidia. Suas atitudes deviam ser calculadas para confundir

qualquer mulher. Bom, eu só era mais uma confusa nos braços dele.

Encarou-me fixamente quando se afastou. Abriu a boca. Fechou. Os olhos mudaram

completamente, transformando-se em fendas. Só então ele conseguiu falar, ou melhor, rosnar:

– Vou te comer por trás.

Girou o meu corpo (foi quase um passo de Ballet), empurrando-me na direção da mesa. Minha

barriga se chocou na superfície dela. Senti seus braços empurrando a minha coluna, tirando-me

qualquer chance de escapar. Não que eu quisesse, claro. Segurou as minhas mãos por trás das minhas

costas. Seu pau enorme tocou a minha bunda.

Minha bochecha foi imprensada contra a mesa também. Fechei os olhos e esperei. Ouvi a

música agitada e erótica prosseguir, sabendo que não seria poupada.
Realmente, não fui. Aquele

homem incrível não sabia o que era poupar. Calvin ergueu a minha perna
direita, fazendo-a se apoiar

na mesa. Fui invadida um segundo depois.

Os choques continuaram exatamente de onde pararam. As mãos firmes
seguraram as minhas

durante muito tempo, que usei apenas para sentir o seu corpo possuindo o
meu a toda velocidade.

Nada conseguiu ser processado pela minha mente além daquelas sensações
maravilhosas. Ser dele é

realmente muito bom. Não há comparativos. Sentia-me uma mulher
realizada em suas mãos, em seus

comandos. Nunca havia usado a minha liberdade para uma coisa tão
profunda.

Ouvi o barulho de um copo caindo no chão por causa do tremelique da
mesa, e então ele foi um

pouco mais devagar. Seu riso preencheu o ambiente. Algo dentro de mim
sabia que ele riria daquilo, e

que eu o acompanharia assim que fizesse. Foi o que aconteceu.

Calvin largou as minhas mãos e me puxou pelos ombros, fazendo-me
erguer, porém sem sair

daquela posição. Continuou me invadindo, porém cada vez mais devagar.
Uma mão tomou o meu

rosto, obrigando-me a observá-lo. Vi o seu sorriso cafajeste implantado em sua face suada e corada de

prazer. Mais uma vez, o meu coração encenou batidas estranhas para mim.

Calvin usou a outra mão para estimular o meu clitóris. A sensação foi tão concreta que entrei no

clímax em menos de dois minutos, derretida nos braços dele. Apoiei a minha cabeça no seu ombro e

apenas gemi. Gemi de todas as maneiras possíveis.

Tinha consciência dos nossos corpos suados (o dele pelo esforço, o meu pelos orgasmos), e isso

só era mais um item para a minha lista de coisas que me faziam perder o juízo. Abri os olhos quando o

êxtase foi embora. Ele estava me analisando fixamente. Morri diante daqueles olhos escuros tão perto

dos meus.

– Sinto vontade de te foder pra sempre toda vez que você goza, Raissa – falou com uma

seriedade que me espantou. – Seu gemido me enfeitiça.

Soltei um gemidinho de propósito. Ele prendeu os lábios e praticamente me empurrou de volta

para mesa. A violência do movimento foi completada com o retorno da velocidade máxima dos

choques. Gritei muito. Estava cansada. Não tinha mais fôlego, não havia coragem dentro de mim.

Sabia que não gozaria novamente, meu corpo estava muito satisfeito. Em contrapartida, querer que

aquele instante de entrega acabasse era tarefa impossível.

Após alguns minutos, quando achei que podia sim gozar de novo (impressionante como o Calvin

me fazia mudar de ideia tão depressa), ele parou tudo e me puxou com força.

– Vem que eu vou te dar na boquinha, gostosa! – berrou enquanto retirava o preservativo,

jogando-o longe, e me fazia agachar diante dele.

Juro que a minha cabeça deu um giro de trezentos e sessentas graus, de modo que não conseguia

entender mais nada. Acabei me ajoelhando no chão, meio desajeitada, e só deu tempo de ouvi-lo

gemendo alto o meu nome. Seu sêmen deixou o meu rosto absolutamente sujo.

Só percebi que Calvin quase arrancava os meus cabelos quando me soltou. Ergui a minha cabeça

e o encarei, estupefata. Ainda não sabia se estava sentindo nojo. Acho que não. Era mais surpresa

mesmo. Sabia que estava suja, mas aquele era o prazer que o seu corpo perfeito tinha fabricado só para

mim. Não podia renegá-lo.

Visualizei o seu sorriso canalha. Meu corpo reagiu daquele jeito estranho e novo, deixando-me

um pouco confusa. Sorri de volta e segurei o seu pênis. Ainda estava firme. Sem nada pensar, comecei

a chupá-lo. Senti o seu gosto na minha língua, e novamente o meu coração me traiu. Sabia que estava

perdida. O controle não me pertencia mais.

– Sua boca é muito gostosa, Raissa, mas eu acabei de te dar muita porra mesmo. Vem cá, deixa

eu te limpar...

Calvin me ergueu com cautela. Fechei os olhos e fiquei esperando. Não sabia como ele me

livraria daquilo, mas a minha dúvida foi sanada quando se aproximou de mim novamente. Abri os

olhos e percebi um pedaço grande de papel-toalha em suas mãos. Usou um bocado igual àquele em

meu rosto, tocando-me como se eu fosse um cristal (não dá pra entender esse cara!), e só assim tive

ideia do quanto ele realmente havia me presenteado.

Calvin jogou os papéis em um lixeiro e caminhou devagar de volta para mim. Deu-me um

selinho. Observou-me.

– Gostosa...

Sorri.

Suas mãos apoiaram a minha cintura e me fizeram sentar sobre a mesa de novo. Fiquei sem

entender. O que ele ainda queria? A resposta estava bem ao lado. Calvin pegou o prato com a fatia de

torta e um garfo. Separou um pedaço considerável.

Abri a boca quando me serviu. Saboreei a torta com muita vontade. Seria estranho se eu dissesse

que tinha voltado a ficar com fome? Acredite se quiser, por mim, jantava tudo de novo. E quando digo

tudo, é tudo mesmo. Seria um ciclo eterno.

– Eu gosto de você, Raissa – falou depois da terceira garfada. Não me olhou.

Guiiei meus dedos até o seu queixo. Fiz seus olhos encontrarem os meus. Sério, o meu maldito

coração só podia estar de brincadeira comigo. Não podia ser possível.

– Qual é, Calvin? O que você tem? Manda logo a real.

Ele abriu a boca. Arfou.

– Não quero te machucar, juro. Você é legal... Gosto mesmo de você. – Balançou a cabeça em

negativa. – Mas vai ser inevitável. Eu me conheço, Raissa.

Dei de ombros. Tentei não me abalar. Só tentei.

– Deixa disso! – Sorri. Abri o bocão, e ele me deu mais torta. Sorriu também, mas de um jeito

estranho. – Uma pessoa só pode ser magoada quando é iludida... Ela não espera pela mágoa, aí pum!

Acontece.

Calvin aquiesceu.

– Só peço que não se iluda. Eu não presto. Não sou para você. Não sou para ninguém assim...

especial como você.

Minhas veias viraram água gelada.

– Você também é especial, Calvin. Só não sabe disso ainda. Por isso que sai por aí vendendo os

seus valores.

– Não vendo nada. – Epa... Ele ficou realmente chateado.

– Tudo bem, digamos que oferece de graça. Tanto faz, dá na mesma. Você fica sem eles de todo

jeito.

Sr. Klein depositou o prato em cima da mesa. Encarou-me com chateação evidente. Culpei a

minha TPM.

– Só faço o que quero e o que gosto, Raissa. Sou livre. Eu não tenho mais nada... Perdi tudo! Só

sobrou a minha liberdade, e eu vou usá-la do jeito que quero. Nem você e nem ninguém tem o direito

de me julgar.

Ergui os braços.

– Ei, ei! Não quis te ofender. Calma... – Tentei tocá-lo, mas ele deu um passo para trás.

– É melhor você ir embora.

Olhei-o sem acreditar. Sério, a minha vida é uma piada. Deviam me contratar para a nova

temporada de Zorra Total.

– Sabe o que é melhor? Você crescer – proferi com firmeza, já queimando de ódio. Desci da

mesa. – Está na hora de agir como um homem, e não estou falando de sexo. Ser homem não é ser bom

de cama, Calvin. Se perdeu tudo, não é com essas amizades nada a ver que vai conseguir alguma coisa.

Vai viver, cara! – Empurrei-o de leve. Ele ainda me olhava com uma seriedade desconhecida. Seu

rosto ficou vermelho de raiva, toda direcionada para mim. – Vai atrás do que você quer de verdade! O

que está fazendo para sair da inércia? Um cozinheiro não pode lavar pratos para sempre, não é? Vai se

contentar com qualquer coisa, assim como se contenta com suas vadias? Aliás, nenhuma nunca te

contenta, já percebeu? Sabe por quê, Calvin? Porque você vale mais do que isso.

Nem percebi que já estava chorando. Sou mesmo patética.

– Você não me conhece. Não faz ideia.

– Lembre-se de que não sei seu nome. Talvez eu tenha descoberto muito mais sobre você do que

imagina.

Virei as costas e fui andando a passos largos. Ia embora daquele jeito mesmo: como vim ao

mundo. O jardim esconderia a minha nudez para quem estivesse passando na rua. Abri a porta da

frente da casa de Calvin. Sua mão me puxou, impedindo-me de partir.

– É melhor assim, Raissa.

Assenti.

– Sabia que você era safado, só não sabia que era tão covarde. Sua mãe deve estar muito infeliz

contigo.

Acho que consegui abalá-lo ainda mais.

– Você não tem o direito de...

– Não quero saber! Sabe por que magoa tanto as pessoas? Porque elas esperam que você seja

quem realmente é, Calvin. – gritei. – Vou estar bem ali ao lado, esperando o momento em que decida

parar de se esconder no meio de tanta canalhice.

Bati a porta na cara dele. Corri até a minha casa e tranquei tudo; portas, janelas, coração. Evitei

entrar no meu quarto, não ia adiantar prolongar a discussão. Joguei-me no tapete da Sra. Klein e

chorei.

Só me restava chorar mesmo.

14

Quando ambos estão arrependidos a culpa é somente de quem não cede primeiro, ou seja, a culpa é

minha

A minha sexta-feira foi uma meleca (tudo estava verde e pegajoso como uma). Primeiro

porque dormi no tapete. Claro, acordei toda quebrada. Meu pescoço voltou a doer, precisei até ingerir

um comprimido de anti-inflamatório. Tomei um banho rápido, não comi nada e mesmo assim me

atrasei quase meia hora. Meu chefe quase me engoliu. Havia muito a ser feito, qualquer atraso era

significativo.

Passei o dia todo sem conseguir trabalhar direito. Minha concentração era facilmente

desvirtuada; qualquer coisa se tornou motivo para pensar no Calvin. Não queria pensar nele, mas não

encontrei outra saída. Foi involuntário. Os pensamentos apareciam sem que eu fizesse esforço algum.

Todas as ideias que juntei se resumiram a uma grande conclusão: eu estava certa. Ele tinha sido

muito ridículo comigo. Tudo bem que o ofendi sem querer, mas foi o idiota que veio com aquele

papinho de que gosta de mim e não quer me fazer sofrer.

Dá licença, né? Não tenho paciência para isso. Se o Calvin ficasse calado e voltasse a transar

com as vadias, não me importaria (mentira cabeluda). Ok, seria melhor do que dar uma de coitado.

Esse papinho de “eu não sirvo para você” é uma palhaçada. Para mim o raciocínio é muito

lógico: se me comporto de um jeito que não me faz merecer certas coisas, simplesmente mudo de

atitude para fazer por onde merecê-las. Mas não, ele vive naquela ladainha, conformando-se em ser

safado como se fosse algo absolutamente imutável. Só pode ser preguiça, comodismo, má vontade... A

culpa de ser safado é só dele. Se gosta de ser assim, então para quê o draminha? Estava tentando se

desculpar por não ser quem eu queria que fosse? Conta outra!

Sou madura, apesar de tudo. Entrei na situação sabendo onde estava me metendo. Não estava

exigindo nada dele, muito menos um compromisso, coisa que não estava em meus planos para aquele

ano (talvez nem para aquela década).

De uma coisa eu tenho certeza: sou exatamente quem quero ser. Realizo cada um dos meus

sonhos com muita luta e determinação. Não fico olhando para a grama do vizinho, não espero nada

cair do céu, não me lamento pelo que ainda não consegui. Sou transparente, acredito nos meus valores,

tenho discernimento. E, sinceramente, não entendo como alguém pode dizer a frase “eu não presto”

com tanta convicção, como se fosse uma doença terminal que só dependesse da sorte para obter uma

cura. Deus me livre!

Ele era muito infantil. Precisava entender certas coisas, rever suas prioridades. A vida ia lhe dar

pancadas fortes cedo ou tarde se continuasse a agir assim. Tudo bem que deve ser difícil ser tão novo e

lindo, ter todas as mulheres que quiser, morar sozinho e não ter nenhum familiar com quem contar...

Calvin era bastante solitário. Sua sensibilidade não lhe deixava negar. Aquelas amizades (trocas de

favores sexuais) não preenchiam o vazio que só o amor familiar pode oferecer.

Por incrível que pareça, depois de muito xingar, praguejar e quase morrer de raiva, comecei a

sentir verdadeira pena do Calvin. Aconteceu perto do fim do expediente, quando o meu chefe já estava

tão indignado que simplesmente me mandou ir para casa mais cedo.
Aleguei estar sentindo cólicas

(uma desculpa que sempre funciona entre os homens; eles não sabem o que isso significa, mas

imaginam que você esteja praticamente tendo um aborto), pedi desculpas aos meus colegas e fui

embora.

Tentei não me sentir uma derrotada enquanto dirigia pela cidade. Parei de sentir arrependimento.

A noite anterior foi incrível, nem mesmo as palavras imbecis do meu vizinho safado foram capazes de

apagar as lembranças do nosso momento de entrega. Ainda podia sentir suas mãos me tocando. Meu

ventre gritava toda vez que me lembrava daquele corpo impressionante me possuindo.

Revivi cada instante. Cada detalhe.

Recebi uma ligação da minha mãe (quase derrubei o celular antes de atender, estava distraída).

Ela avisou que a família não poderia almoçar na minha casa nova no dia seguinte (eu nem me

lembrava daquele maldito almoço), pois vovó tinha amanhecido adoentada. Ninguém sai da minha

antiga casa enquanto um membro estiver doente, era a principal regra. Já perdi muitas festas porque o

Guilherme estava com febre, ou porque a Sara não parava de tossir.

Fiquei bastante preocupada com a minha vizinha querida, mas mamãe me tranquilizou,

avisando que era apenas uma gripe. Como se tratava de uma senhora de quase oitenta anos, carecia de

cuidados especiais. Concordei e avisei que faria uma visita quando ela estivesse um pouco melhor,

pois não queria incomodá-la. Sei bem que vovó era uma cabeça dura, ia querer cozinhar alguma coisa

para mim se me visse por lá.

Quando desliguei o celular, percebi que teria um fim de semana inteiro pela frente. Seria um

tédio completo, mas não era isso o que eu queria desde o princípio? Usaria cada segundo para cuidar

de mim. Ligaria o som bem alto e abriria uma garrafa de vinho. Cantaria como se não houvesse

amanhã, gozando da minha liberdade conquistada à duras penas.

Decidi passar em um supermercado, precisava fazer umas compras e renovar os meus kits de

cuidado pessoal: hidratantes, pinças, cera quente. Ia me renovar, estava precisando. A semana

exaustiva fez com que eu mal soubesse que tinha um corpo para ser prezado. Sempre gostei de me

cuidar, sou bastante vaidosa. Meu humor muda totalmente quando as minhas unhas não estão feitas.

Acredite se quiser.

Cheguei em casa perto das nove da noite. O trânsito da cidade estava caótico, a fila do

supermercado quase dava voltas, e precisei ter muita força de vontade para não sair correndo, gritando

feito uma louca. Abri a portinha de madeira e segui pelo jardim, parando apenas para, como sempre,

ligar as luzes.

Percebi o Calvin sentado no batente de sua varanda, olhando para o nada. Estranhei

completamente, afinal, ele devia estar no trabalho. Ainda era bem cedo para o expediente de alguém

que trabalha em um restaurante ter fim. Também era esquisito estar sozinho no escuro. No que será

que estava pensando?

De qualquer forma, desviei o rosto e prossegui. Estava disposta a dar uma ignorada até quando

pudesse. Sou péssima em dar gelo, pois normalmente não sei guardar rancor. Já não estava com raiva

– apesar de ter sentido quase o dia inteiro –, só meio chateada com o que havia nos acontecido. Foi

desnecessário.

Tudo poderia ter sido resolvido antes de virar aquela bola de neve.

Subi o degrau da minha varanda e senti um cheiro incrível. Estaquei na hora e olhei para baixo.

Havia um arranjo enorme e muito perfumado, ao lado das rosas vermelhas e da violeta. Daqui a pouco

ia precisar estufar a minha varanda de tantas flores que o Calvin me arranjava. O mais engraçado foi o

fato de aquelas flores novas serem da mesma cor das violetas. No entanto, exalavam um cheiro divino,

impossível de ser ignorado.

Curvei-me para observá-las, pois eram realmente muito bonitas. Alisei algumas delas, e só então

percebi um bilhete ao lado. Peguei-o, já sentindo o meu coração bater forte. Devo ter soltado uns

trezentos suspiros antes de ter a coragem necessária para lê-lo.

A letra horrorosa do Calvin estava lá, mas desta vez ele foi bem sucinto:

“Me perdoa?

C.”

O mesmo coração que batia acelerado se aqueceu instantaneamente. Fechei os olhos e soltei

mais um bocado de suspiros. Já não sabia mais o que pensar; o certo e o errado se embaralhavam

dentro do campo das minhas ideias. Acho que não existia um caminho fácil, por mais que estivesse

procurando por um.

Eu podia dar meia volta e ir falar com ele. Seria muito simples. Cheguei a descer o degrau da

minha varanda, mas desisti. Talvez Calvin estivesse precisando de um pouco mais de aprendizado.

Olha, a gente aprende muita coisa com o arrependimento. A dor faz a gente raciocinar de todas as

formas, até não ter mais opções. Não estaria dando a chance de que ele precisava se simplesmente o

perdoasse. Ele não mudaria nada. Ninguém muda de um dia para o outro.

Engoli a minha vontade de abraçá-lo e entrei em casa sem olhar para trás, mal sabendo que

aquele simples gesto significaria tanto para mim (e mais ainda para ele). A verdade foi que quase

morri de saudade. O fim de semana foi do jeito que planejei, mas percebi que todos os meus planos

estariam longe do meu real desejo só porque não o envolviam.

Depois daquele dia, não o vi mais. Sentia a sua presença no “nosso” quarto, e só. Ele não

conversava comigo sob nenhuma hipótese. Recebeu suas vadias em alguns dias da semana, e quis

morrer em cada um deles. Calvin tentou ser discreto (tentativas frustradas), mas o ruído involuntário

que fazia para tentar abafar os sons do sexo com as cadelas me deixava mais do que irritada. Eu ficava

triste. De verdade.

Como nunca pensei que fosse ficar por um homem.

Na quinta-feira percebi a sua presença pelo jardim. Estava aguardando as plantas como de costume.

Era de manhãzinha, e eu estava parecendo um zumbi porque decidi dormir na sala. O motivo você já

conhece. Desejei-lhe um bom dia fraco, que foi respondido com mais fraqueza ainda. Sua voz saiu

comedida, fria. Um tom que pensei que jamais fosse conhecer partindo dele.

Percebi que estava fazendo papel de idiota. Havia começado com a ideia do gelo para fazê-lo

refletir e mudar, mas Calvin se comportava do mesmo jeito. Aliás, ele estava bem pior, porque antes

ainda me tratava bem. Preferia mil vezes voltar a falar com ele, e ter a possibilidade de sair magoada,

a encarar a sua frieza para o meu lado.

Depois de muito raciocínio, compreendi que eu não tinha o poder de mudá-lo. Eu só era uma

vizinha chata que tinha comprado uma parte da casa que sempre foi dele há menos de um mês. Na

verdade, Calvin tinha motivos de sobra para me detestar (ou pelo menos a minha presença por ali), e

não o contrário.

Depois de uma sexta-feira vazia em que quase morri por ter tomado uma decisão equivocada,

decidi seguir o meu próprio conselho. Não podia esperar as coisas caírem do céu, não dava para me

acomodar e viver como se nada de mais estivesse acontecendo. Calvin já tinha me pedido desculpas.

Se eu quisesse mudar a situação, então a atitude devia partir de mim, e não dele (vai que eu desse

outro fora, né?).

Era a minha vez.

Pensei em alguma coisa legal o bastante. No início, nada conseguia se manter na minha mente

por mais de um minuto; descartava as ideias tão rápido quanto elas surgiam. Tudo me parecia uma

idiotice completa; as minhas atitudes, as atitudes dele... Parecíamos dois adolescentes emburrados

sem propósito. Só queria pôr um fim naquilo tudo.

A minha avó, que ainda não tinha melhorado da gripe (segundo a última ligação que eu tinha

feito), sempre dizia que há sentimento quando não há indiferença (ela sempre me dá conselhos

sentimentais, não ligue. Acho que foi a primeira a saber que eu não sou mais virgem, tipo, meus pais

ainda fingem que sou).

Mesmo distante, sabia que o Calvin não era indiferente a mim. Se fosse, não faria questão de me

manter tão longe. Ele é o tipo de cara que, quando não se importa, simplesmente age daquele jeito

safado considerado comum. Contudo, o seu comportamento estava muito longe do normal.

Pus a minha ideia (mediocre!) em ação no sábado de manhã. Calvin não estava pelo jardim,

procurei-o por toda parte. Dei uma espiada em sua janela e pude vê-lo preparando alguma coisa na

cozinha. Não estava com fones, e não dava para escutar música alguma, então supus que escutaria se

eu batesse na porta.

Passei alguns segundos observando o modo como revirava alguma coisa no fogão, parecendo

muito concentrado no que fazia. Ficava tão lindo e sexy cozinhando! Quase me esqueci do que tinha

ido fazer ali. Calvin tem esse efeito sobre mim; esqueço do mundo quando sei que estou perto dele.

Suspirei profundamente e voltei até a porta. Tomei ar e coragem, embora o segundo tenha sido

bem mais difícil de ser tragado. Dei batidas de leve e esperei. Fechei os olhos, e só os abri quando

ouvi a sua porta ser aberta.

Não sei explicar o que senti quando aqueles olhos me encararam novamente. Estavam serenos.

Misturavam o reconhecimento e o estranhamento; pareciam os mesmos, mas alguma coisa tinha

mudado. Tentei não prestar atenção em mais nada além deles. Sabia que Calvin usava apenas um short

simples de ficar em casa (que mais caía do que ficava em sua cintura), porém o seu corpo estupendo

só era uma casca que escondia o que estava em seu olhar.

Entreguei-o a caixinha em minhas mãos. E o bilhete também. As palavras foram estudadas,

selecionadas e escritas por mim. Calvin pegou, sem nada questionar, e foi logo abrindo o bilhete.

Estava muito sério. Até demais para o meu gosto.

Eu sabia de cor o que tinha escrito ali, mas foi incrível acompanhar a sua reação.

“Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença. Mas às vezes a saudade

é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser

o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida”. –

Clarice Lispector

Eu perdoo.

R.”

Primeiro Calvin riu. Começou de levinho, mas foi se intensificando. Meu coração precisou

abrir a sua porta para absorver aquele riso saudoso. Não me lembrava de ter sentido tanto conforto por

causa de um simples sorriso. A coisa ficou mais bizarra quando, ainda analisando seus olhos, percebi

que se encheram de lágrimas.

Tentei entender o que estava acontecendo, mas o Calvin começou a abrir a caixinha, ainda

rindo. Retirou de dentro o objeto que eu havia comprado na noite anterior: uma corrente de prata com

um pingente indicando a letra C. Ele começou a balançar a cabeça freneticamente.

– Como... Como? – sussurrou com ar confuso. Os olhos foram perdendo o brilho. Infelizmente,

ele deve ter feito um esforço para se recompor. Não sei como conseguiu.

Achei que seria melhor lhe explicar o porquê daquele presente.

– Não me importa qual é o seu nome. Eu quero o melhor do Calvin, meu vizinho safado do

105. – Sorriu, finalmente me olhando. – Não estou me iludindo, pois sei que você vale a pena. Não vou

deixar de ser sua amiga. Permita que eu sinta seu perfume e admire a sua cor... Como faço com

aquelas flores. Assim quem sabe possa te conhecer por inteiro... Sabe, as rosas têm espinhos, e não é

por isso que vou desistir de admirá-las. Respeito cada espinho, pois entendo que foi o modo que ela

escolheu para se proteger.

Calvin arfou alto. Colocou a corrente por cima da cabeça e a segurou com as mãos fechadas.

Continuou me olhando com bastante emoção. Mal consegui me mexer.

– Fala alguma coisa... – pedi.

Suspirou. Sorriu com malícia logo em seguida. Minha cabeça deu tilt.

– “Suponho que me entender não é uma questão de inteligência, e sim de sentir... De entrar em

contato... Ou toca, ou não toca”, tia Lispector – murmurou com a voz rouca.

Simplesmente me atirei nos braços dele. Já não precisava de muita coisa para me incentivar a

querer tocá-lo, com aquela frase então... Se for lhe tocando que eu o entenderia, então que se

preparasse.

Seu corpo seria o meu mais novo *touch screen*.

15

É muito raro conhecer mais do que a ponta do iceberg de alguém, porém estava disposta a mergulhar

bem fundo

Foi cena de novela. Juro que nunca imaginei viver uma loucura dessas; Calvin me puxou em

seus braços e nos beijamos com fervor, chocando nossos corpos contra a parede, atravessando os

cômodos de sua casa como dois selvagens. A saudade que eu sentia de seus lábios prometeu não ir

embora tão cedo. Só isso foi capaz de me deixar assustada, pois não me lembro de ter desejado alguém

com tanta intensidade.

Seguimos pela sala carimbando as paredes, caímos no sofá desajeitadamente, continuamos nos

beijando por lá até que o Calvin nos levantou – isso tudo sem desencostar nossos lábios – e, por fim,

entramos no que achei ser seu quarto. Não que eu tenha aberto os meus olhos para conferir. Só

descobri quando fui jogada em cima de uma cama macia, com o corpo maravilhoso daquele homem

sem ousar se desgrudar ao meu.

Abracei-o com as pernas e os braços, sentindo-o por inteiro. Foi maravilhoso. Não tem como

descrever o que senti quando me vi absolutamente enlaçada a ele. Desconheço qualquer palavra

apropriada para definir como o meu corpo reagia. Era mais ou menos do jeito que a Clarice havia

descrito: um dos sentimentos mais urgentes que se pode ter na vida. E a urgência também me

assustava.

Mesmo estando com um pouco de falta de ar, não queria findar aquele beijo que tinha iniciado

ainda na porta da frente. Calvin começou a me tocar com a desenvoltura já conhecida por mim. Era o

seu velho modo safado de tocar o corpo de uma mulher, misturando cuidado, dedicação e doses de

desejo. Confesso que não existiu um centímetro de mim que não quisesse receber aquele toque

cafajeste com toda a intensidade possível.

De repente, Calvin decidiu parar tudo (alguém deve ter clicado no *pause* diante da cena erótica,

porque não é possível, foi muito repentino). Desvencilhou-se dos meus braços e se deitou ao meu lado.

Só então abri os meus olhos, sentindo-me confusa e perdida. Encarei-o. Ele me pareceu tão confuso e

perdido quanto eu.

Soltei uma interrogação em forma de suspiro.

– Desculpa, Raissa... Sei que se importa com isso. É que... – Minha careta se intensificou. –

Aquela parada, sabe... Das vinte e quatro horas.

Fiquei o observando sem entender bulhufas, até que o meu cérebro retornou ao funcionamento

normal. Compreender o que ele estava tentando me dizer foi um baque terrível para mim. Preferia mil

vezes a ignorância, e cheguei a fazer uma careta grotesca, pronta para ir embora. Só depois que um

resquício de maturidade me fez ficar tranquila.

Calvin tinha transado com alguém em menos de vinte e quatro horas, e teve a decência de me

avisar. Era muito deprimente imaginá-lo com uma de suas vadias, mas eu via diante de mim uma

mudança. Uma pequena e significativa mudança. Ele podia muito bem ter omitido aquela informação.

E eu jamais saberia, pois realmente não tinha ouvido nada além de sua respiração na noite anterior.

– Calvin... – murmurei. O safado permaneceu com o rosto meio confuso. Não dava para ter a

mínima noção do que estava pensando, e achei melhor não saber mesmo. – Isso foi legal. Sério.

Ele sorriu. Sorri de volta.

– Tem certeza? Eu... Não acredito nisso. Quero muito... – Calei a sua boca com o meu dedo

indicador. Depois, dei-lhe um selinho demorado. Ele não reagiu, apenas recebeu a minha carícia.

O meu corpo foi tomado por um impulso louco, fazendo-me praticamente subir nele. Terminei

com as pernas ao redor da sua cintura, inclinada sobre o seu corpo divino. Separei nossos lábios, mas o

observei de muito perto. Calvin sorriu de leve.

– Obrigada por ter me avisado. Foi muito gentil. – Desci uma mão mais ousada até o volume

firme que demarcava o seu short. Calvin suspirou e balançou a cabeça, provavelmente sem acreditar

em si mesmo.

Decidi não ficar atijando. Depois de mais um selinho molhado, sentei-me na cama na direção

oposta à nossa parede compartilhada. Dei uma bela olhada em seu quarto. Era exatamente do tamanho

do meu, mas creio que seja a única coisa em comum.

– Então... Este é o seu quarto.

Levantei-me devagar e fui andando na direção de uma estante. Era enorme. Na verdade, tomava

uma parede inteira. Estava abarrotada de livros, e foi então que percebi que o seu quarto tinha um

cheiro característico de papel envelhecido mesclado com seu cheiro gostoso. De um modo geral, não

achei ruim.

– Sim. Agora, você pode tentar me conhecer. – Ouvi a sua risada gostosa. Meus nervos sentiram

todo o poder que ela tinha sobre mim.

Guiei as minhas mãos por alguns exemplares. Havia de tudo um pouco: enciclopédias,

romances, suspenses de Stephen King, um acervo imenso da Agatha Christie, livros de poesia e, claro,

muita coisa da Clarice Lispector. Havia os mesmos títulos dela em várias edições distintas. Fiquei

encantada com a variedade.

– Você é um metido – defini.

Calvin gargalhou, e foi impossível não acompanhá-lo. Virei-me na sua direção a fim de observar

o quarto como um todo. Passei alguns segundos admirando o seu corpo deitado lindamente na cama

desferrada, mas logo procurei me restabelecer.

Havia uma cômoda grande ao lado da cama, provavelmente local onde colocava suas roupas,

visto que não encontrei nada parecido com um guarda-roupa. Prateleiras exibiam carros em miniaturas

e alguns bonecos de super-heróis. Cocei a cabeça.

– E infantil. Acho que ainda está na puberdade. – Apontei para os bonecos. Calvin gargalhou

novamente.

O que acabei de falar foi comprovado ainda mais quando reparei na TV e no videogame com o

joystick bem posicionado no rack branco –mesma cor da cômoda e da estante –, sinal de que o

utilizava com frequência. O safado do 105 era um menino.

– Quantos anos você tem, afinal? Doze? – Ri, desta vez apontando para o videogame. Calvin

continuou gargalhando.

– Vinte e quatro, vizinha.

Bufei.

– Agora, sim, vou me sentir uma velha. – Sentei-me na beirada da cama, de costas para ele. –

Tenho vinte e oito.

Suas mãos massagearam a minha coluna antes mesmo de eu terminar a frase. Fechei os olhos, e

nem precisei me controlar muito para ter a minha pele arrepiada por completo.

– Ei, Raissa... Não confunda velhice com maturidade. Você é uma mulher madura, mas não há

nada velho em você.

Virei-me depressa e o puxei para mim. Seu rosto veio de encontro ao meu, e então lhe dei um

beijo rápido.

– Ok... Você é metido a intelectual, infantil, bagunceiro... Paciente... É, porque só um cara

paciente para conseguir colecionar tantos bonequinhos. – Gargalhou. Seu rosto estava tão perto do

meu que absorvi cada sopro de seu hálito quente. – Deixa eu ver o quê mais... Sua janela não tem

cortinas, então é um cara que gosta de acordar cedo, já que o sol bate bem deste lado... Eu me rendo,

não sei conhecer ninguém pelo quarto!

Gargalhamos juntos.

– Até que está indo bem... Vamos lá, continue.

Suspirei. Fechei os olhos.

– Você é muito sensível, Calvin. Os livros... As frases... As flores... Até mesmo o fato de

cozinhar mostra o quanto é sentimentalista. Cuida do nosso jardim muito bem. Uma pessoa que curte

coisas tão modestas só pode ser alguém humilde, de bem com a vida, mas muito solitária. – Calvin se

afastou um pouco para me observar melhor. O rosto foi tomado pela seriedade. – Você cozinha

sozinho... Cuida das plantas como se elas fossem suas companheiras. O videogame não me deixa

negar, só há um joystick ali. Não há um segundo play. Suas companhias não te acompanham no que

você gosta de fazer.

Ele prendeu os lábios.

– Claro que me acompanham no que eu gosto. – Sorriu sacanamente. Bufei.

– Certo, digamos que você gosta muito de sexo, mas isso não é tudo. Vai dizer que é?

Ponderou por alguns segundos.

– Não, mas está no topo da lista. – Aquele sorriso canalha me trazia reações opostas demais para

o meu gosto. – Não preciso de companhia para fazer o restante.

Aprimei o meu corpo para vê-lo totalmente de frente. Ambos estávamos sentados na cama, mas

ele tinha os pés em cima dela, enquanto os meus estavam para fora.

– Então é isso? Você não gosta de companhia? Suponho que a sua mão lhe serviria muito bem se

fosse o caso, não?

Ele riu bastante, mas não encontrei graça nenhuma naquilo. Por um instante, pensei em mim

mesma. Adoro ficar sozinha. Acho até que acabo afastando as pessoas por causa disso. Não tenho

companhia para fazer nada que gosto de fazer, e ultimamente não tenho feito tanta coisa além de

sobreviver.

No fundo, não era muito diferente do Calvin. Talvez ele até fosse melhor que eu, já que ainda faz

o que gosta nas horas livres. Eu só assisto a seriados, fico no computador... Não tenho talento para

nada.

– Só estou acostumado a ser sozinho, Raissa. Não acho ruim.

Fiz uma careta. Impossível não me identificar com o que falou.

– Conte-me mais.

– Não há nada para ser contado. – Abriu os braços, sinalizando para o quarto. – Este sou eu.

Encarei-o durante um tempão. Calvin nem se mexeu, sustentou o meu olhar com serenidade. Eu

ainda estava imersa nos pensamentos que diziam que tínhamos mais coisas em comum do que

imaginávamos.

– Pedi demissão – murmurou assim, do nada.

Arregalei os olhos ao máximo. Não consegui acreditar no que falou, achei até que tinha ouvido

errado.

– Sério?

– Sim... Sabe, Raissa, ouvi muito do que você me falou naquele... dia. Estava muito acomodado

com relação ao meu emprego. – Sorriu. – Não me olhe assim, foi o melhor a ser feito. Vou começar

em outro na segunda-feira. Vai ser mais puxado, mas pelo menos vou ser um dos cozinheiros, não um

mero lavador de pratos.

Carambolas! Nem se tivesse caído um meteoro de pegasus bem na minha cabeça eu não teria

ficado tão estupefata. Calvin continuou rindo enquanto me decidia se aquilo era um sonho ou

realidade. Não podia ter noção da importância das minhas palavras quando as joguei na cara daquele

homem. Foram mecânicas, movidas especialmente pela TPM.

– Conseguiu... algo tão rápido... assim? – Foi difícil até para falar.

Seu sorriso límpido se intensificou ainda mais.

– Muito rápido! Se soubesse que ia ser tão fácil, teria feito muito antes. Obrigado, Raissa.

Calvin me puxou pela nuca e me deu um beijo longo. A sua língua na minha era uma verdadeira

provocação. Não conseguia ficar quieta diante de tanta gostosura; simplesmente fiz nossos corpos se

colarem. Ele me apoiou pela cintura e me deitou lateralmente na cama. Seu corpo estava transversal

ao meu, mas as bocas trabalharam com muito afinco.

– Ah, Raissa... Não dá pra crer que a sua visita ao meu quarto foi apenas para verificar a minha

estante.

– Relaxa aí, bonitão. Espere as vinte e quatro horas para me mostrar o tamanho da sua estante.

Quem mandou? – Pisquei um olho.

Ele riu.

– Como você é malvada! Puta merda... Juro que vou contar cada segundo. –
Deu-me uma

sucessão de selinhos estalados. Comecei a rir, do nada, e ele riu muito também.

Sério, eu não fazia ideia do que era aquilo. Tentava encontrar um espaço para a razão (nem que

seja do tamanho de uma formiguinha cotó), porém nenhum me parecia sóbrio o suficiente para

infiltrá-la. Faltava alguma coisa importante dentro de mim, visto que a sensação de ausência não me

largava. Por outro lado, havia uma parte do meu ser que estava absolutamente completa.

– Ei... – Calvin sussurrou depois que findou mais um beijo mágico que foi capaz de me oferecer.

– Vou te mostrar uma coisa.

Ele andou até a estante e pegou um livro. Já sabia exatamente onde buscá-lo, o que me deixou

admirada. Deu-me um exemplar cor-de-rosa, de capa dura, porém sem nada escrito na frente.

– O que é? – Fui me sentando.

– O livro de pensamentos que a minha mãe deixou para mim. Não abra na primeira página, tem

meu nome nela.

Fiz uma careta para ele, sentindo as mãos vacilarem um pouco. Não sabia quanta carga

emocional existia naquele objeto. Sabia que era elevada por causa da seriedade com que Calvin me

observou.

Abri o livro bem no meio. As páginas eram todas brancas, mas havia recortes de frases retiradas

de jornais, revistas, livros... Enfim, eram recortes diferentes tanto na cor quanto na letra. Parecia uma

colcha de retalhos.

Aproximei o livro do meu rosto, observando uma das frases – a que me chamou mais atenção.

Comecei a ler em voz alta:

– “Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as

compreensões, eu amava. Não sabia que...

– “... somando as incompreensões é que se ama verdadeiramente”. – Calvin completou por mim.

Fiquei admirada quanto continuou, pois a frase que selecionei tinha terminado. – “Porque eu, só por

ter tido carinho, pensei que amar é fácil”.

Uau!

– Eu disse, não disse? Metido a intelectual de uma figa!

Gargalhou.

– Minha mãe adorava a Clarice. Aprendi a ler aos cinco anos, apenas tentando ler este livro.

Foi um processo muito demorado, mas decorei quase tudo.

Fiquei absolutamente surpresa.

– Tenho muitas coisas que foram dela. Esta estante inteira pertencia à biblioteca. – Apontou, e

depois alisou os lençóis. – Esta cama foi dos meus pais, onde provavelmente fui feito. – Riu.

E muito bem feito (ô, glória!).

– A biblioteca que era na minha cozinha?

– Exatamente. – Sentou-se ao meu lado na beirada da cama. – As coisas andam meio estranhas

desde que o meu pai morreu. Acho que ainda não me acostumei.

– Quando foi isso?

– Faz uns três anos. Éramos só ele e eu aqui nesta casa.

Puts!

– E o seu irmão?

Suspirou. Passou as mãos pelo rosto.

– É filho do primeiro casamento do meu pai. Um idiota. – Pareceu muito chateado de uma hora

para outra. – Não pensou duas vezes antes de se livrar de mais da metade dos móveis, pertences... O

otário não desistiu até vender a metade da casa, e algo me diz que não terminou por aí. Fiquei tão sem

chão que não tive forças para lutar por nada.

Comecei a alisá-lo carinhosamente. Devia ter sido uma barra das grandes. Imagine só, perder a

mãe logo quando nasceu e depois o pai, aos vinte e um anos? Nem tinha ideia de quanta dor aquele

coração batendo diante de mim sentiu.

– Sobre a casa, eu...

– Raissa, pare. Já disse que a casa é sua. Sinceramente, estou grato por ter sido você a comprá-

la. Sei que aquele lado está em boas mãos, isso é um alívio.

Ainda me sentia um pouco culpada. Sei lá, tudo era muito complicado. Não queria ter me

metido naquela rinha familiar, mas ao mesmo tempo fiquei contente porque o Calvin confiava em

mim.

– Seu pai não se casou de novo?

Balançou a cabeça.

– A morte da minha mãe meio que... acabou com o velho. Era um mulherengo completo.

Aí é que está a raiz da safadeza do Calvin. Vibrei internamente como se tivesse terminado a

combinação de um cubo mágico (nunca consegui essa proeza). Seu pai viuvo, e muito triste pela morte

da esposa, entregou-se à “raparigagem” e induziu o filho único a viver do mesmo modo. Dificilmente

Calvin aprenderia a viver outra vida que não aquela. Seu comportamento havia sido fruto de anos e

anos convivendo de perto com a putaria.

Eureca!

– Calvin... Você sabe que... – Levei um susto tremendo quando senti o meu celular vibrando no

bolso da minha calça. – Ai!

Ele se manteve em alerta, mas riu quando saquei o aparelho. Pedi licença e atendi sem ao

menos olhar quem estava me ligando. Era a Sara.

– *Rai? Onde está?*

Olhei ao redor.

– Em casa. O que foi, Sara? – Gesticulei com os lábios a palavra “irmã”. Calvin continuou

sorrindo.

– *Vovó foi internada* – disse com a voz embargada.

Pus-me de pé.

– O quê? Quando? Onde ela está? – Calvin se levantou também.

Meu coração quase saiu pela boca. Não tinha notado que a Sara estava com a voz chorosa.

– *Hoje. Ela... Teve uma parada respiratória, foi... Está aqui no hospital e eu não... Não sei,*

Rai, você precisa vir. Mamãe está louca!

Só percebi que eu estava chorando quando o Calvin começou a me olhar com seriedade e

ergueu uma mão para enxugar as minhas lágrimas.

– Em que hospital? – Olhei para ele e balancei a cabeça. O coitado estava confuso e ficando

todo vermelho.

Sara começou a choramingar o nome do hospital. Foi desesperador. Totalmente angustiante.

– Estou indo agora! – berrei e desliguei no mesmo instante. Olhei para o Calvin com ar de

desespero. – É a minha avó! Está no hospital... Preciso ir... Não sei o que aconteceu...

– Ei, calma. Eu te levo. Vamos logo.

Não consegui pestanejar. Fui praticamente arrastada pelo meu vizinho dedicado e carinhoso.

Definitivamente, estava apaixonada por aquele lado especial que pertencia a ele tanto quanto o lado

que eu odiava. Mas não tive tempo de pensar nisso.

Só queria saber da minha querida avó.

É engraçado seguir caminhos opostos e chegar ao exato lugar que você estava evitando o tempo todo

Calvin tinha colocado alguma coisa no forno quando cheguei a sua casa, e fiquei muito

surpresa por ele ter se lembrado de desligar tudo antes de sair (também colocou uma camiseta e

calçou chinelos). O meu desespero era tanto que só conseguia chorar sem pausas, pensando no quanto

podia ser grave o que estava acontecendo com a minha avó. Sara não havia me dado detalhe algum;

pudera, no estado em que nos encontrávamos, nem se ela quisesse me explicar eu iria entender.

Seguimos rapidamente no carro dele, que de fato era o Siena que vivia atrás do meu Sandero.

Calvin ficava murmurando o tempo todo para que eu tivesse calma. Não sei direito se funcionava,

acho que não. A minha avó era uma parte muito importante de mim mesma. Difícil imaginá-la doente,

mesmo sendo tão idosa. A gente nunca acha que alguma coisa mais séria pode acontecer com quem

amamos, é como se eles tivessem a obrigação de serem imortais. Eu realmente queria que fossem.

Desci do carro antes mesmo do Calvin arranjar uma vaga para estacionar. Atravessei o salão da

recepção e encontrei a Sara chorando em um canto, provavelmente me esperando chegar. Abracei-a

assim que nos encontramos. Ela chorou ainda mais alto.

– O que aconteceu, pelo amor de Deus? – choraminguei a pergunta, tentando ser forte diante da

minha irmã mais nova. Eu sempre via como sendo a minha obrigação ser mais firme do que ela, não

importando o que ocorresse.

– Ela quase morreu, Rai... Foi por muito pouco!

– Não, não diga isso...

– Teria ido embora se não tivéssemos a socorrido tão depressa! Ela está na UTI agora.

Ainda não tínhamos nos largado quando senti outros braços se aproximando de nós. Era a Lilian.

Abracei-a com bastante força.

– Como ela está? O que aconteceu, gente? – Sentia-me cada vez mais desesperada. Sabia que a

minha prima Lilian trabalhava aos sábados até o meio-dia, e se estava ali só significava uma coisa: o

estado de saúde da nossa avó era grave.

– Nós pensávamos que era uma gripe forte... – Sara tentou explicar, mas a voz chorosa quase não

me permitiu entender. – Estava tudo sob controle, mas... Hoje pela manhã, vovó começou a ficar roxa.

Resolvemos trazê-la ao hospital, mas a situação foi piorando no caminho...
Ela começou a suar frio,

até que desmaiou.

Levei uma mão à boca.

– O médico disse que ela está com pneumonia causada por uma bactéria –
completou Lilian.

Olhou feio para Sara em seguida. – Ela devia estar sendo tratada há um
tempo, assim evitaria o estágio

em que chegou.

Oh, minha nossa. Minha mãe certamente tinha inventado de medicá-la com
xarope e sopa

quente. Claro que não podia funcionar.

– Que estágio? – Solucei.

– A infecção piorou consideravelmente – continuou Li. – Vovó teve uma
parada respiratória que

quase gerou uma parada cardíaca. A sorte foi que seu coração continuou
batendo...

Solucei mais umas três vezes seguidas. Lilian começou a chorar, e Sara,
idem. Senti mãos

envolvendo a minha cintura; era o Calvin. Abracei-o e entrei no maior
berreiro. Nem acompanhei as

reações das meninas diante dele, mas ouvi sua voz falar baixinho:

– Sou o vizinho dela. Posso ajudar em alguma coisa?

– Não se pode fazer nada além de esperar a vovó reagir – disse Sara, aos prantos. Só depois que

olhou melhor para o Calvin. Esbugalhou os olhos. É, ele tem esse efeito. – Ela está em coma induzido,

para que a infecção seja tratada.

Solucei ainda mais alto, e as mãos do Calvin alisaram meus cabelos. Ele chegou a perguntar às

meninas o que de fato tinha acontecido, e elas explicaram novamente (meio que se esforcaram para

ter a chance de explicar e ganhar a atenção dele).

Fiquei inconsolável durante longos minutos, até que busquei um pouco de autocontrole. Tinha

de me manter firme; a minha família precisava de alguém positivista, e não de uma maluca chorona.

Separei-me do Calvin devagarzinho. Suspirei alto e enxuguei as minhas lágrimas. Ele arrumou

os meus cabelos para trás. Virei-me na direção das garotas, que ainda estavam inconsoláveis (e

chocadas com a beleza do meu vizinho).

– Cadê a mamãe? – perguntei.

– Na sala de espera do hospital. A família quase toda já está lá... – disse Lilian.

Fomos guiados (Calvin e eu... Quero dizer, ele não quis ir embora quando eu lhe agradei e

informei que ficaria bem) pelas meninas até a sala de espera. Realmente, a família em peso estava lá

(uma tia-avó, três tias, duas primas, um primo e um tio, que era o pai da Li). A minha avó era adorada

por todos, sem exceções. Depois de inúmeros cumprimentos emocionados, de um chororô absoluto e

de uma demonstração de desespero por parte da minha mãe, a poeira abaixou e ficamos sentados em

silêncio, esperando pelo nada.

Um médico se aproximou depois de tentarmos buscar mais informações, mas ele garantiu que a

única coisa que podia fazer era esperar pela reação diante dos medicamentos. Também nos contou que

vovó estava respirando com a ajuda de aparelhos.

Calvin chamou o doutor para uma conversa no canto do corredor oposto à sala de espera.

Ninguém viu, somente eu. Fiquei os observando com pesar, até que o Sr. Klein se aproximou de mim

lentamente.

– O que ele disse? – murmurei a pergunta. Calvin se sentou ao meu lado. Eu já estava com a

bunda dolorida e a coluna toda quebrada.

– Que tudo pode acontecer, Raissa. Sua avó pode reagir e ficar perfeitamente curada, mas a

infecção... Sabe, ela pode não resistir. – Seu semblante muito sério me angustiou ainda mais. Por outro

lado, fiquei contente por não ter me escondido a real situação.

Fiz uma careta de pura dor. Lágrimas involuntárias rolaram pelo meu rosto. Não tive coragem de

dizer aquilo a ninguém, e pedi para que ele não dissesse nada. Mamãe estava muito frágil, ainda sem

acreditar que havia sido tão desatenta. Pelo menos ninguém a culpou. Graças a Deus, éramos unidos o

suficiente para entendermos um ao outro.

A minha família achou que o Calvin era o meu namorado, mas não deram muita atenção. Nem

perguntaram o nome dele (ainda bem, pois eu não saberia responder). O Guilherme com certeza

falaria alguma coisa a respeito se estivesse ali, mas mamãe achou melhor deixá-lo em casa com o

papai.

Uma enfermeira sugeriu que fôssemos para casa, e realizássemos um esquema de escala para

que ninguém ficasse tão cansado. Só o tempo iria definir a situação da minha avó. Não havia muito a

ser feito.

Quase implorei para que a mamãe fosse para casa. Ela me obedeceu depois de muita relutância.

A mãe da Li, tia Valéria, ficou com a primeira escala junto com o meu tio. Havia tanta gente para

dividir os horários que fui praticamente descartada, já que trabalhava o dia todo e não podia ficar

faltando. O domingo foi logo preenchido pelas minhas outras tias.

Não queria ir embora, mas o Calvin acabou me convencendo. Ainda deixamos a Lilian em sua

residência, bem como outra tia minha que estava sem carro (dá pra imaginar o meu vizinho safado

dando carona para minha família?). As últimas horas foram bem surreais. Quase não podia acreditar

que tudo aquilo estava mesmo acontecendo.

Quando cruzamos o jardim da nossa casa (é estranho chamar duas casas de uma só?), Calvin me

apoiou pela cintura e me acompanhou até a minha varanda. Não falou nada. Peguei as chaves não sei

como e abri a porta, sem conseguir encontrar palavras para agradecê-lo por tudo. O que tinha feito por

mim não estava no gibi.

– Ei, vizinha... Você deve estar com fome. – Alisou a minha bochecha, e mais uma lágrima deve

ter lhe sujado a mão. – Tem suflê de batatas lá em casa, só vou deixar dourar mais um pouco. Trago

para você em um instante, tudo bem? Toma um banho e veste algo confortável.

Sorri. Minha nossa... Quem era aquele homem diante de mim?

– Já fez tanto por mim, Calvin... – murmurei com a voz rouca e chorosa. – Nem tenho como te

agradecer, é sério.

Ele sorriu daquele jeito safado, fazendo-me lembrar quem realmente ele era. Admiti o que a

minha razão tentava discordar: estava encantada pelo meu vizinho. Havia sido enfeitiçada em todos os

sentidos, mesmo sabendo que jamais daria certo.

– Quando... Quando eu ficava triste, costumava deitar no tapete da minha mãe. Sempre me trazia

conforto.

Franzi a testa.

– Você não o tinha guardado?

– Sim. Eu o guardava embaixo da minha cama, até que meu pai descobriu. Ele não gostava de

me ver deitado em um tapete cor-de-rosa. Dizia que era coisa de veado, e que não iria fazer bem para

uma criança de oito anos. – Riu de leve. – Meu pai era meio machista, coisa de gente antiga.

Abri a boca involuntariamente. Não sabia se tinha ficado surpresa por causa daquela nova

informação sobre o pai dele, sobre a sua atitude de buscar conforto em um mero tapete ou sobre o fato

de ter feito aquilo tantas vezes em um curto espaço de tempo, que nem acreditava que outra pessoa

pudesse fazê-lo e sentir a mesma coisa.

Sério, o tapete da Sr. Klein era incrível. Tinha me dado muito conforto desde que se instalou na

minha sala.

– Banho, suflê de batatas e tapete – sussurrei.

– Suflê de batatas no tapete... Eu trago.

Aquiesci.

– Almofadas e lençóis – completei com ar tristonho.

– E você beijando a minha boca. – Sorriu. Sorri um pouquinho.

A sensação que tive foi a de que estava perdendo uma pessoa e ganhando outra. Era uma troca

que não se fazia, obviamente, ninguém poderia substituir o lugar da minha avó. Mas sei lá, foi

esquisito. Senti-me muito triste, mas alegre. Desesperada, mas consolada. Um misto de emoções que o

meu peito nunca tinha sentido. A vida estava mexendo com os meus valores, com a minha paz...

Estava trocando lugares e remodelando uma existência que eu nem sabia que podia ser a minha.

Eu só queria que houvesse espaço para as duas pessoas. Afinal, uma delas era a grande mulher

da minha vida, alguém com quem sempre contei, alguém que amo incondicionalmente, acima de

qualquer coisa. A outra se tratava de um sentimento novo, nunca experimentado. De alguém que

começava a significar mais do que eu queria, que me despertava coisas inimagináveis.

Eu nunca trocava a primeira pela segunda, isso é um fato, mas não significa que não me traria

dor perder qualquer uma. A má notícia – a mais pessimista – vinha da compreensão de que uma

tragédia podia acontecer a qualquer instante, fazendo-me ficar sem nenhuma delas.

E aí eu não saberia o que fazer. Provavelmente seria o meu fim.

Estávamos saboreando o delicioso suflê de batatas feito pelo Calvin. Havia pedacinhos de

presunto e queijo dentro... Pense numa delícia! Abrimos uma garrafa de vinho (segundo ele, vinho

esquentava o corpo e a alma, trazia a sensação de conforto que eu estava precisando) e a tomamos

quase toda. A conversa foi mínima. Tentei comer sem chorar, mas toda vez que pensava na minha

vozinha, uma lágrima caía.

– Sabe, amanhã é domingo... – Calvin comentou em certo momento. Estava sentado com as

costas apoiadas no sofá e as pernas estiradas no tapete. Eu estava quase em cima dele, deitada sobre o

seu corpo. Um edredom nos cobria, visto que já estava escurecendo e a temperatura abaixava muito

rápido.

– É... Por quê?

– Meus almoços de domingo são sagrados. É estranho você só saber disso agora... Tentei te

convidar, mas alguma coisa sempre acontece.

Inclinei-me um pouco para observá-lo melhor.

– Do que está falando?

Calvin demorou um pouco para responder. Parecia bem pensativo.

– Meu pai trabalhava muito, Raissa, mas os domingos eram sempre meus. Pelo menos o almoço.

A gente fazia churrasco em nosso quintal... Desde que ele morreu, tenho mantido a tradição. É como

se ele ainda estivesse aqui.

Foi difícil processar a informação. Impressão minha ou o Calvin estava realmente disposto a se

abrir comigo? Parecia que havia aberto o livro da sua vida bem na minha frente, e eu estava lendo tudo

quase sem pausas.

– Espera aí... Quintal?

Ouvi seu riso gostoso.

– Nossa casa tem um quintal nos fundos, Raissa. – É sério que ele também estava se referindo

àquelas casas como sendo uma? E pior, como sendo nossa? – Só a porta de acesso que ficou

estrategicamente do meu lado.

– Sério? Poxa, não sabia... Estou surpresa.

– É... Olha, sei que está triste pela sua avó, mas eu estou cansado de fazer isso sozinho. É

deprimente. – Balancei a cabeça positivamente. Mil coisas se passaram pela minha cabeça na

velocidade da luz. – Como falei, quis te chamar antes, mas não deu. Agora que você além de minha

vizinha é minha amiga, pensei que podíamos... Ah, esquece.

Fiquei congelada diante da palavra amiga. É sério, produção? Depois de tantas emoções e trocas

de carícias, o cara ainda me colocava na *friend zone*?

– A gente pode fazer isso, Calvin. Não prometo ser um churrasco feliz, mas aceito o desafio. É

uma coisa muito legal que você faz em memória do seu pai, vai ser uma honra fazer parte. Assim

como é uma honra estar no tapete consolador da sua mãe... Enfim, é como se eu já fosse da família. –

Assim que concluí, achei que tinha aberto muito a minha boca.

Calvin apenas riu. Incrível... Seria humor negro? Estávamos imersos na melancolia pura, e ele

ainda conseguia rir?

Ficamos algum tempo em silêncio, até que uma dúvida me incomodou. Como sempre.

– Calvin... Por que não chama a Karen-quenga? Ela não é a sua melhor amiga?

O silêncio retornou. Achei que ele não me responderia.

– Se você não quiser, tudo bem. Eu entendo – disse, por fim.

– Não é isso. Só queria saber por que você...

– Troca de favores – cortou a minha frase na metade. – Você tinha razão, Raissa. Só tenho troca

de favores. Mas *preciso* disso. Gosto demais disso, não vai mudar.

Congelei.

– Tudo bem, não falei nada...

– O que quer de mim, Raissa? – perguntou de um jeito meio rabugento.

Sentei-me no tapete, afastando-me completamente dele. Encarei-o. Calvin estava muito sério.

Droga! Eu não podia de modo algum ameaçar a sua liberdade, do contrário ele ficava com aquela cara

de besta pro meu lado.

Maldita aversão a compromisso!

– Sou sua vizinha, e também sua amiga, não? Deixe de frescura, você troca os favores com quem

quiser. Combinado?

– Achei que estivesse combinado desde o início.

Puta que pariu. O que ele estava fazendo? Propondo relação aberta? Status de relacionamento do

Calvin Klein: comendo a minha vizinha na hora que eu quiser, e de quebra recebendo uns conselhos.

Parabéns, Raissa. Conseguiu chegar exatamente onde você não queria.

– Mas estava. – Nem acreditei que falei aquilo. Minha nossa... – Só estou reafirmando.

Calvin sorriu com malícia. Odiei-me por dentro.

– Beleza, vizinha. Vem cá, está frio aqui. – Puxou-me de volta. Claro que fui. Fazer o quê?

Também estava com frio.

Status de relacionamento da Raissa: alugando a vagina para o vizinho safado temporariamente, e

de quebra comendo pratos deliciosos.

Aquela merda era uma troca de favores do mesmo modo! Argh!

17

Começo a achar que estamos trocando muito mais do que meros favores

Devo ter dormido em algum momento. A última coisa que me lembro foi de ter o corpo do

Calvin embaixo do meu; sua pele quente e as mãos macias me acalentando, tentando amenizar a

angústia que se instalava no meu peito. Confesso que facilitou muito. Não conseguia sequer imaginar

como aquela noite seria se o meu vizinho não estivesse comigo.

Minha cabeça pilhada havia desistido de raciocinar em demasia. Ia explodir se continuasse

juntando os meus problemas, sentindo a força deles sem uma separação sóbria. Vovó sempre dizia que

todo problema tinha solução, desde que ele fosse tratado como único. Achei que era a minha obrigação

acatar seus bons conselhos (não que em algum dia eu a tenha desobedecido ou duvidado de suas

palavras, sou a neta mais boazinha do mundo).

O mais incrível foi quando acordei e, um pouco assustada, descobri que o Calvin estava ao meu

lado na minha cama, dormindo calmamente (usando short e a camisa branca de manga comprida que

pertencia a ele e vivia em cima do meu travesseiro). Ainda dividíamos o edredom.

Fiquei o observando durante longos minutos. Cada detalhe seu foi minuciosamente analisado, e

a minha conclusão gerou um sorriso diferenciado instalado em meu rosto. Sentindo-me perdida,

comecei a me mexer um pouquinho. Queria acordá-lo. Embora estivesse com pena, uma olhada no

relógio me fez ver que já eram quase onze horas da manhã. Fazia muito tempo que eu não acordava

tão tarde.

Lembrei-me da situação da minha avó, e logo a angústia total voltou a se apossar do meu corpo.

Conferi o meu celular, mas não havia nenhuma ligação. Ainda bem. Sinal de que tudo estava, na

melhor das hipóteses, como no dia anterior. Mesmo assim, resolvi ligar para a minha tia, mãe da

Lilian. A ligação acabou fazendo o Calvin despertar.

Fiquei observando sua cara de sono – e o sorriso leve apontado para mim – enquanto recebia as

notícias da manhã. Segundo a minha tia, o estado de saúde da vovó era relativamente estável. Não

havia tido melhoras ou pioras, ainda respirava com os aparelhos e permanecia na UTI, onde nenhum

familiar poderia visitá-la. Prometi que passaria no hospital mais tarde, independentemente de

qualquer coisa.

Quando desliguei o celular, ainda deitada, sorri de volta para o Calvin. Ele bocejou,

espreguiçando seu corpo grande. Depois, ergueu uma mão para tocar os meus cabelos.

– Bom dia, vizinha. Como estamos?

– Bom dia, vizinho... Estamos bem. Quero dizer, nada novo.

– Isso pode ser bom – sussurrou, ainda me olhando intensamente. Aqueles olhos... Sério, havia

alguma coisa naquele olhar que não estava me deixando ser a mesma Raissa de sempre. – Vamos

torcer para que este dia seja melhor. – Ficou em silêncio. – Ah, lembrei-me de mais uma da Clarice:

“ainda bem que sempre existe outro dia. E outros sonhos. E outros risos. E outras pessoas. E outras

coisas...”

Meus olhos se encheram de lágrimas.

– Parece-me me que ela sempre tem algo a dizer... A respeito de tudo – comentei, com a voz

bastante embargada.

– Verdade. Deve ser bom saber o que falar quando a única coisa bem-vinda é o silêncio.

– Através dela, você acaba fazendo isso, Calvin.

Ele sorriu de orelha a orelha.

– Acho que, depois de tantos anos, achei uma utilidade para a minha mania de decorar frases.

Fiquei calada, pois não soube o que dizer. O sentimento de gratidão se uniu a todos os outros.

Acredito que era aquele misto de emoções que estava fazendo com que eu me sentisse tão diferente. A

minha vida nunca esteve tão longe da estabilidade anterior.

Calvin começou a rir depois de algum tempo em silêncio.

– O que foi?

– É a primeira vez que durmo na cama de uma mulher sem ter transado com ela.

Continuei séria. Sei lá.

– Isso pode ser bom – murmurei, repetindo suas palavras.

Calvin ficou sério também. Nem me importei. Nunca funciono muito bem pela manhã. Em

condições normais eu estaria me lamentando pelo que falei, julgando-me por, mais uma vez, estar

mencionando algo que pudesse colocar em risco a liberdade dele.

Observei-o se espreguiçando novamente.

– Vou dar uma passada no mercado – alertou, levantando-se. Retirou a camisa e a jogou na

minha cara. Começou a rir. – Pode ficar com ela. Ah é, você já estava com ela.

Ri também. Era o jeito.

– Gosto do seu cheiro.

Ele me analisou com o rosto distorcido. Estou dizendo... Não funciono pela manhã.

– Tudo bem, confesso que estou guardando a calcinha e o sutiã que deixou lá em casa. –

Arregalei os olhos. Não me lembrava deles. Haviam sido deixados no dia em que discutimos. – Aquilo

ali está cheirando a mulher gostosa até hoje.

Senti o meu rosto corar. Calvin começou a rir da minha cara, mas acabei jogando o travesseiro

nele. O maldito o jogou de volta, e com força máxima (o doido começou a rir como um garoto, e

naquele instante percebi o quanto ele ainda era um). Joguei o travesseiro de novo. Ele segurou no ar e

se curvou para puxar o edredom. Tentei agarrá-lo a mim, mas acabei sendo descoberta. Ainda usava o

shortinho e a blusa fina que estava vestindo na noite anterior.

– Você é um bobo! – gritei.

Calvin largou o edredom e o travesseiro no chão.

– Querida vizinha, adoraria entrar em uma guerra de travesseiros contigo, mas o dever me

aguarda. Preciso estar no meu quintal antes do meio-dia.

Espreguicei-me.

– E o que devo levar para este curioso churrasco, querido vizinho?

– Sua boca deliciosa, seu biquíni e a sua paciência para aturar um vizinho depressivo! – falou

aquilo tudo em tom de brincadeira, até mesmo rindo, mas eu simplesmente estaquei. Depressivo?

Como assim?

Fiz uma careta enorme, mas Calvin a ignorou.

– É sério, o que levo?

– Já tenho tudo, Raissa. Só vou comprar mais carvão e gelo. – Caminhou até a porta e soltou um

beijinho estalado. Depois, piscou um olho.

– Calvin!

– Oi? – Ele já tinha sumido da minha vista, porém retornou depressa.

– Por que dormiu aqui?

Pensou durante alguns segundos antes de responder:

– “Um amigo me chamou pra cuidar da dor dele, guardei a minha no bolso. E fui.”

Então, ele realmente foi embora, deixando-me com cara de bocó.

Que estranho. Ele não me beijou nem uma vez, não me tocou com mais ousadia (como sempre

fazia). Será que eu estava mesmo incluída na tal *friend zone*? Será que pararia de me tocar, de sentir

tesão com relação a mim?

Não fazia ideia de como me comportar em uma espécie de relação aberta. Se é que aquilo era

mesmo uma relação. Parecia-me um troço esquisito que podia ser nomeado como safadeza. Tanto da

parte dele, quanto da minha parte, claro. O que achar de uma mulher que aceita foder com o vizinho de

vez em quando, sem nenhum compromisso?

Certo, estou sendo preconceituosa (e comigo mesma!). Mas, entenda-me, sexo para mim sempre

significou algo além de puro desejo. Eu não sei apenas transar. Deve ser por isso que estava tão

perdida, tão envolvida. Na minha cabeça, Calvin era o meu homem. Precisava entender que ter

transado com ele duas vezes não fazia com que me pertencesse. Sexo não é pertencimento. Sexo só é

sexo.

Quero dizer, naquela situação, era. Infelizmente.

Fiquei na cama nem sei por quanto tempo. Estava quase dormindo de novo quando ouvi a voz do

Calvin me chamando. Olhei para todos os lados antes de perceber que ele estava em seu quarto, do

outro lado da parede.

– Raissa? Você vem?

Pisquei os olhos várias vezes. Levantei-me no sobressalto.

– Desculpa... Vou sim.

– Eu que te peço desculpas... Você está triste e tal... Desculpa mesmo, Raissa. Acho melhor que

fique aí.

Franzi a testa. O timbre que estava usando era sério demais para o meu gosto.

– Nem pensar. Chego em cinco minutos.

– Raissa... Eu... Não fico muito bem. – Certo, a voz ficou ainda mais profunda. – Foi uma

péssima ideia... Acho que preciso fazer isso sozinho mesmo.

– Calvin... Já era. Estou muito envolvida.

Ouvi o seu silêncio. Que merda, hein? Um dia vou morrer pela minha boca grande, igual a peixe.

– Não queria te envolver... Não podia ter feito isso. Não sei onde estava com a cabeça.

Ouvi o barulho da sua cama se arrastando, e depois da porta batendo. Ele tinha saído do quarto.

Merda total! A minha preocupação se intensificou a ponto de eu ir ao banheiro só para um xixi rápido

e para escovar os dentes mais rápido ainda. Nem troquei de roupa, segui diretamente para a casa do

vizinho.

Achei tolice bater a porta. Fui logo a abrindo e entrando como se não precisasse pedir licença.

Procurei-o pela cozinha, pela sala, e até mesmo em seu quarto. Calvin não estava. Apoiei o meu corpo

em uma parede enquanto tentava raciocinar. Surtiu efeito: lembrei-me do quintal.

Procurei por uma porta ou passagem, e a encontrei logo. Localizava-se no canto direito da sala,

meio escondida entre uma estante repleta de DVDs e um sofá. O verde predominante me fez perder a

fala. Não fazia ideia do que veria ao atravessar aquela porta, mas a surpresa completa marcou

presença. Lembro-me de ter soltado uma exclamação admirada.

Havia um jardim maior do que o que se localizava na frente da casa. Mas aquele era diferente,

composto por vários vasos de barro de todos os tamanhos, circulando os muros das casas vizinhas. Em

cada um deles havia uma planta diferente, e a maioria dava flores lindíssimas, bem coloridas. O cheiro

de terra molhada era marcante. No centro, alguns metros de grama verdinha convidavam qualquer ser

a ficar ali para sempre.

Uma piscina pequena e redonda, daquelas que se arma em um segundo, estava montada. Uma

mangueira jorrava água dentro dela, incansavelmente. No canto direito, rodeada pelos vasos, havia

uma mesa grande de madeira. Equilibrada por quatro vigas, estava uma espécie de palhoça, mas bem

pequena, do tamanho suficiente para cobrir somente a mesa. Ao lado, uma churrasqueira de metal já

soltava fumaça.

Abri a boca, exasperada. O encantamento inicial só pôde ser quebrado quando me dei conta de

que o Calvin estava sentado perto de alguns vasos. Pensei que estivesse sobre a grama, mas, quando

me aproximei, percebi que havia algumas pedras grandes, com a superfície achatada, lembrando

banquinhos. Elas foram espalhadas em locais bem estratégicos naquele jardim.

Aproximei-me às pressas e me ajoelhei diante dele, sentindo a grama acariciar a minha pele.

Calvin projetou o corpo para trás, porém não me olhou. Apoiei meus cotovelos nas suas pernas.

– Este lugar é lindo... – murmurei sofregamente, ficando nervosa ao perceber que seus olhos

escuros estavam cheios de lágrimas. A emoção não me abandonou por nada. – Estou encantada. Aliás,

tudo nesta casa me fascina. Não importa o que aconteça, estou exatamente onde deveria.

Calvin balançou a cabeça como se discordasse. Não ousou me olhar. Estava nitidamente

tentando tomar o controle do próprio corpo, mas eu sabia que era questão segundos: aquelas lágrimas

precisavam cair. E foi o que aconteceu. Quando a primeira escorreu, foi como se tivessem aberto a

torneira da alma do meu vizinho, e ele simplesmente desabou.

Tentei abraçá-lo, mas o teimoso ficava se desvencilhando, evitando-me como podia. Não desisti.

Aquele cara tinha me consolado durante uma noite inteira. Que tipo de idiota seria se o deixasse

naquele estado e não fizesse nada?

Ainda ajoelhada, obriguei a sua cabeça a ser depositada no meu ombro. Calvin finalmente veio.

Seu choro era silencioso, controlado. Apenas espasmos lhe tomavam o corpo, e fiquei com tanta pena

dele que quase o adotei. Na verdade, bem lá no fundo, eu o já tinha adotado. Já me sentia responsável,

de alguma forma. Estava envolvida demais.

– Eu só abro aquela porta aos domingos – confessou. A voz controlada me deu desespero. Não

conseguia imaginar o tamanho do esforço que ele fazia para não se entregar de vez à dor. – Toda vez é

isso, uma merda. Odeio este lugar! Odeio essas lembranças... Odeio!

Comecei a chorar imediatamente. Sei que devia estar consolando, mas era impossível não ser

tocada por aquela história triste, que envolvia um garoto órfão morando sozinho em uma casa cheia de

memórias.

– Se odiasse, já teria se livrado delas, Calvin... – sussurrei. Apertava a sua pele contra a minha

com ainda mais força.

Ele me abraçou durante muito tempo, até conseguir realmente se recompor. Os espasmos foram

embora. Não falou mais nada. Eu ainda estava emocionada quando se separou de mim e me encarou,

sorrindo como se nada tivesse acontecido.

– Vamos... Vamos comer, entrar na piscina... Vou pegar o som portátil.

– Calvin... – Segurei seus cabelos. – Prometo estar aqui em todos os domingos.

Ele deu de ombros. Desviou o rosto.

– Não precisa, Raissa. Eu que preciso crescer, como você mesma disse. Essa droga um dia não

vai mais me atingir. Esta é a minha promessa – falou com a voz mais dura do que aquelas pedras.

– Isso precisa te atingir, Calvin, são seus pais. Você só precisa fazer com que as lembranças te

fortifiquem, e não com que te enfraqueçam. Use as memórias ao seu favor... Não queira voltar no

tempo, só lute para ser melhor e os orgulhar de onde estiverem.

Ele balançou a cabeça avidamente, deixando a impaciência bem óbvia diante das minhas

palavras.

– Não quero discursos, Raissa. Só eu sei o que é crescer sem mãe e perder o pai antes de

entender o que é responsabilidade. Não sou o motivo do orgulho de ninguém, e nem quero ser. A

verdade é uma só: não há quem se orgulhe de mim.

Dito isso, Calvin simplesmente se levantou, deixando-me plantada como aquela grama.

Caminhou até a churrasqueira e remexeu em alguma coisa.

– Isso não é verdade, Calvin. Eu me orgulho de você! – falei um pouco alto demais. Ergui-me e

fui andando devagar em sua direção.

– Até eu te decepcionar. Vai acontecer, Raissa. Não pense por um só segundo que não vai –

respondeu sem me olhar, ainda mexendo em algumas coisas que estavam em cima da mesa (e que eu

nem tinha percebido antes); garfos, pratos e travessas com carne fresca, já temperadas com sal grosso.

Acompanhei o Calvin retirando algumas verduras e legumes de uma sacola. Colocou-os em um

prato e separou uma tábua de madeira. Pegou uma faca bem grande e afiada.

– Sabe de uma coisa? Não vou discutir – alertei, sentando-me no banco de madeira comprido

que circundava a mesa. – Você ainda está vivo para sentir orgulho de si mesmo. Se não quer,

paciência.

– Estou bem comigo mesmo – definiu, começando a cortar os legumes com tanta rapidez e

desenvoltura que fiquei completamente admirada.

Uau!

– Minha nossa! Eu já teria fatiado o meu braço!

Calvin começou a rir. Sim, como se não tivéssemos acabado de ter uma conversa esquisita e

deprimente.

– É prática. – Piscou um olho para mim. – Sabe, fiquei sonhando com aquela sua caipirinha. Os

ingredientes estão ali. – Apontou com a faca na direção de uma caixa de isopor grande que ficava do

outro lado da mesa.

– Que ótimo! Pelo menos não fico em desvantagem, já que venho sonhando com tudo que tenha

a ver com você – soltei sem pensar.

Nem quis ver a reação do Calvin, de tão envergonhada que fiquei. Ouvei um risinho, mas só. Fui

logo até a caixa de isopor. Curvei o meu corpo e abri a tampa, descobrindo um monte de bebidas.

Havia muita cerveja, uma garrafa de vodka e uma de cachaça. Encontrei uma sacolinha com limões,

dois copos especiais e um espremedor de madeira.

– É... Acho que vamos ficar bêbados! – proferi de maneira divertida, ainda analisando o que

tínhamos. Senti mãos tomarem a minha cintura e um quadril másculo ser projetado bem atrás de mim.

– Raissa... Essa sua caipirinha é mesmo irresistível. – Calvin apertou ainda mais a minha pele,

encaixando-se com força. Aprumei o meu corpo, sentindo o seu na minha retaguarda. Sua boca quase

se encostou ao meu ouvido. – Espero que mais de quarenta horas seja o suficiente para você, vizinha.

Vou preparar a sua carne e cortar o tomate bem ali... – Girou o meu corpo para o lado e apontou para o

espaço gramado que tinha ao lado da pequena piscina.

– Cortar... o tomate? – Ri de leve, já muito excitada. Seja lá o que significasse aquilo, eu estava

doida para que acontecesse.

– É... – sussurrou com uma voz sacana no meu pé do ouvido. Arrepiei-me. Ele ainda me

mantinha por trás, colada ao seu corpo. – Um tomate bem vermelhinho e lisinho... Hummm...

Delicioso!

Aquela comparação inusitada me fez gargalhar. E, com isso, o clima entre nós melhorou

consideravelmente. Calvin retomou o serviço, e eu comecei a preparar a bendita caipirinha. Nada de

mais sério foi mencionado. Qualquer resquício de angústia da minha parte, e de dor da parte dele,

pareceu sumir depois que ele pegou o som.

Sabíamos que, no fundo, nada tiraria a minha angústia ou a sua dor, mas pouca coisa pode ser

mais legal do que cantar junto com o Calvin enquanto trabalhávamos em prol do churrasco. Tudo bem

que era como se estivéssemos comemorando a tristeza. Contudo, acredito que existem várias maneiras

de se sentir uma dor, só havíamos escolhido a melhor: compartilhando com alguém e, ao mesmo

tempo, fingindo sua inexistência.

18

Nem Clarice Lispector tem uma frase de efeito para justificar as raízes obscuras da safadeza

Tudo se tornou uma profusão de cores, de modo que parecia estar dentro de um arco-íris. Um

cenário surrealista que mexia com todos os meus sentidos permaneceu diante de mim; as plantas, os

vasos, as flores, a água da mangueira que jorrava na piscina. A imagem do Calvin usando uma sunga

vermelha, e só. Seu corpo dourando sobre uma toalha grande azul-escura, forrada em cima da grama

verdinha.

Depois de três caipirinhas, muitas risadas e fatias de carne tão macias quanto a boca daquele

homem, achei que estivesse no paraíso. A sensação de alegria fez com que me sentisse culpada: não

devia estar alegre. A minha avó continuava no hospital, lutando pela própria vida. Entretanto, sentia

que eu estava lutando pela minha. O que, claro, não fazia muito sentido.

Calvin preparou uma farofa que, meu Deus, estava uma coisa de louco. Colocou tantos

ingredientes dentro dela que podia alimentar uma manada de elefantes (ou seja, eu). Nunca pensei que

uma farofa pudesse ser tão perfeita. Enquanto o observava se bronzear, sentada à mesa, só pensava em

comer, comer e comer, em todos os sentidos da palavra (se é que me entende!).

Havia colocado o meu biquíni (e pegado o meu celular caso alguém me ligasse com notícias da

vovó), mas até então não havia tido coragem de sair de perto da mesa. Devorava qualquer pedaço de

carne que o Calvin vez ou outra colocava em uma travessa de vidro. Ele parecia saber exatamente qual

era o momento de tirá-las da churrasqueira, como se um relógio interno o alertasse. Devia ser prática

mesmo.

Não tocamos mais nos assuntos delicados. Para ser bem sincera, tentei arrancar mais

informações dele, sem sucesso. Calvin se manteve relativamente distante. Beijou-me muito pouco,

menos do que eu gostaria. Seu distanciamento me entristecia, pois me fazia recordar o tempo todo o

tipo de relação que tínhamos.

Alguma coisa entre nós estava faltando. O vazio de nossas conversas se tornou evidente, e

acreditei que tenha sido por isso que ele resolveu se afastar para absorver o sol forte daquela tarde.

Dava qualquer coisa para saber o que se passava naquela cabecinha oca. Reparei seu olhar perdido nos

vasos que jaziam no lado oposto, e uma carranca se fez presente antes que eu tivesse coragem de fazer

qualquer pergunta.

O desânimo me atingiu depois que percebi a travessa vazia. Eu tinha comido pelo menos uns

setenta por cento das carnes que ele preparou. Droga! Ia engordar muito convivendo com aquele cara

perfeito na cozinha (e no quarto também, diga-se de passagem).

Terminei a minha caipirinha e suspirei. O som portátil ainda trabalhava, ajudando-me a suportar

o silêncio. Olhei para mesa no intuito de encontrar mais alguma coisa que pudesse ser devorada.

Ainda tinha muita farofa, e alguns tomates fatiados com uma uniformidade impressionante. Só o

Calvin para conseguir uma proeza daquelas.

Nenhum sinal de fatias de carne. As que estavam na churrasqueira aparentemente não estavam

prontas, já que o relógio interno do Calvin não tinha apitado até então.

Levantei-me e me espreguicei. Calvin finalmente olhou na minha direção, sorrindo sacanamente

logo em seguida. Parei um pouco só para acompanhar as suas reações, e acho que me demorei demais.

Nossos olhares permaneceram cruzados até que ele resolveu se levantar e caminhar até mim, exibindo

aquele corpo que merecia o prêmio Nobel da sensualidade.

Parou na minha frente e me deu um selinho casto. Eu estava sedenta por mais, só que não tive.

Calvin deu um gole na própria caipirinha e procurou por alguma coisa na mesa. Fez uma careta e me

olhou, sorrindo.

– Sim, eu comi tudo – falei de uma vez. – Acho que é a ansiedade. Ou então o seu talento de

fazer qualquer comida virar manjar dos deuses.

Calvin gargalhou alto.

– Você não comeu tudo. – Apontou para os tomates fatiados, pegando um daqueles pedacinhos

para si. Deu uma mordida tão sensual que imaginei o meu próprio corpo cedendo àquela boca.

– Não gosto de tomate cru... – murmurei, acompanhando um caldinho avermelhado que escorreu

pelo canto de sua boca. Ele limpou com o polegar e depois lambeu os dedos.

Devo ter soltado um resfolego. Calvin me olhou de um jeito divertido.

– Não estão crus. Aqui tem sal, azeite e manjeriço em pó – falou como se estivesse

apresentando uma receita no programa da Ana Maria Braga. Nem preciso dizer o quanto acho o

máximo vê-lo no modo cozinheiro ativado. – Prove um, é uma delícia... – Pegou um pedaço e me

ofereceu diretamente na boca, não me dando a chance de realmente pegá-lo. Dei uma mordida

pequena, levando menos da metade.

Senti o gosto meio amargoso do sal e alguma coisa que não consegui identificar. Supus ser o tal

manjeriço (pouco entendo desses temperos). Não achei ruim, decerto. Talvez ficasse melhor com a

farofa. Bom, aquela farofa ficava boa com tudo (inclusive com nada).

– Coma todo de uma vez, assim sente melhor o sabor. – Calvin forçou o resto do tomate, e

acabei abrindo o bocado. Depois daquilo, já era. Sabia que ia devorá-los como tinha feito com as

carnes. – Viu só?

– Melhor você comer logo esses tomates. O meu apetite não conhece limites!

– O seu apetite me excita, Raissa – falou sensualmente, com os olhos fixos na minha boca.

Obrigou os meus lábios a remover os resquícios de tomate dos seus dedos. Foi um ato explicitamente

sensual. – Imagino mil coisas toda vez que a sua boca se mexe...

– É? Que coisas? – incitei, colocando uma língua para fora. Fiz um movimento demorado contra

os seus dedos.

Calvin me puxou pela cintura com uma mão, e com a outra pegou mais um pedaço do tomate.

Enfiou-o na minha boca como se quisesse me obrigar a comer. Comecei a mastigar depressa, pois ele

repetiu o feito: pegou mais um pedaço e depois outro, tacando-os na minha goela. Começou a rir

quando me viu desesperada, com a boca repleta e os olhos esbugalhados.

– Uma delas é o meu pau preenchendo toda a sua boca, esticando os seus lábios... – Prendeu o

indicador e o polegar no meu queixo, dificultando a minha mastigação. Obrigou a minha cabeça a ser

erguida, e o encarei de muito perto. – Ah, Raissa... É muito difícil me controlar. Juro que estou

tentando, mas a desistência é inevitável.

Engoli tudo aquilo de uma só vez. Lambi os meus lábios sujos, e o Calvin se inclinou para passar

sua língua sobre eles. Foi uma delícia. Sério.

– Por que se controlar? – sussurrei, delirando com a sua proximidade.

Calvin se afastou um pouco e largou o meu queixo. Desviou o rosto.

– Estou em dúvida. Não sei o quanto seria justo.

Não entendi porcaria alguma do que ele estava falando. Fiz uma cara feia e esperei que

continuasse, mas Calvin apenas se afastou de vez. Voltou a andar na direção de sua toalha, e

acompanhei o movimento fantástico daquela bunda (ele devia colocar aquele traseiro no seguro, como

fez a Mulher Melancia, aposto que valeria milhões). As costas largas e as coxas grossas também não

eram nada mal.

Morta de frustração, retirei o meu short e a blusa, deixando o biquíni branco à mostra. Fui até

ele, sentando-me ao seu lado na toalha. A minha pele recebeu o sol quente muito bem.

– Dúvida? Que dúvida, Calvin?

Ouvi seu suspiro.

– De alguma forma, Raissa, percebi que você precisa de mim. E eu confesso: preciso de você.

Não vai dar certo se a gente ficar transando, sou um promíscuo assumido. Por mais que te queira...

Putá merda, e eu quero muito...

– Ah, cala a boca. – Praticamente me atirei em cima do sujeito, roubando-lhe um beijo

facilmente retribuído.

Certo, acho que estava bêbada. Calvin dizia algo importante sobre a nossa relação, mas naquele

instante eu só queria dar. E que o resto se danasse. Não ia conviver em um terreno neutro com o meu

vizinho safado e delicioso. Nosso sexo era inevitável. Quero dizer, *eu* não queria mais evitar. Esta fase

foi muito bem superada por mim, obrigada.

É impossível querer o comum depois de provar algo realmente bom. Por mais que ele estivesse

com a razão – nossa relação “amigável” estaria mais segura sem sexo –, o desejo que circulava pelo

meu corpo mandava qualquer resquício dela para o raio que a parta.

O meu vizinho safado, como todo bom safado, sequer pestanejou. Acho que as dúvidas foram

embora depois que puxou as minhas pernas e me fez deitar totalmente sobre a toalha. Visualizei o céu

azul, quase sem nuvens, acima de nós, sem poder acreditar que faríamos aquilo ali, ao ar livre. Por

mais que não houvesse possibilidade de sermos vistos, a ideia de exposição me deixou ainda mais

louca.

Delirei de tesão quando aquele corpo enorme se projetou sobre mim. Enlacei minhas coxas

abertas por cima das suas, e puxei tanto os seus cabelos que não sei como ele não reclamou. A mesma

boca, que virou uma necessidade para o meu juízo, investiu contra a minha sem pausas. Senti a velha

sensação de sufocamento que o seu beijo pré-sexo carregava.

Uma mão invadiu a parte de cima do meu biquíni. E por dentro. Tive vontade de gemer, mas só

consegui quando a sua boca deixou a minha para me abocanhar o bico de um seio. Olhei o céu de

novo, tendo a certeza de que podia literalmente ser levada às alturas por aquele homem. Era muito

desejo a ser sentido... muita inconsequência, inconsciência... Incapacidade de autocontrole.

Eu perdia tudo o que restava de mim quando ganhava o direito de ser dele.

– Você não me deixa opções, Raissa... – Calvin rosnou enquanto apertava os meus seios um

contra o outro, lambendo-os avidamente. – É te foder ou te foder. Ah... Eu adoro não ter escolha.

No fundo (nem tão no fundo assim), eu amava aquela falta de autocontrole. Adorava o fato de

não ser a única a não ter escolhas; o desejo seguia um caminho solitário rumo à nossa satisfação

corporal. Apenas este apelo era ouvido, nada mais conseguia existir.

Escorreguei as minhas mãos pelas suas costas até alcançar aquele bundão lindo. Atravessei a

sunga por dentro e apertei a sua carne com vontade. Calvin soltou um gemido fraco e um riso leve,

colocando a língua para fora apenas para passá-la nos meus lábios. Com um movimento curto e

rápido, inverteu as nossas posições, puxando-me para si.

A primeira coisa que fez foi retirar de vez a parte de cima do meu biquíni, atirando-a na piscina

ao nosso lado. Sentou-se, meio curvado, e continuou a me beijar. Guiou as mãos pela minha coluna

despida. Senti os meus pelos se eriçarem, envolvidos com suas carícias sempre tão precisas.

Era mágico estar em suas mãos. Ele me tocava com o mesmo empenho que usava para cozinhar,

era como se fosse uma técnica, um ato profissional friamente calculado.

Eu já podia sentir a sua ereção no meio das minhas pernas, por isso comecei a rebolar em cima

dela como uma louca. Ergui a cabeça e fechei os olhos, totalmente absorvida pelas sensações. Calvin

soltou um gemido entre os meus lábios. Voltou a segurar os meus seios simultaneamente, mas logo

decidiu ousar: uma de suas mãos brincou com a minha calcinha, fazendo-me gemer muito. Soltei um

rosnado quando um dedo mais safado resolveu conferir o nível da minha excitação.

De repente, parou. Sorriu com malícia, mas não foi na minha direção. Seu rosto perfeito

observava alguma coisa que estava além de mim. Meio perdida, olhei para trás. O coração, que já

batia forte, acelerou mais ainda ao perceber a Karen-quenga nos observando perto da porta do quintal.

– Desculpa, gente! Posso entrar? – falou de um jeito divertido, dando batidinhas na porta e

depois entrando sem esperar uma resposta. – A porta da frente estava aberta...

Pensei em dar um salto e sumir dali o mais rápido possível, mas Calvin me segurou no lugar.

Seu dedo parou na minha abertura quente e molhada de desejo.

– Claro, entra aí, minha linda!

Como é que é? Fala sério, produção... Não brinquem comigo!

Tentei sair mais uma vez, praguejando mentalmente. A minha cara com certeza não era das

melhoras, porém o Calvin ignorou o meu desconforto.

Permaneci sobre ele, seminua, morrendo de tesão e ódio daquela filha de uma mãe. Que

mulherzinha mais sem-noção! Não percebeu que estávamos ocupados? Ela devia ter ido embora em

vez de nos dar aquele desprazer.

– Pensei que o churrasco tinha acabado. Está tarde, Deli, esqueceu do nosso compromisso? – A

vadiazinha se sentou ao lado dele na toalha, de frente para mim. Assim, como se nada estivesse

acontecendo. Observou-me com curiosidade, sobretudo os meus seios expostos. Respondi com uma

careta mais feia ainda. Calvin não ligou. Aliás, além de não ter ligado, sabe o que fez? Retirou os

dedos de mim e os levou até a boca da sem-vergonha. Posso com isso? – Oi, moça – murmurou depois

de ter lambido os dedos do Calvin até revirar os olhos.

Um... ultraje?

Sequer a respondi. Tentei me desvencilhar de novo, mas as mãos firmes do Calvin ainda me

seguravam, tirando-me qualquer apoio para sair daquela posição.

– Foi mal, eu esqueci totalmente – só então o Calvin a respondeu.

Karen-quenga sorriu.

– Tudo bem, o motivo foi bem forte. Forte e delicioso. – Lambeu os lábios e ergueu uma mão

para tocar os meus cabelos. Afastei a minha cabeça para o lado.

– Não toque em mim – alertei com seriedade.

Karen ficou com a mão no ar, até que a abaixou lentamente. Olhou para o Calvin, que sorriu de

orelha a orelha. Foi o seu velho sorriso safado, mas em uma versão ainda pior. Ambos pareceram

conversar apenas com um olhar prolongado direcionado um para o outro.

Eu sabia o que se passava por aquelas mentes pervertidas (um sanduíche de Calvin Klein, onde o

pão era eu, e provavelmente a fatia que ficava embaixo), foi por isso que usei toda a força possível

para sair dos braços dele. Consegui. Fui me levantando tropegamente.

– Ei, Raissa, relaxa.

Não o respondi. Emburrada, procurei a parte de cima do meu biquíni. Estava submersa na

piscina. Uma merda mesmo! Absolutamente frustrada (e com muita vontade de chorar como uma

criancinha que acabou de perder o doce), fui até perto da mesa e vesti o meu short e a minha blusa.

Coloquei o meu celular no bolso. Deixaria o biquíni por lá mesmo. Só queria ir embora o mais

depressa possível.

– Raissa... – Calvin se levantou da toalha e tentou se aproximar. Dei um passo na direção da

saída, e ele segurou a minha mão. – Vamos conversar.

Meu último impulso foi olhar para a Karen. Estava de pé ao lado da toalha, observando-me de

cima a baixo, como se eu fosse parte fundamental do churrasco. Seus olhos diziam que me comeria

com aquela farofa, facinho. Claro, isso só me fez ficar ainda mais irritada.

– Vou ao hospital ver a minha avó – falei decididamente, evitando olhá-lo. Estava puta demais

para suportar aquela cara de cínico. – Será bem mais útil que esta conversa.

Calvin não ficou nada feliz.

– Qual é, Raissa? Ninguém está te obrigando a nada.

A frase deixou os seus planos malignos ainda mais óbvios. Seu sorriso inicial não negou a

alegria que sentiu quando a amiguinha querida invadiu o quintal. Uma só não era o suficiente. Claro

que não. Eu nunca fui o bastante para ele, bem como qualquer outra mulher.

Aquele homem era um safado mesmo. Um cretino da pior espécie. Meu Deus, eu não podia, em

nenhuma hipótese, esquecer-me daquilo. Não importavam o seu ombro amigo, as suas lágrimas, a sua

sensibilidade.

– Por isso mesmo. Ninguém vai me obrigar a ficar – defini em um rosnado, puxando a mão que

estava presa pela dele. Sem querer, olhei-o uma última vez antes de virar as costas. Estava sério,

visivelmente chateado com a minha atitude. Devia me achar uma quadrada. Bom, eu era. Com relação

àquilo, espero jamais ser uma “redonda”.

Fui andando a passos largos na direção da saída. Passei pela Karen, e quase dei língua para ela.

Antes de sumir, ouvi o Calvin falar:

– Deixe-me saber sobre a sua avó, por favor!

Sério, não sei direito o que pensei no caminho até em casa. Só sei que me sentia menos

importante que um pedacinho de lixo. Pior que o microorganismo do cocô do cavalo do bandido.

Atirei-me no tapete consolador da Sra. Klein assim que tranquei a porta.

Mais uma vez, a culpa havia sido minha. Ficar com o Calvin era a mesma coisa que pegar um

maço de cigarros, ler todos os alertas do Ministério da Saúde, ficar horrorizada com as fotos de gente

cheia de câncer e mesmo assim abri-lo a fim de fumar tudo. Ou seja, uma burrice.

Os órgãos entre as minhas pernas não podiam vencer o meu cérebro. Pelo amor de Deus... Estava

vivendo em uma série de contradições. O meu corpo precisava entrar em um consenso urgente, mas o

vício era bem óbvio (qualquer viciado se justificaria até se cansar, certeza de que o meu corpo faria o

mesmo até encontrar um modo de continuar com a palhaçada), e apenas uma abstinência completa me

curaria.

É triste, mas é a verdade.

19

Nenhuma escolha é completamente vantajosa; sempre há o que perder quando se ignora um

caminho

Lembro-me de, naquela fatídica noite, ter passado pelos momentos mais solitários e sufocantes

de toda a minha vida. Fui ao hospital, como prometi, constatando que os meus pais, bem como os

meus irmãos, estavam completamente desestabilizados. Não espera encontrá-los lá – não estava

inteirada sobre as escalas –, mas até o Guilherme não foi poupado.

O coitado não parava de chorar. Estava muito angustiado com o estado de saúde da nossa avó.

Por ser o caçula e o único menino, obviamente foi tratado com muito mais mimo tanto pelos meus

pais quanto pela minha vizinha querida. As coisas começaram a sair do controle quando Gui

simplesmente surtou; ficou murmurando sem parar que a vovó ia morrer a qualquer instante. Ninguém

entendeu, mas foi um choque. Papai, sem saber o que fazer, levou-o para a lanchonete do hospital. Gui

nunca teve um comportamento emocional muito bom, desde criança.

Mamãe chorava muito, e piorava quando via seus filhos sofrendo. Sara tentava como podia

acalentá-la, mas o seu desespero também era evidente. A minha ausência havia sido sentida durante

todo o dia, e me lembrar de que estava evitando a dor só fez com que ela fosse intensificada. Fiquei

sentada em uma cadeira desconfortável, deixando a vida passar enquanto nenhum pensamento me

acometia.

Quando um médico apareceu do nada, buscando por um representante da nossa família, mamãe

se desesperou de vez. Estava quase fazendo um escândalo, querendo saber o que tinha acontecido. O

médico pediu para que ficasse calma, mas só piorou. Sara, por fim, quase implorou para que eu fosse

falar com ele, já que o papai tinha saído com o Gui. Por incrível que pareça, eu era a pessoa mais

centrada disponível. E isso só podia ser uma piada.

Uma parte do meu cérebro não conseguiu entender por que todo mundo tinha ficado tão nervoso.

Tudo bem que a minha família sempre foi louca, mas o comportamento anormal, mesmo diante de

uma situação igualmente anormal, deixou-me assustada. Tomei fôlego, como quem está prestes a dar

um mergulho e acompanhei o doutor.

Caminhamos por alguns corredores até chegarmos a uma sala de atendimento privado. Imaginei

que ele ia propor alguma espécie de cirurgia, e que para isso seria necessária a assinatura de alguns

documentos, ou algo assim. Enfim, sabia que o assunto era sério, só não fazia ideia se conseguiria

ouvir tudo.

– Qual é o nome da senhorita? Sente-se... – Apontou para uma cadeira alcochoada.

– Raissa... – Observei sua barba e cabelos grisalhos. O doutor era um senhor com uma aparência

bem simpática, mas o olhar permaneceu firme. Meus olhos se encheram de lágrimas, nem sei dizer

por que.

– Qual é o seu grau de parentesco com a paciente?

– Neta. Sou neta. O que aconteceu, Doutor? Por favor, diga logo.

Ele reafirmou as expressões. O olhar premeditou a tragédia. Senti as lágrimas rolarem pelo meu

rosto, mas preendi os lábios e tentei me controlar. A minha família estava contando comigo.

– Raissa, vou falar tudo de um jeito que entenda.

– Por favor... – Senti meus dedos congelarem de medo.

– Nesta tarde, percebemos que os antibióticos geraram um quadro de melhora na sua avó.

Estávamos positivos com a recuperação dela, mas... – Soltou um suspiro, e mais lágrimas se fizeram

presentes. Não fui capaz de falar nada. – Controlamos as doses para que seus batimentos cardíacos se

mantivessem constantes, porém a sepse, ou seja, a infecção, estava em um estágio muito avançado.

Levei uma mão à boca, soltando um soluço que partiu do fundo da minha alma. Eu sabia que

tinha acontecido. Contudo, a esperança é mesmo traiçoeira; teima em não nos abandonar até o último

segundo. Pena que aquele instante em que tudo desmorona veio depressa demais.

– Fizemos o possível, Raissa, mas a sua avó sofreu uma falência múltipla de órgãos. Eu sinto

muito.

Deve ter passado um filme na minha cabeça. O médico continuou me olhando, desta vez com

pena. Perdi a fala e a capacidade de me mexer. Até as lágrimas cessaram. Meu mundo inteiro

congelou apenas para tentar suportar a carga emocional jogada em minhas costas.

Pode parecer esquisito, mas coloquei a culpa de tudo em mim. Jamais devia ter saído de casa.

Não devia tê-los abandonado. Se eu ainda morasse com a minha família, teria levado a minha avó para

um hospital desde o primeiro espirro. Eu sempre fui mais exigente com relação a tudo.

Balancei a cabeça afirmativamente na direção do médico. Ele avisou que nos daria um tempo,

mas que dali a alguns minutos alguém apareceria para resolver a situação dos documentos, bem como

a liberação do corpo.

Voltei para a sala de espera em câmera lenta. Via tudo embaçado – não por causa das lágrimas,

visto que tinham secado, era a minha mente que não conseguia registrar tudo. Meu corpo entrou em

transe, uma espécie de estado que associei como sendo um pesadelo. Nada parecia real.

Voltando à sala de espera, sentei-me ao lado da Sara e da mamãe, que me aguardavam ansiosas.

Minha mãe ainda quis se levantar quando me viu, mas Sara a controlou. Ambas souberam o que tinha

acontecido quando meu olhar cruzou os delas. Mesmo assim, esperaram o veredito. Maldita

esperança!

– Vovó está no céu agora – murmurei quase sem voz. A continuação da frase “e a culpa é minha”

circulou apenas no meu cérebro. Somente eu sentiria aquela dor, era a minha responsabilidade lidar

com ela.

Mamãe desabou, literalmente. Não me surpreendi. Por mais difícil que seja perder uma avó,

deve ser ainda pior perder uma mãe. Eu não queria fazer ideia disso nem tão cedo. Chamei uma

enfermeira com urgência, que por sua vez chamou uma equipe. Levaram a mamãe em uma cadeira de

rodas; ela estava imersa em um meio desmaio esquisito.

Pedi a Sara que a acompanhasse, alegando que avisaria o acontecido à família. A minha irmã

estava desesperada, mas pelo menos eu soube que se manteria de pé para suportar toda a rebordosa de

mamãe.

Liguei para o papai. A notícia o abalou muito, porém senti que lamentou mais por nós do que

por si mesmo. Sobretudo pelo Gui que, quando soubesse, reagiria ainda pior. Depois de pelo menos

umas cinco ligações – de acompanhar muitas lágrimas e desespero por parte dos meus familiares –, o

meu mundo se transformou em uma espera.

Senti o frio que fazia no hospital congelar tudo de bom que existia em mim. Só conseguia pensar

na última vez que vi a minha avó. Aquela visita egoísta – afinal, só fui vê-los por causa da minha

solidão – havia sido a nossa despedida, e eu nem sabia. É duro demais aceitar um adeus, e pior ainda

um que poderia ter sido evitado.

Eu devia ter ido visitá-la durante a semana. Devia ter lhe falado mais coisas. Tê-la tratado com

mais paciência. Devíamos ter ido a mais lugares juntas, e ela devia ter me contado mais histórias. Não

importam os momentos que passei com a minha avó, nem a eternidade faria que eles fossem

suficientes.

Lembrei-me de suas últimas palavras direcionadas a mim. Eu havia dado um beijo em sua testa

e murmurado o famoso “bença, vó”. Ela sorriu, como sempre, e respondeu (como sempre também):

– Deus te abençoe, minha filha.

As recordações me fizeram cair em um choro silencioso e constante. Fui envolvida pela

nostalgia completa, que se dividia com a tristeza, e depois se somavam, multiplicando a dor no meu

peito. Chorei tanto que já estava cansada de fungar e tentar limpar o meu rosto com a gola da minha

blusa.

Fiquei imaginando se a Clarice tinha uma frase boa o bastante para me trazer conforto. Depois

de dois segundos, decidi parar de pensar nisso. Mesmo existindo uma boa citação, não havia ninguém

ali para proferi-la.

A minha família se reuniu na recepção, pelo menos três andares abaixo da sala de espera da UTI.

Sara me ligou depois de quase duas horas (que usei apenas para sentir a dor da perda), avisando-me

que o corpo já havia sido liberado para o IML fazer o serviço. Meu pai e o meu tio se juntaram para

organizar tudo o que seria necessário para fazer o velório. Como já era tarde, certamente as coisas só

seriam resolvidas de verdade pela manhã.

Eu não queria saber ou decidir sobre nada daquilo. Perguntei se a mamãe estava bem e,

recebendo uma resposta razoável, sequer os procurei para me despedir. Desci pelo elevador, seguindo

diretamente para a garagem do hospital. Fugi mesmo. Fui egoísta e, mais uma vez, abandonei as

pessoas que amava. Avisei a Sara que iria para casa, mas que no dia seguinte arranjaría uma folga no

trabalho para ajudar no que fosse preciso. Ela estava tão aérea que sequer ligou para o meu

distanciamento.

Simplesmente fui para casa. Dirigi como uma tartaruga paraplégica até estacionar em frente

àquele jardim, que já não me era estranho. Nunca o número 104 me foi tão atraente. Pensei que não

fosse capaz de chamar aquele lugar de lar, mas depois que percebi que havia trocado a companhia dos

meus familiares por aquelas paredes, compreendi, pela primeira vez desde que me mudei, que ali era a

minha casa.

Deitei-me no tapete consolador e chorei. Chorei alto, de um jeito que não pude fazer no hospital.

A sensação de alívio trazida pelo desabafo foi muito bem-vinda. Entendi os motivos da minha

escolha: eu só queria ser eu diante daquela dor. Não queria precisar me controlar, muito menos

consolar alguém. Não queria a cura para aquela dor, apenas senti-la como um mal necessário.

Arrastei-me até a minha cama, tirando a roupa pelo caminho. Os soluços se intensificaram

quando afundei o meu corpo no colchão, e a cabeça na camisa do Calvin sobre o meu travesseiro.

Ouvi gemidos curtos. Droga! Puta que pariu! Dia errado, Calvin Klein. Nada abafaria o meu

choro. E, de fato, eles conseguiram ser mais intensos do que aquilo que acontecia no quarto ao lado.

– Raissa? – ouvi a voz ofegante dele.

– Com quem está falan... – uma mulher tentou dizer.

Soltei um soluço ainda mais alto.

– Shhh... – Calvin mandou a maldita calar a boca. – Raissa, o que houve?

Continuei a chorar desesperadamente. Soquei o travesseiro com raiva, sentindo que ia explodir

de dor, ódio, frustração, tudo junto e misturado.

– Raissa, fala comigo... Por favor! – Balancei a cabeça negativamente. – Eu vou aí, agora!

– Não! – gritei. – Respeite a minha dor, pelo amor de Deus! Deixe-me chorar na minha própria

casa! – A minha voz saiu esganiçada, até mesmo meio malcriada.

– Mari, preciso que vá embora – ouvi-o dizer para a vadia que estava comendo. – Eu te ligo. É

um assunto importante.

– Tá... – A chateação da mulher ficou evidente. Não me pronunciei a respeito. – Me liga mesmo,

gato.

– Pode deixar...

Nojo. Vergonha. Ódio. Medo. Dor. Devia existir um nome que definisse tantos sentimentos ruins

juntos, assim quem sabe eu pudesse me compreender. No entanto, a palavra que chegava mais

próxima era: catástrofe.

Um acidente emocional gravíssimo acontecia dentro de mim.

– Raissa? – Ouvi batidinhas na parede, depois de alguns minutos. – Foi a sua avó?

Soltei um grito indefinido.

– Ela morreu! – decidi defini-lo, mas me arrependi. O meu berro foi capaz de me deixar ainda

mais assustada.

– Ah, meu Deus... Raissa, estou chegando aí. Abre a porta, por favor.

– Não! Por favor digo eu! Poupe-me de você.

– Raissa, eu sei como é isso. Acredite. Sei o que é perder alguém importante... Deixe-me ajudá-

la.

Soquei o travesseiro, depois o atirei contra a parede.

– Não! Eu não preciso de você, Calvin. Eu te usei tanto quanto me usou.
Fingimos que nos

conhecemos, mas somos dois desconhecidos. E eu não *quero* te conhecer,
pois já sei tudo o que

preciso saber para ter a certeza de que te quero bem longe de mim.

Calvin entrou em um silêncio profundo. Chorei e chorei em cada segundo
sufocante que se

arrastou. Às vezes, parava só para ouvir a sua respiração pesada, certamente
causada pela irritação que

lhe provoquei de propósito. Os serem humanos têm o péssimo hábito de
serem cruéis quando algo lhe

dói, só para terem o prazer de fazer o outro sofrer também.

Se bem que, naquele caso, não consegui definir quem estava sendo mais
cruel. Só havia uma

certeza: ali estavam duas pessoas extremamente magoadas com a vida.

– “Você pensa que nunca vai esquecer, e esquece” – sussurrou suavemente.

– “Você pensa que

essa dor nunca vai passar, mas passa. Você pensa que tudo é eterno, mas
não é”... Vou te deixar em

paz, Raissa. Fique bem.

Ouvi a porta de seu quarto batendo. Tranquei a do meu coração apenas para
conseguir respirar.

Joguei a chave pela janela e me preparei para uma noite longa.

A solidão, a dor e eu. Isso sim era um sanduíche de Raissa aceitável.

20

Se antes me entendia pouco, agora não entendo nada; e a única coisa que me anima é a certeza

de que sei mais sobre mim

Depois de uma noite horrorosa (qual o melhor adjetivo para definir uma noite em claro, com

lágrimas, dor de cabeça e uma solidão fora do comum?), fui ao trabalho apenas para conseguir uma

folga. O meu chefe não ficou muito satisfeito com a notícia, mas acabou me dando dois dias. Comecei

a temer pelo meu trabalho, coisa que jamais aconteceu. Só faltava uma demissão para a tragédia ser

total.

O fato é que passei o dia inteiro para lá e para cá com o meu pai e o meu tio. Não queria fazer

parte do lado da família que só lamenta, precisava ser útil. Era o mínimo que eu podia fazer pela

minha avó: ajudar a deixar o seu velório nos trinques.

Confesso que foi muito exaustivo. Os preços exorbitantes que as funerárias cobram por cada

serviço ultrapassam o limite do ridículo. Parece-me que eles querem se aproveitar da sua dor para lhe

arrancar cada centavo.

No fim do dia, à noitinha, conseguimos com muito custo deixar tudo organizado. O corpo da

vovó seria velado no dia seguinte às oito da manhã, e o enterro seria às nove. Alguns familiares que

moravam mais distante começaram a chegar à cidade. Pensei em ir dormir na casa dos meus pais

(qualquer lugar seria melhor do que sozinha no meu quarto, inconsolada... Sim, aquela noite me fez

mesmo mudar de ideia), mas eles receberam alguns parentes.

Mamãe estava inconformada. Obviamente, culpava-se pela morte da vovó, e mesmo que todo

mundo estivesse a apoiando, ainda assim não parava de se lamentar. Não a julguei por estar tão

desesperada. Eu mesma via o desespero da culpa se apossar do meu corpo, mas me controlava além do

normal, de modo que ninguém sequer imaginou o que se passava pela minha cabeça.

Voltei para casa com o velho ar de derrota. Estava exausta, porém sabia que não seria capaz de

dormir. Tomei um banho, comi uma maçã (praticamente meu único alimento do dia) e me joguei no

tapete consolador por algumas horas. Fiquei olhando para o teto, chorando baixo e assistindo à minha

dor.

Tinha vencido aquele dia com muita garra. Nem sabia que podia ser tão madura com relação a

algo tão triste quanto a morte. Pensei que desabaria... Mas ainda estava de pé. Às vezes é preciso que

algo muito ruim aconteça para que a gente perceba até que ponto podemos ser fortes. O meu mundo

continuará girando. Na noite passada, podia jurar que o tempo pararia por causa da minha dor, mas a

verdade é que tudo permanece.

Imaginei que, se fosse eu que tivesse morrido, ia querer que a minha família seguisse em frente,

sem lamentações. Sempre procurei não magoar ou decepcionar os meus pais, por isso certamente não

quereria que chorassem por mim. Vovó era o tipo de pessoa divertida que sempre compartilhava

coisas boas, diferentemente de alguns velhos carrancudos que vejo por aí. Ela gostava de viver, de ser

feliz. Jamais ia querer a tristeza dos outros, sobretudo de sua própria família.

Sendo assim, ficar triste é o mesmo que decepcioná-la. E eu não podia fazer aquilo com ela. Já

bastava a minha ausência, o meu descuido. Não tê-la visitado, mesmo sabendo que estava doente, foi

um erro grotesco. Entretanto... Não posso voltar no tempo.

Pensei na Clarice Lispector. Não me faça perguntas sobre isso, apenas entenda que não parei de

pensar nela. Acabei ligando o meu computador e fazendo algumas pesquisas. Havia muitas frases e

citações. Tipo, muitas mesmo. A mulher era uma verdadeira filha de uma mãe. Cada frase que eu lia,

percebia que estava apaixonada por aquelas palavras. E, depois de um tempo, percebi que ela as

agrupava de uma maneira singular, que supus fazer parte do seu estilo.

Reli as inúmeras frases que o Calvin já tinha me dito. Foi demais reconhecê-lo naquelas linhas.

Tentei não me sentir nostálgica. Tentei até mesmo sentir raiva do sujeito. Não consegui. Eu não

guardo rancor, não adianta. Faz parte de mim. Com ele ou com qualquer um, sou assim. Sempre

justifico os erros dos outros (mesmo que eles mesmos não consigam se justificar) e encontro um

modo de perdoá-los.

Eu sei, preciso deixar de ser besta.

Uma ideia esquisita passou pela minha cabeça. Não faço ideia de como foi que ela surgiu, só sei

que, com o monitor ligado e as frases da Clarice saltando em meus olhos, olhei para o lado, na direção

da parede de gesso branca, e por um instante me vi escrevendo nela. O discernimento me travou,

falando-me que era loucura pichar uma parede nitidamente recém-pintada, mas o meu lado

adolescente colegial falou mais alto.

Peguei um pincel atômico azul, que guardava na segunda gaveta do rack do computador. Liguei

o som no último volume e simplesmente mandei ver. Separei as frases que julguei ter mais a ver

comigo, incluindo as que o Calvin já havia me dito. Na verdade, as dele foram as primeiras a serem

escritas na maldita parede.

A atividade salvou a minha noite. Não pensei em problemas, não chorei, não me lamentei.

Apenas lia, relia e escrevia, tomando cuidado para não errar. A parede foi sendo preenchida

lentamente. Fui deixando as citações separadas umas das outras, pois queria que a “arte” ficasse pelo

menos um pouco homogênea.

Em cima da cabeceira da minha cama, dei mais ênfase a uma frase específica:

“Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome.”

Foi esquisito refletir sobre ela. Fiquei longos minutos ajoelhada na minha cama, com o pincel

aberto em mãos, lendo e relendo. Não pude evitar pensar no Calvin. Para mim, ele ainda não tinha

nome (deu para perceber por que foi tão esquisito?).

Fiquei cansada antes de realmente terminar o serviço, por isso decidi deixar lacunas em branco.

Podia preenchê-las depois, de acordo com as minhas necessidades. Também podia comprar mais

pincéis, quem sabe até coloridos, para deixar bem enfeitado. As possibilidades eram inúmeras.

Deitei-me no lado oposto da cama, com os pés na cabeceira, e fiquei observando o meu trabalho.

Deixei o som bem baixinho desta vez, apenas um ruído bem-vindo para espantar o silêncio. Ainda não

tinha me arrependido de ter feito aquilo. Bom, caso me arrependesse, tudo podia ser resolvido com um

pouco de tinta. Não era como fazer uma tatuagem nem nada.

Vencida pelo cansaço, acabei adormecendo profundamente do jeito que estava, e só me acordei

com o despertador. O som ainda estava ligado, por isso a primeira coisa que fiz quando me levantei da

cama foi desligá-lo. Preferia mil vezes ir trabalhar. Aliás, qualquer coisa era melhor que acordar cedo

e vestir uma roupa preta para dar adeus definitivo ao corpo de alguém que você ama.

Todos os meus vestidos pretos eram vulgares demais para um enterro familiar. Acabei optando

por uma calça preta, sapatilhas pretas e uma blusa estilo bata da mesma cor. Prendi os cabelos em um

rabo-de-cavalo e dispensei o uso de qualquer maquiagem.

Parentes, de um modo geral, falam muito e reparam mais do que deveriam nas atitudes alheias

diante de um enterro, por isso queria deixar as minhas olheiras visíveis. Nada de ninguém achar que

estou pouco me importando com a morte da vovó. Parecia idiotice da minha parte, mas eu queria

demonstrar, nem que fosse um pouco, que não estava bem.

Saí de casa já com a expressão certa para o tipo de evento que frequentaria. Para a minha total,

real e “puta que parial” surpresa, Calvin estava na minha varanda, de costas para a porta, com as mãos

nos bolsos de uma calça jeans preta. Aliás, ele também usava uma camisa preta. Abri a boca, sem

entender bulhufas.

Olhou para trás quando ouviu o ruído da minha porta (e o meu arquejo desesperado diante de sua

figura). Não sorriu. Seus olhos escuros permaneceram muito sérios.

– O que está fazendo, Calvin? – perguntei tão baixo que nem sei como o safado conseguiu ouvir.

– Achei que devesse ir contigo. Sei que não quer me ver nem pintado de ouro, mas... – Suspirou

e soltou um sorrisinho tímido, desviando os olhos dos meus. Cadê o meu vizinho safado e sarcástico?

Aquele das frases dúbias? Quem era aquele cara que usava roupas que conseguiam cobrir seu corpo? –

Poxa, eu... Já estou envolvido. Queria poder me despedir da sua avó, pois eu também torci e rezei

muito por ela.

Fiz uma careta. Era mais fácil me fazer acreditar que o coelhinho da Páscoa existe do que

naquele homem diante de mim.

– Não brinca comigo.

Calvin fechou ainda mais as expressões.

– Não estou brincando.

– Você sequer a conheceu!

– Se você a amou tanto, tenho certeza de que foi uma mulher incrível... – Sorriu um pouco.

Aquele papo estava ficando tão estranho que só faltava o Sérgio Malandro aparecer e ficar

berrando “iê iê” para que a pegadinha fosse completa.

Tentei refletir, mas foi impossível.

– Ela foi, Calvin, mas nem tudo que amo é incrível – soltei sem pensar.

Ele desviou o rosto, que corou de imediato. Tipo... Ferrou geral. Será que tinha levado aquilo

como alguma indireta? Não foi a minha intenção, juro. Não estava falando sobre ele. Quero dizer, eu

não o amo. Pelo amor, né? Claro que não. Deus me livre.

– Tudo bem, Raissa... Você venceu. – Abriu os braços, derrotado. – Eu realmente odeio

enterros. Não há coisa pior. Só queria que não se sentisse sozinha como aconteceu quando meus avôs,

depois meu pai e, por fim, a minha ex-namorada se foram.

Arregalei os olhos. Mesmo. Acho que eles ficaram do tamanho de duas laranjas. Achei até que

fossem sair de mim e saltitar pelo jardim como duas bolas de pingue-pongue. Um peso de mil

toneladas se instalou na minha cabeça, e fiquei tão estupefata que a minha visão meio que escureceu.

– Como é que é? Calvin... O que...

– Deixa pra lá, Raissa. Não preciso que tenha pena de mim. Eu nem devia ter dito isso... Só estou

chateado... Não com você, comigo mesmo. – Saiu andando na direção do jardim, e acabei o

acompanhando. Subimos o degrauzinho de sua varanda. Ele percebeu a minha aproximação. –

Ninguém merece passar por isso. Não é justo. Você é uma mulher doce... Esse mundo é uma merda

mesmo! – Abriu a porta de sua casa e finalmente me olhou. – Olha, eu só quero que você não seja

como eu... Quero que passe por isso da melhor forma possível. Não precisa se modificar para sustentar

a dor de uma perda. Por favor, não mude.

Meus olhos já estavam cheios de lágrimas.

– Por que não se ouve? – choraminguei. – O que precisou modificar para aguentar toda essa

barra? Talvez eu também não queira que você se modifique.

Balançou a cabeça negativamente.

– Você não conheceu o que fui, Raissa. – Deu um passo na direção da sua porta, mas eu o impedi

de entrar. – E também não quer conhecer o que sou, você tem razão... Não vale a pena.

– Não...

– Foi o que você me disse. Mas está certa, só ouço verdades saindo da sua boca.

Levei as mãos aos meus cabelos.

– Você não vai me confundir – murmurei. – Nunca mais irá me confundir com esse seu jeito

de... – Parei. – Vou ao enterro da minha avó. É o melhor que eu faço. É o que me resta fazer.

Ele aquiesceu, concordando silenciosamente. Não estava muito feliz. Quero dizer, não parecia

nada feliz.

Atravessei o jardim as pressas. Senti que Calvin estava me observando, mas não olhei para trás.

Precisava focar na minha família, na minha vida, na minha dor. A culpa por ele não estar me

acompanhando naquele momento difícil era somente dele.

Cheguei ao cemitério um pouco atrasada. O caixão e as flores já estavam bem localizados na

área reservada para o velório. A família estava toda lá. Foi um chororô absoluto. Tentei não ser, juro

que tentei, mas acabei sendo egoísta. De novo. Evitei me juntar a qualquer pessoa, principalmente a

minha mãe, que chorava copiosamente. Apenas devolvi o abraço de algum ente que por acaso se

aproximasse de mim, e só.

Não quis me aproximar do corpo da vovó. Eu não precisava arrancar de mim a memória de seu

sorriso para pôr no lugar lembranças de seu corpo inerte, sem vida. Mantive-me distante como uma

sombra, andando por entre as flores e chorando silenciosamente. Passei despercebida, na medida do

possível.

Foi papai o primeiro a notar o meu comportamento estranho. Ele se aproximou de mim e me

envolveu pela cintura. Passou a mão pelos meus cabelos, beijando-me a testa. Abracei-o

demoradamente.

– Você está bem, querida?

– Vou ficar...

– Sei que vai. É a mais forte.

– Não tenho tanta certeza... Parece força, mas é só covardia.

Papai me afastou um pouco, a fim de verificar os meus olhos. Era tão bom vê-lo de novo. Minha

nossa... Não sabia que sentia tanta saudade dele. Meu pai era um gatinho. Sério. Era um cinquentão

sarado e muito bem cuidado, mas com todas as características de um pai coruja. Os cabelos escuros

meio compridos e a barba por fazer eram parte de seu charme. Eu o amava tanto...

Comecei a chorar enquanto nos encarávamos. Ele ficou imediatamente aflito.

– Ah, filha... Não consigo te ver assim. Queria poder livrar vocês de momentos como este...

– A dor faz parte, pai. Vamos todos ficar bem.

Ele sorriu um pouco. Uma tia se aproximou para lhe perguntar alguma coisa, e acabamos nos

afastando. Aqueles segundos com o papai foram os mais significativos do velório. O restante nem

merece ser mencionado. Sei lá, não curto a ideia de corpos mortos sendo enterrados. Sinto-me

claustrofóbica. Acho que todo mundo que morresse devia simplesmente se evaporar, sumir no espaço,

misturar-se aos pequenos átomos até que não restasse mais nada.

As orações foram bonitas, as palavras dos familiares que se dispuseram a falar também.

Recusei-me a deixar qualquer comentário. Não havia o que ser dito. Ou melhor, não tinha nada para

dizer a minha avó que não pudesse ser ouvido por meio das tantas orações que já tinha feito para a sua

alma. Acho que não queria mesmo confortar ninguém. Talvez uma parte cruel de mim desejasse que

todos sofressem sem consolo. Talvez fosse apenas mais um sinal de egoísmo.

Estava voltando para o meu carro depois daquelas horas exaustivas de solidão acompanhada.

Minha prima Lilian apareceu de repente, com os olhos aquisitivos na minha direção.

– Vamos lá, minha filha, agora me diga quem é aquele cardápio, porque filé e pão é muito

pouco!

Franzi a testa.

– Hã?

– O seu vizinho, Rai! Como não me falou dele antes? Só não tive um troço naquele hospital

porque não parava de pensar na vovó...

– Ah. Pois é.

– Como assim, “pois é”? Já pegou?

Suspirei.

– Não estou no clima, Li. Sério.

– Não, Raissa... Não vai se sair. Você está em falta comigo. Pensa que me esqueci de que me

deixou sozinha naquela festa? Depois, nem me ligou mais! Não me contou sobre a mudança, sobre o

vizinho... O que está acontecendo contigo?

Comecei a gaguejar. Meu cérebro perdeu o foco.

– Estão namorando? Foi morar com ele, é isso? Meu Deus, você está grávida?

– Que ideia, Li! Claro que não, credo! Ele é o meu vizinho, só isso.

– Então por que todo o mistério?

– Eu só me esqueci de avisar.

– Raissa... Uma pessoa se esquece de avisar muitas coisas, mas uma mudança? Que consideração

você tem por mim?

– Desculpa, Lilian... É sério, eu sou esquisita.

Ela assoprou a própria franja, fazendo uma careta emburrada.

– Não importa. Cadê o rapaz? Precisava dar mais uma olhada no sujeito. Quando o liguei hoje de

manhã, eu...

– Quê? Você o quê?

Hahaha. Tá bom, vida, já ri. Agora, parou com a gracinha.

– Minha filhaaaaa, que voz linda que ele tem. Calvin, né? Acho que foi esse nome que ele me

disse, agora estou na dúvida... – Coçou o indicador na lateral de sua testa.

– Como conseguiu o telefone dele?

– Naquele dia do hospital. Você sabe que não perco tempo, né? Falei para que me ligasse caso

precisasse, maior desculpa furada! – Riu alto. Nem parecia que tinha acabado de enterrar a avó. – Mas

então, se estiver rolando entre vocês, diga logo ou cale-se para sempre, prima!

Perdi a paciência. Na moral mesmo. Eu nem tinha me perguntado como o Calvin havia tomado

conhecimento do enterro, mas agora tudo estava muito claro. Lilian é fogo.

– Fica a vontade, priminha. – Dei de ombros. Ela também era da turma do “pega e não se apegas”,

com certeza teriam boas fudas e nenhum problema com a falta de compromisso. – Mas vou logo

dizendo que é um canalha. Crie um zoológico com relação a ele, só não crie expectativas.

Gargalhou.

– Adooooooooooooo!

Sorri só para ser educada. Despedi-me dela o mais depressa que consegui (ou seja, depois de

meia hora de pura ladainha) e fui voando para casa. Passei em um supermercado e comprei uma

quantidade de doces superior ao que costumo comer durante o ano inteiro.

Usaria a minha folga para me entupir de açúcar. Transformaria cada cicatriz em aprendizado, e

cada lágrima em caloria.

21

O adeus consensual e com hora marcada me parece atitude de gente que nunca vai conseguir se

despedir de verdade

Já sabia que os próximos dias seriam difíceis. Não fui surpreendida pelos inúmeros momentos

em que parei para refletir sobre como estava me sentindo triste. Acho que o pior foi ter que trabalhar

mesmo sabendo que não estava pronta para focar em nada que não fosse a minha avó. O meu

rendimento só fazia cair; bem que tentei dar o melhor de mim, mas ninguém consegue fazer isso

vivendo em sua pior versão.

As noites eram as piores. Não sei o que há com elas... Parece que a vida se cala só para ouvir

todas as coisas pelas quais você se lamenta. A consciência me atingia durante as madrugadas, e a

minha única salvação era acrescentar mais frases à minha “parede da Clarice” (com os pincéis novos

que comprei).

Colocava música alta toda vez que sabia que o Calvin estava com alguém. E ele não me

poupou... Não me lembro de um dia que tivesse passado sozinho. Ele estava com o apetite (ou a

safadeza) nas alturas. Tentava sempre disfarçar os sons de sexo, mas era impossível. No fundo, sabia

que eu estava ouvindo. Não tinha como não ouvir. Mas, fazer o quê? A gente cura a dor com o que

pode. Eu tinha uma parede, e ele tinha um pênis.

O tempo passava, e eu me sentia cada vez mais vazia. A minha alma se sentia um pouco melhor

quando me deitava na cama, virada para a parede, e relia tudo. Liguei para a minha família todos os

dias. Eles não estavam tão diferentes de mim, mas pelo menos permaneciam juntos. E eu só tentava

não me deixar ser vencida pela dor. Pensei pelo menos umas mil vezes em voltar para casa. E então,

eu parava na frase mais destacada da minha parede.

“Liberdade é pouco.”

Meu Deus, como é pouco. Pensei que tudo se resolveria quando me mudasse. Meus problemas

teriam fim, minha vida avançaria... Seria quem realmente pensava que era. Mas não... Tenho outros

problemas, outras inércias... E sou exatamente o que eu não sabia que era. Uma desconhecida com o

mesmo rosto de sempre.

“O que eu desejo ainda não tem nome.”

Estabilidade? Coragem? Maturidade? Afinal, o que eu queria? Ou melhor, do que eu precisava?

Às vezes é melhor a gente ter o que precisa do que ter o que a gente quer. Talvez a palavra certa seja

autoconhecimento. Eu queria muito poder me conhecer por inteira. Não saber quem realmente sou me

angustia. E de fato coloca em risco toda a liberdade com a qual sonhei a minha vida toda.

A minha relação com o Calvin voltou a esfriar. Devo tê-lo encontrado pelo menos duas vezes

logo pela manhã. Como sempre, estava aguando as plantas com o famoso regador. Cada bom-dia que

trocamos foi desanimador, brochante. Ele mal olhava para a minha cara. Eu também não. Mesmo

assim, sei que me observava quando eu virava as costas.

Bom... Tentei não pensar nele. Mas eu não tinha nada melhor para pensar. SÉRIO. Família: não.

Trabalho: não mesmo. Vida amorosa: piada. Amizades: neca de pitibiriba. Por isso não me julgue,

cada segundo em que não pensava na vovó era ocupado pelo meu vizinho cafajeste. Recordava-me de

cada palavra, cada toque... De tudo. Percebia o quanto a minha vida era chata sem o seu bom humor

constante.

Não devia estar com raiva, visto que me deixei ser decepcionada. Ele me avisou. Eu que não

acreditei que alguém pudesse ser tão ridículo. Minha raiva sofria variações de acordo com a linha do

meu raciocínio. Ora ficava puta da vida, e tinha vontade de sair fodendo o mundo todo só para esfregar

na cara dele, ora pensava com mais calma e percebia que fazer isso só me faria ser uma mulher que

não sou, e pior, por causa de alguém que não merece. Se eu queria o respeito dele, precisava, antes de

tudo, respeitar a mim mesma.

Depois de muito refletir, percebi que começamos errado. Quero dizer, talvez tenha sido preciso

termos feito sexo loucamente (nada é por acaso), porém o erro se encontrava em mim e na minha ideia

ultrapassada de mesclar sexo com sentimento. De criar expectativas.

Não havia por que prosseguir com aquele clima chato. Precisávamos apenas deixar as coisas

mais definidas. Afinal, Calvin não era uma má pessoa, muito pelo contrário. Ele só era um péssimo

pretendente a algo mais que uma amizade comum.

Quando chegou o domingo de manhã, abri os olhos já decidida a não deixar as coisas como

estavam. Coloquei o meu biquíni branco e optei por um vestidinho transparente como saída de banho.

As minhas promessas seriam devidamente cumpridas (ele não tinha o que cumprir, pois nunca me

prometeu nada). Dificilmente falo alguma coisa por falar, principalmente sendo tão importante. Sabia

bem que o domingo era um dia difícil para o meu vizinho. Não custava nada ajudá-lo.

Peguei uma garrafa de cachaça e alguns limões dentro da minha geladeira. É isso mesmo; se a

vida te der limões, faça uma limonada. Ou uma caipirinha (tudo fica melhor com cachaça).

Percorri o longo (só que não) caminho até a varanda dele. Observei pela janela, como de

costume, mas não consegui vê-lo. Estava tudo escuro. Ainda conferi se seu carro continuava atrás do

meu, vai que não estivesse em casa... Mas o veículo permanecia estacionado no lugar de sempre.

Abri a porta devagarzinho. Estava aberta. Acho que era costume do meu vizinho se manter tão

desprotegido. Qualquer um poderia entrar ali, inclusive um assaltante. O muro baixo gradeado e a

portinha não significavam nada. Calvin ficava muito exposto.

Uma coisa ruim se instalou no meu estômago só de imaginá-lo deixando a porta destrancada à

noite. Tudo bem que devia facilitar para as suas vadias entrarem e saírem quando bem entenderem,

mas não deixava de ser perigoso. Ele precisava parar de fazer aquilo com urgência.

– Calvin? – chamei quando cheguei à sua sala. Dei alguns passos leves, percebendo que aquele

lugar continuava do mesmo jeito como da última vez que o vi. Não que fizesse tanto tempo assim. Só

pareceu uma eternidade, mas não foi.

Olhei por todos os lados e depois reparei que a porta do quintal estava aberta. Ainda era cedo,

provavelmente um horário entre dez e onze horas da manhã, por isso não achei que já estivesse lá.

Mas estava.

Entrei devagarzinho, timidamente. Percebi que o vizinho estava de costas para a porta,

empunhando uma tesoura de jardineiro, concentrado até demais em podar um dos tantos vasos que

enfeitavam o quintal. O encanto tomou o meu corpo novamente. Tudo me pareceu lindo demais, desde

o jardineiro até o sol brilhando com força, intensificando os tons de verde e o colorido das variadas

flores.

A piscina estava lá, com uma mangueira se preocupando em deixá-la cheia. A mesa, a palhoça, o

som, as pedras achatadas... A churrasqueira ainda estava desligada, mas senti um cheirinho bom de

comida gostosa. Certamente ele já tinha preparado alguma coisa e levado para lá.

Fiquei o observando. Só dava basicamente para ver a sua bunda (quase cedendo à sunga

vermelha), as pernas torneadas e as coxas musculosas. O cabelo escuro estava meio molhado, espetado

para cima. Uma coisa de louco. Mas eu precisava me controlar. Tinha de ser forte pelo menos uma vez

na vida, já que havia sido covarde em todos os âmbitos até então.

Percebi uma toalha branca e comprida ao lado da piscina. Foi lá mesmo que me sentei. Depositei

a garrafa e os limões ao lado, pois se eu andasse até a mesa ele provavelmente me veria. Queria fazer

uma surpresa. Sei lá.

Retirei a minha saída de banho, lembrando-me de que não tinha pensado em passar protetor

solar, ou pelo menos um óleo bronzeador.

Com atenção, olhei ao redor. A sorte fez ser possível haver um tubo de filtro solar perto de onde

começava a armação da piscina. Esgueirei-me, conseguindo pegá-lo. Pus uma quantidade em minhas

mãos e comecei pelas pernas. Uma música bem legal começou a tocar na rádio, e ouvi Calvin

cantando baixinho. Admito que meu coração colocou chifres na minha razão; foi uma traição

involuntária.

Depois de ter quase me melecado inteira com o filtro solar (menos as minhas costas, pois não

alcancei), e de ter visto o Calvin trabalhar em mais dois vasos, fiquei cansada de esperar pela sua

surpresa. Na verdade, tinha começado a ficar muito nervosa com a espera. Se ele detestasse me ver por

ali? Se me expulsasse de sua casa? Tudo podia acontecer.

– Tem como passar isso nas minhas costas? – perguntei alto para ser ouvida, esticando o produto

na direção dele.

Calvin levou um susto, virando-se na minha direção. Ofegou um pouquinho e, finalmente, sorriu

o velho sorriso safado. Uma segunda traição aconteceu dentro de mim. Sorri de volta, ainda com o

filtro apontado para ele.

– Raissa? – Ele não acreditou muito que eu estivesse ali.

– Eu! Vamos, Calvin, o sol está me assando toda.

Ele soltou a tesoura na grama e veio andando até mim, sem desviar os olhos. Parou no lado

oposto da piscina só para lavar as mãos com a mangueira. Depois, continuou o seu percurso. E eu

continuei sorrindo feito uma boba.

– Que inveja dele! – respondeu, e o sorriso ficou ainda mais cafajeste. Achei que fosse ter uma

morte súbita quando chegou perto o bastante e se ajoelhou ao meu lado.

Admirei os seus olhos, agora um pouco claros por causa do sol forte, analisando-me com alegria.

Desci um pouco o meu olhar para a coisa que brilhava em volta do seu pescoço. Era a corrente. A

corrente de prata com a inicial C. Ergui uma mão e a toquei, de quebra encostando, sem querer

querendo, na sua pele entre os peitos.

Calvin pegou o tubo das minhas mãos e, sem deixar o sorriso ir embora, colocou uma grande

quantidade nas suas. Tampou-o com os dentes e o jogou em cima da toalha. Virei-me de costas para

ele, puxando os meus cabelos para frente. Fechei os olhos quando senti o seu toque.

– Eu trouxe caipirinha. Quero dizer, os ingredientes.

– Você trouxe muitas coisas, Raissa. – Eita... Frase dúbia? Só podia ser. Conheço-o bastante para ter certeza.

Suas mãos percorreram a minha coluna de um jeito nitidamente sensual. Prendi os lábios,

tentando em vão controlar o meu corpo. A excitação foi acesa sem precisar de muita coisa. Bastou

apenas a merda de um toque, e pronto. Já era.

– Trouxe apoio. E amizade.

Sua boca foi parar no meu ouvido.

– E o quê mais? – rosnou baixo, como um gato selvagem.

– Só.

Calvin me puxou pela cintura, obrigando-me a ajoelhar também. Afundou sua boca no meu

pescoço, passando as mãos agora pela minha barriga. Desceu pela lateral da minha coxa, e fechei os

olhos com força. Minha nossa... Precisava resistir. Precisava ficar imune aos seus ataques sempre

precisos. Precisava não sentir tantas emoções quando aquelas mãos encontravam a minha pele.

De repente, virou-me de frente. Meu peso pareceu significar nada durante aquele movimento, e

me vi deitada sobre a toalha em menos de dois segundos. Um corpo grande, másculo, sedutor e safado

foi colocado bem em cima de mim. Pedi socorro aos céus.

– Calvin... Não... – O pedido foi patético. Era óbvio que eu queria aquilo tanto quanto ele. Se eu

tivesse um pau, estaria tão duro quanto o que me cutucava entre as pernas.

Ele segurou o meu rosto, parando para me observar calmamente. Eu estava desesperada. Como o

maldito podia estar tão tranquilo? Era muito injusto. Quando voltou a abrir o sorriso, desta vez muito

perto, achei que, sim, o mundo era mesmo uma porcaria injusta e deprimente.

Balancei a cabeça em negativa. Precisava tentar mais uma vez.

– Não vim aqui atrás de sexo, Calvin Klein. – Aquela frase me fez ter coragem para prosseguir. –

Não quero isso de você. Vim prestar o meu apoio, como prometido... Vim te fazer companhia.

– Poxa, Raissa, como você mente mal. – Riu de leve, passando seus dois polegares pelos meus

lábios. Seu rosto estava tão colado ao meu que era impossível não entrar em um estado febril.

Calvin se ergueu um pouco e levou uma mão à parte de baixo do meu biquíni. Gemi de

frustração, fazendo uma careta. Tentei fechar as minhas pernas, mas ele não deixou. Passou um dedo

por dentro, atingindo-me em cheio.

Bufou.

– Se sua boceta não estivesse tão molhada, eu até acreditaria em você, vizinha. – Sorriu

amplamente. Senti-me perdida, encurralada. Traída, mais uma vez, pelo desejo sufocante. Mas que

merda! Eu precisava parar. Urgente. – Nunca esperei tanto para ter alguém quanto espero para te ter,

Raissa... – Tirou os dedos de mim, colocando-os na própria boca.

Lembrei-me da Karen-quenga na hora. Argh. Ódio!

Foi a péssima lembrança que me fez empurrá-lo com força, utilizando mãos e pernas.

– Não, Calvin. Não será assim!

Ele se ajoelhou na toalha. Sentei-me de novo, afastando-me o máximo que pude. Ouvi um

rosnado de frustração partindo dele. Uau! Calvin frustrado? Que ótimo que vivi para acompanhar isso

de perto.

– Você é sempre tão difícil!

Difícil? Meu Deus, ele nunca me viu difícil. Mas irá ver. Ou não me chamo Raissa Magalhães.

– Você que é fácil demais.

Calvin arquejou e se sentou ao meu lado, com as pernas flexionadas e os braços apoiados nos

joelhos. Aquela tinha sido por muito pouco.

– Apenas não finjo não te desejar. É simples.

Suspirei. Sério, mesmo meu ego estando absolutamente orgulhoso por ser alvo do desejo

daquele cara, o meu lado racional sabia que o maldito sequer era seletivo. Ser alvo de seu desejo era o

mesmo que ganhar na loteria junto com mais dois milhões de pessoas. Eu precisava ser alvo de outra

coisa; algo bom o bastante que me faça ganhar sozinha na Mega-Sena acumulada.

– Vai ter que fingir. Ou, pelo menos, aceitar que não pode ter tudo o que quer. Vou deixar as

coisas bem claras, Calvin, se quiser a minha amizade, vai ter que ser só ela. Nada mais.

Encarou-me com seriedade. Deu de ombros. Sorriu um pouco.

– Nada?

– Nada. Não haverá sexo, beijos... Não haverá nada que dois amigos não façam. É só isso que

quero de você – menti. Uma mentira necessária para o meu futuro.

Ele apoiou as mãos para trás. Olhou para um ponto entre as suas pernas. Acabei olhando

também, por curiosidade. Um volume grotesco fazia a sunga ficar mais apertada que o normal.

– Diz isso pra ele, não pra mim. Um amigo não deve ficar de pau duro quando vê uma amiga,

certo? – Gargalhou.

Mesmo quase entrando em desespero, fiz força para rir também. Tomei um pouco mais de

fôlego para prosseguir.

– É isso ou nada. Do contrário, serei sempre a vizinha emburrada contigo. É o que quer? Que

permaneçamos neste clima insuportável?

Aprumou-se, segurando a corrente de prata com as duas mãos. Pareceu-me um gesto

involuntário. Será que tinha criado aquela mania? Com que frequência estava usando a corrente?

– Não, claro que não. Eu... Eu senti muito a sua falta – disse seriamente.

Droga... Coração traiçoeiro que não consegue ouvir certas coisas e observar certos sorrisos!

Quase joguei tudo pelos ares. Sentia que estava por um triz, em cima de uma corda bamba, tentando

me equilibrar no autocontrole.

– Eu também – murmurei. Calvin ergueu uma mão e apertou um pouco a minha bochecha.

Largou-me rápido demais. – Como você está?

– Não, não... Como *você está?*

Dei de ombros.

– Péssima. Dói tudo.

– Sei como é... – Suspirou. – Vai passar. Eu assopro. – Abriu o largo sorriso.

– Conte-me tudo, Calvin.

Encarou-me como se tivesse acabado de receber uma notícia horrível.
Passou as mãos pelos

cabelos ainda molhados, espetando-os mais.

– Não... Não, Raissa, por favor. Hoje, não.

– Tudo bem, eu entendo. Mas talvez seja melhor desabafar. Quem era ela?
Digo, sua ex?

Ele fechou os olhos. Desviou o rosto e lá ficou, voltando a segurar a
corrente. Toquei seus

cabelos com cuidado, aproximando-me mais. Colei meu corpo no seu,
lateralmente. Calvin demorou

tanto a mostrar reação, que acabei puxando seu rosto para mim.

– Às vezes decepciono um pouco, como aconteceu contigo. Às vezes
decepciono muito, como

aconteceu com ela. – Continuou sem me olhar.

Se o que fez comigo era o pouco, minha nossa...

– O que *você fez?*

Sorriu.

– Não a amei. Foi isso. Não se deve namorar alguém sem amar, certo?
Acredite, eu fazia o

tempo todo. Chegava a ter umas três ou quatro namoradas de uma só vez.

Prendi os lábios com força. Puta merda... Ele não está querendo me dizer que...

– Ela se matou? – Minha voz saiu estridente.

– Não, eu a matei, Raissa. Foi a mesma coisa. Agora, vamos mudar de assunto. E a sua família?

Larguei seus cabelos e me afastei totalmente dele. A minha cara não devia ter sido nada bonita,

pois sentia meu rosto pulsar, esquentar e quase explodir.

– Acho que estão bem. Quando foi isso?

– Que bom... Espero que todos superem depressa. Você também, mocinha.

– Desta vez, apertou a

ponta do meu nariz. – Gosto de te ver sorrir.

Rosnei, um pouco frustrada.

– Quando foi isso?

Calvin fechou as expressões.

– Alguns meses depois da morte do meu pai. Perdi o rumo, sabe... Enrolei as coisas. Ela

descobriu sobre a minha promiscuidade, mas não desistiu de mim. Ficou enchendo o meu saco até que

perdi a cabeça e falei que nunca a amei. Dois dias depois, ela... Eu... Nunca quis que... – Sorriu.

Ele sorriu mesmo? Não acreditei, mas foi. Acredite se quiser.

– Ai, meu Deus...

– Prometi a mim mesmo que nunca mais enganaria ninguém – murmurou, visivelmente

perturbado. – Quem quiser ficar comigo, precisa saber como eu sou. Não tenho nada parecido com

namoro, sequer fico com uma pessoa só por muito tempo. Não me envolvo, Raissa. Não posso

arriscar, devo isso a memória dela.

Ai, meu Deus do céu! Que horror!

Meus olhos se encheram de lágrimas. Mal sabia que pensar.

– Ah, não, Raissa... Por favor, me diga que não veio aqui para sentir pena de mim, para se

lamentar pelo que passei... E pelo que fiz os outros passarem. – Suspirou. – Você precisa entender que

a culpa sempre é minha. Eu faço tudo errado.

Neguei com veemência.

– Vim aqui para ser sua amiga. Uma amiga de verdade. Não falo de amizade colorida, falo de

uma amizade preta e branca. Absolutamente neutra – expliquei. – E isso significa que o tempo que

gastaria fazendo sexo comigo será utilizado com muita conversa.

Ele bufou, contrariado.

– Não vejo vantagem.

– Claro que há. Não vai haver só conversas sérias! – Dei-lhe um tapinha no braço e ri, tentando

fazer o clima melhorar um pouco. Calvin gargalhou. Foi tão fácil. Era simples demais fazê-lo rir. Seu

humor se modificava em uma velocidade tão impressionante que me deixava meio confusa. Precisava

me acostumar com aquilo. – Também podemos fazer muitas coisas, como amigos! – No fundo, eu

mesma estava tentando me animar com relação à nossa nova condição.

– O quê, por exemplo, amiguinha? – ironizou, erguendo uma sobrancelha. Rachei de rir de sua

expressão.

Levantei-me da toalha em um sobressalto.

– Cair na piscina! Simbora? Está muito quente hoje!

Calvin ficou me olhando de um jeito engraçado, até que, de repente, levantou-se e foi me

empurrando para a piscina. Meus joelhos bateram na borda e meu corpo se projetou para frente. Caí de

cara, seios e barriga na água gelada.

Quando submergi, só ouvia gargalhadas.

– Cretino! – Ergui-me o mais depressa que pude e comecei a espirrar água congelante nele,

usando mãos e pés. O coitado bem que tentou se esquivar, mas, percebendo que seria pior receber

aquele gelo gradativamente, deu um mergulho. – Não vale, Calvin, eu não ia molhar meu cabelo! –

gritei quando ele se sentou, já dentro da piscina.

– Desculpa aí, amiga!

Dei língua para ele, mas me arrependi. Seu sorriso foi embora, e ficou observando a minha boca

com atenção. A cara de bocó que fez acabou me fazendo rir. Decidi me deitar com a cabeça apoiada

em um dos vértices da piscina. Calvin continuou sentado, olhando-me.

A água até que estava relaxante. Achei isso depois que o choque inicial passou, e fiquei

brincando com as minhas mãos, tentando ignorar a seriedade repentina do safado do 105.

– Raissa, eu queria te pedir uma coisa. – Ainda me encarava.

– Sim, claro. – Meus nervos quase se espatifaram por causa da apreensão. O que iria me pedir,

Senhor?

– Aliás, duas coisas.

– Fala logo!

Antes que eu morra de curiosidade, né?

– A primeira é que não conte a ninguém as coisas que te falo – disse com um olhar sério. – Você

é a única que sabe tanto.

Um nó subiu na minha garganta. Tentei engoli-lo, mas eu precisaria de uma abertura do tamanho

de uma baleia (no mínimo!) para fazê-lo passar.

– Sem problemas, Calvin. Isso não está em questão. Tudo o que for dito ficará entre nós.

Sorriu.

– Obrigado.

– Agora, faça seu segundo pedido.

– É que... Eu tenho problemas com adeus.

– Como assim? – Franzi o cenho. Levei mais água para o centro da minha barriga, usando as

mãos. Minhas pernas estavam esticadas, meio que boiando. Meu traseiro se encostava ao fundo

plastificado da piscina de armação.

– Não estou lidando muito bem com a ideia de nunca mais te tocar. Eu queria uma última

chance.

Sentei-me, de repente. Calvin passou da seriedade para o sorriso debochado em um raio de

segundo.

– Calvin... Não...

– Uma noite, Raissa. – Ergueu o dedo indicador. O olhar estava no modo cafajeste. – A última.

Juro. Nunca mais vou te tocar depois dela. Seremos amigos, como o combinado.

Suspirei alto, tomada pelo nervosismo completo. A proposta era... Maluca. Não podia dar certo.

Só abriria mais uma cratera dentro de mim, ou pior, deixaria a aberta ainda mais funda. Por outro

lado, o meu corpo quase pulou de felicidade. Talvez eu também estivesse precisando de um adeus

mais digno.

– Não – a razão me fez dizer.

– Por favor... Eu juro. – Suspirei alto. Merda. – Ei... Vai ficar tudo bem. Seremos amigos, os

melhores amigos do mundo. Meu pau nem vai ficar duro, você pode até ficar nua na minha frente! –

falou tão rápido que parecia mais um moleque.

Jorrei água na cara dele.

– Não exagera!

Gargalhou muito, revidando. Iniciamos uma verdadeira guerra. Juro, a gente levou a sério a

batalha. Começamos espirrando água um no outro com as mãos, até que fomos rindo e usando os pés

também. No fim, estávamos de pé, chutando a água como podíamos, com nossas barrigas doendo de

tanto rir.

Foi divertido. Talvez o momento mais legal que já passei com ele, provando a mim mesma que

seríamos melhores se fôssemos apenas amigos. Infelizmente, o instante teve fim depressa, mas pelo

menos foi um fim maravilhoso. Quero dizer, eu não devia achar maravilhoso. Não devia sentir tanto

tesão quanto senti quando ele me puxou de encontro ao seu corpo.

As mãos permaneceram na minha cintura, porém os olhos encaravam a minha boca. Estremeci

diante do seu corpo molhado, esbanjado sensualidade, pecado e excitação.

– Esta noite, vizinha – definiu. – Diz que sim.

Fechei os olhos. Foi o meu maior erro, pois Calvin não hesitou em fazer nossos lábios se

encostarem. Beijou-me com um fogo sem igual, fazendo-me sentir calor mesmo estando ensopada de

água fria. As mãos subiram pelas minhas costas e agarraram os meus cabelos. Soltei um gemido. Ele

precisava ser tão bom nisso?

– Diz que sim, Raissa... – murmurou entre meus lábios.

Acabei tendo uma ideia. Uma ideia que, por Deus, precisava dar muito certo. Foi um *insight*

impressionante, uma reviravolta nas minhas ideias e atitudes.

– Esta noite... – Coloquei-a em ação. Nem pensei muito nas consequências, não nas que se

referiam a mim mesma. Só pensei nas consequências que o Calvin precisava sofrer.

– Em que parte da nossa casa? – Desceu os lábios pelo meu pescoço, numa ânsia que prometia

ser insaciável. Senti o volume de seu pênis firme na minha barriga.

De novo a palavra nossa? Meu pai amado!

– Vai terminar onde tudo começou – defini.

Ouvi seu riso contra a minha orelha direita.

– A gente se vê na sua cama, vizinha. Não vejo a hora... – Gemeu de propósito, fazendo-me

arrepiar dos pés à cabeça. – Vou te foder como se não houvesse amanhã...

– Mas não vai ter mesmo – respondi com convicção forçada.

– Então, imagina só como vai ser.

Ah, eu imagino, Sr. Klein. Imagino perfeitamente, como se estivesse acontecendo agora. Só não

sei se conseguirei esquecer depois. Portanto, você tem a obrigação de me fazer esquecer após o último

beijo. O problema é que eu vou te fazer lembrar a cada instante; vou te dar uma noite que mulher

alguma conseguiu te dar na vida.

Diz a verdade, eu estava fodida. Mas ele também estava, e mal sabia disso.

22

Ser dele foi a melhor coisa que me aconteceu nas últimas semanas, mas tê-lo para mim está no grupo

de melhores coisas que já me aconteceram na vida

Calvin não me tocou durante todo o churrasco (uma pena...). A nossa despedida tinha hora

marcada, e ele não pareceu disposto a adiantá-la. Aproveitei a oportunidade para lhe perguntar sobre o

novo emprego, já que não sabia se tinha ou não dado certo. Para a minha alegria, ele me contou,

animadíssimo, que estava adorando o cargo de cozinheiro. Até me convidou para visitar o restaurante;

era um bem conhecido na cidade, especialista em massas.

Fiquei muito feliz por ele. Mesmo. E orgulhosa também. Sua alegria evidente enquanto narrava

os acontecimentos daquela semana (só os referentes ao trabalho, não me falou nada sobre as vadias

que comeu) me encheu de bom humor. Calvin estava esperançoso, pois via grandes possibilidades de

promoção; o cargo de *Cheff* era ocupado por um senhor prestes a se aposentar.

O vizinho ficou tão empolgado com o meu interesse que acabou expondo o seu cotidiano

abertamente. Fiquei a par de toda a sua rotina: Calvin acorda cedo todos os dias para cuidar do jardim.

Depois, vai à academia (claro que ele malha, e muito!). Chega a sua casa, come alguma coisa e se

arruma para ir ao trabalho. Pega no serviço sempre às onze horas. Há uma pausa entre as três e as

cinco da tarde, e depois só para às onze da noite. Seu único dia de folga continuou sendo os domingos.

É realmente um dia a dia muito puxado, mas ele me garantiu que valia a pena. Não duvidei.

Almoçamos picanha gaúcha com baião de dois. Nem preciso dizer que estava uma delícia. Sério.

Comi tanto que achei que fosse explodir, cheguei até a passar mal. Calvin gostava de me ver comer.

Na verdade, disse com todas as letras: “amo te ver comendo o que cozinhou”. Fiquei orgulhosa do meu

próprio apetite (e ao mesmo tempo envergonhada por causa do modo carinhoso como me olhou ao me

dizer tais palavras); mais uma vez, Calvin me mostrava que era capaz de fazer com que eu me sentisse

bem até mesmo com relação aos meus defeitos.

Perto das duas da tarde, Calvin alertou que ia precisar sair, mas que voltaria logo. E, claro, que

estaria na minha casa para nos despedirmos. Devo deixar evidente que falou isso com o sorriso mais

safado do mundo estampado em seus lábios.

Senti necessidade de estabelecer uma hora (para não correr o risco de me aprontar cedo demais e

ficar esperando feito uma maluca), portanto decidimos que nosso encontro seria as sete horas. Bom,

quero dizer, Calvin estabeleceu até mesmo o fim dele ao sussurrar baixinho: das sete as sete. Tremi só

de pensar nas doze horas mais foras de noção que sabia que passaria com ele.

Aliás, a ideia toda me deixava tão assustada quanto excitada. Claro, bem mais excitada. Às vezes

parava para pensar na loucura que estava prestes a cometer, mas tentava me manter tranquila. Seria

uma noite memorável muito bem-vinda para o meu corpo; e, a partir dela, estaria livre do poder que

aquele homem exercia sobre mim, mas não antes de fazê-lo estar preso ao poder que sei que exerço

sobre ele.

O que fazer quando você sabe que vai passar a última noite com o cara mais gostoso do mundo?

Ou melhor, o que fazer quando você sabe que vai passar a noite com o cara mais safado do mundo?

Além de, óbvio, entrar em desespero total (porque a última noite com o Calvin mais me parecia ser a

última noite da minha vida), precisava dar um trato em mim mesma. Já que havia uma hora marcada,

podia me preparar em todos os sentidos. Não seria pega desprevenida, como das outras vezes. Teria

tempo suficiente para munir todas as minhas armas.

Foi por isso que, assim que nos despedimos (com um selinho molhado que premeditava os

tantos beijos que trocaríamos naquela noite), corri para a minha sessão de beleza. Foi um reparo total,

acredite. Fiz tanta coisa no meu corpo que nem acreditava que o Calvin pudesse fazer ainda mais:

retirei todo e qualquer pelo que estava em excesso, fiz e pintei as minhas unhas das mãos e dos pés

(escolhi um esmalte *pink* bem lindo, pois achei que o vermelho me faria muito vulgar), hidratei o

corpo com um banho de óleo afrodisíaco (também tenho cartas na manga), fiz escova e chapinha em

meus cabelos.

Já eram quase seis horas quando concluí a minha sessão pré-foda com o vizinho, por isso tratei

de fazer logo uma maquiagem legal. Nada exagerado. Pensei em colocar batom vermelho, mas

novamente tive medo de parecer vulgar demais. Calvin devia estar acostumado com mulheres assim.

Eu queria um pouco de dignidade (só pra variar), e acabei escolhendo um batom vibrante da cor do

esmalte.

A pior parte foi decidir o que vestir. Já circulava pela minha mente a ideia de usar uma de

minhas lingerie, mas o negócio era: qual? Eu tinha de várias cores, pois adorava fazer surpresinhas a

ficantes e namorados afins. Contudo, qualquer coisa que experimentava fazia com que eu ficasse

parecida com uma vadia qualquer. A comparação com as mulheres que o Calvin transava me dava

nojo. Mesmo sabendo que seria a tarefa mais difícil já imposta a mim, queria ser diferente de todas as

milhares de cadelas que aquele homem já tinha comido em sua vida.

Depois de descartar o preto, horrorizar o vermelho e quase morrer ao constatar que até o branco

me fazia vulgar demais, vesti um conjunto de calcinha e sutiã azul-escuro que havia comprado há

algum tempo. Era um modelo bem bonito, com a cor brilhante por causa do tecido e lacinhos singelos

estrategicamente costurados. Achei que o meu corpo ficou bastante sensual, do jeito que eu queria. A

calcinha era pequena, com as alças finas, mas não era fio-dental atrás. Perfeita.

Passei mais um tempão tentando descobrir o que vestiria por cima. Coloquei de tudo um pouco,

desde trajes formais a roupas de casa sem graça. Por fim, lembrei-me de que aquele conjunto tinha

vindo com uma espécie de robe da mesma cor, feito de cetim. O tecido era brilhante, leve e macio.

Nos pulsos, havia detalhes em renda que lhe atribuíam uma elegância enorme. Adorei o resultado,

sobretudo quando dei um laço nas fitas que prendiam o robe. Estava bem escondida, mas ao mesmo

tempo convidando qualquer um a desvendar o que tinha por dentro.

Por incrível que pareça, o azul combinou com o batom e o esmalte. Quebrou a obscuridade,

digamos assim, e até me deu um ar mais jovem, descontraído. Soltei os cabelos bem escovados em

frente ao espelho, e fiquei admirada comigo mesma. Estava especialmente bonita. Do jeito como

merecia ficar naquela noite. Da maneira como o Calvin nunca tinha me visto antes.

Meu coração dançou ao ritmo de Boom Boom Pow quando ouvi batidas na porta. Achei que

fosse morrer antes de ter a chance de lutar para sobreviver à noite. O nervosismo finalmente me

atingiu, e me vi perdida, olhando por todos os lados. Procurava por alguma coisa que estivesse fora do

lugar, mas havia feito uma arrumaçãozinha básica no quarto mais cedo.

Fui à sala na maior carreira e liguei o som. A trilha sonora seria uma coletânea de músicas

românticas. Assim que a primeira música começou a tocar, um clássico do romantismo mundial

lindamente cantado pelo Elvis Presley, achei que o Calvin sairia correndo. Entretanto, para a minha

surpresa (ou talvez por que ele ainda não estivesse ouvindo o som), apenas bateu novamente em minha

porta.

Respirei fundo pelo menos umas mil vezes. Cruzei o tapete da Sra. Klein, só então percebendo

que estava descalça. Droga! Tarde demais. Tinha me esquecido de separar algum sapato bacana. Se

bem que, o que usar naquela ocasião? Afinal, eu estava em casa; se colocasse saltos, não faria muito

sentido. E aquela roupa só ficaria boa o bastante com um salto bem alto.

Tomei fôlego e abri a porta de uma vez. Meu coração sofreu um baque pesado, uma queda livre

em um abismo profundo. O estômago quase explodiu de adrenalina, e os meus olhos se abriram

bastante, até me acostumar com o que tinha na minha frente: Calvin vestido com uma cueca preta da

Calvin Klein (não podia ser outra, podia?), camiseta regata preta e a corrente de prata que lhe dei.

Ele não sorriu quando me viu. Pensei que o faria, mas não. Ficou absolutamente sério, olhando

nos meus olhos como se já estivesse me despindo. A música não ajudou em nada. Arrependi-me de ter

escolhido algo tão clichê, tão... nada a ver conosco. Eu devia ter colocado música de putaria, daquelas

que só exaltam como o sexo é bom.

O meu vizinho delícia continuou me encarando, porém ergueu as duas mãos. Percebi uma

garrafa de vinho em uma delas, e um botão de rosa cor-de-rosa na outra. Sério. Rosa cor-de-rosa. A

coisa mais linda e perfeita que já vi, tirando aquele cara na minha frente. Calvin nada falou, nem

mesmo se mexeu.

Tentei absorver o que era tê-lo diante de mim, pronto para ser meu, sugerindo safadeza e

libertinagem através do vinho e ternura através da rosa delicada. E a seriedade? O que sugeria? Talvez

que eu não devesse levar aquele momento tão a sério quanto sabia que levaria.

Diante da falta de reação daquele homem, decidi por tornar real o meu único desejo. Como um

foguete, voei ao seu encontro e coleí nossos corpos. Envolvi os meus braços no seu pescoço e fiquei na

ponta de pé só para lhe beijar a boca com toda vontade que eu sabia que se reunia em mim.

Calvin estava com as duas mãos ocupadas, talvez por isso não tenha reagido ao meu toque. Sua

boca obedeceu à minha, e só. O restante ficou por minha conta. Utilizei a língua como pude, fazendo

do beijo uma espécie de salvação para os meus sentidos; aquela boca era tudo de que eu precisava.

Comecei a tocá-lo em diversos pontos, demonstrando o quanto estava desesperada pelo seu

corpo. Apertei-lhe a nuca, assanhei seus cabelos, descí pelo seu peitoral e arranhei sua camiseta com

as minhas unhas recém-pintadas. Meus lábios seguiram pelo seu pescoço, e percebi minhas mãos

comandarem aquele corpo inerte, todo meu, até empurrá-lo contra a porta.

Mesmo o choque não o fez reagir. Continuei buscando o que nem sabia que queria encontrar,

encurralando-o em meus domínios. Explorei o que tinha por debaixo da camiseta preta. Quero dizer,

eu sabia perfeitamente o que havia ali, mas não custava nada reencontrar cada detalhe perfeito que

pertencia a ele. Arranhei sua pele, puxei-a, instiguei-a como pude enquanto lhe beijava o pescoço, a

orelha, o queixo... Voltando para a boca. Nem eu mesma consegui nivelar o tamanho daquela fome.

Sorri quando senti a sua pele se arrepiando diversas vezes seguidas, absolutamente entregue às

minhas carícias. Sua falta de reação só me instigou ainda mais, confesso. Era a primeira vez que não

me sentia perdida, à mercê de sua boa vontade. Muito pelo contrário, estava nítido que o perdido era

ele. Finalmente consegui fazê-lo sair do topo da cadeia alimentar; estava disposta a comê-lo, e não a

me deixar ser comida.

Uma frase da Clarice permeou a minha mente. Afastei-me um pouco só para lhe olhar nos olhos.

Percebi o que queria e o que imaginava: Calvin estava mais perdido que cego em tiroteio.

– “Perder-se também é caminho”... – murmurei e sorri. O maldito continuou sério, encarando-

me com muita intensidade. Eu daria qualquer coisa para saber o que estava pensando a respeito de

tudo aquilo, mas o seu silêncio era tão excitante que desejei que jamais voltasse a falar.

Segurei a garrafa de vinho em suas mãos e me virei na direção da sala. Depositei-a em cima da

mesinha de centro. Pensei que o Calvin finalmente tivesse entrado na minha casa, porém constatei que

sequer havia se mexido. Continuou encostado à porta, esperando-me com o peito subindo e descendo,

mostrando uma respiração ofegante. Apoiou a cabeça na porta e soltou um suspiro de excitação, sem

desviar os olhos de mim.

Aproximei-me novamente e segurei a rosa. Coloquei-a entre os meus seios, com o caule

atravessando o meio do sutiã. O robe ganhou um decote discreto por causa disso. Quando olhei

novamente para o Calvin, estava acompanhando os meus movimentos ainda sem se mexer. Soltou um

grunhido quando voltei a tocá-lo, desta vez nas laterais de suas coxas.

Colei nossos corpos de novo. Senti a sua ereção já firme querendo se livrar da cueca, mas tentei

não dar bola. A minha promessa particular de atiçá-lo lentamente seria cumprida. Elvis começou outra

canção (igualmente clichê, romântica e mel com açúcar) no exato instante em que fiz nossas bocas

brincarem novamente.

Foi uma surpresa para mim: Calvin não se mexeu ou me tocou. Estava pensando durante todo

aquele tempo que ele ainda não tinha encostado em mim por causa das mãos ocupadas, mas pelo visto

me enganei. Ele estava mesmo se deixando levar.

Não fazia sentido. Aquele não era o Calvin que eu conhecia. Com sinceridade, jamais cheguei a

imaginar que ele pudesse abrir mão do comando que exercia em qualquer mulher que tocava.

Lembrei-me de outra frase da Clarice:

– “De repente as coisas não precisam mais fazer sentido. Satisfaço-me em ser. Tu és?...”

Não concluí de propósito. Foi então que ele sorriu. Não de um jeito safado ou sacana, mas de um

modo maravilhosamente perfeito, que indicava uma alegria que eu não consegui compreender.

– “... Tenho certeza que sim” – respondeu, soltando um arquejo misturado a um riso leve como

plumas.

Meus braços envolveram o seu pescoço com pressa. Puxei-o para mim; para dentro da minha

casa, para dentro da minha vida. Fechei a porta usando os pés, amando a não resistência do seu corpo

ao meu desespero evidente. Empurrei-o como uma louca, e Calvin meio que caiu para trás, sentando-

se no sofá com tudo. Puxei-lhe as mãos, sem dar tempo para uma pausa, praticamente o arrastando na

direção do tapete.

Seu sorriso tinha morrido desde a conclusão da frase da Clarice, e permaneceu morto quando

abri as minhas pernas ao seu redor, sentando-me em cima de sua ereção pulsante. Apoiei minhas mãos

ao redor de seu rosto, sentindo a maciez do tapete da Sra. Klein. Beijei-lhe a boca com mais calma.

Quase não suportei a lentidão, mas me obriguei a obedecê-la. Senti cada partícula daquele homem se

derretendo contra o tapete, e quanto mais percebia que cedia, mais o meu corpo vibrava de excitação.

Ergui os seus braços, e Calvin sequer pestanejou. Observei os músculos definidos e contraídos

por um instante, sem largar aquela boca maravilhosa. Massageei-lhe as axilas e fui subindo por um

tríceps enorme até ter os meus braços também esticados para cima. Comecei a movimentar o meu

quadril lentamente.

Calvin gemeu. Foi um gemido divino entre os meus lábios. Pedi bis. Queria ouvi-lo. Queria ter a

noção do quanto as minhas carícias estavam lhe tirando do sério.

Minha boca fez um rastro de batom por todo seu rosto. Foi devagar. Distribuí beijos molhados,

ternos, suaves. Terminei o pequeno *tour* em sua orelha, mordiscando-a de leve.

– Você é meu – sussurrei, meio rouca, tomada pelo tesão. – Sou eu quem vai te comer todinho,

hoje. – Sorri de mim mesma, pronta para lhe devolver as palavras: – Vou te foder com os meus dedos,

com a minha boca e com a minha boceta, que já te quer muito.

Calvin arquejou alto. Tipo, mesmo. Sorri mais uma vez quando percebi a pele de seus braços

completamente arrepiada. Aprumei o meu corpo, sentando-me ereta. Ele continuou com os braços

erguidos, como se tivesse sido uma ordem minha deixá-los para cima. Seu peito inflamava, e os olhos

escuros me analisavam com desejo enraizado.

Brinquei com as fitas do meu robe. Prendi os lábios e fui tocando o meu próprio corpo por cima

dele. Calvin ficou me assistindo, sem nada falar, sem nada fazer. Fui lenta de propósito. Enrolei

bastante antes de realmente puxar as fitas, deixando o tecido escorrer pelos meus ombros. Os olhos

dele brilharam de luxúria quando descobriram o que eu escondia.

Não retirei o robe totalmente. Puxei a rosa cor-de-rosa, desprendendo-a do meu sutiã. Passei o

caule lentamente pelo meu corpo, atravessando meus seios, alisando a minha calcinha e, depois,

subindo pelo meu rosto. Calvin continuou me assistindo, só que cada vez mais desesperado. Percebia a

sua agonia pela minha falta de pressa, mas eu gostava. Queria nem saber.

Parti o caule no meio em certo momento, e ele não soube o que eu ia fazer até que prendi a parte

com a rosa acima da minha orelha. Puxei meus cabelos para frente e sorri. Calvin prendeu os lábios e

balançou a cabeça. Peguei o caule excedente e o guiei pela sua boca, descendo pelo seu peitoral e

atravessando o abdome até parar no nome “Calvin Klein” escrito na base da cueca.

Joguei o caule fora e ergui sua camiseta. Calvin se contorceu todo, ajudando-me a tirá-la.

Quando tentava passar a camiseta pelos seus braços, precisei me curvar inteira, e os meus seios

ficaram na altura da sua boca. Ele me beijou muito por cima do sutiã; beijos molhados, urgentes,

insaciáveis. Fiquei naquela posição por mais tempo do que realmente foi preciso, visto que consegui

retirar a camiseta superdepressa.

A sua expressão frustrada quando tornei a me erguer foi linda de se acompanhar. Os braços

continuaram para cima e, meu Deus, como adorei aquela vulnerabilidade! Estava sentindo que o

controle das ações era absolutamente meu, e isso me trouxe uma tranquilidade tão grande que relaxei

como nunca tinha feito até então.

Esgueirei-me para beijar o seu corpo. Não podia deixar passar nada.
Circulei a minha língua

pelos biquinhos de seus peitos, ouvindo seus gemidos fracos quase me
levarem ao êxtase. Na medida

em que a minha boca descia, Calvin gemia mais alto. A impaciência lhe
atingia toda vez que meus

lábios subiam em vez de descerem. E eu sorria em todas as vezes.

Lambi o seu umbigo redondinho demoradamente. Mordisquei a sua pele
durante o último

trajeto. Por fim, parei com o meu rosto bem na imensa ereção. A cueca
quase não conseguia segurá-la.

Decidi ser misericordiosa tanto por ele quanto por mim, que já não
conseguia esperar mais. Ainda o

lambi um pouco por cima da cueca, mas as minhas mãos trataram de salvá-
lo de uma vez por todas.

Retirei a CK muito depressa, cheirando-a antes de jogá-la longe. Comecei a
estimulá-lo com os

meus dedos. Juntei um pouco de saliva e cuspi lentamente na ponta rosada
do seu pênis delicioso.

Calvin soltou um gemido impressionante, com direito a uma contorcida que
me deixou louca. Tentei

ter paciência durante os movimentos com as mãos, porém fui vencida. Caí
de boca como se a minha

vida dependesse de uma chupada (e eu nem era dona de uma fábrica de
pirulitos).

Calvin não interferiu nos meus movimentos. Nem uma vez sequer. Juro.
Cada velocidade foi

comandada pelo meu bel prazer. Ora fui lenta, ora extremamente lenta, ora
fui rápida, ora muito,

muito rápida mesmo. Ouvi-lo gemendo estava me deixando tão fora de mim
que precisei parar quando

percebi que ele estava quase gozando.

– Raissa... – murmurou o meu nome com resquícios de desespero.

– Hum? – Encarei-o, ainda sem saber o que fazer primeiro. Queria deixá-lo
gozar, mas isso nos

obrigaria a uma pausa. E eu não sabia se estava pronta para parar.

– “Perder-se é um achar perigoso”.

Sorri. Minha nossa... Eu adoro o perigo. Nunca pensei que fosse pensar algo
assim, mas essa era

a única verdade. Aquela sensação de medo, de não saber o que fazer,
deixava-me louca da vida. Era

uma espécie de realização pessoal, como se o desconhecido me atraísse de
uma forma diferenciada.

Mais uma vez, Calvin fazia com que eu soubesse mais detalhes sobre mim
mesma.

– “Estou tão assustada que só poderei aceitar que me perdi se imaginar que
alguém me está

segurando as mãos...” – falei, com medo de ter errado alguma palavra. Não
sabia muitas citações,

tinha decorado poucas. Basicamente, só sabia direito as que eu tinha copiado na minha parede, e essa

frase foi uma delas.

Ele abaixou um braço apenas, a fim de me oferecer uma mão. Toquei-a, e cruzamos nossos

dedos em um ato de pura confidencialidade. Com a outra mão, voltei a lhe instigar. Inclinei-me para

voltar a chupá-lo, desta vez decidida: queria que gozasse. Queria sua total rendição a mim.

Calvin voltou a se contorcer e gemer quando a minha língua percorreu sua ereção estupenda.

Chupei-o com cuidado renovado, fechando os olhos para sentir seu gosto com mais precisão. Tinha

consciência de que ele me observava, porém não senti vergonha. Seus dedos ainda estavam

entrelaçados aos meus, dando-me coragem, força, e tudo de que precisava para continuar.

Encarei-o, mas Calvin estava com a cabeça toda depositada no tapete, com os lábios entreabertos

e os olhos fechados. Acelerei o movimento de propósito. Ele ergueu a cabeça para conferir o que

acontecia entre as suas pernas, e nossos olhares se encontraram. Mantive-o preso aos meus olhos.

Suas pernas começaram a tremer, bem como o abdômen. Eu sabia que estava vindo, e a minha

ansiedade não me permitiu estender o momento. Continuei a toda velocidade, apertando seus dedos

contra o meu e o seu pau contra a minha boca.

– Boca fodida gostosa do caralho! – ele gritou um segundo antes de eu sentir seu sêmen

preencher a minha boca. Soltou grunhidos que foram capazes de me arrepiar dos pés à cabeça.

Achei esquisito recebê-lo tão abertamente, por isso fui deixando seu gozo quente escorrer para

fora da minha boca, tentando não me sentir enojada e tendo certeza absoluta de que não conseguiria

engolir. Até porque deu para notar que tinha sido bastante.

Calvin continuou ofegante durante muito tempo depois do clímax. Ficou me assistindo, sem

afastar as nossas mãos. A seriedade completa foi deixando bem esquisita a sua expressão antes

desejosa. Comecei a realmente temer aquela seriedade. Não combinava com ele.

Seus braços erguidos foram descendo aos poucos, até que tocou os meus cabelos, abaixo de onde

pendurei a rosa (que, por incrível que pareça, ainda estava lá). Sorri. Ele não. Droga!

– Onde aprendeu tantas frases? – perguntou baixinho.

– Foram poucas... Andei lendo. Aliás, li muito.

– Não sabia que você era assim tão... – Parou. Fiquei esperando, mas a conclusão não veio.

Tentei preencher a frase, mas não consegui. Não sabia o que ele iria falar, nem fazia a mínima ideia.

Sorri de nervosismo. Lembrei-me de outra frase. Ainda pensei nela por alguns segundos, antes

de realmente falar. Não queria dizer nada errado, e sabia que ele saberia se eu errasse.

– “Sou como você me vê. Posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania...” –

Calvin começou a acompanhar a frase só com os lábios, sem provocar nenhum ruído. – “...Depende de

como e quando você me vê passar.”

Ele me soltou e puxou o meu rosto com cuidado. Fui sem pestanejar, e lhe beijei a boca. Seu

gosto foi dividido entre nossas línguas, e aquilo foi tão excitante que me lembrei de que me

encontrava subindo pelas paredes desde que ele tinha batido na minha porta (bem antes disso, até).

A noite estava só começando. Eu estava bem positiva, pois sentia que estava vencendo. Aquele

início significou um placar de um a zero para mim. E, se dependesse da minha força de vontade,

seguiríamos aquele mesmo ritmo. Precisava sair daquela como uma vencedora, pelo menos isso.

Afinal, sabia que, quando tudo terminasse, perderia feio algo que nunca foi meu.

Só que eu não seria a única a perder.

– Raissa... – murmurou quando o longo beijo teve fim. – Você sabe que isso vai ter volta, não é?

– Aquiesci, sentindo um tremor de medo atravessar a boca do meu estômago. Calvin sorriu. O sorriso

safado. Ai, merda. – Escolha um número de cinco a dez...

Fiz uma careta.

– Hã?

– Vamos, escolha...

– Hum... Sete?

Calvin riu de um jeito bem cafajeste. Eu não sabia o que aquela pergunta significava, e ele

também nada mais falou. Depois de dois longos beijos e de uma encarada muito estranha em que

mantivemos nossos olhares um no outro durante uns três minutos completos, falou:

– Dois nos meus dedos, dois na minha boca e mais três no meu pau.

No início, fiquei sem entender. Sou muito lerda, sério. Quando a compreensão me atingiu, junto

com ela veio a necessidade extrema. Foi quase um pedido de socorro aos berros que o meu corpo fez.

Sabia que Calvin cumpriria os sete orgasmos prometidos, só não fazia ideia se aguentaria tanto.

Naquele instante, porém, senti que chegaria a qualquer ápice, desde que fosse ele quem me

guiasse até lá.

23

É no mínimo triste aceitar que um erro previsível tenha sido cometido no intuito de evitá-lo

– Vamos tomar um pouco de vinho? – sugeri baixinho. Não tínhamos conseguido sair do lugar;

nossos beijos trocados eram bons demais para serem ignorados.

– Preciso me lavar antes, está bem?

Olhamos juntos para o que havia entre suas pernas. Aquilo ali estava uma meleca. Eu tinha uma

mão suja também, por isso fui me levantando devagar, apoiando-me com a outra.

– Fica a vontade, Calvin.

O maldito sorriu e foi se levantando do tapete também. Peguei o vinho, percebendo que ainda

estava frio – Calvin provavelmente tinha o retirado do congelador antes de vir –, e fui à cozinha. Lavei

minhas mãos e a boca por lá mesmo. Peguei duas taças e enchi o balde de gelo, socando a garrafa

dentro dele.

Calvin apareceu na cozinha quando eu estava tentando abrir o vinho com o saca-rolha. Desfilou

seu corpo nu (nem tanto, se a gente contar com a corrente de prata) delicioso até chegar bem perto. Eu

estava tão embriagada (e nem tinha bebido ainda) pelo seu perfume, que só notei que esteve ausente

quando o senti em cheio novamente.

– Permita-me, vizinha linda...

Entreguei-o a garrafa, e ele a abriu em menos de um minuto. Sacanagem! Serviu-nos nas taças

com aquele charme todo de cozinheiro experiente, depois me ofereceu uma delas. Fizemos um

pequeno e silencioso brinde antes de darmos o primeiro gole.

Seus olhos não largaram os meus, de tal forma que comecei a me sentir intimidada. Calvin deve

ter percebido a minha total vergonha, pois sorriu e largou a taça em cima da mesa da cozinha. Pegou a

minha sem pedir licença e fez o mesmo. Mariah Carey gemia que daria qualquer coisa pelo amor de

alguém naquela noite.

Não soube onde colocar as mãos até que sua altura se colocou bem na minha frente, e me vi as

apoiando em seus ombros largos, masculinos. As mãos dele circularam a minha cintura. O meu robe

ainda estava aberto, exibindo o conjunto azul-marinho.

Olhando-o de perto, percebi marcas de batom *pink* em seu rosto e na altura do peitoral. No

início, achei que estivesse machucado, mas era só o batom mesmo. Sorri.

– Nunca te disse o quanto te acho linda, Raissa. Devo pedir desculpas por isso. – Colocou mais

força em seu toque. – Cometi um pecado enorme, e só me dei conta quando você abriu aquela porta.

Fiquei mais envergonhada ainda. Veja bem, muitos homens já exaltaram a minha beleza (que

considero simples, conquistada apenas na fase adulta, já que fui uma adolescente muito magra e cheia

de espinhas), mas nenhum deles me fez ficar tão sem reação diante do elogio. Não era por falta de

costume ou autoestima, era alguma coisa em seus olhos que me fazia ser uma Raissa diferente.

– Eu também te acho lindo, e nunca te falei. – Calvin sorriu amplamente. – Mas você não precisa

que eu diga o que já sabe, não é?

– Qualquer elogio saindo de sua boca é uma honra, vizinha. Mas me dê licença, quem está

elogiando sou eu, e não terminei. – Riu de leve. Acompanhei-o.

Suas mãos subiram pelos meus seios e pararam no pescoço, apoiando a base do meu rosto.

Depois, uma delas alisou as mechas dos meus cabelos que estavam para frente. Seu olhar era de

verdadeiro vislumbre e... Puta merda, ele estava me estragando para vida toda.

– Você é mais do que linda. Por algum motivo que desconheço, a vida achou que eu merecia

conhecer o que há por dentro e por fora dessa mulher incrível que você é. Estou muito feliz por ter te

conhecido, e mais ainda por poder te chamar de amiga. Depois desta noite, claro. – Revirou os olhos.

De repente, senti-me frustrada. Não gostei da palavra amiga saindo de sua boca. Calvin e amizade me

pareceram opostos que, definitivamente, não se atraem. – Não costumo prometer nada a ninguém, mas

eu prometo, Raissa, que vou ser um bom amigo para você.

Ele sorriu, mas eu não o acompanhei. A frustração me atingiu a tal ponto que me afastei um

pouco para pegar a minha taça. Calvin voltou a me tocar, desta vez lateralmente. Suas mãos

escorreram pelos meus ombros, fazendo o robe descer até parar na metade dos meus braços arqueados.

Tomei um gole enorme do vinho, e ele se curvou para beijar o topo da minha coluna.

Suspirei de decepção e desejo, tudo ao mesmo tempo. Calvin continuou me beijando a pele, até

que percebeu o meu silêncio esquisito. Já eu, só conseguia me perguntar em que planeta encontraria

outro homem como ele para chamar de meu.

– O que houve, vizinha?

– Preciso te mostrar uma coisa – falei, meio sem pensar. Só queria esquecer e parar de temer os

rumos torturantes seguidos pela minha consciência (que naquela altura me parecia uma inconsciência,

pois não dava para acreditar que estava sóbria ao imaginar tanta baboseira).

– Vem comigo.

Tomamos o restante do conteúdo das nossas taças antes de seguirmos para o meu quarto. Calvin

veio logo atrás, grudando seu corpo em mim, mas percebi que estacou quando liguei as luzes e

entramos. Seu olhar parou exatamente no que eu queria lhe mostrar: a parede da Clarice Lispector.

– O que achou? – Apontei para ela, percebendo que a confusão de frases até que estava

organizada. A minha letra sempre foi redondinha, o que facilitava bastante. Também tentei abafar o

azul predominante com um pouco de preto, vermelho e verde (únicas cores que encontrei na papelaria

ao lado da empresa onde trabalho).

Calvin nada respondeu. Passou por mim e atravessou o quarto como se seu corpo tivesse se

transformado em um ímã que o atraía na direção da parede. Sorri um pouco ao conferir sua bunda

linda exposta. Ele não parecia nem um pouco envergonhado pela nudez.

Percebi suas mãos acompanhando a minha letra. Vasculhou tudo. Acredito que leu todas as

frases escritas, alisando a parede e refletindo. Quero dizer, ele pareceu ter entrado em um estado de

reflexão profunda.

Sentei-me na cama, aguardando suas reações. Demoraram uns dois minutos, mas vieram. Calvin

se virou para me olhar, e logo seus olhos analisaram o meu corpo. Prendeu os lábios.

– Você quer me matar – rosnou como se sentisse verdadeira dor. – Raissa...
– Deu dois passos e

me empurrou contra a cama, envolvendo seus braços e pernas em mim de um jeito louco. – Isso...

Argh!

Acho que a sua incapacidade de falar o irritou. Foi melhor para mim, por incrível que pareça.

Calvin começou a me beijar com selvageria. As mãos decididas tiraram o meu robe e arrancaram o

meu sutiã em dois tempos (para mim, pareceu apenas um). Uma boca nervosa tomou os meus seios

apressadamente, e a chama que já estava acesa dentro de mim virou incêndio.

– Gostosa... gostosa... – murmurou repetidas vezes, puxando meus cabelos, explorando-me,

beijando-me em tantos lugares que, antes mesmo de alcançar a minha boca de novo, já me encontrava

sem fôlego.

Seus quadris pressionados entre as minhas pernas me impediam de fechá-las. E as coisas

pioraram quando uma mão tomou a minha calcinha para si. Senti dedos experientes estimularem o

meu clitóris com rapidez (loucos de pressa), e meus gemidos, outrora discretos, se tornaram quase

gritos.

Calvin não parou por nada. Continuou me beijando, um pouco inclinado para me fazer pirar

diante de seu toque. Estava disposto a ir até o fim; a constância de seus movimentos, misturados com

a precisão e velocidade ideal, me fez gozar ruidosamente. Soltei espasmos loucos que me levaram à

Nárnia sem precisar de um armário.

Ele continuou me estimulando, mesmo meu corpo implorando para que parasse. Pensei em pedir

socorro, mas a ideia soou muito ridícula, por isso apenas gritei coisas ininteligíveis. O maldito não

ligou para o meu desespero; ignorou as minhas pernas querendo fechar e as minhas unhas fincadas em

sua pele, provocando-lhe dor como forma de ameaça para que me largasse. Calvin não quis saber.

Seu corpo se inclinou um pouco mais para o lado. A boca continuou na minha, e só a largou

quando decidiu descer para os meus seios. Tentei encontrar ar, mas foi difícil mesmo com seu

afastamento. Calvin não desistiu até me ouvir gozando de novo, intensamente. Mais uma vez,

surpreendi-me com o curto espaço de tempo entre os meus orgasmos.

O segundo foi ainda mais louco. Meu corpo o expulsou com desespero, e finalmente aquele

homem mostrou um pouco de piedade. De novo, Calvin me deixou absolutamente morta já no início.

E ele sequer tinha tirado a minha calcinha. É fogo!

– Seus gemidos são como música para os meus ouvidos, Raissa – falou seriamente, encarando-

me com olhos desejosos. – Perco o controle... Saio de mim.

Se ele perdia o controle, eu perdia toda a minha identidade (CPF, certidão de nascimento e

habilitação também, porque, sério, não me sobrava nem um nome). A minha melhor opção era tentar

retomar o controle da situação. Se eu desistisse e me entregasse como das outras vezes, sabia que me

sentiria perdida o tempo todo. Não que fosse algo ruim, mas aquela noite precisava ser diferente. Eu

estava disposta a fazer a diferença.

Foi por isso que o empurrei contra a minha cama. Surpreso, Calvin caiu meio sem jeito e soltou

um rosnadinho quando me viu em cima do seu corpo novamente. Percebi que o seu pênis já tinha

voltado a ficar duro (esse safado é um incansável mesmo...), e comecei a esfregar a minha calcinha

nele. A atitude me fez ter certeza de onde eu queria gozar. Acho que também estava me tornando uma

pessoa incansável.

Inclinei-me para lhe sussurrar no ouvido:

– Seus dedos são extraordinários, Calvin, mas eu te quero em mim, agora.

Ouvi seu riso e fui conferi-lo. Sorria com o modo safado bem ativado. Sorri também, e me

ajoelhei na cama. Fui retirando a minha calcinha lentamente, observando seu pau grande ficar ainda

maior diante da exposição.

Lembrei-me da nossa proteção, por isso caminhei até o meu armário para buscar alguns

preservativos. Joguei-os na cama, sob o olhar divertido do Calvin, ficando com apenas um.

– Mulher prevenida... – brincou, e sorri como resposta.

Realmente, mantenho-me prevenida desde que iniciei a minha vida sexual. Meus pais sempre

foram neuróticos com a ideia de ter filhas mulheres; soltavam tantas recomendações e alertas que o

meu maior medo era decepcioná-los com uma gravidez indesejada (acho que a Sara não teve o mesmo

medo que eu).

– Sempre. – Rasguei a embalagem do preservativo e me ajoelhei na cama. Estimulei o Calvin

com as mãos durante algum tempo antes de vesti-lo.

Tinha noção de seu olhar observando meus movimentos, mas só o olhei quando montei

novamente em seu corpo. Estava sorridente, e tinha depositado as mãos por trás da cabeça, deixando

claro que não interferiria. Adorei!

Minha empolgação foi tanta que fiz nossos sexos se encontrarem. Ainda o aticei um pouquinho

antes de, ajudando com uma mão, fazê-lo me penetrar profundamente. Vi seu sorriso se transformar

em uma careta desejosa, e sua língua umedecer os lábios. Depois, simplesmente fechei os meus olhos,

concentrando-me nas sensações.

Tê-lo completamente em mim chegava a ser covardia de tão bom que era. Minha vagina estava

muito lubrificada, portanto não senti dificuldade em recebê-lo. Seu pau firme encontrou algum ponto

dentro de mim que me fez gemer alto após o primeiro retrocesso. Quando afundou de novo, atingiu

novamente a raiz de toda a minha excitação, despertando a mulher decidida e louca que havia em

algum lugar dentro de mim.

Apoiei os meus pés no colchão e me ergui, agachando-me sobre ele. Procurei por mais algum

apoio, encontrando-o em suas coxas malhadas. Meu corpo se projetou para trás, e só então reabri os

olhos: Calvin acompanhava tudo, porém seus braços haviam se esticado para os lados, mantendo-se

abertos para me receberem.

Continuei com o movimento, sentindo seu corpo tremer e soltar espasmos bem como o meu.

Calvin fechou os olhos e entreabriu os lábios, gemendo baixo. Aquilo só me incitou a ir mais rápido.

A cada choque, sentia o meu corpo reagindo de um modo diferente. Era muito tesão. Fora do comum.

Sério, nunca havia me sentido tão repleta. Nunca o movimento da entrega foi tão perfeito; era

uma perfeição constante, que me empurrava para um orgasmo como um trator empurrando entulhos.

Não tinha como recuar. Gemi muito, e alto.

A cama chacoalhava bastante, fazendo a parede da Clarice tremer. Passei a rebolar lentamente

quando percebi o meu êxtase. Queria adiar o momento ao máximo. A sorte de toda mulher é conseguir

atingir vários orgasmos durante uma relação, mas eu queria dar mais importância àquele. Seria um

clímax vitorioso. O primeiro provocado e controlado unicamente por mim.

– Rebola essa boceta no meu pau... – Calvin murmurou sofregamente. – Assim, gostosa... Assim

você me mata.

Acelerei um pouco o movimento circular do meu quadril.

– Vou gozar gostoso nele! – avisei em meio a gemidos. – Seu pau é uma delícia, Calvin.

Sempre fui meio envergonhada para falar durante uma transa, mas naquele instante não liguei.

Ele parecia tão à vontade que não fazer parte da putaria toda era uma grande besteira. Eu tinha mais

era que entrar na onda.

– Caralho, Raissa... – gemeu, e retomei o entra e sai na maior velocidade que pude. Calvin

ergueu os braços para me tocar, porém desistiu no último segundo.

Em vez disso, apoiou-se nos cotovelos, erguendo-se um pouco só para acompanhar melhor

nossos sexos se chocando. Sua impaciência se tornou evidente depois de alguns minutos; Calvin

começou a chacoalhar o quadril com força, até me fazer parar de mexer.

Fechei os olhos e me curvei mais ainda para trás, gemendo alto por causa da delícia que era a

sua invasão. Ele não parou. Continuou se balançando, afundando dentro de mim, e me senti tão repleta

que sabia que chegaria rápido.

– Vou gozar! – gritei alto, como se estivesse avisando que uma bomba iria explodir (no caso,

meu corpo era a bomba, e o dele, Hiroshima).

Senti o meu sexo vibrar de um jeito estranho, prevendo um orgasmo muito intenso. Abri os

olhos e o encarei ferozmente, recebendo seu olhar felino de volta. Meus sentidos se entregaram

completamente a todas as emoções, e finalmente me deixei explodir sem nenhum freio.

Gritei alto, absorvendo as sensações maravilhosas. Sério, aquele orgasmo superou qualquer

outro. Um espasmo sinistro atravessou a minha alma e me fez retesar involuntariamente, fazendo

nossos sexos se desencaixarem. Simplesmente pirei quando senti uma bela quantidade de um líquido

transparente sair de mim e atingir o abdômen perfeito do Calvin.

Fiquei assustada, mas o êxtase prolongado ainda acontecia, fazendo-me expelir mais daquele

líquido. Calvin parou tudo para me observar, completamente estupefato. Minha respiração continuou

ofegante enquanto eu tentava entender o que havia acabado de acontecer.

Para mim, ejaculação feminina só acontecia em filmes pornô (até tentei achar uma câmera nas

paredes do meu quarto, mas claro que não encontrei nada). Senti-me tão molenga e arrasada que

tombei para o lado, absolutamente sem forças.

Calvin se sentou na cama e passou as mãos pelo corpo, espalhando o meu gozo ainda mais. Por

fim, encarou-me. Balançou a cabeça, sem acreditar. A seriedade não deixou suas expressões nem

mesmo quando me puxou para si, fazendo-me sentar ao seu redor. Deixei meu corpo abatido ser

levado.

Seu rosto parou a centímetros do meu.

– Puta que pariu – falou pausadamente, muito sério. Shania Twain começou a cantar no som da

sala; uma música romântica que me fez estremecer. – Raissa... Uau! – Arfou. Apertou meus cabelos e

juntou nossos narizes. Começou a rir. – Não sei o que dizer... Isso foi...

Que ótimo! Ele não era o único a não encontrar palavras. Meu cérebro ainda tentava acreditar no

ocorrido.

– Não diga nada. Só provei o quanto te desejo, Calvin... – falei por falar, talvez induzida pela

música.

Ele me olhou demoradamente, muito de perto. Era mágico observá-lo daquele modo. Suas

perfeições ficavam ainda mais evidentes.

– Tem certeza de que é isso o que quer? – perguntou.

Soltei um longo suspiro. Sabia do que estava falando, mas decidi fingir que não.

– O quê?

– Quer abrir mão de nós? Desse desejo? Porra, Raissa, eu... – Segurou os meus cabelos com mais

força. Riu de leve. Só tentava ignorar o seu pau ainda duro roçando a minha pele. – Eu... – Calvin

desviou o rosto, olhando para a parede da Clarice além de mim. – Talvez eu saiba o nome do que

desejo agora.

Nem precisei olhar para trás; sabia qual frase o Calvin tinha lido. Pensei mil vezes antes de

responder qualquer coisa. Ele utilizou aquele tempo para me abraçar e beijar ferozmente, e eu me

tornei a maldita marionete de novo. Estava ainda mais cansada, porém jamais ficaria pronta para

parar. Pelo menos não enquanto ele fosse capaz de reacender a minha chama.

Livre meus lábios dos dele quando tomei uma decisão. Nem me pergunte como consegui ser tão

racional. Talvez tenha sido apenas o meu instinto de autopreservação.

– Tenho certeza, Calvin. Ainda busco o nome do que desejo, e não é deste modo que irei

encontrar.

Só depois que falei me dei conta do quanto tinha sido grossa. Arrependi-me. Havia outras

formas de dizer que transar com ele sem compromisso não me levaria adiante em nenhum âmbito da

minha vida. Muito pelo contrário, continuar me envolvendo só traria dor e decepção, um retrocesso

que não enchia a minha vista.

Calvin apenas aquiesceu, mostrando pura compreensão. Não pareceu chateado, mas já era tarde:

eu já estava chateada comigo mesma.

– Talvez eu só esteja tentando me livrar de mais um adeus – ele disse, e sorriu. Sério, Calvin

devia parar de sorrir sem motivo. É desconcertante.

– Continuarei bem aqui... Não vou a lugar algum. Não é um adeus, é apenas um modo de...

– Eu sei – interrompeu-me. – Desculpa, Raissa, não quero perder tempo. Se essa noite é a última,

então não quero desperdiçar nem um segundo. Meu pau ainda quer a sua boceta... Agora, mais do que

nunca.

Sorri. Arfei. Sorri de novo. Eram muitas emoções para serem carregadas por um só coração.

– Concordo...

Calvin me beijou docemente, abusando da experiência de seus lábios. Foi se levantando da

cama, e me levando junto. Não entendi o que queria. Achei que fôssemos voltar para sala, mas ele

começou a, ainda me beijando, empurrar-me para trás. Segui aquele rumo, meio cambaleante.

– Vou te foder nesta parede, Raissa... – Empurrou-me contra ela, imprensando-me com seu

corpo. Fiquei sem saída. Encurralada entre Clarice Lispector e Calvin Klein.

Suas mãos obrigaram as minhas pernas a se erguerem. Pendurei-me em seu corpo, fechei os

olhos e esperei. A parede fria provocou arrepios na minha pele e, combinando com o corpo quente

daquele homem, foi um verdadeiro choque térmico.

Calvin me penetrou com força, provocando-me um gemido profundo. Meu corpo cansado cedeu

à sua invasão. Entreguei-me plenamente, joguei toda a responsabilidade em suas mãos. Ou melhor,

nos seus braços, que apoiaram as minhas pernas e as mantiveram no lugar sem parecer fazer esforço.

Ocupei o lugar da cama; em vez dela, foi o meu corpo que se chocou contra a parede, embora

com bem menos violência. Calvin ofegava, rosnada e gemia; seus músculos trabalharam até lhe fazer

suar bastante. Amei de verdade acompanhar o seu corpo esquentando e as gotas de suor de prazer

surgindo do nada.

Sentia muito prazer, porém a exaustão não me permitiu chegar a um orgasmo. Fiquei

preocupada apenas em observá-lo, senti-lo, acompanhá-lo. Ver o Calvin tão disposto e ativo era

estupendo. Uma grande parte de mim se deu conta de que jamais esqueceria aquela noite. Não importa

o que acontecesse, seria impossível arrancar do meu peito os vestígios da nossa entrega.

Depois de longos minutos, Calvin me pôs de volta no chão. Pensei que me daria algum tipo de

trégua, mas é claro que eu não podia esperar por algo assim vindo dele. Estava quase erguendo uma

bandeira branca quando tive o meu corpo girado em cento e oitenta graus. Meus seios se encostaram à

parede, e um pênis duro voltou a me penetrar.

Meus cabelos foram puxados para trás até me fazer apoiar em um peitoral definido. Espalmei a

parede com as duas mãos, e as dele envolveram as minhas com suavidade. Calvin diminuiu o ritmo.

Minha coluna se grudou ao seu corpo grande, e me vi lendo a frase que tinha ficado longe do meu

campo de visão minutos antes.

“Estou melancólica porque estou feliz. Não é paradoxo. Depois do ato do amor não dá uma

certa melancolia? A da plenitude.” C.L.

Sequer havia entendido a frase quando a escrevi ali, mas a maldita acabou fazendo mais sentido

do que eu gostaria. Sentia-me melancólica diante da felicidade limitada – porém tão plena quanto

qualquer outra – que era ser dele durante o suspiro de uma noite.

Quase não acreditei quando ouvi sua voz doce sussurrar a mesma frase no meu ouvido. Meus

olhos se encheram de lágrimas involuntariamente, isso sem contar com os arrepios que atravessaram o

meu corpo.

Calvin puxou a minha perna esquerda, erguendo-a lateralmente. Continuou em um ritmo calmo,

e senti frio quando nossos corpos precisaram se afastar um pouco. Ele logo tratou de aplacá-lo; uniu-

nos novamente, colocando um braço por frente da minha perna erguida, a fim de me estimular.

Gemi, fechei os olhos, engoli o choro e tornei a apoiar a cabeça em seu peito. Era oficial: meu

desejo havia ultrapassado o cansaço físico. Fui reacendida. Estava pronta para explodir.

O safado voltou a acelerar o ritmo. Incansável. O cara era incrivelmente incansável. Comecei a

gozar em silêncio, sem provocar alardes. Foi uma explosão sutil, amena, porém devastou os meus

sentidos do mesmo jeito. Calvin percebeu meu êxtase por causa do meu sexo querendo expulsá-lo,

mas ao mesmo tempo implorando pela invasão.

De repente, ele rosnou e me empurrou contra a parede totalmente. Meu rosto colou na frase lida,

e Calvin parou qualquer movimento, mantendo-se dentro de mim. Seu corpo trêmulo indicou que

estava em pleno clímax.

– “Milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa

desconhecida que é sentir-se feliz” – falou aos murmúrios, depois que seu corpo parou de soltar

espasmos contra o meu.

Continuamos na mesma posição.

– Talvez eu seja apenas isso: uma covarde – respondi, resfolegante.

– Então somos dois, Raissa. – Ele nos desencaixou devagar. Distanciou-se muito depressa. Ainda

fiquei colada à parede por alguns instantes, esperando pelo seu retorno. Não veio.

Nem sei como continuei de pé. Só sei que observei o Calvin retirar o preservativo recheado com

o seu sêmen. Saiu do quarto sem olhar para trás. Aquele distanciamento repentino me incomodou

muito.

Acabei voltando para a cozinha. O gelo do vinho estava quase todo derretido, mas o conteúdo da

garrafa se manteve gelado. Enchi a minha taça quase até a borda, e virei tudo em poucos goles. O

vinho era bom e suave, facilitando o meu ato desesperado.

Ouvi a porta da frente abrindo e fechando com violência. Tomei um susto. Na moral... Ninguém

faz ideia de como o meu coração ficou com aquela atitude dele. Ser abandonada durante aquela noite

não estava em meus planos. Aliás, eu precisava redefinir melhor os meus planos, já que dar com

certeza não era o único.

Senti vontade de cair no choro, mas me segurei. Mantive-me firme naquele estado de quase

desespero; em que apenas há soluços, mas não há lágrimas. A destruição prevista pela minha razão

aconteceu mais cedo. E eu nem sabia por que. Também, não me interessava. Não tentaria compreender

o Calvin. Seu abandono me provocou unicamente a tristeza, e quando ela se apossa de um corpo

inerte, não há lugar para mais nada.

– Ei, vizinha... Está com fome? – Pulei de susto ao ouvi-lo na cozinha. Levei uma mão à boca e

abri bem os olhos para vê-lo, novamente com a cueca, segurando uma travessa de vidro. – Ainda tem

aquele baião de dois. É só esquentar. Aceita?

Calvin foi até o meu fogão e abriu a portinha do forno antes mesmo da minha resposta. Fiquei

incapacitada de falar. Diante do meu silêncio – e depois de acender o forno e introduzir a travessa lá

dentro –, ele finalmente me olhou. Franziu a testa.

– Por que está chorando? – Correu até mim com ar preocupado. Alisou os meus cabelos e

arrancou alguma coisa de lá. Só depois percebi que era a rosa, ela havia se enganchado e se espatifado

todinha. – Raissa, eu te machuquei?

Balancei a cabeça.

– Achei que tivesse... ido embora – choraminguei.

Claro que me julguei uma patética. Calvin enxugou as lágrimas que caíram sem querer.

– Não... Não, não. Minha covardia não chega a tanto.

Sorri, mas continuei chorando.

– Desculpa, eu... Acho que estou sensível demais. Coisa de mulher. – Certamente eram aquelas

músicas. O som ainda trabalhava, e desta vez Roxette se lamentava por estar perdendo seu tempo.

– Não. – Calvin foi taxativo. Desviou os olhos quando o encarei. – Posso te pedir mais uma

coisa, Raissa? Com sinceridade?

Suspirei. Não conseguiria atender a mais nenhum pedido daquele homem.

– Claro... – Alguém precisava dizer aquilo à minha boca enorme.

Calvin se afastou um pouco.

– Não caia no erro de se apaixonar por mim. Por favor.

Arquejei. Meu estômago parou nos meus pés, o coração foi para a bunda (só me restava defecá-

lo mesmo) e o cérebro ficou preso em algum ponto do meu sovaco.

– Eu... Você... Eu não...

Affe.

– Prometa, Raissa. – Calvin estava muito sério mesmo.

Tentei restabelecer a ordem e o progresso dentro do meu próprio corpo. Aquele filho de uma

puta ia engolir de volta cada palavra de distanciamento que já me proferiu.

– Não sou uma criança. Sei muito bem onde os meus sentimentos devem ficar. Não amo, e nem

odeio, com facilidade.

Ele sorriu. Fala sério.

– Sua maturidade me espanta. – Pegou a garrafa de vinho e encheu as nossas taças. – Estou aqui.

Só irei embora ao amanhecer. Sente-se melhor?

Não.

– Sim. – Entregou-me a minha taça.

Um segundo brinde aconteceu.

– À nossa amizade... e à nossa última noite.

Argh. Ele sorriu de novo. Porcaria de vida!

– Às promessas, que serão cumpridas – respondi com ar de desdém.

E é claro que me lembrei de que não havia prometido o que o Calvin me pediu. Ainda bem, pois

do contrário não proporia aquele brinde. Precisava encarar a realidade de frente. Nem o meu cérebro e

nem o meu coração conseguiam negar o que tanto desejava que fosse mentira. A minha burrice estava

evidente, mas a minha vontade de revidar era maior ainda.

Nesta profunda agonia, apenas a Clarice podia me entender:

“Passei a vida tentando corrigir os erros que cometi na minha ânsia de acertar.”

24

Quando percebi que não podia dar mais nada, veio a certeza de que já tinha dado tudo

Depois de me lavar rapidamente, vesti apenas o robe acetinado e me encontrei com o Calvin no

tapete da Sra. Klein. Nosso jantar estava servido na mesa de centro (ele não perdeu tempo, fez questão

de deixar tudo organizado); o banheiro de dois, já bem quentinho, exalava um cheiro que me fez lembrar

o quanto sentia fome.

Sentei-me do outro lado da mesinha de propósito, mantendo certa distância. Puxei um dos

pratos, bem como os talheres, e mandei ver. Não o olhei, mas tinha consciência de que ele também

estava comendo – e com a mesma vontade que me dominava. Sexo realmente dá muita fome!

Uns bons dez minutos se passaram. Eu até já tinha me esquecido de que não estava sozinha.

– Costuma gozar daquele jeito? – perguntou do nada. Fiquei admirada com o rumo de seus

pensamentos, já que os meus navegavam em direções absolutamente opostas.

– Foi a primeira vez – respondi sem olhá-lo. – Não achava que fosse possível.

Ouvi seu riso, e nem precisei vê-lo para saber que tinha sido um bem cafajeste.

– Claro que é. Só não é tão comum.

– Você sabe mais sobre o assunto do que eu – falei com impaciência.

O silêncio voltou bem depressa. Percebi que eu estava engolindo a comida quase sem mastigar

(que falta de educação, Raissa!). Dei uma pausa, tomando um pouco do vinho.

– Não paro de pensar nisso... Ver você daquele jeito... foi sensacional.

Seria estranho se dissesse que fiquei irritada? Apesar de ter vivido uma experiência nova e

intensa, não conseguia me livrar da sensação de fracasso. Acho que finalmente entendi que, por mais

que eu o atingisse, jamais seria do mesmo modo como ele me atingiu. Todos os meus esforços eram

em vão.

Nada adiantava. E é por isso que eu estava tão decidida a recuar.

– Raissa? – Sobressaltei-me. Nem tinha percebido que não estava prestando atenção em mais

nada ao meu redor. Calvin apenas riu da minha confusão. – No que está pensando?

– Estava me perguntando como seria viver sem amar ninguém. Deve ser difícil.

Ainda não me sentia pronta para olhá-lo, mas seu silêncio deixou óbvio o descontentamento

diante das minhas palavras.

– É muito mais fácil do que imagina.

Bati a ponta da faca na mesa, irritada e muito impaciente.

– É mentira! – falei alto demais, encarando-o. Calvin estava segurando sua taça, e o prato jazia

vazio sobre a mesinha. – Você mente para todo mundo e para si mesmo! Não é fácil coisa nenhuma.

Você é um frustrado, Calvin. Perdeu todos que amou, e agora acha que não pode amar mais ninguém.

Ele me olhava admirado, sem conseguir acreditar que tive a coragem de dizer aquilo. Bom, ele

não foi o único. Eu também não acreditava. Seu rosto começou a ferver de raiva. As expressões se

fecharam em uma carranca dura.

– Eu faço as minhas escolhas, Raissa.

Bufei.

– Péssimas escolhas.

– Respeito as suas! – falou um pouco mais alto também. Seu rosto ficava cada vez mais

vermelho. – Que tal respeitar as minhas?

– Estou treinando. Se serei sua amiga, então meu dever é te alertar. Você não vai a lugar algum

perdido desse jeito, Calvin. Ninguém chega aonde quer sozinho.

– Pensei que estivesse comigo! – Balançou a cabeça em negativa, passando as mãos pelos

cabelos. – Eu não estou mais sozinho, estou? Tenho você.

– É diferente... – Arfei alto, sem entender mais nada. – Você fica me expelindo. Como quer que

eu realmente esteja contigo?

Ele fez uma grande careta de confusão.

– Expelindo? Por quê? Porque eu falei para não se apaixonar por mim?

Fechei a minha boca grande, sem saber o que responder. Ele ainda esperou uma resposta,

encarando-me com raiva. Seu olhar afetado era desconhecido por mim até então. Sinceramente,

preferia não ter conhecido aquele.

– Só estou tentando te proteger de mim. Não entende?

– Sinceramente? Não.

– Pensei que estivesse entendendo tudo... Você é tão madura e inteligente...

– Vejo fuga, e não proteção – adiantei-me. – Eu sei me proteger, Calvin. Mas você só sabe fugir!

Calvin largou a taça em cima da mesa e se afastou um pouco. Soltou um rosnado irritado e se

deitou no tapete, escondendo o rosto com as mãos. Achei aquela atitude tão infantil que guardei as

minhas armas. Não adianta discutir com alguém que não entende as próprias razões.

Fui me aproximando devagar. Aquela distância estava me matando, e eu só tinha uma noite para

não deixá-la me derrotar. Calvin sentiu a minha aproximação e, contra toda a lógica possível, puxou-

me para si. Meu corpo rodou junto com o seu, e fui parar do outro lado do tapete, com as costas contra

ele. Seu corpo me envolveu lateralmente.

– Às vezes acho que tudo vai passar, menos a minha vontade de estar em você o tempo todo... –

murmurou baixinho, oferecendo-me um beijo curto e molhado. – Não sou eu que quero fugir disso.

Tudo bem, ele estava fazendo o que faz de melhor: tentando me confundir. Soltei um longo

suspiro e o ofereci um olhar impaciente. O maldito riu, e seu hálito de vinho fez cócegas no meu nariz.

– Vou aprendendo contigo... Irei me esforçar. Obrigado, amiga.

Sorri. Não é possível que eu tenha me livrado de uma família doida só para encontrar alguém tão

doido e perturbado quanto todo mundo (devo ter algum radar que atrai gente louca embutido no topo

do meu crânio).

Não sabia se tinha entendido direito o que o Calvin quis dizer com “vou aprendendo contigo”. O

que ele queria aprender, afinal? A não ser mais sozinho? A amar? A me provocar mais ejaculações?

Minha cabeça deu um nó de marinheiro, porém não evitei um sorriso. Seja o que fosse, queria muito

que ele aprendesse comigo.

Tudo porque a minha mente (igualmente perturbada, mas a culpa não é minha) cultivou algo

com relação a ele. Uma coisa perigosa chamada esperança. É uma porcaria, eu sei muito bem. Não

podia ter esperança, pois me geraria expectativas. E ninguém merece criar expectativas por um

cafajeste de marca maior. É masoquismo.

– Gosto quando sorri, Raissa. Eu me sinto bem – Calvin falou isso sorrindo, mas as expressões

foram se fechando lentamente, como uma cortina. – Seus olhos estão brilhando. O que está pensando?

– Em nada importante – não menti, afinal, o que há de importante em ficar maquinando meios

de evitar as expectativas?

– Às vezes eu queria ter o poder de ler tudo o que se passa na sua cabeça.

Deus me livre! Se isso fosse possível, o coitado já teria saído correndo. E eu daria total razão,

pois a minha vontade real era de abrir a porta e correr doida pelo meio da rua.

– Eu também – murmurei, alisando-lhe o rosto. Ainda tinha marcas de batom nele. Percebi que

Calvin sempre mantém a barba feita. Aliás, ele sempre se mantinha barbeado, depilado e cheiroso. É

para acabar com qualquer raça.

– Ainda bem que não pode. Sou meio louco! – Começou a gargalhar. Meu Deus, ele não devia

fazer isso estando tão perto...

– Digo o mesmo. Pareço normal, mas estou bem longe da normalidade!

Continuou rindo. Fiquei acompanhando os movimentos que sua boca fazia. Os olhos pareciam

rir junto com ela, incrível. A cena toda era impressionante. Aos poucos, Calvin foi parando de rir.

Quando aconteceu, o silêncio entre nós fez com que desviasse o rosto.

– E a parede? – perguntou em um sussurro, levantando-se. Ficou sentado no tapete, e me sentei

também. Era muito estranho aquele afastamento súbito da parte dele. Toda vez eu ficava confusa.

– O que tem ela?

– De onde surgiu a ideia? Eu adorei! Estou pensando em fazer o mesmo com a minha...

Provavelmente o Calvin estragaria a coitada da parede. Sua letra horrível ia ser confundida com

borrões indefinidos, falhas na pintura, ou algo do tipo.

– Começou na noite em que vovó faleceu... – falei baixo, sentindo o velho aperto no fundo do

coração. Acontecia toda vez que eu pensava na minha querida vizinha. – Acho que é uma terapia.

Escrevo as frases mais significativas para mim. Clarice tem me ajudado muito.

Calvin voltou a me olhar, sorrindo.

– Ela me ajudou a vida inteira.

– Imagino... – Balancei a cabeça, concordando. – Sobrevivi a muitas noites ruins. Na verdade,

esta é a primeira noite agradável que passo depois que ela se foi. – Engoli o choro. – No fim, tudo é

graças a você, Calvin. Obrigada.

Ele me puxou para si, e me sentei em seu colo como uma criança indefesa. A seleção de músicas

já tinha acabado há algum tempo, e o ambiente tomado apenas pelo ruído dos grilos era reconfortante.

Já havia me acostumado com eles; parecia que estávamos em uma casa de campo.

Afundi o meu rosto entre o ombro e o pescoço dele. Senti-me perdida quando inalei seu cheiro

diretamente da fonte. Meu coração gritou em desespero. Pedi aos céus para que um milagre

acontecesse, qualquer um (seria mágico se a minha avó ressuscitasse, se o meu desejo desenfreado

diminuísse e se o Calvin se apaixonasse por mim. Contudo, qualquer um deles seria pedir demais).

– Você me ajudou muito também. Vamos deixar tudo na caixinha da amizade, sem

agradecimentos. Como dizem, amigos são para essas coisas.

Aquiesci, mas não encontrei coragem para sair dali. Era um lugar bom demais para se estar.

De repente, Calvin começou a soltar mais uma de suas gargalhadas.

– O que foi?

– Meu pau está ficando duro!

– Credo, Calvin, controle-se! – Fingi indignação, mas caímos na gargalhada. Comecei a rebolar

em cima dele só para atizar. – Amigos não são para essas coisas...

Seu olhar desejoso retornou.

– Ainda bem que não somos amigos nesta noite.

– E o que somos?

– Amigos com sexo – falou.

Gargalhei.

– Amigos com sexo e vinho – completei.

– Amigos com sexo, vinho e Clarice Lispector.

Que lindo, gente!

– Pronto, estamos definidos. Agora, preciso de um banho!

Levantei-me e recolhi os pratos sujos. Fui até a cozinha sem olhar para trás, deixando os pratos

em cima da pia. Depois daria um jeito neles. Não queria perder tempo.

Encontrei o Calvin me esperando em frente ao banheiro, apoiado em uma parede e com os

braços musculosos cruzados. Pense num cenário sexy. Agora, multiplique por mil.

– Amigos com sexo, vinho, Clarice Lispector e banho relaxante – disse, e sorriu lindamente.

Sorri de volta e entrei no banheiro, sabendo que ele viria logo em seguida. E veio mesmo,

colando seu corpo bem atrás de mim. Retirou o meu robe lentamente, preocupando-se em beijar meus

ombros na medida em que iam sendo expostos.

– Se eu pudesse fazer o tempo parar... Seria nesta noite, Raissa – murmurou com os lábios

grudados na minha pele. Não houve um só pedaço de mim que não tenha se arrepiado.

Soltei um longo suspiro de desejo. Ele suspirou também. Guiou suas mãos pelo meu corpo,

parando nos locais mais íntimos só para me atíçar. Entreguei-me de corpo e alma ao seu toque.

Levei uma mão para trás, encontrando sua ereção firme escondida pela cueca. Massageei-a um

pouco sob seus suspiros prolongados e sob as mãos que não largavam o meu corpo por nada.

Estremeci a cada carícia.

Virei-me para lhe beijar a boca e retirar sua cueca. Calvin cedeu fácil, tão entregue quanto eu.

Meu banheiro não era tão grande assim, e ficou menor ainda com a presença daquele homem enorme.

Ainda me lembrei de prender meus cabelos escovados com um elástico.
Entramos no boxe com

sorrisinhos cúmplices estampados em nossos rostos, e achei legal ele
respeitar o fato de eu não querer

molhar meus cabelos. Ficou me protegendo do jato forte do chuveiro
utilizando seu corpo, que ia

sendo ensaboado por mim, lentamente.

Não falamos nada durante todo o banho. Nossa linguagem foi o toque. E
que toque... Sentia-me

no céu a cada um que eu recebia. Ele também parecia se entregar às minhas
investidas. Fiz questão de

usar todo o meu empenho para lhe proporcionar o maior prazer possível.

Por incrível que pareça, não houve sexo. Seu pênis continuou ereto – e eu
também fiquei

excitada o tempo todo –, mas o comando de ordem era unicamente a
carícia. Parecia que queríamos

nos conhecer com as mãos, entender o corpo um do outro, processar as
imperfeições (minhas) e as

perfeições (dele).

Foi um momento tão intenso que precisei admitir a mim mesma que ofereci
tudo o que o meu

peito guardava, e que infelizmente pertencia a ele. Não me freei, como
estava fazendo até então.

Sequer fingi não haver sentimento. Não faço ideia se o Calvin sentiu, mas o
que lhe dei foi tão

diferente do que já tinha lhe dado... Fazia muito tempo que eu não oferecia algo além de corpo a um

homem. Você pode não acreditar, mas nunca me apaixonei fácil. A escolha foi péssima, eu sei. Mas já

estava feito.

Ao menos tinha aquela noite. Aquela oportunidade. Precisava esvaziar o meu coração o máximo

que pudesse. Quem sabe assim aprendesse a preenchê-lo com outras emoções? Não era impossível.

Paixão é um sentimento facilmente transferível, guiada pelo sabor da novidade. Eu só precisava me

permitir mais, e parar de achar que não podia vencê-la.

Aquela sensação de estar prestes a morrer era apenas uma sensação. Meu coração não ia parar.

Nem mesmo o tempo. Mas eu concordava com o Calvin; se eu pudesse fazê-lo parar, seria naquela

noite. Mais especificamente, naquele momento profundo de mãos, pele, lábios e línguas, em que tudo

se tornou uma coisa só.

Foi Calvin quem desligou o chuveiro e pegou a toalha que estava pendurada. Envolveu-me com

ela, e então eu saí a fim de pegar outra para ele, dentro de um armário. Ao lhe entregar, não consegui

encará-lo de outro jeito que não apaixonadamente.

Percebi o seu rosto corar, e os olhos serem desviados para um ponto qualquer do banheiro.

Sáímos silenciosamente. Como se tivéssemos combinado tudo, seguimos na direção do meu quarto.

Calvin terminou de enxugar o corpo e os cabelos, colocando a toalha pendurada em um gancho

atrás da porta. Fui mais lenta. Depois que me sequei com cuidado, soltei os cabelos e o percebi já

deitado na minha cama, observando meus movimentos.

Meu corpo foi atraído para ele. Dei passos lentos, precisos, até me ajoelhar na cama e,

finalmente, abrir minhas pernas ao seu redor. Encostei nossos narizes, e as suas mãos tentaram colocar

os meus cabelos atrás das minhas orelhas.

– Foi a primeira vez que tomei banho com uma mulher sem transar com ela debaixo do chuveiro

– disse baixinho e seriamente. Fui eu quem acabou sorrindo.

Analisei cada partícula de seus olhos castanhos. Acho que o Calvin fez a mesma coisa, mas

meus olhos não são tão escuros quanto os dele.

– Ando tirando algumas de suas virgindades... – Ri, mas ele apenas suspirou, continuando sério.

– Anda mesmo.

Apoiei minhas mãos em seu peitoral. Continuei o olhando de perto. Fiz um movimento curto

com o quadril, roçando nossos sexos um no outro.

– Quais faltam? Ainda temos algumas horas.

Falei aquilo em tom de brincadeira, claro, mas Calvin estava estranhamente sério. Levou uma

mão à minha, e a segurou com força, empurrando-a contra si. Só depois que encontrei sentido em seu

gesto: Calvin pegou exatamente a mão que estava sobre o seu coração.

Passei muito tempo olhando para ela, sentindo o sangue deixar o meu corpo. E então, porque

sentido pouco é bobagem, Calvin riu pra valer.

– Nem pensar, Raissa. Nunca vou dar a minha bunda.

Olhei-o. Franzi a testa e... caí na gargalhada.

Enquanto a mesma mão ainda ajudava a minha a apertar seu coração, a outra escorreu pela

minha coluna até se perder na minha segunda abertura. Dei um pulo com o toque repentino e

inusitado.

– Ei! Também não estou afim! – reclamei.

– É sério que você é virgem aí? – Abriu um sorriso canalha, deixando óbvias as besteiras que

invadiram a sua mente safada.

– Não precisamente.

Gargalhou.

– Como assim?

– Depois de algumas tentativas frustradas, desisti. – Ri também, mas acho que a nossa balança

tinha quebrado. Ou então não era uma balança, e sim uma gangorra. Calvin ficou repentinamente

sério.

Apertou ainda mais nossas mãos contra o seu peito, e entendi o que quis dizer. Ele também havia

tentado. E desistido. Definitivamente, eu trocava uma virgindade pela outra. Daria meu rabo quantas

vezes fosse preciso se pudesse ter aquele coração magoado para mim.

Infelizmente, as coisas não são tão simples.

Calvin me empurrou para o lado e se sentou na cama. Afastamento. Fuga. Ele estava fugindo do

envolvimento. Do nosso envolvimento. Devia fazer aquilo o tempo todo, com todas as mulheres que

cruza o seu caminho.

– Calvin... Diga-me uma frase. Quero colocá-la na parede. Uma frase que lembre a nossa noite.

– Hum... – Inclinou-se um pouco para olhar a parede atrás de si. – Vou pensar em uma boa até o

amanhecer.

– Certo...

Seu olhar encontrou o meu, mas foi logo descendo pelo meu corpo nu entre os lençóis. Sorriu.

Ajoelhou-se na cama e puxou dois travesseiros, colocando-os um sobre o outro. Meus quadris foram

puxados para cima deles, e terminei com as pernas para o ar. A minha coluna continuou no nível da

cama, um pouco mais embaixo.

Calvin se sentou exatamente entre as minhas pernas, sem deixar de me analisar. Senti uma coisa

quente fazer o encontro das minhas coxas pegar fogo de imediato. Gemi antes mesmo de ser tocada

por aquele homem impressionante.

Pensei que aquela posição me traria desconforto, mas não. Estava relaxada e pronta para o que

viesse. Eu sabia o que faria. Receberia aquela boca deliciosa em mim. A pressa já me consumia, e não

fazia nem trinta segundos que havia sido colocada ali.

– Prepare-se para ser chupada como uma fruta suculenta... – rosnou baixinho. Passou seus dedos

ao longo da minha vagina, e gemi novamente. Meu abdômen se contraiu. – Vou te foder com a minha

língua, Raissa.

Abri bem as minhas pernas, convidando-o. Calvin foi se inclinando devagar até chegar bem

perto. Colocou a língua para fora e a guiou de baixo para cima, pressionando-a contra mim. Meu

quadril balançou um pouco, e vi estrelas no teto do meu quarto.

A quentura se intensificou bastante. O safado meio que se deitou na cama, com a cara entre as

minhas pernas. Ergueu as mãos e acariciou os meus seios no mesmo ritmo do movimento lindamente

protagonizado por sua língua experiente.

A diferença entre um cara que sabe chupar e um que não sabe vai além de qualquer evidência.

Primeiro: Calvin não me babava em demasia. Odeio caras que ficam babando, babando, e não fazem

nada que presta além de babar. É nojento e nada excitante.

Segundo: ele não se afastava nem por um segundo. A constância em um sexo oral é muito

importante, pois qualquer pausa me causa irritação e impaciência. Preciso estar sendo tocada o tempo

todo, e Calvin, de alguma forma, sabia disso, visto que, quando sua boca pedia uma pausa para

descansar, aticava-me com os dedos sem me fazer sentir ausências.

Terceiro: o cara era muito paciente. Sério, a gente percebe quando um homem só está chupando

por chupar. A maioria dos homens quer que o momento passe depressa (geralmente porque quer que

sua vez chegue logo), mas não o Calvin. Ele parecia curtir cada segundo. Fica envolvido no que está

fazendo, e te observa de um modo tão intenso que você se sente a última bolacha do pacote.

Quarto: ele conhecia muitos movimentos diferentes. Para quem acha que o maldito só enfiava a

língua para lá e para cá, está muito enganado! Calvin se movia de várias maneiras; usava a língua, os

lábios, os dedos (às vezes tudo ao mesmo tempo), chupava, lambia, ia e vinha, provocando um prazer

quase insuportável.

Diante de tudo isso, temos o quinto item: não fico ansiosa ou envergonhada. O cara faz bem e

sem pressa, então para quê afobação? Não ficava me sentindo angustiada nem para parar e nem para

gozar logo. A sensação de liberdade que ele me proporcionava como mulher era magnífica. Uma coisa

que nunca experimentei antes.

E foi por isso que realmente me senti uma fruta suculenta sob seus lábios e língua. Tudo ficou

ainda mais profundo quando ele tirou as mãos dos meus seios e procurou pelas minhas. Entrelaçamos

ambas, e assim permanecemos.

– Que delícia, Calvin... – murmurei entre gemidos. Não sabia se fechava os olhos ou se conferia

seu rosto perfeito afundado no meu sexo. – Sua boca é divina...

Ele riu sem desencostar. Seu hálito e dentes me provocaram até demais. Voltou a pressionar a

língua com força, envolvendo o meu clitóris. Chupou duro, e me vi em um estado de quase êxtase.

Gemi alto. Ele ergueu os olhos só para assistir ao meu clímax. Intensificou o movimento de

propósito, revirando meus sentidos e mantendo outro ritmo em constância. Safado!

– Vai ser bem gostoso... – gemi fraco como uma criancinha. O maldito não parou até que explodi

intensamente, como se fosse o primeiro da noite. Gritei o nome dele (o único que eu conhecia) umas

mil vezes enquanto resfolegava e sofria espasmos alucinantes. – Ai... Delícia! Eu amo os seus lábios,

Calvin...

Acho que o fato de eu estar com a matraca aberta lhe incentivou a continuar. Ou então porque

ele me prometeu sete orgasmos, e faltava mais um em sua boca. Pelas minhas contas, o último

provavelmente seria em seu pau. Sinceramente, eu não via a hora.

Nem me dei o trabalho de fechar as pernas. Em vez disso, fechei os olhos e tentei não me

angustiar com a continuação. Meu coração ainda batia depressa, e o corpo continuava sentindo os

espasmos do orgasmo anterior, mas o Calvin sabia o que fazer.

E é aí onde o sexto item se encaixa: Calvin não fica satisfeito com um só orgasmo. Ele faz

questão de arrancar mais de um. Não se cansa, não se afoba. Seu prazer também é dar prazer, e isso é

uma coisa tão rara no universo masculino (ou então nunca conheci um cara bom o bastante) que eu só

precisava me acalmar para o próximo.

Foi o que fiz. Seus movimentos se tornaram mais intensos e acelerados. A força que aplicava em

mim aumentou. Prova de que sua experiência lhe permitia entender que não dava mais para ser lento.

O segundo orgasmo só chegaria com uma intensidade maior de movimentos, já que o primeiro meio

que funciona como um “abre alas”.

Puxei seus cabelos, mas não interferi no seu ritmo. Só busquei apoio e abri as minhas pernas da

maneira correta para absorver o maior prazer que me fosse permitido. Gozei ruidosa e intensamente.

Antes de concluir, puxei seu rosto para mim e ele veio sem pestanejar.

Afundou-se sobre o meu corpo, trazendo sua grandeza e quentura para me envolver em todos os

sentidos. Seu pênis enorme já estava duro. Abri-me totalmente para recebê-lo por inteiro. Calvin não

pensou duas vezes, enterrou-o em mim com um choque intenso, poderoso.

Gememos juntos.

– Droga! Raissa, você tira o meu juízo! – Ele se afastou totalmente, desencaixando-nos.

Ajoelhou-se na cama e olhou para o teto, com raiva evidente.

– O que houve?

– Esqueci de colocar o preservativo. Desculpa, foi imperdoável. Eu nunca esqueço algo tão

importante... – Ele ficou procurando por alguma coisa entre os lençóis.

Senti-me confusa e exposta demais, porém, um segundo depois, já não me importava com mais

nada. Por isso que havia o sentido com tanta perfeição; não havia nada nos separando.

– Relaxa, Calvin. Não tenho nada, fique tranquilo. Pode vir.

Ele me olhou como se eu fosse uma louca.

– Nem pensar. Não faço sem. Nunca fiz. – Achou um pacotinho de preservativo e o abriu entre

os dedos.

– Você tem alguma doença?

– Claro que não! Enlouqueceu? Deus me livre. Eu me cuido.

Sentei-me na cama e puxei o preservativo das mãos dele. Joguei-o contra a parede da Clarice,

depois o troço se perdeu em algum lugar desconhecido. Calvin ficou me olhando sem acreditar.

Puxei suas mãos lentamente. No início, seu corpo travou, mas logo em seguida ele veio junto.

Voltei a me deitar, e o Calvin tornou a colocar seu corpo sobre o meu.

– É a nossa última noite. Eu tenho um único pedido: goze em mim.

Balançou a cabeça e arfou profundamente.

– Raissa... Não.

– Confie em mim como estou confiando em você, Calvin. Não confia em mim?

Ele me encarou com os olhos mais perdidos que já vi na vida.

Vagarosamente, encaixou nossos

corpos de novo. Resfoleguei e sorri, sentindo-me extremamente livre.

– Confio, e não é pouco... – murmurou enquanto se movimentava lentamente. – Minha nossa, eu

nunca senti uma boceta de verdade... – Começou a provocar choques rápidos e intensos, mas depois

voltou ao ritmo vagaroso. – Caralho... Como é gostosa.

Ri de leve, amando cada sensação maravilhosa dos nossos sexos cedendo um contra o outro.

– Estou tirando sua virgindade mais uma vez, Calvin...

– Você é ótima nisso... – sussurrou no meu ouvido, depois mordeu o lóbulo da minha orelha.

Arrepiei-me. – Estou quase dando a minha bunda a você.

Gargalhamos juntos, mas paramos quando ele acelerou bastante. O velho modo de foder estilo

Calvin Klein (velocidade seis do créu, com direito a batidas na parede) estive de volta durante um

tempão. Aguentei o seu tranco como pude, e embora estivesse cansada, amei cada segundo. Gritei,

gemi e me entreguei ao máximo.

Ele me ergueu e passou os braços pela minha coluna, terminando com as mãos nos meus

ombros. Começou a me puxar e empurrar, ajudando o ritmo intenso do seu quadril. Fechei um pouco

mais as pernas e apoiei os pés nos seus ombros. Calvin começou a beijar tudo meu que encontrou pela

frente, sem sair da constância de seu ritmo.

Diferentemente dele, eu já tinha feito sexo sem camisinha com alguns namorados mais fixos.

Mesmo assim, a sensação de tê-lo daquele modo foi nova. Muito mais intensa, digamos assim. Senti-

me bem mais conectada a ele, e embora isso não seja algo tão bom, foi o bastante para me trazer

aquela felicidade limitada.

– Como équentinha... Ah, Raissa... Eu vou morrer com essa sua boceta pegando fogo no meu

pau. Estou quase gozando...

Acho que ele ia gozar mesmo, pois recuou completamente, desencaixando-nos. Sentou-se sobre

as próprias pernas e ficou arfando como um alucinado. Sorri de seu desespero, abrindo bem as minhas

pernas só para provocá-lo.

Ele deu uma bela olhada na minha vagina e veio com tudo, passando as mãos por baixo das

minhas coxas. Empurrou os braços para cima, obrigando meus pés a seguirem para os seus ombros e

me penetrou. Fiquei totalmente exposta, com as pernas bem abertas e sem saída.

Comecei a gritar sem pausas por causa dos choques intensos, que ficaram ainda mais prazerosos

diante da nova posição.

– É isso que você quer, Raissa. Pode gritar! – rosnou como um maníaco, acelerando ainda mais.

Puxou meus cabelos com uma das mãos, e meu rosto pendeu para o lado. Sua boca encontrou a minha,

tirando meu fôlego em menos de um segundo. – Vou encher essa boceta de porra!

Seu último rosnado abriu a porta do meu êxtase. Quando menos percebi, estávamos gozando

juntos, como dois animais ferozes e barulhentos. Senti-o quente dentro de mim, e a sensação de

felicidade limitada se intensificou. Orgulho me definiu.

Era lindo vê-lo gozando. Sério. A careta que o Calvin fazia dava um ótimo retrato. E era sempre

a mesma, já conseguia reconhecê-la. Pena que, a partir daquela noite, precisaria esquecê-la para

sempre. Tentei não sentir tristeza por antecipação. Ele ainda estava ali. Eu ainda o tinha.

Calvin tombou para o lado, levando-me consigo. Abraçamo-nos. Ele achou um lençol todo

franzido ao seu lado, e decidi nos cobrir. O último beijo estava próximo, mas eu ainda podia ter o

antepenúltimo e o penúltimo. Não sabia qual deles seria, só sabia que queria beijá-lo até amanhecer.

– Vamos dormir? Estou cansada... – propus baixinho, murmurando entre seus lábios.

– Não quero dormir.

– Por quê? Não está cansado?

– Não é isso. É que... Não vou te ter ao amanhecer. – Meu coração sofreu uma exposição

perigosa ao zero absoluto. – Tem certeza, Raissa?

Suspirei. De que adiantaria?

– Só mudo de ideia se... Se... Se prometer ficar apenas comigo, Calvin –
encontrei coragem para

dizer. Temi mais a sua resposta do que qualquer coisa que já temi na vida.

Ele me encarou com olhos esbugalhados. Deu uma gaguejada básica. Fiquei apenas esperando.

– Eu... Não posso, Raissa... Não funciona assim.

– Não pode ou não quer?

Ele pareceu refletir um pouco mais. Sua decepção foi evidente.

– Não quero.

Certo. O limite da felicidade chegou. Caí no abismo da tristeza.

– Sei disso. Então, nada feito.

– Mas...

– Não há “mas”. Chega, Calvin. Amigos, sim?

Pensei que ele mudaria de ideia. Pensei que diria que ia tentar. Cheguei realmente a achar que o

Calvin pudesse, sei lá, fazer um esforço de verdade para deixar de ser um safado. Mas eu estava

enganada. Aliás, estava certa, como sempre estive o tempo todo.

– Amigos – definiu.

Depois daquela, foi duro dormir. Acho que revirei durante o restante da noite, diferentemente

dele, que pegou no sono depressa. Prova de que o que falou sobre não querer dormir não passava de

ladainha. Ele era assim, um cafajeste. Um conquistador muito barato.

Devo ter pegado no sono quando amanheceu. Não sei especificar a hora. Só sei que, quando

acordei com meu despertador (percebendo que não tinha dormido quase nada), Calvin não estava mais

na minha cama. Já o seu cheiro, estava. Ô, se estava. Foi a primeira coisa que tirou o meu juízo

naquela manhã.

A segunda coisa foi um bilhete. Estava bem ao meu lado, em cima de um travesseiro,

provavelmente o que ele usou durante a madrugada. Não havia nada escrito, apenas uma seta grande

feita com pincel atômico. Passei alguns segundos tentando entender (não funciono *mesmo* de manhã),

até que decidi olhar para onde ela apontava (dã!): a parede da Clarice Lispector.

E eis que veio a surpresa. Havia uma frase nova. Uma frase escrita com uma letra feia (que fez

um esforço para se tornar legível, e até conseguiu) e pincel vermelho, bem acima da frase da

“liberdade”:

“E foi tão corpo que foi puro espírito” C.L.

Livrando-me da prisão que é evitar sentir o que realmente sinto

Os meus planos para o esquecimento já vinham sido traçados há algum tempo. Chegara a hora

de colocá-los em ação, pois era a única chance que eu tinha para sair da situação o mais depressa

possível, sem feridas, sem cicatrizes. Eu não queria sofrer (e nem podia, pois jamais fui iludida; só

sofre quem se ilude), chorar ou me sentir sozinha. Jamais permitiria ser dominada pelas

consequências dos erros que cometi com relação ao Calvin.

Fiz porque quis. Essa certeza ninguém me tira. Usei-o como qualquer mulher faria se estivesse

no meu lugar. Foi ótimo na hora (foi sensacional, fora do comum, impressionante), e não precisava me

arrepender de ter vivido boas experiências. Se a mágoa era inevitável (e a mágoa só vinha porque sou

romântica demais para separar as coisas), tudo bem, mas sofrer por causa dela era uma escolha. Tinha

de ser madura até o fim, manter a mente e o coração nos lugares certos.

Passei horas raciocinando sobre as minhas atitudes e sobre a situação, de uma forma geral.

Apesar de tudo, não me sentia usada, muito pelo contrário, a ideia de que o usei estava me

perturbando. Pensa comigo, um monte de vadia se aproveita do corpo do cara. Calvin era tratado

frequentemente como objeto, e foi assim que eu o tratei. Ou alguém acha que eu piraria no vizinho se

ele fosse feio?

Comecei essa história buscando satisfação sexual, e claro que me dei mal, pois somente sexo

nunca me trouxe uma satisfação completa. Fiz algo que jamais tinha feito, e descobri mais um detalhe

sobre mim: eu não sou daquelas que buscam sexo para resolver problemas, sou uma mulher que toma

o sexo como complemento para uma relação de intimidade. E quando falo intimidade, não estou

falando apenas de corpo.

Calvin parecia estar no topo da cadeia alimentar, mas a verdade era que ele estava muito

embaixo. Qualquer uma vem, usufrui e vai embora (porque ele mesmo expele). Foi fácil chegar à

conclusão de como o Calvin era submisso: imaginei que se fosse uma mulher em vez de um homem,

ninguém nuncaalaria que os homens que eram tolos demais por foder com ela. A mulher que seria a

tola (isso para não dizer vulgar, desclassificada, uma qualquer) por foder com todo mundo. Trouxe a

ideia para a situação atual, livrando-me das raízes do machismo, e percebi que aquele homem só

precisava de alguém que o valorizasse.

Eu queria valorizá-lo, e foi isso que tentei fazer. Por sua história, pelas coisas boas que me fez

sentir, pela companhia, amizade, pela capacidade de me deixar louca. Tentei ser diferente. Tentei ir

além do corpo. Mas ele não quis. Quero dizer, ele não sabe o que quer de verdade (porque eu não

acredito que alguém possa não querer aquilo que vai te fazer melhor).

Nem sempre a gente percebe as coisas de que precisamos. Eu sei o que ele precisa, e ele não

sabe, então o que fazer? Ajudá-lo? Desistir? Poxa vida, eu não queria desistir. Só precisava... Porque

me machucaria se continuasse. Esse egoísmo que todo ser humano tem às vezes me enoja. Minha

autopreservação falava alto demais, era um grito quase ensurdecedor, mas uma voz sussurrava

baixinho. A voz da consciência pedia para que eu, uma pessoa humana, ajudasse outro ser humano

perdido.

Mas como ajudar quando tudo está doendo? Só me restava desistir. Restava-me fazer parte da

massa egoísta que prefere viver em seu mundinho e fingir que um mendigo não está pedindo dinheiro

no meio da calçada (a comparação foi forte, mas muito verdadeira).

Aquela semana não foi fácil. A segunda-feira, principalmente, foi horrível. Não vi o Calvin antes

de ir trabalhar (ainda o procurei pelo jardim, mas não o encontrei em parte alguma), nem mesmo

depois, quando cheguei a minha casa. As lembranças se mantiveram constantes, trabalhei mal, quase

me esquecia de ir almoçar, senti o cheiro dele grudado à minha pele como tatuagem e esfreguei o

carro no muro do estacionamento da empresa (o maldito chefe ainda disse que eu devia pagar pela

pintura do muro, mas e a do meu carro? Como fica?).

Em resumo, foi um dia para ser ignorado. Faz de conta que nem existiu. De certa forma, senti-

me inexistente durante as horas amargas que usei para me lamentar e quase (quase...) me arrepender.

Quanto mais o tempo passava, mais alguma coisa me dizia que aquilo se transformaria em algo maior

do que realmente era. Foi então que fiz a minha escolha: não deixar que se transformasse.

O primeiro item do meu plano chamado “vou esquecer o safado do meu vizinho” foi

concretizado ainda na noite de segunda. Reuni meus lençóis, um edredom, travesseiros e todas as

almofadas do sofá. Montei um lugar bem agradável no tapete da Sra. Klein. Liguei meu notebook e

fiquei trabalhando até mais tarde, com os fones de ouvido conectados e muitas xícaras de chá. Não

queria ouvir nada, se é que me entende. Se o Calvin resolvesse receber alguém em sua casa, seria uma

decepção tão grande que era melhor nem saber.

Evitei a parede da Clarice. Não ia adiantar usar uma terapia que me fizesse lembrar o sujeito. A

frase que ele escreveu ainda martelava o meu juízo com a força da Mjölnir, e o pior de tudo era não

entender como ele tinha conseguido não fazer nada para prolongar o nosso momento, mesmo sabendo

que havia sido intenso de uma maneira especial. Bom... É isso o que o Calvin faz: envolve, confunde e

vai embora. A pessoa que se lascasse para superá-lo.

A primeira noite no tapete da Sra. Klein foi melhor do que pensei. A minha estratégia funcionou

que foi uma beleza; tinha tanto trabalho acumulado que não pensei em mais nada. Na hora de dormir,

estava muito cansada. Meu cérebro se recusou a raciocinar, e o meu coração, a doer. A exaustão me

serviu como entorpecente, o que me fez procurar por ela durante toda aquela semana.

A terça foi ainda mais esquisita. A ausência estava lá, bem como a dor, a angústia e toda aquela

parafernália de péssimas sensações que me acometeram desde o “não quero” dito pelo Calvin. De

novo, não o vi pelo jardim. Não conseguia deixar de me preocupar, mas ver seu carro estacionado

atrás do meu me fez ter certeza de que o mínimo que ele podia estar fazendo era o mesmo que eu

estava: evitando.

Mamãe me ligou na hora do almoço. Sério, nenhuma mãe devia ligar para o filho enquanto ele

tenta empurrar alguma coisa para dentro do estômago. Ainda mais se for para conversar sobre coisas

difíceis. Nem sei como atendi à ligação, mas a coitada ficou bastante preocupada já com o meu “alô”.

– O que você tem, minha filha? Pelo amor de Deus, o que está acontecendo contigo? Estou muito

preocupada!

– Preocupada por que, mãe? Está tudo certo... Só ando cansada.

– Raissa, você não foi à missa de sétimo dia da sua avó. Não ligou, não mandou notícias... O que

anda fazendo de tão importante que não pode dar um pouco de sua atenção para a família?

Ai, meu Deus! Havia me esquecido totalmente da missa de sétimo dia. Foi no domingo, estava

na minha agenda... Ah... Eu só tinha pensado no vizinho safado durante todo o domingo. Merda!

Meus olhos se encheram de lágrimas, e então era oficial: jamais conseguiria almoçar daquele

jeito. Só estava conseguindo ingerir líquidos desde o dia anterior, por isso fiz uma promessa interna de

que prepararia uma sopa reforçada à noite. Nada de adoecer por causa daquele canalha.

– Desculpa, mãe... Eu... Eu esqueci, juro. Não foi por mal! Não há um dia que não sinta falta da

vovó! – choraminguei.

– *Eu te conheço, Raissa. Poxa... Estou tentando te dar espaço, sei que você quer privacidade, sei*

que quer ficar sozinha... Mas não acha que está exagerando? Estou com saudade da minha filha...

Ainda nem fui ver onde ela mora! Ela sequer me convidou!

Putá merda, mãe.

– As coisas só estão difíceis, está bem? Estou tentando me encontrar.

– Tudo bem, filha, mas não há desculpas. Amanhã iremos jantar na sua casa. Todos nós. Só não

vamos hoje porque seu pai viajou, chega amanhã cedinho. Você sabia disso? Aposto que não! Sua avó

nem chegou a conhecer a sua casa e... – Mamãe ia continuar a frase, mas parou, nitidamente

emocionada.

A minha culpa só fez aumentar. O aperto no peito também. Como havia sido egoísta, meu Deus!

Estava afastando as pessoas que mais amo da minha vida, assim, sem mais nem menos. Sem nem uma

justificativa aceitável. Pensei que não dava para ser livre estando presa às pessoas, mas ser presa ao

amor verdadeiro também é um tipo de liberdade.

Não soube o que responder sobre seus protestos. Só me restou ter esperanças de que podia me

redimir dos erros cometidos.

– Esperarei vocês amanhã, então. Vou preparar algo legal. Prometo, mãe.

– *Vamos ter uma conversa muito séria, mocinha.*

Ferrou tudo. Quando a sua mãe diz isso, fuja para as colinas. Vem bomba por aí, com certeza.

Ela ainda fez mil recomendações e enumerou todos os pratos que prepararia para levar no dia

seguinte, pois não queria me dar trabalho na cozinha e sabia que eu não tinha muito tempo livre.

Esperei que dissesse tudo e, quando finalmente fechou a boca, murmurei:

– Certo. Até amanhã. Te amo.

– *Também te amo...*

Desliguei o celular e simplesmente caí no choro. O pessoal do refeitório ficou olhando para a

minha cara como se eu fosse uma maluca. Alguns colegas até tentaram me consolar, o que, claro, só

fez a cena ficar ainda mais bizarra. Bom, às vezes a gente precisa mesmo chorar. Evitar as lágrimas só

estava as acumulando dentro de mim. Uma hora elas teriam que sair, era uma pena ser em um

momento inoportuno.

Obviamente, trabalhei de um jeito péssimo. O meu chefe me chamou para uma conversa séria, e

precisei me virar nos trinta para convencê-lo de que era apenas uma fase ruim na minha vida pessoal.

O nojento sempre foi bem insensível, mas não fazia ideia do quanto. Ele sabia que a minha avó tinha

morrido há pouco mais de uma semana, e ainda vinha falar merda pro meu lado (logo eu, que passei

anos trabalhando perfeitamente e como uma condenada naquela empresa). Fiquei com tanta raiva que

só não pedi a demissão porque não podia me dar o luxo de ficar desempregada.

Bom, o fato é que eu estava ficando cada vez mais fodida, e em todos os sentidos possíveis. Tive

certeza disso quando cheguei a minha casa e percebi mais um vaso somado aos demais (sem contar

com as rosas vermelhas, que haviam sido trocadas). Aquele novo vaso era pequenininho e, em vez de

flores, tinha uma espécie de cacto em miniatura. Achei-o fofo, mas com muitos espinhos.

Sinceramente, não soube o que o Calvin quis dizer com aquela planta, até que achei o bilhete

caído perto da porta. Soltei um longo suspiro antes de me abaixar para pegá-lo. Não estava a fim de

frases profundas. Sério, eu queria que ele soltasse alguma de suas putarias. Seria mais reconfortante

do que uma frase bonitinha que me fizesse derreter como sorvete ao sol ou me fizesse repensar o meu

egoísmo.

Mas a sorte não estava do meu lado.

“Qualquer um pode amar uma rosa, mas é preciso um grande coração para incluir os espinhos.”

Tia Clarice

Saudade,

C.”

Passei um tempão tentando encontrar sentido (e me odiando por ter ficado derretida mesmo sem

ter entendido a mensagem), afinal, ele já tinha me dado rosas. O cacto pequenino parecia trazer outro

significado, e só depois me liguei que talvez o Calvin estivesse querendo dizer que ele não possuía a

vantagem da rosa, que era a sua beleza e cor. Talvez quisesse dizer que era uma pessoa com apenas

espinhos, como aquele cacto.

De qualquer forma, o verbo amar escrito pela sua própria letra me chamou muita atenção. Fiquei

ligada àquele verbo como um paciente terminal ligado às máquinas que lhe permitiam os últimos

segundos de vida. Dramático, eu sei. Isso para não dizer trágico.

Bom, se ele não achava que eu era capaz de amá-lo, tenho péssimas notícias para contar. E não

aconteceu porque o meu coração era grande, mas porque a minha burrice havia conseguido ser maior.

Do tamanho, talvez, da saudade. Que, pelo visto, não era sentida apenas por mim.

Era um progresso.

Confesso que aquela saudade deixou o meu corpo abatido. As lembranças de cada toque (e de

seus olhos intensos me encarando de diversas formas) me trouxeram lágrimas desenfreadas, e me vi

escrevendo a frase nova na parede da Clarice. Como já previsto, superá-lo ia ser tarefa torturante e

complicada. Naquele instante, percebi que ser egoísta tem suas desvantagens: a consciência pesada e o

coração diminuído.

Sentia-me caindo no fundo de um poço, e não fazia ideia de como sair de lá.
Ajoelhei-me na

minha cama e passei longos minutos observando a parede, tomada pela
solidão e pelo silêncio

absoluto. Meu corpo inteiro gritava, pedindo liberdade, e o meu cérebro
maquinava soluções menos

covardes do que o esquecimento (porque até ele já tinha percebido o
tamanho absurdo da minha

capacidade de desistir).

Descobri a raiz do meu problema depois de muitas indagações feitas para o
vento. Eu estava

aquele tempo todo tentando evitar o inevitável que, claro, acabou
acontecendo e, mesmo assim,

continuei evitando por causa do maldito egoísmo. Sempre ele.

O mais louco de tudo era que, apesar de haver dois caminhos, eu tinha
ignorado o segundo como

se ele nem existisse. A minha falta de fé e coragem me fez seguir pelo
caminho fácil – que também

era complicado.

O outro caminho era a conquista. A luta. A atitude de uma guerreira que
não desiste do que quer

e do que é certo. E estava óbvio o que eu queria, embora não tivesse nome
(e por isso o conhecia tão

bem). Admiti a mim mesma que queria o Calvin mais do que qualquer coisa. Confessei que ele era a

minha solução, a cura para aquele meu novo comportamento que só fazia me irritar.

Eu precisava dele, sim, em todos os sentidos, e ele precisava de mim. Precisava muito. Nós

seríamos completos se ficássemos juntos. O destino tinha feito uma coisa muito boa para nós dois,

colocando-nos lado a lado. Nada é por acaso. Eu ter comprado aquela casa foi uma grande obra do

destino.

Eu só precisava vencer aquela teimosia. Tinha de ultrapassar a barreira que o impedia de ser

quem realmente é: um homem sensível, talentoso, amoroso, carente... Calvin conseguia ser ele quando

estava comigo. Eu o via. Enxergava seu eu verdadeiro. E ninguém merece ter que se esconder para

viver entre pessoas que não acrescentam nada em sua vida. Aquelas vadias não eram nada além de

uma diversão momentânea, passageira, sem sentido. Calvin precisava entender o que era melhor para

si, ou seja, euzinha aqui.

Sou o que ele tem de melhor. E, como tal, precisava agir de acordo. Iria resgatá-lo para a vida.

Naquele instante, prometi a mim mesma que seria o melhor para nós dois.
Com muita

inteligência (e paciência também, porque sei que vou me estressar),
colocaria no chão cada barreira

que ele levantava contra a própria felicidade. Eu também colocaria a que
levantei abaixo. Se a

vantagem da consciência era minha, então o meu dever era fazer alguma
coisa útil, certo?

Sorri e chorei de alívio quando me decidi. Seria a coisa mais perigosa e
maluca que já tinha feito

na vida, mas, se desse certo (*quando* desse certo, vamos falar assim, pois
positividade é tudo), sei que

seria verdadeiramente feliz e livre, do jeito que eu sempre quis.

O medo de arriscar deixou os meus sentidos depois que percebi que a luta
me faria uma pessoa

melhor para a minha própria consciência do que o afastamento proposto
anteriormente.

A primeira coisa que fiz foi abrir o *Google* e pesquisar por uma boa frase de
efeito escrita pela

Clarice. O começo do meu plano seria posto em ação, nada de esperar pelo
urgente. A minha

felicidade precisava de planos, não de moleza ou preguiça.

De cara, escrevi mais uma citação na minha parede; a que demarcaria o
início da fase chamada

“tome uma atitude, queridinha”:

“Ser feliz é uma responsabilidade muito grande. Pouca gente tem coragem.”

Logo em seguida, peguei um pedaço de papel cor-de-rosa e escrevi outra:

“Deixo-te livre para sentir minha falta, se é que faço falta. Tens meu número, na verdade, tens

meu coração, então se sentir vontade de falar comigo, me procura você.”

Obviamente, rasguei e joguei no lixo. Aquela era intensa demais. Esse negócio de “tens meu

coração” ia fazer o cara se mudar no dia seguinte, deixando tudo para trás. Seu ré seria tão grande que

ele correria até a China de costas. Atravessaria o oceano a nado borboleta.

Peguei outro papel e rezei para a Santa Lispector me fazer encontrar uma citação mais amena,

porém sincera. Achei uma, e sorri ao relê-la. Era o que eu sentia, profundamente. E também podia ser

levada numa boa, sem muitas intenções (eu acho...):

“Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém que o que mais queremos é tirar

essa pessoa de nossos sonhos e abraçá-la.” Santa Lispector.

Lembre-se de que saudade é um sentimento urgente...

R.”

Tentei achar alguma coisa para entregá-lo junto com o bilhete. Revirei a casa inteira, e a única

coisa que achei foi a camisinha usada (e ao mesmo tempo não usada) que eu tinha jogado no chão. Dei

graças a Deus por tê-la tirado do meu quarto antes que os meus pais vissem. Ia dar um rolo enorme...

Sendo assim, achei por bem abrir um velho álbum de fotografias e pegar a foto mais bacana que

eu tinha. Gostava daquela, tinha sido tirada em uma das viagens com a minha família. Foi o

Guilherme quem tirou; era só do meu rosto, e eu sorria amplamente por causa de uma piada tosca que

ele tinha contado. Bem espontâneo, nada forçado.

Peguei um clip bem pequenininho e preendi o bilhete à foto. Ainda era cedo, sabia que o Calvin não

tinha chegado, e que demoraria um pouco. Deixei o meu “presentinho” na sua varanda,

especificamente em cima de seu tapete de boas-vindas.

Confesso que fiquei o esperando chegar, mas depois o medo completo de me decepcionar falou

mais alto. Se o safado aparecesse com visitas, eu me odiaria eternamente. Portanto, mais uma vez,

juntei todos os meus travesseiros e me estiquei no tapete consolador da Sra. Klein. Só que, desta vez,

não me senti triste. A única dor que sentia era pelo que aconteceu com a minha avó, mas sabia que o

tempo me consolaria. Eu não precisava mais juntar as dores da minha vida em um só lamento.

Naquela noite, aprendi que só sofre quem não toma atitude.

O dia amanheceu mais colorido (ou havia sido os meus olhos que pararam de ver tudo em preto

e branco?). Trabalhei com mais boa vontade, provando ao meu chefe que continuava a mesma

funcionária exemplar de sempre. Adorei o meu desempenho. Sentia-me contente, renovada, com

novas expectativas (aquelas mesmas que eu tinha evitado criar eram as culpadas pela minha louca

alegria, e foda-se o sentido).

Cheguei a minha casa na noite de quarta-feira carregando sacolas e mais sacolas de compras,

pois tinha ido a um supermercado a fim de não passar vergonha. A minha despensa estava vazia, bem

como a geladeira, e os meus pais iam dizer que eu não estava me alimentando direito se assim

permanecesse. E então a confusão total estaria feita.

Ainda deu tempo de guardar tudo, dar uma arrumada na casa e tomar um banho. Foi a conta

certa para a minha querida família bater à minha porta. Só não sabia que eu fosse cair no choro quando

abrisse a porta. Sério, foi uma cena digna de novela mexicana. Eu chorei, mamãe chorou e até a Sara

começou a chorar. Daí a minha sobrinha chorou porque não entendia os motivos de todo mundo estar

chorando.

Papai e Guilherme tentaram brincar com a situação, mas senti que até eles estavam

emocionados. A surpresa adicional da noite ficou por conta da Lilian, que soube da visita e se ofereceu

para vir me visitar também. Mesmo um pouco cismada com sua presença (devido à nossa

desagradável última conversa), adorei saber que se importava comigo.

Mamãe faltou trazer o mundo de comida para o nosso jantar. Tinha tanta coisa gostosa que eu só

consegui me lembrar do Calvin. Queria que ele estivesse ali, sei lá. Seria desconcertante, mas uma

experiência diferente. Ele precisava daquele clima familiar que só uma família de verdade podia criar.

Talvez o fizesse bem.

A minha família revirou a minha casa de cabo a rabo. Não era lá tão grande, mas cada cômodo

gerava muitos comentários, a maioria engraçados. Claro que a minha mãe odiou a “pichação” que fiz

na minha parede. Já papai, leu todas as frases e adorou. Guilherme comentou que eu estava ficando

louca, e a Sara me olhou como se achasse a mesma coisa. Lilian achou legal.

O jantar em família foi barulhento e divertido. Comi tanto e tantas coisas diferentes que uma

bela dor de barriga era o mínimo que eu esperava para o dia seguinte, porém me permiti até o fim. A

minha mesa de jantar só tinha quatro lugares (não caberia uma maior), portanto o Guilherme e eu nos

oferecemos para comer na mesinha de centro.

Então, depois de horas de muito bate-papo (ninguém conseguia comer calado), da sobremesa e

do cafezinho, papai e mamãe me chamaram para uma conversa em particular no meu quarto.

Basicamente, pediram-me para que eu contasse tudo o que estava sentindo com relação a morar

sozinha. Foi um saco!

– Estamos preocupados com você, Raissa – disse papai, sentado na minha cama ao lado da

mamãe. Estavam com as mãos dadas do jeito romântico como sempre ficavam. – Seu distanciamento

está nos deixando tristes.

– Desculpem... – murmurei. – Só estou em uma fase de mudança. Vai passar... Vou me

encontrar.

– Sabemos que foi uma mudança muito drástica, e ainda teve a morte da vovó, mas... – O rosto

da minha mãe se contorceu de angústia. – Achamos que você deve estar muito sozinha, Raissa, e isso

não é bom.

– Gosto de ficar sozinha. É disso que eu estava precisando. Estou bem... Vou ficar bem, prometo.

– Você é muito madura, filha, mas nunca vimos você se comportando de uma maneira tão

esquisita. Acho que a mudança não te fez bem – mamãe insistiu. Papai me encarou significativamente,

e por fim aquiesceu, concordando com a minha mãe.

Merda! Como convencê-los de que a mudança tinha sido a experiência mais válida para o meu

autoconhecimento? Eu não queria entrar em tantos detalhes, sei que se espantariam.

– A mudança me fez muito bem. Não me arrependo. Juro que vou ligar e aparecer mais vezes. –

Beijei os meus dedos cruzados, como fazia quando era criança. Eles riram um pouco, mas a

preocupação não saiu de seus semblantes.

– Então vamos combinar assim: você fica com a gente durante os domingos. Certo?

– Não! – gritei alto demais. Mamãe até levou um susto. – Er... Meus domingos estão ocupados.

Pode ser no sábado?

– O que você faz aos domingos, Raissa? – Minha mãe nunca foi boba. Era mais fácil os cantores

de axé gravarem músicas profundas do que despistá-la.

– Ajudo um amigo, que está passando por problemas.

– Que amigo?

Suspirei. Que vidinha, hein?

– Meu vizinho. Aquele, do hospital. – Meus pais mal tinham ligado para a presença do Calvin

naquele dia, mas certamente se lembravam dele.

– Vocês estão namorando?

– Não, pai... – Revirei os olhos, soltando novo suspiro. – Só estou o ajudando. É importante. Ele

me ajuda muito, não posso deixar de ajudá-lo.

Eles ficaram me olhando, absolutamente desconfiados.

– Tudo bem, aos sábados. Sem exceção, Raissa. Se não cumprir esta promessa, juro que faço seu

pai vender esta casa.

Fiz uma careta, irritada.

– Credo, mãe! Sou independente, eu tomo minhas decisões.

– Ainda sou a sua mãe. Nunca vou deixar de ser. Se eu perceber que algo está errado, trago você

de volta para casa. Ouviu bem, mocinha?

Sério, quantos anos eu tinha mesmo? Seis? Acho que a mamãe se esqueceu de contar quantos

bolos já fez para cantar parabéns para mim.

Balancei a cabeça depressa, absolutamente contrariada. Descobri que, no fundo, era daquilo que

eu estava fugindo. Não queria que ninguém tomasse conta da minha vida como se não me pertencesse.

Nem mesmo meus pais. Sobretudo eles. Já tinham feito o que lhes cabiam fazer, agora era comigo.

Mamãe não possuía mais o direito de escolher o que é certo para mim.

– Não vou voltar para casa. Está fora de cogitação. Irei visitá-los porque sinto saudade, e não por

causa desta ameaça, mãe. Não sou uma criança, não me trate assim nunca mais.

Ela abriu a boca, surpresa ao nível máximo. Acho que nunca a contrariei antes. Sempre fui tão

permissiva. Um exemplo de filha obediente. Mas me cansei.

Papai se levantou da cama e puxou mamãe junto.

– Fique tranquila, filha. Sua mãe só está preocupada. Vamos adorar te receber aos sábados. –

Incapaz de falar nada ou de me mover, permaneci sentada na cama, aborrecida. – Está tarde, vamos

indo, amor? – Era tão lindo eles ainda se chamarem de “amor” e de “benzinho”, mesmo depois de

tantos anos de casados!

– Vamos... – Mamãe ainda estava desconcertada.

Sáímos do quarto em silêncio. Aquela conversa esquisita tinha sido mais rápida do que imaginei,

mas foi igualmente desnecessária. Que raiva de tudo!

Sara e Lilian estavam na sala, repetindo as sobremesas e discutindo sobre alguém, enquanto

Guilherme soltava comentários sarcásticos.

– Olha aí, a Raissa pode comprovar! – Li apontou um dedo quase na minha cara.

– Comprovar o quê?

– Que aquele vizinho não é seu namorado!

Revirei os olhos. É sério?

– Claro que é, vi o jeito como se olhavam no hospital – Sara definiu com ar triunfante. – Pensei

que ele estaria aqui, Raissa.

– Ele não é meu namorado.

– Viu? Não falei? – Li deu língua para Sara, que estava segurando a Clarinha nos braços. A

coitada já tinha pegado no sono.

– Eu disse que ela era uma encalhada! – Guilherme gargalhou, e lhe dei um “pedala Robinho” na

nuca. Foi mais forte do que calculei.

– Ei! Doeu!

– Problema teu!

– Sem brigas! – papai reclamou. – Vamos, pessoal? Está tarde, todo mundo vai trabalhar

amanhã.

– Menos a Sara! – Guilherme fez questão de frisar. Ela o encarou com raiva evidente.

O circo demorou muito a ser desarmado. Mamãe e Lilian fizeram questão de deixar a cozinha

limpa antes de irem embora. Juntar toda aquela gente espaçosa para fazê-los sair do lugar dava muito

trabalho. Mas, por fim, abri a porta e... O Calvin estava lá.

Juro por tudo que é mais sagrado.

– Calvin! – Lilian gritou atrás de mim, e só não se atirou em cima do sujeito porque eu estava

impedindo sua passagem. – Estávamos falando sobre você... Não morre mais!

Ele riu de um jeito descontraído (e meio intimidado), e então precisei sair do caminho ou para

deixá-lo entrar ou para deixar o povo todo sair. A segunda opção acabou acontecendo, e então um

turbilhão de cumprimentos foram trocados na minha varanda. Papai foi o menos empolgado,

observando o Calvin meio de lado. Conhecia aquela expressão: era ciúme puro.

A única coisa que me trouxe alívio foi o fato de o safado estar miraculosamente vestido. Estava

de calça jeans e uma camisa preta de manga comprida, colada no corpo, tipo aquelas de malhar. Dei

graças a Deus, afinal, ninguém me deixaria morar ali se soubessem que o meu vizinho era um tarado

que andava seminu.

Despedi-me de todos ali mesmo, aproveitando os cumprimentos que davam ao Calvin. Lilian foi

nitidamente a mais atirada, tocando nos braços dele a cada oportunidade, perguntando-lhe coisas que

eu nem sabia de onde a maldita tinha tirado. O olhar paquerador da Sara também estava ativado, mas,

por estar com nossos pais, percebi que se conteve como pôde.

Por fim, conseguimos nos livrar de todo mundo. Soltei um longo suspiro quando não consegui

ver mais ninguém na calçada (mesmo que ainda pudesse ouvi-los falando alto). Tentei não encará-lo

depressa, por isso fui subindo meu olhar aos poucos, absorvendo-os por parte. Não adiantou. O

impacto foi exatamente o mesmo, igual a todos os outros.

Calvin sorriu e piscou um olho, criando-me vontades sérias de mordê-lo.

– Obrigado, Raissa.

Franzi a testa.

– Pelo quê?

– Por ter falado sobre os domingos. Eu... Foi muito legal da sua parte. É... realmente muito,

muito importante para mim ter a sua companhia.

Um pedaço de gelo vindo diretamente do Alaska atingiu a minha veia aorta.

– Ouviu tudo?

Seu sorriso foi a resposta. Não contive o ímpeto de atingir a minha cabeça com uma mão,

oferecendo-me um cascudo dolorido.

– Senti a sua falta, amiga. Adorei a foto...

Amiga. Amiga. Amiga. Amiga...

Calvin me puxou pela cintura de repente, fazendo nossos corpos colarem. O choque me fez pirar

instantaneamente. Sua boca terminou a centímetros da minha, e então, juntando toda a minha força de

vontade, eu recuei, desvencilhando-me. Ele me soltou a contragosto.

– Desculpa, esqueci. E então... Como você está?

– Muito bem, e você?

Não me leve a mal. Eu não tinha desistido. Só que recuar era uma estratégia muito boa; a melhor

de todas. Calvin ia pirar com a minha abstinência. Eu acho... Quero dizer, realmente espero. Porque se

não acontecer, ferrou para o meu lado.

E para o dele também, pois a minha causa é nobre.

– Ótimo. Só cansado. Trabalhei muito hoje.

– Eu também.

– Vim aqui só para te agradecer mesmo. E para dar um oi para a sua família antes que fossem

embora.

Ergui as mãos com os dedos em formato de “V” levantados.

– Beleza.

– E, claro, para te ver. A saudade é um sentimento urgente...

O gelo do Alaska se transformou em uma pedra do Saara.

– Obrigada, amigo. Tenha uma ótima noite! – Fiquei de ponta de pés para lhe dar um beijo meio

demorado na sua bochecha. Inalei seu cheiro bom por alguns segundos, reconfortando-me e ganhando

forças para prosseguir.

– Está livre amanhã?

– Amanhã? – Fiz uma careta. – Só à noite mesmo.

– Eu chego à meia-noite. Posso passar aqui para te ver? Sei lá, conversar? – Sua expressão se

tornou muito séria.

– Aconteceu alguma coisa?

– Não... – Mas seus olhos disseram que sim. E eu quase não pude me conter de alegria.

Realmente queria que alguma coisa tivesse acontecido, de preferência o que só acontecia nos meus

sonhos.

– Hum... Combinado. – Abri a minha porta porque eu precisava me afastar depressa. Não podia

cometer o erro de me deixar levar. Calvin precisava sentir o sabor da minha ausência.

– Ei, Raissa... – Segurou o meu braço. Ele estava tão sério, Senhor! – Espero que amigos possam

imaginar. Estou imaginando muito.

Sorri. É isso o que eu quero, Calvin. Que você enlouqueça com os pensamentos sobre mim.

– A gente acostuma... – murmurei. Pisquei um olho, tentando ser sexy (só tentando mesmo). –

Minha imaginação fértil plantou uma árvore também.

– Ah, amiga... A minha plantou uma floresta inteira.

Entrei em casa antes de processar o que tinha sido aquele sorriso fodidamente safado

contracenado logo após suas últimas palavras. Só percebi que o meu corpo estava fervendo de tesão

quando me vi sozinha na sala, resfolegando e pedindo aos céus para conseguir atingir os meus

objetivos antes que eles me atingissem.

Eu tinha a causa, a estratégia e as armas. Estava pronta para o combate.

26

Sentimos ciúmes de tudo aquilo que consideramos nosso, e que não queremos arriscar perder. Certo?

Alguém me confirme, com urgência

Eu podia sobreviver a mais um dia qualquer da mesma maneira como venho sobrevivendo à

minha vida, mas trabalhar, comer e respirar nunca foi tão maçante. O engraçado de se esperar por

alguma coisa é a presença daquela sensação horrorosa de angústia, que te impede de achar que as

horas duram sessenta minutos cada uma. Sério, parecia muito mais.

Esperei pela conversa que teria à noite com o Calvin como se ela definisse o total percurso da

minha trajetória; de certa forma, dependendo do que ele me falasse, muita coisa mudaria. Juro que

tentei conter as minhas expectativas (não podia ser tão inocente em achar que não sofreria decepções),

mas era mais fácil conter um espirro do que a esperança que vibrava em meu peito.

A parte mais difícil foi quando cheguei a minha casa, acendi as luzes do jardim e constatei que

tinha mais quatro horas pela frente (e nada útil para fazer até lá). Fiquei na esperança de haver alguma

coisa nova na minha varanda, porém estava tudo igual: o vaso com as rosas vermelhas, as violetas, a

lavanda (precisei procurar na internet durante um tempão para descobrir que aquelas flores cheirosas

eram lavanda) e o cacto diminuto. Até que a entrada da minha casa estava ficando bem decorada.

Graças a ele.

Estava em meus planos comer macarrão instantâneo, mas aproveitei que havia feito compras

para receber os meus pais e decidi preparar algo mais articulado. Liguei o som e dei uma de

cozinheira, tentando inventar sabores que não existem (ou não são comestíveis) e cortando legumes

com a maestria de um pinguim manco. Consegui me distrair por pelo menos duas horas nessa

historinha de sujar panela sem necessidade para, no fim, ter o meu jantar reduzido a um risoto com

cara de vômito.

Não estava lá tão ruim, vai. Claro que não o suficiente para eu ser considerada uma mulher

apta a casar, mas isso não me preocupava. Se eu casasse com Calvin, estaria feita, certo? Errado, eu

não devia estar pensando em casamento, muito menos com o safado do meu vizinho. Isso sim seria o

auge da minha tolice.

Acabei fazendo uma mini faxina na cozinha e na sala de estar, mesmo que nem uma e nem a

outra estivesse precisando. Olha, eu não tenho mania de limpeza, só queria me distrair mesmo.

Sobrevivi a mais uma hora completa, e utilizei mais alguns minutos para tomar um banho relaxante.

Lembrei-me do banho com o Calvin. Na verdade, quase não podia mais usar aquele banheiro sem me

lembrar dele; e isso é estranho, pois acontecia até mesmo quando eu ia fazer o número dois.

Estava escolhendo uma roupa legal (acho que tinha levado aquela conversa muito a sério,

mesmo sem saber do que se tratava) quando ouvi barulhos esquisitos no quarto ao lado. Uma porta se

fechou ruidosamente. Meu coração acelerou no mesmo instante, quase tive um infarto. Agucei os

meus ouvidos.

– Não dá, Rita... Vá embora – ouvi Calvin sussurrando baixo. O jantar sofreu um *looping*

dentro do meu estômago, e me vi correndo até a parede da Clarice. Encostei meu ouvido em cima de

uma das frases.

– Por que está agindo assim? Tento conversar contigo há tanto tempo, e você sempre me corta.

– A voz meio chorosa de uma mulher ecoou. O nervosismo total já me dominava.

Ele tinha mesmo escolhido aquele dia para levar uma de suas vadias para casa? Puta merda,

Calvin!

– Não há o que conversar. Muito menos aqui, vamos para sala... – Calvin sabia que eu podia

estar ouvindo. Levei uma mão à boca e rezei para ninguém ouvir a minha respiração ofegante de raiva

e angústia.

– Não! – a mulher gritou. – Já chega... Qual é o seu problema, hein?

– Não tenho problema algum, Rita, só não quero que me siga e muito menos que venha até a

minha casa sem ser convidada. Não te dei essa liberdade. – Calvin estava com um timbre sério e

raivoso incrustado em sua voz. Não conhecia aquele. Era novo. Exalava uma raiva diferente,

desconhecida por mim.

– Achei que... que... – Droga. A vadia começou a chorar mesmo.

– Sinto muito, Rita, acho melhor você ir embora e não voltar mais. –
Caracoles! Que dureza...

– Por que está me tratando assim?

Até eu queria a resposta daquela pergunta. Minha nossa... Dava para ouvir
os batimentos do

meu coração, certeza.

– Porque eu me cansei de você – resmungou. – Nunca quis nada além de
sexo, é difícil

entender?

A mulher caiu no choro. Lágrimas se formaram nos meus olhos como se
Calvin tivesse dito

aquilo para mim. Cerrei os punhos sobre a parede, tentando conter um
soluço. Senti meu corpo

desabando em um abismo sem fundo.

– Seu grosso... – a coitada murmurou. Depois, aumentou a voz
drasticamente. – Não vou perder

mais um segundo da minha vida contigo. Otário!

Ouvi a porta se abrindo e se fechando depressa, com ainda mais força. O
silêncio foi tão grande

que, dali, deu para ouvir a porta da frente da casa do Calvin sofrer o mesmo
impacto. Ainda tive a

impressão de escutar a portinha de madeira rangendo. Por fim, o silêncio
absoluto dominou minhas

ações e pensamentos. Uma lágrima acabou escorrendo, e soltei um soluço involuntário.

Droga!

– Raissa? – Calvin me chamou com ar de surpresa logo após o meu vacilo.

Droga. Droga. Droga. Droga!

– Raissa... Sei que está aí.

Mil coisas se passaram pela minha cabeça antes de eu finalmente abrir a boca e murmurar

alguma coisa que sequer consegui entender, muito menos o Calvin. Só que a reação dele foi mais

rápida; assim que comprovou a minha presença, suspirou profundamente e socou a parede. Não foi no

lugar onde eu estava apoiada, mas mesmo assim ela tremeu, fazendo-me afastar.

– Desculpa... Não queria ouvir isso, mas...

– Deixa essa merda quieta – disse, ainda com muita raiva. – Suponho que esteja chateada

comigo agora.

Fechei os olhos. Mais lágrimas inventaram de cair.

– Não. – Nem me pergunte os motivos da minha negação. Acho que fiz isso por não saber

exatamente o que eu estava sentindo. Talvez medo. Pavor de ouvir aquelas mesmas palavras apontadas

para mim.

– Por que não?

– Porque não.

Mais silêncio. Mais lágrimas. Mais medo.

– Raissa, eu juro que não magoo as pessoas porque quero. Juro... –
Acreditei nele. Simples

assim. Podia até visualizar as expressões do seu rosto me dizendo aquilo.
Estava sendo sincero, por

incrível que pareça. – “Só uma coisa a favor de mim eu posso dizer: nunca
feri de propósito. E

também me dói quando percebo que feri”. Isso foi Clarice.

Soltei um longo suspiro. Só me restou pegar os pincéis atômicos em cima
da minha cabeceira e

encontrar um lugar para acrescentar mais aquela. Aos murmúrios, pedi para
que Calvin repetisse

devagar. Ele o fez, com a maior paciência do mundo, porém senti um pouco
de tristeza também.

Escrevi cada palavra imersa em um poço de amargura.

Nunca havia sentido tantas sensações controversas em um período tão curto
de tempo.

– Sabe o que eu acho, Calvin? – sussurrei assim que terminei de copiar.

– Diga.

– Que tem formas melhores de dizer que não está a fim. As pessoas têm tantos sentimentos

quanto você.

– Eu sei. Mas não consigo. Tenho raiva quando alguma mulher se apaixona por mim. Só

consigo sentir ódio de tudo... É uma coisa ruim que... que não sei explicar, Raissa. – Mais uma vez,

Calvin estava sendo sincero. Pena que a sua sinceridade só fazia me magoar ainda mais. Tentei buscar

conforto na última frase da Clarice: ele não fazia porque queria.

– Talvez seja frustração. Por não conseguir corresponder – defini com a voz bem baixinha, mas

sei que ele ouviu. Aquela porcaria de parede era a mesma coisa que nada.

– Talvez. – Acho que suspiramos ao mesmo tempo. Não tenho certeza, pois foi como se tivesse

ouvido o meu suspiro e um eco dele. – Não quero mais falar sobre isso.

– Você nunca respondeu, Calvin? – Fiz a pergunta com os olhos fechados e as mãos

tremendo.

– Nunca. Não quero falar disso, Raissa, por favor. Estou cansado.

Joguei o pincel de volta na cabeceira e deitei na minha cama, só que do lado inverso. Fiquei

observando a parede, consciente de que nem tinha escolhido uma roupa; usava apenas calcinha e sutiã

de algodão. Àquela altura, isso nem importava mais.

– Pode falar o que tinha para me dizer? – Achei por bem perguntar. Já sabia que ele não diria o

que eu realmente queria que dissesse, mas a curiosidade ainda percorria pelos meus nervos.

– Como assim?

– Ontem você me disse que queria conversar comigo...

– Ah... Não era nada de mais.

– Estou curiosa. Não me deixe mais um dia esperando.

Ouvi seu riso, e não pude deixar de sorrir. Meu coração se esquentou na velocidade da luz,

como se um vulcão tivesse ativado e derramado seu magma em cima dele.

– Só era uma desculpa pra te ver, Raissa.

– Ainda não estou te vendo... – murmurei.

Calvin ficou muito calado. Quase morri imaginando o que se passava em sua cabecinha oca.

Esperei por uma resposta durante minutos intermináveis, até que me cansei.

– Calvin? Ainda está aí?

Não tive respostas. Aliás, tive sim, um segundo depois: a porta da minha casa começou a bater.

Sorri e pulei da cama em alta velocidade, atravessando o meu quarto e a minha sala em questão de

segundos. Abri a porta e parei só para vislumbrar aquele homem incrível sorrindo amplamente,

trajando apenas a velha cueca Calvin Klein. Sorri ainda mais.

– Satisfeita, amiga? – Abriu os braços, e entendi como um sinal verde para abraçá-lo.

Ele me envolveu completamente, gargalhando alto e dando alguns passos para trás. Senti seu

corpo firme contra o meu, a quentura e maciez da sua pele e aquele cheiro de homem bom. A

gargalhada só foi um adicional que me fez entender que estava completamente louca por ele.

Larguei-o quando percebi que não podia dar tanta bandeira. Entretanto, Calvin não permitiu meu

afastamento total. Puxou-me pela cintura e nos manteve grudados um no outro. Encarou-me com o

sorriso ainda fixo em seu rosto perfeito.

– Tem certeza, Raissa? – Seu sorriso foi morrendo aos poucos, dando lugar a uma expressão

desejosa que só me fazia pirar ainda mais. – Diz ao menos que está em dúvida... Juro que vou tirá-la

na minha cama. Agora.

Ai, meu Deus. Como ir de encontro a tudo o que o meu corpo deseja? Como recuar se cada

centímetro de mim dizia que o queria em todos os sentidos?

Engoli em seco. Meus planos não podiam ir por água abaixo. Eu tinha um objetivo traçado, e

precisava ser forte para atingi-lo. O que aconteceu com aquela mulher foi horrível, e poderia

facilmente acontecer comigo se eu não fosse mais esperta.

– Tenho certeza, amigo...

Calvin pareceu desolado. E era isso mesmo o que eu queria. Precisava da abstinência. Precisava

que sentisse falta, nem que fosse apenas do nosso sexo.

– Então, nunca mais atenda a porta vestida assim. Vá... – Afastou-me devagar. Balançou a

cabeça, meio inquieto. – Vá, Raissa, antes que eu não responda por mim. Vá antes que eu arranque

essa calcinha e te foda até você nunca mais querer desistir do meu pau.

Se o safado soubesse que eu não tinha desistido do seu pau (e de todo o restante), muito pelo

contrário...

– Boa noite, Calvin...

Ele passou as mãos pelos cabelos e deu mais passos para trás, analisando-me dos pés a cabeça.

Aproveitei a chance para admirar seu corpo lindo por alguns instantes, mas acabei me prendendo ao

seu rosto. A expressão nitidamente perturbada me fez sorrir.

Calvin deu meia volta, retornando à sua casa, e acabei fazendo o mesmo. Caminhei lentamente

até a minha cama, tentando fazer a excitação ir embora. Sabia que seria impossível. Talvez até

precisasse usar o meu dedo. Por falar em dedos, podia sentir os dele ainda tocando o meu corpo.

– Eu tenho uma pergunta para te fazer, vizinha... – Ouvi-o depois de dois minutos de pura

reflexão. Estava me decidindo se usaria o dedo ou um vibrador antigo que eu guardava e quase nunca

usava.

– Pode fazer até duas, vizinho...

– Promete não ficar chateada? – Eita, merda... Lá vem bronca.

Sentei-me na cama, permanecendo em alerta.

– Prometo.

– Eu... Queria saber se... Você ainda consegue ouvir quando estou com alguém.

Fiz uma careta. Sério que ele estava falando sobre aquilo?

– Só se eu estiver no quarto.

– Você sempre está no quarto quando trago alguém...

– Nem sempre. Às vezes durmo na sala.

– Dorme na sala quando ouve? – Sua voz curiosa me fez rir um pouco. O assunto era sério e até

mesmo ridículo, mas eu precisava continuar agindo com normalidade.

– Sim... Relaxa, não me importo.

– Você não se importa? – Calvin pareceu chocado.

– Hum... Não – menti. – Os incomodados que se mudem, não é? Gosto de dormir no tapete da

sua mãe. – Ele permaneceu calado. – Além do mais, sei que fará o mesmo por mim, quando eu trazer

algum cara.

O silêncio continuou predominante no quarto ao lado.

– Que cara? – perguntou baixo, em um tom ríspido.

Meu coração acelerou.

– Sei lá, qualquer cara. Também tenho as minhas necessidades.

Ouvi um suspiro. Cobri a minha boca logo em seguida. Calvin não podia saber que eu estava

rindo da cara dele.

– Está saindo com alguém? – O tom ríspido se intensificou.

Ah, Calvin, morro de pena de você. Coitadinho.

Pensei um pouco antes de responder:

– Não exatamente.

– Sim ou não, Raissa?

– Não. Não no momento.

Ouvi outro suspiro. Droga. Eu devia ter dito que sim, mas não consegui mentir. Não é a mentira

que vai trazê-lo para mim, certo?

– Seria legal se me avisasse antes de trazer um... cara.

– Vai me avisar quando trazer uma vadia?

Os grilos, novamente, fizeram seu show diante de nosso silêncio.

– Quase nunca sei quando trago alguém, Raissa. Não tenho como avisar.

– Tudo bem, eu não quero saber. E também não quero avisar quando trazer alguém. A casa é

minha, a cama é minha, e este lado do quarto é meu. – Acabei sendo grossa, mas realmente fiquei

chateada. O maldito queria ter direitos sobre mim e não me dava nenhum sobre ele.

– Ei, não precisa ficar nervosa...

– Não estou nervosa! Só acho que tenho o direito de fazer o que quiser.

– Você tem. – Suspirou. O timbre sério e decepcionado retornou.

– Por que eu te avisaria, Calvin? Não entendi essa. Que diferença faz?

– Faz toda diferença, Raissa. Sinto muito se você não se importa, mas *eu* me importo. Não quero

ouvir nenhum filho da puta te comendo. – Riu de um jeito desdenhoso.

– Por que não? – Abri um amplo sorriso.

– Porque não – resmungou, devolvendo-me as palavras.

Eu sei muito bem por que, Calvin. Quer que eu desenhe? Começa com C e termina com E:

CIÚME. É oficialíssimo: ele tem ciúme de mim. E descobrir isso foi a coisa mais sensacional que

podia acontecer naquela noite estranha. Diante de tanta confusão emocional, ainda havia uma luz para

ser seguida dentro daquele túnel tempestuoso.

– Boa noite, vizinho – saudei pela segunda vez, satisfeita com aquela resposta azeda.

– Boa noite... – decidi me responder. Amém.

Meia hora depois, quando eu já tinha gozado (duas vezes!) silenciosamente utilizando meus

dedos mesmo, Calvin murmurou:

– Raissa?

Levei um susto. Só faltava o maldito ter me escutado!

– Hum?

– Daqui a duas semanas vai fazer vinte e cinco anos que a minha mãe morreu.

Meu cérebro deu um nó. Eu estava gozando a um segundo, e no outro já pensava na Sra. Klein e

no quanto tudo era triste. Será que Calvin não se cansava de me provocar aquelas emoções loucas?

Quando teríamos um pouco de normalidade?

Era só isso o que eu queria quando me mudei. Pedi demais?

– Poxa... – Não soube o que dizer.

– Ou seja, é o meu aniversário! Vou fazer uma festa. Você vem? – Calvin riu. Depois, soltou um

suspiro-gemido.

O nó do meu cérebro virou um emaranhado que só fios de fone de ouvido conseguem fazer. Não

dá para entender esse cara. Juro que tento, mas não consigo.

– Cla... Claro.

– Ótimo. Agora, vá dormir, vizinha linda.

Sorri. Sua voz soou doce.

– Calvin?

– Oi?

– O que quer ganhar de aniversário? – perguntei em um tom divertido. Era só para não ir dormir

pensando na Sra. Klein. Não gostava de ser perturbada pela história lamentável da família do meu

vizinho, pelo menos não durante a madrugada.

– Sua boceta enrolada em um laço – falou assim, na lata, e tenho certeza de que sorriu daquele

jeito cafajeste.

Eu mereço. Quem manda ter perguntado, Raissa?

– Peça outra coisa, seu cachorro.

Gargalhou. Ri um pouquinho.

– Relaxa... Só queria sua presença na minha festa. Combinado assim?

– Combinado.

Mas é claro que eu passaria duas semanas revirando lojas e mais lojas, atrás de um presente à

altura. Eu me conheço o bastante para saber o quanto posso ser agitada, ansiosa e neurótica.

Já disse que a culpa não é minha?

27

É muito difícil lidar com homem safado, mas lidar com homem teimoso... é praticamente impossível

O sábado chegou a passos lentos, e não soube dizer se foi porque as coisas no trabalho pegaram

fogo ou se foi porque o Calvin sumiu (só ouvia a sua respiração quando o meu despertador tocava,

anunciando mais um dia), levando consigo toda e qualquer novidade na minha vida (o cara era a única

coisa que acontecia comigo, sério).

Acordei relativamente cedo, e fui à casa dos meus pais, como prometido (exigido). Mamãe já

me esperava com expectativa, achando que eu não cumpriria com a promessa. Ela também fez os

meus irmãos não marcaram mais nada aos sábados, e é claro que eles detestaram isso, sobretudo o que

Guilherme que, segundo a Sara, estava de namoro com uma garota do bairro.

Bom, mesmo que os meus irmãos não estivessem satisfeitos por perderem seus devidos sábados

por minha causa, tentaram fazer dele um dia divertido. Começamos jogando Perfil na mesa da sala de

jantar, coisa que não fazíamos há muito tempo. Até que foi legal, tivemos direito a chocolate quente e

explicações inteligentes vindas do meu pai (ele sempre se achava por ser um sabe-tudo irritante).

Depois do almoço confuso, em que todo mundo emitiu suas opiniões sobre tudo de uma vez só

(sem contar com a Clarinha, que chorou o tempo todo porque não queria comer carne, e mamãe nunca

deixa ninguém sem comer proteína), assistimos a dois filmes na sala de estar. Isso, claro, depois de

discutirmos sem parar sobre qual filme nós assistiríamos. Papai e Guilherme não queriam nada

meloso, já a mamãe e a Sara se recusavam a ver alguma coisa com guerras ou tiros. Mantive-me

neutra, porém acabei como o divisor de águas: escolhi uma ficção científica qualquer e um filme de

terror macabro.

Até aí tudo bem. O negócio só começou a ficar estranho perto da hora do jantar. Acho que todo

mundo se cansou de fingir que a vovó não fazia falta. A única verdade era que fazia, e muita. Suas

histórias nunca mais seriam contadas, e nem o delicioso bolo de fubá acompanharia o café da tarde.

Também acho que a cadeira de balanço do terraço nunca mais seria a mesma.

Não sei dizer o que realmente mudou, mas a vinda da noite nos fez mais introspectivos. Até o

papai parou de soltar gracinhas. Mamãe já não estava tão bem desde mais cedo (o que considerei

normal e fiz de tudo para respeitar), contudo piorou durante o jantar, que ajudei a preparar justamente

porque ela não parecia muito sóbria.

A única fonte de animação foi a Clarinha. Como toda criança, estava alheia às aflições e também

à grande perda da nossa família. Sara comentou, quando lhe perguntei às escondidas, que a minha

sobrinha perguntava pela vovó às vezes, recebendo sempre a resposta de que ela estava viajando. A

coitada era muito pequena para entender qualquer coisa. Achei tudo tão triste que confesso que voltei

para casa me sentindo péssima.

Mesmo sabendo que, com o tempo, iríamos nos acostumar, nossa família nunca mais seria a

mesma. Eu não sabia realmente se queria me acostumar com a ausência da minha querida avó. Acho

que não tenho maturidade para lidar com perdas, e talvez tenha comprovado isso quando alcancei a

minha cama e chorei tudo o que tinha deixado de chorar nos últimos dias (por ela, não pelo Calvin, já

que vinha chorando por ele mais do que o merecido).

Depois de uma breve pesquisa, decidi dedicar uma parte da minha parede para a minha avó,

escrevendo a seguinte frase:

“Mas lembrar-se com saudade é como se despedir de novo”.

Acreditei que o meu cérebro insistia em se despedir por causa da ausência de uma despedida

definitiva, em que se sabe que alguém vai partir e nunca mais voltar. Eu queria ter tido um adeus mais

digno, porém fiquei apenas com a dor da saudade do que não aconteceu e do que devia ter acontecido.

Estava chorando copiosamente quando ouvi ruídos no quarto ao lado. Calei-me, abafando os

soluços no travesseiro. Não adiantou. Calvin conseguiu me ouvir mesmo assim.

– Raissa? – Ele sempre me chamava daquele jeito curioso e ao mesmo tempo cheio de

expectativas. Eu gostava. Meu nome soava bem saindo de sua boca.

Uma olhada no relógio me fez perceber que já era quase uma hora da manhã. Havia me

lamentado durante muito tempo.

– Raissa, você está bem? – Calvin pareceu bem preocupado.

– Não... – respondi com a voz esquisita. Meio esganiçada, eu diria.

– O que houve? Algum problema?

– Sinto falta da vovó... – choraminguei. – Sinto falta de tudo o que eu queria dizer a ela e nunca

disse.

O silêncio que o Calvin faz sempre é misterioso, e sempre guarda coisas que sequer imagino.

Suas próximas palavras nunca são previsíveis, em nenhum momento, em nenhuma situação. A

imprevisibilidade tanto me angustiava quanto me atraía.

– Você, eu, tapete da mamãe e um chá de camomila. Topa?

Sorri, porém mais lágrimas escorreram pelo meu rosto.

– Você chegou agora... Está cansado.

– Não importa, Raissa. Chego aí em alguns minutos, só vou esquentar a água para o chá.

Como aquele homem podia ser tão lindo? Era descomunal demais quando comparado a todos os

caras que já cruzaram o meu caminho. Nenhum deles conseguia ser tão sensível, verdadeiro e

prestativo. Tudo bem que nenhum era tão cafajeste, mas, naquele instante, a safadeza do Calvin não

passou de um mero e insignificante detalhe.

– Obrigada, vizinho – murmurei.

– Amigos são para essas coisas.

E companheiros de verdade também são. Sua capacidade de ser companheiro só era mais um

fator que aumentava o meu desejo de tê-lo para mim de uma vez por todas.

Vesti algo mais comportado do que a minha camisola curta de seda. Não queria problemas, por

isso me contentei com um short jeans e uma blusinha de alça. Soltei os cabelos e lavei o rosto só para

não parecer tão acabada. Pus um pouco de blush só para disfarçar a palidez. Levei todos os

travesseiros e um edredom para o tapete da Sra. Klein. Deixei a porta aberta. Só esperei

pacientemente.

Calvin apareceu alguns minutos depois, vestindo uma bermuda branca e uma camiseta azul-

clara, empunhando um bule fumegante e duas canecas brancas com desenhos de *smiles*. Colocou-os

em cima da mesa de centro e se sentou à minha frente para finalmente sorrir. Sorri de volta. Ainda

sem dizer nada, Calvin ergueu uma mão e tocou a minha bochecha carinhosamente. Pronto. Ele não

precisava fazer mais nada, o meu coração já se sentia drasticamente melhor.

Seu polegar atravessou os meus lábios, e então encarou a minha boca. Passou os próprios lábios

pela sua e voltou a sorrir. Meu corpo deu sinal de vida, fazendo-me perceber que estava morrendo

afundada em lamentos e saudade. Ele estava me salvando aos pouquinhos, oferecendo-me sua mão

para me tirar do fundo do poço.

Olhos escuros voltaram a observar os meus. Dedos quentes pararam de me tocar. Calvin se

manteve em silêncio enquanto nos servia nas canecas. O cheiro de chá invadiu a minha sala e me fez

ficar ainda mais à vontade. Chá de camomila tem cheiro de lar, e o meu era exatamente ali.

Deixei uma lágrima escorrer quando ele me ofereceu uma caneca. Calvin brindou, chocando a

dele contra a minha, e tomamos o primeiro gole juntos. Estava uma delícia, com a quantidade certa de

água e açúcar. Perfeito.

Reparei que ele observava o percurso de cada lágrima que sem querer eu deixava cair.

– Queria uma frase que pudesse arrancar toda dor que está sentindo,
Raissa... – murmurou, e

fechei os olhos só para me deliciar com o seu timbre suave. – Mas é melhor
que a sinta. É melhor que

chore tudo o que precisar chorar.

Suas palavras só me fizeram chorar ainda mais, contudo não foi algo ruim.
Principalmente

quando ele decidiu envolver seus braços nos meus ombros e me puxar até
que o meu rosto se

afundasse em seu peito. E foi lá que chorei como uma louca, soluçando e
gemendo sem pausas,

consumida pela saudade e pelo sentimento de acolhimento que apenas
aqueles braços me

proporcionavam.

O cheiro dele tinha que ser tão bom? E aquela pele tão quente? Acredito
que só parei de chorar

porque ambos (cheiro e pele) estavam mexendo demais com as minhas
estruturas (eu estava tão

inclinada quanto a Torre de Pisa).

Calvin começou a alisar os meus cabelos com cuidado, o que também
ajudou a me acalmar.

Tomamos o chá lentamente, esperando o tempo passar e levar o meu
desespero para longe. A sala

começou a ficar bem fria, por isso o Calvin usou um pé para fechar a porta.
Devolveu as canecas

vazias para a mesa de centro e puxou o edredom. Deitou-se em meio aos travesseiros, levando-me

junto.

O pedido de socorro do meu corpo fez o meu cérebro entender que aquilo não daria certo. Quero

dizer, Calvin, tapete, edredom, vulnerabilidade, eu... Não podia acabar bem. Ou melhor, podia acabar

tão bem que acabaria mal, se é que me entende.

Afastei-me o bastante para fazer nossos corpos desgrudarem, porém continuarem próximos.

Calvin me olhou com uma expressão misteriosa. Não fez nenhum comentário sobre o meu

afastamento.

– Sabe... Acho que você devia passar um sábado comigo na casa dos meus pais – falei, sem fazer

noção de onde tinha tirado aquela ideia louca.

Calvin riu um pouquinho, balançando a cabeça em negativa.

– Por quê?

Boa pergunta!

– Não sei... Só seria legal. – Seria? – A gente faz coisas de família. Há quanto tempo você não

faz coisas de família?

Calvin ficou bem sério, de repente. Sabia que estava cutucando uma ferida profunda, mas aquele

momento de cumplicidade entre nós permitia qualquer coisa mais intensa, inclusive a abordagem de

um assunto delicado.

– Muito tempo.

Aquiesci. Ergui uma mão só para iniciar uma sessão de carícia nos cabelos dele. Eram curtinhos

e bem escuros, bons demais de tocar.

– Como foi a sua semana? – Calvin mudou de assunto na maior cara de pau. Senti-me uma idiota

por ter proposto algo tão nada a ver. Dei um vacilo feio.

– Exaustiva, e a sua?

– Idem, mas proveitosa. Acho que vou conseguir aquela promoção. Estou me adaptando bem ao

cargo. – Sorriu um sorriso límpido, que foi acompanhado pelos olhos brilhantes.

Larguei seus cabelos e me virei de lado. Ele fez o mesmo, e ficamos frente a frente, mantendo

uma distância confortável (que eu estava louca para desfazer, e sentindo que não era a única) entre

nós.

– Sensacional! Estou na torcida... Ah, e qualquer dia desses farei uma visita.

– É... Você está me devendo. Vou cobrar, hein?

– Pode deixar. – Pisquei um olho.

Sorrimos um para o outro, mas fomos parando mediante o silêncio se fazia constrangedor. Quero

dizer, eu fiquei meio constrangida. Ele não pareceu tanto assim. Sem querer, soltei um bocejo. Meu

corpo cansado estava tão relaxado naquele tapete que acabei ficando meio sonolenta. O chá deve ter

ajudado um pouco também.

– Vou te deixar dormir. – Calvin meio que se levantou, porém o impedi, espalmado uma mão

no seu peitoral definido. Olhamos juntos para ela.

– Não vá – sussurrei.

Calvin segurou a mesma mão com firmeza, e um segundo foi o bastante para que resolvesse voar

para cima de mim, pousando o seu corpo enorme sobre o meu. Soltei um gritinho curto de susto, mas

o safado não hesitou.

– Se eu ficar, não vou ignorar o meu desejo, Raissa – disse com a voz repleta de excitação. Fez

um movimento capaz de roçar o que tinha na sua bermuda contra a minha perna. Arregalei os olhos,

perdendo-me completamente. – Estou tentando respeitar a sua decisão, mas não me provoque. Não me

toque assim, não me olhe assim... Não fale, não respire, não viva perto de mim, Raissa... Qualquer

coisa que faça me deixa muito excitado.

Sua boca estava tão perto da minha que eu não precisava de quase nada para dar adeus aos meus

planos. Aquele hálito quente contra a minha pele só piorava toda a situação.

– Calvin...

Ele fechou os olhos e prendeu os lábios. Voltou a me olhar, porém meio chateado. Sei lá, não

soube explicar direito as suas reações. Mantive-me estática, com medo até de piscar os olhos.

– Eu não acredito que você não me quer, Raissa. É difícil demais aceitar.

Senhor, era isso o que ele pensava? Que eu não o queria e por isso o evitava? Que tolice! Era

justamente o contrário; só o estava evitando por querê-lo em demasia. Meu desejo era tão grande que

chegava a ser perigoso tanto para ele quanto para mim.

Pensei tanto antes de responder qualquer coisa que perdi a minha deixa. Calvin roçou seu corpo

no meu, lentamente. Senti todo seu tamanho e quentura me tirando do sério. Os braços circularam o

meu rosto, e continuei sem me mexer.

Força de vontade. Precisava da disciplina de alguém que está de dieta e rejeita todos os doces

oferecidos de bandeja.

Suspirei, criando uma nova deixa para mim. Desta vez, aproveitei-a.

– Não se faça de desentendido, Calvin. Sabe o que está acontecendo, e sabe os motivos da minha

rejeição. – Empurrei-o, utilizando minhas mãos que tremiam de nervosismo. Ele se afastou de

imediatamente, ajoelhando-se no tapete. Sentei-me. – Não vivo como você. Não funciono assim – repeti

suas mesmas palavras.

Calvin ficou ainda mais chateado, só que a irritação não foi a única coisa que pude constatar em

seu olhar. Havia algo mais.

– Como você funciona? Quero entender.

– Não sou mulher para ser dividida com outras. Não me satisfaço com uma noite, nem com mil,

porque não é só sexo o que busco. Quero um homem, não uma transa.

Seus olhos se escureceram bastante. A seriedade fez seu maxilar firmar até deixar óbvio que

estava cerrando os dentes.

– Você sabe que eu só...

– Eu sei! – Adiantei-me. – Não busco o que quero em você. É por isso que somos amigos.

Calvin arfou, chacoalhando a cabeça, e depois sorriu. Desviou os olhos.

– Certo – definiu.

Levantou-se, e desta vez eu que não era doida de impedi-lo. Ainda sentada, tomei coragem para

fazer a pergunta que sempre rondava entre nós:

– Tem certeza, Calvin?

Encarei-o com ar temeroso. Ele parou de tentar juntar o bule e as canecas. Olhou-me, surpreso.

– O quê?

– Você tem certeza? – perguntei de novo, olhando-o com significância.

Calvin sorriu, mas de um jeito que não convenceu ninguém. Começava a achar que aquele

sorriso constante nada mais era do que uma máscara que escondia dor, sofrimento e angústia. Ele se

curvou, beijando-me a testa. Juntou as coisas e abriu a porta.

O maldito, teimoso e safado de uma figa teve a coragem de responder:

– Tenho, Raissa.

Deu de ombros antes de realmente ir, deixando-me com duas saudades para dar conta. E eu dei.

Sabe por quê? Por que eu ia fazê-lo engolir cada certeza. Seu arrependimento será tão grande que vai

me pedir perdão até bem depois de eu desculpá-lo (porque eu sei que vou).

Esse idiota vai pagar a própria língua, e eu irei assistir à sua rendição de camarote. Ou isso, ou

mudo o meu nome para Valeska Popozuda.

28

Medindo os limites da minha paciência, da minha esperança e da minha capacidade de articular planos

cruéis para conquistar o safado

Acho que o Calvin não acreditou muito quando adentrei o quintal do Sr. Klein pai, desfilando o

meu biquíni branco e a minha canga da bandeira do Brasil. Estava prontíssima: tinha a pele protegida

pelo protetor solar que coloquei em casa mesmo, uma garrafa térmica com caipirinha pronta (bem

geladinha) e o ânimo renovado. Acordei realmente disposta naquela manhã.

O safado sorriu com ar de surpresa durante todo o meu trajeto até a mesa, que já exibia carnes

temperadas, prontas para ir à churrasqueira, e verduras recém-cortadas. Peguei dois copos, sem nada

falar, e nos servi da caipirinha do mesmo modo como ele havia feito na noite anterior.

Fizemos um pequeno brinde, e só então reparei que o Calvin estava trajando um avental branco

de cozinheiro por cima da velha sunga vermelha. Sinceramente, vê-lo daquele jeito me fez entregá-lo

mentalmente o prêmio de homem mais sexy do ano. E a coisa só fazia ficar ainda mais louca por

causa das manchas de carvão em seus braços. Não estou brincando, seus músculos definidos ficaram

ainda mais excitantes. Acho que eu tenho problemas com homens melados.

– Pensei que não viria... – falou depois de alguns goles enormes e de passar as costas das mãos

pelos lábios sorridentes.

– Por que eu não viria? – Fui desamarrando o nó da minha canga sob seu olhar curioso. Fingi que

estava pouco me lixando.

– Sei lá, você está triste. Sei que se esforça para estar aqui...

Coloquei a canga em cima dos bancos (sentindo-me ótima por ter conseguido sua total atenção

para o meu corpo) e parei para lhe oferecer um sorriso amigável.

– “Um amigo me chamou para cuidar da dor dele, guardei a minha no bolso. E fui...” – citei com

ar divertido.

– Você é impressionante, vizinha.

– Obrigada, você também é. – Pisquei um olho só para provocar. Calvin prendeu os lábios,

novamente analisando a minha pele exposta. – Por falar nisso, qual é o cardápio de hoje?

Nem consegui conter o tamanho da minha fome (cabiam dois planetas terra dentro dela), as

minhas tripas estavam fazendo um barulho esquisito desde que acordei. Ouvei seu riso animado. Era o

que sempre soltava quando falávamos sobre comida, cozinha e afins.

– Fiz aquela farofa que você gostou!

– Oba! – Ergui os braços. Procurei a bendita farofa pela mesa e a encontrei dentro de uma

vasilha. – E os tomates?

– Aqui! – Calvin riu e me ofereceu uma pequena travessa de vidro. Peguei um tomate com a mão

mesmo e o levei até a minha boca.

Como previsto, estava bem temperado; o troço derretia na boca e explodia de um jeito viciante.

Sério, até os tomates do vizinho eram suculentos. Estavam sempre bem madurinhos, vermelhinhos e

saborosos. Eu nunca conseguia comprar frutas e verduras de qualidade, é um saco fazer feira sem

entender muito do assunto.

– Delícia! – exclamei, percebendo que o cretino acompanhava os movimentos da minha boca.

– Isso é porque ficou faltando um tempero especial neles. – Ergueu uma sobrancelha.

– Mesmo? Qual? – perguntei na maior inocência.

– A minha saliva.

Eita, pau! Fiz cara de bocó enquanto ouvia seu risinho safado perturbar o meu juízo. Peguei um

pano de prato, que estava em cima da mesa, e o joguei na cara dele. Calvin gargalhou alto, sacudindo o

pano de volta. Dei língua. Ele num instante parou de rir.

– Ainda bem que você não cuspiu nos tomates. Eca!

– Oh, não, não... A minha saliva precisa se unir ao tomate enquanto ele estiver na sua boca. –

Gesticulou como um profissional dando aula de gastronomia. – É assim, e somente assim, que

funciona.

– Sei. Tá certo!

Tentei parecer tranquila e divertida, mas a verdade era que o meu coração estava quase saindo

pela minha boca. Não é fácil resistir àquele homem. Às vezes (quase sempre) o que eu queria era jogar

tudo para o alto e pular em seus braços sem pensar em nada. Ficaria com ele até que cedesse ou

recuasse de vez.

Não era uma ideia ruim, só era uma ideia muito covarde.

Calvin sentiu que a graça foi embora depois que não conseguiu mais rir da situação. Peguei outro

tomate e o devorei, e ele tomou mais da caipirinha, porém mantendo olhos felinos apontados para a

minha direção.

– Sua caipirinha é inesquecível, vizinha. Sou viciado nela.

Seus olhos me deram a certeza de que o cafajeste não estava falando da caipirinha coisa

nenhuma.

– Sou viciada na sua carne, na farofa, nos tomates e em tudo o que você faz na cozinha. Mas vamos

ao que interessa: você está bem?

Calvin balançou a cabeça positivamente.

– Eu estava pensando naquilo que me disse.

– Sobre o quê? – Ai, meu Deus. Não estava a fim de entrar em assuntos complicados. Só queria

comer, beber e pegar um bronze. Era domingo, afinal. Não podia ter uma trégua?

– Sobre os sábados com a sua família. Sabe, eu... posso trocar o sábado pelo domingo e ganhar

uma folga. Pode ser no sábado que vem, sei lá...

Encarei-o, estupefata. Não dava para acreditar, na moral. Calvin queria usar a sua única folga na

semana para ficar comigo e com a minha família doida? Ele só podia estar zoando com a minha cara.

– É sério?

O coitado coçou a cabeça de um jeito meio desconcertado. Nem parecia a mesma pessoa de um

minuto atrás; aquele cara tímido na minha frente era o garoto órfão e sensível, que sente falta de seus

pais e de ter uma família comum.

– Se... Se você não se importar...

– E o churrasco do domingo, Calvin? Vai quebrar a tradição?

Ele deu de ombros. Desviou o rosto para refletir um pouco. Ficou admirando o além por alguns

instantes.

– Quem se importa? É tolice.

– Não é tolice coisa nenhuma. Você sabe que não é.

– De que adianta, Raissa? Nada vai fazer mudar o que aconteceu. – Calvin depositou o copo na

mesa com força exagerada. Dei um pulinho de susto, mas me recompus. Ele começou a afiar uma faca

gigantesca, chocando-a contra uma pedra.

Levantei-me do banco e me aproximei com cautela. Calvin largou a faca e pegou a tampa de

uma vasilha. Começou a abanar a brasa que se formava dentro da churrasqueira. Parei perto o

suficiente para fazê-lo desistir de tentar se esquivar do assunto.

– É importante. Sei que é. Estou aqui por causa da importância desta tradição. Não quero que

passe por isso sozinho.

– Estive sozinho durante tanto tempo, por que acha que vai doer menos agora?

– Não está doendo menos? Nem um pouquinho? – A minha pergunta foi feita com mais

dramaticidade do que pretendia. – Porque se não estiver, então estou sendo inútil. Ou melhor, estou

sendo um estorvo, já que só faço comer.

Calvin não me olhou. Não sei o que se passava na sua cabecinha oca e teimosa.

– Raissa... Claro que você não está sendo um estorvo. Esqueça isso, eu *gosto* de tê-la aqui. –

Desfez o nó do avental e o retirou, exibindo toda a sua protuberância corporal. – É só que... Sempre

penso no que você me fala. Não sei o que há com a sua boca, mas levo em consideração cada sílaba

que sai dela. – Finalmente me encarou, e o mundo virou de cabeça para baixo no mesmo instante. Ou

foi meu cérebro que deu cambalhota? – Eu não sei o que é ter uma família há muitos anos. Às vezes

acho que nunca soube. Meu pai era muito bom para mim, sempre tive tudo o que quis... Mas ele nunca

foi muito presente. Exceto aos domingos, como já te disse.

Aquiesci lentamente. Além do cérebro fora de órbita, aquele velho nó foi plantado na minha

garganta. Precisei juntar toda a minha coragem para não cair no choro e fazer drama mexicano.

– Vou avisar aos meus pais que você estará lá no sábado.

Calvin sorriu um pouco, e percebi seus olhos brilhantes, meio marejados.

– Será que vão se importar?

– Claro que não. Eles são loucos, mas amam receber visitas. Só espero que não se importe com a

vergonha que certamente irão nos fazer passar.

– Você se importa?

– Nem um pouquinho. – Sorri de volta para ele. Os olhos já tinham se recuperado da emoção.

Não me pergunte como o maldito consegue não chorar, mesmo estando morrendo de vontade.

Creio que encerramos o assunto por ali mesmo, pois o Calvin pegou um garfo tamanho família e

começou a preencher a grelha com fatias fartas de carne vermelha. Voltei a me sentar à mesa, porém

me mantive mais perto dele. Tentei ajudar como eu podia, mas percebi que sou mais útil ficando

quieta (só comendo).

Além da carne esplêndida, Calvin ainda preparou pão de alho e assou cebola e batatas na brasa.

Você não faz ideia de como tudo ficou bom. Comi como uma condenada, e nem o fato de eu ter me

afastado para tomar sol foi um empecilho para a comilança. Tudo porque Calvin me servia igual a

uma rainha enquanto eu estava deitada sobre a canga, que por sua vez jazia aberta na grama.

Em uma das vezes que se aproximou, empunhando uma bandeja cheia de pedacinhos de picanha

recém-retirados da churrasqueira, acocorou-se diante de mim e falou:

– Que fique claro, Raissa, sua presença faz doer menos. Você é tudo, menos inútil na minha

vida.

Confesso que fiquei me achando. Nem consegui responder algo à altura; também, Calvin não me

deu oportunidade, foi logo se afastando. Viu? Eu tinha certeza absoluta de que éramos o melhor um

para o outro, suas palavras apenas foram mais uma prova concreta. Só me restava fazê-lo entender

que, juntos, seríamos completos. Teríamos nossos quebra-cabeças bem encaixadinhos.

Depois disso, conversamos pouco. Ouvimos várias músicas, no entanto. Calvin começou a se

revezar entre me servir e cuidar das plantas. Inicialmente, nem me ofereci para ajudar, pois a tesoura

que ele usava era enorme, e eu provavelmente decapitaria alguém se a manejasse.

Mais tarde, quando percebi a presença do regador, perguntei-lhe se eu podia regar as plantas.

Parecendo admirado, Calvin o encheu de água com a mangueira e me permitiu ajudá-lo. Foi

legalzinho, confesso.

Nunca havia regado uma mudinha sequer antes, mas gostei do pequeno contato com a natureza.

Reparei que o Calvin me observava de soslaio, e não soube dizer se estava me paquerando ou

percebendo a minha falta de jeito em “manejar o regador”.

Bom, eu tinha menos experiência com aquele. Mesmo assim, Calvin não reclamou ou emitiu

qualquer opinião. Reguei cada vaso com paciência, descobrindo o porquê de ele gostar tanto de fazer

aquilo. Era relaxante.

– Raissa, saia do sol. Sua pele está ficando muito queimada – falou baixo quando veio arrumar o

vaso ao lado do que eu estava regando.

– Estou usando protetor, não se preocupe. E você? – Observei-o. A pele morena estava do

mesmo jeito de sempre. Acho que ele se acostumou à exposição ao sol.

– Também. Relaxa.

– Se eu relaxar mais do que isso vou ter um orgasmo – murmurei sem querer, e ele se levantou

só para me olhar de perto. Sorriu com malícia, obviamente. – É bom fazer isso. Gostei!

O sorriso ficou ainda maior.

– Que bom, vizinha. Agora, temos uma atividade em comum. E nem é sexo!

Gargalhamos juntos, mas eu tinha ficado meio sem graça.

– Fazemos muitas coisas em comum! Este churrasco, por exemplo. – Apontei para a

churrasqueira no outro lado do jardim.

– Sim, mas estamos fazendo a mesma coisa agora. Concentrados unicamente nas plantas.

– Eu me concentro na sua comida... Mas é comendo, e não cozinhando! – Ri alto da minha

própria gula. Calvin ficou me olhando de um jeito esquisito.

Sua aproximação sempre fazia os meus batimentos cardíacos acelerarem, era incrível. O meu

corpo reagia diferente à sua presença; eu me sentia viva, pronta para encarar qualquer obstáculo. O

fato de ele me fazer tão bem ainda me espantava.

Será que um dia me acostumaria com tanta sedução?

Sobrevivi a um domingo sem sequer encostar no Calvin. Fiquei meio irritada por ele não ter

tentado nada, perguntando-me sem parar se tinha feito algo errado. Temia ser colocada na *friend zone*

e nunca mais ser tirada de lá. Seria lamentável. Se dependesse da minha sorte, era o que acabaria

acontecendo.

Precisava investir mais pesado, atizar, provocar até tirá-lo do sério e recuar na hora certa. A

minha primeira chance veio logo à noite, quando, depois de passar o fim da tarde lavando algumas

roupas, finalmente fui tomar um banho.

Assim que desliguei o chuveiro e fui me enxugar com a toalha, percebi o quanto a minha pele

estava queimada pelo sol. Choraminguei por causa da ardência, praguejando por não ter ouvido o

Calvin quando ele me alertou da exposição. Porcaria!

Vesti a parte de baixo de um *baby doll*, cobri meus seios com a toalha e liguei o ventilador do

meu quarto. Com os olhos lacrimejando, fiquei de costas para o vento, sentada na cama.

– Calvin! – gritei. Não ouvi nada, mas sabia que ele não tinha saído. Avisou que tiraria um

cochilo, pois estava cansado por causa da semana exaustiva. – Calvin!

Ouvi um arquejo exasperado. Ops. Acho que o acordei no susto.

– O que foi, Raissa? O que está acontecendo? – Coitadinho, gente! Ficou todo espantado.

– Desculpa! Não é nada demais, é só que... Minhas costas estão pegando fogo! Não consigo nem

me mexer direito!

– Puts, eu te avisei pra sair do sol! – resmungou, evidentemente chateado, fazendo com que eu

me sentisse ainda mais estúpida. – Fique onde está.

Obedeci. Fazer o quê? A sensação era de que a minha pele estava em carne viva. Claro que é

exagero, eu só tinha me queimado demais, e o máximo que poderia acontecer era começar a despelar

daquele jeito horrível e nojento que sempre detestei.

Calvin apareceu três minutos depois. Abriu a minha porta sem bater e se colocou atrás de mim

em silêncio, depositando uma perna de cada lado do meu corpo. Não tive coragem sequer de me virar

para olhá-lo, pois sua presença já atingia o limite da minha agonia interna.

Ouvi o ruído de algum creme saindo de seu tubo. Não fazia ideia do que era, e continuei calada,

só preocupada em segurar a toalha sobre os meus seios. Um segundo depois, e mãos leves como

plumas começaram a me tocar, espalhando um conteúdo confortavelmente gelado e refrescante na

minha pele. Resmunguei um pouquinho.

– Merda, Raissa... Tenho boas e más notícias – ouvi seu murmúrio perfeito. Fechei os olhos com

força. – Qual delas quer primeiro?

– Ai... A ruim. Depois me consolo com a boa.

Calvin riu de leve.

– A ruim é que você virou um napolitano. Sério, tem as cores vermelha, preta e branca aqui nas

suas costas.

Comecei a rir bastante, e ele me acompanhou. Soltei mais um resmungo por causa de um

movimento brusco que ele acabou fazendo. Senti mais creme sendo despejado logo em seguida, e a

minha pele recebendo um alívio instantâneo muito bem-vindo.

– E a boa?

– Hum... A boa é que você pegou um bronze incrível. – Ai, Senhor. Eu conhecia aquele timbre.

Nem precisava encará-lo, sabia que estava todo desejoso. Mas era isso o que eu queria, certo? – O

desenho do seu biquíni está perfeito...

Arfei involuntariamente. Senti um calor extremo na minha nuca, e só então me dei conta de sua

aproximação. Ele estava com o rosto bem ali, inalando o meu cheiro. As mãos desceram lentamente

pelos meus braços.

– Calvin...

Não teve jeito. O safado não me ouviu, devia ter entrado em estado de transe. Senti suas mãos

alisarem os meus braços e tentarem cruzá-los por baixo até alcançar a toalha que me cobria. Foi tudo

muito rápido, e, ao mesmo tempo, em câmera lenta. Calvin segurou as minhas mãos e as afastou

devagar, com muita cautela, até fazer a toalha cair.

Expus-me. Soltei um arquejo de desejo e desespero, afinal, não era a minha pretensão ir tão

longe. Só queria aticá-lo, mas o que ele fazia estava era me aticando, deixando-me louca,

absolutamente propícia a uma recaída.

Não demorou muito; Calvin encontrou os meus seios. Massageou-os com desenvoltura, sempre

com movimentos longos e vagarosos. Soltou inúmeros gemidinhos no meu pé do ouvido. Brincou com

os meus bicos, e a minha calcinha vibrou de tanta excitação.

– Calvin...

– Raissa... Cala a boca... Não se negue.

Quem disse que eu queria me negar? Principalmente quando as mesmas mãos ternas foram

descendo pela minha barriga até parar em um ponto abaixo do meu umbigo. Apenas uma mão desceu

mais, invadindo-me por dentro do short.

– Calvin... Não. Não faça isso. – Agora converta esta frase para a afirmativa e descubra o que eu

realmente queria dizer.

– Shh... Só quero senti-la de novo. Juro... Não farei nada. – Um dedo afoito me tocou

perfeitamente, acendendo toda e qualquer chama que eu tentava a todo custo manter controlada. Virei

incêndio de um segundo para o outro. – Gostosa... Que saudade... – Seu hálito se chocou contra os

meus ombros doloridos. Senti uma dorzinha aguda prazerosa. Combinada com o que acontecia lá

embaixo, só me servia de gasolina.

– Se você continuar, é porque mudou de ideia, Calvin – meu último resquício de juízo me fez

falar. Sabia que ele recuaria. E, se não recuasse, melhor ainda para mim; tudo estaria resolvido.

Como previsto, o canalha se afastou tão devagar quanto havia se aproximado. Gemeu de

frustração, depois bufou, meio irritado.

– Pegue este creme. – Ofereceu-me um tubo cor-de-rosa. Era uma espécie de loção pós-sol. Só

consegui ver sua mão e o objeto, nada mais. Até porque nossa posição não permitia. – É seu. Use-o

todos os dias, pela manhã e à noite. Vai evitar que despele.

– Muito obrigada, vizinho.

Senti seus lábios me beijando o pescoço. Curvei-me um pouco para o lado, abrindo passagem

involuntariamente.

– “Me provoque. Me desafie. Me tire do sério. Me tire do tédio. Vire meu mundo do avesso” –

sussurrou com a voz rouca de excitação. – Quero ler esta frase na sua parede amanhã.

Aquiesci com seriedade, ainda sem ter a capacidade de me virar. Na verdade, Calvin foi embora

sem que eu encontrasse essa tal capacidade. Passei tanto tempo olhando para a parede (depois de,

claro, ter acrescentado a maldita frase), sentindo a pele queimada resfriando de alívio (principalmente

por causa da ajuda do ventilador) que dormi em algum momento, meio desajeitadamente. Quero dizer,

tombei para o lado e fiquei em uma posição que livrou as minhas costas do contato com o colchão.

Só me lembro que acordei quebrada (tipo, mesmo), e quase morro para colocar um sutiã. Não

podia trabalhar com os seios desprotegidos, por isso vesti uma blusa fininha e um casaco nada a ver

por cima. Passei a semana inteira evitando dormir de costas (e me vestindo como uma mendiga). Era

um saco ter que ficar de bruços o tempo todo, mas, na quarta-feira, já me sentia bem melhor.

Quero dizer, relativamente, porque Calvin decidiu escolher aquela semana para exibir toda a sua

promiscuidade (e para me evitar como se eu fosse doença contagiosa). Não teve um dia que não tenha

levado uma vadia para sua casa, e na quinta-feira vi duas cadelas (reconheci apenas a Karen-quenga,

não sabia quem era a outra sujeita) saindo de fininho logo de manhã cedo.

É mole? Não é, não.

Estava ficando cansativo demais esperar por uma mudança, mas um resquício de fé me fez

refletir que, talvez, somente talvez, o Calvin estivesse fazendo aquilo de propósito. Só para me

azucrinar o juízo e me fazer ceder depressa, com medo de perder a vez.

Se fosse isso, estava funcionando. Eu acho. Quero dizer, talvez funcionasse quando o meu ódio

mortal fosse embora. Porque, com sinceridade, quando o cara que você faz de tudo para conquistar vai

procurar consolo no corpo de outra qualquer, é no mínimo deprimente.

Sei lá, é difícil compreender a mente de um safado. Os miolos dele funcionam completamente

diferentes dos de um cara comum, quem dirá dos meus?

O tico e o teco que habitavam o meu cérebro brigaram um com o outro o tempo todo, e a minha

semana se resumiu a uma espera irritante. Sabia que o Calvin iria comigo para a casa dos meus pais, e

só me restava desejar que o sábado chegasse logo para que eu pudesse tentar compreender o que tinha

sido aquela doideira cretina durante a semana.

A minha vontade de arranjar um batedor de parede particular (porque se eu fosse ficar com outro

alguém, seria apenas com esse intuito) só fazia aumentar. Calvin estava merecendo um tratamento de

choque. Mancomuneí a ideia durante tanto tempo que ela começava a não ser mais tão absurda. E,

claro, só ficava mais nervosa com a minha característica vilã de planejar uma conquista.

Afinal, até onde eu iria por ele?

29

A sensação era como se eu tivesse sido atingida por uma bala; quanto mais tentava tirá-la do

meu peito, mais ela se afundava

O Sr. Klein já me aguardava na varanda. Eram oito horas da manhã de um sábado, e ele

provavelmente tinha dormido tarde por causa da visitinha que recebeu em sua casa na noite anterior.

Dormi no tapete, claro, e acordei cedo porque era o que me restava.

As reflexões que me acometeram foram variadas. Terminei a noite compreendendo que era,

antes de tudo, uma mulher de luto. Não podia sair por aí frequentando festas e dando para qualquer

sujeito (respeito o meu corpo e a memória da minha avó), até porque isso não faz o meu estilo. Além

do mais, se gosto de um cara, se o quero para mim, então para quê procurar por outro? E de que me

adiantaria mesmo? Minha solidão é escolha.

Se o Calvin não me quiser como sou, paciência.

Descobri mais duas coisas sobre mim: a primeira é que eu gosto demais de mim mesma para

deixar de ser quem sou por causa dos outros. A segunda é que não me contento com qualquer coisa.

Quero dizer, eu tinha demorado anos para juntar grana para comprar aquela casa. Aconteceu com o

carro, com meu computador e, aos quinze anos, com o novo CD do Backstreet Boys (precisei vender

muito papel de carta para minhas amigas por causa deles). Sou uma mulher incapaz de desistir de algo

que quer muito.

Pode ser uma qualidade, porém, naquela semana, mais me pareceu um defeito.

– Bom dia, vizinha! Ia bater na sua porta agora mesmo. – E eu me perguntei como, pois ele

segurava uma travessa de vidro enorme com as duas mãos.

– Bom dia... – Aprumei a minha roupa, verificando se não estava desarrumada demais. Trajava

uma saia jeans velha, blusa de manga curta e chinelos, enquanto ele vestia calça, camisa pólo e tênis. –

Tem certeza de que vai assim?

– Assim como? – Abriu um sorriso. Estava demorando... Eu tinha até estranhado a ausência dele.

Foi uma pena ter ido embora tão depressa.

– Você está muito arrumado, Calvin! Coloca uma bermuda e chinelos, ficará mais confortável

para passar o dia... Lá em casa não tem frescura!

Calvin afastou a travessa para olhar a si mesmo, analisando seus trajes com atenção.

– Volto em um minuto. Segure isto.

Segurei a travessa. Que troço pesado! Enquanto ele ia atender às minhas recomendações, tentei

saber do que se tratava o conteúdo dela, mas a presença de um papal alumínio a circundando

dificultou bastante. Terminei sem descobrir o que era, só senti um cheiro divino (para variar, já que

tudo o que aquele homem prepara é divino).

Calvin retornou depois de alguns poucos minutos, trajando exatamente o que eu lhe disse. Sorri.

– Pronto? – perguntou apontando para si mesmo, buscando a minha aprovação.

– Está ótimo. Vamos?

– Pode ser no meu carro? – Pegou a travessa de volta.

Ele estava tão sério! Sei lá... Muito esquisito. Não havíamos nos visto ao vivo nem uma vez

durante a semana inteira, e era como se fizesse anos. A saudade que eu sentia era enorme, só Deus

sabe o quanto esperei por aquele sorriso. Não tê-lo com facilidade me desanimou.

– Por mim, tudo bem – concordei.

– Ótimo.

Era oficial: Calvin não estava como sempre. Cadê o maldito sorriso safado? Onde estavam seus

olhares maliciosos apontados para mim? E as piadinhas? As indiretas? As frases de duplo sentido?

Poxa vida...

Seguimos em silêncio em seu carro, exceto pelas informações curtas que eu lhe dava sobre a

localização. Foi a coisa mais esquisita do mundo, por três motivos: eu estar novamente em seu carro,

estarmos indo à casa dos meus pais (sério, isso era uma piada) e a sua seriedade incomum.

– Como soube a hora certa para acordar? – perguntei quando o silêncio quase aniquilou o meu

total juízo.

– Eu não dormi. Ouvi você mexendo em seu guarda-roupa.

A noite com a vadia devia ter sido mesmo ótima. Só ouvi o comecinho, quando ele pediu para

que ela o chupasse até esfolar seu pau. Palavras dele, acredite se quiser (eu sei que você acredita).

– Não está cansado?

Calvin parou em um sinal vermelho. Evitou me olhar, mas fiquei o observando descaradamente.

Parecia um pouco abatido... Não tanto. Se eu tivesse passado a noite em claro, certamente estaria

muito pior, começando pelas olheiras de urso panda. Acho que gente bonita demais tem o

funcionamento do corpo totalmente diferente das pessoas comuns como eu.

– Estou bem – murmurou.

– Certo. – O silêncio retornou e, junto com ele, o meu desespero. Nunca foi tão desconcertante

estar na presença do meu vizinho delícia. Sua mudança drástica de humor me deixou além de

desanimada. Virou tristeza mesmo. – Tem certeza de que quer fazer isso?

– Isso o quê?

– Ir à casa dos meus pais.

– Está arrependida de ter feito o convite? – resmungou. Droga! Quem era aquele homem chato e

carrancudo?

– Não. Claro que não.

– Esperei por este dia a semana inteira, Raissa – completou com a voz baixa, reflexiva. Foi o

suficiente para que o meu coração acelerasse em descompasso. Encarei o seu perfil durante muito

tempo, até que se cansou de fingir que não estava percebendo o meu olhar sobre ele. – O que houve?

– Eu é que pergunto! O que você tem? – Não queria demonstrar irritação e piorar as coisas, mas

acabei fazendo. Droga duplamente!

– Nada...

– Eu te conheço, Calvin. O que há contigo? – Fui meio impaciente.

Prendeu os lábios e franziu a testa, chateando-se também.

– Vai implicar, Raissa?

Como é que é? Que timbre alto era aquele? Parecia de briga, de discussão... Sei lá. Eu não tinha

feito nada para que falasse assim comigo.

– Vou! Até que me diga a verdade!

Calvin soltou resmungos indefinidos.

– Fico assim nesta época do ano. Desculpa... Só quero me distrair hoje.

A minha cara foi de uma leiga que estava tentando compreender a teoria da relatividade. Como

assim, época do ano? Calvin era uma fruta para ter época? Pensei que essa coisa de mudar de humor

só cabia a mulheres que sofrem com a TPM (como eu).

– Por quê?

– Não, Raissa...

– Por quê? – insisti, rosnando com os dentes cerrados. Se ele é chato, posso ser mais ainda.

Soltou um longo e irritado suspiro.

– Quarta é o meu aniversário. Por isso – falou com seriedade, e depois usou uma estratégia para

mudar de assunto: – A festa será na sexta. Você vai, não é?

Ah, o aniversário. Deve ser horrível nascer no dia da morte de sua mãe. Talvez isso explicasse

seu comportamento durante a semana. Se bem que, no fundo, aquele exagero não tinha justificativa.

Nada fazia suas atitudes deixarem de ser ridículas.

– Vou. – Olhei para uma placa indicando o nome do bairro. – Vire à esquerda. É logo adiante, na

última rua da avenida.

Calvin obedeceu, mas continuou estranho. Decidi que detesto, de todo o meu coração, vê-lo tão

modificado. Gosto do exato modo como ele é: divertido, brincalhão e safado. Um aniversário devia ser

motivo de alegria, e não daquela carranca fechada.

Passei a semana inteira procurando por um presente interessante para entregá-lo. Contudo,

confesso que não me esforcei tanto assim; é difícil ter boa vontade para presentear alguém que só faz

te deixar angustiada. Ultimamente, Calvin não havia merecido a minha atenção. Se bem que eu não

sabia dizer direito se em algum dia ele mereceu.

O clima continuou estranho até estacionarmos em frente à minha antiga casa. Percebi-o soltando

suspiros nervosos.

– Relaxa, eles não mordem... – tentei tranquilizá-lo. Recebi um sorrisinho amarelo como

resposta.

A cambada toda já estava nos esperando. Mamãe tinha adorado a ideia de receber o meu vizinho,

mas o papai ficou meio que com o pé atrás quando expliquei meus motivos pelo telefone. Havia

deixado claro que o Calvin era órfão, e que estava precisando de um dia em família. Papai só aceitou

porque parecia cruel demais negar.

Sara, que tem hormônios femininos tão flamejantes quanto os meus, amou a ideia. E deixou

claro logo de cara, quando abraçou o Calvin animadamente e lhe encheu de perguntas nada a ver.

Morri de vergonha por causa de sua cara de pau enorme, porém a perdoei rápido. Afinal, até a

Clarinha tinha simpatizado com o sujeito.

No geral, a minha família o recebeu com a empolgação já conhecida por mim; todo mundo

falando alto e de uma só vez, tecendo comentários vergonhosos (que incluía o fato de estarmos

disfarçando o nosso namoro como fazem as celebridades, esse saiu do papai), fazendo questionários

para o Calvin enquanto o obrigavam a comer o bolo que a mamãe tinha feito. Acabamos tomando um

segundo café da manhã, por puta e espontânea pressão.

Calvin mostrou o que tinha trazido; uma lasanha enorme que era receita de sua mãe. Ele jurou

que era a melhor do mundo. Claro que mamãe ficou toda impressionada quando descobriu que o meu

vizinho era cozinheiro (fiquei sabendo, somente naquele instante, que o Calvin tinha feito faculdade

de gastronomia, e depois se especializado em massas, sobretudo por causa da origem italiana de sua

mãe).

Fiquei muito orgulhosa dele. Mais do que já sou. Quase não pude conter um sorriso bobo

apontado em sua direção. Calvin percebeu o meu vislumbre, mas ainda estava estranho comigo.

Ignorou-me completamente.

Depois do impacto inicial, os jogos tiveram início. Sara propôs que jogássemos Imagem &

Ação. A gente nunca joga fazendo desenhos, como é a proposta, e sim gestos. Sempre fui péssima.

Fico parecendo uma louca, e sou motivo de piada na família. Dito e feito. O povo não me poupou nem

um pouquinho: riram tanto de mim (inclusive o Calvin), que obriguei todos a trocarem de jogo depois

da primeira partida.

Pegamos o baralho quando a minha mãe saiu para preparar o almoço. Calvin preferiu

acompanhá-la, mas eu já tinha previsto isso. Os olhos dele brilham quando o assunto é cozinhar.

Fiquei na sala jogando buraco, porém ligada no papo que acontecia na cozinha.

Calvin ensinou tantos truques novos à mamãe, que ela ficou toda soltinha, oferecendo mil

elogios e, claro, deixando-o envergonhado (soube disso pelo seu timbre de voz), principalmente

quando ela disse que ele era um genro incrível. Certo, até eu corei nesta parte. E fiquei esperançosa

porque o Calvin só respondeu um “obrigado”, sem se dar o trabalho de negar nosso suposto

relacionamento.

Dei graças a Deus porque todos na sala estavam concentrados demais no jogo (eu era a única

bisbilhoteira). O cheiro bom que começou a sair da cozinha deixou a gente esfomeado antes do tempo.

Papai foi dar uma olhada no que estava cheirando tão bem, e voltou dizendo que o Calvin e a mamãe

estavam exagerando no banquete.

Depois de muitas partidas, Guilherme soltou a ideia de irmos jogar alguma coisa no quintal, mas

ninguém quis ir. O chato ficou insistindo, alegando que não ficaríamos com fome o bastante para

comer tudo do almoço. Sara caiu na justificativa, e acabei aceitando. Improvisamos uma rede de vôlei

utilizando os fios do varal da mamãe. Coisa bem arcaica mesmo. E ainda pegamos uma bola de

plástico que era da Clara.

Papai não quis jogar por causa de uma dor crônica que ele tinha na coluna, por isso ficou apenas

tomando conta da minha sobrinha. Chamamos o Calvin para formarmos duplas, e ele veio todo

alegrinho. Sara praticamente o obrigou a formar dupla com ela. Resultado: perderam feio. Não pelo

Calvin, que jogou bem e praticamente sozinho. Sarinha sempre foi péssima em qualquer jogo que

usasse uma bola, seja com as mãos ou com os pés. A louca saía correndo toda vez que a bola ia ao seu

encontro, morrendo de medo.

Nunca ri tanto na minha vida. Ri principalmente do meu pai e da Clara; papai gritava

reclamações para as besteiras que a Sara fazia, e a Clarinha repetia tudo o que ele falava. Fazia tempo

que não jogava nada “físico” com os meus irmãos. Tipo, devia fazer no mínimo uns oito anos.

Após uma partida muito doida de vinte e cinco pontos, paramos por causa do cansaço. Foi a

conta certa para a mamãe anunciar o almoço. Gui e Calvin haviam tirado suas camisas para não sujá-

las, e talvez por isso o meu irmão tenha engrenado em uma conversa sobre musculação com o meu

vizinho (Sara e eu só nos preocupamos em conferir o resultado dela, enquanto retomávamos o fôlego e

bebíamos muita água, trazida pelo papai em uma garrafa grande de plástico).

O almoço estava uma coisa de louco. Na moral, mamãe tinha exagerada, bem como o Calvin,

mas dei graças a Deus por isso. Além da lasanha que exalava um cheiro incrível, havia dois tipos de

salada, arroz soltinho, lombo ao molho madeira, purê de batatas, purê de abóbora e batata frita. Minha

nossa... Comi até passar mal. O exercício gerou uma fome animalesca não apenas em mim, de forma

tal que quase não sobrou nada para o jantar (lá em casa era assim; toda sobra do almoço ia para o

jantar, impreterivelmente).

No entanto, sobraram elogios à mamãe e ao Calvin (o coitado ficou parecendo um menino, todo

orgulhoso, sorrindo de orelha a orelha). Senti-me ainda melhor por notar o quanto a minha família

estava lhe fazendo bem. Sabia que eu tinha modificado muitas coisas na vida daquele homem, e por

um instante tive a certeza de que havia feito a melhor escolha quando decidi não desistir dele.

A sobremesa ficou por conta da mamãe: mousse de sonho de valsa. Foi uma bomba calórica, só

para complementar as gordices que cometi morando ao lado de um cozinheiro. Calvin, claro, pegou a

receita (e eu fiquei mais feliz ainda, porque sabia que o meu vizinho a testaria em breve. Ou seja, mais

gordices).

Já estava nos meus planos que iríamos assistir a filmes após o almoço. Papai e mamãe, no

entanto, avisaram que iam precisar visitar uma tia minha, irmã do meu pai. Pediram-nos mil

desculpas, dizendo que estariam de volta para o jantar. Eles acabaram levando a Clara, para que assim

podéssemos passar a tarde de um jeito mais sossegado. Sara adorou a ideia, com toda certeza.

Sendo assim, Guilherme deu a sugestão de vermos o filme no meu antigo quarto, pois assim

podíamos ligar o ar-condicionado. A minha cama (de solteiro) ainda estava intacta, bem como o

guarda-roupa (vazio) e a cômoda (também vazia). Resumindo: nada foi mexido. Mamãe ainda me

esperava de volta. Sei disso.

Sara pegou colchonetes e lençóis. A separação do ambiente foi uma coisa grotesca, sério: Calvin

e eu na minha cama, Gui e Sara nos colchonetes dispostos no chão. Vou nem comentar sobre isso.

Depois que apagaram as luzes, foi horrível ficar sentada ao lado dele. Quer dizer, não tão ao

lado, já que mantivemos uma distância maior do que o comum. Não ousamos nos deitar como o Gui e

a Sara fizeram. O filme teve início, e eu juro que tentei prestar atenção, mas o clima obviamente chato

me perturbou demais.

Calvin começou a me encarar uns dez minutos depois. Disfarcei como pude, mas chegou um

momento em que simplesmente virou o rosto para observá-lo de volta. Ele não sorriu. Seus olhos se

transformaram lentamente, e a expressão de desejo finalmente retornou. Arfei de alívio. Ele ainda me

desejava, apesar de tudo. Eu ainda não tinha sido abandonada na *friend zone*.

Sorri. Ele também. Achei estranho não ter sido um sorriso safado... Foi um bem natural. Um

sorriso cúmplice, eu diria, que dava a entender que ele sabia exatamente o que eu estava pensando.

Calvin foi se esgueirando lateralmente, a fim de se deitar na cama por trás de mim. Abri espaço

e fui junto, sem pensar duas vezes. Parecia que tínhamos combinado as nossas ações sintonizadas.

Terminamos de conchinha, de frente para a TV, e suas mãos quentes percorreram os meus braços

devagar. Estremeci.

Achei um lençol que a Sara havia trazido, e nos cobri com a sua ajuda. Apoiei a minha cabeça no

seu braço esquerdo, que me prendeu por baixo. Seu hálito alcançou o meu pescoço, e por lá ficou,

atiçando-me, clamando o meu nome em silêncio.

Estar envolvida pelos seus braços me ofereceu uma sensação perfeita de proteção, conforto e

confiança. O filme que se danasse, tê-lo era o meu primordial objetivo. Depois de tantas batalhas que

travei para chegar onde estou, só me restava conquistar aquele homem perfeito dentro de suas

imperfeições.

Virei-me de frente para ele, girando o meu corpo sem pressa. Fui envolvida em todos os

sentidos; com mãos, pernas, lábios e língua. Calvin me beijou com lentidão. O choque de nossas bocas

me causou um tremor incomum, jamais sentido. Não me lembro de ter beijado alguém com tanta

calma, em um movimento de câmera lenta muito excitante. Tenho certeza de que fiquei molhada só

com aquela língua circulando pela minha, sem exagero.

Tentamos não provocar ruído algum, mas o Calvin acabou soltando alguns gemidos-suspiros

baixinhos. Acho que os meus irmãos não ouviram, pois o áudio do filme estava alto pra caramba.

Ainda devagar, Calvin me puxou para si, como se o fato de estarmos grudados um ao outro não

fosse o bastante. Colocou parte de seu corpo sobre o meu. Senti sua ereção dura no meu quadril, e

desci uma mão para pegá-lo. Ele arfou quando o alcancei.

Aticei-o um pouquinho, porém decidi largá-lo. Não podíamos ir muito longe naquelas

condições, certo? Aliás, meus planos era não chegar a parte alguma enquanto ele não jurasse que

ficaria apenas comigo. Calvin sabia disso, mas não recuou. Entretanto, não avançou mais.

O beijo lento durou muito. Mesmo. Sério. Passamos minutos intermináveis nos movendo

devagar, dançando Ballet com as nossas línguas. Acho que foi o beijo mais demorado que já dei na

vida, e não estou exagerando.

Todo momento intenso dura pouco. Não importa se acabam depois de segundos, horas ou meses,

é pouco do mesmo jeito. A gente procura pela eternidade do que é bom o suficiente para ser eterno,

mas tanta longevidade nunca é possível, e é por isso que damos ainda mais importância ao que nos

toca com profundidade passageira.

Calvin se afastou devagar, e juntou nossas testas. Não sei ele, mas eu continuei com os olhos

cerrados. Assisti ao desejo (e ao algo mais que fazia parte da paixão) circular pelo meu corpo.

– Você me faz querer mudar de ideia... – Seu sussurro foi baixo, quase um suspiro prolongado.

Abri os olhos só para conferir que eu não estava sonhando. Era bom demais para ser verdade.

Custei a acreditar. Quase pedi para que repetisse, mas seus olhos me disseram tudo. A seriedade

exagerada foi o bastante.

– Mude... Por favor, mude. – Eu sei, pareci desesperada. Talvez porque estivesse mesmo.

Calvin prendeu os lábios e fechou os olhos. Reabriu-os, e fez uma careta esquisita.

– Você não merece ser magoada. – Seus dedos massagearam os meus lábios. – Eu não mereço

você, Raissa.

Senti séria vontade de chorar. Poxa vida... Será que eu estava dando murro em ponta de faca?

– Claro que merece...

– Raissa, me escuta... – interrompeu-me em um cochicho. – Não sirvo para isso. Você quer um

homem e merece amor, sou apenas um menino que não sabe amar.

Quase o mandei (pedi, implorei) para que ele crescesse e aprendesse de uma vez por todas, mas

o Gui atirou um travesseiro em nós e nos mandou foi parar de cochichar.

Calvin me largou depois disso. Tentei assistir ao filme para não entrar em depressão, mas o

tédio me tomou por completo e me fez adormecer profundamente. Só acordei quando as luzes foram

reacendidas. Quero dizer, Sara estava tentando me acordar, mas só abri os olhos quando o Gui acendeu

a luz. A minha irmã também estava tentando acordar o Calvin (ele acabou pegando no sono, ainda

deitado atrás de mim, porém sem me tocar). Recebemos inúmeras reclamações por não termos

acompanhando o maldito filme.

Como os meus pais ainda não haviam chegado, Sara e Guilherme acabaram se dispersando. Ela

inventou de receber a ligação de uma “amiga” (com certeza era um cara); trancou-se no quarto e

morreu por lá. Já o Gui se recusou a ficar segurando vela (palavras dele), tratou de ligar seu

computador e dar adeus ao mundo real.

Era claro para mim que não podia ficar sozinha com o Calvin dentro do meu quarto, por isso o

chamei para a sala de estar. Um ambiente mais neutro e menos impactante. Se bem que, ao dar uma

bela olhada nas fotos exibidas nos móveis e estantes, o impacto acabou acontecendo dentro de mim.

Ver retratos da minha família completa, incluindo a vovó, causou-me uma tristeza profunda.

Pensei em disfarçar ligando a TV e fingindo normalidade, mas o Calvin percebeu a minha inquietude.

Sentado ao meu lado no sofá, começou a observar as mesmas fotos que o meu cérebro insistia em

tentar ignorar.

Ele se levantou em certo momento e chegou mais perto de uma estante. Segurou vários porta-

retratos em suas mãos, e percebi que não parava de sorrir. Aquele era um sorriso meio triste, mas

mesmo assim foi capaz de me fazer bem. A dor que me invadia foi suavizada diante de sua presença.

Só esperava ter a capacidade de fazer o mesmo com ele.

– As fotos são as coisas mais dolorosas que podemos guardar... – falou baixinho, e sua voz doce

consolou meu coração. – E as mais complicadas. Se as mantivermos, somos perseguidos pela

nostalgia. Se nos desfizemos delas, a culpa é que nos persegue.

– Isso foi uma frase da Clarice?

– Não... Mas posso dizer uma agora: “Fotografia é o retrato de um côncavo, de uma falta, de

uma ausência.”

Aquiesci, concordando totalmente, mas o Calvin não me viu. Estava meio que de costas para

mim, devolvendo um porta-retrato para o seu lugar de origem.

– Nunca soube o que fazer com elas – continuou, virando-se para retornar ao sofá. Sentou-se ao

meu lado de novo.

– No meu caso, há muita gente compartilhando uma só saudade. No seu caso, deve ser difícil

sentir e decidir o que fazer sozinho.

Calvin me olhou com o mesmo ar de tristeza.

– É muito difícil.

– Ainda bem que você não está mais sozinho.

Seu rosto se iluminou em questão de segundos. Um meio sorriso brotou de sua face, e foi

naquele instante que percebi estar mais apaixonada do que tinha imaginado até então.

Ergui as mãos, e ele entendeu o recado, aproximando-se e me envolvendo em um abraço

consolador tanto para mim quanto para ele. Não falamos nada, embora tenhamos permanecido

grudados durante um tempo considerável.

Foi ele que acabou nos afastando, porém me deu um beijo terno na testa quando o fez. Ficou me

encarando, acho que pensando no que ia dizer. Como o meu cérebro havia congelado, nem me deu o

luxo de pensar sobre qualquer coisa que seja.

– Faz muito tempo que não me sinto assim – confessou.

– Assim como?

– Não sei... Acho que protegido... Acolhido. Sabe, meu pai era filho único. Meus avôs morreram,

e a família da minha mãe está na Itália. Perdi o total contato com todos... – Meus olhos se encheram

de lágrimas. Nem queria imaginar como era a sensação de estar sozinho no mundo. – Estava

acostumado com a solidão, mas sinto que acaba de ir embora. E só agora percebo o quanto ela me

incomodava.

Calvin segurou a minha mão, que estava repousada sobre a minha perna. Ergui-a prontamente,

entrelaçando nossos dedos. Segurei-o firme. Lembrei-me de uma frase linda da Clarice, e pensei

muito antes de dizê-la sob o olhar sereno daquele homem.

– “Mas chegará o instante em que me darás a mão, não por solidão, mas como eu agora...”

Calvin sussurrou o restante, junto comigo:

– “Por amor...”

Eu me arrependo de muitas coisas na minha vida. A lista é imensa, que envolve tanto a minha

avó quanto o fato de ter gostado de RBD na adolescência. Mas eu não me arrependi de ter soltado

aquela citação. Mesmo que o Calvin tenha me olhado de uma maneira estranha depois de passar

séculos só me encarando, mesmo que tenha balançado a cabeça negativamente e, por fim, ter largado a

minha mão.

Não me arrependo, simples assim.

Ouvimos um barulho na porta, os meus pais tinham acabado de chegar. Foi uma verdadeira

confusão. Eles estavam tentando nos contar como havia sido a visita, porém não consegui entender

nada. Clarinha começou a chorar não se sabe o porquê, e, como sempre acontecia, a casa se tornou um

hospício em questão de segundos.

As coisas só se acalmaram quando o Calvin foi ajudar a mamãe a preparar o jantar. Papai foi

com o Guilherme assistir a um jogo de futebol na sala, e a Sara sumiu com a Clara. Fiquei sozinha,

sentada à mesa de jantar, tentando me arrepender e entender a intensidade dos meus sentimentos.

Era muito cedo para defini-los. Era cedo até mesmo para senti-los daquele jeito tão forte. Só

sabia que tinha ido mais longe do que jamais fui, meu peito foi atingido com uma profundidade nunca

atingida. Foi complicado aceitar a loucura, mas não ia negar ou lutar contra ela.

Precisava de calma. As emoções enganam, o momento intenso nos faz dizer coisas exageradas.

Talvez eu tivesse mesmo exagerado, mas se não... Puta merda, eu estava muito ferrada.

Milagrosamente, jantamos em silêncio. Não sei se o clima fúnebre pela ausência da vovó tinha

retornado, pois eu estava em outro clima. Ou talvez fosse o mesmo, afinal, a depressão tomou conta de

mim por causa da morte da minha própria sensatez.

Calvin agiu naturalmente durante o jantar, salvo o fato de ter voltado a me ignorar. Não me

importei. A minha prioridade, naquele instante, era compreender a mim mesma. Acho que a frase

acabou me atingindo muito mais do que ele, o que era, no mínimo, trágico.

Decidimos voltar para casa logo após o jantar. Meus pais queriam alugar o Calvin por ainda

mais tempo, porém inventei um bocado de desculpas para despistá-los de uma vez. Fizeram o coitado

prometer que voltaria em breve para uma nova visita.

O silêncio que foi feito no carro, durante toda a viagem de volta, foi capaz de tirar o meu fôlego.

Sério, Calvin nem se dignou a disfarçá-lo ligando som, fez questão de deixar o clima estranho bem

óbvio. Nem pensar direito eu consegui, só rezei para chegarmos depressa. Ele dirigiu rápido, pelo

menos isso.

Desci do carro assim que ele estacionou, e cruzei o jardim bem depressa. Estava fugindo mesmo,

e daí? Não queria me decepcionar, como sei que aconteceria caso deixasse que ele começasse a falar

sobre a maldita citação.

– Raissa! – ouvi-o chamar. Destranquei a minha porta e a abri. – Raissa, espere!

Não pude fingir que não tinha ouvido. Uma pena! Virei-me para acompanhar sua aproximação.

– Eu te pedi... – disse, irritado, quando me alcançou. – Você me prometeu! Por que fez isso?

– Isso o quê? – Só tinha a opção de me fazer de desentendida. Até que fui uma boa atriz.

– Por que deixou acontecer? – Seu desespero era evidente.

Espalmei uma mão para frente. Estava cansada de discutir, sentindo-me muito chateada. Que

droga!

– Não me tome como uma adolescente, ou como uma de suas vadizinhas. Faça-me o favor. Foi

só a merda de uma frase.

Seu olhar confuso se desesperou.

– Não acredito que você estragou tudo!

– Eu? Não fiz nada! Foi você que me beijou, você que anda insistindo... – Nem soube onde

terminavam as verdades e começavam as mentiras no que falei, só sei que havia bastante das duas. –

Você que me olha como se fosse me comer. Você que está estragando tudo, Calvin. Sempre quis o seu

respeito e amizade, mas pelo visto amor não é a única coisa que não sabe dar a alguém.

Calvin ficou vermelho de raiva. Soltou um resmungo irritado e entreabriu os lábios, sem

conseguir me responder algo à altura. Senti-me culpada por ter jogado toda a responsabilidade nas

mãos dele. Eu não era nem um pouco inocente naquela história, e continuava jogando verde para

colher os frutos no futuro.

– Boa noite, vizinha – rosnou contra a vontade e foi para a sua casa a passos largos.

Bufei de irritação. Corri para o meu quarto, quase me esquecendo de trancar a porta da frente.

– Isso, fuge! – gritei como se não tivesse fugido um minuto atrás. – Continue fazendo o que faz

de melhor!

– Não estou fugindo, quem faz isso o tempo todo é você! – gritou de volta. Credo, ele estava

mesmo muito puto comigo. – Nunca fugi do desejo que sinto, não sou um hipócrita.

Eu tinha saído de mim ou algo assim. Perdi a minha razão há algum tempo.

– Pode não fugir do desejo, mas fuge de todo o restante que está acontecendo entre nós!

– Que restante, Raissa?

Ótimo, agora era ele que se fazia de desentendido. Não vale usar as minhas armas, Sr. Klein.

Enquanto você vem com uma faquinha, eu já tenho pronto um canhão.

– Vai negar?

– Negar o quê?

– Estou esperando você negar! – berrei na direção da parede da Clarice. –
Negue que está

acontecendo alguma coisa entre nós!

Calvin bufou alto.

– Qual é o problema de vocês, mulheres? Puta que pariu, são todas iguais!

Parei diante da parede à minha frente. Pisquei os olhos na maior velocidade
enquanto assistia a

tudo o que eu tentava construir indo ao chão. No fim, era isso o que ele
achava de mim: que sou

apenas mais uma das tantas vadias que cruzava o seu caminho.

Fiquei tanto tempo calada (estática, estupefata, descrente, sentindo o meu
Q.I. despencando),

que o Calvin me chamou duas vezes. Por fim, falou:

– Desculpa... Não quis dizer isso. Raissa, você não é igual a ninguém que
eu já tenha conhecido.

Ninguém nunca fez tanto por mim, nem me fez sentir tão bem... – Continuei
calada. – Raissa, me

perdoa! Não sei o que você quer de mim, não sei o que pretende ou o que
pensa, só sei que eu não faço

ideia do que fazer contigo.

Comecei a chorar, do nada. Uma merda mesmo! O pior de tudo era estar
entendendo muito

pouco do que havia acabado de acontecer.

– Raissa... – a voz dele se suavizou ainda mais. Todo o resquício de raiva e irritação tinha ido

embora. Amém.

– Certo. Espero que tenha entendido, mais uma vez, os motivos de sermos só amigos. – Mantive

a firmeza apenas para confundi-lo. Era o que me restava fazer: continuar com o meu jogo. Precisava

restabelecer a ordem das coisas. O controle do nosso relacionamento tinha que ficar comigo.

– Eu entendi. Perdoe-me... Por tudo. Por favor.

– Não se preocupe. Não há o que ser perdoado.

Claro que havia, só não queria deixar claro que o tinha feito na velocidade da luz. Seria muito

vergonhoso.

– Você é a melhor coisa que aconteceu comigo em muito tempo, Raissa... – Fechei os olhos e

chorei mais. Suspirei. – Obrigado pelo que fez por mim hoje.

– Digo o mesmo – sussurrei. – Boa noite, vizinho.

Recolhi meus lençóis e travesseiros. Fui dormir no tapete da Sra. Klein. Eu que não ficaria ali,

prolongando aquela conversa, arriscando piorar a situação ou ter o controle arrancado de mim.

Terminei o dia sem fazer ideia se tinha dado muitos passos para frente ou mais ainda para trás.

A lembrança do beijo longo que trocamos foi o meu porto seguro. Agarrei-me a ela com unhas e

dentes, rezando baixinho para que os anjos me dessem uma chance.

Não podia me deixar desanimar, principalmente compreendendo o quanto estava envolvida. Se

eu falhasse, não saberia o que fazer. Talvez sequer continuasse morando ali. Não poderia. Não

conseguiria.

30

Suas qualidades só me trouxeram a paixão, foram os seus defeitos que me trouxeram o amor

Acordei assustada na manhã de quarta-feira. Meu sono nunca foi muito pesado, por isso tive a

sensação de que havia alguém circulando pelo meu quarto. Só depois me lembrei de que quase sempre

havia alguém no meu quarto, já que aquela parede e nada eram a mesma coisa.

Ouvi gemidos e congelei no tempo. Calvin não tinha levado nenhuma de suas vagabundas para

casa durante aquela semana, e eu estava achando ótimo dormir na minha cama sem imprevistos.

Fiquei na esperança de que ele tivesse mudado um pouco depois da nossa discussão. Mas, pelo visto,

estava enganada (só para variar).

Olhei o relógio do meu celular, meio sonolenta. Constatei que faltavam cinco minutos para as

sete da manhã, horário em que o meu despertador comumente toca. Desliguei-o antes que fizesse.

Soltei um bocejo e aguicei a minha audição, tentando saber o quê exatamente acontecia no quarto ao

lado (sou curiosa mesmo, me processem por isso).

Os gemidos cessaram, porém consegui ouvir um soluço curto seguido por uma fungada. Sentei-

me na cama prontamente, com o coração já batendo muito forte. Estava me transformando em uma

mulher nervosa, prestes a dar chiliques. É fogo!

Ouvi mais fungadas e gemidos curtos. Por fim, outro soluço. Demorei a compreender que o que

eu escutava não era ruídos de sexo, mas sim alguém que tentava controlar o choro.

– Calvin? – minha voz saiu meio rouca. Limpei a garganta. – Calvin, é você?

Ninguém respondeu, mas não precisava. Eu sabia que era ele.

Alguns segundos de silêncio se passaram, até que uma sucessão de soluços deixou claro que ele

tinha desistido de tentar se controlar. Entrou em um desespero completo. Compreendi o porquê de o

Calvin estar tão arrasado: era o seu aniversário.

– Calvin...

– Pare de me chamar disso! – Meu Deus. Ultimamente estava ouvindo cada timbre estranho

partindo dele! Aquele era novo também. Foi um rosnado que juntava raiva e a mais completa tristeza.

A voz comumente doce se tornou uma amargura só.

Engoli o nó na garganta, tentando controlar os meus batimentos cardíacos. Estava cansada de

tantas emoções confusas... Minha cabeça não aguentava mais tanta instabilidade emocional. Não via a

hora de todo aquele inferno acabar.

– Eu não sei o seu nome... – murmurei.

Preparei-me para ouvir o nome daquele homem. Bom, na verdade fechei os olhos e prendi a

respiração como se fosse dar um longo mergulho. Esperei tanto para saber nomeá-lo que a minha

curiosidade havia adormecido. No entanto, a maldita acordou superdepressa, e me vi louca da vida,

ensandecida para conhecer a última coisa que precisava sobre ele.

Mas alegria de pobre dura pouco. Calvin não apenas não disse seu nome, como também foi

profundamente grosseiro.

– Você não sabe de nada... Nada!

Quanta aspereza! Foi horrível ser tratada assim, principalmente por ele. O pior é que não era só

ignorância, parecia uma espécie de desprezo. Dor. Sei lá, só sei que quase tive um infarto. O meu

vizinho ia me fazer parar no hospital algum dia, anote o que estou falando.

– Sei que está sofrendo.

– Quem liga? – Mais soluços. Coitado. Deu muita pena, pois o Calvin começou a abrir o maior

berreiro, mesmo que estivesse tentando abafar o choro, acho que com um travesseiro ou lençol.

– Eu ligo – admiti.

Bufou. Não respondeu nada. Tentou evitar mais alguns soluços, parecia fazer a maior força para

isso, e mesmo assim não conseguia. Fiquei chateada por ele duvidar da minha capacidade de me

importar com seu estado emocional. Resolvi dar um desconto, afinal, quando estamos tristes

funcionamos de um jeito exagerado.

– Chego aí em cinco minutos... – avisei com firmeza. Calvin precisava entender que não havia

escolha para ele. – Deixa a porta aberta.

– Você precisa trabalhar – resmungou.

– Quem liga?

– Eu ligo.

– Problema seu. Você é mais importante.

Ouvi um resfolego que misturou um risinho debochado, todo desdenhoso. Claro que detestei. Ele

não acreditava mesmo que eu estava preocupada?

– Grande importância...

– Sim. Enorme.

– Você nem sabe o meu nome!

– Quem liga? – voltei a questionar, e o Calvin ficou mudo desta vez. –
Agente firme. Estou

indo.

Praticamente pulei da minha cama. Ele continuou soluçando enquanto eu abria a porta do meu

guarda-roupa. Vesti um shortinho curto de Lycra e blusinha de alça, depois fui ao banheiro fazer

minha higiene matinal.

Coloquei água para ferver enquanto ligava para o meu chefe. Inventei duzentas mil desculpas

para não ir trabalhar pela manhã, e ele acabou caindo em pelo menos uma delas. Não ficou satisfeito,

claro, mas me liberou, e é isso o que importa.

Fiz chá de camomila na maior pressa. Despejei o conteúdo em uma garrafa térmica e peguei

duas xícaras pequenas. O aperto no meu peito só fazia piorar; estava aflita, bastante preocupada, quase

entrando em desespero. Sempre fui péssima em consolar qualquer pessoa que seja, mas com Calvin

era diferente. Tudo mudava quando se tratava dele.

Graças aos céus, ele havia me obedecido e destrancado a porta da frente. Entrei sem bater,

atravessei a sala e o encontrei sentado no chão de seu quarto, com a coluna apoiada na parede que nos

dividia. Agarrava um travesseiro com muita força. Lágrimas saíam de seus olhos sem pausas, e a

cabeça abaixada os fazia fitar o além da cerâmica que cobria o chão.

Seu estado péssimo me alarmou de um jeito irreparável. Quase berrei quando reparei seus

cabelos desgrenhados e o rosto vermelho, distorcido. Usava apenas uma samba-canção branca e a

velha corrente de prata com o pingente, a mesma que eu tinha lhe presenteado.

Calvin começou a soluçar muito assim que percebeu a minha presença. Desesperada, coloquei a

garrafa e a xícara em cima de sua mesa de cabeceira e me atirei no chão, bem na sua frente. Puxei sua

cabeça para mim e, depois de pestanejar com teimosia, Calvin largou o travesseiro que apertava e

veio. Abracei seu tronco enorme como pude. Ele chorou forte, molhando meu ombro com suas

lágrimas. Nem me importei.

Esperei o nosso (nosso mesmo, porque eu também estava apavorada) desespero inicial ir

embora. Demoraram alguns minutos repletos de soluços (dele), afagos (meus) e lágrimas (minhas e

dele). Tentei fazer carinho em seus cabelos, em suas costas, ombros, nuca... Chorei baixinho, sem

alardes, só compartilhando aquela tristeza depressiva que o acompanhava.

Calvin parecia muito envergonhado por estar chorando daquele jeito na minha frente, porém

tentei deixá-lo o mais tranquilo possível através do meu toque. Queria que sentisse que eu estava ao

seu lado para o que desse e viesse. Se dependesse de mim, a solidão jamais o atingiria de novo.

– Vai ficar tudo bem... – murmurei assim que ele deu uma acalmada. – Estou aqui.

– Ah, Raissa... – Apertou bastante os braços que envolviam o meu tronco. A voz saiu carregada

de dor, foi triste demais até de ouvi-la.

Calvin, de repente, puxou-me com força e me fez sentar em seu colo, tendo as duas pernas juntas

e viradas para um lado só. Enterrou seu rosto lindo entre os meus seios, chorando ainda mais.

Continuei lhe oferecendo afagos, carícias suaves e livres de quaisquer intenções.

Depois de alguns dias morrendo de raiva daquele idiota, tentando evitá-lo ao máximo e focando

unicamente no trabalho, percebi que a única coisa que tinha ficado, além do meu ego ferido, foi

apenas a saudade daquele cheiro, daquele toque, daquela pele. De pouco adiantou tentar nutrir

desprezo pelo Calvin. Eu jamais seria indiferente.

Não era uma paixão tola. Infelizmente, não era. Eu não conseguia controlar aquilo. Sim, podia

controlar as minhas atitudes, e por isso o evitei com êxito, mas não dava para ignorar todo o restante.

Eu queria o bem total daquele homem. Suas lágrimas eram o motivo das minhas. Sua dor era a

minha dor, assim como a sua alegria era a minha. Sem querer, havia mais do Calvin dentro de mim do

que eu ou ele podíamos calcular. Não sabia mais separá-lo do meu espírito, de tudo o que sou. Estava

enraizado.

Às vezes um desejo profundo pode se tornar tão mais profundo que se transforma em uma parte

de nós. Estava atingindo todos os meus limites naquela situação; o sentimento pulsava na máxima

potência, e tê-lo não era mais uma necessidade do meu corpo ou do meu ego, mas da minha alma.

– Estou contigo... – murmurei entre mais lágrimas. – Estou aqui... Shhh...

– Ela preferiu morrer... Ela tinha escolha, e preferiu morrer! – Calvin começou a choramingar

como um adolescente. – A gravidez era muito arriscada, minha mãe estava definhando... O médico

pediu para que abortasse, mas ela não quis!

Oh, meu Deus...

Segurei a cabeça dele e o afastei. Obriguei-o a me encarar. Um rosto distorcido de dor, quase

irreconhecível, ficou apontado na minha direção. Ele também segurou a minha face, enxugando

minhas lágrimas com seus polegares. Foi lindo perceber que ainda se preocupava em não me ver

chorando.

– Devo ser grata a ela, então – quase não consegui falar. – Se a sua mãe não tivesse te salvado, se

não tivesse lutado pela sua vida, eu jamais teria te conhecido.

Os lábios dele começaram a tremer. O olhar ficou perdido, aéreo. Pensei em beijá-lo, mas eu não

queria confundir ou complicar as coisas.

– A culpa foi minha! – soluçou alto.

– Não! Quem disse isso? – Apertei seu rosto ainda mais. – Quem te falou uma coisa dessas?

– Ninguém... – Tadinho, gente. Era um menino mesmo. Seus lábios ainda tremiam muito.

– Foi seu pai que disse isso? – Fiquei zangada. Era bem típico se o pai dele tivesse o culpado

pela morte da mãe. Típico e horrível, uma atitude lamentável da parte do único familiar que poderia

oferecer amor àquele garoto.

– Não... Não. Ele nunca disse nada... Era muito bom pra mim. – Suspirei de alívio. Menos mal. –

E eu matei a única mulher que ele amou! – Calvin iniciou nova sessão de soluços e lágrimas.

– Não... – Balancei a cabeça freneticamente. – Não. Amor de mãe é assim mesmo. Aceite as

escolhas dela e seja feliz. Por ela... Pelo esforço que fez por você. É o seu aniversário, não há por que

ficar triste. Sua mãe não ia querer isso, e nem o seu pai.

Calvin nada respondeu, mas pareceu levar as minhas palavras em consideração. Ele já tinha me

alertado sobre isso antes, e consegui comprovar; tudo o que eu lhe falava era processado e julgado

pela sua mente. Deve ser por este motivo que ele começou a se acalmar. Expirou e inspirou

longamente.

Ajudei-o com o movimento respiratório até estarmos (ambos) bem mais calmos. Enxugamos as

lágrimas um do outro durante o processo. Por fim, Calvin ficou me observando, e seus olhos foram se

transformando aos poucos. Não soube dizer o que queriam transmitir.

A confusão mental acabou fazendo com que eu me afastasse. Peguei a garrafa e as xícaras,

oferecendo-lhe uma delas. Sentei exatamente à sua frente.

– Chá de camomila – avisei, e ele sorriu de leve. Uma fagulha de alegria e esperança surgiu em

meu peito. Sorri de volta.

Enchi nossas xícaras com o maior cuidado. O quarto dele foi tomado pelo cheirinho

reconfortante de lar. Calvin continuou sorrindo. Propus um brinde, chocamos as xícaras e demos goles

bem generosos. Eu, particularmente, levei mais da metade do chá.

– Feliz aniversário – murmurei.

– Obrigado. – Fez uma gracinha no meu queixo.

– Trouxe isso... – Peguei a cartinha que eu tinha colocado por dentro do meu short. Sim, eu sei,

escrevi uma carta para ele mesmo estando chateada. Fiz isso porque não consegui achar um presente

legal. – Ainda não é seu presente oficial, certo?

Calvin pegou a carta e foi abrindo. Morri de vergonha. Pensei até em pegá-la de volta. Desviei o

meu rosto para a mesa de cabeceira, e um porta-retrato me chamou atenção. Sério, quase gritei de

verdade. Era a minha foto ali, a que eu havia lhe dado. Puta que pariu... Calvin tinha a minha foto em

sua cabeceira. Sem brincadeira nenhuma.

Apontei para ela, chamando sua atenção. Não tive capacidade de falar absolutamente nada.

– Gosto do seu sorriso, Raissa. – Ele sorriu de um jeito meio amarelo, envergonhado. Meu

coração desmanchou como bolinha de sabão. – Mas, sim... Você falou que não era um presente? Como

não? Já me presenteou hoje, vizinha. Obrigado.

O espertinho mudou de assunto de propósito. Continuei olhando para a minha cara sorridente no

retrato. Acho que corei sem querer. Fiz uma caretinha que fingia inocência, sentindo-me meio

dengosa.

Voltei a minha atenção para carta.

– Vamos, leia.

Calvin se esgueirou para abrir a primeira gaveta da mesa de cabeceira. Fiquei sem entender, até

que retirou uns óculos de grau de dentro dela. Colocou-o e me olhou, sorrindo. Quase cuspi o chá.

Ele usava óculos? Sério, galera? Já pararam de apelação? Minha nossa... Que sexy que o filho da

mãe ficava! A armação preta era bem charmosa, atribuindo-lhe um ar de intelectualidade que fazia

dele um homem absolutamente comestível (na moral, eu podia pegar um garfo, uma faca e devorá-lo

ali mesmo).

– “E uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de...” – ele começou e parou. Tomou

fôlego, provavelmente por ter reconhecido a frase da tia Clarice. – “Apesar de, se deve comer. Apesar

de, se deve amar...” – parou novamente. Voltou a me encarar. Gesticulei para que continuasse. –

“Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para

frente.” Clarice Lispector.

Eu tinha escrito mais coisas após a frase. Calvin ficou só me olhando, segurando a carta com as

mãos meio trêmulas (ou era impressão minha?). Pedi para que prosseguisse antes que nós dois

tivéssemos um troço em conjunto.

– “Apesar das desavenças, estou te escrevendo.” – Calvin ergueu a cabeça e franziu o cenho.

Proseguiu: – “Desejando muitas felicidades, apesar do que te aconteceu. E apesar de levarmos vidas

tão complicadas, você sempre poderá contar comigo. Afinal, apesar de tudo, te adoro mais do que

imagina. Da sua vizinha, apesar de nunca conseguirmos ser uma só coisa, Raissa.”

Fiquei com vergonha por ele ter feito leitura em voz alta. Senti-me meio patética, abobalhada.

Infantil. O meu interesse por ele era uma coisa muito óbvia; ou isso ou o fato de saber que estou cada

dia mais desesperada estava me impedindo de ver as coisas por um ângulo mais amplo.

Calvin me olhou de um jeito engraçado, entretanto não esboçou qualquer outra reação.

– Eu também te adoro. – Meu coração bailou ao som do “Amor, *I love you*”, e cupidos

apareceram para cantar a parte do “uh!” em coral. Foi brega, clichê e ridículo até para mim, por isso

comecei a rir sem pausas.

Só Deus sabe por que o Calvin me acompanhou. Gargalhamos juntos como dois condenados, até

que ele roubou a minha xícara e a depositou, junto com a dele, na cabeceira. Levantou-se em seguida e

me puxou com tudo. Ergui-me, mas fui logo de encontro ao seu corpo grande. Ainda rindo, Calvin nos

jogou na cama desferrada, que exalava o cheiro dele em todos os sentidos. Parei de rir na mesma hora.

– Ei! – berrei.

O maldito não ligou para as minhas reclamações. Depositou seu corpo sobre o meu e parou com

a boca a centímetros da minha. Ele ia me beijar, sei que ia, mas freou a si mesmo.

A decisão era totalmente dele, com toda sinceridade. Se avançasse, eu jamais recuaria. Não ia

conseguir... Não podia mais evitar. Estava cansada de ignorar o meu desejo, a minha carência, a

vontade louca de tê-lo. Fiquei esperando e admirando seu rosto emoldurado pelos óculos sexy. Estava

pronta para ser dele de novo. Aliás, estava tão pronta há tanto tempo que acho que meu corpo já havia

passado da validade.

Calvin suspirou alto, ficando sério de repente. Minha respiração igualmente alta se juntou com a

dele.

– Você tem que trabalhar... – murmurou, parecendo estar em dúvida cruel sobre o que fazer. E

isso era estranho, pois o Calvin não era de ter dúvida ou freios em relação àquilo.

– Pedi folga pela manhã. – Ai, ai. Será que ele percebeu a minha ansiedade? Eu nunca daria o

passo definitivo, seria demais para mim, porém não via a hora de ele desistir de pensar muito.

Foda-se o mundo, eu o queria.

– Por quê?

– Não podia te deixar, Calvin.

Fez uma careta. Poxa, eu não sabia mais do que chamá-lo. Ele ia mesmo ficar irritado por isso?

Então por que não dizia logo seu nome?

– Raissa...

Ele acabou se decidindo. Porcaria! Eu não tinha sorte, que merda! Se eu jogasse par ou ímpar

comigo mesma, com certeza eu perderia. Aliás, naquela história toda, eu estava fadada a perder feio.

Mas foi melhor assim. Calvin estava com mais juízo do que eu (pelo menos uma vez na vida,

né?), por isso se afastou totalmente, sentando-se na cama. Continuei deitada, meio irritada, ardendo de

tesão e com uma carência horrível para dar conta sozinha.

Calvin riu, do nada.

– Só você mesmo para me fazer desistir de te foder. Não me aguento de tanta saudade dessa sua

boceta, e não poder comê-la está me matando.

Revirei os olhos, aproveitando que ele estava meio de costas para mim.
Gesticulei um palavrão

com os lábios e fui me levantando devagar. Parei ajoelhada, e me sentei sobre as minhas pernas.

Calvin se virou, porém seu olhar seguiu diretamente para o meu corpo.

– Pois é. Você nunca mais vai comê-la. Amigos, lembra? Aliás, nossa última discussão envolvia

o fato de você forçar a barra.

Ele riu. Nem parecia o mesmo moleque que tinha chorado como um pirralho há alguns minutos.

Um homem havia retornado a habitar dentro do Calvin.

Prosegui séria.

– Forçar a barra é você vir toda amiguinha pro meu lado, usando essas roupas.

Argh.

– O que é que tem? – Ele ia mesmo começar a encenar? Fala sério. Eu não merecia aquilo.

– Olhe pra você, está pedindo pra ser fodida – falou com raiva.

Uma coisa ruim subiu até o meu cérebro. Deve existir algum nível máximo que uma pessoa

possa ficar puta da vida. Foi a primeira vez que explodi o meu termômetro interno. Resultado: desferi

um tapa tão grande na cara do sujeito que a minha mão ardeu na mesma hora.

– Me respeite! – urrei como uma leoa.

Foi difícil entender o que deu em mim, nunca fui violenta, mas me senti um pedaço de carne

com o comentário do estúpido. Totalmente decepcionada e desiludida, levantei-me da cama e saí de

seu quarto sem conferir suas reações depois do tapa bem dado.

– Raissa!

Atravessei a sala e abri a porta da frente da casa do maldito.

– Raissa! – Affe! Calvin estava correndo atrás de mim. Não deu um segundo e suas mãos

pegaram o meu braço. Puxei-o de volta, livrando-me dele.

– Chega, Calvin. Já chega! O que pensa que sou? – Encarei-o com fúria. Ele estava exibindo a

sua melhor cara de menor abandonado. Não me comovi.

– Desculpa... Eu sou um idiota.

– É, sim! Dentre outras coisas que só não exponho agora mesmo porque hoje é seu aniversário.

Porra, não percebe que me esforço para ser legal contigo? Venho te ajudar na maior boa vontade, e

você acha que quero te provocar?

– Eu não quis dizer aquilo...

– O que você quis dizer, então?

– Que eu sinto a sua falta! – Congelei. – Que não suporto essa vontade de ter você, Raissa. Essa

droga não passa nunca, por mais que tente ser seu amigo... Você também não ajuda!

– Eu não te ajudo?

Era o fim da picada, e o mosquito nem tinha ido embora ainda.

– Neste sentido, não.

Arfei alto. Era isso o que eu queria, não era? Enlouquecê-lo, tirá-lo do sério, fazer com que

morresse de tanto desejo. Estava conseguindo. Calvin se encontrava completamente desesperado, mas,

pela discussão que tivemos no sábado, era óbvio de que precisava de mais um tempo.

Ele tinha que começar a implorar por mim. Não bastava só isso, tinha também que desistir da

vida de safado, e enfim admitir que foi atingido tanto quanto eu fui.

– Raissa, para com isso, vai... Não quero brigar... – Alisou meus braços, e fui abaixando a guarda

gradativamente. – Não hoje. Nem nunca.

Encarei a corrente que lhe dei.

– Eu também não, Calvin, mas é tão difícil.

– O que é difícil, me diz? – Segurou a minha bochecha, e depois escorreu as mãos pelos meus

cabelos. Quase falei que era difícil conquistá-lo, porém consegui manter minha boca fechada a tempo.

Permaneci muda, e ele continuou me tocando com suavidade. – Vá trabalhar, minha linda. Obrigado

pelo que fez por mim hoje. Nunca vou esquecer, Raissa, falo sério. Foi o melhor presente de

aniversário que ganhei... Quer dizer, não sei, compete com o carrinho de controle remoto que meu pai

me deu quando eu tinha dez anos.

Rimos juntos.

– Não seja por isso, posso te dar mais tapas se quiser.

Agora sim, gargalhamos.

– Você é brava, hein? Doeu!

– Desculpa...

– Relaxa, eu mereci. – Sorriu de um jeito safado.

– Mereceu mesmo. – Rimos mais.

Calvin me abraçou forte, e acabei o abraçando também.

Eu estava fazendo alguma coisa muito errada. Aquele homem precisava acordar logo pra Jesus.

Não percebia o que estava bem diante de seu nariz? Éramos tudo um para o outro. O cara tinha o meu

retrato em sua cabeceira... gostava do meu sorriso, sentia saudade, ciúmes, desejo... e ainda me adora.

Calvin me ama e não sabe. Coitado. Ou melhor, coitada. A mais fodida sempre sou eu.

Até quando?

31

Atravessei as barreiras do além só para descobrir que voltei ao início de tudo

Sabe quando a gente vai ao shopping e compra tudo o que der na telha, sem importar o preço? É,

eu sei, também nunca aconteceu comigo. Exceto naquela sexta-feira. Passei muito tempo desanimada,

esperando que aquele dia jamais chegasse, contudo, quando me vi diante de um acontecimento

inevitável (Calvin jamais me perdoaria se eu não me desse o trabalho de dar alguns passos até a casa

ao lado), permiti-me torrar toda a minha grana com o único intuito de arrasar naquela maldita festa.

Eu sabia que ia chover vadia. E pior do que aturar vadia é aturar vadia que se veste bem (pode

ser recalque da minha parte, mas sempre nutri uma espécie de ódio mortal por putinhas metidas a

patricinhas). Já era certo que eu ficaria me sentindo um peixe fora d'água, então pelo menos devia ser

um peixe estiloso, que chama a atenção do aquário, fecha o trânsito e arrasa quarteirões.

As mulheres que o safado come costumam ser bonitas, mas eu acordei a fim de ir além da

beleza. Estava disposta a deixar a minha presença marcada, mesmo sabendo que ficaria por pouco

tempo (pretendia ir embora no instante em que o Calvin começasse a me ignorar para dar atenção às

outras convidadas). Sendo assim, fiz o possível para montar um *look* perfeito (baseado em todos os

episódios de “Esquadrão da Moda” que já assisti).

Agradei aos céus porque a comemoração ia começar supertarde (só o Calvin para marcar uma

festa que tem seu início às onze horas da noite), pois acabei tendo tempo para ir a um salão de beleza

também. Fiz questão de fazer uma espécie de penteado, que na verdade foi uma escova benfeita

acompanhada por cachos grandes da metade até as pontas dos meus cabelos. Paguei por uma

maquiagem mais profissional também, e, devo confessar, fiquei com cara de modelo de revista. Passei

um tempão me olhando no espelho retrovisor do meu carro enquanto dirigia de volta para casa,

namorando a minha própria imagem.

Meu ego tinha de estar lá em cima, pois eu ia precisar dele.

O modelito escolhido foi uma saia preta de cintura alta, com alguns botões em formato de

caveira decorando nas laterais. As caveirinhas eram todas de ouro (por isso aquela merda foi tão

cara!), e combinaram perfeitamente com a blusinha dourada que comprei. Era de um tecido bem leve,

esvoaçante, e as alças finas eram feitas de correntes também de ouro. Coloquei um brinco pequeno

para não ficar tão perua, mas abusei nas pulseiras.

Completei tudo com uma meia calça preta e botas de salto agulha com cano curto. Nunca usei

um troço tão desconfortável na minha vida (até treinei um pouco andando pela minha casa, não podia

arriscar cair de cara no chão, pois não era assim que eu queria ficar conhecida na festa), mas juro que

foi o toque final para completar o meu estilo “a garota fantástico”.

Coloquei o perfume que só uso em festas (e em encontros casuais com o Calvin) e me senti

fechando de cadeado. Não estava nem um pouco ousada ou vulgar, muito pelo contrário, a roupa

escondia tudo na medida certa. Achei que o meu diferencial seria justamente este; não precisava me

exibir para ser uma mulher realmente bonita.

Eu já escutava música eletrônica no volume máximo quando fiquei pronta (bem antes disso,

até), provavelmente vinda do quintal do Sr. Klein. Fiz questão de atrasar e de sumir da visão do

Calvin; mesmo sabendo que ele tinha conseguido folga naquele dia, evitei encontrá-lo antes da festa.

Nem perguntei se o coitado precisava de ajuda, todos os meus holofotes estavam mirados na minha direção.

Achei que tinha acertado em cheio quando saí de casa. Em segundos, chamei atenção de todos os

que estavam circulando no jardim, homens e mulheres. Dei uma olhada geral, e reparei que,

realmente, havia muito mais mulheres do que homens. A diferença chegava a ser gritante. Como o

previsto, todas estavam vulgares demais, exalando perfume enjoativo. Tive vontade de vomitar

durante o curto percurso até a varanda do Calvin, porém continuei mantendo a postura ereta e o olhar

centrado.

A porta estava aberta. Muita gente (mulheres) circulava por ali com liberdade. Vi um grupinho

de vadias sentadas no sofá, fofocando sobre alguma coisa fútil. Riram como galinhas chocas, mas

pararam quando adentrei o ambiente. Não me importei. Nunca vi ninguém mais gordo, sequer me dei

o trabalho de ser educada. Procurei Calvin pela cozinha, mas só encontrei gente pegando suas bebidas

à vontade enquanto gargalhavam alto.

O único rosto conhecido que encontrei até finalmente chegar ao quintal foi a Karen-quenga, que

estava de papo com uma mulher alta, magra e loira. Parecia modelo de passarela, a vagabunda. Por um

instante, achei-me medíocre. Meu título de garota fantástico estava comprometido com a presença

daquelazinha.

Karen me localizou e riu um pouquinho, acenando de leve. Retribuí com um sorriso falso. A

Gisele Buindchën do Paraguai também se virou para dar uma conferida em mim. Deve ter gostado do

que viu, pois sorriu amplamente. Certamente possuía os mesmos gostos sexuais que a Karen.

Passei dois segundos de puro recalque desejando não estar naquela festa. A verdade era uma só:

eu não podia competir com aquele bando de mulher vulgar. Elas eram lindas demais, com atrativos em

abundância (peitos, bocas, bundas, barrigas-tanquinho de fora), enquanto eu só era uma garota de

beleza comum, uma “bonitinha” que todo mundo acha parecida com alguém.

No terceiro segundo, já tinha colocado todas as minhas péssimas conclusões no lixo. Eu não

era uma mulher comum. Afinal, quantas daquelas vadias já estiveram na cabeceira do Calvin? Aposto

que elas só ocupavam o curto espaço da cama. Alguma coisa eu significava para ele, e isso me faria

especial.

Ergui a cabeça, empinei o nariz e fui andando decididamente até a mesa de madeira embaixo da

palhoça. Tinha gente de todo tipo por ali, a maioria gritante estava de pé, balançando-se no ritmo da

música. Tentei não procurar pelo Calvin, só para não deixar óbvio que estava meio perdida, contudo

acabei o encontrando.

Para a minha surpresa, ele já tinha me localizado. Estava com um grupo repleto de quengas. As

garotas que estavam por perto conversavam e gargalhavam alto demais (tocando nele de propósito),

porém o Calvin parecia alheio a todas elas. A iluminação do jardim ajudou a tornar tudo surreal

demais para a minha mente, principalmente depois que aquele homem decidiu andar até mim.

Não fui capaz de sorrir ou de esboçar qualquer reação, apenas o encarei. Só não me senti

estúpida porque ele fez exatamente o mesmo: manteve-se incrivelmente sério enquanto se

aproximava. Parou à minha frente, mostrando-me pela milésima vez toda a sua intimidante altura.

Calvin estava tão lindo... Mais do que o normal. Vestia uma camisa preta de botões, gola e

manga comprida. O detalhe mais lindo ficou por conta dos primeiros botões, que estavam abertos,

exibindo o colar que lhe dei. Parei nele. Esqueci-me de conferir o restante de seu visual. Não ligava

para mais nada, sinceramente.

Toda a fonte dos meus desejos estava bem na minha frente.

Calvin olhou para os lados, todo encabulado. Juro por Deus que ele fez isso, foi impressionante.

Quando tornou a me olhar, achei que estivesse com raiva de mim por algum motivo desconhecido. A

expressão era de ódio... De alguma coisa negativa. Congelei. Droga! O que eu tinha feito?

– É assim que não quer me provocar? – rosnou baixo para que ninguém lhe escutasse. Arregalei

os olhos.

– Hã?

– Não se faça de desentendida, Raissa. Você apela, e depois quer se fazer de santa.

Putá merda... Eu já não estava entendendo mais nada. Procurei na minha cabeça por alguma

lembrança sobre todos os meus passos até ali, e não achei absolutamente nada pelo que o Calvin

pudesse me acusar. Sequer havia falado com alguém.

– O que fiz agora? – Abri os braços, começando a me indignar. Havia torrado grana e passado

horas me arrumando para que ele viesse todo ignorante daquele jeito?

– O que significa isto? – Apontou para mim, e me senti um objeto. O “isto” foi para se referir a

mim? Sério, produção? – Está todo mundo te olhando.

Reparei ao redor. De fato, estava todo mundo me olhando mesmo. Mas só porque o Calvin

estava falando comigo, claro. As vadias tinham parado de conversar só para me olharem como se eu

fosse uma tragédia que acabava de acontecer no quintal. Havia alguns poucos homens, que também

olhavam para nós.

Precisei rir. Foi mais um desabafo para tentar engolir o que o Calvin estava falando. Continuava

sem entender bulhufas.

– O que é que tem? – incitei. Olhei para as minhas roupas recém-compradas. Ainda estavam com

um pouco de cheiro de loja. – Não estou com os peitos de fora, como metade da sua festa está. Qual é

o seu problema comigo, Calvin?

– Ultimamente, meu problema tem sido você.

Arquejei. Olhei para os lados de novo, desta vez me sentindo envergonhada.
No caminho,

descobri um copo na mão do Calvin. Era isso... Podia explicar tanta
estranheza. O cara devia estar

bêbado já. A ausência do sorriso, as expressões severas, a voz esquisita...

Sorri. Não ia ser vítima daquela situação.

– Sou parte da solução, meu bem... – Peguei o copo em suas mãos e dei um
gole grande. Quase

cuspi tudo para fora. Aquela merda estava muito forte. Acho que era
whisky misturado com alguma

coisa.

Engoli tudo, sentindo a minha barriga esquentar e a garganta arder.

Calvin tomou o copo da minha mão e se aproximou mais, deixando nossos
rostos muito

próximos um do outro.

– Se eu pudesse, te solucionaria na minha cama.

Ai, meu Deus. Meu corpo fraquejou, e não foi pouco. As minhas pernas
amoleceram

consideravelmente, e ninguém tem ideia da força que fiz para permanecer
de pé.

– Mas não pode. – Ri com desdém. Não tinha muita paciência para
bêbados.

Calvin grunhiu. Segurou o meu queixo, apertando-o um pouco. Pensei em
me afastar, mas só

esperei que fizesse o que estava em sua mente. Ele observou a minha boca, prendeu os lábios e soltou

um longo suspiro. Os olhos se ergueram até encontrar os meus. Seu toque foi se suavizando.

– Desculpa... Acho que exagerei na bebida. Posso começar de novo?

– Acho bom mesmo – murmurei. – Você bêbado se torna um ridículo.

Ele riu, mas senti ainda os resquícios da raiva atravessar seu olhar.

– Não se engane, Raissa, por mais sóbrio que eu fique, você já tirou parte da minha sanidade. Só

vou recuperá-la quando estiver dentro de você de novo.

– Sinto muito, terei de interná-lo no hospício.

Desta vez Calvin riu de verdade. Acabei o acompanhando. O clima pesado do princípio foi se

desfazendo devagar, e melhorou ainda mais quando ele me deu um abraço bem apertado. Não foi nada

atrevido ou qualquer coisa assim, foi só um abraço entre pessoas que se conhecem.

– Posso ou não começar de novo? – pediu.

– Comece...

Ele segurou as laterais do meu rosto. A expressão se modificou totalmente, só consegui

encontrar vislumbre. Era o que eu queria, só isso. Aquela raiva anterior não era o meu objetivo, se

bem que, pensando bem, era ótimo que sentisse raiva por ser tão idiota a ponto de nos impedir de

sermos um só.

– Você está linda, Raissa... – murmurou, depois passou a língua pelos lábios. Os olhos se

fecharam um pouquinho. – Está tão linda que eu desejaria ser o único a te olhar.

Olha o ciúme aí de novo, minha gente! Não importa a fatura do meu cartão de crédito, aquelas

compras tinham valido cada centavo.

– Há muitas formas de se tornar único, Calvin.

Ele me largou. Mas eu já previa.

– Raissa... – Seu olhar foi de desespero completo. Consegui ver nitidamente o medo de se

entregar, coisa que nunca tinha visto antes. Sabia que existia, sempre soube, mas ter aquela certeza me

fez bem. Minha luta não era em vão. Havia um homem machucado por trás de tanta safadeza.

– Esquece. Vamos curtir a festa.

Tornou a me segurar, só que desta vez foi pelos braços.

– O que está fazendo comigo? O que quer de mim?

Desespero. O cara estava desesperado. Obviamente fazia toda aquela cena por causa da ajuda do

álcool. Calvin sente algo por mim... Eu sei. Sou capaz de sentir. Desconfiei na quarta-feira, porém tive

certeza exatamente naquele instante. E a festa acabou valendo a pena, pois tive duas comprovações em

menos de um minuto.

Dei de ombros, chacoalhando-os.

– Nada.

Calvin me soltou rápido.

– Nada? – Minha nossa... Sempre achei muito verídico o ditado que diz: “a bebida entra e a

verdade sai”, mas não sabia que era tanto. No caso do Calvin, talvez a verdade não saísse

completamente, só que aquelas expressões não conseguiam esconder nada. Sua decepção diante do que

falei foi tão grande que cresceu várias rugas em sua testa.

– Nada – assenti. – Enfim, vou pegar alguma bebida. Esse troço que você está bebendo é ruim

pra caramba...

Fui me afastando como quem não queria nada. Chega de ter um cara lindo na minha frente,

precisava me concentrar em outra coisa, do contrário quem precisaria ir a um hospício seria eu.

Pensei que o Calvin fosse impedir o meu afastamento, mas não. Ficou me olhando enquanto eu

ia até uma caixa de isopor bem grande, localizada ao lado da churrasqueira apagada. Fingi que não

percebi o seu olhar sobre mim.

Escolhi uma garrafinha de vodka *ice*. Ainda analisei o que havia de comida em cima da mesa de

madeira; tinha tanta coisa bonita (também como com os olhos) que não me segurei, acabei roubando

alguns bagulhos que eu nem sabia o que eram. Só sei que estavam bons. E que havia sido ele quem

tinha feito.

– Raissa Magalhães... Tudo bem?

Um cara me chamou atenção. Fiquei alarmada por ele saber o meu sobrenome, e me espantei

ainda mais quando me virei e vi o corretor bem na minha frente. Um segundo foi necessário para que

um filme passasse e eu me lembrasse de que aquele homem era o irmão do Calvin.

– Oi... Oi!

Ele estava sorrindo. Não consegui ver muita semelhança nos irmãos, acho que porque o formato

da boca não tinha nada a ver (não me culpem, reparei mesmo no desenho da boca do cara). Ele parecia

ter uns trinta e poucos anos. Era bonitinho, mas só. Calvin com certeza era mais alto e sarado. Os

cabelos pretos eram basicamente os mesmos, mas os olhos do irmão eram mais claros, meio cor-de-

mel.

– Não se lembra do meu nome, né? Lembra de mim, pelo menos?

– Sim, sim... O corretor... Irmão do Cal... – Parei. O cara não fazia ideia de quem era o “Calvin”,

certo? Por um instante, morri de medo de saber o nome verdadeiro do meu vizinho daquele jeito.

Sempre criei a ilusão de que seria em um momento especial repleto de beijos e juras eternas de amor,

não diante de um acaso. – Você me vendeu o 104.

– É isso aí! Está gostando?

– Aham. Adorando.

Pena que você não me contou a verdadeira história por trás desta casa, seu idiota. Devia ter me

falado. Se bem que... Certo, era para você não ter me falado mesmo. Troco pouca coisa pela minha

casinha no 104 e pelas experiências sensacionais que já vivenciei nela.

– Espero que meu irmão não esteja lhe importunando. – Como eles eram diferentes! O irmão do

Calvin não sabia soltar um sorriso malicioso, embora estivesse tentando. – Sou o Carlos... Mas todo

mundo me chama de Júnior... Ou Juninho.

– Ah... Ok. – Ok mesmo. Acabo de descobrir o nome do meu futuro sogrinho falecido. Continuo

sendo positivista, eu sei.

Carlos me deu dois beijinhos na bochecha, e eu fiquei com aquela vergonha que todo mundo

sente quando acaba de trocar os tais beijinhos-cumprimento.

– Perdoe-me o atrevimento, mas você está muito bonita.

Quis enfiar a minha cabeça no chão, igual a um avestruz. Os roteiristas da minha vida deviam

estar mesmo de brincadeira. Era inacreditável que eu estivesse diante do irmão do Calvin, e que o cara

estivesse tentando me flertar.

Minha primeira reação foi verificar as suas mãos. Tentei encontrar uma aliança, qualquer coisa

que pudesse me colocar na cabeça que o seu comentário havia sido inofensivo, mas não encontrei

nada.

Olhei ao redor, sem graça, e vi o Calvin do outro lado do quintal, observando-nos. Sua cara daria

uma foto, e eu faria questão de moldurá-la só para exibi-la em minha sala. Na moral, ele estava

revoltadíssimo. Parecia indignado.

Sorri. A oportunidade fez a cadela que habitava em mim começar a latir alto.

– Obrigada... Muito gentil da sua parte. – Pisquei um olho de propósito.

Carlos fez um esforço absurdo para encontrar algum assunto interessante. Falou da festa, do

quintal, do clima daquela noite, das mulheres vulgares demais (segundo ele, era típico de seu irmão

fazer uma festa com aquele tipo de frequentadores, e não me admirei), e por fim voltou a dizer que eu

estava bonita, com o adicional de que era a mais linda da festa.

Fiquei toda satisfeita. Qual mulher não gosta de ser elogiada? Além de que era exatamente

aquilo que eu queria, não? Ser o destaque? Foi muito bom descobrir que alguém reconhecia o trabalho

que tive para me tornar apresentável.

Só que o irmão do Calvin estava começando a me assustar. Não queria dar bola para ele, jamais

quis criar expectativas em outro alguém que não fosse aquele que habitava o meu coração nos últimos

tempos. Estava fazendo sem perceber, só porque sabia que atingiria o meu alvo em cheio, e isso não se

faz. A apresentação despretensiosa (da minha parte, sim) se transformou em uma longa conversa,

regada a *ice* e os diversos quitutes que preenchiavam a mesa.

Tinha noção do Calvin nos observando de longe, vez ou outra. Ele tentava dar atenção as suas

vadias, que estavam cada vez mais animadas (bêbadas), mas suas tentativas estavam frustradas. Não

fui a única a perceber isso. Comprovei quando o Carlos saiu para ir ao banheiro e me deixou sozinha

por alguns minutos.

Karen-quenga se aproximou devagar.

– Oi, Raissa...

Encarei-a com indiferença. Ainda tinha a lembrança vívida do Calvin lhe oferecendo o meu

gosto de bandeja. Que vergonha! Aquela mulher havia praticamente me chupado. E eu a detestava.

Tudo nela me enchia de raiva, começando pela beleza estupenda e terminando naquele sorrisinho

cínico.

– E aí?

– Hum... Posso te dizer uma coisa, querida?

Tentei permanecer indiferente, mas seu olhar sério me alarmou.

– Diz.

– Se eu fosse você, não faria isso.

– Faria o quê?

Uma parte de mim sabia do que ela estava falando, mas me fiz de desentendida mesmo assim.

– Não o provoque assim. Ele gosta de você. Não fala de outra coisa, está se tornando um chato. –

Karen suspirou alto. Juntas, olhamos na direção de onde o Calvin estava. Ele conversava com o

protótipo da Gisele Bündchen, parecendo muito interessado. Filho de uma puta! (Ops, desculpe-me,

Sra. Klein) – Nunca o vi tão diferente. Está mudando... Aos poucos, mas está. E sei que é por sua

causa, não sou boba.

Fiquei calada porque não sabia o que dizer. Podia me defender, mas me poupei do trabalho. E da

mentira. Afinal, eu estava mesmo provocando, e de propósito. Mas eu tinha um motivo forte. Estava

cansada de ser sempre trocada, sempre escanteada, sempre magoada. Era um ciclo vicioso que só me

trazia depressão.

Por outro lado, as palavras da Karen-quenga me fizeram sorrir. Eu estava sofrendo, mas também

conseguindo. Se o Calvin falava sobre mim com a melhor amiga, alguma coisa isso precisava

significar. Algum avanço aconteceu.

– Deli odeia o irmão, Raissa. Não faz isso. É demais pra ele.

Aquiesci.

– Promete?

Karen me encarou de um jeito afetado, segurando meus ombros. Encarei-a de volta, muito séria.

Ela não estava brincando.

– Não estou fazendo nada – defendi-me.

Fez uma careta.

– Por favor, Raissa. Não quero que o machuque.

Ri com desdém. O que aquela putinha sabia sobre ser machucada?

– Machucar? Caramba, você não faz ideia do que ele já me fez, Karen... Do quanto já me

machucou.

– Tenho ideia, sim. Tento aconselhá-lo, mas ele é cabeça dura. Você sabe disso. Se bem que... –

ela parou, refletindo um pouco sobre o quealaria em seguida: – Não quero perdê-lo. Não é vantagem

para mim que ele fique contigo. Só não quero que o machuque, somente.

Desta vez, quem fez uma careta enorme fui eu. Maldita! Claro que não estava jogando no meu

time. Ela queria ter ménages infindáveis com o Calvin e outras vadias. Não queria perder sua principal

fonte de prazer, o cara que lhe ajudava a conquistar mulheres gatas não lésbicas. Provavelmente os

conselhos que Karen dava ao Calvin envolviam não dar bola para mim ou para o sentimento.

Fiquei ligada na dela muito rapidamente. Quase lhe dei um tapa bem dado na cara de cachorra,

só não fiz porque não era este tipo de atenção que eu queria chamar naquela festa. O problema foi

conseguir me conter. Estava quase explodindo de raiva daquela nojenta.

– Qual é a sua, hein? – falei alto demais. Diminuí a voz gradativamente. – Sua tentativa de dar

uma de amiguinha é patética.

Karen-quenga bufou, meio constrangida.

– Estou tentando te ajudar, e é assim que agradece?

– Ajudar? Não subestime a minha inteligência – rosnei. – Sei muito bem o que quer: que eu saia

do caminho bem depressa. Por que se deu o trabalho de vir falar comigo?

Karen riu, deixando sua máscara cair. A expressão que fez deixou óbvia suas más intenções.

– Você é muito idiota, Raissa. Deli vai continuar te machucando até você perder o respeito por

ele. E é aí que vai ter a bela ideia de machucá-lo também. Vai conseguir, se isso envolver o irmão. E

então Deli nunca mais vai querer te ver, nem pintada de ouro. Ponto para mim.

Ai, que ódio! Contive a minha vontade de esbofeteá-la ali mesmo. Foi difícil, devo acrescentar.

Precisei de todo o meu autocontrole.

– Era este o seu plano? – rosnei de raiva.

– Não. É a minha previsão para o futuro. Só estava dando uma mãozinha. –
Gargalhou, cínica até

demais. Imaginei-a como uma vilã da novela das nove. Vadia-mor. – Nunca
vai conseguir, Raissa.

Não espere amor ou carinho de quem não sabe dar. Acho bom você evitar
todo o estresse e partir para

outra.

Minhas mãos começaram a coçar. Merda. Eu ia bater nela. Só faltava um
fiozinho tênue para ser

partido. Aí eu deixaria a louca perturbada tomar conta do meu ser. Mataria
aquela mulher na porrada.

– Farei isso, só porque você quer – ironizei.

– Tenho pena de você. Sabe o que Deli planeja, de verdade? Nós três em
uma cama. Ele sabe o

quanto te acho deliciosa. Só está te conquistando... Te jogando em nossa
rede. – Karen teve a audácia

de tocar nos meus cabelos. – Você é difícil, mas não é impossível.

Como é que é?

Senti-me tão ultrajada, enojada e humilhada que não me contive. Era
demais para mim. Aquela

louca pirada só podia estar muito fora de si para dizer um absurdo daqueles.
Que maníaca!

Empurrei a Karen-quenga com a maior força que consegui reunir. Gritei alto, tomada pelo ódio,

e nem conferi se todos da festa já tinham parado para nos olhar. Provavelmente sim, porém não me

importei. Nada mais importava além de quebrar a cara da filha de uma mãe.

Karen caiu de costas na grama do quintal, e me pus em cima dela em um segundo, mesmo

estando de saia. Comecei a lhe dar socos como faziam os meninos no recreio do Ensino Fundamental.

Puxei os cabelos pretos da louca com força, sob seus gritos e protestos.

Senti as primeiras mãos tentando me tirar de cima dela, mas as ignorei. Continuei batendo,

espancando, deformando a cara da nojenta como nunca fiz com ninguém em toda a minha vida. A

maldita nem conseguiu se defender. Minha raiva e força eram muito maiores, ela não teve sequer uma

chance.

– Infeliz! – berrei alto. Só então percebi que estava chorando de raiva. Outras mãos surgiram;

umas me pegaram por trás, outras tentavam tirar a Karen do chão. – Vadia de uma figa! Puta dos

infernos!

– Raissa... Raissa, pare... – Visualizei uma mão espalmada na minha frente. Era do Calvin. Não

era ele quem me segurava, como supus. Em vez disso, tinha se colocado entre mim e a Karen. – Solte-

a... Vamos, solte-a – falou para alguém que estava atrás de mim. A pessoa não me largou. – Solte,

Carlos, que droga!

A minha respiração ofegante e entrecortada foi a única coisa que consegui ouvir durante o tempo

que o Carlos levou para me soltar. Calvin me tomou em seus braços e me guiou para o desconhecido.

Deixei-me levar, sem forças, até que me lembrei do que a Karen havia dito. Fiz de tudo para me soltar,

e consegui quando chegamos até o jardim da frente.

Uma olhada me fez perceber que não tinha muita gente ali, provavelmente porque todo mundo

havia ido ao quintal conferir a briga que estava rolando. Calvin não me olhou, mas foi andando até a

portinha de madeira, provavelmente porque queria mais privacidade. Parou em frente a ela.

– O que aconteceu, pelo amor de Deus? – perguntou-me, muito contrariado.
– Você não é disso.

Sei que não é.

– Aquela puta... – Apontei para a varanda da casa dele. Parei e comecei a chorar sem pausas,

soltando soluços e gemidos. Calvin permaneceu quieto, apenas me observando com seriedade.

– O que ela te disse?

Pensei um pouco. Diria a verdade? Fiz a minha escolha.

– Que você estava tentando me conquistar só para me colocar na cama junto com ela! – berrei,

desesperada. Lágrimas fartas jorraram sem pudor.

Calvin arregalou os olhos, e no mesmo instante um grupo de garotas saiu da casa dele e nos

alcançou. Karen estava junto com elas. Não pensei duas vezes, alcei vôo na direção da sujeita. Fui

impedida pelo Calvin, que me segurou com força. Gritei de ódio.

– Eu não fiz nada com essa louca, Deli! – Karen-quenga tentou se defender, mas o Calvin me

abraçou forte e colocou seu corpo na minha frente, impedindo-me de avançar. Cínica! Cravei minhas

unhas na nuca dele, morta de raiva. Inspirei seu cheiro só para me acalmar.

– Vá embora, Karen – Calvin mandou.

– O quê? Deli, vai acreditar nela? Estou dizendo que não fiz nada. Ela se sentiu ameaçada e me

atacou.

– É mentira. Vá embora – Calvin falou com muita rigidez. Sorri de alívio, ainda chorando em

seus braços.

Sua defesa me encheu de alegria.

– Não acredito nisso, Deli! – Karen ficou muito indignada, e tive vontade de rir da sua cara de

quenga (que agora estava com sangue jorrando aqui e ali). – Vai jogar fora anos de amizade? – Calvin

não respondeu nada, e a vadia bufou. – Vou levar as garotas comigo, ouviu?

Ele me abraçou com ainda mais força.

– Pode levar. Não me importo.

Ouvi alguns cochichos, provavelmente vindos das vadiazinhas, amigas da maldita. Eu não

conseguia ver nada porque o Calvin não deixava. Ainda estava agarrada ao seu corpo como se a minha

vida dependesse disso.

– Raissa sabe o que você pretendia? – Karen prosseguiu. – Aposto que não.

Venenosa. Ela queria soltar veneno antes de ir?

– Vá embora, Karen...

– Do que ela está falando? – Ergui a minha cabeça para observá-lo. Calvin me encarou

nervosamente. Ih... Ali tinha coisa. E uma coisa não muito boa.

Desvencilhei-me prontamente, porque já premeditava nova tragédia (quase como a mãe Diná).

Fiquei olhando para o Calvin, e ele continuou me olhando de volta com pesar.

– Não contou quantas mulheres há na festa, Raissa? – A maldita riu um pouco, sendo

acompanhada por algumas das vadias. Olhei para elas. – Somos vinte e cinco. Vinte e seis, com você.

Mas você é café com leite. Não conta.

Franzi a testa.

– Karen... Vá embora, agora! – Calvin falou, indignado. – Não há necessidade disso.

A maldita o ignorou. Estava me olhando com ódio.

– Cada mulher significa uma vela no bolo dele, Raissa. Entendeu o que ia acontecer após a festa?

Balancei a cabeça freneticamente. Tinha entendido direito? Não podia ser possível. Karen estava

querendo me dizer que o Calvin ia foder todas aquelas mulheres? Que a festa se transformaria em um

bacanal? Que aquela casa viraria um harém? Puta que pariu!

– Raissa... – Calvin tentou me alcançar, mas dei passos para trás.

Continuei olhando a maldita, que parecia se divertir muito com a minha reação. Depois de

alguns segundos, ela deu de ombros e abriu a portinha de madeira, indo embora sem olhar para trás.

Algumas garotas foram com ela.

Não havia mais ninguém no jardim.

– É verdade? – choraminguei a pergunta, sentindo o gosto amargo da derrota se instalar na

minha boca.

– Não vou negar nada. Você me conhece, sabe do que gosto.

Meu cérebro parecia prestes a explodir.

– Ia foder a festa inteira? – Não respondeu nada. – Ia ou não? – berrei.

– Ia!

– Argh! – gritei alto, avançando, desta vez, para cima dele. Empurrei-o com força pelo peitoral,

e Calvin deu vários passos para trás. Segurou meus braços com força antes que eu começasse a lhe

socar também. – Solte-me!

– Raissa... Eu ia te fazer uma proposta...

– Que proposta, Calvin? Merda! Não aguento mais você. Cansei!

Puxei meus braços com força, e ele me largou. Tudo o que era para ter dado errado naquela

festa, acabou dando mesmo. Minha vontade era de sumir, de ir embora e nunca mais voltar, de

morrer... O que viesse primeiro.

– Ia sugerir uma troca. As vinte e cinco por você – explicou, exasperado. Seu rosto estava todo

vermelho, e não soube dizer se era de raiva ou vergonha. – Juro que as deixaria, Raissa. A verdade é

que eu só queria você nesta noite.

Era só o que me faltava mesmo. Meu nome devia estar em primeiro lugar no *Guinness Book*. Bati

o recorde de maior sequência de acontecimentos inacreditáveis que uma vida poderia atingir.

– Acha que pode me barganhar? – berrei, voltando a chorar de novo. Eu sei, sou muito patética.

– Não sei, estou desesperado. Não percebeu ainda?

Levei as mãos à cabeça e puxei meus cabelos de salão. Se ele estava desesperado, então o que eu

estava? Qual estágio seria pior do que o desespero? Ainda não tinham inventado um nome ideal para

definir o meu estado catatônico.

– Estou percebendo muitas coisas, inclusive o quanto fui uma otária. Sabe o que eu te diria,

Calvin? – murmurei, sem forças. Havia me esgotado de um segundo para o outro. – Que fodesse as

suas vadias.

– Provavelmente, sim. Mas eu arriscaria.

Dei de ombros. Ainda chorava, mas estava decidido: ia embora daquele lugar o mais rápido que

pudesse. Peguei a bolsinha preta e minúscula que eu tinha comprado, retirando de lá as chaves do meu

carro. Quando as coloquei ali, perguntei-me para quê raios precisaria dela. Naquele instante, percebi

que meus poderes da mãe Diná eram mesmo reais.

Karen deixou a portinha de madeira aberta, por isso a atravessei sem dificuldades, deixando o

Calvin para trás. Ele me acompanhou.

– Para onde vai?

– Para bem longe de você. Devia ter ido para lá desde o princípio. – Não me dei o trabalho de

olhar para a cara dele.

– Raissa, você está nervosa... Não dirija assim, por favor.

Era tarde demais. Desliguei o alarme do meu carro e o circulei em segundos. Abri a porta do

motorista e entrei. Calvin não me impediu. Dei partida e saí cantando pneus, sem conseguir raciocinar

sobre para onde eu iria de verdade.

Não me importava. Qualquer lugar estaria ótimo, desde que fosse bem longe daquele... safado (e

este era o adjetivo mais ameno para defini-lo).

32

Defini-lo é como definir a mim mesma: o que faço, o que sou e o que sinto, pois sou ele mesmo

sem fazer ideia de como dois podem viver em um

Dirigi sem rumo durante muito tempo. Peguei uma BR só para me distrair (e para poder pisar

fundo sem pena; quanto mais rápido, melhor). Fiquei me sentindo naquela música do Roberto Carlos,

em que ele provavelmente leva chifres, pega seu carro, segue em alta velocidade e vai se lamentando,

gemendo aos quatro cantos, exaltando o quanto está perdido e infeliz. Deprimente, eu sei. Seria

engraçado se a perda não fosse eu.

Segui rumo ao interior do estado durante quase quarenta minutos. Meu coração se acalmava aos

poucos, enquanto eu me concentrava no asfalto e nas placas de sinalização. Tentava compreender o

que havia acontecido. Cada detalhe foi selecionado e minuciosamente estudado pela minha cabeça

parcialmente calculista. Foi muita reflexão... Muitas lágrimas, muita tortura mental.

Decidi pegar um retorno para voltar à cidade (quando não se tem para onde ir, a gente sempre se

lembra de voltar), pois já estava me sentindo uma louca perturbada. Parei em um posto de gasolina,

aqueles de beira de estrada, só para abastecer. Acabei comprando chocolates na loja de conveniência;

e, claro, o meu fim de noite se tornou um pouco melhor, embora não menos dramático (sério, mais

dramático do que lágrimas e estradas desertas, só lágrimas, estradas desertas e chocolate).

Coloquei todas as vantagens e desvantagens da situação na balança. Por incrível que pareça,

depois que medi tudo, as coisas pareceram vantajosas até demais para mim. Pensa direitinho: Karen

havia me procurado de propósito, então certamente ela se sentiu ameaçada com a minha presença na

festa. Se fui capaz de ameaçá-la, foi porque também percebeu a mudança que eu podia perceber no

Calvin.

Eu o atingia. Ela sabia. Eu sei. Só ele que não sabe ainda.

Karen era sua melhor amiga (se bem que, depois daquela, ficou muito claro que a relação deles

nunca foi de amizade), não podia ter feito aquela cena toda de graça, sem mais nem menos. A única

coisa que prezava era a troca de favores sexuais, e espero que o Calvin tenha aprendido o que eu já lhe

disse há algum tempo: aquela mulher nunca foi sua amiga de verdade.

A intenção da nojenta era mesmo me atingir, e pior, me separar dele; fazê-lo ficar contra mim

ou o contrário, o que acabou acontecendo, visto que fui embora morrendo de raiva. Mas, poxa... O

safado mereceu. Seus planos mirabolantes para foder as mulheres da festa (menos eu!) eram nojentos

e ridículos.

Confesso que passei a maior parte do tempo imaginando como o Calvin faria aquela proeza.

Certamente não daria conta de todas, então elas começariam a se tocar também. Credo. Sem contar

que ficariam se revezando para receber a atenção dele; haveria mais de uma mulher para cuidar de

cada parte de seu corpo. Uma confusão sem igual. Uma tosquice aguda. Será que aquelas vadias

estavam cientes do que aconteceria? Pelo visto, sim. E aceitavam de bom grado.

Karen-quenga devia ter planejado aquilo junto com o Calvin. Arranjar vinte e cinco mulheres

dispostas a entrarem em um harém não podia ser uma tarefa fácil (eu ainda acredito na humanidade ou

sou inocente demais?). Pensei nos homens da festa. Eram poucos, mas existiam. Será que

participariam também? E o Carlos, participaria? Minha nossa... As dúvidas acabavam comigo, mas as

certezas me deixavam ainda mais morta e enterrada.

Meu celular tocou algumas vezes. Em uma delas foi a Lilian, mas eu não estava a fim de atendê-

la. Não queria falar com ninguém. Logo em seguida, um número desconhecido começou a insistir

muito. Acabei atendendo na quinta chamada, pois estava ficando temerosa, com medo de que alguma

coisa grave tivesse acontecido.

Entretanto, para minha surpresa, era o Calvin.

– Alô?

– Ah, Raissa... Graças a Deus!

Merda! A voz dele estava desesperada.

– Como conseguiu meu telefone?

– Peguei com a sua prima... – Ah, é, Lilian devia ter amado receber a ligação dele.

– Espero que você não tenha preocupado a minha família.

– Não, não falei nada. Só pedi seu telefone, juro. Raissa... Volta pra casa. Por favor.

Olhei ao redor. Já estava na cidade de novo, e as ruas estavam mais desertas do que quando as

deixei. Devia ser perto das três da manhã, na melhor das hipóteses.

Achei legal o Calvin não perguntar onde eu estava (não saberia responder direito mesmo). Só

pediu para que eu voltasse.

– Volto quando eu quiser. Sou livre.

Ele arquejou, acho que decepcionado. Tanto faz, também estava muito decepcionada.

– Por favor, Raissa. Estou preocupado. Volta... Por favor. Não vou me perdoar se alguma coisa

acontecer contigo.

Engoli em seco. Meu Deus... O que pensar? Como pensar? Desaprendi.

– Vá comer suas vadias. Preocupe-se com elas.

– Eu te avisei... Avisei mais de mil vezes... Falei que te machucaria. É a única coisa que eu sei

fazer.

– Não estou machucada. Ganhei aquela briga com a sua melhor amiga, ela que quebrou a cara!

Calvin riu, mas foi só um pouquinho. Não sei por que, mas acabei o acompanhando.

– Todos já foram embora – comentou. – Volta, Raissa.

– Todas? – enalteci o feminino.

– Sim. Eu... Planejei esta festa há muito tempo, mas nada faz sentido agora. Me perdoa, Raissa...

Devia ter percebido antes.

Um lado meu teve pena, mas mandei que ficasse quietinho, reduzido à sua insignificância, mais

calado que mineiro na hora do almoço.

– Percebido o quê? – quase gritei. Estava ficando mais nervosa ainda.

– Que não faria sentido.

– O quê não faria sentido, Calvin?

Parei em um sinal vermelho. Podia avançar por causa da hora elevada, mas estava quase

explodindo de ansiedade.

– Ficar sem você. Volta, Raissa... – Permaneci muda, estarecida. Fechei os olhos, afundando no

banco do carro, e lágrimas escorreram. Depois, como uma bobona, sorri. – Por favor, eu... eu... –

Parou.

Ai, meu Deus! Você o quê, Calvin? O maldito parou de vez. Pensei em lhe perguntar (será que

ele diria a frase mágica? Minha nossa senhora dos perdidos na estrada... Tende piedade de mim!), mas

o sinal ficou verde e me concentrei em dar partida. Estava muito deserto, e um assalto era a última

coisa de que eu precisava.

– Estou voltando... – sussurrei.

– Obrigado.

– Não estou voltando por você, muito menos para você – menti feio. Nem sei como consegui

fazer charminho diante de seu desespero.

– Não importa, desde que volte. Agora, vou desligar para que dirija com atenção. Por favor,

venha devagar.

Calvin desligou mesmo, e nem me deu tchau. Argh. Não pude questionar nada. Só me restou

obedecê-lo.

Sentindo-me bem mais calma, mesmo que um turbilhão acontecesse nas minhas ideias, voltei

para casa sem maiores problemas. Estacionei em frente ao nosso jardim, como sempre. Calvin estava

me esperando, sentado na escadinha de sua varanda. Soltou o ar dos pulmões quando me viu, e se

levantou depressa.

– Desculpa... – adiantei, aproximando-me dele. – Estraguei a sua festa.

– Não me importo.

Calvin ainda vestia a mesma roupa, só que parecia meio surrada, como se tivesse bebido demais

ou sofrido demais. Tentei acreditar na segunda opção.

– Menos mal. – Parei na sua frente.

– Onde esteve? – Que olhar esquisito era aquele?

– Por aí. Precisava pensar.

– Conseguiu? Eu não consegui.

– Não sei direito. É complicado.

Aquiesceu.

– Me perdoa... – murmurou. Parecia altamente envergonhado. Contudo, eu queria muito mais

que um pedido de perdão. Queria a redenção total daquele safado. Só assim, quem sabe, eu realmente

o perdoasse. Porque, vou te dizer, a raiva que já senti daquele homem ultrapassou qualquer limite do

possível.

Eu não sabia que podia sentir extremos tão intensos pela mesma pessoa.

– Perdoar pelo quê?

Calvin desviou os olhos. Pensou um pouco mais.

– Por não ter te dito antes o que estava planejando.

Sério, brochei. Se eu tivesse um pau duro, ele teria ficado mole no mesmo instante.

– Que diferença faria? – Foi uma pergunta retórica, pois eu sabia que não faria diferença alguma

para mim. O meu ódio seria exatamente o mesmo.

Calvin cerrou os olhos com força. Evitou me encarar. Os lábios estalaram com irritação.

– Eu não sei. Só sei que você sempre tem razão. Karen não podia ter feito o que fez. Não me

conformo... Ela mentiu feio, mentiu pra mim, pra você... Raissa, eu juro que o que aquela louca te

falou é mentira. Acredite em mim, por favor. Eu me arrependo até hoje de ter proposto dividir você

com ela. Se eu pudesse voltar no tempo, eu... eu...

Fiz uma careta de sofrimento. Ele estava usando a mesma, eu acho.

– Da próxima vez, escolha melhor as suas amizades.

E, de preferência, mude de atitude.

– Não, já chega. Não quero amigos... Não quero troca de favores, não quero relações

pretensiosas. Serei como você, uma pessoa que prefere a solidão a companhias inúteis.

Eita... O coitadinho se revoltou.

– Eu não estou certa com relação a isso. Todo mundo precisa de amigos, Calvin.

– Já tenho uma amiga. – Finalmente me olhou. – Bom, se ela puder me perdoar.

Isso... Faz isso, Calvin. Maltrata a garota e depois joga ela na *friend zone* de novo. Muito típico

de você! Mas se lembre de que onde joga um, jogam dois.

– Não vou te perdoar por ser quem é.

Calvin arquejou ruidosamente.

– Tudo bem, Raissa, não sei mais o que fazer contigo. Acho melhor irmos dormir. Desisto.

Ele desistia? Alguém pode me dizer o que ele tinha para desistir? Em que momento o Calvin

havia tentado alguma coisa? Pelo amor de Deus, eu havia feito todo o trabalho, e mesmo assim ainda

estava ali.

– Beleza. Tchau.

Entrei na minha casa sem olhar para trás, morrendo de raiva pela milésima vez naquele dia.

Tomei um banho, retirando de mim todo o serviço que foi feito no salão (em vão).

Joguei-me na cama, ignorando a camisa branca do Calvin, que já fazia parte fundamental da

minha roupa de cama. Não tinha mais o cheiro dele, pois eu a tinha lavado, mas era reconfortante

mesmo assim.

Olhei a minha parede da Clarice. Desisti, como o Calvin. Não queria consolo. Queria uma boa

solução, ou outra direção a ser seguida. A ideia de aparecer com outro cara ainda martelava o meu

juízo. O que me impedia era a maturidade. Eu não me perdoaria por uma atitude tão infantil, tão sem

sentido. Não sou uma qualquer, nunca fui e jamais pretendo ser. Não preciso mostrar a ninguém que

posso sair com quem eu quiser. Detesto esse tipo de jogo. Usar outra pessoa para os meus planos era

uma atitude cruel, típica de vilã de novela, o que me faria exatamente igual à Karen.

Estava pensando novamente em desistir quando comecei a ouvir sons no quarto ao lado. Calvin

tinha ligado o videogame. Fiquei em silêncio, acompanhando os ruídos, esperando o sono chegar. Nem

o dele e nem o meu deu as caras.

Acabei indo dormir com o cantar de um galo, porém com uma nova ideia na mente. Sabia com o

quê presentearia o Calvin. Ele não estava merecendo, mas, como amigo, estava sendo ótimo para mim.

Eu só fiquei chateada com tudo porque nutria outras intenções. A culpa só podia ser minha mesmo.

Dei um tiro no meu próprio pé.

Precisei sair cedo para visitar os meus pais, por isso quase não dormi. Era sábado, felizmente e

infelizmente. A primeira coisa que perguntaram não teve nada a ver com o meu estado físico ou

emocional; minha família veio logo questionando sobre o paradeiro do meu vizinho. Um saco ter que

responder o que não tem resposta.

De um modo geral, o sábado até que foi tranquilo. Não fui a única preguiçosa, meus irmãos mal

saíram do canto. Dormi durante os filmes da tarde e jantei só por jantar. Conversei pouco, só o

bastante para ninguém perceber que eu não estava cem por cento. Sentia-me exausta, de verdade.

Cansada até para comer (raridade completa), o que me fez perceber que eu estava ficando doente por

dentro.

Fui ao shopping assim que saí da casa dos meus pais. Demorei um pouco, mas encontrei o que

eu queria. Tinha dúvidas e mais dúvidas sobre o quê exatamente comprar (morria de medo de errar e

acabar presenteando o Calvin com uma coisa que não ia servir), mas o vendedor me ajudou bastante, e

acabei realizando uma boa compra.

Quero dizer, eu achei que sim. Só saberia quando visse os olhos do Calvin ao abrir a embalagem.

Esperava lhe causar fortes emoções, pois o presente era significativo. Havia um conjunto de ideias por

trás daquele objeto, e o vizinho com certeza entenderia o que quis dizer.

Pensei em escrever outro bilhete, mas desisti. Não havia nada mais a ser dito. Também estava

cansada de dizer, de espernear, de tentar fazê-lo entender o que ele já tinha entendido (safadeza não é

demência, certo?) e lutava contra.

Cheguei em casa perto das dez horas. Tomei um banho, vesti algo confortável e apenas esperei

por ele, morrendo de medo de vê-lo com alguma vadia naquela noite. Já que o maldito tinha se dado

mal na noite anterior, talvez estivesse pensando em descontar nesta.
Porcaria. Pedi aos céus para que

chegasse sozinho e me desse a oportunidade de lhe entregar o presente.

Deitada na minha cama, olhando e relendo a minha parede – encontrando
consolo, conforto e

força dentro de mim mesma –, ouvi-o chegar. Calvin só abriu a porta do
quarto e se jogou com tudo na

cama, o que me fez pensar que estava com alguém.

Fechei os olhos e esperei os ruídos. Aquela era a sua última chance. De
verdade. Se estivesse

com alguém, jurei por Deus, desistiria de tudo ali mesmo e jamais
entregaria o presente. Nunca mais

pensaria em conquistá-lo.

Posso ser teimosa tanto para seguir quanto para desistir.

– Raissa? – sua voz soou cansada, meio rouca. Meu coração parou no
tempo. Suspirei aliviada,

porque àquela altura desistir seria mais difícil do que continuar. E olha que
continuar não era nada

fácil.

– Calvin – murmurei de volta, quase chorando. Eu estava vivendo no limite.
Meus nervos não

aguentavam mais nada.

– Queria tanto que você falasse o meu nome.

Oh, céus... Alguém me ajude!

Cerrei o punho, tentando não ter um troço. Meu cérebro conseguiu captar uma voz estranha

demais vinda do outro lado da parede. Percebi que o Calvin não estava bem.

– Eu queria muito saber o nome do homem que... – Merda completa. – Mas eu queria ainda mais

saber se ele está bem.

Calvin demorou a responder. Ouvi alguns suspiros.

– Não sei... Acho que estou. Acabei de chegar do hospital.

Sentei-me na cama tão rápido que fiquei tonta. Minha vista embaçou por alguns segundos.

– O que você tem? – Pareci uma maníaca desesperada. Lembrei-me logo da minha avó. Se

alguma coisa acontecesse com o Calvin... Não queria nem pensar nisso.

– Acho que é só uma gripe mesmo.

– Tem certeza? – A gente também pensava que a minha avó estava com gripe! Ai, Senhor! – O

que está sentindo?

– Dor de cabeça, febre... Mas passou, estou medicado. Só me restou a moleza mesmo. Fui ao

médico só para pegar atestado...

– Não foi trabalhar hoje? – Levantei-me da cama e troquei de blusa. Coloquei uma mais casta,

sem decotes e de manga comprida. Decidi trocar o short também, pus um bem menos apertado.

A última coisa que eu queria era ser chamada de provocadora de novo.

– Não... Mal consegui sair da cama hoje.

O coitado passou o dia inteiro sozinho? Puta merda...

– Por que não me ligou?

– Você estava com seus pais... Não queria inco...

– Estou indo aí – interrompi-o. – Agora.

Esperei que respondesse alguma coisa, mas Calvin ficou calado em condescendência. Peguei o

presente e fui. A porta de sua casa estava aberta, por isso entrei e caminhei diretamente até o quarto

dele.

As luzes estavam apagadas, mas havia um abajur fornecendo ao ambiente uma meia-luz

agradável. Bati na porta aberta do quarto só por educação. Sorri quando ele sorriu ao me ver. Estava

deitado, vestindo só uma cueca preta (eu não posso provocar, mas ele pode, né?), porém havia muitos

travesseiros debaixo de sua cabeça, de forma que ficava quase sentado.

Aproximei-me devagar, mostrando-lhe o presente. Ele sorriu ainda mais. Parecia um pouco

abatido, tinha olheiras ao redor de seus olhos, mas estava bem. Pelo menos, ia ficar. Não parecia que

ia morrer. Amém.

– Demorou, mas aqui está o seu presente!

Sentei ao seu lado e lhe entreguei a embalagem. Calvin a segurou, porém ficou me observando

com aquele sorriso lindo estampado em seus lábios. Passou muito tempo apenas me olhando. Acho

que nunca me senti tão apaixonada por alguém.

Ele foi retirando a fita vermelha devagar, sem deixar o sorriso morrer. Quando livrou a

embalagem, em vez de abri-la, veio com a fita na minha direção. Ergueu os meus cabelos e a passou

pela minha nuca. Depois, fez um laço em cima, criando uma espécie de tiara.

Ficou me olhando. Ainda sorria. Os olhos brilhavam. Tive vontade de morrer, mas não ousaria.

Não naquele instante. Precisava viver para conferir aqueles olhos apaixonados apontados para mim. É

isso mesmo. Apaixonado. Este era o estado daquele homem lindo.

Eu venci. Consegui. Só me restava dar o golpe de misericórdia.

– Obrigado pelo presente... – sussurrou, desfazendo o laço no topo da minha cabeça. Deixou a

fita escorrer. Meus olhos se encheram de lágrimas. – Você é o maior presente que a vida me deu,

Raissa.

Soltei um soluço-risada. Tentei fazer as lágrimas não caírem. Fiz o mais esforço que foi

possível. Calvin deixou seus dedos brincarem com o meu rosto. Sentou-se de vez na cama,

aproximando-se mais. Sei que ele ia me beijar, mas alguma coisa estava faltando. Não ia me deixar

levar até estar realmente segura e completa.

– Vamos... Abre o presente... – falei baixinho.

Calvin aproximou nossos lábios.

– Estou abrindo.

Comecei a rir, afastando-me um pouco. Deixei suas mãos e lábios no ar. Precisei de uma força

de vontade enorme para isso. Eu estava provocando, e nem precisava de roupa curta para tal.

– Bobinho... Abre logo! – Peguei a embalagem em cima da cama e entreguei a ele. Calvin

desistiu de “me abrir”. Sem demorar, retirou o objeto de dentro.

Ficou olhando com uma expressão confusa. Era um joystick de videogame, igual ao que ele já

tinha. Continuou bastante confuso, e achei que valia uma explicação.

– Será que você aceita um segundo *player*?

Olhou para mim, estupefato. Sorriu.

– Vou acabar contigo no *Mortal Kombat*!

Calvin praticamente voou da cama. Sua disposição retornou de um segundo para o outro. As

luzes foram acesas, a TV e o videogame foram ligados. Achei lindo observar seu lado adolescente

enquanto deixava tudo pronto para que jogássemos.

Sentou-se ao meu lado, entregando-me o comando novo. Nossas pernas se encostaram uma na

outra.

– Não, este é seu. Posso ficar com o antigo...

Peguei o outro, e iniciamos o jogo. Sempre fui boa em jogos de luta no videogame, mas o Calvin

é um verdadeiro apelão. Sabia todos os comandos de cor e salteado, e é claro que realmente acabou

com a minha raça.

Foi um momento superdivertido. Ri horrores com ele. O doido joga fazendo palhaçadas e

falando com os personagens. Quero dizer, acho que só jogou assim porque tinha companhia. Acabei

entrando na onda dele também; se é para zoar, a gente zoa.

Depois dos jogos de luta, ainda jogamos um de matar zumbis (Calvin repetiu o nome do jogo

dez vezes, mas não consegui pronunciar em nenhuma delas), e depois futebol. O tempo passou que eu

nem senti, admito. Tudo estava tão bom que eu não queria que a noite acabasse nunca; dava de mil a

zero na noite anterior.

Nossos conflitos nem sonharam em surgir, e as palavras de ordem foram diversão e amizade

(nem tanto, pois ele tentou me beijar algumas vezes, eu que não quis). Varamos a madrugada, que foi

regada a chocolate quente (eu que fiz) e biscoitinhos caseiros de leite (Calvin tinha feito e guardado

no armário).

Quando nos cansamos de videogame, deitamos na cama. Já era muito tarde, porém o sono não

queria nos atingir. Mantive certa distância do meu querido vizinho safado. Ainda faltava o algo mais.

Não me contentaria com pouco. Lutei bastante para ter exatamente o que mereço, sei que qualquer

passo em falso colocaria tudo a perder.

Calvin percebeu a minha distância e não insistiu, mas percebi resquícios de decepção pairando

sobre ele. De repente, colocou-se de pé. Andou até a estante e retirou de lá um dos livros da Sra. Klein.

Tornou a se deitar ao meu lado.

– Quer ler um pouco?

– Leia para mim – pedi.

Peguei o livro em suas mãos. Chamava-se “A paixão segundo G.H.”, da Clarice Lispector. Já

tinha ouvido falar nele, embora não soubesse do que se tratava, e fiquei logo interessada.

Calvin pegou seus óculos na primeira gaveta da mesinha de cabeceira, a mesma que tinha a

minha foto logo em cima. Que, por sinal, ainda estava lá. Ainda era estranho vê-lo usando aqueles

óculos, mas eu podia me acostumar facinho.

Ele foi se deitando e me levando junto, obrigando-me a terminar com a cabeça apoiada em seu

peito. Relaxei completamente. Entreguei-me ao momento singular; deu para sentir um calor delicioso

tomando o meu corpo, intensificando a sensação de proteção que só ele podia me fornecer.

– “A paixão segundo G.H.”... – leu o título bem devagarzinho, em voz alta.
– Já leu?

– Ainda não... E você?

Riu.

– Umas trezentas vezes.

– Gosta dele tanto assim?

– Uhum... – Balançou a cabeça, vislumbrando a capa. Demorou demais para começar a leitura.

Fiquei sem entender seus motivos. – Tem certeza de que quer fazer isso, Raissa?

– Claro. Por favor, leia para mim...

Um suspiro fez o topo da minha cabeça eriçar. Apenas esperei. Não sabia o que se passava

naquela cabecinha oca, e nem fiz comentário algum.

Ele começou a ler devagar. Já no início, percebi que seria uma leitura densa, repleta de

significado. Confesso que foi difícil entender o primeiro parágrafo, e por isso comecei a rir.

– Ela é meio louca mesmo... – Calvin comentou, rindo junto.

– Sensacional! Adoro gente louca...

– Eu também!

– Vamos, repete este começo.

– “... estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que

vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, eu tenho

medo dessa desorganização profunda.” – Calvin lia muito bem. Sua entonação era bastante

interessante, e me perguntei se ele já havia feito leitura em voz alta para outra pessoa, ou para si

mesmo. Contudo, não ousei interrompê-lo. Tentei me aprofundar, participar da mente louca e

inteligente da Clarice.

Calvin estava muito empolgado, mais do que com o videogame. A cada palavra que saía de sua

boca, mais encantada e perdida eu ficava. Sentia-me enriquecida tanto pelas reflexivas palavras da tia

Lispector quanto por aquele sentimento profundo que eu carregava no peito.

Deu para sentir a magia de cada instante. Às vezes, achava que estava sonhando, vivendo uma

irrealidade bem distante de mim. Em outros segundos, achava que aquilo era a coisa mais lógica que

tinha para acontecer na minha vida. Os opostos dos meus pensamentos se mesclaram com as ideias da

Clarice, e me vi entrando em um labirinto de reflexões e sensações. Foi perfeito.

Depois de mais de meia hora de leitura, ele se cansou. Pediu para que eu lesse, mas me recusei.

Aleguei que leríamos um pouco a cada noite, e assim manteríamos um ritmo frequente. Calvin

concordou, meio que sem acreditar na minha proposta. Percebi a sua total confusão, o coitado estava

mesmo perdido. Sua ficha ainda não tinha caído. Ou será que eu estava imaginando coisas demais?

O receio e a dúvida se fizeram presentes de novo. Eu queria tanto que tudo desse certo, e que por

um milagre estava dando, que a única coisa que me sobrou foi o medo de dar errado.

Calvin colocou o livro e os óculos de volta na mesa de cabeceira. Eu ainda estava deitada sobre

seu peito, e ele não havia me tocado até então; abraçou-me com suavidade e começou a brincar com os

meus cabelos. O clima, instantaneamente, esquentou muito. Percebi o meu corpo se excitando,

desejando seu toque, seus beijos, sua total entrega.

Resfoleguei.

– Meus pais perguntaram por você.

Ouvi seu risinho. Não podia vê-lo naquela posição, por isso meu olhar se fez fixo na TV

desligada.

– Eles são ótimos. Você tem muita sorte.

– Sim. – Era a mais pura verdade.

Achei o Calvin meio tristonho depois que disse aquilo. Não foi a minha intenção, só comentei

sobre os meus pais para que ele se sentisse bem-vindo. Jamais queria vê-lo desamparado de novo.

– Meu pai teve câncer na próstata. Foi difícil – comentou, do nada.

Fechei os olhos. Merda. Eu não sabia aquela informação porque não tive chance (e nem

coragem) de perguntar sobre como havia sido a morte de seu pai.

– Ele sofreu muito? – murmurei.

– Sim... Mas acho que sofri mais. Ver alguém morrendo aos poucos deve ser pior do que morrer

aos poucos. Preferia ter ido no lugar dele.

– Não fale assim.

– É a verdade. Bom, era a verdade... Agora, não é mais.

– Por quê?

– Você me fez mudar de ideia.

Engoli em seco. Levantei o meu rosto para encará-lo de perto. Calvin estava muito perturbado.

– Calvin... Por que está me falando isso agora? Não quero que esta noite acabe triste. Não quero

te deixar mal.

Ele alisou o meu lábio inferior.

– Você me faz muito bem. – Ai, meu Deus. Meu cérebro derreteu todo, deve ter ficado igual a

uma amoeba. Olhos escuros me atingiram em cheio. – É só que... Era o que faltava.

– Faltava? Para o quê?

– Para você saber tudo o que é relevante sobre mim. – Seus dedos saíram dos meus lábios e

foram para os meus cabelos de novo. Fiquei mais parada que estátua. – Agora, você é a única pessoa

no mundo que realmente me conhece.

Não soube o que dizer, por isso apenas sorri, emocionada. Orgulho e honra me definiram. Olhei

o relógio na cabeceira. Eram cinco da manhã. Minha nossa, já havia amanhecido!

Suspirei.

– Está tarde... Ou cedo, sei lá. Você precisa descansar. – Conferi a temperatura dele. Toquei-lhe

a testa e o pescoço, constatando que estavam um pouco quentes. – Está febril, Calvin. Vou buscar água

para que tome seu remédio.

Levantei-me, e por um segundo achei que o Calvin não permitiria a nossa distância. Quase não

me largou, mas acabou fazendo. Fui à cozinha e peguei o copo com água. Ele apareceu com o remédio

em mãos quando eu já ia voltar para o quarto. Tomou-o na minha frente, e sorri mais uma vez,

satisfeita com sua obediência.

– Boa noite, Calvin. Ou melhor, bom dia.

Largou o copo em cima da pia e me olhou de um jeito estranho.

– Bom dia. Me perdoa, Raissa... Me perdoa por tudo e... – Meu Deus, ele estava desesperado. –

Obrigado... Por tudo.

– Amigos são para isso. – Pisquei um olho.

Tuchê. O golpe de misericórdia foi muito bem dado. Soou como um *fatality* no *Mortal Kombat*.

Dei as costas e fui saindo de sua casa sem mais demoras. Fui embora antes que a prudência me

deixasse e eu me atirasse de vez nos braços dele. Estava vivendo por um triz.

Atravessei nossas varandas, percebendo que, sim, havia amanhecido. O clima estava friozinho,

meio escuro por causa do sol fraco. O jardim umidificava o ar consideravelmente. Inspirei com

vontade, renovando o meu fôlego.

Entrei na minha casa, fechei a porta e estaquei. Soltei todo o ar que havia inspirado, como se

tivesse ficado sem respirar não durante aqueles segundos, mas sim durante todo o tempo em que

estive com o Calvin.

Só Deus sabe como consegui resistir. E o porquê de eu ter insistido em resistir. Nem eu mesma

me compreendi. De qualquer forma, sentia-me vitoriosa. Se tivéssemos transado não teríamos passado

momentos tão agradáveis.

Ouvi batidas na minha porta, e logo fiquei alarmada. Na verdade, tomei uma espécie de susto.

Sequer pensei em conferir pela janela, fui logo escancarando tudo.

Era o Calvin. Olhava-me seriamente.

– Caio.

Franzi o cenho e olhei para baixo. Juro que não entendi. Quero dizer, cheguei a achar que alguma

coisa havia “caído” no chão (demência tem limite). Depois de um segundo foi que percebi o que tinha

de fato caído: a máscara dele e o meu coração, que devia estar fazendo a dança da minhoca na

cerâmica.

– Hã? – Dã.

– Meu nome é Caio, Raissa.

Levei uma mão à boca para conter um soluço. Meus olhos se encheram de lágrimas, e comecei a

derrubá-las no instante seguinte.

– Eu... Eu... – gaguejei feio.

– Sei muito bem como eu quero que este dia termine... Ou comece.

Sua seriedade quase não entrou de acordo com o que fez logo em seguida; tomou-me em seus

braços e me deu um longo beijo de novela, com direito a lábios frenéticos, línguas saudosas e rostos

que não se decidiam em qual lado iriam ficar.

Pulei em cima dele sem pensar duas vezes, e o Caio (ai, meu Deus, eu sei o nome dele!) segurou

meus cabelos ondulados, longos e castanhos. Praticamente correu até o meu quarto, levando-me junto

de uma forma quase emergente. Não consegui respirar ou parar de beijá-lo.

Fomos atirados na cama. Suas mãos percorreram a minha pele branca por debaixo da blusa, e em

questão de segundos ele já fazia questão de me despir dela.

Gemi quando sua boca encontrou o meu pescoço.

– Que saudade... Que saudade, Raissa...

Gemi ainda mais. Ele parou só para me ver. O castanho-escuro de seus olhos fitou o castanho-

médio dos meus.

– Caio... – falei o seu nome pela primeira vez na vida. Ele sorriu, nitidamente emocionado. Eu

também estava muito, muito emocionada mesmo. Havia parado de chorar só para beijá-lo, mas a

vontade ainda permanecia.

Por menos importante que seja um nome, sabê-lo tardiamente me fez criar um valor incrível

com relação a ele. Um nome é só um nome, e continuará sendo, mas poder definir o dono dos meus

desejos, pensamentos e coração foi imprescindível.

– Raissa, eu... Eu... – Esperei com ansiedade, mas o maldito parou. De novo (oh, minha nossa

senhora, faça este homem desembuchar logo!). Seus olhos confusos até demais foram dando lugar à

firmeza, e só tive a certeza de que ele não ia falar o que falou em seguida: – Eu vou te foder até você

gritar o meu nome por tantas vezes quanto deixou de gritar até agora.

Afundou a sua boca na minha, impedindo-me de reduzir a pena que me impôs com tanto desejo

enraizado. Mas tudo bem, porque eu teria tempo de sobra. Era domingo, e os meus domingos sempre

serão dele.

É isso aí, Clarice. Liberdade é pouco. O que eu desejo tem nome, e se chama Caio.

33

Aqui caberia o trecho de uma música bem brega e clichê, provavelmente sertaneja

Calvin (ele sempre será Calvin para mim? Antes eu não tinha sequer um nome, agora tenho

dois?) parou tudo o que estava fazendo para me observar calmamente. Senti seu coração acelerado

pressionando algum ponto abaixo dos meus seios, e pirei geral. Não soube dizer se aquele coração

batia apenas pelo tesão, mas algo muito forte me dizia que não. Havia muito mais que desejo entre

aquelas quatro paredes.

Nossas respirações ofegantes tomaram o ambiente. Encaramo-nos por uma eternidade limitada,

que me fez entender, mais uma vez, o quanto eu realmente havia conseguido. Valeu a pena. Todo

sacrifício, todas as lágrimas, a paciência e a impaciência também.

Se eu tivesse agido diferente, talvez nem estivesse ali. Cada passo foi necessário, cada tropeço

na verdade foi um degrau. Aquele homem diante de mim não precisou dizer nada para deixar mais do

que óbvia a sua gratidão pela minha insistência.

E eu mesma me agradecia. Conquistei-o sem perder a minha identidade. Não precisei fazer nada

além de ser eu mesma, com todas as minhas qualidades e defeitos. Calvin me conhecia como

ninguém, e eu o conhecia o bastante para saber que o que existia por detrás daqueles olhos não passava

de um complemento do meu ser.

– “Não me lembro mais qual foi o nosso começo...” – sussurrou baixo, e cada pelinho do meu

corpo se eriçou. Prendi os lábios para conter um soluço, tudo porque reconheci aquela frase da Clarice.

– “Sei que não começamos pelo começo...” – Caio parou. Abriu a boca e fez um esforço enorme para

continuar. Não conseguiu.

Desviou os olhos pela primeira vez desde que entrou por aquela porta. Coitado. Deve ser difícil

para ele. Nenhuma virgindade é simples de ser tirada, sobretudo a do coração.

Toquei o seu queixo másculo, e puxei seu rosto para que tornasse a me encarar. Seus olhos

perdidos pediam socorro. Sorri.

– “Já era amor antes de ser” – conclui para ele. Os mesmos olhos perdidos se esbugalharam,

surpresos por eu conhecer aquela frase. Juro por Deus que os vi se encherem de lágrimas. Minha

nossa... Ele era tão sensível! Tão carente de amor e consideração! Era o meu homem, e eu tinha muito

a oferecer a ele. Estava disposta a começar a me doar, de verdade. – Eu te amo muito, Caio.

Ele ficou me olhando, porém se esqueceu de piscar os olhos. Continuou impassível, mas não me

enganava: senti seu coração bater ainda mais depressa. Em um momento ele teve de piscar, e, quando

aconteceu, as lágrimas simplesmente caíram, atingindo-me as bochechas.

Logo em seguida, uma boca urgente invadiu a minha com vontade. Foi um longo beijo,

correspondido por mim com a maior intensidade que consegui reunir. Acariciei suas costas

suavemente, trazendo-o ainda mais para perto, mesmo que não fosse fisicamente possível.

Nunca beijei alguém sentindo tanto amor. O sentimento transbordava no meu peito e jorrava em

forma do beijo mais perfeito do mundo. Perguntei-me se o Calvin podia sentir aquilo, e tive a

comprovação quando ele parou e afundou o rosto entre o meu ombro e o colchão.

Sua pele quente se esquentou ainda mais. Não soube dizer se era da febre, mas espasmos leves

tomaram o seu corpo inteiro, até que se intensificaram. Calvin tremeu tanto que comecei a segurá-lo

com força. O coitado estava chorando em silêncio, deixando apenas o seu corpo gritar alto sobre o

meu.

– Cal... Caio – murmurei. – Não chore. Estou aqui. Sempre vou estar.

Acho que não funcionou. As tremidas aumentaram consideravelmente. Fiquei um pouco

espantada, não sabia direito o que fazer. A sensibilidade e carência dele me comoviam.

Alisei seus cabelos, como forma de consolo, por algum tempo. Calvin foi se acalmando, até que

limpou as lágrimas em um lençol. Encarou-me com os olhos vermelhos depois que se recompôs.

Sorriu. Foi lindo... Perfeito. Sorri de volta.

Seus lábios brincaram com os meus. Não chegou a ser um beijo, foram apenas carícias

deliciosas e muito significativas. Ele foi descendo devagar, com uma lentidão louvável. Atravessou o

meu pescoço e colo, parando em meus seios médios expostos.

A chama do amor se juntou à chama do desejo. Suspirei fundo.

Lábios vagarosos trabalharam nas pontas dos meus seios, e foram logo substituídos por uma

língua muito saborosa. Fechei os olhos e me concentrei em relaxar. A emoção precisava de equilíbrio

para que continuássemos; se transássemos sem um tempo para o relaxamento, certamente teríamos

um troço.

A lentidão foi se tornando bem-vinda. Caio me desvendou (de novo) por inteira com a sua boca e

mãos, que não pararam por nada. Cada segundo de entrega total fez o meu corpo agradecer a mim

mesma pelo esforço realizado para chegar até ali. Até porque o meu vizinho favorito fez questão de

me tocar de um jeito diferente: era perceptível o seu esforço para não se afobar e prolongar o

momento o máximo possível.

Amei os seus novos gestos. Eles misturavam a safadeza de sempre com o algo mais, que era

novo, mas que era o que eu buscava vindo dele. O misto de sensações provocadas foi incrível de ser

sentido. Gemi seu novo nome diversas vezes, e sentia que ele vibrava de tesão e alegria em cada uma

delas.

Com olhos desejosos apontados para o meu corpo, Calvin se ajoelhou na cama. Puxou as laterais

da minha calcinha e me despiu lentamente (sério, acho que ele nunca havia removido a parte íntima de

uma mulher com tanta paciência).

Abri as minhas pernas com um pouco mais de pressa, fazendo-me exposta. Arquejei de

excitação; já estava pegando fogo, pronta para ser apagada por ele (só para ser reacendida e apagada

de novo, pois o Calvin sempre me fornecia aquele ciclo infinito de desejo e luxúria).

Depositou a palma da mão ao longo da minha vagina. Continuou me comendo com os olhos, até

que pararam sobre os meus. A expressão se tornou felina, com direito a olhos em fendas. A mão

chacoalhou um pouco, e me contorci inteira. Soltei todo o ar dos pulmões, sentindo todos os meus

nervos se concentrarem no que acontecia entre as minhas pernas.

Caio parou de novo e esperou. Nada em mim soube responder pelo quê ele esperava.

De repente, soltou-me. Pisquei os olhos, meio desnorreada. Caio passou as mãos pela sua

barriga-tanquinho perfeita e parou na faixa da cueca. Foi se despindo, sem parar de me olhar. Meu

coração conseguiu ficar ainda mais acelerado diante da cena estupidamente sexy que se desenvolvia

na minha frente.

No próximo segundo, só consegui visualizar um pau enorme, duro e latejante apontando para o

teto do meu quarto. Caio retirou a cueca não sei como, pois eu continuei mantendo contato visual na

sua ereção. Bom, pelo menos até ele rir um pouquinho, provavelmente de mim. Chacoalhou o próprio

pênis em um movimento másculo.

– A saudade é um sentimento urgente... – murmurou em um rosnado, e mirou a ponta de seu pau

na minha entrada. Antes de me penetrar, no entanto, balançou meu clitóris com experiência, depois

espalhou o líquido da minha excitação ao longo da minha vagina. Usou o mesmo líquido para

lubrificá-lo também.

Foi me penetrando tão devagar quanto me despiu, de forma tal que senti cada centímetro de mim

sendo invadido. Abri bem as pernas e, entre gemidos (meus) e ofegos (dele), terminamos como

projeção um do outro. Consumamos o nosso complemento por meio da entrega da carne.

– Que saudade... – Caio falou e suspirou. Inclinou-se para colocar seu corpo todo em cima de

mim. Abriu-me ainda mais, apoiando meus joelhos nas laterais de seu tronco.

Iniciou um movimento perfeito de vai e vem. Gemi baixinho. Seu rosto foi enterrado,

novamente, no meu ombro, e lá ficou. Escutei seus gemidos baixos e respiração alta, que mexeram

ainda mais com os meus sentidos.

A saudade não havia sido só minha. Atender aos pedidos do meu corpo era mesmo questão de

emergência (Clarice sabia bem das coisas); o meu grito de socorro foi calado pelo corpo dele me

possuindo sem pressa, como um profissional que precisa de calma para atender um paciente em pleno

ataque cardíaco.

– Caio... Caio... – ofeguei muito enquanto me contorcia sob sua pele quente. Puxei-lhe os

cabelos, e ele veio me beijar. – Caio... – Apertei suas costas com força.

Depois de alguns minutos, comecei a pressentir um orgasmo.

– Repete aquilo... – sussurrou. – Repete, por favor, Raissa...

Gemi alto. Calvin desacelerou ainda mais o movimento. Olhou-me e meio que esperou.

– Eu te amo, Caio... – mais gemi do que falei. – Te amo muito, muito, muito... – Ele prendeu os

lábios e chocou nossos sexos com força. Gritei.

Franziu a testa e fez beicinho. Seus braços grandes me apoiaram as coxas e ergueram minhas

pernas, passando-as pelos seus ombros. Acelerou o movimento drasticamente. Gritei tanto e tão alto

que acho que a vizinhança toda escutou. Mas tudo bem, talvez eles estivessem acostumados a ouvir

aquilo vindo daquela casa.

– Raissa... Eu... Argh! – Agitou-se ainda mais. A parede começou a vibrar junto com a cama, e

entrei em um êxtase louco. Acho que o Caio veio junto, no mesmo instante, pois começou a berrar o

meu nome como se ele fosse o próprio grito de socorro. – Eu... Eu...

Foi parando aos pouquinhos. Por fim, retornou à vagareza inicial. Tive pena. O coitado não

conseguia dizer.

– Shh... – Toquei em seus lábios. Ele ainda ia e vinha dentro de mim. – Na hora certa.

Aquiesceu, condescendente.

– Desculpa... – Parou de vez, mantendo-se preso ao meu corpo.

– Ei, não se preocupe.

Calvin pareceu realmente perturbado com o fato de não conseguir responder. Bom, eu procurei

entendê-lo. Não podia pressionar uma resposta nem tão cedo. Por hora, bastava que soubesse dos meus

reais sentimentos. E também de que não adiantaria se voltássemos a ser meros amigos. Ele precisava

mudar logo de ideia.

Minhas pernas foram abaixadas depois de um tempo, e nos desencaixamos. Parou ajoelhado e

desviou os olhos de mim só para admirar a parede da Clarice. Sentou-se na cama. Levantei-me para

acompanhá-lo, mas ele acabou se deitando do lado oposto à cabeceira e me puxando junto.

Senti-me um pouco melada lá embaixo, mas não liguei. Não havíamos discutido sobre o uso de

preservativos; pensando bem, não cabia mais esse questionamento entre nós. Era sensacional ser dele

por completo e senti-lo sem obstáculos.

Apoiei a cabeça em seu peito. Ficamos em silêncio por alguns minutos, até que me cansei de

esperar por alguma coisa que eu nem sabia o que era. Ergui-me para observá-lo de perto. Calvin ainda

olhava a parede da Clarice, mantendo um sorriso terno estampado nos lábios. A paixão estava evidente

em sua expressão, e de uma forma tão linda que eu me sentia absolutamente maravilhada.

Caio ficava ainda mais lindo apaixonado.

Achei que aquele seria um ótimo momento para soltar a frase que eu vinha guardando há algum

tempo. Em vez de falar, no entanto, peguei o pincel na cabeceira e fui acrescentando à minha parede.

Sabia cada palavra de cor, pois tinha feito questão de decorá-la. A frase era muito mais do que eu

sentia naquele instante de acolhimento, e também de decisão. Aquele homem precisava sair do muro

de uma vez por todas.

Ele esperou que eu terminasse para ler baixinho, com uma voz sussurrada deliciosa de ser

ouvida.

– “Não suporto meios termos. Por isso, não me doo pela metade. Não sou sua meio amiga nem

seu quase amor. Ou sou tudo ou sou nada...” – Virei-me para olhá-lo de frente, ajoelhada na cama.

Caio estendeu a mão, e eu a peguei prontamente. Puxou-me para si. Deitei sobre o seu corpo suado de

prazer, sem deixar de encará-lo. Ofeguei. – Você é o meu tudo, Raissa.

Não tenho como explicar o que senti diante daquelas palavras. É muito comum sentirmos

emoções sem explicação (os humanos não têm conhecimento total sobre seus próprios sentimentos),

mas daquela vez foi demais. Provei realmente o sabor de não saber nomear algo importante, e entendi

que não atribuir nome ao que é abstrato e intenso é a maior emoção que alguém poderia sentir.

Calvin me puxou de volta e me deu mais um beijo louco, acho que só para selar o que tinha

acabado de dizer. Meus pensamentos voaram para o passado, quando confessou que odiava quando

alguém se apaixonava por ele. Bom, aqueles gestos não pareciam de ódio, muito pelo contrário. Era

amor correspondido, e eu tinha certeza.

Passei minhas pernas ao redor do seu corpo, já sedenta por mais. Caio me fazia assim: tão

insaciável e safada quanto ele. Beije-ihe o pescoço, ávida pelo seu cheiro bom e saudoso. Lambi a

corrente de prata por cima de sua pele, parando no pingente. Parei só um pouco para raciocinar: eu

havia, sem querer querendo, adivinhado a verdadeira inicial de seu nome. Doideira, não? O mundo é

mesmo louco, porém a única coisa que sei é de que nada é coincidência.

Caio passou as mãos ao longo da minha coluna, e parou no meu traseiro. Apertou-me as nádegas

com desejo, fazendo-me soltar um gemido fraco. Nossos sexos estavam encostados um ao outro, mas

o dele ainda não estava pronto. Pudera, nosso primeiro momento havia sido intenso demais.

Senti o líquido do nosso prazer anterior escorrendo pela minha vagina, melando-o. Eca. Aquilo

estava uma nojeira, mas eu não conseguia parar de beijá-lo. A atração mágica entre nós parecia

inabalável; era uma corrente elétrica que nos fazia cada vez mais próximos.

Calvin deve ter notado a sujeira que eu tinha feito, pois me puxou pelas coxas e me ergueu

rápido. Sentou-se na cama e depois ficou de pé, carregando-me consigo até o banheiro. Fui eu que abri

o boxe e o chuveiro, visto que ele estava ocupado demais me apalpando e beijando o meu colo.

Fui depositada no chão, mas o Calvin deixou uma de minhas pernas erguida. Serviu-se com o

sabonete líquido (que tinha cheiro de bebê) e começou a me limpar suavemente. Seus dedos leves e

experientes me levaram às alturas diante daquele gesto extremamente protetor. Calvin parecia

conhecer bem o meu corpo, mas o resquício de pé no chão me fez aceitar que aquele homem

certamente conhecia qualquer boceta do mundo.

Observei a sua concentração com cuidado. Ele percebeu a minha curiosidade, e sorriu quando

me encarou. Abaixou a minha perna quando terminou o serviço; na mesma hora percebi a sua ereção.

Sorri também, chacoalhando-a.

– Não parei de pensar naquele banho... Enlouqueci com as lembranças dele... – murmurou

enquanto guiava as mãos pelo meu corpo entregue. Arrepiei-me totalmente.

Ele não me deu chance de respondê-lo. Empurrou-me contra a parede e tornou a levantar as

minhas pernas. Fui com facilidade. Meu modo marionete sempre se ativa quando ele me toca, é

impressionante.

Fechei os olhos e me preocupei apenas em sentir; suas mãos, lábios, língua, pele e, por fim, seu

pênis me invadindo com fome. A diferença da maneira como o Calvin me fodia era gritante. Ainda

tinha toda a experiência presente, mas a suavidade adicional e aquela lentidão – sobretudo ela –

faziam com que eu me perguntasse se estava mesmo com ele. E então eu comprovava ao sentir o

cheiro de sempre e o timbre perfeito de sua voz gemendo o meu nome.

Nossos orgasmos, de novo, foram atingidos quase no mesmo instante. Demorou um pouco mais,

tanto para ele quanto para mim, porém foi perfeito quando alcançado. O banheiro pareceu ainda menor

para nós dois, e foi muito louco ouvir os ecos dos nossos gemidos em êxtase.

Logo após o sexo veio uma nova onda de carícias. Acho que estávamos dispostos a repetir a

dose; tentamos deixar o momento bem parecido com o nosso primeiro banho. Ofereci tudo o que tinha

guardado dentro de mim para ser dele. Recebi em troca a mesma dosagem de carinho e algo mais, que

só podia ser o amor que ele nem sabia direito que podia oferecer. Mas o sorriso estampado em seus

lábios toda vez que me olhava deixou claro o quanto estava feliz por estar oferecendo.

Não fomos capazes de falar. Naquele banheiro não cabiam palavras, nem nada que não fosse

apenas nós dois. Éramos tudo o que havia no mundo. Nosso desejo e sentimento se tornaram uma só

demonstração de felicidade. Uma dose de alegria tão grande que mal podia caber no meu peito. Ver a

mesma alegria transbordando daquele corpo diante de mim foi... Nossa, eu realmente não sei definir.

Caio desligou o chuveiro depois que até eu começava a me incomodar com o gasto excessivo de

água. Enxugou-me com uma toalha e usou a mesma para si. Pensei que voltaríamos para o quarto, mas

não. Ele pegou os lençóis, forrou o tapete da Sra. Klein e nos aconchegou na sala.

Deitamos abraçados, eu meio que por cima, e Calvin nos cobriu com um dos lençóis. Fiquei um

tempão com a cara afundada em seu peitoral.

Estava quase adormecendo quando percebi sua inquietação. Ele começou a se mover demais e a

balançar a perna em um tique nervoso que me deixou nervosa também.

– O que foi? – perguntei baixo.

– Nada não...

– Me fala, Cal... Caio. Por favor.

– Estou com medo – disse tão baixo que eu quase não consegui ouvir.

– De quê, meu bem? – Ergui a cabeça para lhe observar. Ele estava com uma ruga de

preocupação fincada na testa.

– Nada não, Raissa...

– Fala.

Suspirou. Tocou nos meus cabelos com as duas mãos.

– De você ir embora.

Acho que a minha pressão deu uma abaixada brusca. Perdi até o foco.

– Não vou a lugar algum...

– Nem pro céu? – Resfoleguei. – Eu não aguento perder mais do que já perdi.

Imprensei as laterais do seu rosto com as minhas mãos.

– Ei... Não vai.

– Como sabe?

– Deus não faria isso com a gente. Ainda tenho tudo pra te dar.

Ele sorriu. Meu Deus, eu estava entregue até o último limite de qualquer fronteira.

Calvin me abraçou forte. Eu bem que tentei raciocinar sobre a dor que aquele garoto órfão

sentia. Havia perdido todos que prezava, afinal. Para ele, amar devia ser sinônimo de perder. Isso é

triste, mas eu só conseguia sentir cansaço. Acabei pegando no sono em seus braços.

E posso dizer com total convicção: nada mais será como antes.

34

Correr riscos é a melhor opção para quem realmente quer ser feliz

Acordamos supertarde naquele domingo. Na verdade, foi um dia bem preguiçoso: despertávamos

sonolentos e voltávamos a dormir. Isso aconteceu pelo menos umas três vezes. Na primeira,

decidimos migrar para cama, pois o tapete estava nos deixando meio quebrados.

Mudávamos de posição esporadicamente, parecíamos dois loucos que não decidiam como

iriam ficar. A regra era uma só: precisávamos ficar colados um no outro o máximo possível (deve ser

por isso que a gente mexia tanto, pois dormir grudado com alguém às vezes pode se tornar

desconfortável para o corpo, embora não seja para alma).

O meu sono foi regenerador. Sério, acho que não dormia tão bem desde que a vovó morreu.

Estava curando cada dor sentida, cada angústia, sofrimento, solidão... A pele quente do meu vizinho

reparava cada cicatriz (algumas que ele mesmo havia aberto, então nada mais justo que estivesse

ajudando a fechá-las), livrava-me do medo e me trazia conforto, segurança e felicidade.

Eram quase três horas da tarde no meu relógio de cabeceira quando despertei de vez. Calvin já

estava acordado, alisando-me os cabelos suavemente. Acreditei que tivesse despertado há algum

tempo. Sorriu quando me viu de olhos abertos.

– Bom dia, vizinha linda. – Deu-me um selinho com direito a lábios secos, tanto os meus

quanto os dele. Mas não foi ruim. Quando existe sentimento, qualquer beijo, qualquer toque, qualquer

palavra é bem-vinda e significativa.

O amor transforma tudo em magia.

– Bom dia, vizinho – respondi depois de me afastar um pouco, pois não queria que ele sentisse

o meu bafo de leão matinal (que, naquelas condições, não era mais tão matinal assim). – Está melhor?

Conferi sua temperatura. Nem sinal da febre.

– Você me curou – disse sorrindo.

Calvin impediu o meu distanciamento. No entanto, virou-me de costas para si e me abraçou.

Envolveu-me por inteira com o seu corpo grande.

– Hoje não vai ter churrasco? – Juro que estava com despretensão, mas acredito que o Caio

achou que eu estava a fim de uma B.L. (boca livre).

– Não tem problema. A gente pode transformar o almoço em um jantar... É isso aí, um jantar! –

Ficou empolgado, de repente. – O que acha?

– Acho perfeito.

Seus braços me seguraram com ainda mais força.

– Com você, tudo fica.

Sorri de orelha a orelha, mas ele não viu por estar atrás de mim. Espreguicei-me, meio

dengosa, e fui me levantando devagar. Ele me soltou a contragosto e se levantou junto, meio que se

mantendo perto. Acho que não estava pronto para me soltar.

Parei para olhar a parede da Clarice. Meus olhos seguiram diretamente para a única frase que

ele tinha escrito nela: “E foi tão corpo que foi puro espírito”. Suspirei ruidosamente, sorrindo de novo,

e senti as mãos dele massageando as minhas costas. Puxei meus cabelos para cima, fechando os olhos.

Parecia um sonho, mas era a realidade construída com tantos sacrifícios quanto qualquer sonho

merece que a gente passe para conseguirmos realizá-los.

– Uma frase para a nossa noite... – sussurrei, ainda concentrada em sua pequena massagem.

– Hum... Deixa-me ver... – Demorou alguns segundos para murmurar: – “Mas há a vida que é

para ser intensamente vivida. Há o amor...” – Encostou os seus lábios ao meu ouvido. Arrepiei-me. Na

moral, a palavra amor saindo daquela boca era uma coisa digna de ser filmada. – “Que tem que ser

vivido até a última gota. Sem nenhum medo. Não mata.”

Acho que levei um minuto completo para me recompor. Não queria abrir o berreiro e estragar

o momento romântico. Esgueirei-me e peguei um pincel atômico na cabeceira. Entreguei-o. Calvin

entendeu o recado; ajoelhou-se na cama e foi preenchendo mais um espaço que ainda existia na parede

da Clarice.

Fiquei apenas admirando o seu bundão de academia enquanto escrevia com a letra horrorosa de

sempre.

– Ainda bem que não mata – comentei, e ri um pouco. – Eu já estaria enterrada.

Ele se virou e me olhou com pavor evidente. Ops. Esqueci que não podia brincar com aquelas

coisas. O coitado realmente tinha medo que eu batesse as botas. Por um segundo, pedi a vida para que

me desse tempo o bastante para fazê-lo entender que amar não é perder. Eu queria viver muito ainda e,

se possível, que ele morresse antes de mim. Não agora, claro. Nem nos próximos sessenta anos.

Certo, já estou ficando perturbada (ainda mais). Preciso parar de fazer planos a longo prazo.

Acredito que não é saudável querer viver o resto da vida ao lado de alguém que conheceu há... Uns três

meses? Menos que isso, acho. Bom, como diz a Clarice, e ela sabe de tudo, já era amor antes de ser.

Então, quanto tempo devo esperar para ter certeza de que encontrei o amor da minha vida? Tenho

pressa.

Caio (já não sei mais como me referir ao sujeito, perdoe-me a troca constante de termos)

guardou o pincel quando terminou de rabiscar a parede. Levantou-se de vez da cama e me fez levantar

também. Abraçou-me. Foi um abraço de urso panda, uma coisa apertada e gostosa, de estalar os ossos.

– Irei preparar o nosso jantar. Preciso de uns ingredientes, acho que vou ao mercado.

– Quer ajuda?

– Não... Não, quero te fazer uma surpresa. Pode?

– Claro que pode. – Ele já tinha me feito tantas surpresas que não sei como ainda não o

coloquei dentro de um Kinder Ovo.

Caio não queria desfazer o nosso abraço.

– Ótimo. Coma alguma coisa agora, o que pretendo vai demorar um pouco.

Ai, Senhor. O que será que o meu vizinho safado delícia apaixonado estava planejando? Juro

que a minha mente sem-noção imaginou um pedido de casamento com direito a aliança dentro da taça

de champagne. Doideira, eu sei. Estou colocando muito mais do que carros na frente dos bois.

E fantasiando também. E sonhando acordada com uma coisa que nunca foi prioridade para

mim. Jamais fiz parte da turma de mulheres que sonham com marcha nupcial, véu e grinalda. A

liberdade que eu supostamente desejava não me permitia pensar em me prender a ninguém. Por isso

sequer tinha amigos. Por isso havia planejado a minha fuga da família durante anos.

Entretanto, lá estava eu, mudando mais um conceito interno e repensando a minha vida, tudo

por causa dele.

Calvin finalmente ficou pronto para me largar.

– Melhor eu ir logo... Senão é capaz de demorarmos um pouco mais na cama.

Ri de leve. Safado!

– Eu não reclamaria...

– Ah, não? – Sorriu com o modo malicioso *online*.

– Não mesmo.

Segurou a minha cintura exposta. Olhou para o meu corpo, parecendo perceber pela primeira

vez que eu estava nua desde sempre.

– Nunca vi mulher mais provocante... Acho que você vai me matar de desejo, Raissa.

O que veio a seguir você já sabe. Quero dizer, dá para imaginar o que acontece quando eu atijo

o bicho feroz com vara curta. Caio voltou mesmo para cama, seguindo minhas recomendações, porém

a lentidão da madrugada havia cessado. Nosso sexo foi absolutamente selvagem, com batidas na

parede, gritos e orgasmos loucos.

E eu nem tinha escovado os dentes ainda.

Ficamos cansados pra caramba (eu podia voltar a dormir, facinho), e ainda deu tempo para um

banho rápido. Convenci-o a tomar um copo de suco e a comer algumas bolachas antes de ir ao

mercado, e ele acabou aceitando. Foi engraçado tê-lo nu na minha cozinha, enquanto ríamos e

mastigávamos em pé mesmo.

Marcamos um horário de encontro. Pelo que entendi, ele queria mesmo fazer uma espécie de

jantar especial lá no quintal do Sr. Klein pai. Sequer questioneei, estava envolvida de corpo e alma em

nossa mais nova situação romântica.

Eu tinha alguns trabalhos para fazer (presentinho de fim de semana que o chefe me deu), mas

não consegui me concentrar nem por um segundo. Só suspirava e sorria sozinha como uma

adolescente morta e amores. Olha, eu já me apaixonei diversas vezes, mas aquela estava superando.

Por incrível que pareça, não estava com medo de me magoar, ou de alguma coisa ruim acontecer no

futuro. A minha confiança estava nas alturas, e todas as minhas fichas haviam sido apostadas.

Passei o finzinho da tarde e início da noite apenas preocupada em ficar bonita. Não usei nada

exagerado, afinal, estávamos em casa; vesti um short preto, bata lilás bem soltinha e sandálias

rasteiras. Soltei os cabelos, molhei os lábios com gloss e pronto. Investi pesado apenas no cheiro:

passei óleo hidratante no corpo inteiro, além do perfume de sair (e de ficar com o Calvin) em pontos

estratégicos.

Cheguei ao quintal no horário combinado: nove horas da noite. A casa de número 105 estava

toda aberta, como o previsto. Encontrei o Calvin terminando de acender as tantas velas que enfeitavam

a mesa de madeira, levando ao ambiente uma meia-luz confortável e serena. Pirei o cabeção. Os vasos

com plantas e flores, junto com a grama, deram um efeito romântico ideal. Os pratos, as taças e o

cheiro de comida boa, que me atraía tanto quando o corpo daquele homem, foram fundamentais para a

perda irreparável do meu juízo.

Calvin usava o velho avental por cima de uma bermuda preta e uma camiseta branca, que

deixava seus braços à mostra. Estava bem simples, como eu. Seus cabelos molhados de banho recém-

tomado me chamaram a atenção, mas não tanto quanto os lábios que sorriram ao notar a minha

presença.

– Jantar à luz de velas? Não sabia que curtia clichês, Cal... Caio!

Gargalhou. Caramba, só então percebi o quanto senti falta daquela risada sarcástica. Ela era

diferente das outras.

– Nem eu! – Retirou o avental.

Ri também. Ele me puxou pela cintura como se eu já o pertencesse e, sem pedir licença,

beijou-me rápido.

– Você é muito cheirosa, vizinha... Puta que pariu!

– Obrigada, você também. – E não estava mentindo. O safado tinha a capacidade de sempre

exalar cheiro de homem gostoso. Não faço ideia de como ele consegue fazer essa magia.

Calvin lambeu os lábios e fez careta, estranhando o sabor de morango do meu gloss. Era um

gosto meio forte mesmo, mas bem docinho. Creio que foi de propósito que me beijou de novo, desta

vez com mais intensidade. Retirou tudo o que havia sobrado do gloss em menos de dez segundos.

Ouvi uma musiquinha irritante ao longe, parecendo tocar em outra dimensão. Só recobrei a

consciência e escutei, de fato, a tal música, quando ele se separou de mim e sacou o celular do bolso.

Olhou a tela e me encarou. Seu rosto ficou todo vermelho. Droga! Era uma vadia a fim de foder, sem

dúvida.

Fiquei toda errada enquanto esperava pelo que ele iria fazer. Dei alguns passos para trás e

comecei a admirar a mesa posta (ele colocou guardanapo de tecido enfeitando o prato, produção?) só

para lhe dar espaço. Não queria forçar a barra mais do que já tinha forçado ao confessar os meus

sentimentos.

Um ruído me chamou a atenção, e acabei o olhando. Caio conseguiu retirar a bateria do celular,

colocando as carcaças no outro extremo da mesa, o que provavelmente a gente não ia usar.

Sorri de orgulho. Ele me olhou sério no início, mas, por fim, sorriu também.

Ergueu sua mão em um gesto cavalheiresco e me fez sentar no banco de madeira. Encarei as

taças, os talheres grandes e o prato branco com o maldito guardanapo de linho enfeitando. Ai, Senhor.

Calvin pegou uma garrafa de vinho branco, que estava fincada em um balde de gelo. Abriu-a

com um saca-rolha e nos serviu.

– Vou buscar o nosso jantar. Agente firme – murmurou no meu ouvido, por trás de mim.

Bom, aguentar eu ia, mas aguentar firme já era pedir demais.

Caio trouxe várias travessas diferentes; uma com salada, outra com a farofa que eu tanto

amava, arroz soltinho, uma coisa que parecia torta de frango, ou algo da espécie, e uma com carnes

fatiadas, regadas a um molho branco que supus ser de queijo.

Meu prato foi servido com homogeneidade. Na moral, eu nunca que conseguiria deixá-lo tão

organizado, nem se eu quisesse. Senti-me paparicada, e meio dengosa também. Aquele homem estava

me estragando para vida toda.

Caio fez o seu prato do mesmo jeito e, para minha surpresa, sentou-se bem ao meu lado no

banco. Achei que ele fosse se sentar no banco que tinha do outro lado da mesa, até porque ela estava

posta sugerindo isso. Acredito que mudou de ideia, pois acabou trazendo tudo para perto.

Chocamos nossas taças, mesmo que eu já tivesse tomado vários goles enquanto ele trazia o

jantar (eu sei, sou apressada e ansiosa, devia tê-lo esperado).

– Ao quê? – questionei, querendo que a proposta do brinde partisse dele.

– À liberdade... À felicidade... E a nós dois.

Sorri amplamente. Dei um gole tão grande que parecia que eu ia tomar os três itens do brinde,

não somente o vinho.

Começamos a comer com calma. Quero dizer, eu apenas fingi não estar louca para devorar

tudo como um animal. A torta, que depois descobri ser de frango mesmo, estava divina, bem como

todo restante.

Perguntei-me como ele havia conseguido preparar tudo em poucas horas. Eu jamais conseguiria.

Ou talvez conseguisse, só não ficaria tão saboroso e variado quanto aquele jantar perfeito diante de

mim. Caio devia estar acostumado a trabalhar com o tempo apertado, afinal, em um restaurante é

necessário fazer maravilhas no menor tempo que for possível.

Meu vizinho deve considerar a hora de comer como sendo sagrada, pois quase nunca fala nada

enquanto come. Permanecemos em silêncio, apenas nos deliciando e nos olhando o tempo todo. Eu

estava tão feliz que a sensação me trazia alívio, antes de qualquer coisa.

O prazer de saber que estive certa e fiz as melhores escolhas me fez ter a consciência de que

havia amadurecido muito com aquela história. Fiz por merecer o fruto que estava colhendo da forma

mais deliciosa possível.

– Sei no que está pensando, Raissa – Caio disse após nossos pratos estarem vazios. – Tem

sobremesa, sim.

Ri alto, e ele também. Poxa vida, o maluco acha que sou uma morta de fome, só pode!

– Na verdade, não estava pensando na sobremesa... Embora tenha ficado mais contente agora!

– No que pensava, então?

– Em você...

Sorriu, meio sem graça. Alisou um pouco a minha bochecha.

– Não me olha assim – pediu.

– Assim como?

– Assim. Eu me sinto perdido dentro dos seus olhos. É uma coisa estranha que aperta o meu

coração... Fico sem ar. – Levou a mão até o peito. Ai, que lindo, gente! Eu ia abrir a boca para dizer

que aquela coisa estranha se chamava amor, mas ele se levantou em um salto. – Merda! Esqueci de

ligar o som! Nosso silêncio é tão bom que parece música... Desculpa, vizinha.

Putá merda... Calvin, pare de me deixar ainda mais apaixonada, por favor! O negócio daqui a

pouco vira questão patológica. Porque, sério, meus quatro pneus já estavam devidamente arriados por

ele.

Analisei-o enquanto ligava o aparelho de som. Uma música bacana começou a tocar. Era o Lulu

Santos. Caio sorriu e se aproximou com a mão erguida. Toquei-a de leve, e ele me puxou de vez,

fazendo-me levantar. Abraçou-me.

“Ela me faz tão bem” (este é o nome da música mesmo?) começou a ser cantada pela voz

absolutamente reconhecível do Lulu. Achei que fosse morrer. A ideia de não bater as botas antes dele

foi difícil demais de ser mantida.

– Foi de propósito? Digo, a música? – perguntei, pois a coincidência da letra era gritante.

– Claro que sim. Escuto essa música para pensar em você. Ou, sei lá, penso em você e escuto

essa música. – Achei que começaríamos a dançar, mas só estávamos abraçados, estáticos. Afundei o

meu rosto em seu peito. – Já não sei mais qual é a ordem... Você não sai da minha cabeça, Raissa.

Ergui o meu rosto só para beijá-lo. Ele correspondeu prontamente, deixando os lábios leves para

aumentar a suavidade do beijo.

– Ainda está com medo? – perguntei baixinho entre seus lábios.

Calvin riu um pouco.

– Muito. Tenho medo de tudo... São tantos medos... – Suspirou. – Não tem medo algum?

– Não.

– Você é corajosa. Queria ter a metade da sua coragem e ousadia, Raissa. Sabe, eu... Neste

momento, estou morrendo de medo de não ser o que você precisa. Ou de não saber ser. – Suspirou de

novo.

– Confio em você. Por isso não tenho medo.

– E se eu te decepcionar? Juro que não quero, mas... Não sei como agir. – Calvin me soltou

depressa. Distanciou-se de repente, fechando as expressões. – Não quero...

Droga. Eu não devia ter tocado naquele assunto.

– O que não quer? – Fiz careta feia.

– Te decepcionar.

– Ah... – Resfoleguei. Por um instante, achei que ele estava dizendo que não me queria.

Voltei a me sentar no banco, desviando a atenção para cima dele. Fechei os olhos. Um cansaço

esquisito tomou conta de mim.

Senti mãos quentes na minha nuca. Ele se sentou ao meu lado e me puxou para si. Fui. Somente

fui.

– Tenha paciência comigo, como sempre teve – pediu em um murmúrio. –
Eu vou tentar... Vou

tentar porque, pior que a ideia de te decepcionar, é a ideia de te perder.

Olhei-o. Ele estava sério. Eu também. Lulu terminava a música com
maestria, e eu só tinha uma

conclusão sobre ela: aquele homem me fazia bem, e eu queria fazer
exatamente a mesma coisa por

ele.

– Se me permitir tentar, é claro – concluiu. – Espero que sim. Você me dá
mais chances do que

eu dou a mim mesmo. Não há quem acredite em mim além de você, Raissa.
Não confio em mim, mas

confio em você como nunca confiei em alguém... Só me resta acreditar que
posso ser bom o bastante

para ficar contigo.

Achei o que ele disse tão bonitinho que me faltou palavras. No entanto,
Caio não ficou satisfeito

com o meu silêncio. Ganhei um selinho bem triste.

– Vou buscar a sobremesa...

Não consegui responder. Juro que não. Eu havia arriscado tudo, seria muito
burra de desistisse

logo após ter conseguido. Entendia as consequências. Não sabia se as
suportaria, mas o medo não me

atingia. Eu era mais teimosa do que qualquer medo que pudesse me assustar.

Calvin deixou o quintal meio abatido. Lulu Santos me disse para que eu fosse pelo coração e

que, se era loucura, então era melhor não ter razão. E foi o que fiz; dei adeus à razão, que havia

minimamente apertado meu freio interno, e saí do jardim.

Meu caminho já estava traçado. Alcancei o quarto do Calvin e estaquei. Retirei as sandálias, o

short e a bata, ficando apenas de calcinha e sutiã brancos.

Esperei que ele me procurasse. Depois de alguns minutos, chamou o meu nome com certo

receio. Acredito que ele achou que eu tivesse desistido e ido embora.

Mas, se tivesse feito isso, eu não seria eu.

– Aqui! – chamei.

Caio entrou no quarto devagar, segurando uma vasilha com algo que supus ser sorvete. Sorriu

daquele jeito safado quando me viu, contudo sua safadeza ficava linda por causa dos olhos brilhando.

Não me cansaria jamais de admirá-lo.

– Você é a minha sobremesa – falei sensualmente, ajoelhando-me na cama.

– Eu sou a sua.

Deu alguns passos para frente. Depositou a vasilha sobre um dos móveis e voltou a atenção para

mim. O olhar já estava modificado pelo desejo. Safado incansável! E o pior era que eu estava ficando

igualzinha a ele.

– “Sou um coração batendo no mundo...” – sussurrou antes de praticamente se atirar em mim.

Fiquei em dúvida se o que disse era mesmo uma frase, achei que sim. Nós dois e Clarice

Lispector tínhamos tudo a ver. Acabei me lembrando de outra, que havia se tornado o meu mantra, e

que acabei sussurrando enquanto beijava aqueles lábios deliciosos:

“A felicidade aparece para aqueles que choram. Para aqueles que se machucam. Para aqueles que

buscam e tentam sempre.”

35

Modificando meu status de relacionamento: chega de ser a vizinha que aluga a vagina

temporariamente

Quando eu disse que as coisas não seriam mais as mesmas eu não estava mentindo ou

exagerando. A primeira semana pós-redenção do safado foi marcada por mudanças muito bruscas

(assustadoras até) e detalhes bem sutis (que não deixei passarem despercebidos).

Tudo começou na manhã de segunda-feira, quando fui acordada na hora certa para ir trabalhar.

Entretanto, não foi o meu despertador horroroso que fez o serviço sujo, e sim o Calvin, que me

acordou com beijos ardentes e suaves. Percebi que estava em seu quarto, enlaçada entre seus braços e

os lençóis que continham os nossos cheiros. Tem coisa melhor que isso?

Descobri que não. Acordar com ele era uma emoção por si só, nem precisava de mais nada. O

problema é que o Calvin não se contenta com pouco: fez questão de preparar o café da manhã da

gente. Devo acrescentar que essa rotina se estendeu durante toda a semana. Ora comíamos na casa

dele, ora na minha, dependendo da cama que escolhíamos para dormir.

O bom-dia oficial, que geralmente acontecia no jardim (enquanto ele soltava frases dúbias,

empunhava o regador e exibia seu corpo em uma Calvin Klein), passou a acontecer na varanda (minha

ou dele, novamente dependendo de onde acontecia o desjejum). E o momento era bem especial, pois

ficava óbvio que nenhum dos dois queria se separar um do outro. Bom, eu ia trabalhar nas nuvens, e

demorava séculos para cair na real. Meu chefe me pegou viajando na maionese muitas vezes. Eu

estaria fodida se não fosse a minha capacidade de inventar histórias mirabolantes para justificar meus

“apagões”.

Percebi que o Calvin passou a usar mais roupas. Não enquanto estávamos entre quatro paredes,

claro, porém percebi que não se exibia excessivamente no jardim, como fazia em quase todas as

manhãs. Achei sua atitude muito digna, e morri de orgulho de seu empenho.

Não havia sido uma questão discutida em conjunto. Na verdade, não cheguei a discutir questão

alguma com ele, deixei-o completamente a vontade para mudar, ou não, o que julgasse necessário. Era

o mais certo a ser feito, e fiquei feliz por ele estar mesmo disposto a ser o homem ideal para mim.

Tudo o que fazia por nós era tão lindo que me deixava constantemente emocionada.

Minha varanda foi mais enfeitada que carro alegórico em pleno sambódromo. As flores mais

lindas do quintal foram colocadas ali, e o Calvin cuidou delas como ninguém (ele disse que a minha

única obrigação era admirá-las e tentar sentir o que ele sente quando me admira. Muito fofo, né?).

Nem preciso dizer o quanto estava adorando cada palavra carinhosa que me dizia. E não foram poucas,

acredite se quiser.

Nunca pensei que um homem safado pudesse ser um romântico incorrigível, entretanto, evitei

falar de novo que o amava. Estava decidida a não pressionar uma resposta. Caio precisava dizer

quando se sentisse à vontade e preparado. Tentei não ter pressa, embora todo o meu metabolismo e

relógio cronológico tivessem acelerado de uma vez por todas.

Dormimos juntos durante todas as noites. Assim que o Calvin chegava do trabalho, comíamos

alguma coisa e conversávamos sobre besteiras. Chegamos a ler algumas páginas de “A Paixão

Segundo G.H.”, mas não queríamos diminuir o tempo que tínhamos para fazer amor (ou sexo, já que a

velocidade do nosso créu dependia do humor dele).

Eu não estava acostumada com aquele ritmo diário acelerado, mas até que me adaptei bem.

Afinal, como não desejá-lo todos os dias? Seria esquisito se eu não estivesse a fim de mais sexo, não o

contrário. Minha consciência sabia que em algum dia eu ia estar cansada ou dolorida, mas meu corpo

implorava para que eu descobrisse qual era o seu limite. Calvin testava a profundidade do meu desejo

a cada toque.

Na sexta-feira, o trabalho já estava na minha lista de coisas que eu não deveria fazer com

frequência (o que seria impossível, haja vista a fatura do meu cartão de crédito e a conta de luz).

Todavia, a minha mais nova rotina era agradável demais, por isso cheguei a minha casa com um

sorriso no rosto. Liguei as luzes do jardim em meio a suspiros, admirei as flores da minha varanda por

alguns minutos (devo ter suspirado mais umas duzentas vezes) e entrei, pronta para esperá-lo.

Fui direto ao meu quarto e, de repente, ouvi barulhos esquisitos no quarto ao lado. Congelei no

tempo.

– Calvin? – Os barulhos cessaram assim que a minha voz se fez presente. O silêncio reinante

me deixou irritada e igualmente tensa. – Calvin?

Nada. Fiquei preocupada porque tinha certeza de que ouvi barulhos de passos e gavetas

batendo na casa ao lado. Busquei na memória e constatei que o carro dele não estava no lugar de

sempre quando estacionei. Era cedo ainda.

Comecei a sentir medo de verdade. E se fosse um assaltante? Calvin tinha mania de deixar a

casa aberta. Droga! Eu já o tinha alertado tantas vezes! Seria preciso que acontecesse algo assim para

que parasse de dar vacilo?

Pensei em ligar para polícia, por isso peguei o meu celular. Digitei o 1, o 9 e parei. No último

instante, resolvi ligar primeiro para o próprio Calvin. Não estava a fim de pagar um mico daqueles,

atrapalhando o trabalho da polícia por causa de uma besteira.

Mas, e se não fosse? Merda! A dúvida me corroía, porém eu precisava ser rápida.

Nunca havia ligado para o Calvin até então, e fazê-lo na hora de seu expediente me causou

vergonha infundada. Seu celular chamou, chamou, e ninguém atendeu. Liguei mais umas três vezes, e

nada. Desliguei tudo e voltei ao quarto, tentando reparar se escutava algum ruído de novo.

Estava morrendo de medo, com o coração acelerado, as mãos trêmulas e o ouvido esmagado

contra a parede da Clarice. Fiz um esforço absurdo para escutar alguma coisa. Quando aconteceu,

leve um susto que quase me fez bater a cabeça no teto. Ouvi uma das portas da casa dele se fechando

ruidosamente. O barulho foi meio distante, fazendo-me constatar que não havia sido a porta do quarto,

e sim a da frente.

Com os nervos em frangalhos, corri até a minha sala. Atravessei o tapete da Sra. Klein e

verifiquei pela minha janela. Não podia sair de casa e me colocar indefesa para um assaltante, por isso

me esgueirei até conseguir ver alguma coisa (ou alguém) do lado de fora.

Juro pelo que é mais sagrado que vi as costas de uma mulher. A luz acesa do jardim facilitou

bastante a minha vida, e agradei aos céus por ter feito daquele ato a minha rotina. Pelos cabelos

pretos, lisos e longos da mulher, além das pernas (e a polpa da bunda) expostas por um short mínimo,

supus se tratar da Karen-quenga.

Meus nervos se inflamaram de vez. O que aquela vagabunda estava fazendo na casa do Calvin?

Tentei ver se segurava alguma coisa (vai que ela fosse uma assaltante batedora de carteira), mas não

havia nada em suas mãos.

Saí do transe, recuperando-me do susto inicial, quando a maldita alcançou o portãozinho de

madeira e se enroscou para abrir o ferrolho. Achei que fosse a minha deixa, embora não soubesse

direito o que fazer. Só circulava pela minha mente a ideia de que não devia deixar por aquilo mesmo.

Precisava tirar satisfação com aquelazinha.

Abri a minha porta e corri na direção dela.

– Ei! – berrei, e ela se virou com espanto, colocando as mãos no peito siliconado. Tinha os

olhos esbugalhados. – O que pensa que está fazendo?

Sua expressão assustada deu lugar a um sorriso de deboche. Devo ter feito cara de nojo. Era

isso mesmo o que ela me causava: verdadeira repulsa. Não entendo como o Calvin tinha coragem de

foder com ela e outras mulheres, que deviam ser igualmente loucas por aceitarem um ménage com a

vadia.

– Oi, Raissa! – Falsidade lhe definiu.

– “Oi” nada, o que faz aqui?

– Não é da sua conta.

Empurrei-a, indignada, e ela deu alguns passos para trás. O sorriso de deboche morreu assim

que percebeu que eu podia, sem problema algum, terminar o que tinha começado na festa de

aniversário do Caio. Daquela vez, não teria ninguém para nos separar. Eu ia matar aquela vaca no

cacete.

– Melhor me dizer o que estava fazendo, Karen. Melhor para você.

A ridícula riu da minha cara.

– Nada.

– Vou chamar a polícia! Invasão domiciliar é crime, sabia? – Dei alguns passos para frente só

para intimidá-la. A maldita foi recuando conforme eu avançava.

– Não invadi nada – desdenhou. Tirou um molho de chaves do próprio bolso. Chacoalhou-o na

minha cara. – Você é tão bobinha que não consigo deixar de sentir pena, Raissa. Eu tenho as chaves

desta casa há anos. Deli me deixa entrar quando eu quiser!

Arregalei os olhos, estupefata. Filha de uma mãe!

– Devolva esta chave! – Ergui a mão de um jeito afetado. – Ele não quer mais saber de você!

Cara de pau de uma figa... Como tem coragem de aparecer aqui depois do que fez?

Ela guardou as chaves no bolso de novo. Senti meu rosto se esquentando de pura raiva.

– Acha que uma amizade como a nossa vai acabar assim? – Bufou. – Eu o conheço, Raissa,

você só pensa que o conhece. Não sei o que Deli pretende contigo, mas não vejo a hora de ele se

cansar da sua chatice.

– Não vai acontecer – resmunguei em defesa. A verdade era que eu não fazia ideia. Calvin

podia se cansar fácil da minha chatice. – Agora, dê-me a droga da chave!

Empurrei-a novamente, usando mais força, e Karen quase perdeu o equilíbrio. Para a minha

surpresa, a quenga-mor decidiu revidar pela primeira vez; voou para cima de mim e me puxou os

cabelos. Gritei tanto de susto quanto de dor. Segurei suas mãos com ódio, e ela acabou me largando.

Afastamo-nos.

– Eu conheço muita gente, Raissa – rosnou, ofegante. A cachorra colocou todas as garras para

fora. Parecia puta de raiva, e eu não estava diferente. – Melhor tomar cuidado por onde anda. Um

acidente pode acontecer contigo.

Agora ferrou mesmo. Era só o que me faltava!

– Está me ameaçando?

Ergueu as mãos e voltou a sorrir.

– Longe de mim, querida. – Começou a rir, do nada. – Ai, Raissa, está tão apaixonada que ficou

cega de vez. Espero que esteja se iludindo bastante... Sua queda vai ser memorável, e eu faço questão

de assistir.

Virou as costas e foi cruzando o portão. Assim, como se tivesse saído vencedora. Aquilo me

irritou tanto que corri até ela. Puxei-lhe os cabelos, trazendo-a para mim, e enfiei minha mão no seu

bolso. Roubei as chaves da casa do Calvin e a empurrei com força. Ela caiu no chão da calçada,

provocando um barulho esquisito. Acho que bateu os joelhos com força, por isso soltou um urro de

dor.

– Seu veneno não me atinge, cobra – falei com a frieza de quem acabava de engolir um cubo de

gelo. – Suas ameaças não me põem medo.

Karen tentou se levantar, mas não estava conseguindo. Gemia de dor, ainda de costas para

mim. Não esperei a sua recuperação. Voltei para casa a passos largos, sem olhar para trás. Tranquei a

porta e só então caí no choro.

Sério, pareço forte, mas é só uma máscara, um escudo protetor. Estava morrendo de medo do

mal que aquela louca podia nos fazer. E eu sabia que não devia negligenciar suas ameaças. Tinha

assistido a muitos filmes para ter certeza de que gente como ela é capaz de fazer qualquer coisa.

Caio me ligou meia hora depois. Ficou espantado quando viu três ligações minhas (e pedindo

mil desculpas por não ter atendido, pois não costuma andar com o celular no bolso quando está

trabalhando); veio logo perguntando o que havia acontecido. Achei por bem não dizer nada por

telefone, sendo assim, passei um tempão esperando que chegasse do trabalho para que eu pudesse

desabafar o aperto que havia se instalado em meu peito desde que aquela vaca foi embora.

Tentei me distrair com outras coisas. Foi difícil, confesso. Meu chefe tinha passado mais

tarefas de casa para o fim de semana, contudo eu só conseguia olhar para a tela do computador e me

sentir absolutamente perdida. A verdade era que eu tentava engolir que a minha vida podia estar em

risco, e que isso era o mesmo que descumprir a promessa que tinha feito para o Caio: eu não podia

bater as botas tão cedo.

Ele chegou quando eu não sabia mais o que pensar. Como todos os dias daquela mágica

semana (pelo menos até surgir uma bruxa periguetete para quebrar o encanto do meu conto de fadas),

Calvin bateu na minha porta antes mesmo de atravessar a dele. Seu sorriso lindo, que contracenou

assim que a abri, foi capaz de trazer luz aos meus pensamentos obscuros. No entanto, o mesmo sorriso

foi embora rápido, e me vi perdida na escuridão novamente.

– O que aconteceu, Raissa? – Puxou-me para si, e o abracei forte. Prendi os lábios para não cair

no choro, pois precisava mostrar que a situação tinha me atingido menos do que de fato atingiu.

– Aquela filha de uma puta... – murmurei, inalando seu cheiro. – Aquela vaca que você

escolheu para chamar de amiga...

Caio segurou os meus ombros e me afastou no susto. A expressão alarmada me encheu de dó.

– O que a Karen fez desta vez? Ela esteve aqui?

– Estava na sua casa, bisbilhotando suas coisas! Pensei que fosse um assaltante, mas era ela... –

Algumas lágrimas se formaram em meus olhos, e o Caio me olhou com ainda mais desespero,

segurando-me firme nos ombros. – A maldita tem a chave da sua casa. Mandei que me entregasse,

mas ficou soltando graça. Falou tanta merda que deve ter adubado nosso jardim!

Eu mesma ri um pouco do que falei, mas o pequeno esforço fez as lágrimas caírem. Caio não

me acompanhou na risadinha sem graça. Balançou a cabeça em descrença, começando a ficar com

raiva.

– Me desculpa, Raissa... – quase não conseguiu falar. Sua respiração começou a ficar ruidosa, e

os braços subiam e desciam sem pausas. Achei que o meu homem lindo teria um troço.

– A culpa não é sua. A louca que é uma ridícula. Ela até me ameaçou! Disse para que eu

tomasse cuidado, pois um acidente podia acontecer comigo.

– O quê?

Ai, meu Deus. Calvin se transformou totalmente. A cara de indignação e do “sei-lá-mais-o-

quê” que fez me deixou espantada.

– Ela é muito cara de... – continuei, mas fui interrompida.

– Por que não me disse antes? Por isso que me ligou, não foi? – rosnei alto.

– Essa merda não

vai ficar assim.

Deu passos para trás e retirou do bolso as chaves de seu carro. Ele ia procurá-la. Meu Deus,

será que bateria na nojenta? Eu tinha que impedi-lo. Ele não podia cometer uma loucura, podia?

Sua cara respondeu por mim. Eu nem precisei usar os meus poderes de mãe Diná para

adivinhar: Caio ia mesmo cometer uma loucura.

– Caio... – Fui até ele, usando a minha voz mais doce e convincente. –

Caio... Meu amor, não se

esquente. Recuperei as chaves à força. Estão comigo. – Sorri e pisquei o olho para ver se o clima tenso

se dissipava. Não adiantou muita coisa.

Ele bufou alto. Por um instante achei que, apesar de estar me olhando, não conseguia me

enxergar de verdade.

– Entre em casa e tranque a porta. Não saia até eu voltar, Raissa.

– O que vai fazer? – Voei no pescoço dele. Caio me abraçou forte, e percebi que estava

trêmulo.

– Faça isso. Por favor – disse de um jeito frio que não condizia com o seu abraço quente.

– Não. Vou contigo.

– Raissa...

– Não vou deixar que faça merda, Calvin! – Nem me dei o trabalho de corrigir seu nome.

Escapuliu mesmo. Ele também não corrigiu, mas tentou se afastar. Não o soltei por nada.

– Ninguém vai te ameaçar assim. Ninguém ameaça a minha namorada. Vou fazer com que ela

entenda quem é que precisa tomar cuidado.

O que falou foi capaz de me deixar mole. Acabei o soltando por completa falta de força. Tipo,

ele não havia me pedido em namoro nem nada. Estávamos vivendo uma relação diferenciada que

ainda não tinha nome (quem liga para nomes?). Perceber que me considerava uma namorada me fez

esquecer tudo, inclusive a quenga ameaçadora vilã de novela.

Encarei-o demoradamente, de queixo caído. Caio ainda estava nervoso, muito inquieto, e meio

envergonhado também. Acho que a palavra escapuliu de sua boca tanto quanto o seu apelido tinha

escapulido da minha.

– Apenas faça uma ligação, se te fizer melhor – propus. – Não quero que a veja. Não

precisamos disso. Karen só quer aparecer. Vai ser pior se dermos ibope.

Ele prendeu os lábios e segurou o meu rosto. Pareceu refletir muito. Apertou-me um pouco,

mas foi soltando devagar. Deu-me um beijinho bem gostoso, porém rápido demais para o meu gosto.

– Tem razão. Eu a conheço... Sei como é explosiva, mas nunca fez mal a uma mosca.

Eu não tinha tanta certeza assim da benevolência da louca, mas se o Calvin tinha... Só me

restava confiar. Com os olhos bem abertos, claro.

– Exatamente.

– Não está chateada? – perguntou, voltando a apertar o meu rosto. Seus olhos escuros

pareceram ter se acalmado um pouco. Fiquei satisfeita com sua capacidade de sempre me escutar.

– Claro que estou. Odeio aquela idiota.

Continuou sério mesmo depois que eu ri.

– Não está chateada comigo?

Franzi o cenho.

– Claro que não, meu bem. Por que estaria?

– Porque a Karen tinha a chave da minha casa. Fui eu que dei acesso a ela, Raissa.

– Está no passado. Já foi corrigido.

– Nunca devia ter feito isso... Ter dado a ela o direito de invadir a minha vida. – O coitado se

reprimia mesmo, deu para ver a dor em seu olhar.

– Ei... Sem estresse.

Calvin sorriu e foi segurando os meus cabelos aos poucos, até que todo ele estava preso por

uma só mão. Puxou-os para baixo, obrigando-me a erguer a cabeça a fim de vê-lo de perto.

– Nunca achei que encontraria alguém que aceitasse tanto os meus defeitos.

– Oh, Senhor.

Aquela carinha de menino apaixonado me mataria um dia.

Sorri porque o que disse era verdade. Eu aceitava coisas que nem todo mundo aceitaria, mas só

porque faço uma coisa rara: reflito sobre os motivos e os “porquês” das pessoas serem como são. Um

defeito acaba se tornando apenas uma consequência, e é mais fácil lidar com elas.

– Quem seria você sem seus defeitos? – questionei.

– Um cara bem melhor, eu acho.

– Não. – Balancei a cabeça. – Seria um cara bem longe de ser você. E eu não o amaria tanto.

Riu um pouco, cortando de vez o clima tenso.

– “Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que

sustenta nosso edifício inteiro” – murmurou sorrindo, visivelmente orgulhoso. Ele gostava quando eu

deixava o meu amor tão evidente, embora não conseguisse sequer chegar perto da palavra amor.

– Clarice?

– Sempre.

Eu tinha cada vez mais orgulho da nossa trilha literária (trilha sonora é para os fracos).

– Vamos... Vamos pôr esta na nossa parede. – Peguei suas mãos e lhe puxei na direção da

minha porta. A nossa noite podia facilmente terminar como todas as outras. Eu não me importaria.

Ah, antes que me pergunte, usei a palavra “nossa” de propósito, porque naquela altura já não

existiam diferenças entre o 104 e o 105. Os números se transformaram em detalhes, bem como os

nomes haviam se tornado desde que nos conhecemos.

36

Um passo para a desistência, meio passo para a felicidade

– Bom dia, vizinha... – Já estava ficando mal acostumada. Aquela voz rouca sussurrando no meu

ouvido se tornou obrigatória para as minhas manhãs, virou parte da rotina do mesmo modo como fazer

xixi ou escovar os dentes.

Mas a melhor parte mesmo foi nunca mais ouvir o meu despertador chato de novo.

Sorri de leve. Mesmo sendo segunda-feira, início também da nossa segunda semana como

namorados (ai, meu pai amado!), não ousaria ficar chateada por ter que ir trabalhar. Principalmente

depois de um domingo perfeito ao lado dele, com direito a churrasco, caipirinha e tudo de bom e do

melhor que só aquele homem me proporcionava.

O episódio com a Karen-quenga passou longe da minha mente (tinha coisas mais legais para

ocupá-la, por exemplo, o meu querido namorado desfilando sua sunga vermelha deliciosa). Calvin só

me confirmou que nada havia sido roubado, e não fiz mais questionamentos. Queria esquecer que

aquela louca existia.

– Bom dia, vizinho... – Virei-me para lhe dar um selinho. Estávamos na minha cama,

absolutamente nus e cobertos por um edredom bem quentinho. Não dava vontade de sair dali nunca.

Se eu pudesse, ficaria em seus braços até o fim dos tempos.

Espreguicei-me. Senti mãos macias tocarem o meu corpo com sintomas de posse. Caio me

tocava daquele jeito urgente desde as ameaças da vadia, na sexta-feira. Alguma coisa em seus olhos

me pedia socorro, só que eu tentei ignorar seu grito silencioso durante todo aquele tempo. Não queria

dar cabimento ao medo; precisávamos seguir em frente sem se preocupar com as sombras.

Sentei-me na cama e me espreguicei ainda mais. As mesmas mãos macias massagearam as

minhas costas, e me arrepiei do dedinho do pé até o último fio de cabelo.

– Vai achar estranho se eu te fizer um pedido? – falou baixo.

Olhei-o, meio desconfiada.

– Depende do pedido. – Sorri só para tentar deixar o clima tranquilo, mas a verdade é que fiquei

nervosa instantaneamente. – Não posso ficar na cama hoje, tenho muito serviço.

Ele sorriu, mas foi um sorrisinho besta muito sem graça.

– Por mais que eu te queira o tempo todo, jamais te prejudicaria no trabalho. – Sentou-se na

cama também, ao meu lado. – É outra coisa... Sei que vai achar esquisito, mas eu... Queria que não

usasse o seu carro hoje.

Fiz uma careta. A minha cara estava inchada de sono e preguiça, portando a minha feiúra deve

ter se elevado ao máximo. Até o Calvin acabou fazendo uma careta também, acho que assustado com a

minha.

– Por quê?

Ele ficou me encarando. Uma ruga de preocupação se instalou de vez em sua testa. Caio pensou

tanto no que diria que achei que não fosse dizer nada. Apenas esperei, já prevendo alguma coisa ruim.

Ele estava com medo. Com medo que eu realmente me acidentasse, como sugeriu a quenga-mor.

– Não temos garagem... Seu carro não tem alarme... Qualquer um pode sabotar o...

– Ei, ei... Espera aí, Caio. Acha mesmo que a vadia quer me matar? – Balancei a cabeça em

descrença. – Porque se sim, é mais válido irmos à polícia. Não vou viver com medo, preciso trabalhar

e ter liberdade para ir e vir.

– Não sei de mais nada, Raissa. A minha razão diz que tudo isso é bobagem, Karen não seria tão

burra e maníaca assim, mas não consigo me afastar do medo. Deixa que eu te levo hoje. Por favor.

– E como vou voltar? Você estará no trabalho quando acabar meu expediente.

– Venha de ônibus.

Minha careta se intensificou. Precisaria pegar dois ônibus para voltar para casa, e todos eles me

deixariam tão confortável quanto sardinhas em uma pequena lata. Qualquer meio de transporte

público daquela cidade virava uma zona em horário de pico.

– Não – fui taxativa. Levantei-me só para fazer a discussão acabar. Abri a porta do meu armário

e fui separando as roupas que usaria.

– Eu te dou o dinheiro do táxi – Caio propôs, ainda sentado na cama. Virei-me só para encará-lo

de um jeito feio. – Raissa, me ajuda...

O moleque estava entrando em surto. Sério, eu conhecia aquela expressão de desespero. Era

angustiante. Dava pena, tristeza... Sei lá, era uma coisa ruim. Não aguentava vê-lo daquele jeito.

– Vou ficar bem. Prometo que mando uma mensagem quando chegar. Também mando quando

sair de lá e quando estiver em casa.

– Não é o suficiente. Não é uma medida preventiva.

Suspirei alto. Larguei as roupas e fui até ele, ajoelhando-me na cama. Segurei suas mãos com

força, olhando no fundo de seus olhos temerosos.

Pensei no que falar. Tantas coisas se passaram pela minha cabeça... Uma chuva de informações,

frases de efeito e tudo o que há de mais louco que meu cérebro conseguiu processar. Por fim, achei

que devesse lhe dizer o que estava sentindo.

– Não gosto de ter a minha liberdade ameaçada. – Ele colocou mais força em nossas mãos.

Cerrou os dentes, deu para perceber o seu maxilar ficando bem rígido. – Mas entendo que não é apenas

a minha... Deixei de ser eu para sermos nós. – Sorri. – Então, nossa liberdade está sendo ameaçada

pelo seu medo.

Calvin começou a balançar a cabeça. Desviou seus olhos de mim e tentou largar nossas mãos, eu

que não deixei. Ouvi seu suspiro ruidoso e uma nova tentativa de nos separar. Conseguiu.

– É por isso que evitei o tempo todo... – resmungou, levantando-se.

Procurou suas roupas, que

estavam espalhadas pelo quarto, e começou a se vestir. – É por isso que me mantive longe de toda essa

merda.

Suas palavras me deixaram atônita. Soube bem do que estava falando; Caio tinha evitado se

apaixonar justamente por causa do medo que sentia de perder. Era mais confortável não ter que se

preocupar com alguém além de si mesmo.

E eu acabei me sentindo culpada. Se eu não tivesse insistido tanto, ele não precisaria estar

preocupado comigo. Nem com ninguém. Continuaria vivendo aquela vidinha que para ele estava boa

até demais, não é?

Não. Sua vida não estava boa coisa alguma. É preciso correr riscos para ser feliz. Viver é assim,

nenhuma felicidade é segura. Não se pode renegá-la ou evitá-la por medo. Isso não existe.

Fiquei calada, saboreando as minhas ideias e ganhando novos conhecimentos sobre o quanto a

vida é um risco. Apenas o fato de respirar já é um ato audacioso; tudo o que fazemos, os lugares para

onde vamos, os alimentos que comemos... Pensando bem, todas as coisas nos levam à morte. Para

morrer só basta estar vivo. Mas ninguém fica feito louco esperando pela hora do juízo final. Deve ser

horrível ficar pensando na partida a cada suspiro, e tive certeza de que o Calvin era desses. Só que

antes ele sequer se preocupava consigo mesmo. Agora, tudo mudou. Somos dois seres que precisam

continuar vivos por causa do amor.

Ajoelhada na cama, percebi sua movimentação pelo quarto até que saiu. O barulho da porta da

frente veio logo em seguida, deixando-me um pouco espantada. Será que ele desistiria? Talvez minhas

tentativas estivessem fadadas ao fracasso. Não havia somente a safadeza para ser curada... Aliás, a

safadeza era apenas uma consequência de algo muito maior. Calvin não era apenas um safado, era

alguém que tinha tanto medo de tudo que não conseguia viver como as pessoas comuns.

Precisávamos ter uma conversa séria, mas o trabalho me chamava. Talvez lhe dar um tempo

fosse a melhor opção. Ele teria como pensar um pouco nas próprias atitudes e nas escolhas que

realizou. Claro que o meu medo de que desistisse, jogasse tudo para o alto, era um tormento, porém eu

jamais podia tirar dele o direito de escolha.

Senti-me péssima quando descobri que estava retirando aquele direito o tempo todo, agindo de

forma tal que praticamente forcei que se apaixonasse por mim. Pior, não raciocinei sobre as

consequências. Nunca pensei no que aconteceria depois de sua redenção, só me importei em chegar até

ela. Usei estratégias limpas, fui apenas eu mesma, mas mesmo assim foi um jogo em que o manipulei.

Se eu não tivesse me esforçado e agido naturalmente, certeza de que nada daquilo estaria acontecendo.

Só me restou tentar ficar calma. Fiz a minha higiene matinal e fui me organizando para ir ao

trabalho. Praticamente engoli um copo de iogurte (o desjejum mais fraco que tive desde o começo do

“namoro”) e saí de casa fazendo o maior esforço para não procurá-lo.

Atravessei o jardim morrendo de vontade de chorar. Minha consciência me chamava de

manipuladora barata, mas meu coração dizia que eu tinha feito a coisa certa e que ninguém, de fato,

obriga ninguém a sentir amor. Uma grande parte de mim dizia que eu devia confiar no que sentíamos,

que não era por acaso, que tudo ficaria bem quando o Caio amadurecesse um pouco mais. O problema

era uma parte irritante de mim que não parava de se sentir uma merda.

Levei um susto quando cheguei, totalmente distraída, até o meu carro. O capô estava aberto e

havia a metade de um ser humano incluída no que tinha dentro do motor. Conheci as pernas e a

bermuda branca: era o Calvin.

– O que está fazendo? – perguntei, aproximando-me. Ele não se moveu. Quero dizer, não se

levantou, pois continuou mexendo em uns troços esquisitos dentro do meu carro.

– Verificando os freios... – resmungou.

– Caio...

Não soube mais o que falar. Aquele homem me deixava louca, e em vários sentidos diferentes

(bons ou ruins). Depois de um minuto, quando pareceu satisfeito, ergueu-se e fechou o capô,

provocando um barulhão. Pulei de susto.

Calvin finalmente me olhou. Tinha as mãos e braços um pouco sujos de graxa.

– Farei isso todas as manhãs até comprarmos um alarme.

– Caio...

– Raissa, é sério. Não me impeça de te proteger. Não quero tirar a sua liberdade, só quero que

fique segura... Por favor, me entenda! – Ai, meu Deus, ele parecia bem chateado mesmo comigo. Meu

sentimento de culpa só fez se intensificar.

Deixar que me protegesse era o mínimo que eu podia fazer para não me sentir tão péssima por

tê-lo manipulado.

– Certo. Tudo bem, tudo bem. – Dei-me por vencida.

– Amanhã você pode usar o meu carro, e deixar o seu comigo que eu resolvo tudo.

– Está bem, mas eu compro o alarme. Essas coisas são caras.

Ele fez uma careta linda de insatisfação. No entanto, apenas resmungou mais uma vez:

– Como quiser.

Calvin passou por mim sem falar mais nada. Podia ver uma nuvem de fumaça preta saindo de

sua cabeça. Ele tinha mesmo ficado com raiva, e eu não sabia se os motivos eram fortes o suficiente

para tanto. Só sei que acabei ficando realmente triste com o seu distanciamento, e com o fato de não

receber o meu beijo de despedida.

Dei de ombros, conferindo se ele não ia mesmo olhar para trás. Assim que chegou à portinha de

madeira, Caio finalmente parou. Vibrei internamente quando ele se virou e me encarou com aqueles

mesmos olhos de menino perdido. Fez o mesmo percurso de volta para mim, só que com muito mais

pressa.

Parou na minha frente e se curvou, fazendo nossos lábios se encostarem um pouquinho. Evitou

me tocar por causa da mão suja. Aspirei seu cheiro divino com muita vontade.

– Tenha um bom-dia... – sussurrou. Deu-me um selinho demorado, e desceu seus lábios pelo

meu pescoço. – Fique bem... Por favor, mantenha-se bem. Não se esqueça de me enviar aquelas

mensagens.

Circulei meus braços ao redor de seu pescoço. Ele não podia me tocar, para não sujar a minha

roupa, mas não significava que eu devia ficar parada. Beije-o com ternura, sentindo as dúvidas e

confusões mentais se dissiparem dentro do campo das minhas ideias. Tudo fazia mais sentido quando

seus lábios estavam grudados ao meu.

Afastei-me devagar.

– Fique bem também... Tchau, vizinho! – Dei um beijinho estalado em sua bochecha e andei na

direção da porta do motorista. Abri-a.

– Ei, Raissa... – Parei para olhá-lo. – Eu... Eu... – Meu pai eterno! Quase desabo de ansiedade ali

mesmo. Calvin parou por uma eternidade. Ficou me olhando, até que falou:
– Nunca fiz isso antes.

Nunca me preocupei tanto... Não sei se vai dar certo. Não se anime tanto comigo.

– O seu medo não pode tirar a nossa liberdade, nem a nossa positividade, Caio. – Pisquei um

olho e sorri, fingindo estar positiva até a última consequência. Só fingimento mesmo: eu estava

morrendo de medo. Ele tinha oficialmente me contaminado.

Mais uma vez, trabalhei o dia todo de um jeito aéreo. As coisas só ficaram legais quando a noite

chegou novamente, e com ela a esperança. Sério, sempre me sentia esperançosa quando a minha porta

batia. Daquela vez, Calvin apareceu com um vaso de flores para eu colocar em cima da mesa da sala.

Depois de um tempo, percebi que ele estava muito esquisito. A seriedade, as poucas palavras, o

senso de humor abalado... Tentei deixar o clima leve, mas Calvin não relaxou nem por um segundo.

Mesmo assim, não conversamos nada sério (fugi mesmo de uma suposta D.R., não vou mentir).

Jantamos na casa dele, e pensei que ficaríamos por lá durante toda a noite. Estava preparada para

um sexo reparador antes de dormir, até que ele soltou as duras palavras:

– Vou te deixar em casa, hoje.

Caio não quis ouvir resposta. Abriu a porta de sua casa e esperou sem olhar para mim. Eu podia

questionar, berrar e reclamar, mas não o fiz. Simplesmente saí, não lhe dando a chance de se despedir.

Fui depressa para casa e alcancei a minha porta antes que pudesse me parar. Tranquei-a e me afastei

só para não ouvir suas batidinhas insistentes.

Sei que estava sendo infantil, mas não tenho sangue de barata. Ele tinha me deixado chateada

com todo aquele distanciamento. O pior de tudo foi não conversar comigo a respeito; apenas tomou

uma decisão sozinho e me descartou como se eu fosse de plástico.

Não era assim que eu queria que as coisas funcionassem. Queria um relacionamento de

cumplicidade, de diálogo, de problemas resolvidos no mesmo dia, e se possível, na mesma hora.

Fui ao meu quarto e me ajoelhei na cama, encarando a parede da Clarice. Como o ser humano é

chato e ingrato! Nunca está satisfeito com nada! Deus me livre... Eu tinha desejado tanto que aquele

homem me assumisse... Naquele instante, só desejava o que fosse melhor para nós dois, pois eu

realmente não sabia o que era.

– Raissa... – ouvi sua voz do outro lado da parede. Fechei os olhos. – Raissa... Eu... Eu...

– Você o quê? – falei com impaciência. O cansaço não me fazia nada bem.
O que eu achava fofo

começava a me incomodar.

– Estou tentando. Juro. Mas é tão difícil!

– Por que não conversa comigo? Pensei que fôssemos amigos também. –
Uma lágrima inventou

de escorrer. Enxuguei-a.

– É difícil conversar contigo. Sou tão idiota, e você é tão linda e
inteligente... Era fácil quando

eu só queria te comer. – Nossa! Precisava ser tão sincero assim, Sr. Klein? –
Sabia o que fazer e o que

falar, agora só tenho dúvidas e mais dúvidas.

– O que tanto te incomoda? – perguntei aos murmúrios. Mais lágrimas
surgiram, e enxuguei

cada uma delas.

– Não ter controle sobre você... E também querer esse controle. Sei que está
errado, mas eu

queria te colocar dentro de uma bolha... De um lugar seguro que me garanta
que nunca irei te perder.

Por outro lado, sinto que é esse meu desejo louco que vai te distanciar de
mim. E eu tenho medo.

Tenho medo até de sentir medo. A vida nunca foi justa comigo, Raissa, eu
sei que vou te perder cedo

ou tarde. Sabe, é melhor tentar entender isso e me conformar logo. Mas eu não quero te machucar...

Não quero me machucar. – Ofegou. – Não nasci para ser feliz... Estou a um passo da desistência. – Dei

o último passo e desisti de enxugar as minhas lágrimas. – Me desculpa... Talvez seja melhor para nós

dois.

– Eu que te peço desculpas. – Assustei-me com o timbre firme que encontrei não sei onde. –

Talvez seja melhor mesmo.

Eu estava desistindo? Minha nossa... Por quê? Por que tão rápido? Precisava haver alguma

solução... Qual? Quantas consequências! Sequer havia pensado nelas... Que erro irreparável cometi!

– É covardia demais desistir antes de tentar? – perguntou.

Refleti um pouco.

– É. Mas eu compreendo.

– Você sempre me compreende.

– É porque eu te amo. – Certo, não pensei muito antes de soltar aquela. Não queria ser tão

dramática e tornar tudo mais difícil do que já era, porém precisei desabafar. Estava prestes a explodir.

– Incondicionalmente?

Passei as mãos pelos meus cabelos. Aquiesci em meio a muitas lágrimas.

– Incondicionalmente. Juro que só queria te fazer feliz. Não pensei em outra coisa... Minha

intenção sempre foi essa. Queria ser feliz contigo. Na minha cabeça, tudo seria perfeito.

– Eu sou muito imperfeito para sua cabeça.

– A minha cabeça não é perfeita. Se fosse, eu não teria caído no erro de imaginar uma perfeição

que não existe.

– Raissa Lispector.

Ficamos calados. Sério, passaram-se eternos segundos até que, do nada, começamos a rir. Rimos

muito mesmo. No meu caso, ri e chorei, sem saber se sentia graça ou tristeza.

Mais do que de repente, Calvin parou de rir. Eu continuei porque sou uma completa retardada.

Só parei quando sua voz falou com seriedade:

– “Queria que você, sem uma palavra, apenas viesse”... A verdadeira Lispector.

Calei-me. Meu corpo vibrou de esperança.

– Ela sabe mesmo das coisas.

– Shhh... Sem uma palavra.

O que me restava fazer? Pouca coisa faz sentido quando o desejo entra em jogo. E o que invadiu

o meu coração, depois daquele pedido, foi além do desejo. Não dava para ignorar aquele chamado.

Foi por isso que simplesmente corri. Saí de casa quase me esquecendo de fechar a porta,

atravessando a dele (que estava aberta) até alcançar seu quarto. Caio estava de pé, com a cabeça

apoiada nas costas da parede da Clarice. Sorriu amplamente quando me viu.

Seu humor foi modificado sabe-se lá por que. Tudo estava igual. Os problemas permaneceram

no mesmo lugar. Mas, por um segundo, o peso deles não conseguiu nos atingir. Éramos mais fortes?

Maiores? Tomamos coragem? Assim, do nada?

De onde vinha aquela força?

Eu tinha consciência de que o meu rosto estava tomado por lágrimas, porém consegui sorrir

mesmo assim. Calvin me puxou pelos braços, jogando-me na cama. Dei um gritinho feminino, que foi

logo abafado pela sua boca. Enroscamo-nos do jeito exato como nossos corpos conhecidos gostavam

de fazer.

– Eu te quero tanto, mas tanto... – disse baixo enquanto guiava a boca para algum ponto abaixo

do meu queixo. – Tanto, tanto... Que a minha única opção é fazer por onde te merecer. Você precisa de

um homem corajoso. É isso o que eu quero ser, Raissa. Por você. – Parou tudo só para olhar nos meus

olhos. Acho que enlouqueci de tanto amor. – O meu desejo me obriga a amadurecer.

– Só o desejo? – falei com a voz fraca.

Ele balançou a cabeça em negativa. Não falou mais nada.

Abracei-o com força, beijando-o intensamente.

Naquela noite, continuamos invictos. O sexo que fizemos foi reparador, como tinha sido o meu

desejo desde o início. O meu erro foi só querer pular a parte do diálogo. Nenhuma transa substitui uma

conversa; ela só serve para reafirmar o que foi dito (da melhor forma que existe), nada mais.

Nossa semana manteve o padrão de qualidade da primeira. A novidade foi ter ido trabalhar

(morrendo de medo de fazer alguma merda) com o carro dele na terça. O alarme foi devidamente

instalado (o maldito acabou pagando mesmo), e o Calvin finalmente ficou tranquilo com relação a

uma tentativa de homicídio.

No sábado, acordei cedo para visitar os meus pais. Estranhei porque o vizinho não estava na

minha cama, como o tinha deixado durante toda a madrugada. Encontrei-o na cozinha, estalando ovos,

tomado banho e vestido como se fosse sair. Sabia que ele só pegava no serviço mais tarde, por isso

fiquei logo desconfiada.

– Para onde vai?

Caio se assustou um pouco com a minha presença repentina, pois estava bem distraído. Sempre

ficava quando cozinhava qualquer coisa que fosse.

– Visitar os sogrinhos.

Rimos juntos.

– Sério?

– Não gostou da ideia? Troquei a minha folga de novo.

Qual cara desse planeta trocaria o único dia de folga para visitar a família da namorada?

– Amei a ideia! Eles vão adorar te ver de novo!

Dito e feito. O escândalo lá em casa foi generalizado. Mamãe foi a mais empolgada,

provavelmente porque receberia ajuda na cozinha. Papai desconfiou porque chegamos de mãos dadas,

e a Sara quase não conteve a emoção (e os gritos) quando percebeu que estávamos oficialmente juntos.

Mesmo que já tivéssemos feito o desjejum, o povo nos obrigou a tomar chá de erva cidreira com

o bolo de fubá que a mamãe tinha feito. Lembrei-me logo da vovó. O gosto estava bem parecido,

provavelmente porque se tratava da mesma receita.

Um nó na garganta me impediu de comer tudo. Caio percebeu a mudança no meu humor, e ficou

apertando a minha mão com força enquanto conversava com a mamãe sobre a melhor forma de se

preparar um lombo suíno, provável prato que rolaria no almoço.

– O que você tem, filha? – Meu pai perguntou, do nada. Olhou-me de um jeito estranho, e todos

ao redor da mesa fizeram o mesmo.

– Nada. Por quê?

– Está muito calada.

– É verdade, ela ainda não falou nenhuma merda hoje – completou Guilherme, que estava

estressado porque meus pais não o deixaram ir a um churrasco na casa de um amigo que morava na

rua de baixo.

Dei língua para ele.

– Vê se eu sou tu – impliquei.

– Ela sente saudade da avó – Calvin falou por mim, e todos o olharam com surpresa, inclusive

eu. Como sabia daquilo? – Todos sentimos, até eu que nem a conheci.

Minha família pareceu ter vestido roupas de velório. Foi uma coisa unânime e instantânea. Falar

da vovó ainda entristecia todo mundo.

Ninguém soube direito o que dizer. Foi mamãe quem suspirou alto e murmurou:

– Queria que a tivesse conhecido, Calvin. – Detalhe que todos ainda o chamavam assim.

Congelei na hora, pois não soube como explicar que o nome dele não era aquele. Iam achar bem

esquisito, a desconfiança seria geral.

Caio não a corrigiu. Acho que teríamos que conversar sobre como daríamos a notícia. Ninguém

podia chamá-lo assim para sempre, certo?

– Perder alguém é muito difícil. Sei bem disso.

– Já perdeu alguém? – Sara foi a que teve a maior cara de pau para perguntar o que todos

queriam saber. Ela tentava fazer a Clara comer algumas frutas, mas a menina ficava teimando.

– Sim. Meus avós... Meus pais... E por aí vai.

– Verdade? – Papai ficou surpreso.

– Cristo! – Minha mãe se espantou.

Caio olhou para mim com certo receio. Foi a minha vez de apertar suas mãos. Acho que acabei

lhe dando forças, visto que começou a contar sobre as suas dores. Começou pela mãe. Depois, partiu

para os avós (descobri que sua avó, que tinha ajudado seu pai a lhe criar, morreu quando ele tinha sete

anos. O avô morreu de desgosto menos de um ano depois). Uma barra.

Ele concluiu falando de seu pai e da angústia que foi lutar contra o câncer por pelo menos dois

anos. Omitiu a morte da suposta ex-namorada. Acho que não julgou por bem soltar aquela informação.

Todos ficaram bem abalados. Até o Guilherme olhava para o Calvin com pena durante a

narrativa triste e desastrosa. Quando concluiu, no entanto, senti que o Caio estava mais leve. O

desabafo havia sido muito bem-vindo. E eu sabia que aquilo faria com que a minha família ficasse

ainda mais próxima a ele.

Tive certeza disso quando a mamãe falou, tocando-lhe o braço com carinho:

– Nós somos simples, mas estamos de braços abertos, Calvin. Estamos felizes em tê-lo em nossa

família. Ninguém substitui quem já foi embora, mas temos muito carinho por você.

– É... – completou papai, que ficou com tanta pena que parou de nos olhar com ar desconfiado

(enciumado mesmo). – Espero que faça a Rai feliz. Você é um rapaz do bem.

Caio e eu nos entreolhamos e sorrimos.

– Rapaz do bem? Ai, papai, que caretice! – reclamou Sara. – Não ligue, Calvin. Sem pressão!

– É, daqui a pouco vão te obrigar a casar com essa chata – claro que foi o Gui quem disse isso. –

Mas eu não ligo, cara, você é o namorado mais legal que a Rai já teve. Ela não é muito seletiva, sabe?

Dei-lhe uma cotovelada no braço, corando de vergonha. Guilherme gemeu alto, e todo mundo

riu.

O dia seguiu conforme indicava a previsão do tempo na casa da família Magalhães: pessoas

falando alto, comentários absurdos, intrigas entre os irmãos e muitas gargalhadas. Jogamos na sala de

estar até a hora do almoço. Assistimos a filmes na parte da tarde e, no finzinho dela, fomos à missa

(mamãe resolveu ir aos sábados apenas para que eu a acompanhasse, já que a vovó não poderia mais

fazer aquilo). Pensei em deixar o Calvin em casa, mas ele quis ir com a gente.

Fiquei surpresa com a sua atenção apontada para tudo o que o padre falava.
Entrou em um estado

de reflexão tão profunda que eu não fui capaz de desvirtuar sua
concentração. Ele só me deu bola

quando a missa finalmente teve fim.

– Você é católico? – perguntei quando saíamos da igreja.

– Não.

– Ateu? – Fiz careta.

– Sei lá, Raissa. Estive sozinho demais para acreditar que alguém olhava
por mim.

Balancei a cabeça afirmativamente.

– Entendo. Mas, e agora?

– Agora o quê?

– No que acredita?

– Acredito em você. Minha fé está em suas palavras.

Senti-me tão lisonjeada quanto confusa. Eu não tinha a perfeição que via
em Deus. Estava longe

de ser equiparada, mas ao mesmo tempo me sentia bem porque, através de
mim, aquele homem

começava a acreditar em alguma coisa. Era um passo grande para qualquer
descrente.

Voltamos para casa dos meus pais. Estávamos cansados, mas só podíamos ir
embora depois da

janta, caso contrário cabeças iriam rolar. Calvin ajudou mamãe na cozinha e, juntos, prepararam a

melhor canja que eu já tomei em toda a minha existência.

Foi durante o jantar que a campainha tocou. Não esperávamos visitas, obviamente, e me

surpreendi quando percebi a Lilian invadindo a nossa sala depois que o Gui abriu a porta.

O pior de tudo foi assistir ao impacto que aconteceu quando ela viu que o Calvin estava presente.

Havíamos paralisado o jantar e nos levantado para recebê-la, mas a louca só quis saber de pular no

pescoço do cara e lhe fazer perguntas nada a ver até deixá-lo bem desconfortável.

Sua inconveniência foi tanta que até a mamãe e o papai, seres naturalmente desligados para esse

tipo de coisa, estranharam bastante. Principalmente quando ela foi convidada a se sentar conosco: a

louca escolheu a cadeira ao lado do Calvin, obrigando-me a sentar do outro lado, já que ninguém quis

ser indelicado com ela.

Detestei tanto o seu comportamento que tudo passou a me irritar, incluindo o fato do Caio dar

atenção a ela, mesmo sendo por educação. Fiquei esperando que lhe desse um fora, mas isso não

aconteceu. E eu só evitei fazê-lo porque não queria deixar meus pais preocupados.

Após o longo e irritante jantar, inventei uma desculpa qualquer para ir embora. Todos notaram a

minha falta de paciência (menos a Lilian, talvez), e permitiram fácil a minha saída. A idiota da minha

prima ainda teve a audácia de sugerir que o Calvin ficasse um pouco mais, porém cortei logo o mal

pela raiz.

O caminho de volta para casa foi feito em silêncio. Caio estava tranquilo e relaxado, totalmente

diferente de mim. O que mais me chateou foi ele ter ignorado o meu humor péssimo. Quero dizer, era

óbvio que eu não estava bem.

Assim que estacionou o carro, resolveu conversar. Mas já era tarde, meu termômetro interno

tinha se desregulado.

– O que você tem, Raissa?

– Porra nenhuma.

Saí do veículo e cruzei a portinha de madeira. Escutei-o saindo do carro e vindo atrás de mim.

– Ei... Ei, o que foi que eu fiz desta vez? – Fui caminhando até a minha varanda. Caio se

colocou na minha frente. – Hein, Raissa?

Suspirei fundo. Ele não tinha nada a ver com a personalidade cadela da minha prima. Com

certeza eu tinha intensificado a dramaticidade da situação porque sabia quais eram as intenções dela.

Talvez alguém que estivesse de fora não perceberia.

Não podia deixar o ciúme rondar o nosso relacionamento.

– Só estou cansada. Muito.

– Eu também... Mas valeu a pena. Nunca me senti tão acolhido...

Sorri um pouco.

– É só o começo.

Calvin assentiu. Abraçou-me apertado e fez a pergunta que não queria calar:

– Na sua casa ou na minha?

– Na minha.

– Hum... Quero chupar sua boceta – disse com a voz rouca, e corei um pouco. Ele era tão

específico, às vezes. Nosso abraço não tinha sido desfeito. – O que acha de gozar gostoso na minha

língua?

– Sinceridade?

– Por favor.

– Acho perfeito.

Gargalhou maliciosamente no meu ouvido. Foi naquele instante que percebi que ele sempre

seria um safado. A diferença era que agora ele era o *meu* safado. Só meu.

Na moral, depois daquilo tudo, eu merecia uma chupada fodástica que só ele sabia fazer.

Arrancaria todas as sensações ruins de mim com aquele homem entre as minhas pernas.

Ai, ai... Perfeição é pouco.

37

O último suspiro antes do cruel mergulho

Acordei com um sorriso no rosto ao constatar, por meio da janela do meu quarto, que o domingo

estava ensolarado. Esperei por aquele dia com paciência (mentira, quase surtei para que chegasse

depressa), fazendo mil planos mirabolantes para que o meu encontro com o Caio fosse perfeito. No

fim, constatei que a perfeição estaria na simplicidade: comeríamos churrasco (eu mais do que ele),

tomaríamos caipirinha (ele mais do que eu), conversaríamos e faríamos as mesmas coisas que sempre

fazemos aos domingos. Nossa rotina era perfeita, e seria demais pedir além.

Vesti o biquíni, preparei a famosa caipirinha e fui ao encontro do meu amado. A saudade não

cabia mais no meu peito. Eu estava tão mal acostumada que não encarei muito bem a nossa terceira

semana. Tudo porque o Caio modificou seus horários no trabalho devido à promoção (sim, ele foi

promovido para chefe de cozinha! Que orgulho!): agora saía mais tarde, precisamente às duas da

manhã, todos os dias.

Segundo ele, valia muito a pena. Tinha mais responsabilidades, porém menos trabalhos manuais

(colocava todo mundo para fazer o que quisesse), além de que ganhava o triplo do que ganhava antes,

como um simples cozinheiro. Feliz era apelido para o que eu estava sentindo com tudo aquilo, afinal,

havia um dedo meu por ali, mas nenhuma felicidade está livre de consequências.

Passamos a semana inteira sem nos ver. Caio chegava em casa tão tarde que eu já tinha

ingressado no décimo primeiro sono, e eu saía tão cedo que ele não conseguia mais acordar no horário

certo. Decidimos por unanimidade que nos veríamos apenas no domingo, pelo menos naquela semana

conturbada, em que ele ainda tentava se adaptar ao novo cargo e horário. Depois, veríamos o que

fazer: provavelmente eu tentaria dormir mais cedo para ser acordada por ele durante a madrugada, ou

algo assim.

Nem preciso dizer o quanto aquela dura semana havia sido tediosa. Quanto mais o tempo

passava, mais percebia a minha dependência daquele homem. O entendimento sobre a minha nova

condição me deixou assustada, pois não fazia ideia do quanto gostava dele, apesar de, desde o início,

compreender que não era pouco.

Trocamos mensagens o tempo todo, de uma forma exagerada que só os apaixonados conseguem

fazer. Sempre que ele dava uma pausa, para ir ao banheiro ou beber água, mandava uma mensagem

diferente. Eu adorava, claro, e respondia na mesma hora. Ai de mim se não respondesse. Teve uma vez

que o Caio quase me matou com tantas ligações só porque não respondi a uma mensagem que mandou

quando eu estava em reunião com os desenvolvedores da empresa.

Sim, o meu namorado era um cara sufocante, mas eu estava gostando, apesar de não dever.

Sério, não me incomodou nem por um instante. Amo ser paparicada, adoro me sentir protegida,

mesmo que no fundo estivesse com um pouco de receio. Tentava retirar de mim o sentimento de culpa

e viver a felicidade que era ter o que conquistei a duras penas.

Na sexta-feira, quando já não me aguentava mais de tanta solidão, decidi acatar a ideia quando

alguns colegas de trabalho me chamaram para um *happy hour* em um barzinho. Foi a primeira vez que

saí com eles, e até que me diverti bastante. Prometi que faria mais vezes. Não era saudável viver

esperando para ver alguém; precisava manter outros círculos e, por mais que eu fosse adversa a

amizades, entendia que ninguém podia ficar sem amigos, nem que fossem apenas colegas.

Lilian ainda me chamou para sair no sábado, porém recusei. Não ia sair com aquela louca mais

nunca. Daria um gelo tão grande que faria com que se ligasse e compreendesse que não era mais bem-

vinda na minha vida, mesmo sendo da família. Pode parecer forte dizer isso, mas sou assim: quando

alguém me decepciona com relação a amizade, é difícil me fazer voltar atrás. Deve ser por isso que

não acredito em amigos: eles sempre me decepcionam. Ou sou eu que dou valor demais a eles? Bom,

não sei. Nunca aprendi a gostar de ninguém pela metade.

Invadi o quintal do Sr. Klein pai cautelosamente. Caio estava abanando a churrasqueira com a

tampa de alguma vasilha, de costas para mim. Trajava a velha sunga vermelha e, pelo laço amarrado

na cintura, supus que também usava o avental. Meu coração se encheu de júbilo ao vê-lo. O

sentimento foi tão forte que meus olhos se encheram de lágrimas. Dei alguns passos para frente,

adiando o momento do encontro só para dar tempo para eu me recompor.

Silenciosamente, coloquei a garrafa térmica com a caipirinha em cima da mesa de madeira. Não

sei como ele não me viu. Como sempre, estava distraído, observando a brasa e a fumaça como se fosse

a coisa mais interessante do mundo. Retirei a minha canga e a dobrei em cima do banco. Ajustei o

laço lateral do biquíni e, quando olhei para o Caio de novo, ele já estava me olhando.

O sorriso que me ofereceu foi de tirar qualquer fôlego. Fui derretida como margarina em fogo

alto: em questão de segundos. Fiquei absolutamente parada, estarecida e pasma com a minha própria

capacidade de estar louca por aquele homem delicioso. Não soube lhe devolver o sorriso, muito menos

lhe falar alguma coisa interessante. Meu papel de boba foi ensaiado com êxito.

Calvin retirou o avental, depositando-o em algum ponto da mesa. Meu olhar foi desviado para o

seu corpo esculpado pelos deuses. Demorei-me um pouco contando os gominhos de seu abdômen, e

depois voltei para o sorriso, que ainda se fazia presente. Ele lambeu os lábios e, de imediato,

modificou o tal sorriso. O resultado final foi uma careta pura de cafajeste. Aí sim, ferrou tudo. Eu, que

já estava alucinada, quase morri diante do sujeito.

– Oi, vizinha... Veio provar da minha picanha? – disse sensualmente, aproximando-se devagar.

Meu Deus, diga-me que ele não vai começar do zero, quando a gente só trocava frases dúbias.

– Da sua picanha, do seu tomate, da farofa... De tudo que eu tenho direito. Quero ver se você

sabe fazer um churrasco, vizinho.

Ele riu bastante. Não o acompanhei. Ainda me encontrava hipnotizada, e ainda mais por causa de

seu riso safado. Sabia que estava na frente de um bicho selvagem prestes a atacar, mas e daí? Se correr

o bicho pega, se ficar o bicho come. E bem, a minha única vontade real era a de ser comida. Muito

bem comida, do jeitinho que só ele sabia comer.

Calvin parou bem na minha frente. Arquejei, mal podendo aguentar a curta espera para que

começasse a me tocar. Aconteceu no instante seguinte: ele depositou as duas mãos nas laterais da

minha cintura e me puxou para si, encostando nossos corpos. Seus lábios pararam a centímetros dos

meus.

Pensei que me beijaria, mas ficou apenas me analisando de perto. Seus olhos atravessaram a

minha alma, infiltrando-se no meu ser como se já fizesse parte dele. Senti suas mãos firmes desceram

até as minhas nádegas. Apertou-as com forças, separando-as. Meu corpo foi projetado ainda mais para

ele, e envolvi meus braços em seu pescoço. Gemi baixinho.

– Seu filé é de primeira, vizinha... Qualquer churrasco fica perfeito com uma carne tão saborosa.

Gemi mais uma vez, pois o maldito fez um movimento excitante demais na minha bunda.

Caramba, eu só queria dar, nada mais. Minha vontade foi facilmente manipulada pela sua presença.

Sua boca foi tocando levemente a minha pele até parar no meu ouvido. Uma língua foi passada por ali,

e me vi pirando geral. Os arrepios que soltei foram parar diretamente no meio das minhas pernas,

como se tivesse um canal que ligasse cada região do meu corpo à minha vagina.

– Safado – murmurei, gemendo. Comecei a sentir sua ereção já firme sendo esfregada em mim.

Caio riu de leve, provocando-me mais arrepios.

– Vou te comer até me fartar... E depois que já estiver farto, vou te comer de novo, porque tudo

que é bom merece bis... E porque nunca terei o suficiente de você.

Devo ter morrido e ressuscitado em questão de segundos, porque meu corpo sofreu um baque

horrendo só para constatar que meu coração ainda batia, e mais do que nunca. Fui beijada com tanta

intensidade que pude sentir com total nitidez o tamanho do desejo que ele sentia. Era tão grande que

não cabia dentro de nós; aquilo ia explodir a qualquer momento.

– Quase morri de saudade, Raissa... – murmurou rápido, mal dando tempo de concluir a frase.

Iniciou outro beijo, que mais me pareceu a continuação do primeiro.

Nem consegui responder que tinha praticamente enlouquecido de tanta saudade. Não queria

perder tempo separando os nossos lábios.

Caio puxou uma das minhas pernas, equilibrando-a na lateral de sua cintura. Senti ainda mais a

sua excitação. O beijo que misturava tesão e saudade só fazia se intensificar, e decidi pular em seus

braços totalmente; abracei-o com as minhas duas pernas, terminando pendurada em seu corpo. Caio

me levou até a mesa de madeira, buscando apoio. Obrigou-me a sentar nela, mas não achou o bastante.

Empurrou-me até me fazer deitar, projetando seu corpo na minha direção para não deixar nossos

lábios pararem de trabalhar.

Apertei-lhe a nuca com as minhas duas mãos. Ele arfou e começou a me tocar por inteira. As

mãos experientes, que juntavam safadeza e suavidade, atravessaram a minha pele até se perderem

abaixo do meu umbigo. A boca ávida desceu para os meus seios com selvageria, e vi a parte de cima

do biquíni ser afastada nos dentes. Gemi alto, totalmente entregue às sensações.

Calvin empurrou a parte interna das minhas coxas, obrigando-me a abrir bem as pernas. Meus

pés descalços se apoiaram na beirada da mesa, e as mesmas mãos urgentes voltaram a me atijar por

cima do biquíni. Meus seios começaram a ser sugados sem pena, na medida em que alguns dedos se

aventuravam lá embaixo, conferindo a minha excitação e me fazendo ainda mais excitada.

Foi duro manter as pernas bem abertas, mas tentei ficar imóvel, apenas absorvendo cada toque.

Minha cabeça estava nas nuvens, e piorou quando o Caio decidiu puxar as cordinhas do biquíni a fim

de me tirar dele. A exposição a qual fui submetida não foi incômoda; muito pelo contrário, quase

morri de vontade de dar até o meu limite.

– Que saudade dessa boceta molhada... – rosnou com a boca ainda trabalhando nos meus seios. –

Putá merda, eu amo essa boceta, Raissa...

Poxa, Calvin, só a boceta? Aí você me quebra! Não conseguia entender a sua facilidade em dizer

que ama tal parte do meu corpo, e nem a tamanha dificuldade em dizer que me ama.

Um dedo escorreu para dentro sem rodeios. Eu estava tão lubrificada que era capaz de passar um

elefante por ali (eu sei, às vezes ultrapasso o limite do exagero). Gemi o seu nome enquanto sentia um

segundo dedo me penetrando com cuidado.

Calvin parou tudo o que estava fazendo só para me observar de perto. Analisou os meus olhos e

depois conferiu o que acontecia entre as minhas pernas. Lambeu os lábios e voltou a olhar no fundo

dos meus olhos. Sei que eu estava fazendo uma careta desesperada, mas não tinha como ser diferente.

Seus dedos se moveram dentro de mim, e soltei um gemido alto, seguido por vários espasmos.

Eu não sei como aquele safado conseguia, mas parecia conhecer o meu corpo tão bem que era capaz de

atingir um ponto dentro de mim que me levava ao extremo êxtase. Com a outra mão, ele puxou a

minha nuca, fazendo-me voltar a sentar. Agarrou os meus cabelos e me beijou com força, quase

machucando nossos lábios.

O movimento com os dedos foi retomado, e desta vez na maior velocidade. A boca dele abafou o

meu primeiro grito, mas o segundo preencheu o quintal em cheio. A constância de sua invasão foi

calculadamente obtida, e cada choque me trazia um novo espasmo. Olhei para baixo na maior

dificuldade, pois a mão dele ainda agarrava meus cabelos pelo couro cabeludo, e fiquei observando o

trabalho de seus dedos.

Minha nossa... Era incrível. E foi mais incrível ainda quando, depois de um minutinho metido a

besta, atingi um orgasmo louco e ruidoso. Chamei seu nome repetidas vezes, até não conseguir falar

mais nada. Retomei o silêncio quando percebi que Caio não ia parar. Meu desespero se tornou

evidente através dos meus olhos. Ele não teve dó. Não sei como a mão dele não doía, certamente sairia

dali com uma tendinite de tanto que agitava aqueles dedos dentro de mim.

Novos espasmos foram se apossando do meu corpo. Não acreditei que estivesse tão perto de um

segundo orgasmo, e mal tinha feito trinta segundos do anterior. Ele voltou a me beijar com selvageria,

tirando-me o fôlego e o juízo de uma só vez. Ofegante e desestabilizada, um arrepio intenso cruzou a

última fibra do meu ser, trazendo-me o êxtase.

Gozei como uma louca, sentindo que estava expelindo mais líquido do que o primeiro clímax.

Caio me largou só para voltar a analisar a minha vagina. Fiz o mesmo. Percebi que, sim, havia saído

bastante líquido, porém nada parecido como a vez em que nos “despedimos” (aquela maldita

despedida me parece bem idiota depois de tudo o que aconteceu).

Um segundo foi necessário para que eu tivesse certeza de que, sim, Caio estava mesmo a fim de

sair dali com uma bela tendinite.

– Não... Não... – implorei aos murmúrios, totalmente desesperada. – Não consigo...

Tentei fechar a perna para expeli-lo, mas o cretino não permitiu.

– Consegue! – rosnou brutalmente. Observei seu braço com os músculos enormes quase

explodindo, a pele chegou a ficar vermelha por causa do esforço.

Fechei os olhos com força.

– Não consigo... – Arfei.

Um espasmo inacreditável fez minha cintura retesar. Acho que o Caio sentiu aquilo, pois me

respondeu com um risinho malicioso, provando-me que, sim, eu conseguiria atingir o terceiro, e não

demoraria nada.

Comecei a gemer muito quando meu corpo soltou mais daqueles espasmos. Os gemidos viraram

gritos assim que senti o poder do terceiro êxtase. Ele bateu à minha porta em um ritmo acelerado,

fazendo-me abri-la no auge do desespero. Eu sabia que seria intenso. Sabia que viria com ainda mais

força, por menos provável que fosse.

– Caio! – gritei em um rosnado animalesco, e gozei com tanta intensidade que senti como se

estivesse fazendo xixi. A curiosidade me fez ver o exato instante em que tive uma ejaculação.

Calvin não tirava os olhos dali, parecia encantado e satisfeito. Melequei sua mão inteira, e boa

parte do braço, mas o maldito não parou. Minhas pernas amoleceram, a fraqueza me atingiu e um

filete de suor escapuliu pela lateral do meu rosto.

Quase morri de alívio quando ele finalmente foi desacelerando, até que parou por completo.

Retirou os dedos de mim e os lambeu como se fosse doce. Por um instante achei que teria descanso,

mas estava bem enganada. Calvin me empurrou de volta para mesa, e me deitei sem entender direito o

que ainda queria comigo.

Estava desnorteada.

O maldito se curvou diante de mim e, segurando os meus seios com as duas mãos, mergulhou a

boca na minha vagina como se ela não tivesse feito nada até então. Fechei os olhos e tentei buscar

tranquilidade. Foi difícil, confesso. Meu mundo ainda girava loucamente diante de mim, porém

continuaría girando até que, como prometido, ele se fartasse.

Fui experimentada como se fosse uma sobremesa. Se bem que, do jeito que ele me lambia e

sugava, eu parecia mesmo era o prato principal. Ele deve ter tomado o meu gozo por inteiro, pois me

percebi quase seca depois que cansou de me chupar. Demorou pacas. Eu mesma me recusei a gozar,

pois não aguentaria a pressão que viria depois. Tentei me controlar e usar o momento apenas para

deixar a chama acesa e o coração calmo, pronto para novas investidas.

Só depois percebi que a ideia foi idiota. Caio não deve ter gostado muito do fato de eu não ter

gozado, pois me ergueu e me colocou ajoelhada em um dos bancos, com o corpo projetado na mesa.

Achei que finalmente começaria a me foder, mas me surpreendi quando senti novamente a sua língua,

desta vez fazendo dueto com um dedo afoito que instigava a minha segunda abertura. Resultado:

muitos gemidos.

Ainda achava estranho até demais ser invadida por ali, mas ele me deixava tão à vontade que não

fui capaz de recuar. Caio começou só instigando, atiçando e provocando (e aí senti uma nunca

conhecida vontade de dar por trás), só depois que penetrou um dedo e tornou a coisa tão mais deliciosa

que a minha única opção foi deixar o quarto orgasmo dar as caras.

Terminei morta com farofa (literalmente, pois havia uma vasilha com farofa bem ao meu lado),

jogada na mesa de qualquer jeito, toda suada, acabada e já satisfeita. Mas eu sabia que tinha muito

mais, portanto não adiantava dar uma de fracote. Precisava aguentar o tranco insaciável do meu

homem, pois fazia pacote com todo o restante que escolhi para mim.

Calvin me ergueu e me girou até me deixar em pé novamente, de frente para ele. Beijou-me com

um pouco mais de suavidade, e me surpreendi ao perceber o seu pau ainda duro. Caramba...

Geralmente os caras amolecem quando estão apenas dando prazer, mas o filho de uma mãe era

impressionante.

– Vou te mostrar como é que se faz um churrasco, Raissa.

Como se ele já não tivesse me mostrado...

Caio abaixou a sunga até a metade de suas coxas, deixando sua ereção livre. Toquei-a com

firmeza, fazendo com que preenchesse a minha mão. Estava pulsante, meio melada e linda como

sempre. Pensei em chupá-la, mas ele não queria muita conversa: tomou-me em seus braços e ergueu

as minhas duas pernas simultaneamente.

Fez um movimento para me penetrar fundo. Gritei, apoiando-me em seus ombros. Por mais que

eu achasse que pudesse passar um elefante, aquela semana foi o bastante para me fazer desacostumada

com o seu tamanho e largura. Enterrei a minha cabeça em seu pescoço, meio sem forças, relaxei e

deixei que coordenasse tudo. Calvin nem pestanejou, começou a me chacoalhar em cima dele como se

eu nada pesasse.

A velocidade ganhou o selo de qualidade Calvin Klein em menos de um minuto. Nossos sexos se

chocavam tão depressa e provocavam um ruído tão grande que achei que os vizinhos estivessem

escutando tudo. Tudo aquilo somado com os meus gemidos e os gemidos dele, então, ferrou tudo.

Caio me abraçou de jeito e, impressionante, começou a mexer os quadris com habilidade. Meu

único trabalho foi manter as pernas bem abertas e me concentrar na sensação maravilhosa que era a

sua invasão em alta velocidade. Mordi um ponto de seu ombro enquanto observava cada músculo

daquele corpo perfeito trabalhando em prol do nosso prazer.

Depois de dois minutos, eu já não era a única pessoa suada no recinto.

– Caralho, Raissa... Não posso gozar rápido... – Caio me afastou depressa, devolvendo-me ao

chão. Sua respiração ofegante foi colocada bem perto do meu ouvido, e foi seguida por uma língua que

estava a fim de me provocar: recebi outra lambida na orelha. – Às vezes eu não sei nem por onde

começo a te comer... – sussurrou. – Vem comigo.

Calvin terminou de tirar a sunga, e também de arrancar a parte de cima do meu biquíni (por

incrível que pareça, ela ainda estava lá). Segurou a minha mão e foi me guiando rumo ao

desconhecido. Deixamos a palhoça e atravessamos parte do gramado até chegarmos perto da piscina.

Havia uma toalha já aberta na grama verdinha, e foi diante dela que paramos.

Olhou para mim sob a luz forte do sol e fez uma careta esquisita.

– Passou protetor solar?

Aquiesci.

– Ótimo, vamos passar de novo. – Apanhou o tubo de protetor que vivia entre a toalha e a

piscina. Revirei os olhos, mas não fiz nenhum comentário. Caio exagerava na proteção, mas era

melhor que exagerasse do que me ver tostada como da outra vez.

Fez questão de espalhar o produto em todo meu corpo, e de uma forma visivelmente erótica.

Fiquei com aquele cheiro característico que nunca gostei tanto, mas acho que ele não ligou, pois às

vezes parava só para cheirar a minha pele branca, que queimava mais por causa do desejo do que pelo

sol.

Eu sabia que já tinha passado protetor, mas fui tão exagerada quanto ele e comecei a espalhar o

produto em sua pele também (mesmo sabendo que os raios solares não costumam castigar tanto as

peles que têm aquela cor morena incrível). Caio não reclamou, recebeu cada carícia provocante com

um sorrisinho bobo nos lábios. A verdade é que ele também gostava de ser mimado.

De qualquer forma, aquela pausa foi muito bem-vinda para mim. Senti-me revigorada e pronta

para mais quando fomos aos finais. Caio se sentou na toalha e me levou junto, fazendo-me ficar

por cima. Aproveitei a deixa para empurrá-lo até que se deitasse.

Quem manda vacilar e me dar o comando de bandeja? Claro que precisava aproveitar. Comecei

lhe beijando a boca avidamente, depois fui descendo do mesmo jeito como tinha feito comigo. Lambi

os biquinhos duros de seus peitos, ouvindo seus arquejos excitantes. Suas mãos repousaram na minha

bunda e lá ficaram.

Seu corpo perfeito sob o sol ficava ainda mais esplêndido e, usando as palavras dele, pude me

fartar à vontade. Suguei cada parte daquela pele, que me fez tanta falta, até chegar ao seu pau. Estava

louca para chupá-lo, mas ainda fiz charminho, atijando a região ao redor sem pressa.

Caio não pareceu tão calmo assim. Seu desespero pela minha boca só fazia crescer, e

infelizmente não consigo demorar em atender seus apelos. Sempre foi assim. Abocanhei-o com gula, e

o chupei com rapidez logo de cara. Ele se esforçou para não comandar a velocidade durante alguns

minutos, mas as mãos que prenderam os meus cabelos foram intencionais: começou a puxá-los e

soltá-los, ajudando-me a entrar em seu ritmo.

– Que saudade dessa boca faminta, vizinha... – soltou aquele rosnado repleto de tesão, que era

capaz de me deixar arrepiada. – Adoro o seu apetite... Vai, gostosa... Come o meu pau!

O mais engraçado é que, depois de um período de silêncio, Calvin voltou a ser falante. Sério, até

achei que nunca mais o veria no modo supersafado de novo. Quero dizer, ele ainda fodia com força e

tudo mais, só que havia mudado (maneirado) aqueles palavreados canalhas durante o sexo. Será que

alguma coisa havia mudado? Será que voltamos, sem perceber, à estaca zero?

A única coisa que sei dizer é que, quanto mais ele gemia e falava putaria, mais louca de tesão eu

ficava. De repente, Caio puxou meus cabelos com força, fazendo com que me distanciasse. Pareceu

tomar fôlego, e só então compreendi que ele estava tentando evitar entrar no clímax.

Fui puxada para cima dele pelo queixo (juro que foi pelo queixo, e dane-se o sentido). Abri as

minhas pernas ao seu redor, já nos encaixando. Gemi baixinho assim que tudo que pertencia a ele

estava dentro de mim. Comecei a cavalgar devagarzinho, ajudada pelas suas mãos, que me tomaram

pela cintura.

Calvin respeitou o meu ritmo. Comandei o movimento durante um longo tempo; ora ia devagar,

ora rápido, ora parava para rebolar e sentir seu pau tremelicando sob mim. Em dado instante, apoiei

meus pés na toalha e me inclinei para trás, deixando as mãos sobre suas coxas. Continuei em um ritmo

acelerado que fez nossos sexos se chocarem com força, fazendo um barulho delicioso de ser escutado

(sou maluca demais por me excitar até com os ruídos?).

Calvin começou a querer interferir. Apoiou as pernas e chacoalhou o quadril, intensificando o

nosso ritmo. Sentia-me absolutamente repleta, envolta no vai e vem, relaxada e pronta para receber

mais um orgasmo. Ele deve ter sentido que eu estava vindo, pois se sentou na toalha e, apoiando uma

mão atrás e a outra na minha cintura, acelerou drasticamente a velocidade da entrega. O resultado não

podia ter sido diferente: entrei em um êxtase tão louco quanto todos os outros.

– Argh! Goza no meu pau, cachorra! – urrou alto. Era oficial: os vizinhos ouviram. Não é

possível que ninguém no raio de um quilômetro não tenha escutado aquele grito selvagem vindo do

quintal.

O pior foi que eu gemi ainda mais alto.

Atirei o meu corpo para frente assim que voltei ao planeta terra. Abracei-o com fervor,

beijando-lhe a boca. O beijo foi retribuído com muita suavidade. Ele aproveitou para tocar os meus

seios e descer as mãos, apertando minhas carnes até me dar um tapa dolorido em uma nádega. Vibrei,

principalmente porque ainda estávamos dentro um do outro.

Caio me depositou meio de lado na toalha. Como uma marionete, e não era novidade, fui

manuseada por aquele homem. Ele veio por trás de mim, meio de lado também, e ergueu uma das

minhas pernas até me deixar bem exposta. Penetrou-me profundamente.

Pensei que começaríamos do zero e com calma, mas devia aprender a não esperar que ele fosse

paciente. Com as costas um pouco arqueadas e a pele do Caio encostada a minha, deliciei-me com o

seu pau insistente voltando a me atizar. O sujeito era tão bom no que fazia que não importava a

posição, sempre encontrava uma maneira de ser brutal, decisivo e absurdamente provocador. Um

safado de marca maior, fazendo o que faz de mais perfeito.

A sensação de preenchimento voltou a me tirar do sério. Os choques constantes foi um

diferencial, e vi as minhas vontades serem reascendidas de novo. O que mais me deixava pasma era

que ele havia dito, com todas as letras, que nunca teria o suficiente de mim.
Ou seja, nada que eu

fizesse seria o bastante, aquele desejo renasceria das cinzas para todo o
sempre, e morreríamos

querendo um ao outro de forma insaciável.

Muito intenso.

Cometi o erro de gemer para que ele me fodesse. Calvin virou bicho, sério.
O maldito começou a

rosnar e a se movimentar ainda mais depressa, como se já não estivéssemos
indo rápido o bastante.

Juro que eu já estava quase gozando de novo, até que fui empurrada contra
a toalha. Meu rosto e

os meus seios conseguiram sentir a grama abaixo dela, e no outro seguinte
eu só podia sentir um corpo

másculo, grande e suado em cima de mim, bem na retaguarda. Calvin me
deixou parecida com uma

formiguinha indefesa enquanto me fodia e me protegia quase totalmente da
luz do sol.

Puxou os meus cabelos e cheirou o meu pescoço diversas vezes. Fechei os
olhos, mantendo-me

atenta às sensações. O orgasmo que não tinha vindo na posição anterior
resolveu bater na porta de

novo. Deixei-o entrar.

– Vou gozar, Caio...

– Goza... Vou também... – murmurou, ofegante. Parecia mais amansado. – Agora... Raissa!

Acabei indo um segundo depois. Foi um momento incrível. Só lamentei não poder ver seu rosto,

mas senti cada partícula dele cedendo. Terminamos parecendo um *hot dog*, em que o recheio era a

salsicha dele. Meu corpo cansado permaneceu quieto, só esperando o safado sair de cima. Ele não

saiu.

– Nunca mais vamos passar tanto tempo sem nos ver, Raissa. Isso não existe... Eu fiquei louco

sem você. – Sua voz saiu bem ofegante.

– Concordo... Idem – balbuciei, sem forças.

Sua boca explorou o meu pescoço em alguns pontos. Achei que ele não fosse sair dali tão cedo,

por isso relaxei de vez. Não era uma posição incômoda, muito pelo contrário. Acho que o Caio estava

apoiando seu corpo em algum lugar que não era em mim, pois não estava tão pesado.

– Onde esteve na sexta-feira? – perguntou com a voz diferente. Assim, do nada. Fiquei logo em

alerta.

– Eu te avisei... Mandei uma mensagem, não viu?

– Claro que vi. Quero saber onde esteve e com quem esteve, só isso.

Demorei um pouco a responder.

– Qual a parte de “no bar, com uns colegas de trabalho” você deixou de entender? – Só depois

que falei foi que percebi que havia sido meio grossa.

Ele bufou, meio contrariado.

– Em que bar e com quais colegas, Raissa... Foi isso que perguntei.

– Um que tem perto do trabalho – falei com a voz mais suave. Não sabia bem os motivos de ter

ficado tão na defensiva. – E bem... Você não conhece meus colegas, não adianta citar nomes.

– Gostaria de saber os nomes dos colegas que te deixaram fora de casa até quase quatro da

manhã.

Congelei. Pensei em sair da posição, mas sabia que seria inútil. Tinha um trambolho enorme em

cima de mim, com um pau gigantesco ainda me penetrando.

– Marcou a hora que cheguei? – Nem eu mesma fazia ideia. Realmente, procurei me divertir.

Conversei, tomei uns drinks, até dancei um pouquinho. Pela primeira vez na vida, sequer me importei

com horários.

– Claro.

– Pensei que estivesse dormindo.

– Eu estava. Você me acordou ao fazer tanto barulho para pegar suas roupas no armário. Estava

bêbada?

– Claro que não. – E era verdade. Só bebi um pouco.

– Bebeu?

– Sim.

– Bebeu e depois pegou o carro?

Droga. Aquela conversa ia dar em merda.

– Foi. Qual é, nunca fez isso? Vai me multar?

– É incrível como uma mulher tão inteligente possa ser tão irresponsável – falou com a voz

comedida. – Eu gostaria de participar de suas decisões, Raissa.

– Que decisões? – Fiz uma careta.

– A decisão idiota de sair, se embebedar e dirigir perigosamente por aí.

– Ei, espera aí, eu...

– Isso não pode se repetir – foi taxativo.

Sua arrogância me fez ao menos tentar me afastar. Consegui, acredite se quiser. Sentei na toalha

tropegamente, e ele se ajoelhou sobre ela. Ficou me observando com seriedade. Na moral, trocaram o

cara com quem eu estava transando. Não era o mesmo. Certeza absoluta.

Abri a boca para falar alguma coisa, porém nada saiu. Ainda estava refletindo sobre a situação.

Tudo bem, bebida e direção era uma mistura perigosa e irresponsável. Neste ponto, Caio tinha total

razão, ainda mais porque morre de medo que alguma coisa aconteça comigo. Contudo, ele não tinha o

direito de querer controlar a minha vida. Se eu quiser sair novamente com os meus colegas, não vejo

problema algum em fazê-lo.

– O quê não pode se repetir? – questionei.

– Essa sua despreocupação consigo mesma. Acha que pode me mandar uma mensagem e pronto,

tudo ficará bem... Que pode sair com quem quiser, chegar a hora que quiser...

– Eu *posso* sair com quem quiser e chegar a hora que quiser.

Ele me olhou como se eu fosse louca.

– Ah, então posso fazer o mesmo. Certo?

Bufei, indignada.

– É diferente. Não tenho a mesma maldade que você tem. Não saí para transar, saí para

espairecer.

– Por que acha que eu só saio para transar?

– Porque você é um safado! – Deixei escapular. Nem sabia de onde vinha tanta indignação. Ele

estava sendo sufocante, certo, mas será que eu estava ajudando?

O problema é que não podia acreditar que estava sendo alvo de desconfiança, nem que seja

mínima. Poxa vida, já tinha provado tantas vezes que não era uma qualquer.

Caio se assustou um pouco com as minhas reações e ficou parado, mudo, com os olhos bem

abertos.

– É o que acha de mim. – Não foi uma pergunta.

Caio foi se levantando devagar, totalmente intrigado. Levantei-me também.

– Desculpa... – murmurei. – Mas só por isso. Não vou pedir desculpas pela sua desconfiança.

Você tem razão, não devia ter bebido e dirigido... Mas o direito de sair continua sendo meu.

Caio deu de ombros.

– Certo, Raissa... Deixa pra lá. Não quero discutir. – Obviamente, ele ainda estava bem chateado.

Seria pior se não resolvêssemos aquilo de uma vez. As coisas precisavam ser transparentes para nós

dois.

– Não... Espere.

– Chega. Está vendo? – Abriu os braços. – Não sirvo pra isso.

– Caio... Pare.

– Puta merda, eu tento, mas só consigo fazer besteira. Olha... Saia com quem quiser, transe com

quem quiser, faça o que quiser, Raissa. Só me deixe em paz.

Engoli em seco. Balancei a cabeça em negativa. Minha nossa... Aquilo não ia dar certo. Não

dava para chegarmos ao nosso limite em cada discussão. Ele não tinha maturidade para discernir as

coisas. Para ele, qualquer erro, qualquer diferença de opinião, significava o fim. Era como se acordos

sequer existissem.

– É o que você quer? – Já estava com lágrimas nos olhos, sentindo-me derrotada. – Sem acordos,

sem conversa? É o que quer?

Encarou-me com o olhar bem distante. De repente, pareceu desesperado. Sua expressão fria

mudou da água para o vinho.

– Não... Não é – disse com a voz embargada, passando as mãos nervosamente pelos cabelos. –

Eu não quis dizer aquilo, não quero que... Por que essa merda é tão difícil?

Estava nervosa, mas precisava me acalmar. A madura da situação era eu, precisava agir com

paciência.

– Na próxima sexta, quando você sair do trabalho, encontre-me no bar. Irei te apresentar a todos

os colegas, e então, quando eu quiser sair de novo, você saberá exatamente onde estou e com quem

estou. A regra serve para você... Quando quiser sair, apresente-me a pessoa e o local antes.

Combinado?

Caio concordou prontamente, ainda meio desesperado. Parecia um moleque. Mas ele era, enfim.

– Sem bebidas e direções – completou.

– Sem bebidas e direções. Prometo.

– E você vai me desculpar por ser tão imbecil?

Sorri de leve. Ele também.

– Vou te desculpar por ser tão imbecil... Desde que nunca mais diga que não serve para isso. E

que nunca mais desconfie de mim. – Ele balançou a cabeça como forma de entendimento. – Caio, eu

sou apenas sua. Não preciso de mais ninguém... Não quero ninguém além de você.

– Eu sei, é que...

– Não sabe. Não faz ideia. Não me dê uma liberdade que eu não quero. Só preciso da liberdade

de transar contigo. Da liberdade de te amar sem medo, sem desconfiança, sem ciúmes...

– Ah, não. – Riu nervosamente. – É impossível, eu sou ciumento. Descobri isso contigo,

acredite. Não sabia que podia ser tão possessivo, tão chato...

Aproximei-me devagar, e ele me puxou pela cintura.

– Também sou ciumenta, mas tudo tem limite. Não podemos deixar o ciúme nos destruir.

Caio não respondeu nada, apenas beijou a minha boca com tanta leveza que tive a sensação de

que podia voar.

– Me perdoa?

– Uhum.

– Está com fome?

– Uhum. – Rimos.

– Você me ama?

Pensei um pouco, só para fazer suspense.

– Uhum.

Ganhei um beijo. Depois outro, e mais outro... E mais um bocado durante todo o dia. E

incontáveis quando nos encontramos na cama dele, depois do churrasco e de uma limpeza, que ajudei

a fazer, em sua casa.

Eu estava radiante na segunda-feira. Depois de uma noite incrível, encontrava-me mais do que

pronta para uma semana cansativa. As coisas com o Caio precisavam melhorar, mas eu tentava manter

a positividade. Ele me pediu tantas desculpas que cheguei até a ficar envergonhada. Tratou-me tão

bem durante o tempo que passamos juntos que busquei esquecer as duras palavras que proferiu.

Aquele menino podia dar aula na cama, mas fora dela era o meu dever lhe ensinar. Não podia

conquistá-lo e me dar o luxo de deixá-lo perdido, sem direcionamento. Se ter um relacionamento é

algo que ele não sabe fazer, eu, como pessoa que o ama e que quer esse tal relacionamento com ele,

tenho o dever de coordenar as situações. Né não?

Meu chefe me chamou para sua sala no finzinho do expediente. Procurei na memória alguma

coisa errada que eu tivesse feito, para ir logo pensando em uma justificativa afiada. Toda vez que o

maldito me chamava em horários incomuns era para me dar alguma notícia deprimente. A última foi o

rompimento de um contrato com um cliente importante, que ainda bem não havia sido culpa minha.

– Sente-se, Raissa – pediu, e foi se sentando à sua mesa. Sentei-me do outro lado. O assunto era

mesmo sério. Normalmente ele me deixava em pé. – Vou direto ao ponto. Tudo bem?

– Por favor. – Cruzei as pernas e fiz cara de intelectual.

– Seu rendimento tem caído muito, Raissa. Não sei por onde anda a sua cabeça, mas desde a

morte de sua avó que as coisas vêm mudando...

– É... Foi um baque. Estou tentando me ajustar.

O idiota piscou os olhos excessivamente. Ih, rapaz... Não era nada bom.

– O fato é que a empresa está cortando gastos. Não podemos esperar que você se ajuste. A

situação não é boa, Raissa... A crise está aí, batendo à nossa porta.

Tudo era culpa da crise. Faltava água para os funcionários por causa da crise. Não tinha vaga no

estacionamento por causa da crise. Se um desenvolvedor derrama café é por causa da crise, e é por

causa dela que um gato miou no telhado. Sério, aquele cara só podia estar de brincadeira comigo.

– Estou aqui há cinco anos. Sempre mantive o...

– Sabemos, e foi por isso que esperamos tanto. Mas não dá, Raissa. Você não está atendendo às

expectativas da empresa.

A empresa não atende às minhas expectativas há anos, e nem por isso estou dando piti. Que

raiva!

De repente, levei um susto. Caralho! O que aquele maldito estava tentando me dizer?

– Estou sendo demitida, é isso?

– Infelizmente.

Choveu partículas de Raissa por todo chão daquele escritório. Cheguei até a olhar para os lados

para ver se não tinha me cortado, porque o meu vidro interno se espatifou de uma só vez.

– Mas... O... O senhor não me advertiu e...

Bufou de um jeito desdenhoso.

– Venho te dando mil advertências. Você sempre inventa uma desculpa.

– Eu... Não... Não eu só...

– Iremos pagar pelo seu aviso prévio, pois não estamos interessados na sua permanência. Passe

no setor financeiro e verifique seus documentos, as contas e toda a papelada necessária.

– Mas... O senhor...

– Agora, se me der licença, tenho uma reunião daqui a pouco. – Levantou-se em um pulo,

praticamente me enxotando. – Junte suas coisas e passe no financeiro, sim?

Enxotada. Fui enxotada. Sem nenhuma consideração. Sem uma justificativa cabível. Puta

merda... O que eu ia fazer?

Comecei arrumando as minhas coisas, que basicamente eram um estojo com canetas coloridas,

um espelho pequeno, uma agenda e um batom. O restante pertencia à empresa. Peguei a minha bolsa e,

sem acreditar no que havia acabado de acontecer, fui ao departamento financeiro.

A mulher que trabalhava lá me tratou muito melhor. Foi bem compreensiva (na verdade a

maldita estava morrendo de dó de mim) e me explicou como funcionavam todos os direitos que eu

tinha. Uma quantia muito bacana seria depositada na minha conta. Adorei ver aqueles números

girando na minha frente, porém saber que eu não teria mais nada depois que ele se transformasse em

zero, fez com que eu percebesse o quanto estava fodida.

Só sobreviveria por uns dois ou três meses. Nada mais que isso.

Mas tudo bem, eu só precisava de um emprego novo. Numa empresa nova e, de preferência, com

um chefe mais agradável. Era isso. Eu ia arranjar um emprego. Tudo ficaria bem. As coisas se

arrumariam. Não era difícil encontrar alguma coisa na minha área. Quase toda empresa precisa de um

analista.

Atravessei as portas da empresa sem me despedir de ninguém. Não precisava pagar aquele mico.

Sério, estava me sentindo derrotada, com que cara iria falar com os colegas? Tudo bem que tínhamos

passado uma noite agradável na sexta-feira, mas nenhum deles era meu amigo.

Para ser bem sincera, ninguém era meu amigo. Só me dei conta disso quando entrei no meu

carro e afundei o rosto no volante. Não tinha ninguém para ligar e dar a notícia. Opa... Tinha sim.

Caio. Ah... Mas ele estava trabalhando àquela hora. Não podia incomodá-lo com os meus problemas,

podia?

Pensei em outro número, e logo veio o de casa. Não da minha casa, o da casa dos meus pais.

Mamãe ia surtar quando soubesse. Papai ia me fazer voltar a morar com eles, certeza absoluta.

Caramba... Não podia dizer nada a minha família. Precisava arrumar outro emprego antes que

soubessem da demissão.

Comecei a chorar em um momento desconhecido. Comecei a berrar como uma louca no instante

seguinte. Por fim, iniciei uma espécie de choro misturado com soluços e balbucios que maldiziam o

mundo inteiro. A sensação de derrota, de fracasso, de vergonha e de tudo de ruim me fez entrar em um

estado depressivo de imediato.

O pior era que aquilo tudo podia ter sido evitado. Se eu não fosse tão louca... Tão perturbada...

Poxa, precisava descontar minhas angústias no trabalho? Eu sabia que a culpa daquilo não havia sido

da minha avó. A morte dela me abalou muito, sem dúvidas, mas meu novo comportamento foi

minuciosamente criado pela paixão adolescente. Aquela montanha-russa de emoções que se tornou a

minha vida acabou me prejudicando mais do que podia calcular.

No entanto, não podia culpar o Caio. O coitado não seria responsabilizado pela minha falta de

senso. Por falar nele, acabei tomando uma decisão: precisava de um abraço com urgência. Sei que

ficaria todo preocupado, mas não dava para adiar, e também não podia dar a notícia por telefone.

Tentando manter a calma, dirigi até um endereço inusitado: o restaurante em que o Caio

trabalhava. Eu conhecia o lugar de nome, mas nunca havia frequentado. Fiquei empolgada quando

percebi que era um estabelecimento bem grande e chique, com direito a estacionamento com

manobristas trajando ternos. Um luxo!

Estacionei (sem a ajuda dos manobristas, pois avisei que seria rápido) em um lugar bem

distante da entrada, pois o restaurante se encontrava bem cheio. Liguei o meu mais novo alarme e

agradei por estar trajando roupas legais. O ambiente era mesmo bem fino. Fiquei impressionada!

Alcancei uma pequena calçada e fui andando lentamente, desta vez praguejando por estar usando

um salto alto demais. Meus pés começaram a doer na metade do caminho, e acho que a minha vida é

ter os meus pés com problemas e ser surpreendida com um casal aos beijos.

Entre uma porta, que achei ser a dos fundos da cozinha, e uma parede alta que dividia um espaço

para agregar caminhões de descarga, um casal se esfregava no maior entusiasmo. A iluminação estava

boa o bastante para me fazer ter certeza do que via: Caio estava beijando uma garota. Abri a boca,

estupefata, prestes a gritar, mas me contive quando identifiquei a sujeita. Era a Lilian. Minha prima.

Minha odiosa prima vadia.

Esfreguei os olhos. Vai que estivesse tendo uma ilusão? Chacoalhei a cabeça com força,

mandando os fantasmas pararem de me assombrar e de me fazer ver coisas, porém não adiantou. Caio

continuava lá, beijando a Lilian com empolgação. Tentei ver algum resquício de... Sei lá, vai que ela

estivesse forçando a barra, né? Enfim, não encontrei. Caio estava a beijando porque queria. Aquela

mão agarrando seus cabelos, enquanto a outra lhe apertava a cintura, não me deixava negar.

Abafei um soluço e voltei para o carro correndo. Tranquei-me em um segundo, quase

enlouquecendo. Minha mente não quis raciocinar, muito menos justificar. Meu coração só quis

sangrar. Meu corpo explodiu em lágrimas infindáveis, e foi assim que o meu mundo desmoronou de

vez.

Eu podia fugir, podia dirigir sem rumo como da última vez, mas só queria ir pra casa. O que não

fazia sentido, já que a minha casa guardava lembranças que eu só queria esquecer. Sim, esquecer. O

esquecimento total e imediato foi a última saída oferecida a uma esperança cansada de entrar em

coma.

Dirigi perigosamente pela cidade até chegar ao meu destino. Confesso que ultrapassei sinais

vermelhos, tranquei alguns carros, fiz curvas que eu nunca conseguiria fazer sem o efeito do ódio e

estacionei de qualquer jeito no lugar de sempre. Passei pelo jardim arrancando algumas folhas na mão,

e me cortando em algumas delas, até chegar à varanda.

Chutei um vaso. Depois outro. E mais outro. Arranquei os sapatos e chutei tudo o que via pela

frente. Com as mãos trêmulas, tentei abrir a porta. Os soluços e as lágrimas me acompanharam

durante todo o percurso.

Caí em um pranto intenso quando vi o tapete da Sra. Klein. Quase sem forças, arrastei-me até o

meu quarto. A minha cabeça começou a doer forte. Achei que fosse desmaiar ou vomitar, ou os dois

ao mesmo tempo.

– Acabou... – sussurrei para o vento, até que parei diante da parede da Clarice. – Acabou! – gritei

alto. – Acabou! Droga!

Peguei alguns pincéis atômicos e comecei a rabiscar a parede. O ódio que me invadiu foi tão

grande que acabei aplicando força demais: os pincéis começaram a ceder contra a parede até se

espatifarem em minhas mãos. Consegui riscar metade das frases, enquanto chorava, gemia, gritava e,

por vezes, urrava como uma louca.

Nunca senti uma dor tão absurda. Nunca me senti tão perdida, tão sozinha, acabada... Destruída.

O maldito havia me destruído. Acabou comigo, com a minha esperança, com a minha sanidade. Tirou-

me um emprego, uma vida, uma capacidade de amar e de respeitar o próximo.

Ele me tirou tudo, até eu mesma.

Peguei o meu celular e, aos tropeços, abri uma gaveta da cabeceira. Estava com uma ideia em

mente; colocaria em ação o quanto antes. As coisas não podiam ficar assim. Não podiam. Eu precisava

sair da inércia. Precisava corrigir os erros que cometi na minha ânsia de acertar. Sim, eu sei, isso é

uma frase da Clarice, mas ela não estava mais na parede. Em seu lugar, havia apenas um rabisco

grotesco.

Achei o número que eu queria e digitei. A pessoa atendeu no segundo toque.

– Carlos? – choraminguei. – É a Raissa. Preciso da sua ajuda. É urgente.

Quase não consegui ouvir a voz que me respondeu. Encarei a parede, agora sim pichada, e foi

impossível não fazer uma comparação com a minha própria alma.

Alguém havia me virado do avesso e destruído toda a essência que outrora existia em mim.

38 (por Calvin)

A inacreditável gota de sorte que cai sobre a testa de um homem de azar

A beleza se resume nos olhos dela. São duas luzes castanhas, que me fazem lembrar avelãs,

demonstrando a mais sublime verdade, enaltecendo o que é sincero e traduzindo o amor mais lindo

que já recebi de alguém. Não que eu tenha recebido tanto assim; uma quantidade favorável deste

sentimento é digna apenas dos que têm sorte, e eu nunca tive o prazer de me achar um cara sortudo.

Até então.

Agradei ao Deus que ela acredita – e acredito nela – em silêncio. Não podia haver felicidade

maior do que aquela que eu sentia quando a Raissa dormia em meus braços.
Seu corpo nu, a pele

leitosa e as curvas femininas de seu corpo enigmático me levavam ao êxtase
sem precisarem fazer

esforço. Não tenho dúvidas de que a mulher que respirava tão perto de mim
era a mais encantadora

que já conheci.

É lamentável que eu seja burro demais para merecê-la. Queria poder apagar
as páginas da

minha vida só para reescrevê-las a partir do momento em que aqueles lábios
confessaram um amor

que, não sei como, nasceu naquele doce coração. Talvez por isso mesmo
que tenha acontecido: a

bondade dela redime os meus pecados e seleciona apenas o que tenho de
melhor. O pouco que me

basta de digno.

Como não ser o meu melhor, por ela? Como não buscar a dignidade que
alivia a minha culpa

por ter sido o canalha que sempre fui? Ela me fez mudar de ideia; mais do
que isso, ela me fez mudar

tudo o que sou. Porque seu amor me cura diariamente, porque me alivia, me
traz paz, me faz esquecer

o que sempre tentei e jamais consegui.

Raissa é a minha redenção, é o meu sentir, o meu transformar... Ela é a
minha chance. A minha

última chance de amar, e saber que não terei outras oportunidades – jamais permitirei que alguém que

não seja ela me ame – me causa medo. Muito medo. Sei que vou acabar perdendo essa chance,

exatamente do mesmo modo como perdi tudo na minha vida.

Não, Caio... Pare de pensar nisso. Acredite nela. Confie. Tudo vai dar certo. Chegou o seu

momento de ser feliz, de compensar tantos anos torturantes...

Eu não posso magoá-la. Não posso fazer merda. Porra, eu sempre faço merda.

Seja o seu melhor, Caio. Busque a força dos que não desistem. Seja homem como o seu pai foi.

Raissa só merece a sua força. Seus medos e fraquezas não podem ser revelados. Esconda-os. Esconda-

os para não perdê-la, e jamais os procure de novo, até que se esqueça onde os escondeu.

Meus pensamentos se tornaram nebulosos quando a coisa mais linda que já me aconteceu abriu

os olhos. Sorriu, mostrando dentes e lábios tão perfeitos que podiam se transformar em poesia.

– Bom dia, vizinha... – falei como de praxe, devolvendo o mesmo sorriso e sabendo que, se ela

sentisse metade do que sinto quando a vejo sorrir, seria o bastante para que estivesse totalmente

apaixonada. E a sua paixão por alguém como eu jamais seria meu mérito, e sim dela, por ser tão capaz

de amar o que ninguém amaria.

Acho que ela é como a Clarice: “o que obviamente não presta sempre me interessou muito.

Gosto de um modo carinhoso do inacabado, do malfeito, daquilo que desajeitadamente tenta um

pequeno voo e cai sem graça no chão”. Não sei o que faz essas duas mulheres enxergarem beleza e

sentirem deslumbre pelo que é fracassado.

Longe de mim julgá-las. Muito pelo contrário, eu as admiro. Como não se apaixonar? Raissa é

tão perfeita quanto a minha louca Clarice. E eu só posso me achar um cara de sorte, por mais que a

sorte jamais tenha estado ao meu lado. Ela e eu somos dois desconhecidos que se cruzam em uma rua

com flores lindas que a Raissa plantou.

– Bom dia, vizinho! Poxa, segunda-feira... Estou morta, mas feliz! – Seu sorriso amplo não a

deixou negar. Abracei-a como se estivesse abraçando o mundo. E estava: o meu.

Congelei diante da palavra morta. Preciso parar de pensar nisso. Preciso me livrar do medo que

tira o meu fôlego. Raissa não vai morrer. Não acontecerá nenhum acidente. Ela tem boa saúde...

Observei seu rosto só para conferir se estava corado. Parecia meio pálida.
Será que estava bem? Será

que mantinha exames atualizados?

Estava decidido: precisava fazer comidas mais saudáveis para gente,
começando por aquela

manhã. Raissa anda comendo muita besteira, e a culpa é totalmente minha.
Anotei na agenda mental:

comprar beterraba, laranja, limão, hortelã e cenoura. Faria um suco bem
forte na manhã seguinte.

– Como se sente? – perguntei, tentando disfarçar o desespero. Meu coração
nunca bateu tanto

quanto nos últimos meses.

– Cansada... – Meus pensamentos voltaram ao passado, como sempre. Os
olhos cansados do

meu pai quase imploravam para morrer. Ele vivia cansado o tempo todo.
Até eu me contagiei com o

seu cansaço, lembro-me de não conseguir fazer nada direito durante sua
doença. – Mas pronta pro que

der e vier!

Raissa se espreguiçou, separando-nos um pouco. Deu-me um selinho e
pulou da cama,

deixando-me louco ao permitir que sua bunda alcançasse o meu campo de
visão. Que traseiro

delicioso... Puta merda! Um dia ainda comeria aquele cu redondinho, meu
pau já não podia se conter

de tesão por ele.

Fiquei duro só de vê-la se vestindo com as roupas que havia separado antes de vir dormir na

minha casa. Sempre acordo excitado, mas respeito seu horário no trabalho. Jamais permitiria que se

atrasasse.

Espreguicei-me e fui me levantando também. Tinha polpa de maracujá na geladeira; pensei em

fazer um suco misturado com chá de camomila. Traria tranquilidade e calma para a minha linda

durante o dia. Mas não era o bastante, ela precisava de algo mais forte... Pensei por um instante e

decidi fazer crepe com recheio de queijo e peito de peru. Raissa come pouco de manhã, mas não me

escaparia.

Vesti uma cueca antes que percebesse o meu pau louco por uma foda bem dada, e fui à

cozinha. Precisava ser rápido. Separei todos os ingredientes e comecei a preparar tudo ao mesmo

tempo: coloquei água para ferver, pus a polpa de maracujá no liquidificador, cortei algumas frutas e

reuni os itens para a preparação do crepe. Estava acostumado com a rotina intensa do restaurante.

Cozinhar profissionalmente exige competências como rapidez, habilidade e inteligência.

Raissa apareceu toda pronta meia hora depois. Sentei-a diante da mesa da cozinha e lhe servi o

que já estava pronto. As frutas foram as primeiras, e a obriguei a comer tudo.

– Você vai me transformar numa baleia! – Riu. Ri também, ainda mais porque prefiro uma

baleia a um peixe-agulha doente.

– Vai ficar linda do mesmo jeito. Pare de reclamar e coma, Raissa. Quero você bem

alimentada. – Queria isso uma parte pelo meu sangue italiano, que não admite desfeitas, e a outra por

pura paranoia. Vale salientar que a paranoia era a maior delas.

– Não vai comer? – perguntou com a boca um pouco cheia. Mais uma coisa que gosto na

Raissa: ela não tem cerimônia. Além de que tem um ótimo senso de humor; às vezes fico rindo

sozinho me lembrando das coisas que fala, pareço um idiota. Isso sem falar da inteligência, da

maturidade, da beleza única... Acho que me empolguei de novo. Tenho que aprender a me conter. Toda

vez que penso em uma qualidade para ela, sempre me vem várias na mente.

– Agora não, vou cuidar do jardim primeiro.

– Não vai dormir um pouco mais? Seu horário é estendido, lembre-se disso...

– Vou ficar bem.

Raissa sorriu mais uma vez. Cansei de resistir e lhe dei um beijo curto. Adoro o choque entre

os nossos lábios; é uma carga eletrizante que me trouxe vício desde o primeiro.

Bem que tentei resistir a tudo o que aquela louca me fazia, mas foi impossível. Ela chegou

como um furacão, movendo tudo do lugar, mexendo com a minha história e praticamente me

obrigando a mergulhar de cabeça em uma coisa que nunca conheci ou entendi. Acabei me lembrando

de uma frase: “renda-se como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.

Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento”.

Clarice narra a história da minha vida e morreu sem saber disso.

Enquanto a observava comendo e sorrindo para mim, uma dor de cabeça horrível, a mesma de

sempre, quis se aproximar. Eu já era tão familiarizado com aquela dor que sabia que ela viria e que

doeria pra caramba, antes que, de fato, viesse e doesse.

Lembrar-me daquele mergulho me trazia uma angústia dilacerante. Não podia negar, como

venho fazendo, ou me esconder, como sempre fiz; havia acontecido comigo o que prometi jamais

deixar acontecer. Eu me apaixonei. Ou melhor, paixão é até simples de lidar, aquilo ia além... Paixão é

o que sinto pelas plantas, pela gastronomia, pela academia, pelos meus livros... O que eu sentia pela

Raissa tinha outro nome.

Quebrei a minha promessa. Meu pai deve estar decepcionado comigo. Ele me fez prometer

tantas vezes que jamais amaria uma mulher... Mesmo que estivesse bêbado e pensando na mamãe,

sempre achei que estivesse querendo o melhor para mim. Sei que o melhor é não se envolver, sei que

não devia... Não devia.

Como fui deixar que acontecesse? Onde estava com a cabeça? Triste momento aquele em que

percebi que... Raissa tinha que ter saído da festa daquele jeito? Precisava estar tão linda, tão... Por que

ela fazia tudo o que eu gosto, era tudo o que eu queria que fosse, falava tudo o que eu precisava ouvir,

fazia qualquer coisa que me agradasse, até me convencer de que mais nada faria sentido sem sua

presença?

Ela me enfeitiçou. Sinto-me embriagado, vivendo uma ilusão que insiste em alegar que mereço

ser feliz e parar de achar que vou morrer sozinho.

Tudo ilusão... Ou não? A vida me deu mesmo uma chance? Uma real oportunidade? Ou só

abriu um espaço dentro de mim apenas para que as feridas se aprofundassem, já que criei uma casca

grossa na superfície do meu ser?

Tive vontade de gritar quando a Raissa precisou ir embora, e nos despedimos no jardim. Por

fora, eu era o cara corajoso que ela merecia, mas por dentro eu estava gritando. “Porque há o direito ao

grito. Então eu grito”. Pudera poder gritar de verdade. Clarice é a única que tem esse direito.

Enchi o regador com água em vez disso. Suspirei de tristeza e solidão, depois sorri. Meu pai

era o cara mais engraçado que já conheci. Ele ria, mesmo que sua alma estivesse em pedaços.

Espalhava alegria mesmo não guardando sequer um resquício para si. Aquela promessa eu jamais

descumpriria: seria uma pessoa alegre. Mesmo sendo mentira.

Alegria inventada enlouquece menos do que tristeza real.

– Ei... – Segurei algumas folhas do pé de goiaba. Aquele estava vivo desde que eu era pequeno.

Minha avó o adorava. – Bom dia... Como estamos hoje? – Suspirei de novo.
– Eu sei, vai passar.

“Você pensa que essa dor nunca vai passar, mas passa”... – Ri de mim mesmo. – Eu espero até hoje

que passe, você sabe. – Peguei o regador e comecei a jogar água nas plantas que estavam por perto. –

Clarice sempre está certa. O problema deve ser comigo... Eu sei, não estou me autoflagelando de novo,

não se preocupe. É só que devo ter uma memória muito boa.

Comecei a rir de verdade, até virar uma gargalhada. A minha mania de inventar longas

conversas com as plantas era engraçada. Se alguém me visse, acharia que eu era um louco ou um

esquisitão. Não me importo. “E se me achar esquisita, respeite também. Até eu fui obrigada a me

respeitar.”

O fato é que as plantas crescem mais saudáveis quando converso com elas. Foi a minha avó

quem me ensinou isso. E ela está certa: uma vez salvei uma palmeira inteira só no bate-papo e muita

paciência. Juro que ela estava desacreditada, quase cheguei a desistir dela. As plantas são mágicas.

Queria que as pessoas fossem assim; uma bela conversa e pronto, ficam vivas de novo.

Mas não são. Nada as traz de volta. Nada. E olha que eu já tentei de tudo.

Estava pensando na morte – sempre penso nela – quando a Raissa me mandou uma mensagem, a

primeira do dia. Avisou que tinha chegado e me desejou um ótimo dia. Pude até visualizar o seu

sorriso e o jeito incrível como seus olhos brilhavam. Sorrindo, respondi para que se cuidasse. Pensei

em escrever mais coisas, porém travei. Quase nunca sei o que dizer a ela. Eu podia me acostumar se

não fosse a frustração. Ficava decepcionado comigo mesmo quando não conseguia desabafar tudo o

que tinha para lhe dizer.

Fiquei me sentindo um lixo depois que enviei uma mensagem sem graça. Quase não pude conter

a vontade de transar. Só sexo me faz relaxar de verdade. Só uma boceta bem molhada e apertada me

tira essa dor de cabeça, essa angústia, frustração, essa merda que massacra o meu peito e não me deixa

respirar.

Peguei o meu celular e dei uma olhada na agenda. Só tinha nome de mulher, de A a Z, cada qual

disposta a ser fodida, bastava uma ligação. Naquele momento, só consegui visualizar nome de

remédio. Era o que elas representavam; a cura para a minha capacidade de autoflagelamento.

Nem cheguei a procurar muito, escolhi o primeiro nome: Aline. Ela atendeu bem rápido, até

meio eufórica. Eu não fazia ideia de quem era aquela mulher. Havia umas dez Alines na agenda.

– Uau, que surpresa é essa, Caio? Me dê uma boa notícia!

Suspirei. Que droga era aquela que eu estava fazendo?

– Desculpa, Aline, liguei errado – falei tão rápido e embaralhado que acho que ela não entendeu

nada.

Nem eu. Não dava para me entender. Era a terceira vez que aquilo acontecia. Isso sem contar

com as ligações e mensagens que eu recebia o tempo todo. Meu celular andava no silencioso

ultimamente. Só agradeço porque a Raissa não o confiscou. Ela ia se magoar muito caso fizesse, e

com razão. Sendo que, juro, faz três semanas que não atendo ninguém além dela.

Não... Caralho, eu a estou magoando com esses surtos. Preciso continuar me mantendo fiel.

Raissa merece total fidelidade, assistência, enfim... Há uma lista imensa de coisas que ela merece, e

em nenhum item é mencionado os meus distúrbios psicológicos.

Eu não a mereço. Não consigo parar de fazer merda. Não consigo... Se eu não tivesse desligado?

Porra... Nenhuma qualquer vai me satisfazer de verdade. Só a Raissa me satisfaz. Só ela. Não adianta

buscar conforto momentâneo e criar mais um motivo para dor de cabeça. Não suportarei me sentir

pior do que já estou, e sei que ficaria se a traísse.

Estou precisando de ajuda. Não consigo sozinho. Já provei a mim mesmo que não consigo

superar, ultimamente só a Raissa tem me convencido do contrário. Preciso ter paciência e continuar

segurando as pontas, navegando contra a maré depressiva que me impede de ser eu mesmo. Já não sei

mais onde me escondo. Meu eu permanece em um horizonte distante, alheio a mim, fora de qualquer

realidade.

Trabalhei nas plantas durante uma hora. Ignorei mais duas ligações neste meio tempo. Minha

vontade de relaxar foi sufocada pelas aflições, e decidi parar quando a cabeça iniciou o seu processo

de diário de perturbação mental. Tomei o suco que tinha feito para a Raissa, além de uma série de

suplementos. Coloquei uma roupa para ir à academia e simplesmente fui, porque se eu deixasse de

fazer o que gostava por causa da dor, estaria vegetando vinte e quatro horas em cima de uma cama.

Talvez a Clarice tenha errado quando me garantiu que a dor ia passar, porém estava certa quando

disse que devemos viver apesar de. Lembrei-me da carta da Raissa instantaneamente. Era

impressionante como, mesmo sem conhecer um lado obscuro que habita em mim, ela me conhece.

Toda a minha trajetória foi marcada pelo apesar de, sei muito bem como lidar com ele. Ou não. Às

vezes me esqueço. Às vezes fantasio, maquio a realidade, entro em mundos que só existem na minha

cabeça.

O que sobra é apenas uma antiga tristeza que não consigo superar. Uma solidão que já virou

companhia de tão reconhecida, e que só percebi o quanto a detestava quando a Raissa mandou que

fosse embora. Foi um alívio. Pensar nela me traz alívio também. E medo. E pavor. E uma alegria

efêmera, um tesão louco, uma vontade de viver nunca sentida, de ser feliz, de ser forte, de sumir, de

desistir. Sou um misto de contradições desagradáveis; um moleque que se esqueceu de “se ser”, e

colocou a desgraça à frente de sua essência.

As garotas da academia já não vieram mais falar comigo. Precisei de muita paciência para

chutar uma a uma, até que parassem de me assediar. Malhar se tornou mais suportável. No começo foi

horrível; assumir a Raissa implica deixar de assumir o meu lado cretino, e é difícil demais deixar de

agir do jeito como agi a minha vida inteira. O mundo parece não estar acostumado com as novas

atitudes, mas não o culpo, porque nem eu mesmo estou, e sequer sei se um dia estarei.

Tive uma ideia razoável quando voltei para casa e precisei ignorar a sexta ligação do dia. Tirei o

chip do meu celular e o quebrei. Depois, apaguei todos os números da agenda eletrônica. Estava na

hora de parar de viver por um triz. Raissa merecia um recomeço completo. A minha vida precisava

estar pronta para receber a dela.

Só depois que quebrei o chip foi que me lembrei de que tinha que avisá-la quando comprasse um

novo. Fiquei logo preocupado, pois haveria um espaço de tempo em que não estaria acessível caso

alguma coisa acontecesse. Precisava sair de casa depressa.

Tomei um banho revigorante e saí do banheiro me sentindo um pouco melhor. A academia

sempre me faz bem. Apesar de estar com a cabeça pesada, o meu corpo agradecia o exercício. Sentei-

me um pouco na cama e encarei a estante da mamãe. Eu podia lidar com a dor. Sobrevivi àquela

manhã. Fiz tudo certo. Meu dever de casa estava pronto, agora era só respirar e me distrair fazendo o

que mais amo fazer: cozinhar.

Estava positivo como quase nunca fico, portanto não precisava descobrir o que acabei

descobrimo ao olhar a estante com um pouco mais de atenção: faltava um livro. Meus batimentos

aceleraram, e me levantei para conferir. Sabia a posição de cada obra que ali se encontrava, por isso a

queda livre foi longa quando me dei conta que faltava justamente o livro de frases da mamãe.

Procurei-o por toda parte. Não o encontrei em lugar algum. Descartei a ideia de que talvez a

Raissa tivesse pegado, pois ela nunca mexe em nada sem a minha permissão, por mais que eu diga

para ficar à vontade. Revirei o quarto, a sala e até a cozinha. Não tinha outra explicação: alguém havia

roubado o meu livro.

Fazia muito tempo que eu não o via mesmo. Pensando melhor, nunca fiquei tanto tempo sem vê-

lo. Meus pensamentos rastrearam todas as lembranças, até que uma se tornou a mais satisfatória para

explicar aquele sumiço: Karen.

Ela esteve na minha casa e mexeu nas minhas coisas. Provavelmente o pegou. Karen sabe o

quanto aquele livro significa para mim, e o mais difícil foi aceitar que estive tão enganado com

relação a ela. E que o meu engano prejudicou muito a Raissa.

Pensei que a conhecia, mas pelo visto não. Pergunto-me se conhecemos de verdade as pessoas.

Cada rosto me parece conter uma máscara, tudo se torna fingimento, falsidade, decepção. Raissa tem

total razão em não possuir amigos. Melhor estar só do que mal acompanhado; um ditado antigo e

extremamente sábio.

Puto de raiva – e não era para menos –, terminei de me arrumar e saí de casa antes da hora, já

consciente das escalas que faria antes de chegar ao trabalho. A primeira parada era para resolver o

assunto mais importante do dia: precisava recuperar o meu livro o quanto antes. Meu coração não

conseguiria se aquietar, sabia que só teria paz quando o tivesse em minhas mãos de novo.

Estacionei em frente ao prédio da Karen. Sabia que estaria em casa numa segunda-feira pela

manhã – ela estuda odontologia à noite e não faz mais nada da vida, vive da pensão gorda que seus

pais ricos lhe dão todo mês –, curando a ressaca do que quer que tenha feito no domingo.

O porteiro já me conhece de longas datas, por isso me deu livre acesso ao prédio como se eu

fosse um morador. Desde que conheci a Karen – em uma festa patrocinada pelos estudantes da

faculdade, que terminou no nosso primeiro ménage a trois juntos –, nunca tínhamos brigado. Nem

mesmo uma discussãozinha sequer. É estranho estar com ódio de alguém que você confiava e gostava.

Infelizmente, a vida tem dessas.

Usei o elevador até o sétimo andar, e apertei a campainha umas dez vezes seguidas. Minha raiva

e angústia eram tão grandes que por um instante não soube o que era capaz de fazer quando ela abrisse

a porta. Assim que aconteceu, continuei parado, absorvendo a raiva para não fazer nenhuma besteira.

No entanto, Karen sorriu amistosamente.

– Deli... Que bom te ver! – Ainda bem que ela não pulou no meu pescoço como sempre fazia.

Acho que notou a minha expressão rígida.

– Onde está o livro da mamãe? – falei com a voz especialmente comedida.

– Eu não se...

– Onde. Está. O livro. Da. Mamãe? – Explodi em um segundo, empurrando-a pelos ombros até

fazê-la se chocar contra a porta. Não a larguei, continuei a imprensando. – Devolva a merda do livro!

– Deli, eu...

– Devolva, Karen! – rosnei muito alto, de forma que o prédio inteiro deve ter escutado. Larguei

os ombros dela, não queria que achassem que eu a estava machucando. – Sei que está com você.

Devolva, agora!

– Calma, Deli, calma... – Ela parecia bem nervosa. – Está comigo, sim. Tenha calma, por favor!

– Me dê! – berrei. Não conseguia me livrar da fúria. A sensação de vulnerabilidade sempre me

deixou possesso. E eu ficava vulnerável demais sem aquele livro; na verdade eu não era nada sem ele.

– Me dê, agora!

– Calma... Entra aí.

Dei alguns passos para frente, até ser possível que fechasse a porta. Ela o fez. Passou por mim

lentamente, caminhando até a sua sala. Abriu a primeira gaveta de um dos móveis e retirou o livro de

lá. Bufei de tanto rancor. Prendi meus dentes contra o outro só para não começar a gritar.

– Deli... Vamos conversar.

– Me dê!

Karen abraçou o livro.

– Por favor... Vamos con...

– Só vou falar com você quando essa porra estiver aqui, na minha mão. – Sentei-me em um sofá

individual, ergui a mão e esperei. Karen me devolveu com ar temeroso. Conferi algumas páginas e,

aliviado, soltei todo o ar dos meus pulmões. – Nunca mais faça isso.

– Desculpa, Deli, eu não queria...

– O que deu na sua cabeça, hein? O que significa tudo isso? Ameaçar a Raissa, roubar o meu

livro, agir como uma louca... Pensei que te conhecesse!

Karen se sentou no sofá maior. Estava insatisfeita e nervosa, mas eu não me importei.

– Desculpa... Foi tudo tão rápido!

– Que história é essa de provocar um acidente? Ficou louca de vez e virou assassina?

Karen fez uma expressão esquisita.

– Ela te contou.

– Claro que contou! Estamos namorando.

– Como é que é? – ela praticamente gritou. Karen sabe que eu não namoro, deve ter sido uma

notícia e tanto. Nem eu estava acostumado com isso. Ainda tentava entender como deixei as coisas

irem tão longe...

– Foi isso mesmo que ouviu. Estamos juntos. Agora me diz... Qual é o seu problema conosco?

Porra, Karen, tem um monte de mulher te querendo. O que quer comigo, caralho?

Não sei o que deu na maluca, mas ela começou a rir. Não encontrei graça em parte alguma, por

isso apenas a observei e esperei o seu senso de humor dar lugar ao bom-senso.

– Inacreditável o que acabou de me dizer! É sério?

– Muito sério.

Karen se aproximou e ficou me analisando. Não a culpei. É mesmo inacreditável, improvável,

impossível... Só a Raissa mesmo para fazer uma coisa tão impressionante acontecer.

– Sério... Até que ponto?

Suspirei. Um segundo de coragem foi necessário.

– Eu a amo.

Não sei direito como a Karen reagiu. Minha mente entrou em uma nuvem escura, fazendo-me

regressar imediatamente ao passado. Lembro-me do meu pai como se o tivesse visto ontem. Os

cabelos grisalhos, os olhos escuros pensativos... A barba curta. O velho era o meu melhor amigo,

talvez o único que tive. Dava-me muitos conselhos, e os melhores sempre surgiam quando estava

embriagado.

Naquela tarde de domingo, depois que enchemos a cara no churrasco, senti o velho diferente.

Introspectivo. Era comum que ficasse assim – ele sempre se recolhia quando pensava na mamãe –, por

isso apenas me afastei. Meu pai me chamou para perto meia hora depois. Sentei-me ao seu lado, e ele

afagou os meus cabelos como costumava fazer. Depois, deu algumas batidas no meu ombro e disse:

– Meu filho... Ouça o que o seu velho vai dizer agora... – Pausou durante um tempo elevado,

achei até que tivesse desistido de falar. Ou esquecido, já que estava bêbado. – No dia em que amar

uma mulher... – Parou de novo. – Use todas as mulheres, meu filho, mas nunca deixe elas te usarem

porque... No dia em que amar uma mulher... Este dia vai ser o dia do seu fim.

Como não respondi nada, ele completou:

– Prometa, filho... Que não vai cometer o erro de amar uma mulher.

Eu tinha dezoito anos. Nunca havia me apaixonado. Era o maior canalha do Ensino Médio.

Pegava geral, e nunca tinha namorado sério, só alguns rolos que nunca dei valor. Não foi difícil fazer

aquela promessa. Meu pai tinha razão sempre. Se me disse aquilo era porque não passava da verdade.

E continuava sendo, já que toda verdade é imutável – aquilo que muda nada mais é que uma

mentira disfarçada. Diante do que falei para Karen, a sensação que me deu foi a de estar diante de um

abismo. Não era incomum, eu atingia o meu limite o tempo todo, mas foi como se, além de estar

diante do tal abismo, estivesse também sem o sentido da visão. Não sabia para que lado ficava o fim, e

qualquer passo me levaria facilmente até ele.

Era a consequência que eu sofreria por ter descumprido uma promessa tão importante.

Pisquei os olhos e voltei para casa da Karen com o coração na mão, fazendo companhia ao livro

da mamãe.

–... Juro que pensei que estivesse brincando com ela o tempo todo! – ela falava rápido e

gesticulava de um modo agitado. – Percebi que estava mudado e gostando de ficar com ela, você

mesmo me disse que estava, mas não acreditei que fosse sério, Deli.

– Sabe muito bem que eu nunca mais brinco com ninguém. – Karen sabia o que tinha acontecido

na última vez que brinquei com o coração de uma mulher.

– Eu sei, mas...

– Por que a ameaçou, Karen?

– Eu estava blefando, Deli! Ela ia me bater! Você sabe que sempre fui péssima em brigas. Não

estava a fim de apanhar!

Sorri instintivamente. Raissa era uma guerreira mesmo.

– Deixa isso quieto. – Levantei-me do sofá, e ela também.

– Não fica bravo comigo, vai...

– Não estou bravo. Estou puto de raiva.

– Sei disso. É que... Poxa, ela estava te tirando de mim. E consegui. Não queria que a gente

perdesse o que nos uniu até agora. Sabe que só gosto de dar pra você.

Nem soube direito como reagir. Minha relação com a Karen sempre foi bem transparente, porém

estava difícil voltar a confiar nela.

– Eu sei, mas você vai ficar bem. Será possível que sua amizade só significa sexo?

– Claro que não. Gosto de você, Caio. – Era raro que me chamasse pelo nome. Sua seriedade me

deixou atento. – A gente já se divertiu muito juntos... Você me conhece, caramba. Fiz merda e agi

como uma maníaca, mas eu estava brincando. Acho que fiquei com raiva porque a Raissa não me quis,

você sabe que fico chateada quando não tenho o que quero.

– Sei. – Karen é uma mimada. Uma vez passou uma semana sem sair de casa, na maior tristeza,

depois que transamos com uma mulher que, em vez de ficar a fim dela, ficou a fim de mim. Tive que

me livrar da maluca. – Que isso não se repita. Raissa não merece.

Concordou comigo. Logo em seguida, sorriu e me olhou diferente.

– Estou feliz por você. Ainda nem acredito... Não vou me acostumar tão cedo! Meu Deli,

amando? O que a Raissa fez para conseguir algo assim? Estou curiosa!

– Acho que ela foi apenas... ela. – Dei de ombros. Tentei não me sentir tão perdido e não ficar

com cara de bobo, mas acho que acabei fazendo os dois. Não tive certeza sobre a minha cara, porém a

sensação de estar perdido se manteve presente. – Preciso trabalhar.

– Podemos nos ver? Queria... Sei lá, pedir perdão a Raissa. Não quero perder sua amizade, Deli.

É sério.

Era difícil saber a opinião da Raissa quanto aquela situação, e acreditei que ela devesse ser

consultada antes que eu tomasse qualquer decisão a respeito.

– Vou conversar com ela. Enquanto isso, deixe as coisas esfriarem.

– Tudo bem. Desculpa pelo livro. Você tem ignorado minhas ligações desde a festa... Sabia que

me procuraria atrás dele.

Olhei-a com raiva.

– Golpe baixo. Não foi engraçado.

– Eu sei, eu sei... Fica bem.

– Você também.

Karen andou até a porta, e fui junto. Pensei que ela forçaria uma despedida, mas ainda bem que

se manteve distante, respeitando o meu espaço.

Ainda não sabia o que fazer com relação a Karen; não sou tão bom de perdoar como a Raissa é.

Queria ser um pouco mais misericordioso, porém o rancor é um companheiro que não se afasta.

Talvez seja só mais um sintoma da minha boa memória. Não esqueço a dor, os problemas, os traumas,

o mal que fiz as pessoas e o mal que as pessoas me fizeram.

Passei em uma loja de conveniência e comprei um chip novo. Dirigi as pressas rumo ao trabalho,

pois do contrário me atrasaria. Ainda bem, consegui chegar na hora certa. Odeio me atrasar, sou um

cara extremamente pontual.

Falei com a rapaziada da cozinha e guardei minhas coisas em um armário especial para os

funcionários. Tentei colocar o chip a fim de ligar para Raissa, avisando do novo número, mas o meu

celular só dava erro. Fiz de tudo para fazê-lo pegar, quase o quebrando, mas não teve jeito: o chip

provavelmente tinha vindo danificado.

Tentei não entrar em desespero. Raissa estava trabalhando, e tudo ia ficar bem. Ela almoçava

todos os dias no refeitório da própria empresa, em total segurança, e só saía de lá às seis. Pegaria o

celular de alguém emprestado quando fossem umas sete horas. Ela já estaria em casa e em segurança.

Tudo nos eixos.

Coloquei o uniforme do chefe de cozinha, contendo o orgulho por finalmente ter alcançado um

bom cargo. A culpa de tudo, é claro, era de quem? Raissa. Sempre a Raissa. O bem que aquela mulher

me faz é diretamente proporcional ao medo que sinto toda vez que penso na gente. Ou na saúde dela.

Ou no futuro. Ou nas merdas que fiz e nas que vou fazer.

Não sei o que seria de mim sem o meu trabalho. Pode parecer esquisito, mas é o único momento

no dia em que me esqueço de tudo. É por isso que não ligo para a carga horária extensa; quanto mais

trabalho, menos me preocupo e menos me martirizo. Cozinhar, para mim, é mais que uma profissão. É

a minha terapia diária, a minha razão de estar no mundo.

O dom de cozinhar foi herdado da minha mãe. Segundo o papai, ela o fisgou pelo estômago. Eu

não duvido, já preparei quase todas as suas receitas e me surpreendi em cada uma delas. Claro que é

diferente, tenho certeza de que os pratos feitos pela mamãe saíam ainda mais gostosos. Um dos meus

sonhos secretos, e impossíveis, é poder comer alguma coisa preparada por ela. Sei que jamais o

realizarei, por isso tento me contentar em seguir suas instruções à risca. Busco sentir seu amor através

das delícias que me proporciona: as leituras, as plantas – mamãe era apaixonada por flores –, as

receitas, e até mesmo o tapete, que agora estava em boas mãos.

É estranho, porém sinto a presença dela o tempo todo. Acontece desde que me conheço por

gente. Acho que não enlouqueci até agora por causa disso; alguma coisa me diz que ela está me

guiando, acompanhando-me e me amparando quando preciso. Tenho certeza de que foi ela quem me

trouxe a Raissa. Sinto um poder mágico vindo do além, impulsionando o meu corpo a continuar apesar

de todas as adversidades.

Eu só queria que tudo fizesse sentido um dia. Queria entender o porquê de tanto sofrimento.

Talvez alguém me devesse uma explicação. Ou talvez não houvesse uma: o azar não escolhe quem

atingir. Talvez eu não passasse de um cara desprovido de sorte, um coitado que nasceu para

experimentar todos os sentimentos ruins.

Não duvido. Não duvido...

O dia passou que nem percebi. A cozinha estava movimentada, mesmo sendo segunda-feira.

Sempre tinha o que fazer, principalmente quando se trabalha como chefe. As responsabilidades são

redobradas, as cobranças também, e eu só conseguia achar tudo bastante divertido.

Dei uma olhada no relógio e percebi que já eram quase sete horas. Ia esperar apenas alguns

minutos a mais para telefonar e confirmar se a minha linda estava bem. O desespero foi calado pela

calma que a cozinha me passava, por isso estava zen, imune à angústia.

– Ei, Bressiani, tem uma garota lá fora te procurando. – Um dos garçons me procurou na

cozinha. Era comum nos referirmos um ao outro usando o sobrenome, e o pessoal tinha gostado do

meu por ser italiano, como era o restaurante. Dava mais moral ao estabelecimento ter um chefe

descendente de italianos. Mais uma bela herança da mamãe.

Foi difícil esconder um sorriso. A Raissa havia finalmente vindo me visitar, como sempre

prometeu. Fiquei logo empolgado, quase me esquecendo de retirar o avental, as luvas e a toca. Fiquei

com a camisa branca e a calça, também branca, do uniforme.

– Onde ela está?

– Na entrada mesmo!

– Beleza!

A ansiedade me acompanhou durante o tempo que levei para chegar à entrada do restaurante. A

movimentação começava a aumentar de novo para o jantar. Cumprimentei alguns clientes e

funcionários pelo caminho, tentando despistar o gerente.

Escapuli para a saída e procurei a Raissa em toda parte, mas não encontrei ninguém parecida

com ela. Achei bem esquisito. Uma garota se aproximou de mim de repente, e demorei um pouco para

reconhecer a Lilian.

De uma coisa tive certeza: nada bom viria dali. Meu corpo entendeu no mesmo instante,

fazendo-me reagir na defensiva.

– O que faz aqui? – perguntei logo. Ela balançou as mãos para frente, ainda se aproximando.

Parou perto demais. Afastei-me. – Como descobriu onde trabalho?

– Restaurante italiano badalado... Só existe um na cidade. Engraçado que o garçom não sabia

quem era o Calvin. Tive que dar descrições. Ainda bem que a Sara comentou que você foi promovido,

foi fácil identificar o chefe. Caio Bressiani, não é? – Fez uma expressão indiferente. – Está se

escondendo de quem mentindo o seu nome?

– De ninguém. Calvin é um apelido. – Nem sei por que estava dando satisfações àquela maluca.

Tudo bem aturá-la na frente dos pais da Raissa, não queria que tudo se transformasse em confusão,

mas aquilo ali já era demais. Cansei de ser paciente.

– Conta outra. Por que não atende às minhas ligações?

– Por que será? – Ergui uma sobrancelha.

Putá que pariu... Mais uma forçadora de barra no meu caminho. Elas estão por toda parte.

Contudo, naquele caso, a culpa era totalmente minha. Só estava pagando pela minha própria estupidez.

– Qual é o seu problema, cara? – Empurrou-me de leve com uma mão. Ignorei sua agressividade

e me afastei.

– Lilian... Já chega. Vá embora.

– Vamos ter uma conversa. Você não vai escapar desta vez.

Olhei ao redor. O velho desespero retornou. Não sabia o que fazer. Falar com aquela maníaca era

a última coisa que eu queria na minha vida. Mas ela não me deixava em paz nunca... Aquela bomba ia

acabar explodindo, e pior, machucando a Raissa. Eu não podia permitir.

– Me acompanhe – pedi, e fui caminhando nervosamente em direção aos fundos do restaurante,

atravessando parte do estacionamento. Estava bem iluminado e vazio por ali, poderíamos conversar

sem causar alardes.

Junto com o desespero, a dor de cabeça voltou.

Chegamos perto da entrada de um galpão, que guardava alguns materiais e suprimentos. Virei-

me para ela e parei. Uma sensação ruim fez a dor de cabeça piorar até me deixar um pouco tonto.

– Fale o que quer.

Lilian riu.

– O que eu quero? Você é muito cara de pau. Raissa sabe o que anda fazendo pelas costas dela?

Arquejei. Mal conseguia respirar.

– Do que está falando?

– Não seja cínico. Sara me disse sábado, depois que foram embora. É verdade? Estão

namorando?

Eu não queria dar informação alguma para aquela mulher, mas me vi sem escolhas. Quem sabe

assim ela entendesse que eu não estava interessado?

– Sim. Há três semanas. Como vê, é recente.

Gargalhou alto.

– Coitada! Raissa se superou desta vez! Só escolhe cara errado, Deus me livre.

Senti-me completamente ofendido, mesmo que estivesse com razão. O desespero começou a dar

lugar à raiva.

– Fale logo o que quer. Não tenho tempo, muito menos para você.

– Ela sabe que a gente transou?

Olhei ao redor. A filha da puta tinha falado alto demais. Passei as mãos pelos cabelos,

desconcertado e com raiva não só dela, mas de mim mesmo.

– Me deixe em paz.

– Foi o que imaginei. Você não contou. É um covardezinho de merda.

– Escute aqui...

– Escute aqui você! – gritou. – Conheço vários do seu tipo. Acha que pode usar as pessoas.

Comigo não cola, cara.

Fiquei em silêncio. Meu cérebro se convenceu de que Lilian estava com a razão, que eu merecia

cada palavra áspera. Eu a havia usado. A noite que passamos juntos foi um erro tremendo, um ato de

desespero irreparável. Eu estava tentando esquecer a maldita noite de despedida que tive com a

Raissa, sendo um filho da puta só para me convencer de que devia deixá-la em paz de uma vez.

Tentei chegar ao limite da canalhice, dormindo com mulheres quase sem distingui-las, morrendo

de pavor por não conseguir sentir nem um pingão do que sentia quando estava com a Raissa. Eu me

arrependi de ter dormido com a Lilian antes mesmo de ter acabado. Aliás, acho que antes de

começarmos, já estava arrependido. E mesmo assim a merda foi feita. Sou um idiota.

Só fiz abrir a minha própria cicatriz. Aumentei a culpa e a lista imensa de coisas que tenho para

me arrepender.

– Me desculpa – murmurei. – Eu não enganei ninguém. Nem você e nem ela. Não estávamos

juntos. Éramos apenas amigos quando aconteceu.

– Você é um cretino. Não merece alguém como a Rai.

Aquiesci, concordando. Ouvir aquelas verdades doeu tudo o que havia dentro de mim.

– Quem vai decidir isso é ela. Não você.

– Ela vai decidir quando você contar que trepou como um louco comigo?

– Já basta, Lilian! Vá embora! – Perdi a paciência de uma vez.

– Eu vou contar! Vou contar tudo pra ela!

Parei no tempo. Criei raízes no chão, sentindo a fumaça que saía do abismo
diante de mim

acariciando o meu rosto. Imaginei a Raissa descobrindo tudo. Que golpe
seria para ela... Nunca mais

voltaria a confiar em mim. Jamais me perdoaria por aquele erro. Toda
capacidade de perdoar tem

limite, e sei que tinha ultrapassado qualquer limite do perdão dormindo com
aquela filha da puta. Eu

mesmo não me perdoaria.

– Não... Por favor, não.

– Vou dizer a ela, Calvin. Ou melhor, Caio. Vou dizer a Raissa que nós já
transamos. Acha que

ela vai te perdoar? – Soltou uma risada cruel. – Eu a conheço.

Eu também a conheço. Raissa é o ser humano mais doce do mundo, mas
jamais me perdoaria por

ter transado com sua prima. Ela já estava morta de ciúmes da Lilian, não
sou imbecil, percebi que

soltaram farpas no sábado em que visitei seus pais. Depois ainda quis
encrençar comigo, mas acabou

desistindo.

Raissa jamais entenderia que antes dela eu não passava de um otário que não sabia sequer

discernir com quem iria transar. Que tipo de valor um cara que come qualquer uma tem? Ela sentiria o

mesmo nojo de mim que eu estava sentindo naquele instante.

– Não... Lilian, não faça isso. – Entrei em total desespero. A tontura piorou bastante. Aquela

louca era capaz de tudo... E eu era mesmo muito imbecil, não acreditava que tinha feito aquela merda.

Jamais podia ter dado corda para aquela mulher.

Infelizmente, nenhum arrependimento muda os fatos.

– Há um modo de reverter isso, Caio. – Encarou-me de um jeito completamente esquisito. –

Sabe, eu gosto da Rai. Ela não merece um cara como você, mas gosto dela. Não quero que sofra.

– Que... Que modo? – Só consegui pensar em besteira. Foi involuntário, imaginei a Lilian

fazendo uma proposta bem indecente para me chantagear.

Só me restava saber até onde chegaria com aquela situação lamentável.

– Beije-me.

– O quê? – Dei alguns passos para trás. Devo ter enlouquecido.

– Beije-me, Caio. Só um beijo. Quero me despedir de você.

– Você só pode estar de brincadeira, Lilian.

– Falo sério. Beije-me... Juro que irei embora. Juro que ficarei calada.

– Quem me garante? – desdenhei. A raiva se misturou com o desespero, e então me vi quase

explodindo de angústia. – Não quero te beijar. Você me dá nojo.

Ela pareceu magoada, mas a minha vida toda foi ver mulheres magoadas diante de mim. Uma a

mais, uma a menos, não fazia a menor diferença.

– Ok, se assim prefere... Irei procurá-la agora mesmo... – Lilian se virou e foi andando na

direção do estacionamento.

Caralho! Eu precisava pensar rápido.

Puxei sua mão com força, e ela veio com tudo. Nossas bocas se encostaram por um instante, de

um jeito mecânico e ridículo, mas não consegui continuar. Repeli nossos corpos, morrendo de ódio do

mundo.

– Não me faça rir. Este foi o seu beijo? Quero que me beije de verdade. Com pegada. Igual aos

tantos beijos que me deu naquela noite. Lembra-se? Eu me lembro.

Estava tentando esquecer. Queria deletar aquele erro da minha história, junto com tantos

outros... Porra, eu só fazia merda!

– Lilian, se você contar... Eu juro que não respondo por mim. – Tentei ameaçá-la também, mas

meu desespero evidente era uma piada para ela. Claro que não meti medo em ninguém.

– Não vou! Depois do beijo, irei te deixar em paz. É uma promessa. Vamos, Caio, beije-me!

– Lilian... Não faz isso. Por favor... Eu amo a Raissa. – Minha voz saiu em tom de súplica.

Odiava ter a minha única chance de ser feliz nas mãos daquela mulher, e saber que fui eu mesmo

que a ofereci de bandeja para ela me enchia de horror.

– Ama porra nenhuma. Você não presta. Vamos, cara... Beije-me, agora.

Eu mesmo não acreditei que tive a capacidade de fazer aquilo. Mas desconheci outra saída. Não

conseguia pensar. O que podia fazer? Raissa significa tudo para mim. Não podia sequer pensar na

possibilidade remota de perdê-la, ou de magoá-la. A sombra da Lilian tinha que sair de nossas vidas, e

depressa. Se aquela era a única maneira, então eu precisava apostar.

Desesperado, engoli em seco e puxei sua cintura. Invadi a sua boca antes que desistisse e

colocasse tudo a perder, tentando não me sentir o pior de todos os caras ao beijar aquela mulher

imunda diante de mim. Não sei de onde tirei aquela coragem. “Eu tenho medos bobos e coragens

absurdas”.

Quando achei que o inferno já podia acabar, afastei-me depressa. Aquele beijo serviu para um

propósito interessante: comprovei que jamais conseguiria ficar com outra mulher. Foi horrível. Trair a

Raissa era como traír a mim mesmo, e o mais decepcionado, abalado e destruído com certeza era eu.

Lilian sugou toda a minha coragem com a sua chantagem maldosa. Jamais me perdoaria por

aquilo. Por ser tão fraco. Tão trouxa. Tão errado o tempo todo. Por nunca saber o que fazer. Por jamais

conseguir ser o que a Raissa merece.

Engoli o choro enquanto esperava pelo que a Lilian ia dizer. Prendi os lábios e tentei pensar em

outra coisa. Os pensamentos sobre tudo aquilo estavam acabando comigo.

– Eu nunca falaria nada a ela – revelou com um sorriso cínico nos lábios. – Acha que vou me

queimar com a minha prima? Gosto da Rai, diferentemente de você. Isso foi pra você aprender a não

brincar com quem não deve. – Aproximou-se um pouco e proferiu com raiva: – Otário! Eu que tenho

nojo de você. Espero que a Raissa te dê um pé na bunda. Sofrimento é pouco para um cretino da sua

espécie!

Lilian deu as costas e se afastou como se nada tivesse acontecido. No início, fiquei parado,

calado e com receio até de me mexer. Depois, senti minhas pernas falhando, e precisei me apoiar na

parede.

Olhei para o céu escuro, sem estrelas, e me lembrei do meu pai. Devia tê-lo escutado. Jamais

devia ter me aberto tanto com a Raissa, permitindo que entrasse na minha vida.

Sou um fraco. Um nada. Um cretino, um canalha covarde, imaturo...

É por isso que só faço sofrer. É por isso que a dor não me abandona. Eu não presto.

Enxuguei uma lágrima e suspirei, não queria ser um chorão também. Seria demais. O que eu

podia fazer era assumir as minhas atitudes como um homem. Meu pai faria isso. Ele dizia a verdade,

mesmo que doesse.

Raissa precisava saber de tudo, incluindo o que havia acontecido naquela noite. Chega de

omissões. Ela saberia por mim antes que chegasse ao seu conhecimento por terceiros. Eu devia isso a

ela. Só precisava ter coragem para dizer, e depois resignação para implorar pelo seu perdão.

Pelo menos uma vez na vida, seria um homem corajoso. Faria as coisas certas.

Eu queria tanto merecê-la. Tanto...

39 (Por Calvin)

Haverá outro caminho para o amor que não seja o fim?

O céu escuro diante de mim mais parecia um espelho da minha alma. A
obscuridade dilacerante

levou os meus pensamentos a locais que costumo sempre visitar: o vazio
irreparável existente em meu

peito. Entre suspiros e reflexões que só me trouxeram mais dor de cabeça,
dei uma pausa de dez

minutos só para ouvir o silêncio dos fundos do restaurante, enquanto
tentava me entender ou explicar

– certamente uma explicação seria mais fácil de obter do que o
entendimento – o que havia acabado de

acontecer.

Limpei os meus lábios com as mãos, para tentar apagar o beijo odioso que
tinha oferecido

àquela louca. A culpa que a traição me trouxe foi tanta que, sem perceber,
acompanhei a desistência

gritando o meu nome. Por mais que quisesse merecer a Raissa, um ser
problemático como eu só lhe

traria mais dor. Talvez ela me perdoasse por aquilo, porém o que mais eu
seria capaz de fazer para

chocá-la?

Eu mesmo não conseguiria me livrar da culpa. Nunca consegui me livrar dela. O fim inevitável

poderia lhe trazer a morte, como aconteceu com a minha ex, ou alguma consequência cruel que estaria

longe de fazer parte da minha vontade. Até que ponto posso lhe fazer mal? Não podia arriscar... Não

queria arriscar sua integridade.

Como merecer alguém se não me acho merecedor? Como pedir perdão se não consigo me

perdoar? Como pedir para que a Raissa esqueça o meu passado se nem eu mesmo consigo esquecer? É

egoísmo demais querer que me perdoe. É egoísmo querer que ela me ame sem ao menos ter um bom

motivo para tal.

Não sou digno de amor. Nem de pena. Nem de nada que possa absolver o meu espírito; sou

culpado, sou errado, sou alguém que veio ao mundo para sentir e causar dor – começando pela minha

própria mãe –; sou ausente de luz, amaldiçoado por destruir um amor verdadeiro que jamais conseguiu

ser vivenciado em sua plenitude.

O meu único guia é o medo. Minha direção é o pecado. Minhas atitudes são as equivocadas, e a

única certeza que tenho é a de que, quanto menos me envolver com as pessoas, menos elas sofrerão

pelas consequências do que sou.

– “Passei a vida tentando corrigir os erros que cometi na minha ânsia de acertar...” – murmurei

para que apenas o céu pudesse me ouvir. – “Ao tentar corrigir um erro, eu cometia outro. Sou uma

culpada inocente.” – Sorri, meio desesperado. – Ah, Clarice... Não há inocência em cometer erros.

Você é como eu, um culpado culpado.

O céu nada me respondeu. Clarice, tampouco. Lutei por uns instantes contra o autoflagelamento.

Foi uma batalha difícil, mas necessária. Pensei que havia me curado da capacidade que sempre tive de

me subtrair, mas a vinda da Raissa na minha vida me fez perceber o quanto nada amadureci desde que

o meu pai se foi.

Antes de morrer, e já prevendo que aconteceria, ele me pediu para que eu fosse um homem, para

que buscasse a maturidade e agisse com responsabilidade. O que eu tinha buscado, desde então?

Bocetas. Foi só isso o que busquei, como se as várias mulheres com quem dormi pudessem me fazer

mais homem. Elas só me fizeram mais canalha.

Foi a Raissa quem me abriu os olhos. Ela me fez repensar a minha vida, e, talvez por causa

disso, toda a dor tenha voltado com força máxima, com a mesma intensidade que voltou a esperança.

Talvez a minha vontade de continuar seja a mesma que tenho de desistir, e é por isso que vivo uma

eterna dualidade, em que quanto mais tenho de uma, mais tenho de outra.

Eu preciso reagir. As lembranças não me fazem bem, porém não podia voltar a me deprimir, a

ser a sombra de mim mesmo. Se sou meu próprio algoz, é errado ser a vítima também? Meu espírito

precisava se anular, começar do zero, um início que nem pensamento e nem atitudes se aprofundam na

malícia que há em se ferir ou na carência que há em se martirizar.

A morte dos meus pais nada tinha a ver com o meu amor pela Raissa. Meus erros do presente

não se misturam com a minha solidão. Os meus “eus” que sofrem por variados motivos não podem se

encontrar numa conferência maldita com o único objetivo de me levar à inércia.

Cada dor é uma dor, cada erro é um erro, e todo sentimento é único, portanto a culpa não pode

atrapalhar o meu desejo de amar; o desespero não deve ser a fonte das minhas escolhas; e medo só é

bom quando te impulsiona a acertar.

– “Entre o sim e o não só há um caminho: escolher...”

O que me restava era escolher o que ser, escolher o que fazer e escolher o que sentir. Eu escolho

ser um homem, não um menino perdido depressivo; escolho corrigir os meus erros, e não penar por

causa deles; escolho, sobretudo, sentir aquele amor até que nada mais caiba em mim além dele,

porque é por ele que me faço um cara capaz de escolher.

Entrei no restaurante com a metade – menos até – da empolgação com a qual tinha saído, porém

com o dobro de coragem e vontade de passar por aquela situação de cabeça erguida. A minha decisão

de contar tudo para Raissa permaneceu firme, e, enquanto cozinhava, pensava na melhor forma de

fazê-lo.

Fiquei tão reflexivo que acabei me esquecendo de ligar para ela. Foi perto das nove horas que

leve em consideração a maldade que existe no mundo: Lilian podia já ter lhe dito tudo. Não dava para

confiar em sua palavra.

Não ter pensado nisso antes me fez quase enlouquecer de raiva por causa da minha imaturidade,

acompanhada por uma espécie de inocência advinda de uma burrice crônica em relação a minha

convivência com as pessoas. Minhas poucas amizades, sempre vinculadas ao sexo descompromissado,

não me fizeram entender a profundidade do comportamento de ninguém.

Peguei emprestado o celular de um dos cozinheiros. Já tinha decorado o telefone da Raissa de

cor, desde que o obtive. Liguei três vezes: na primeira vez, chamou e ninguém atendeu. Já nas outras

duas, escutei a voz irritante de uma mulher me dizendo que o número estava fora da área de cobertura

ou desligado. Tentei não entrar em desespero. Não havia razão para tanto medo o tempo todo.

Precisava me livrar dele o quanto antes. Agir com normalidade podia ser uma solução, e foi por

isso que devolvi o celular do cozinheiro e continuei a trabalhar. Claro que uma parte do meu cérebro

continuou processando o pavor que era não saber onde a Raissa estava, sequer se a Lilian a tinha

procurado, e nem mesmo se permanecia em segurança, mas toda vez que o desespero tirava o meu

fôlego, eu bebia um pouco de água e, respirando devagar, pensava em coisas boas. Ou em

acontecimentos bons, por exemplo, na noite em que a Raissa disse que me amava incondicionalmente.

É mais fácil me fazer duvidar de que o céu é azul do que das palavras dela, portanto eu não

precisava me preocupar. Tudo ficaria bem. Ela me entenderia. Provavelmente ficaria com raiva e me

falaria poucas e boas, e eu mereço ouvir tudo, mas no fim Raissa me perdoaria, porque ela me ama.

Incondicionalmente. Por mais louco que isso possa ser. Por mais que eu não entenda como possa

existir tamanho nível de amor.

Quanto à sua segurança, não passava de paranoia da minha parte. Raissa dirigia bem, era

prudente e centrada. Não havia com o que me preocupar. Tentei educar o meu cérebro para me livrar

do medo de perdê-la de um modo cruel, mas ele sempre aparecia, fazendo meu coração acelerar tanto

que precisei fazer três pausas para ir ao banheiro – lavar o meu rosto e tentar me acalmar – em menos

de uma hora.

Tomei o terceiro Dipirona do dia para tentar controlar a dor de cabeça que sempre surgia quando

o desespero ameaçava fazer o meu corpo explodir em mil pedaços. Perto das onze horas, pedi de novo

um celular emprestado, desta vez de outro cozinheiro. Liguei cinco vezes, mas o celular da Raissa

continuava desligado. Com certeza havia descarregado e ela não tinha visto. Devia estar distraída com

alguma coisa, ou até mesmo dormindo.

Era segunda-feira, e Raissa já estava cansada logo pela manhã, sem dúvidas havia escolhido

dormir bem cedo. Devia ter me mandado mensagem no número antigo. Por que eu tinha que ter

destruído aquele maldito chip? Meus intervalos estavam sendo tão corridos que não conseguia sair

para comprar um novo ou trocar o danificado. Acabaria atrasando o meu retorno e prejudicando o

andamento da cozinha.

Sendo assim, a minha única opção foi tentar relaxar. Por ser segunda-feira e o movimento

costumar ser mais fraco, fechamos a cozinha à meia-noite. Eu era o último a sair dela, por isso quando

finalmente fui para casa já era mais de uma da manhã.

O alívio que senti quando vi o veículo da Raissa estacionado foi tanto que entrei numa crise de

riso nervosa. Foi esquisito passar bons dez minutos rindo dentro do meu carro, que estacionei atrás do

dela. O fim de um desespero é realmente um bom motivo para rir. Só quem já riu de alívio sabe o que

senti naquele instante; o peso de uma tonelada saiu das minhas costas, e então o cansaço físico

finalmente me atingiu. O dia havia sido mais do que longo.

Saí do meu carro olhando para o dela, reparando se estava mesmo intacto. Aparentemente, sim.

Dei uma olhada na rua deserta àquela hora, e achei estranha a existência de um veículo estacionado na

frente do da Raissa. Todos os vizinhos tinham garagem, por isso supus que a família que morava no

103 estava recebendo visitas.

Dei de ombros e atravessei o jardim. A primeira coisa que fiz foi desligar as luzes – sorrindo

como um bobo por saber que foi a Raissa quem as acendeu –, nunca curti gastar energia à toa. Mesmo

ficando tudo escuro, eu já sabia de cor o caminho até a minha varanda, e o bairro era tão tranquilo que

nunca temi retirar a iluminação da casa antes de amanhecer. Contudo, sempre concordei que, enquanto

sozinha, a Raissa devia sim ficar com a nossa casa toda iluminada.

Larguei minha mochila na sala e corri para o quarto. Cheguei bem perto da parede que

dividíamos, espalmando as duas mãos contra ela.

– Raissa? – murmurei. Não queria assustá-la. – Raissa? – Tentei ouvir sua respiração, mas não

consegui. Coloquei um ouvido na parede. – Está dormindo... Vou te deixar em paz, meu anjo...

Tive vontade de gritar só para acordá-la, mas me controlei. Em vez disso, fui tomar um banho.

Estava mil vezes mais calmo; embora não tivesse escutado nada, sabia que a Raissa estava lá. Seu

sono era leve, mas às vezes não o bastante para me escutar quando eu chegava do trabalho.

Prometi acordar bem cedo a fim de termos tempo para uma conversa.
Precisava contar logo o

que tinha acontecido. A demora podia me custar a Raissa. O simples
pensamento me devolveu o

desespero, mas suspirei fundo e tentei controlá-lo.

Eu sabia que perdê-la seria o meu fim. Talvez fosse sobre isso que o papai
tentou me dizer: o

fim cruel que acontece dentro do peito dos que perdem um grande amor.
Ele falava do amor no

sentido mais negativo e pessimista. O amor significando perda. Afinal, foi o
único amor que ele

conheceu, já que me confessou que jamais chegou a amar a mãe do meu
irmão. Eu também só conheci

esse tipo de amor. Mas, se eu já perdi tanto amor e ainda estou vivo, então
amar ou perder não pode

ser o fim, pode?

Devo concordar que há um pedaço de mim que já morreu junto com as
perdas que sofri. Estou

pela metade, mas ainda estou. Quantas partes do meu eu serão necessárias
perder para que realmente

consiga chegar ao fim? Será que, perdendo a Raissa, nada sobraria? E será
que todo destino leva

apenas ao fim? O amor não devia ter certo tratado de eternidade assim que
sentido? Tantas pessoas

são felizes... Tantos amores dão certo. Eu podia confiar em um tipo de sorte que nunca tive?

Não havia mais saída. Se eu não confiasse, só me sobraria o medo. O caminho mais irracional, e

ao mesmo tempo o melhor para o meu cérebro, era o da confiança. O da esperança sem opção, já que

nada me faria arrancar a única coisa boa que sobrou em mim: o amor que sinto pela Raissa. Ou

acreditar nele ou temer. E eu não quero mais temer. Estou cansado de ter medo de tudo. Saturado de

cometer erros por causa dele.

Deitei na minha cama e me cobri da cabeça aos pés. O silêncio do nosso quarto reinou o campo

das minhas ideias. Sorri, pensando nela e nos beijos que trocaríamos pela manhã. Meu pau ficou duro

só com os pensamentos, lembrando-me das minhas necessidades. Suspirei. Era muito difícil esperar

para saciá-las, mas ter outra mulher que não fosse a Raissa era como se faltar em um banquete e

continuar com fome. Infelizmente, soube disso por experiência própria.

Por ela, eu esperaria o tempo que fosse.

– “Onde aprender a odiar para não morrer de amor?” – murmurei baixo. Raissa continuou muda,

ingressada em seu sono lindo. Visualizei seu rosto enquanto dormia e sorri.

– Não, Clarice... Não

tenho medo da morte. Já temi tudo, menos ela. Prefiro morrer de amor a odiar essa mulher... Vai ser

uma morte boa demais para alguém como eu... Nem sei se mereço morrer assim.

Ri de mim mesmo e, vencido pelo cansaço, caí no sono. Costumo dormir muito pouco. Não sei o

que acontece, mas não adianta o horário em que eu vá dormir, é difícil que durma por mais de cinco

horas. Geralmente durmo umas quatro. Sempre foi assim, desde a adolescência. Acho que sou muito

inquieto, não consigo ficar parado por muito tempo. Preciso sempre estar fazendo alguma coisa.

Acordei às cinco e meia. A ansiedade me tirou da cama mais cedo do que o previsto. Tentei

dormir mais um pouco, porém não consegui. Resolvi me levantar de uma vez para adiantar o serviço

no jardim. Ia precisar conversar com as plantas antes de conversar com a Raissa. Já começava a me

angustiar por causa disso. Não via a hora de o tempo passar só para deixar tudo resolvido.

Seria a primeira vez que faria com que a Raissa se atrasasse no trabalho, pois não conseguiria

me controlar: precisava fazer amor com ela depois que tudo estivesse bem explicado. Meu corpo

exigia o dela com a mesma dose de desespero que a minha mente exigia de mim que eu fizesse as

coisas certas.

Peguei o regador e o enchi de água em uma torneira que havia no muro, por trás de uma roseira,

como em todas as manhãs. Algumas plantas não precisavam de água todos os dias, e, por incrível que

pareça, meu cérebro esquematizava o funcionamento do jardim e eu sempre me lembrava de quais

precisavam de água em determinado dia. Era por isso que as folhas sempre estavam verdes, bonitas e

bem tratadas.

Ouvi a porta da casa da Raissa se abrindo e logo sorri, ansioso para cumprimentá-la. Por uns

instantes, achei que ainda estivesse sonhando. Era a única explicação que a minha cabeça processou

diante do que os meus olhos visualizaram: meu irmão Carlos saiu para a varanda acompanhado por

ela. Como eu estava um pouco distante, apenas me virei totalmente na direção deles, a fim de entender

o que acontecia.

Os dois se abraçaram demoradamente, e fui invadido por uma sensação de dormência. Carlos se

afastou um pouco e lhe apertou os ombros. Disse-lhe algumas coisas que não consegui escutar. Raissa

aquiesceu, e o meu irmão lhe tocou o queixo. Falou mais alguma besteira e sorriu antes de lhe dar um

beijo na testa.

O pé de goiaba, o regador e eu acompanhamos o Carlos deixando a varanda e a Raissa entrando

em casa. O filho de uma mãe finalmente me viu no jardim. O sorriso cheio de intenções se apagou no

mesmo instante; acho que foi neste momento que o meu corpo se lembrou que eu ainda estava vivo.

Dei um passo para frente.

Carlos se aproximou, mas não parou. Passou por mim na maior cara dura e murmurou uma

palavra que só fez o meu vulcão interno borbulhar: otário. Por um segundo, tentei controlar a minha

vontade de quebrar sua cara. Foi o tempo que levei para entender o que havia acontecido: Carlos tinha

o mesmo modelo do carro que estava estacionado na frente do da Raissa na noite passada, e que ainda

estava lá. Ele tirou as chaves do bolso e desligou o alarme, trazendo-me a comprovação de que o

veículo realmente o pertencia.

O meu cálculo mental foi rápido, mas o resultado não conseguiu ser digerido. Olhei para a

varanda da Raissa. Ela não estava mais lá. Olhei novamente para as costas do meu irmão; ele abria a

porta pequena de madeira que dava para saída. Voltei a olhar para a varanda, e só então percebi que

todos os vasos que eu havia dado a Raissa estavam caídos, quebrados, esparramados como os pedaços

do meu coração ficaram ao entender que o meu irmão havia passado a noite inteira em sua casa.

O vulcão explodiu. Rosnando alto, corri até o Carlos e o puxei com força pela gola da camisa.

Ele se virou para mim, mas perdeu o equilíbrio pelo tempo suficiente para que eu conseguisse lhe

desferir um murro na cara. Seu corpo foi jogado para o lado, mas conseguiu defender o segundo

usando as mãos. Começou a revidar.

– Filho da puta! – gritei, e os movimentos de nossas mãos mal puderam ser compreendidos por

quem via de fora. Tentei lhe dar uma joelhada na barriga, mas ele conseguiu se desviar e me atingiu o

nariz. Revidei com um segundo murro na cara, que lhe tirou sangue na mesma hora. – Infeliz!

Meu nariz começou a doer muito.

– Você é muito otário, Caio! – ele gritou de volta, e nos empurramos até nos separarmos.

Ficamos ofegantes, encarando-nos como dois animais. Ele tinha sangue no rosto, mas a dor que eu

sentia me deixava certo de que tudo meu sangrava. – Eu vou te dar uma surra, moleque! Devia ter

feito isso há muito tempo, já que o papai nunca foi capaz!

Carlos veio para cima com tudo, distribuindo socos difíceis de serem defendidos. Apesar de eu

ser mais novo e estar bem mais em forma, ele já praticou anos de uma luta que sempre esqueço o

nome, por isso a briga foi muito complicada para nós dois. Fiz o que pude para revidar cada investida,

e estava conseguindo, porém comecei a apanhar demais quando ouvi a voz da Raissa gritando.

– Parem! Carlos, pare! – Ela correu até nós, com lágrimas nos olhos, porém não me tocou.

Escolheu o Carlos para segurar. Ele acabou se desconcentrando e levando mais um soco meu. – Saia,

Caio!

Afastei-me. A dor física e a mental se misturaram de uma só vez. Senti sangue escorrer pelo

meu nariz, e limpei minha boca com as mãos. Elas terminaram totalmente manchadas. Eu estava

sangrando bastante.

– O que esse cara estava fazendo na sua casa, Raissa? – perguntei, mas não a olhei. Continuava o

encarando, pronto para brigar mais. O fato de não ter recebido resposta de nenhum dos dois me deixou

louco. Gritei alto e parti para cima dele, mas Carlos se esquivou e conseguiu socar a boca do meu

estômago. Curvei-me, sem fôlego e sem forças.

– Parem! – Raissa voltou a gritar.

– Seu mimado de merda! – Meu irmão falou com a voz firme, exalando um nojo antigo. Eu

também tinha nojo dele desde sempre, por mais que, pelo papai, tentássemos uma convivência

pacífica. – Deixe a Raissa em paz! Seu infeliz, fica fazendo das suas putarias com mulher direita...

Não tem vergonha na cara não? – Eu ainda tentava recuperar o fôlego, com as mãos na barriga e a

visão turva encarando os dois. Raissa chorava, mas não me olhou nem por um instante. – O papai não

está mais aqui pra te defender, otário! Você sempre foi esse mimado desprezível, o miserável filho de

uma traição. Vê se cresce, maldito!

Carlos sempre jogava na minha cara que o nosso pai havia traído sua mãe para ficar com a

minha, e que tinha sido bem feito o fato de ela ter morrido, só assim ele pagaria pela dor que causou a

eles. Pelo menos era o seu discurso na adolescência, e, embora ele não repita tal absurdo há dez anos,

internalizei aquilo pela minha vida toda. Criei um ódio tão grande pelo sujeito que não cabia em mim.

Falar da minha mãe era pior que todos os insultos que pudesse me dizer. Enquanto eu sofria e crescia

sem amor materno, ele achava aquilo tudo muito bom. Idiota!

– Saia da minha casa – consegui murmurar, cuspendo sangue. – Saia da minha frente.

Carlos olhou para Raissa e, aos prantos, ela aquiesceu. Estava abraçada a si mesma, parecendo

desamparada. Eu não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Só podia ser um pesadelo.

– Me ligue, Raissa... – ele falou baixo e foi embora sem se dar o trabalho de levar em conta a

minha presença ali. Enxuguei mais sangue do meu rosto.

Achei que fosse morrer de desespero. Não consegui raciocinar. Nenhuma peça se encaixava na

minha mente.

– Por que, Raissa? – comecei a chorar no mesmo instante em que voltei a abrir a boca. Sangue se

misturou com a minha saliva. – Por quê?

– Eu que pergunto, Caio. Por quê? – Ela não olhou para mim. Continuou abraçada a si mesma, e

deu as costas lentamente para retornar a sua casa.

Pensei na Lilian. Caralho, a vadia só podia ter lhe contado tudo antes de mim. Só podia ser. Não

tinha outra explicação para aquela palhaçada.

– Raissa, eu não sei o que a Lilian te disse, mas eu posso explicar.

Ela se voltou na minha direção como um animal selvagem.

– Explicar o quê? Hein, Caio? Qual é a sua grande explicação? – berrou, chorando muito. Seu

rosto lindo ficou vermelho e distorcido.

O tamanho de sua tristeza me petrificou.

– Eu... Eu não...

– Vai negar? – gritou ainda mais alto. – Vai negar, Caio? Estou esperando!

– Não. – Meu corpo desesperado entrou em uma série de soluços e espasmos esquisitos. O

estômago começou a pular dentro de mim. – Não... Eu nunca... Nunca quis te...

– Esqueça que eu existo! – disse com a voz firme e se virou para continuar andando.

A raiva completa se juntou a dor.

– Por que dormiu com ele? Por quê, Raissa? Por que logo com ele? – Prendi os dentes um no

outro para não enlouquecer.

Não consegui acompanhar o movimento que ela fez até me alcançar e começar a me bater nos

braços e no peitoral como uma louca.

– É isso o que acha? É isso? – berrou alto, desequilibrada. Recebi cada tapa seu, cada empurrão,

com resignação. Eu merecia. – Depois de tudo o que fiz, é isso o que pensa de mim? Que sou como

você? Que saio fodendo com qualquer um? – Parou de repente e segurou a cabeça com força. Seus

olhos apontados para mim mostraram o tamanho da decepção que lhe causei. – Maldito dia em que

comprei esta casa. Maldito dia em que te conheci, Caio. Você me destruiu.

Não sei como consegui permanecer de pé diante de suas palavras. Além de tê-la destruído, tenho

certeza de que fui junto. Destruí a nós dois.

– Raissa... – Não consegui parar de soluçar. – Raissa...

– Eu tenho nojo de você. Deixe-me em paz. Acabou o que para você sequer tinha começado.

– Não... Não, Raissa, não... Por favor.

– Você não sabe amar, Caio – choramingou. – E eu não vou esperar que aprenda. Cansei. É

loucura amar sozinha, é idiotice esperar algo bom de quem não sabe respeitar nem a si mesmo.

Ela balançou a cabeça lentamente, como se dissesse que não havia mais jeito, como se eu fosse

um caso perdido. Eu acredito nela. Simplesmente me joguei no abismo, cansado de andar ao redor

dele o tempo todo. Exausto de viver por um triz.

Entreguei-me de vez ao fim, o tal fim que tentei não acreditar que fosse o meu destino.

Saber que a Raissa não tinha dormido com o meu irmão não me causou alívio. Uma parte de

mim desejava que ela tivesse errado também. Por Deus, eu a perdoaria com todas as minhas forças, e

sei que precisaria de muita para suportar o baque. Quem sabe eu me sentiria menos culpado? É

idiotice, eu sei, mas a dor da minha culpa era tão grande que eu só queria me livrar dela, nem que

fosse para dividi-la com a Raissa.

Mas não... Aquela mulher era perfeita até mesmo diante da dor. Era uma guerreira que a

enfrentava, e não um covarde que a temia. E o meu erro acabou se amplificando, por não ter confiado

nela. E daí que havia vários indícios diante de mim? Eu nem sabia o que droga ele tinha feito lá, e

naquela altura perguntar seria pior. Não importa. Devia ter confiado, antes de qualquer coisa. Caralho,

eu a conheço.

Tudo isso só significa que ela continuava certa: eu não sei amar. Mesmo amando, não faço

ideia do que fazer com esse sentimento. Pareço um adolescente que ganhou um carro sem ter tirado a

carteira de motorista.

“Nada do que eu já fiz me agrada. E o que eu fiz com amor, estraçalhou-se. Nem amar eu sabia,

nem amar eu sabia.” Devo ser a encarnação da Clarice Lispector. Só ela consegue me traduzir.

Pensei nisso enquanto assistia ao primeiro e único amor da minha vida se afastando. Fechou a

porta de sua casa com força, deixando-me em um estado de paralisia que só refletia a minha

incapacidade de fazer as coisas certas.

Eu devia ter lhe explicado. Devia ter implorado, me ajoelhado no chão, confessado que a amo

mais do que tudo no mundo e chorado para que não me deixasse. Mais uma vez, fui travado pelo

desespero. Pelo medo que me aterroriza desde sempre.

Eu não estava pronto para ter alguém como a Raissa. Faltava alguma coisa dentro de mim, um

detalhe fundamental que me impedia de ser quem realmente sou. De sentir de verdade o que sinto por

ela e de lutar por esse sentimento.

Precisava dar adeus ao medo. Não adianta, jamais seria feliz com ela se não conseguisse me

livrar dele. Mas como não sentir medo enquanto imerso no abismo do fim? Era tarde. Ela não me

queria mais. Tinha nojo de mim. Não esperaria pelo meu amadurecimento, e com total razão. Eu não

me esperaria.

Não valho a pena. Sou um nada, um...

Pare, Caio. Pare. Chega de autoflagelamento. Chega de se fazer de vítima. Conserte os seus

erros. Coragem. Não dê asas à culpa. Livre-se dela com acertos.

Abri a boca para tentar respirar, acho que passei um tempão sem fôlego, e engoli um pouco de

sangue sem querer. Cuspi tudo no chão. Tentei limpar meu nariz, mas praguejei de dor. Com certeza

eu o tinha quebrado. As lágrimas se misturaram com toda aquela nojeira.

Entre em casa só para vestir uma camisa e pegar as chaves do carro: precisava de um hospital

com urgência. Cometi o erro de entrar no meu quarto, e ouvi a Raissa chorando alto. Meu coração

terminou de ser estilhaçado. Foi como pisar em cacos de vidro.

– Raissa... Me perd...

– Cale a boca, deixe-me! Deixe-me em paz! – gritou.

Não sei como a minha cabeça não explodiu. Vi tudo girando no meu quarto por alguns instantes,

e achei que fosse desmaiar. Sentei-me na cama, buscando equilíbrio. Raissa começou a abafar o choro

em um travesseiro, até que não consegui ouvir mais nada.

Soltei uma frase aos soluços, quase não conseguindo concluí-la:

– “Mas tantos defeitos tenho... Sou inquieta, ciumenta... áspera... – Parei um pouco só para

chorar. – Desesperançosa... Embora amor... dentro de mim eu... tenha... Só que não sei usar amor... Às

vezes... Às vezes parecem farpas...”

Raissa não respondeu. Sequer soluçou. Depois de um segundo, percebi que ela não estava mais

no quarto. Devia ter saído assim que me pediu para deixá-la em paz.

Olhei para o seu rosto que, ao contrário do original, sorria na minha cabeceira. Aquele sorriso

sempre me fazia sorrir, no entanto, daquela vez foi bem diferente. Soltei o maior de todos os soluços,

e depois desatei em lágrimas. O sangue ainda escorria, manchando meus lençóis, por isso peguei uma

toalha limpa e fui resolver a única coisa que conseguiria: a minha situação física.

As outras situações só seriam resolvidas quando eu curasse outras partes do meu corpo que não

era o nariz.

40 (Por Calvin)

O fim talvez não seja uma escolha, mas o que fazer depois dele é

Devo ser anormal por cruzar a porta de uma emergência àquela hora da manhã, explicando que

tinha entrado em uma briga e que provavelmente havia quebrado o nariz.
Uma enfermeira bem jovem,

que visivelmente estava me paquerando – fazendo piada sobre o tamanho dos meus músculos e o fato

do meu oponente certamente estar pior do que eu –, levou-me para a enfermaria e me ajudou a tentar

conter o sangramento no nariz enquanto esperávamos o médico.

Sentia-me meio desnorteado, como se nada estivesse acontecendo comigo.
Um pouco tonto

também. Deixei-me ser cuidado porque a minha única opção era ficar quieto, esperando o tempo

passar para que pudesse finalmente deixar a ficha cair. Pelo visto, o nariz não era o meu único

problema. A enfermeira começou a mexer em vários pontos doloridos do meu rosto com um algodão,

contendo algum líquido que só fazia minha cara inteira arder como se tivesse dentro de uma fogueira.

Foi neste instante que descobri não conseguir abrir o meu olho esquerdo até o fim. O inchaço foi

piorando até que se tornou ainda mais difícil, e a dor física intensificou a psicológica até não

conseguir me controlar; meu corpo começou a tremer sem pausas por causa dos soluços que tentei

abafar. Recusei-me a chorar na frente da enfermeira, mas ela ficou preocupada tanto com o meu

silêncio quanto com os espasmos bizarros que me faziam pular na cadeira.

Não respondi quando perguntou o meu nome. Ela acabou conferindo nos meus documentos e,

com cara de espanto, perguntou se eu tinha algum parente para quem ela pudesse ligar. Neguei,

balançando a cabeça – e me desesperando mais ainda por realmente não ter ninguém para um maldito

telefonema –, enquanto a tremedeira não cessava por nada. Comecei a ver as coisas girando dentro da

enfermaria, e tentei respirar fundo para me acalmar.

A falta de ar advinha de um nó horroroso implantado no meu pescoço. Segurei a corrente que a

Raissa tinha me dado, afastando-a um pouco da minha pele. Ela era folgada, mas naquele instante

mais me pareceu uma coleira. Mesmo assim, não ousei retirá-la.

Uma segunda enfermeira apareceu para medir a minha pressão e verificar os meus batimentos. A

pressão estava um pouco elevada, porém nada tão alarmante, só que o meu coração quase saía pela

boca. Estava perto dos cento e quarenta por minuto. Como eu não conseguia falar e parecia em estado

de choque, elas acharam por bem me deitar em uma maca.

Só me lembro de visualizar o médico entrando na enfermaria e uma das enfermeiras dizendo que

achava que eu ia desmaiar. Assim que fiz o pequeno esforço de me levantar da cadeira, o mundo se

tornou ainda mais surreal até que nada mais conseguiu ser visto.

Devo ter acordado alguns minutos depois. Estava deitado na maca, e a enfermeira que havia me

ajudado nos ferimentos terminava de aprumar uma agulha que havia enfiado na minha mão e ligado a

um tubo. O médico estava ao meu lado, analisando-me com um estetoscópio.

– Senhor Caio... O senhor se alimentou esta manhã? – perguntou-me. Dei de ombros. Não me

lembrava de ter comido nada. Na verdade, estava tão desnorteado que sequer sabia que dia era aquele.

– Creio que entrar numa briga tão cedo lhe colocou sob muito estresse... Sua pressão está normal, por

isso vamos te dar apenas um pouco de calmante no soro. Fique tranquilo por algum tempo e, caso

volte a sentir vertigem, avise-nos. Tudo bem?

Balancei a cabeça, concordando. Acho que eu precisava mesmo me acalmar. Nada seria

resolvido se eu não estivesse inteiro. O pesadelo que vivi não podia ficar se repetindo na minha mente.

As duras palavras da Raissa precisavam parar em algum ponto seguro dentro dela, um lugar onde eu

possa analisá-las sem me sentir tão angustiado, perdido e temeroso.

– Quer ligar para alguém? – continuou o médico. Chacoalhei os ombros. – Cida, acho melhor

algun familiar acompanhá-lo – falou para a enfermeira. – Ele parece em choque... Veja o número

mais usado no celular dele e peça para Samanta ligar com urgência. – A enfermeira terminava de

organizar a bolsa do soro em um artefato comprido de metal. – Aumente a dosagem.

Passei alguns minutos olhando para o teto. As palavras da Raissa se misturaram a algumas frases

da Clarice, então a minha cabeça dolorida se tornou uma zona de conflito difícil de suportar. Foi assim

até que o calmante fez efeito, deixando-me meio grogue. Fui vencido por ele aos poucos, até que

simplesmente adormeci.

Não sei por quanto tempo apaguei. Deve ter sido um tempo considerável, já que quando acordei

estava em outro lugar; parecia a mesma enfermaria, mas em um guichê diferente. Cortinas brancas o

rodeavam, deixando-me alheio ao que acontecia do lado de fora. A agulha ainda estava injetada na

minha mão.

Pisquei os olhos, meio tonto ainda. Olhei ao redor e percebi uma pessoa sentada na única cadeira

que havia ao lado da maca onde eu me encontrava deitado. Era a Raissa.
Soltei um espasmo tão grande

ao vê-la que acabei chamando sua atenção. Ela me olhou sobressaltada, e se
levantou no impulso.

Chegou muito perto, tocou-me um pouco no braço e, com o olhar vago,
distanciou-se.

– Raissa... – falei normalmente, mas a voz rouca acabou saindo em forma
de sussurro. Tentei

alcançá-la com a mão livre. – Você está aqui mesmo ou fiquei louco de uma
vez?

Um pequeno passo nos distanciava, mas pareciam quilômetros. Meu corpo
estava pesado.

Mesmo assim, tentei me levantar. Raissa se aproximou novamente e me
impediu, empurrando-me de

leve pelos ombros.

– Fique aí.

Obedeci-a. Ela me soltou, porém decidiu ficar mais perto, encarando-me.
Analsei seu rosto

absolutamente abatido. Havia olheiras ao redor de seus olhos amendoados,
e os cabelos cor de terra

estavam um pouco despenteados, amarrados de qualquer jeito em um rabo
de cavalo. Sua pele pálida

quase me fez voltar a surtar.

– Você está bem? – perguntei.

– Não sou eu que estou em um hospital. – Sua voz firme mostrava o quanto ainda estava puta de

ódio de mim. – Meu número era o único que estava na agenda do seu celular.

Ah, isso. Eu realmente tinha salvado apenas o número do celular dela na nova agenda. E a

coitada estava ali porque foi obrigada. Não havia mais ninguém no mundo por mim.

– A gente precisa conversar. – Tentei pegar em sua mão, a que estava esticada na maca, mas ela

a afastou.

– Não. Não enquanto estiver aí.

– Quando?

– Não sei, Caio. – Sua rispidez me deixou uma sensação horrível de solidão.

– Eu posso explicar tudo, Raissa... Eu...

– Pare... Pare, não comece... – Deu alguns passos para trás, angustiada.

– Foi um mal entendido...

Bufou. Lágrimas se formaram em seus olhos.

– Eu vi, está bem? – falou um pouco mais alto, depois olhou ao redor e controlou o timbre de sua

voz. – Eu vi você beijando a Lilian. Resolvi passar lá no restaurante e... – As lágrimas caíram. Sua

expressão dolorida cortou o meu coração pela milésima vez naquele dia.
Ele havia sido estilhaçado e

pisado, mas alguém lá em cima não queria me dar trégua.

Nem percebi quando minhas próprias lágrimas começaram a cair também.
Foi um movimento

tão involuntário que não foi preciso qualquer tipo de esforço.

– Caralho... Eu não nasci pra ter sorte. – Não podia acreditar que a Raissa
tinha visto aquela

cena. Era azar demais para uma pessoa só.

Raissa enxugou as lágrimas com as mãos e desviou o rosto.

– Olha, Caio... Entendo que deve ser difícil para você. Mas... É muito mais
difícil para mim. Eu

não vou aceitar isso. Aceito que esteja inseguro, que tenha medo, que não
tenha a capacidade de dizer

que ama alguém, mas eu... – Parou, pois tinha começado a alterar a voz de
novo. – Não aceito traição.

O que você fez com a Lilian foi... – Arquejou. – Uma facada... Uma... coisa
nojenta que...

– Raissa, eu não fiz nada. Foi um mal entendido.

Encarou-me. Abriu a boca e ficou me olhando como se eu fosse doido.

– Um mal entendido – murmurou. – Eu... Eu só não termino de quebrar a
sua cara porque tem

um monte de curativo aí atrapalhando. Sério.

– Estou falando a verdade. Você precisa saber a história do começo ao fim. Por favor.

Ela fechou os olhos e cruzou os braços. Levantou uma mão para passá-la pelo seu rosto, em um

gesto nervoso, irritado e impaciente.

– Acabei de dizer que vi, Caio. Eu vi você aos beijos com a *minha* prima. Não foi um beijinho

qualquer, um tropeço, um esbarro... – Respirou fundo, acho que para não explodir de ódio. – Foi um

beijo, cacete, você estava amassando a minha prima como se ela fosse massa de modelar. – Fez um

gesto apertando as mãos. – Jogou fora tudo... Tudo... – Parou de novo. – Todo o respeito que eu

teimava em ter por você.

Senti todo aquele rancor no nível máximo. Meus batimentos voltaram a acelerar drasticamente,

e a sensação de torpor retornou. Tentei controlar a minha respiração, pois o fato de ela estar ali

precisava significar alguma coisa além de tanto ódio direcionado. Sua fúria me travou de novo, porém

fiz o máximo de esforço que pude para não sucumbir ao medo.

– Sei que... Que deve ter sido difícil de entender...

– Difícil? – Voltou a me encarar. – Ah... Foi pior que vestibular. Olha, Caio, eu só estou aqui

porque o seu irmão não quis vir, e com total razão. A cara dele está pior que a sua. Você afasta todas

as pessoas que sobraram na sua vida e que poderiam ter algum tipo de consideração por você.

O pavor me travou de vez. Senti-me piorando ainda mais, porém não arriscaria dizer nada.

Precisava ter aquela conversa, aquela chance de tentar me explicar. Se não fosse ali, onde mais seria?

Ela não tinha apenas ouvido falar algo da Lilian, ela tinha visto a cena toda, e achado que eu realmente

quis traí-la.

Putá merda... A situação só fazia piorar.

– Obrigado por ter vindo – consegui murmurar. Tentei pegar sua mão de novo, porém Raissa deu

mais um passo para trás.

– Não me agradeça. Só estou aqui porque é impossível deixar de amar alguém de um dia para o

outro. – A sinceridade da Raissa era uma coisa impressionante. – Mas se eu pudesse... Aliás, eu vou.

Vou arrancar isso de mim como se fosse... uma farpa no dedo. – Ela riu sozinha. Eu só me senti ainda

mais arrasado e perdido. Morto de medo.

– Você nem quer me ouvir... – falei. Os soluços voltaram com força total. – Droga, você nem

quer ouvir a minha versão! Sou tão filho da puta assim? Que merda, Raissa, não confia nem um

pouquinho a ponto de me deixar falar? Essas três semanas que passamos não foram o bastante para

você entender que eu jamais faria algo assim contigo?

– Não, você não é um filho da puta, Sra. Klein nada tem a ver com isso. E, sabe, não sei se você

se lembra, mas nessas três semanas você teve um monte de surtos por causa do medo.

Calei-me. Abri a boca e fiz novo esforço para continuar:

– Tive medo de te perder, e te perdi mesmo assim.

– É isso aí. Você me perdeu. E a culpa é sua.

– É. – Balancei a cabeça freneticamente. – Toda minha.

– Agora, trate de mandar esse povo ligar pra Lilian, porque eu não quero ficar fazendo papel de

idiota neste lugar.

Fiz uma careta.

– Lilian? Puta que pariu, Raissa, me escuta! – Sentei-me de uma vez, mas me deitei de novo

porque quase tive um desmaio. Fechei os olhos com força. – Ela me chantageou! Droga! Não a beijei

porque quis, ela disse que se eu não a beijasse, contaria para você que... que...

Tudo ficou muito silencioso. Abri os meus olhos lentamente, e confirmei que a Raissa ainda

estava lá. Encarava-me com lágrimas nos olhos e uma expressão que misturava revolta e surpresa.

– Que o... Que o quê? – Arfou.

– Quando... Me escute. Por favor, me escute até o fim.

– Que o quê, Caio?

Tentei reunir um pouco de coragem. Sabia que aquele instante seria decisivo. Se contasse com a

minha sorte, Raissa iria embora e nunca mais olharia para a minha cara de novo.

– Prometa que não vai embora.

Ela balançou a cabeça, negando.

– Por que a Lilian te chantageou, Caio?

– Depois... Depois daquela noite da nossa despedida... Eu surtei. Tive... Não sei, eu dormi com

um monte de mulher. Não conseguia te tirar da cabeça... Fiquei louco... – Raissa fez careta de nojo. O

medo me travou por uns instantes, mas busquei força para concluir. – Lilian me procurou e... Nós

transamos.

Raissa se sentou na cadeira ao lado da maca. Tirou os olhos de mim e encarou o além. Lágrimas

escorreram pelo seu rosto perfeito.

– Ela me procurou ontem, no restaurante... Disse que, se eu não a beijasse, contaria tudo para

ocê. Fui um idiota, sei disso... Não devia ter caído na armadilha dela, devia ter te contado antes que

isso tudo precisasse acontecer. Mas é que... Tive tanto... Tanto medo... Tanto medo de te perder,

Raissa. – Ela conteve um soluço. Ainda olhava para o além. A expressão indecifrável quase me matou

ali mesmo. – Nunca quis te magoar... E, ao mesmo tempo, sabia que ia acabar acontecendo.

– Aconteceu – murmurou.

– Lembre-se... “Só uma coisa a favor de mim eu posso dizer: nunca feri de propósito. E também

me dói quando percebo que feri”.

Raissa bufou.

– Duvido que Clarice tenha transado com alguém sem ser de propósito. Não se transa sem

querer, Caio. Você dormiu com a minha prima.

– Não éramos nada, Raissa. Não te enganei. Foi passado. Um erro, uma noite nada a ver, como

todas as outras que vivi sem ter sido contigo.

– Na casa dos meus pais... Você... Tratou a Lilian muito bem até... – Ficou protelando aos

murmúrios, como se eu não estivesse ali para ouvir sua linha de raciocínio.
– E eu, toda abobada, sem

saber o que tinha rolado. Ela estava toda afobada pro seu lado, doida pra dar
aquele cu seco de novo...

– Riu sozinha. Tive certeza de que Raissa não estava no seu estado normal.
Ela sempre foi engraçada,

mas aquela espécie de humor negro era assustador. – Fui feita de besta...
Meu Deus... Como fui

otária...

– Raissa... Eu a tratei normalmente porque não queria confusão na casa dos
seus pais. O respeito

que tenho por eles é enorme...

– E o respeito por mim ficou onde? – continuou aos murmúrios, sem me
olhar. Acho que ela

estava em estado de choque. Fiquei cada vez mais espantado. – Enfiado no
rabo de alguém... Não no

meu, claro.

Fiz uma careta, e meu rosto inteiro doeu.

– Eu devia ter te contado. Teria evitado toda essa confusão, toda essa dor.

– Você não me conta que fodeu a minha prima... Cai numa chantagem
ridícula... E ainda me

acusa de ter dormido com seu irmão...

Lembrei-me de que ainda não sabia o que aquele filho de uma égua tinha
feito na casa dela.

Morri de medo de perguntar e piorar a situação. Melhor seria tentar esquecer aquela merda toda.

– Raissa... Raissa, olha pra mim.

Ela não me obedeceu. Começou a murmurar bem baixinho. Não consegui ouvir nada. Parecia

imersa em uma onda de reflexões, que só teve fim quando fechou os olhos e apoiou a cabeça entre os

dedos. Fiquei tão apavorado que só consegui tremer por inteiro, absolutamente travado pelo desespero

de vê-la daquele jeito tão esquisito.

O medo total se apossou do meu corpo, assim como todo o autoflagelamento que tentei evitar.

Cada lágrima que saía do meu rosto era um motivo óbvio que eu ganhava para me afastar de vez

daquela mulher; ela não merecia tanta merda. Em contrapartida, um pedacinho de mim dizia que

quem não merecia tanta merda era eu.

– Me perdoa... – falei em um soluço sofrido.

Raissa passou mais alguns minutos naquela posição. Depois, ergueu-se e parou do meu lado.

Segurou a minha mão livre com as duas mãos. Sorri. Um resquício de esperança foi o suficiente para

aquecer uma chama dentro de mim. Ela continuou séria.

Cruzamos nossos dedos.

– Pensei no seu bem o tempo todo... Desde o início. Tentei te entender...
Tentei justificar o seu

comportamento... Eu te conquistei de propósito, Caio. – Sua seriedade me
arrancou o sorriso. – Tive

consciência de tudo o que estava fazendo, pois me parecia a coisa certa...
Salvar aquele menino

perdido que fodia com mulheres para encobrir frustrações. – Ela fez uma
pausa e beijou os meus

dedos. – Eu acredito no que me falou, mas... Sabe... Neste momento, não
acredito que haja felicidade

para nós dois.

– Raissa... Não.

– Caio. Uma relação precisa de confiança acima de tudo. Não entende? Eu
não confiei em você,

e você não confiou em mim. – Suas lágrimas começaram a molhar o mesmo
ponto que foi beijado. –

Esse medo doentio que você tem, essa falta de fé... Essas burradas imaturas.
Eu também tenho medo

que você faça merda, e, sinceramente, como continuar nessa instabilidade?
Eu te peço perdão por ter

mexido no que não devia.

– Não fala assim. Não fala assim, por favor. Me perdoa.

– Não é mais questão de perdoar, Caio. É o futuro. Você precisa aprender a
confiar em si

mesmo... A se amar. Eu não posso te ajudar nisso. Ninguém pode além de você mesmo.

Fui tomado pela já conhecida série de soluços.

– Me ajuda.

– Não posso... – Ela começou a chorar bastante. – Eu também tenho que me amar.

– Você foi a melhor coisa que já me aconteceu – falei desesperadamente. – Nunca quis tanto

viver... Juro que não.

– É disso que estou falando... “Não procure alguém que te complete. Complete a si mesmo e

procure alguém que te transborde.”

– Você me completa até me transbordar, Raissa... – Usei a mão espetada para tocar seus cabelos.

Puxei-os, e ela veio para mais perto. Guiei as mesmas mãos para seus lábios.

– Vai ser melhor para nós dois.

Uma mágica impressionante aconteceu dentro de mim assim que aquiesci, concordando e

percebendo a sinceridade do meu ato. Pode parecer esquisito, mas me senti diferente ao perceber que

ela estava certa. Não sei o que foi aquilo que me invadiu, talvez um pouco de maturidade.

Eu a amava. Muito. Queria-a para mim mais do que tudo. Só que faltava algo em nós. Algo em

mim, principalmente. Eu não a deixava segura, afinal, não tinha segurança nem para mim mesmo.

Raissa jamais se convenceria do meu amor se eu não me amasse. E bom... Nunca aprendi a gostar

verdadeiramente de mim.

Que tipo de futuro teríamos desse jeito? Não podia ficar com alguém sem merecer, e nem

machucá-la durante o tempo que não a merecesse. Ao contrário de mim, ela se ama e sabe o que

precisa para si mesma. Não fazia ideia de como eu sairia daquela situação, mas o meu desejo não me

deixava recuar: eu a queria, e fazia o possível para tê-la e merecê-la. Não como um menino birrento

que toma para si um brinquedo caro, mas como um homem que trabalha arduamente para obtê-lo e

poder usufruir dele.

Nós permanecemos mudos por alguns minutos – eu até me senti um pouco mais calmo –, até que

vi alguma coisa se mexendo por trás da cortina. Uma pessoa apareceu de repente.

– Raissa? – Ela deu um pulo e me largou depressa. – Achei vocês!

Fiquei parecendo um bobo quando vi a mãe dela. Devo ter feito uma expressão muito esquisita,

pois meu rosto doeu completamente, sobretudo o nariz. Não entendi o que estava acontecendo.

Raissa a abraçou meio sem jeito, e logo em seguida ambas me olharam com atenção.

– Ah, Calvin... Isso está feio – sua mãe se aproximou e, contra toda a lógica, começou a alisar os

meus cabelos e analisar o meu rosto. – Meu filho, por que foi brigar com seu irmão? Você é tão

inteligente, tão atencioso...

Uma grande interrogação foi implantada no meu cérebro. Acho que travei. Não pelo medo ou

desespero – mesmo eles estando em algum ponto fixo dentro de mim –, mas por uma coisa diferente.

Não sei explicar direito o que senti, só sei que não fui capaz de falar nada.

– Ele é bem explosivo também, mamãe – Raissa falou, voltando a se sentar na cadeira. Parecia

exausta.

– Não pode ser assim, meu filho.

Abri a boca, porém só consegui gaguejar.

– Que bom que veio, mãe. Não achei que viria.

– Claro que vim! Calvin já é da família. – Sua mãe lhe olhou com um pouco de chateação, e

voltou a me encarar. Sorriu. – Sara foi a uma reunião na creche da Clara e o Gui está na escola. Seu

pai está trabalhando, então, em nome de todos, estou aqui.

Aquiesci. Pisquei os olhos. Pronto... Caí no choro. A mãe da Raissa ficou muito assustada com a

minha reação exagerada, mas fez o que eu estava precisando desde que briguei com meu irmão. Aliás,

desde sempre. Uma coisa simples que faz diferença para muita gente, e que fez toda a diferença para

mim: deu-me um abraço bem forte.

Chorei como se fosse uma criança, sentindo-me acolhido, amado... Sei lá, o fato de ela se

importar comigo me trouxe uma esperança diferenciada. Nem tudo estava perdido. Eu podia ter feito

muitas merdas e machucado a Raissa de diversas formas, mas aqueles sentimentos maravilhosos

ninguém poderia ser capaz de tirar de mim. Pela primeira vez na minha vida, senti que tinha uma mãe.

Ou algo bem próximo a isso.

– Obrigado por ter vindo – choraminguei, afastando-me para não assustá-la mais. Tentei enxugar

umas lágrimas, mas os curativos arderam. Desisti.

Olhei para a Raissa atrás de sua mãe; ela também chorava.

– Estamos bem emotivos hoje, não? Vamos melhorar esse clima? Eu trouxe bala de cereja e

chocolate. – Ela abriu a bolsa enorme e retirou de lá um monte de guloseimas. Senti-me um garoto

com cinco anos de idade. Ri sozinho. – O médico disse que você teria alta assim que acordasse. O que

acha de passarmos em uma lanchonete? Está com fome?

– Mãe... – Raissa intercedeu. – A gente só quer ir pra casa.

– Ah... Tudo bem. Não faz mal. Nos vemos no sábado, Calvin?

Fiquei um pouco incomodado por ela ainda não saber o meu nome. Tentei ignorar, pois seria

esquisito dizer ali. Não sabia também como a Raissa reagiria ou se pretendia contar... Talvez fosse

uma coisa que ela precisasse resolver, não eu. Se bem que... Àquela altura, não importava tanto assim.

Dei de ombros.

– É que eu vou precisar trabalhar... – neguei a contragosto. Não ia forçar a barra. Raissa não

achava que nós deveríamos ficar juntos. Eu precisava fazê-la mudar de ideia do mesmo jeito que ela

tinha me feito mudar: com dedicação e paciência. – Quem sabe em breve...

– Estaremos esperando! – O silêncio que se fez naquele pequeno espaço da enfermaria foi muito

desconfortável. A mãe da Raissa que resolveu nos tirar do constrangimento. – Vou chamar o médico.

Detesto cheiro de hospital! Coma um chocolate, filho, vai te fazer melhor.

Peguei um doce e o abri sorrindo, enquanto ela atravessava de novo as cortinas.

– Obrigado, Raissa.

– Eu não sabia pra quem ligar.

Coloquei o chocolate todo dentro da minha boca, lembrando-me que estava morrendo de fome.

– Nem eu – falei com a boca cheia.

– Vai ficar bem?

– Vou – respondi no automático. Eu não ia ficar bem. Só tentaria ficar bem. E a tentativa

advinha da minha mais recente vontade de vencer. Todas as minhas pequenas dores me

enfraqueceram, chegava a hora de deixar uma grande dor me fortificar. – “E assim como a primavera,

eu me deixei cortar para vir mais forte...”

Raissa sorriu de um jeito lindo, deixando uma lágrima rolar com beleza sublime em seu rosto.

– Amém – murmurou.

O médico mediu a minha pressão de novo, e fez um monte de perguntas. Tentei aliviar tudo,

dizendo-lhe que só havia tido muita raiva por causa da briga e acabei surtando. Realmente, só queria ir

para casa. Sei que o meu corpo ficaria bem assim que a minha mente ficasse.

Depois de um raio-x, ouvi um bocado de recomendações para o tratamento do meu nariz – não é

que ele tinha quebrado mesmo? –; a recuperação levaria um tempo, e eu ficaria com um curativo

horrível no meio da minha cara, mas quem liga?

Raissa tinha ido ao hospital de táxi, bem como a sua mãe. Depois de me acompanharem com

dedicação, não me deixaram dirigir de modo algum, tudo porque o médico me recomendou repouso –

até me deu um atestado de três dias que eu ia ignorar, pois só ficaria mais louco se passasse tanto

tempo sem fazer nada – por isso foi ela quem dirigiu o meu carro. Fui deixado em casa, percebendo

que já era quase noite. Raissa deixou o meu carro estacionado e pegou o seu, a fim de levar a mãe em

casa.

Agradei como pude. Queria ter um tempo a mais na companhia da Raissa, mas ela não me deu

brecha. E, pelo visto, não me daria mais. Comprovei isso quando cheguei a minha varanda e levei um

susto: o tapete da mamãe estava enrolado e apoiado na minha porta.

Fiquei sem reação. Nem sei medir quanto tempo fiquei parado na varanda como uma estátua,

olhando para o tapete como se fosse uma coisa extraterrena. Cerrei os punhos e os dentes ao mesmo

tempo, controlando uma explosão interna. Expirei todo o ar dos meus pulmões, e depois inspirei

fundo. Nada de autoflagelamento. Nada de desespero.

Putá que pariu...

Juntei força e coragem para abrir a minha porta e entrar em casa junto com o tapete. Não podia

deixá-lo lá fora. Não o tinha guardado durante tantos anos para estragá-lo. Também não podia forçar a

Raissa a ficar com ele. Tenho certeza de que ela tinha pensado muito antes de deixá-lo ali, portanto eu

precisava aceitar. Aceitar que a perdi, que chegamos ao fim; aceitar que eu tinha errado e que

precisaria muito mais do que seduzi-la para realmente tê-la.

Sei que eu devia tomar um banho e comer algo mais saudável do que um simples chocolate e

algumas balas de cereja – que comi no carro –, mas o cansaço, mesclado com a tristeza, só me fez ter

vontade de dormir. Empurrei os móveis da sala e abri o tapete da mamãe no chão.

Um alerta conseguiu ser processado pela minha cabeça: foi o meu pai me dizendo que ter um

tapete cor-de-rosa era coisa de veado. Balancei a cabeça. Papai ia me perdoar daquela vez, porque

nada me faria deixar de sentir o conforto que aquele simples objeto sempre foi capaz de me trazer.

Não importava a cor ou se eu deixava ou não de dar o meu rabo, peguei um travesseiro, um lençol e

simplesmente desabei.

Chorei até pegar no sono.

41 (Por Calvin)

Descobrir mais sobre mim mesmo é como renascer para uma vida que nunca pensei que quisesse

viver

Fazia tempo que eu não passava uma semana tão difícil. Aquela muito se igualou as tantas que

passei nos primeiros meses após a morte do meu pai. O clima fúnebre permaneceu, como se a minha

alma e o meu corpo estivessem de luto. Não os culpo, a perda havia sido tão dolorida... Mas, ao

mesmo tempo, já conhecia aquela dor; saber que não poderia doer mais do que aquilo era um alívio.

Percebi que já sofria a dor do fim antes dele, e isso me trouxe certo costume, ou uma espécie de

consolo que me deixava mais conformado do que imaginei que ficaria. Aquela conformidade podia ser

algo bom ou ruim. O lado bom foi manter o desespero longe; minhas lágrimas foram silenciadas e o

autoflagelamento pareceu ter deixado meu corpo junto com os medos. O lado ruim foi a inércia.

Fiquei parado no tempo como se não pertencesse a ele, e, ao mesmo tempo, como se pertencesse tanto

que só conseguia passar junto com ele.

A minha rotina se tornou sufocante. Engraçado é que continuou sendo a mesma de antes,

absolutamente nada mudou, porém tudo ficou insuportável de uma hora para outra. Começou na

manhã da quarta-feira. Acordei todo quebrado por ter dormido meio sem jeito no tapete da mamãe.

Decidido a fazer as mesmas coisas de sempre, fui ao jardim a fim de cuidar das plantas.

Percebi que a varanda da Raissa ainda estava toda destruída. Fiquei olhando a bagunça. Tudo o

que eu mais queria era acordar e perceber que toda aquela merda havia sido um pesadelo. Queria

preparar nosso café da manhã e ver seu sorriso glorioso apontado na minha direção. Queria sentir seu

cheiro de novo, o formato dos seus lábios nos meus e aquela sensação nova de ser amado, admirado e

valorizado.

Mas tudo havia morrido junto com as rosas, que, pelo estrago, haviam sido pisoteadas. Peguei

uma vassoura em casa, disposto a aliviar aquele clima destruidor que pairou no ambiente. Congelei

quando vi as violetas todas mastigadas. O vaso delas estava quebrado, bem como todos os outros.

Ajoelhei-me no chão e as toquei. Estavam ressecadas, destroçadas. Não haveria jeito.

Apesar de sentir uma vontade absurda de chorar, nenhuma lágrima foi capaz de escorrer. Dei

uma olhada ao redor, achando que surtaria, que meu coração não aguentaria tanta desgraça, mas acabei

me vendo diante de um vazio ainda mais cruel do que o próprio desespero.

Eu cuidava daquelas plantas há muitos anos. Cada flor era cultivada com empenho. Estudava

cada uma delas para que florescessem saudáveis, em um ambiente agradável. Isso não é fácil, mas é

uma coisa que amo fazer e não me vejo deixando de lado. Não era justo que elas tivessem que pagar

pela minha burrice. Elas não tinham culpa de nada.

– Me desculpem... – murmurei. Calei-me, cerrando os dentes. A raiva deu lugar à tristeza, por

isso peguei a vassoura e fui juntando todos os destroços em um canto. Por mais que quisesse salvar

alguma daquelas plantas, não conseguia encontrar coragem para fazê-lo.

Recolhi tudo em uma sacola grande de lixo. Parei quando vi um único vaso intacto: o pequeno

cacto repleto de espinhos. Ele me representava mais do que qualquer coisa; tudo o que fazia parte de

mim parecia ser capaz de machucar alguém. Podia deixá-lo onde estava, mas o joguei no lixo junto

com todo o restante, sem nenhuma consideração.

Depois que deixei a varanda da Raissa vazia e limpa, tudo perdeu o sentido. Desistir daquelas

plantas significou uma desistência geral, e nem me dei o trabalho de cuidar do jardim. O desânimo me

deixou irritado, mas tentei compreender que precisava de um pouco mais de calma para encarar a

situação. Achei que a calma viesse com o tempo, e talvez por isso o tenha deixado passar.

Fui ao trabalho com a cara toda arrebatada e dolorida. O gerente quis me fazer voltar para casa,

mas conversei com ele até que finalmente permitiu que eu ficasse. Fui motivo de piadinhas sem graça,

mas nem dei moral. Depois de um tempo, e percebendo a minha irritação, o pessoal me deixou quieto,

do jeito que eu queria.

Pode parecer estranho, mas trabalhar também perdeu a graça. No fim do expediente de cada dia

da semana, percebi que minha tristeza não havia sido amenizada nem por um segundo; a dor ainda

latejava, a impaciência me consumia e o desânimo me sufocava. Achei esquisito demais não conseguir

me distrair cozinhando. Depois de muito refletir, percebi que, pela primeira vez na minha vida, não

quis ignorar os meus problemas ou dores. Quis apenas senti-las e, talvez por isso, minha mente se

recusasse a anulá-las.

Seria um sinal de amadurecimento ou uma espécie de masoquismo infundado? Não soube

responder, mas ter a compreensão de que não queria fugir de mim mesmo me fez confiar um pouco

mais no tempo. Só que é muito difícil confiar nele quando o seu primeiro e único amor passa por você

e sequer considera a sua presença.

Aconteceu na sexta-feira à noite. Cheguei do trabalho às duas da manhã, morto de cansado. O

carro da Raissa não estava estacionado no lugar de sempre. Morri de pavor. Aliás, estava ficando cada

vez mais difícil controlar os horários dela. Raissa começou a sair de casa mais tarde do que antes, em

horas que não mantiveram o padrão. Muito esquisito!

Assim que cruzei o portão de madeira, ouvi seu carro ser estacionado. Esperei com o portão

aberto, pronto para saudá-la, mesmo que estivesse morrendo de ciúmes e com o coração na mão por

vê-la cara a cara de novo depois de um tempo que me pareceu eterno. Ela saiu do carro segurando as

sandálias na mão e caminhou tropegamente.

Ardi como se fosse pólvora acesa. Ela estava visivelmente bêbada, usava um vestido preto curto

demais, meio amarrotado, e tinha os cabelos soltos desgrehados. Tive tanta vontade de matá-la e de

morrer logo em seguida que minha saudação foi engolida. Apenas a esperei passar por mim. Ela o fez

sem sequer olhar para minha cara, rebolou sensualmente até a sua varanda e entrou em casa sem olhar

para trás, depois de ter dificuldade para rodopiar a chave na maçaneta.

Vê-la daquele jeito acabou com o meu juízo e com a minha raça. Não parei de pensar onde ela

esteve e, o mais importante, com quem esteve. Os pensamentos me torturaram por toda aquela noite.

O tapete da mamãe nunca foi tão desconfortável. Tive vontade de gritar, de bater em alguém, de

sumir... Mas... Eu sabia que precisava passar por aquilo.

Era a minha redenção. Talvez a minha culpa fosse anulada. Talvez o perdão que eu sempre quis

viesse com a justiça. Eu havia machucado tanta gente, feito tanta merda... Não podia ficar impune e

ser feliz como se fosse um cara inocente. Cada dor que eu sentia fazia o meu corpo se redimir do mal

que causou aos outros.

Só precisava ter calma. Paciência. Coragem. Aceitar que o mundo não estava sendo injusto

comigo, apenas justo demais com as pessoas que magoei. Parar de me fazer de vítima me fez

sobreviver àquela fatídica noite. Perceber que a responsabilidade de pagar pelos meus erros era

totalmente minha me fez compreender que tudo fazia parte do processo de amadurecimento que

precisava para me livrar de tantas desgraças, tanto medo, tanta carência.

Em contrapartida, perceber que a Raissa não mais me pertencia, que podia fazer o que quisesse –

incluindo beber como uma louca e transar com outros caras – estava me deixando surtado. O ciúme

começou a trazer o desespero que a dor não estava mais conseguindo. Acho que a pior parte de perdê-

la não era a ideia de ficar sem ela – embora isso doesse mais que óleo quente na pele –, era a ideia de

que outro cara podia ficar com ela. Eu aguentaria toda aquela indiferença se soubesse que ao menos

estava se mantendo intacta.

Já era manhã de sábado, e eu não tinha dormido nada, quando vi pela minha janela a Raissa

saindo cedo para visitar seus pais. Uma fagulha de esperança vibrou em meu peito quando percebi que

logo seria domingo. Sabia que ela cumpriria a sua promessa de nunca me deixar sozinho aos

domingos. Raissa cumpre com o que diz, não importa o que aconteça. Sempre acreditei em suas

palavras.

Encontraríamos-nos no quintal, e eu faria de tudo para convencê-la de que aqueles dias haviam

sido suficientes para eu ter certeza de que jamais seria capaz de magoá-la de novo. Havia aprendido

uma lição muito importante: todas as merdas que já fiz na minha vida foram resultado das minhas

escolhas, e não um acontecimento trágico alheio a mim. Se a escolha sempre foi minha, então tenho a

responsabilidade de nunca mais errar de novo. Não quero e nem vou mais errar.

Eu só a queria de volta. Não aguentava mais esperar. Não suportava mais dar asas a minha

imaginação e visualizá-la sendo tocada por outros caras de diversas formas. O meu tesouro, o meu

amor, a minha vida... não podia pertencer a alguém além de mim. Eu seria capaz de tudo por ela.

Mataria e morreria. Seria exagerado, iria até os extremos de qualquer coisa.

Não saberia como respirar sem sua alegria. Viver seria um martírio sem a sua presença sempre

doce, aconchegante. A falta que ela me fazia era... excruciante. “Sinto falta dele como se me faltasse

um dente na frente: excruciante”. Clarice sempre sabe definir bem como eu me sinto.

Começava a ficar cada vez mais rara a visita ao meu quarto, contudo precisei procurar o livro da

mamãe na minha estante. Tive a ideia de ler algumas frases para não enlouquecer de vez. Puxei o livro

tão depressa que outros exemplares acabaram caindo no chão. Recoloquei-os na prateleira, e percebi

que estavam muito empoeirados. Fazia algum tempo que não os limpava.

Como não aguentava mais sequer ver o jardim, não conseguiria dormir, já havia trocado o

curativo do nariz e ainda tinha algumas horas livres antes de ir ao trabalho, decidi começar a limpeza

que costumava ser mensal. Retirei cada livro com o maior cuidado, fazendo pilhas no chão de acordo

com a ordem das prateleiras. Detestava mudar os meus livros de lugar; cada qual tinha o seu local

exato e imutável.

Depois que retirei todos os livros da estante e a limpei – constatando que estava mesmo bem

suja –, comecei a limpar cada livro, um por um, e recolocá-los no lugar. Os minutos se passaram tão

depressa que, quando me dei conta, já era hora de começar a me aprontar para ir ao trabalho. Deixei o

serviço pela metade, prometendo que o faria depois. Talvez na companhia da Raissa no dia seguinte,

fosse interessante.

Só me restou esperar impacientemente pelo domingo. Nunca trabalhei tão disperso quanto

naquele sábado. Geralmente não cozinho com o modo automático ligado; a minha sorte é que eu

consegui fazer isso sem prejudicar o resultado final.

Fiquei aliviado ao ver o carro da Raissa quando cheguei a nossa casa. Um pouco de ânimo me

fez lembrar de que haveria churrasco mais tarde, e de que tudo seria resolvido depois que passássemos

algumas horas juntos. Eu acreditava na gente. Acreditava no meu amor e, mais do que isso, acreditava

no amor dela. Raissa estava magoada com toda razão, mas podíamos conversar melhor. A saudade é

um sentimento urgente. Não dava para esperar mais uma semana de tortura. Tinha certeza de que ela

conseguia sentir aquela urgência.

A boa notícia é que, depois de dias dormindo mal, consegui ter uma madrugada de sono

profundo. A notícia ruim é que sonhei com a Raissa. Não que seja algo ruim sonhar com ela, mas é

que no sonho estávamos juntos e felizes. Ou seja, acordar e perceber que nada estava resolvido foi

uma tortura. Sorte que eu estava confiante demais no churrasco. Foi por isso que segui para um

mercado logo cedo; comprei tudo do bom e do melhor, a fim de fazer um domingo perfeito para nós

dois.

Preparei a farofa que ela tanto gostava com muito empenho. Cortei os tomates com precisão

exagerada, temperei as carnes e fiz um pudim de morango, lembrando-me da nossa primeira noite

juntos. Parece que foi ontem que eu estava morrendo de tesão pela minha vizinha gostosa – não que

isso tivesse mudado, mas é que agora tesão é pouco para o que realmente sinto. Assim que vi a Raissa

pela primeira vez, quase não acreditei no tamanho da minha sorte; ter uma gata como vizinha só podia

ser um sonho. Meu desejo por ela foi imediato, mas jamais cheguei a imaginar que as coisas iriam tão

longe.

Era quase meio-dia quando finalmente consegui levar tudo para o quintal. Destranquei a porta da

frente, como sempre fazia, deixando o acesso livre para a Raissa. Coloquei Lulu Santos para tocar no

som, organizei a mesa de madeira de uma forma mais cuidadosa e tratei de ligar a churrasqueira.

O carvão pegou brasa, e nada da Raissa. A demora começava a me angustiar um pouco. Estava

nervoso, sem saber direito o que dizer a ela. Uma coisa estranha imersa no abismo do meu eu me

impedia de dizer que a amava, mas estava disposto a jogar fora tudo o que estava entalado na minha

garganta.

Tirei a roupa, ficando apenas de sunga branca, e passei o protetor solar. O sol brilhava forte no

céu quase sem nuvens. Estendi a toalha ao lado da piscina e dei uma olhada ao redor. As plantas

precisavam de um pouco de atenção, mas não conseguia vê-las com os mesmos olhos. Era como se

todas elas estivessem me detestando, e eu só precisasse ficar na minha para deixar toda aquela raiva

passar. Ignorei-as.

Fiquei um pouco na piscina, observando as carnes ficando prontas, escutei a coleção inteira do

Lulu, e nada da Raissa. Desisti do som e passei a escutar o silêncio sepulcral enquanto tentava me

manter confiante. Sabia que ela viria. Talvez tivesse acordado tarde, ou se enrolado na caipirinha.

Eu adorava a caipirinha da Raissa, pois nunca era igual. Ela sempre errava em alguma coisa; ou

era no açúcar, ou na cachaça, até no limão a doida conseguia errar, mas o resultado final era sempre

espetacular. Uma vez eu errei fazendo um crepe e acabei preparando uma papa salgada que se

transformou no principal molho de uma torta famosa lá no restaurante. O que quero dizer é que, na

culinária, às vezes o errado dá certo, e a caipirinha da Raissa era um erro adorável.

Entrei em casa a fim de conferir a hora no relógio da cozinha: eram quase três da tarde. Fiquei

assustado com o avanço descomunal do tempo. Ele parecia ter parado lá no quintal. Dei uma olhada

pela janela da cozinha, e vi o carro dela estacionado. Raissa estava em casa, então por que ainda não

tinha chegado?

Pensei em chamá-la pelo quarto, mas desisti. Tive medo da indiferença. Sei que seria mais fácil

recebê-la de uma vez do que ficar esperando por ela no quintal, porém minha mente não queria aceitar

que a Raissa não viria. Mantive-me confiante até o último suspiro. As carnes que eu ia assando foram

se esfriando com o passar do tempo, os tomates começaram a murchar e eu não sabia mais no que me

agarrar para continuar esperando. Escolhi as lembranças.

Lembrei dos olhos da Raissa me observando, dizendo-me que me amava. Incondicionalmente.

Havia tanta verdade neles. Ou será que tinha me enganado? Lembrei-me do dia em que falou que

estaria comigo em todos os domingos. Lembrei-me dos nossos beijos, dos abraços, de cada instante de

lágrimas e risos, cada detalhe do que vivi ao lado dela. Havia sido tão pouco, mas tão intenso. Foi um

sopro confortável na minha vida. Uma luz no meio das minhas trevas.

Lembrei-me do dia do meu aniversário, de como tinha me consolado logo pela manhã. De como

havia me ajudado a arrumar um emprego bom, só usando as palavras certas. Lembrei-me de seu

sorriso. De como ele sempre parecia inocente, livre de intenções. De como ele sempre foi capaz de me

salvar, aos poucos, de todas as coisas ruins que eu sentia. Lembrei-me das tantas noites que passamos

juntos, do modo como seu corpo se encaixava no meu. A parede, o chuveiro, o regador, o tapete, os

tomates, a mesa da minha cozinha, a varanda, as flores, o quintal... Tudo me trazia lembranças dela. E

eu sabia que jamais as esqueceria. Jamais.

Eu não podia viver sem ela. Havia duas escolhas para mim; ou seguiria a minha vida com a

Raissa ou preferiria não viver.

Contudo, já era tarde, e ela não me queria mais. A maldita escolha escorreu pelos meus dedos, e

eu só tinha um caminho a ser seguido. Assistir ao pôr do sol nunca foi tão deprimente. O quintal foi

tragado pela mesma escuridão que visitava os meus pensamentos.

Compreender que a Raissa não passaria por aquela porta... Perder toda a esperança que eu tinha

reunido durante aquela semana torturante... Uma semana de fé em vão, pois enquanto eu sonhava com

a nossa volta, ela já estava decidida a desistir de mim.

Sentando à mesa de madeira, incapaz até de chorar e quase sem enxergar um palmo à minha

frente, a conclusão das minhas ideias me fez segurar a faca de carnes com força. Se até a Raissa, uma

pessoa forte, resolvida, sensata, doce, a mulher que havia dito que me amava incondicionalmente tinha

desistido de mim... Ela sempre sabia o que fazer. Se havia desistido é porque não valho a pena. E se

não valho a pena, para quê viver?

Raspei a ponta da faca, de leve, no meu pulso esquerdo. Senti uma dor aguda, fraca e irritante.

Meu corpo soltou um espasmo esquisito, uma espécie de meio soluço, e só. Eu não sabia como fazer

aquilo. Por mais que tenha pensado a respeito várias vezes, nunca havia chegado tão perto. Seria como

cortar um pedaço de picanha, ou de uma carne de terceira, já que nenhum valor podia ser atribuído

àquele sangue que começou a escorrer aos poucos. Precisava ser mais profundo.

Os olhos da Raissa invadiram a minha mente. Foi nítida, uma memória firme que mais me

pareceu a realidade. Uma lágrima escorreu pela sua face, e então ela abriu a boca e disse:

– Sua mãe sofreu tanto... Para isso?

Solucei alto, e no mesmo instante o rosto dela se esvaiu. Segurei a faca com ainda mais força.

Talvez a Raissa me dissesse aquilo se estivesse ali, mas ela não estava. E a coisa mais legal que eu

podia fazer pela minha mãe era encontrá-la no além, como sempre foi o meu desejo, desde que nasci.

– “Nunca sei se... quero descansar porque estou realmente cansada” – murmurei de um jeito

tranquilo, meio doentio. Nem eu me reconheci direito. – “... ou se quero descansar para desistir”.

Senti a ponta da faca pressionando o corte superficial. Prendi os lábios, sentindo um pouco de

dor.

– “O que é verdadeiramente imoral é ter desistido de si mesmo” – continuei com os devaneios.

Fechei os olhos e tentei entender se queria parar de fazer aquilo por covardia ou porque realmente não

queria fazê-lo. Só pararia de avançar quando soubesse, e foi por isso que deixei a faca se aprofundar

ainda mais dentro da minha pele. – “Ignore, supere, esqueça. Mas jamais pense em desistir de você

por causa de alguém”.

Larguei a faca.

– Não procure alguém que te complete... Jamais pense em desistir de você por causa de alguém...

Supere, esqueça... É imoral desistir, complete a si mesmo... Descanse, mas não desista... Procure

alguém que te transborde – misturei as frases como um louco. Peguei um pano de prato e enrolei no

meu braço. Depositei a minha testa na mesa e cerrei os dentes.

Eu não queria desistir. Não podia perder a minha fé por causa daquilo. Raissa me ama. Eu

acredito nela. Como pude pensar em me matar e fazê-la sofrer? Como pude? Como pude pensar em

jogar fora a minha felicidade, durante anos, por nunca acreditar que podia fazer as escolhas certas?

Ninguém mais vai sofrer por minha causa, inclusive eu mesmo. Não mereço me fazer sofrer. Não

mereço ser vítima de mim.

Precisava começar a me respeitar. A entender o meu valor como pessoa, como um ser que

merece respirar. Sempre achei que estivesse respirando por um erro do destino – ou da minha mãe –,

mas eu estava respirando por causa de mim. Sou eu que me levanto todos os dias à procura de uma

distração para as minhas dores.

Tudo porque, no fundo, não quero senti-las. Não quero sofrer, não quero continuar na inércia.

Quero lutar pela minha felicidade. O meu bem-estar vem em primeiro lugar. Sobrevivi àquela semana

cruel, vencendo a dor, mantendo a fé, acreditando no meu destino com todas as minhas forças. Preciso

continuar acreditando em mim. Tentaria ser feliz até o último momento, e só desistiria quando a vida

me levasse à morte, e não quando eu me empurrasse até ela.

Eu estava vivo, até então, pela minha única e total vontade de estar. Custei muito a descobrir,

mas ali, naquele quintal escuro, compreendi mais uma coisa importante sobre mim: eu me amo. Vivi

parte da minha vida achando que queria morrer, mas não quero. Nunca quis.

Recolhi todas as coisas do quintal, na maior paciência. Guardei as comidas na geladeira, sem

fazer ideia de quem as consumiria. Não soube direito o que estava sentindo; embora tenha perdido a

Raissa, havia ganhado a mim mesmo. E, depois que me ganhei, passei a acreditar piamente que tudo

ficaria bem.

Estava organizando a minha cozinha quando vi a Raissa através da janela. Ela conversava com o

meu irmão Carlos no jardim. Toda a minha concentração foi mantida nos movimentos deles; pareciam

discutir sobre alguma coisa. Raissa estava visivelmente abalada, e o Carlos, com curativos no rosto –

bem feito pra ele –, questionava com veemência.

Abri a janela para descobrir sobre o que eles tanto conversavam, e só deu tempo de ouvir a voz

dela dizendo:

– Estou decidida, Carlos. Faça o que for preciso, por favor!

– Mas, Raissa...

– Não dá pra ficar aqui, assim. – Ela deu passos para trás, e depois se virou na minha direção.

Nossos olhos se cruzaram por alguns segundos prolongados, mas ela tratou de me ignorar, fazendo

uma careta estranha. Seguiu rumo à sua varanda e sumiu do meu campo de visão.

Carlos também me viu. Fiz cara de poucos amigos e comecei a fechar a janela novamente.

– Ei, Caio... Ei, espere! – Carlos correu até a minha varanda. Pensei em fechar a janela de vez e

ignorá-lo, mas a curiosidade falou mais alto. O que aquele otário queria comigo?

Ele se aproximou, porém manteve uma distância segura.

– O que é? – Seu rosto estava todo fodido. Mais ou menos como o meu. A diferença é que ele

não parecia ter quebrado nada. Infeliz.

– A gente precisa conversar.

– Não tenho nada para dizer a você.

– Cara... Deixa de ser imbecil! – Riu de um jeito sarcástico, mas logo voltou à seriedade. Fiquei

o observando, tentando descobrir como faria para começar a esbofeteá-lo de novo.

– É essa a sua conversa? – rosnei. – Muito bem, me deixa ir até aí e então decidiremos isso de

uma vez.

Ergueu as duas mãos.

– Não vim brigar. Deixa quieto... Vai ser merecido. – Balançou a cabeça, concordando com

alguma coisa que eu desconhecia. – Passar bem. – Saiu da minha varanda.

– Ei... Espera. – Ele se virou. – O que houve?

Carlos continuou bem sério.

– Raissa quer vender a casa.

Raissa quer vender a casa. Raissa quer vender a casa. Raissa quer vender a casa...

Meu cérebro não conseguiu compreender aquela frase. Mantive meus olhos no Carlos, mas tive

certeza de que havia alguma coisa estranha neles. Tudo ficou embaçado diante de mim.

Não tive capacidade de abrir a boca.

– Ela quer que você compre. Eu sei que você não pode comprar, tentei explicar que, se pudesse,

teria feito desde o início. Então ela acabou de reduzir o preço pela metade.

– E-Eu...

Carlos sorriu.

– Olha a sua cara de bocó. Nunca vi você se importando tanto com uma mulher. – Uma lágrima

escorreu. Continuei sem fala. – Cara, eu não sei o que você quer da vida, mas se quer aquela mulher,

precisa fazer alguma coisa. – Apontou para a varanda vizinha.

Resfoleguei.

– Eu não sei o que fazer – murmurei.

– Qual é, desaprendeu a conquistar uma mulher? – ironizou. – Raissa te ama. Você não merece

nem o prato que come, mas ela te ama. Só consigo sentir pena... Perder o emprego, ter que vender a

casa que acabou de comprar... Estar apaixonada por um vizinho otário...

Congelei.

– O que disse? – Quase quebrei o vidro da janela de tanta força que coloquei em minhas mãos.

– Que você é um otário.

– Não. Ela... Perdeu o emprego? Quando? Como?

– Segunda-feira.

Prendi os lábios. Mais lágrimas me disseram “oi”. Era loucura demais para que eu acreditasse.

Não podia ser... Raissa havia perdido o emprego no mesmo dia que... Puta que pariu!

– Raissa não pode vender essa casa... Não pode.

– Ah, ela pode. E se eu fosse você tratava de comprar logo, antes que ela desista e venda para

qualquer um. Pelo preço que está... Não vai demorar nada.

– Não... Não.

– Venda o carro e dê de entrada.

Olhei-o como se fosse um louco. E era mesmo, por sugerir algo do tipo.

– Não vou vender o carro do papai, perdeu o juízo? Não sou como você, que barganha as coisas

dele como se não significassem nada.

Deu de ombros.

– Ele morreu, Caio. A gente tem de superar.

– Superar, sim. Esquecer, nunca.

– Você não faz nenhum dos dois.

– E você já fez os dois! – berrei. – Escute aqui, Carlos, se ajudá-la a vender essa casa, eu juro

que te mato.

Ele riu, todo desdenhoso. Tive vontade de matá-lo sem sequer esperar pelos motivos da minha

ameaça.

– O que posso fazer? Sou a única pessoa com quem ela está contando. Não vou enganá-la.

Bufei.

– Sei muito bem as suas intenções, filho de uma...

– Vai começar a falar de mãe? – interrompeu-me. Calei a boca.

Que ódio!

– Se você encostar um dedo na Raissa, Carlos... – Coloquei meu próprio dedo em riste.

Ele deu de ombros.

– É sério, Caio. Chega de babaquice. Ela te ama. Pelo que estou vendo, um milagre aconteceu e

– você finalmente aprendeu a amar uma mulher. Convença a Raissa a ficar, e então tudo se resolve.

Passei as mãos pelos meus cabelos, transtornado. Não dava para acreditar que aquilo estava

acontecendo. Raissa devia estar desesperada. E a culpa de toda aquela merda era minha. Eu devia estar

ao lado dela naquele momento, e não do outro lado da parede.

Refleti um pouco, mesmo que a dor de cabeça – surgida do nada – estivesse me impedindo.

– Diga a ela que eu vou comprar. Me dê um tempo...

– Ela não quer que demore. Pretende voltar à casa dos pais na semana que vem.

Raissa voltando para casa dos pais? Caralho! E todo aquele lance da liberdade? Até disso estava

desistindo?

– Uma semana. Só tenho uma semana.

Carlos aquiesceu. Ficou observando as minhas expressões cada vez mais desesperadas. Não sei

dizer quanto tempo se passou até que ele voltou a se aproximar. Depositou uma mão no meu ombro.

– Ei, mano... Você consegue. Boa sorte.

Não consegui segurar o restante das lágrimas.

– Obrigado.

Afastou-se.

– Ei... – chamei sua atenção. – Desculpa. Sua cara está feia pra burro.

Sorriu.

– Seu nariz nunca mais vai ser o mesmo.

– Não, seu idiota.

Rimos um pouco.

– Isso foi burrice, você sabe – falou. – Papai ia dar sermão na gente se estivesse aqui.

Concordei.

– Coisas de irmão – sussurrei.

– É. A gente sempre vai se odiar. Vou lá, cara... Passo aqui por esses dias.

Vi o Carlos atravessando o jardim, mas a minha cabeça já estava em outro lugar. Mais

propriamente na minha nova missão. Eu tinha uma semana para reconquistar a Raissa, provar que

podemos sim ser felizes, mostrar o quanto a amo e o quanto estou pronto para viver esse amor.

Era tudo ou nada.

42

Esquecer o inesquecível é uma opção covarde ou corajosa demais?

O ruim de estar na fossa, além de chorar até dormir e comer até passar mal, é que tudo faz

lembrar o sujeito que você quer esquecer. Eu não podia respirar em paz sem recordar os variados

momentos que passei com o meu vizinho. Todas as partes daquela casa eram habitadas pelas

lembranças, e só o fato de eu estar ali era um motivo para perturbação mental.

Não conseguia superar, esquecer ou voltar atrás. Minha mente vivia uma espécie de teimosia

desenvolvida pela razão e pelo ressentimento; uma mistura cruel que te faz manter o orgulho como se

ele fosse a melhor opção. Mas se fosse só orgulho, podia culpar apenas o ressentimento e pronto. A

razão vinha junto no pacote. E eu sabia que estava com ela.

Na vida, muitas vezes precisamos tomar decisões difíceis: desistir de um grande amor pode

parecer absurdo aos olhos de quem se ilude pela paixão, mas não me pareceu diante das tantas merdas

que aconteceram. Continuo não achando absurdo. Por mais que esteja doendo. Por mais que o meu

corpo quase não suporte tanta saudade e vontade de jogar tudo para os ares.

A minha força de vontade (ou teimosia pura mesmo, vai saber!) realmente é maior do que

imaginei. Eu queria ser forte, queria passar por aquilo, queria superar, pois sabia que era o melhor

para nós dois. Fiz escolhas erradas. Precisava admitir e aceitar que fui ingênua. Precisava erguer a

cabeça e tentar reparar os meus erros.

Não devia ter mexido no que estava quieto. Não sou Deus para definir o que é melhor para as

pessoas... Fala sério, ter lutado tanto por acreditar que eu era o melhor para o Caio foi deprimente. O

melhor para ele é um bom psicólogo. Uma mãe protetora. Sei lá... Qualquer coisa que o tire daquele

mar de medo e mágoa. Eu não sou a cura de ninguém. Ninguém é a cura de ninguém. Ele não é a

minha, infelizmente.

Também preciso me completar antes de encontrar alguém que me transborde. Mas como me

completar vivendo uma meia vida naquela casa que nunca me pertenceu? Como me completar estando

imersa em uma solidão ridícula, criada por mim mesma? E eu pensava que era madura... Não passava

de uma criança mimada, apaixonada pelo inexistente.

Dizem que o amor é cego, porém naquele caso ele me abriu os olhos. Fez-me compreender que

amar não é tudo. Há muito mais além do amor para unir duas pessoas. Eu possuía muito amor, e a

certeza de que o Caio também, mas não teríamos nada além de dor de cabeça se ficássemos juntos. E,

bem, nem ele e nem eu precisamos disso.

A parede da Clarice, toda riscada, não ajudava em nada. Dizer que me arrependi de ter feito

aquilo com ela é pouco... E agora, aqueles estragos irreparáveis ficavam zoando com a minha cara

(sério, a parede estava praticando bullying mais do que aqueles valentões do ensino fundamental).

Desde que chutei os vasos da varanda, soube que não conseguiria ficar ali por mais nem um dia.

Sem emprego, paciência ou esperança, segui com a ideia firme de vender aquela casa. Procurei pelo

Carlos – o coitado me consolou durante uma noite inteira, impedindo-me de cometer loucuras na noite

do “acontecido” –, sabendo que seria o único que me ajudaria de verdade naquela situação. Queria

soluções.

Por isso não entendia o que ele estava falando no meio do jardim, em uma noite de domingo que

quase morri de tanta amargura, comendo brigadeiro de colher, riscando ainda mais a parede,

esperando o tempo passar, rezando pelo bem do Caio e para que um meteoro caísse na face da terra e

explodisse tudo só para que eu não viva um segundo a mais sabendo que descumpri uma promessa

importante.

– Você vai se arrepender, Raissa... Pense com calma – Carlos dizia com tranquilidade, e eu só

conseguia engolir o choro e tentar encontrar uma forma de trocar nossos corpos para que ele pudesse

entender que eu teria tanta calma quanto um peru na véspera de natal.

– Não acredito que ainda não falou com ele! Poxa, eu estava confiando em você, Carlos... Não

vou vender essa casa para outra pessoa, ele tem de comprar... Ou você comprar de volta. Já

combinamos o valor.

Ele pareceu muito perturbado.

– Não tenho interesse na casa, Raissa. Nem se me entregasse de graça eu ia querer. Quero

distância disso tudo aqui...

– Eu também, que droga! Só o Caio consegue morar neste lugar... Essa casa pertence a ele! Pelo

amor de Deus, convença-o – proferi com firmeza. – Não posso fazer isso, você sabe. Não posso olhar

nos olhos dele e dizer uma coisa dessas. Já nos magoamos demais.

– Isso mesmo! Você está muito magoada, só isso. Vai passar em breve... E vai se arrepender.

– Não. – Balancei a cabeça bem depressa. – Nós conversamos. Ele me contou sua versão, foi um

mal entendido, mas... – Bufei. – Ah, é complicado, você nunca iria entender. Preciso ir embora. Não

posso continuar mantendo a casa, não tenho dinheiro.

– Já falei que você vai encontrar um emprego logo...

– Fui a duas entrevistas nesta semana. Nada. Não deu em nada! – Abracei a mim mesma,

desolada. – Não vou arriscar. Meus pais já sabem. Contei a minha mãe que fui demitida, estou sendo

pressionada para voltar e... Voltar pra casa nunca me foi tão atraente, Carlos.

Inspirei todo o ar que pude. A ideia de perder a minha liberdade só não era pior do que a ideia de

perder o Caio. O problema é que chega um momento em que perder é tudo do que mais precisamos

para continuarmos seguindo em frente.

Aceitar nosso fracasso e recomeçar do zero é uma atitude digna. Eu só estava tentando acertar.

Adiando meu sonho livre só para realmente usufruir dessa tal liberdade, porque, sério, que tipo de

liberdade teria morando ali?

Contei apenas a mamãe que nós havíamos terminado o namoro (pedi para que guardasse a fofoca

e que não falasse nada sobretudo para Sara), mas claro que omiti os reais motivos. Ela ficou muito

chateada com a situação, e ainda mais desesperada com o fato de eu estar sozinha e desempregada.

Também lamentou muito por ele; mamãe realmente guarda muito carinho pelo Caio.

– Ele gosta de você, Raissa. Nunca o vi assim... Caio sempre foi um canalha como o papai era.

Mas há algo quando ele te olha. Se foi um mal entendido, então para quê o drama?

Calei a minha boca. Refleti um pouco mais. Ninguém me entendia. Todo mundo acha que o

amor é tudo. Culpa total dos contos de fadas. Alguém disse ao mundo que beijar a princesa é tudo o

que se precisa fazer para obter um felizes para sempre.

O engano mais cometido na humanidade, desde seus primórdios.

– Estou decidida, Carlos. Faça o que for preciso, por favor!

Ele me olhou com a cara feia.

– Mas, Raissa...

– Não dá pra ficar aqui, assim. – Dei passos para trás, e depois me virei na direção da minha

varanda.

Foi então que o vi. Caio nos observava através da janela de sua cozinha. Estava sem camisa

(sim, foi a primeira coisa que percebi, atirem pedras em mim!), e tinha o rosto repleto de curativos.

Não parecia bem. Não mesmo.

Nossos olhares se cruzaram por instantes eternos, difíceis demais para o meu coração. Tive

vontade de gritar, mas desviei o rosto a tempo de evitar ter um troço. Fui direto para casa. Não

aguentava mais aquela situação.

Não dava para voltar atrás e me contentar com um relacionamento inconstante. Sei que sou

totalmente culpada por ter procurado aquilo desde o princípio, e me dói tanto tê-lo conquistado só

para magoá-lo no fim... Mas, poxa, quem sabe aquilo lhe trouxesse maturidade? Talvez não tenha sido

uma perda total de tempo. Talvez aquele desgaste emocional nos trouxesse aprendizados importantes

para o futuro. Nenhuma dor é em vão.

Na verdade, nada havia sido em vão. Preferia sentir aquela dor insuportável a nunca ter passado

por aquilo. Seria muito mais deprimente viver sem jamais ter sido dele. Era nessa ideia que eu me

agarrava para não morrer de culpa.

A pior parte de todo aquele sofrimento eram as noites. Simplesmente não havia o que fazer.

Enquanto o Calvin não estivesse em casa, até conseguia ter um pouco de paciência para pesquisar

empresas que estivessem precisando de vagas na área de análise de sistemas, mas quando eu sabia que

ele estava no 105... Não conseguia fazer mais nada da vida.

Na sexta-feira tive um lapso nervoso. As paredes daquela casa estavam me comendo viva; era

sair dali ou morrer de amargura. Chamei Sara para ir a uma boate, coisa que não fazemos há algum

tempo. Dançamos, bebemos muito e curtimos a noite como se não houvesse amanhã.

Quase me deixei levar pelo papo de um moreno com sorriso bonito, mas o maldito me lembrava

tanto o Caio que eu me recusei a dar bola. Não me sentia pronta para pular aquela etapa, não daquela

forma. Antes de me envolver com qualquer pessoa, mesmo sem compromisso, precisava ter um

emprego. Além de ter a certeza de que não surtaria ficando com outro alguém. Ainda me sentia

pertencente a ele. Essa era a verdade.

Voltando às minhas malditas noites, dormir era um martírio. Sonhava que ele estava com a

Lilian. Ou com a Karen. Ou com um monte de vadias. Ou comigo. E todas as situações faziam com

que eu acordasse assustada. Perguntava-me o tempo todo se estava mesmo certa. Procurava um

motivo bom para ficar, perdoar e tentar, porém sabia que era tudo armação da minha mente para

continuar me manipulando.

Infelizmente, a verdade está acima dos meus desejos, e daquela vez eu a seguiria. Seguir pelos

caminhos do desejo só te traz confusão. Eu não queria cometer o mesmo erro e correr o risco de nos

machucar ainda mais.

Pelo que conheço do Caio, ele já havia desistido de mim. Colocava a culpa inteira em si e se

martirizava por ter feito tantas besteiras. Ele não entendia a situação como um todo, talvez não fizesse

ideia dos motivos reais para termos acabado. Queria que entendesse que Lilian nada teve a ver com

aquilo. A questão não é a sem-vergonhice dela (embora a minha vontade, hoje, seja a de matá-la com

requintes de crueldade), mas a insegurança e desconfiança dele. Ou melhor, nossa, já que me vi tão

insegura e desconfiada quanto.

Aquela semana deixou as coisas bem claras: Caio nada fez para que eu voltasse. Respeitou as

minhas escolhas, provavelmente por achar que eu estava certa mesmo sem ao menos ter pensado sobre

isso.

Não me parece justo.

Estava tentando adiar a minha volta para casa, porém precisava deixar de ser covarde. Pretendia

partir no próximo sábado. Não faço ideia do que estava esperando (talvez um milagre), já devia ter

fechado a casa e partido sem olhar para trás. Acho que, no fundo, eu não tinha certeza se era mais

errado ficar ou ir embora. A dúvida me incomodava muito.

Acordei cedo na segunda-feira (como em todos aqueles dias, sem sinal do Caio no quarto ao

lado; acho que ele estava dormindo na sala). Não havia entrevistas marcadas ou qualquer outra coisa

que pudesse fazer para me ajudar a sair daquela. Seria mais um dia em que as paredes, sobretudo a da

Clarice, ameaçariam me comer viva. Comecei a fazer o inadiável: reunir algumas caixas e iniciar de

uma vez por todas o meu processo de mudança. Não ia levar tudo logo de cara, só as coisas mais

importantes.

Acabei fazendo uma faxina geral, o que me ajudou a manter a distração (músicas não-

românticas ajudam pra caramba, fica a dica). Resolvi tirar o lixo, por isso peguei dois sacos enormes e

atravessei a minha varanda, que andava mais vazia e triste impossível. Ela só não estava pior do que a

minha sala... A ausência do tapete da Sra. Klein trabalhava como um verdadeiro buraco negro bem no

meio da casa. Bom, pelo menos o Caio fez o que eu não tive coragem de fazer com a varanda:

recolher os cacos da desgraça que havia sido instalada.

Deixei os dois sacos na beira da calçada e voltei, atravessando o jardim depressa. Sair da minha

“toca” era uma atividade perigosa, pois queria evitar ao máximo que acontecesse exatamente o que

aconteceu: encontrei o Calvin ao lado do pé de pitanga, empunhando o seu velho regador e usando

uma cueca Calvin Klein branca. Foi como se o tempo não tivesse passado e nós estivéssemos no dia

em que nos conhecemos.

Os mínimos segundos que demorei observando aquela figura foram suficientes para perceber

que o Caio estava me observando o tempo todo: calado, parado, quieto e sério. Suspirei

profundamente, cansada de me sentir tão atraída por ele. Aquilo nunca ia ter fim? Ele sempre me

atrairia como um poderoso imã, retirando-me qualquer escolha?

Soltei outro suspiro e decidi ir para casa de uma vez.

– Ei, vizinha! – chamou-me, e parei imediatamente. Ouvir sua voz foi tão profundo que achei

que tivessem me afundado junto com o Titanic. – Bom dia!

Seu timbre especialmente alegre me chamou a atenção. Dos dois um: ou aquele cara estava

fingindo animação ou havia enlouquecido de vez. Demorei muito a me virar na direção dele de novo.

Meu coração, que já batia forte, quase parou quando percebi sua aproximação.

– Bom dia – respondi baixinho, sem forças. Caio sorriu diante de mim. Estava longe de ser

qualquer um dos sorrisos que já tinha me oferecido desde então: aquele exalava tristeza completa. O

desânimo me afetou, mas depois senti algo diferente. Sua tentativa de ficar bem me comoveu.

– Você está muito gostosa nesse shortinho, vizinha – completou com malícia, desta vez me

analisando de cima a baixo, despindo-me com seu já conhecido olhar safado. – Ou é o shortinho que

está gostoso em você... Não sei, é uma combinação perfeita.

Travei completamente. Não sabia se me indignava ou se rachava de rir. A dúvida me fez ficar

indiferente. O que ele queria com aquilo? Será que não percebia que estava sendo ridículo?

Dei de ombros e continuei com o meu percurso de volta para casa, ignorando-o. Quando abri a

porta e entrei, olhei para o jardim sem querer querendo. Acabei o observando. Caio não sorria mais,

havia retornado à seriedade. Segurou o colar que eu havia lhe presenteado. Suspirei mais uma vez e

fechei a porta antes que fizesse alguma besteira.

Não sabia o que tinha sido aquilo, mas não ia parar para perguntar. Vê-lo desfilando com a

Calvin Klein de novo me trouxe tanto espanto quanto nostalgia. Só Deus poderia saber o que se

passava naquela cabecinha de jerico. Será que o Caio tinha voltado a ser o Calvin, o comedor de vadia

exibicionista? Muito provavelmente.

O mero pensamento me deixou depressiva durante todo aquele dia, que custou demais para

passar. Pelo menos tive um pouco de sossego, já que ele passava quase o dia todo fora. Terminei de

limpar a casa e de embalar as coisas. Também imprimi alguns currículos para entregar pessoalmente

no dia seguinte.

Não podia deixar a peteca cair.

À noite, fui acordada por alguns ruídos estranhos. Havia dormido cedo pela falta do que fazer,

ficar sem trabalhar era pior do que eu podia imaginar. Olhei o relógio de cabeceira: eram duas horas

da manhã. Pus-me em alerta. Tentei me preparar para o pior, embora soubesse que jamais estaria

pronta para algo do tipo. Nunca estive pronta, desde o início, e esse foi o meu maior erro.

Esperei os gemidos. As batidas na parede. Fechei os olhos com força e quase enlouqueci diante

daquela espera cruel. Nada consegui escutar, até que os ruídos retornaram. Não soube identificar o que

acontecia no quarto ao lado.

A curiosidade quase me fez chamar pelo vizinho. Quase. Foi por um triz. Cheguei a ajoelhar na

cama e juntar o ar nos pulmões, até que ouvi a voz dele:

– Raissa?

Fechei os olhos. Amava ouvi-lo chamando o meu nome. Foi o bastante para que acendesse uma

lareira bem no centro dos meus sentimentos congelados. Arquejei involuntariamente.

– Sei que está aí... Ouça. Eu... acabei de achar uma coisa na estante. Estava dentro de um livro da

Clarice, “A Bela e a Fera”.

Passei as mãos pelos cabelos. O idiota me venceria pela curiosidade? Por que eu o estava

ignorando mesmo? Não havíamos brigado. Só acabado o nosso relacionamento. Para mim, ex-

namorado sempre foi sinônimo de ex-amigo, mas naquele caso era diferente. Eu podia lidar com

aquilo. Ou não? Talvez fosse cedo demais.

– Eu... Nunca... Nunca tinha visto algo assim – completou, parecendo muito perturbado. – Estou

sem sono, queria terminar de limpar os meus livros e...

– Fale logo o que tem aí – interrompi-o com firmeza.

Ele demorou um pouco a responder:

– É uma carta.

– Uma carta?

– Sim... Datada de cinco anos atrás. É... do meu pai.

Fiz uma careta.

– Do seu pai? Para você?

– Não. Para mamãe.

Ficamos em silêncio por alguns instantes.

– Mas... Como assim?

– Eu não sei o que tem aqui dentro. Não li. Eu... não sei se consigo. –
Suspirou. Estava mesmo

muito abalado. Acho que não era desculpa para falar comigo. Caio jamais
brincaria com algo

relacionado aos seus pais.

– Olha, Caio...

– Leia para mim, Raissa, por favor.

– Caio...

– Por favor...

– Caio! Escuta... Você precisa fazer isso sozinho. São seus pais, não os
meus.

Ouvi barulho de papéis se remexendo nervosamente. Ele ficou muito tempo
em silêncio, e

esperei cada segundo, observando a parede pichada com o coração na mão.
Achei que estivesse lendo,

por isso levei um susto quando começou:

– “Querida Beatrice...” – Parou de vez. – Não posso.

– Continue. Leia para mim. – A curiosidade matou a Raissa. Agora, era questão de honra: eu

precisava saber o que tinha naquela carta. Babado forte! – Que nome lindo o da sua mãe...

– Sim... Eu... não escuto esse nome há anos. Beatrice Bressiani – sussurrou, e minha pele se

arreprou por inteira. Finalmente eu sabia o verdadeiro nome da Sra. Klein, mas não era só isso. Aquela

casa tinha uma energia diferente, sentida toda vez que a mãe dele era lembrada. Eu gostava. Gostava

tanto que me imaginar sem aquela força me deixou imediatamente triste.

– Você tem uma foto dela? – perguntei aos murmúrios.

– Várias... Estão guardadas. Não consigo vê-las. Ela era linda.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Engoli em seco. Não podia esperar nada diferente da

beleza completa de uma mulher que tinha dado a luz a um homem tão belo.

– Continue... Estou curiosa. – Ri um pouco só para descontraír.

– “Querida Beatrice, sei que irei me juntar a ti em breve.” – Caio parou no mesmo momento em

que meu coração parou de bater. Acho que nossas reações foram iguais. – Raissa...

– Tente.

– “Desde que o médico me informou que essas dores insuportáveis são consequência de um

câncer, soube com plena certeza. Nada me faz mais feliz do que saber que estarei contigo em breve,

minha amada...”

Macacos me mordam. O pai dele queria morrer? Minha nossa senhora! Aproximei-me um pouco

mais da parede para não perder nada. Sabia que o Caio estava vivenciando um momento obscuro, e me

sentia pronta para qualquer uma de suas reações. Temi a sua demora em continuar a leitura.

– Caio?

– “Não temo a morte, Beatrice. Sentia raiva dela, pois foi essa maldita afortunada que te levou

de mim. Não houve um dia em que não alimentei este ódio crescente que sentia de quem te fez ir

embora, porém desta vez a amargura se transformou em felicidade. Passei a amar a morte, a buscar

sua amizade para que me leve mais depressa para os teus braços, *la mia vita*. Sei que é seu dever

ressarcir os anos de infelicidade: se me tirou a luz dos meus olhos, precisa me devolvê-la.” – Coloquei

uma mão na boca, totalmente passada. Caio suspirou fundo e continuou: –
“Sei que tenho errado e te

magoado com meu comportamento obsceno. Foram anos tentando te
esquecer, *mia bella*, perdoe-me

por tentar arrancar do meu peito o que jamais sairá dele...”

Ok, eu já estava chorando há muito tempo. Pelo visto, não era a única. Ouvi
um pequeno soluço,

seguido de uma fungada.

– “Se eu nunca tivesse tentado te esquecer, teria sido mais feliz. Teria
aceitado viver sem teu

amor, pois o meu me alimentaria todos os dias. Fui um tolo, um covarde
que não soube te esperar ou

respeitar o louco amor que sempre senti por ti...” Raissa...

– Continue, Caio, por favor... – pedi, aos prantos.

– “Teria educado melhor o nosso amado filho. Teria lhe ensinado sobre o
amor...” Não dá,

Raissa. Chega.

– Caio... Você precisa disso.

– Dói demais!

– Eu sei... Eu sei que dói, mas é uma dor necessária. Também está doendo
em mim. Imagino o

quanto deve ser difícil para você...

– Nada nunca foi fácil para mim, Raissa, mas eu parei de reclamar. Não vou mais procurar dores

para sentir. – Senti um ar de raiva em suas palavras. – Se ele queria ir embora, muito bem, fico feliz

que tenha conseguido. Foi um covarde que não soube conviver com os próprios sentimentos.

– Não fale assim dele, poxa...

– Eu te perdi, Raissa, e nem por isso diria ao meu filho para que nunca amasse alguém. Muito

pelo contrário, diria para que amasse o máximo que pudesse, que se entregasse e jamais fosse um

idiota medroso.

Permaneci muda, estarecida. Ele estava falando sério? Seu pai lhe disse para que nunca amasse

uma pessoa? Meu Deus... Era muita informação para processar. E a frase “eu te perdi” soou tão

definitiva que tive vontade de sumir do mundo.

Tentei ficar calma.

– Vamos ler o resto.

Caio bufou.

– Só vou ler porque nunca mais vou ser um covarde como ele.

Não sei por que eu sorri. A situação era tensa, mas vê-lo tomando aquela atitude me deixou

animada. Será que Caio estava mudando? Tornando-se um homem decidido livre dos medos? Meu

Deus... Ninguém muda de um dia para o outro. Eu precisava parar de me manipular, isso sim.

– É isso aí... Continua.

– “Beatrice, nosso Caio está crescendo muito depressa. Sei que ficará bem; aprendeu a não se

deixar levar pelos sentimentos.” – Arfou. – Só pode estar de brincadeira comigo... “Cuida das tuas

plantas, cozinha tuas belas receitas e lê os teus livros com a mesma empolgação que via em ti. Quando

olho nos olhos dele, é a ti que vejo: um ser humano sensível e inteligente. Às vezes acho que tu

partisses só para poder renascer dentro dele. É impossível não amá-lo da mesma forma que te amo. Tu

me deste um tesouro, *bella*. Se hoje vivo, é por causa do presente que tu me deixaste antes de partir.” –

Sorri amplamente, e novas lágrimas molharam meu rosto. Achei que Caio fosse pausar de novo, mas

ele continuou, embora que com a voz embargada: – “Só escrevi para te avisar que estarei contigo em

breve. Peço-te para que continues seguindo os passos do nosso filho. Ele vai precisar da tua força, da

tua luz. Sei que tu estás conosco, sinto tua presença nesta casa. Quando estivermos juntos, olharemos

por ele, para que seja feliz como não consegui ser sem ti. Espero que nosso Caio entenda que é fruto

de um amor verdadeiro... E, como tal, repleto de beleza... e tristeza... na mesma medida... – Caio

começou a chorar bastante. – Mas que nem a morte foi... capaz de fazê-lo diminuir. Nada diminui um

amor... de verdade, nem mesmo a... distância. Do seu Carlos, para sempre. *Te voglio bene.*”

Acompanhei-o nos soluços. Tentei bastante, porém não consegui me segurar. Aquela carta

continha uma energia emocional enorme, e o mais estranho foi o fato de o Caio tê-la encontrado

naquele momento. Parecia coisa do destino, sei lá. Cada palavra soou como um verdadeiro tapa na

minha cara.

Incrivelmente, ele se recuperou mais depressa do que eu. Isso jamais aconteceria em condições

normais, o que me deixou muito confusa. Até que ponto o meu vizinho tinha mudado?

– Vá dormir, Raissa. Está tarde.

– Vai ficar bem? – choraminguei.

– Claro que sim. Meus pais se amavam, e me amam. Não há o que temer.

Sorri de novo. Como ele estava transformado!

– Tem razão.

Ficamos calados por algum tempo. Ouvi sua respiração forte como se estivesse ao meu ouvido.

Fui capaz de me excitar só com aquilo. Meu corpo ardia de saudade, de vontade, de desejo. Tentei me

manipular mais uma vez. Pensei nas possibilidades de bater em sua porta e de lhe empurrar até a

cama, mas travei. O medo do futuro congelou as minhas ideias.

– Posso dormir aqui, hoje? – perguntou.

– É o seu quarto, não? Você sempre pôde.

– Obrigado – sussurrou. Ouvi o ruído do seu corpo sendo atirado na cama. A parede sofreu uma

pancada oca por causa disso.

Prendi meus lábios.

– Uma frase – pedi.

Caio pensou bastante.

– “Mesmo num amor de linhas tortas como o nosso, o fim parece um erro, como um ponto final

no meio de uma frase.” Não vou esquecer o que não se esquece, Raissa. Eu preciso de. Eu te. Viu só?

Não pode haver ponto final no meio da frase.

Chorei ainda mais, só que desta vez em silêncio. É sério, produção? Ele quase falou a frase

mágica? Puta merda...

– Clarice sabe das coisas – murmurei.

– Ela sabe. Eu também sei.

– O que você sabe?

– Sei o que fazer.

– Que ótimo. Parece o único aqui.

– Você vai saber também.

– Espero que sim.

Silêncio.

– Boa noite, vizinha.

Fechei os olhos, afundando meu rosto no travesseiro.

– Boa noite, vizinho.

43

Eu o amava quando o vizinho apenas tentava ser ele mesmo, e o amo ainda mais sabendo que

finalmente conseguiu ser

Nem sei como consegui dormir. Acredito que a carga emocional contida na carta do Sr. Klein

pai me trouxe cansaço o suficiente para cair em um sono pesado, profundo e sem sonhos (amém,

porque eu não aguentava mais sofrer as diversas modalidades de torturas ocasionadas pelos sonhos

loucos com o meu vizinho).

Estava nos meus planos acordar bem cedo para começar a espalhar meu currículo nos quatro

cantos da cidade, porém quando abri os meus olhos já era quase onze da manhã. Grunhi de

insatisfação ao perceber que havia perdido uma manhã inteira, que poderia ter me custado um

emprego novo. Tomei um banho rápido, coloquei uma roupa bem apresentável, peguei uma pasta

contendo os meus documentos e fui à luta. Não ia adiantar perder mais um dia, deixando-o cair na

confusão mental e medos infundáveis.

Mesmo que eu realmente fosse embora (notou que a frase está carregada de dúvida?), viver na

casa dos meus pais sem ter o meu próprio dinheiro era como chegar ao fundo do poço, ou voltar pelo

menos uns dez anos no cronograma da minha vida. Toda vez que eu pensava nisso, tudo o que eu podia

sentir era uma vontade absurda de chorar.

A minha primeira surpresa do dia aconteceu assim que abri a porta. Até soltei um gritinho de

susto e admiração quando percebi a minha varanda toda florida. Sério, quando digo florida é tipo...

mesmo. Havia vasos de todos os tamanhos, exibindo as mais variadas flores, com perfumes, cores e

charmes distintos. Fiquei impressionada. Mais ainda porque as cores pareciam conversar entre si.

Aliás, as próprias flores pareciam querer me dizer alguma coisa muito importante, e aos berros.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

Fiquei durante um tempão tentando identificar o conteúdo de cada vaso; posso dizer que

encontrei rosas vermelhas, brancas, as reconhecíveis violetas, alguns modelos distintos de cactos (eles

precisavam mesmo estar ali, faziam parte de tudo)... Já o restante, simplesmente não consegui.

Fiquei apaixonada por um vaso enorme com flores amarelas, parecidas com lírios. Acho que

eram mesmo. O conjunto da obra me fez ter a ideia de que a minha varanda havia se tornado uma

coisa muito além do que se via. Parecia a alma de alguém: a do meu vizinho... A minha. A nossa alma

unificada e traduzida em cores, essências e texturas.

Levei uma mão à boca, tentando conter a grande emoção que sentia. Demorei tanto a me

recuperar dela que quase não percebi que havia pisado em um envelope branco pequeno. Cheia de

expectativa, e com o coração doendo de tão forte que batia, agarrei o bilhete como se fosse a minha

vida. Abri o envelope, retirando de dentro dele um cartãozinho decorado com desenhos belíssimos de

flores.

Aquela frase, escrita à mão e com uma letra horrorosa, fez-me rir e chorar ao mesmo tempo:

“Decifra-me, mas não me conclua, eu posso te surpreender.” Tia C.L.

Do simplesmente SEU, porque não aceito devolução de mim mesmo.

Desde que conheci aquele cara, estive inúmeras vezes prestes a ter um ataque cardíaco. Contudo,

nada se comparou àquele momento. Minha vista até escureceu, e precisei entrar em casa novamente.

Sentei-me no sofá aos prantos, esperando o controle retornar ao meu corpo. Não havia comido nada,

por isso decidi pegar um copo de iogurte na geladeira e, entre lágrimas, bebi tudo.

Respirei como se estivesse em trabalho de parto até finalmente me acalmar. Guardei o cartão na

bolsa, retoquei a maquiagem leve e tentei atravessar o jardim com calma. Tinha certeza de que se o

visse ali me atiraria em seus braços sem pensar em mais porra nenhuma. Aliás, atirar-me nos braços

dele era pouco: eu estava quase arrancando minhas roupas e correndo pelada até ele. Quando o

encontrasse, beijaria aquela boca até lhe engolir o cérebro e daria até que não sobrasse vagina para

contar a história (cruel, mas a verdade nem sempre é bonitinha).

O lado manipulador que existia em mim ainda olhou ao redor para ver se o Caio estava à

espreita. Não o encontrei. O alívio se misturou com a decepção. Entrei no meu carro rezando para que

o quebra-cabeça da minha vida se encaixasse logo. Estava difícil montar as mil peças que compunham

a complexidade das minhas ideias e daqueles acontecimentos perturbadores.

Meu dia de desempregada adepta aos classificados foi angustiante. Pulei de galho em galho

igual a macaco, procurando uma oportunidade, um fio de esperança qualquer. A única coisa que

consegui foi marcar uma entrevista para o dia seguinte em uma empresa de pequeno porte. Eu

compareceria, claro, mas caso conseguisse um cargo ali, sabia que não poderia continuar mantendo a

minha casa. Não estou querendo menosprezar a empresa (do jeito que eu estava desesperada, aceitaria

qualquer negócio), mas as minhas contas são proporcionais ao que eu ganhava antes.

Era fim de tarde quando estacionei na frente de casa. A angústia só havia se amplificado; o meu

tempo estava cada vez mais reduzido, e a esperança, idem. Busquei forças enquanto cruzava o jardim.

Tudo o que eu precisava era de algumas horas no tapete da Sra. Klein, mas cometi a grande burrice de

devolvê-lo. Sentia-me órfã, sem um porto seguro, ausente de expectativas. Até que me senti um pouco

animada ao observar a minha varanda decorada, mas tudo foi por água a baixo quando entrei no quarto

e vi a parede riscada.

Deitei na cama sem me dar o trabalho de trocar de roupa, jogando a bolsa e a pasta com os

documentos para os lados. Foi então que o meu celular tocou. Era de uma empresa nacional de

desenvolvimento de softwares, o sonho de consumo de qualquer pessoa que trabalhe na área. Quase

não acreditei quando fui informada que eles estavam interessados no meu currículo (e eu realmente

não me lembrava de ter enviado nada para eles). Queriam uma entrevista comigo na manhã seguinte

para um suposto contrato imediato.

Não sei que tipo de sorte foi aquela. Fiquei tão aérea que respondi às perguntas da moça dos

Recursos Humanos achando que se tratava de um trote. Em nenhum momento achei que estivesse

acordada, por isso permaneci tranquila e bem séria. Depois que desliguei, precisei de alguns minutos

para processar a informação. Caramba... Eu tinha uma entrevista decisiva!
Uma real oportunidade de

emprego, e em um lugar que me faria ganhar o dobro do que ganhava antes.

Nem dava para acreditar nos extremos que o humor de uma mulher pode
alcançar em um único

dia, só sei que minha primeira reação foi abrir uma garrafa de vinho. Estava
pronta para jantar

macarrão instantâneo pela milésima vez desde a demissão, mas a esperança
merecia algo mais

elaborado. Abri o armário e acho que saíram morcegos de dentro dele. Não
tinha nada comestível por

ali. A geladeira estava deprimente, dava vontade de chorar de tão vazia.

Tive uma ideia genial. Ou de jerico, vai saber. Guardei o vinho e resolvi ir
jantar fora. Mais

especificamente no restaurante onde certo vizinho com sorriso safado
costumava ser o *Cheff*. Ele ia

gostar de me ver lá, e eu mais ainda. Precisava agradecê-lo pelas flores, e
desfazer as minhas ideias

ruins daquele lugar. Não sabia o que podia ser de nós, mas o esforço que ele
tinha feito naquela manhã

me permitiu tomar aquela atitude.

Passei uma hora me arrumando. Sério, passei hidratante em cada partícula
do meu corpo,

caprichei na maquiagem, sequei meus cabelos... Fiz tudo o que tinha direito
para estar mais diva

impossível. Senti-me poderosa quando saí de casa; uma mulher de verdade pronta para ressarcir tudo

o que tinha perdido. E dane-se o sentido; não queria nem saber dos motivos que eu tinha para desistir.

Daria uma de doida mesmo.

Fiquei toda contente quando cheguei ao restaurante. Estava lotado mesmo sendo terça-feira,

tinha até fila para entrar. Pedi uma mesa para uma pessoa (que tipo de ser surtado pede uma mesa para

uma pessoa? Raissa, claro!), empolgando-me por ter sido paquerada por um monte de carinhas (o

manobrista, o rapaz que organizava a fila e uma turma de amigos que estava na fila também). Nem

parecia que há exata uma semana eu estava aos prantos, desesperada e arrasada.

Não gosto nem de lembrar.

– Raissa? – fui chamada atenção. Fiz cara feia e soltei todo o ar dos pulmões ao ver a Karen-

quenga, acompanhada pela Gisele Bündchen paraguaia, aquela que estava na festa do Caio. Estavam

bem atrás de mim na fila.

– Oi – falei e me virei para frente de novo. O que a maldita fazia ali? Será possível que não tinha

nem um pouquinho de “se mancol”? Certeza absoluta de que daria um jeito para se encontrar com o

Caio. Isso se já não tivessem voltado a manter contato.

– Como você está? – perguntou.

– Não te interessa.

– Credo, Raissa... Não faz assim. Olha, conversei seriamente com o Caio e...

Fechei os olhos e rosnei de raiva. Foi imediato.

– Claro que conversaram. – Virei-me para ela de novo. – Deixa-me adivinhar: ele te perdoou.

A cara de quenga dela pareceu bem desanimada. Isso me desarmou por alguns instantes.

– Desculpa, está bem? Eu realmente achei que ele estivesse brincando contigo.

– Conta outra.

– É sério, Raissa. Nunca faria nada com você, só estava brincando. O Caio vai te explicar

melhor. Foi ele que te chamou para o nosso encontro, não é?

Franzi o cenho.

– Que encontro?

Karen não respondeu. Mordeu o lábio inferior e pareceu bem desconcertada. O protótipo da

Gisele olhou para ela como se fosse matá-la, e uma parte do meu cérebro processou aquilo tudo como

uma notícia ruim. Caio havia marcado um encontro com aquelas duas? Para quê? No ambiente de

trabalho? Fala sério! E aquela história toda de ser meu?

Bufei e saí da fila, caminhando irritadíssima na direção do estacionamento. Karen correu atrás

de mim e segurou a minha mão.

– Raissa, sei que vocês estão meio brigados, mas não faça isso. Vim aqui com o único intuito de

ajudá-los a ficar juntos. Acredite em mim... Por favor, não vá embora. Ele vai amar te ver aqui.

– O quanto você sabe sobre isso? O que ele andou te contando? – perguntei com desdém,

morrendo de ódio daquela maldita. Não conseguia sequer olhar para a cara de vadia da sujeita. Ela não

me respondeu, então rosnei baixo: – Ajudar? Só pode estar de brincadeira. Sei muito bem o que quer

com ele.

– Isso mudou, Raissa... – Ela fez cara de puta arrependida. – Ele te ama... Caramba, sou amiga

dele, quero que seja feliz.

– Eu não sei o que você pretende, Karen, e nem o que ele pretende contigo, mas eu não entro em

lugar algum que você estiver.

Ela aquiesceu devagar e chamou pela amiga, que tinha ficado na fila. A mulher desfilou

sensualmente até nós. Ficou nos observando.

– Tudo bem, Raissa. Vamos fazer assim, eu vou embora e você fica.

Bufei e ri ao mesmo tempo.

– Deixa quieto, Karen. Vá para o seu maldito encontro. Aposto que vai acabar bem até demais. –

Olhei para as duas com desdém enraizado.

Ela pareceu indignada.

– É absurdo que você desconfie tanto assim do amor dele – disse baixo, com decepção evidente.

– Deli errou contigo, Raissa, foi tudo muito ridículo. Quase não acreditei quando soube de tudo...

Mas... Cara, você não está ajudando.

Ela meio que deu um tapa na minha cara com aquelas palavras, porém jamais deixaria que isso

ficasse evidente.

– Você, definitivamente, não ajuda. Seria mais fácil se saísse de nossas vidas.

– Quer que eu deixe de ser amiga dele para que se sinta segura? Acorda, garota! Aquele homem

te ama e não há mulher alguma que mude isso, muito menos eu. O que está faltando para que pare de

agir como se ele fosse te trair a qualquer momento?

Segundo tapa na cara. Karen-quenga 2 x 0 Raissa.

– Eu não sei... – Abri os braços, com os olhos cheios de lágrimas. – Ele deve ter encontrado

alguma coisa que eu perdi.

Ela sorriu.

– Entre naquele restaurante. – Apontou para a fila. – Esteja lá para ele.

Balancei a cabeça negativamente.

– Não vê o quanto tem razão, Karen? Como ficar com alguém sem ter confiança? Eu te vejo aqui

e pronto... É o bastante para achar que vocês vão transar. Meu Deus, não posso viver assim.

Fiz de tudo para não borrar a minha maquiagem. Olhei para o céu a fim de enxugar as malditas

lágrimas.

– Ele não te deu a confiança de que você precisa, é normal que se sinta assim. A culpa não é

sua... Mas Deli está mudando, vai te dar essa segurança, você vai ver. Tenha paciência.

Karen 3 x 0 Raissa.

Desta vez, aquiesci. Tomei seu conselho como se fosse um comprimido. Ela estava certa. Eu

vivia naquela insegurança por causa do passado, mas as coisas podiam mudar. Era só ter calma. Tudo

na vida requer tempo, certo?

– Obrigada – murmurei.

Karen sorriu novamente.

– Agora, continue com as mesmas ideias que te fizeram vir aqui hoje.

– Acho... Acho melhor ir embora. Não... Não estou pronta. – Dei alguns passos para trás.

– Tudo bem... Eu não digo que estive aqui. Vai ser melhor... Acho que ele vai ficar muito

perturbado se souber que foi embora. Combinado?

– Uhum... Valeu. – Olhamo-nos por alguns instantes. – Pode me dizer o que veio fazer aqui?

– Hum... Ele vai te dizer em breve. Pode ser?

Concordei. Estava morta de curiosidade, mas fazer o quê? Mal conseguia raciocinar direito.

Receber conselhos da Karen parecia tão inacreditável quanto um apocalipse zumbi. Só faltava todo

o mundo do estacionamento começar a cantar e dançar a mesma música, como em *Glee*, para que a

coisa ficasse mais esquisita.

Dei mais alguns passos para trás.

– Valeu, Karen... Valeu. – Fiz um sinal em forma de “V” com os dedos e saí de fininho.

Será que um dia eu chegaria a entrar naquele lugar?

Passei em um *drive-thru* e comprei comida suficiente para alimentar pelo menos umas três

pessoas. Voltei para casa ainda sem saber o que pensar sobre o que tinha acontecido. Depois de

devorar quase tudo, simplesmente desisti de tirar alguma conclusão. Precisava focar na entrevista da

manhã seguinte, por isso separei uma roupa legal, reorganizei os documentos e me preparei para

dormir cedo.

Na manhã de quarta-feira, só saí de casa quando fiquei parecida com uma executiva bem

sucedida. Queria causar impacto, por isso vesti saia de alfaiataria cinza-escura, blusa branca e um

blazer da cor da saia. O sapato alto bege, quase da cor da minha pele, fechou o meu visual “sou séria,

estou pronta para trabalhar e para ganhar bastante dinheiro”. Satisfeita, tomei fôlego enquanto

observava as flores da minha varanda. Prometi a mim mesma que só voltaria com um emprego.

Ergui a cabeça, encolhi a barriga e desfilei como uma *top model* até que um trambolho se pôs na

minha frente, bem no meio jardim. Bati a minha testa com força, e soltei um grito de susto. Ouvi

gargalhadas. Meu cérebro fritou, o coração acelerou e o mundo ficou mais colorido quando consegui

visualizar uma fileira perfeita de dentes brancos.

– Bom dia, vizinha! Você está bem?

– Es... Estou. – Tentei me reabilitar. Aprumei a saia e tirei os tufos de cabelo que haviam

grudado no meu batom.

Só então reparei nele. Havia retirado todos os curativos do rosto, ficando apenas com uma

pequena faixa no nariz. Os ferimentos estavam bem melhores. Só o olho esquerdo que andava meio

roxo ainda. Meus olhos logo escorreram na direção do chão, e uma área sugestiva que era acolhida

pela minha calcinha sacudiu mais que baiano em pleno carnaval. Caio estava usando apenas uma CK,

desta vez preta. Todo o seu tamanho intimidante e absolutamente delicioso me fez suspirar alto.

– Você está linda... – murmurou roucamente, e soltou um daqueles suspiros-gemidos que sempre

foram capazes de me deixar pronta para dar. – Você é linda.

Ele se aproximou mais ainda, porém dei um passo para trás. Não insistiu.

– Tenho que ir, Caio...

– Eu sei. É que eu...

– Obrigada pelas flores... – interrompi-o, tentando não encarar seus olhos de muito perto. – São

lindas. Perfeitas. Amei.

Ele ergueu uma mão e tocou o meu queixo. Encarei-o. Meu coração sofreu queda livre dentro de

um abismo. Devo ter corado.

– Combinam contigo – murmurou. Largou-me, mas continuei sentindo seus dedos quentes em

mim. – Tenho uma coisa para...

– Não posso me atrasar.

– Vai ser rápido, prometo. – Com a outra mão, ele ergueu uma caixinha preta aveludada. Quase

morri de vez. Acho que só não aconteceu porque a caixinha não tinha um formato arredondado próprio

para anéis; era um pouco maior, feita provavelmente para abrigar um colar. Fiquei um tempão

olhando para caixa sem ousar me mexer. – Pegue, Raissa.

Saí do transe e o obedeci. Abri logo de uma vez, suspirando como uma maníaca compulsiva.

Lágrimas se formaram em meus olhos ao visualizar uma corrente linda de ouro, com um pingente

maravilhoso com a inicial “R”. Depois de um tempo só tentando não chorar, percebi que era igual à

que eu tinha lhe dado, com a única diferença de ser dourada, e não prateada. Uma olhada na caixa me

fez responder à minha primeira pergunta: Caio tinha comprado a corrente na mesma loja que eu

comprei a dele; havia o logotipo dela incrustado na parte inferior da caixinha.

Ele não disse nada. Pegou a corrente em minhas mãos e virou o pingente do outro lado. Soltei

um meio-soluço quando vi o nome “Caio” gravado atrás, em letras bem miúdas. Minha primeira

reação foi olhar a corrente dele. Caio sorriu e me mostrou: havia escrito o meu nome nela. Abri a

boca, espantada.

– Você...

– Posso? – perguntou, já abrindo o fecho da corrente.

Só consegui aquiescer com a lentidão de uma idosa de cem anos.

Ele logo se posicionou atrás de mim. Ergui os meus cabelos soltos, e quase pirei quando seu

corpo se encostou totalmente ao meu. Sério, o topo da minha bunda sentiu o que estava escondido

naquela cueca. Arquejei, porém continuei imóvel. Caio passou a corrente pelo meu pescoço e a fechou

sem pressa, fazendo questão de me tocar o máximo possível.

Assim que terminou, soltei meus cabelos. Ele não saiu de trás de mim.
Percorreu suas mãos

pelos meus braços, subindo pacientemente, até chegar ao meu pescoço.
Afastou meus cabelos para um

lado só e afundou seu rosto contra a minha pele.

– “E acima de todas as pessoas do mundo está você, que eu não comparo
com ninguém”... – Sua

voz rouca me fez fechar os olhos. Um gemido escapuliu da minha garganta.
Que tesão dos infernos!

As mãos dele voltaram a descer, desta vez ganhando ainda mais
sensualidade. Senti-as pela

minha cintura, apertando-me a carne com posse.

– Caio... – falei quase choramingando. – Eu *realmente* preciso ir.

– Eu sei, meu amor. – Ai, meu Deus! Eu não aguentava ouvir aquele
homem falando essa

palavra. – Vai dar tudo certo. Seja apenas você.

Fiz careta. Droga. Ele já sabia que eu estava sem emprego? Com certeza
Carlos já tinha lhe

dito... O que será que haviam decidido sobre a casa? Minha nossa senhora...
Ele já sabia que eu queria

vendê-la?

Aliás, como raios o sujeito sabia que eu tinha uma entrevista?

– Como você...?

– Vá, Raissa. Estou torcendo por você como torço por nós: exageradamente. – Vale ressaltar que

os lábios dele ainda estavam sobre meu ouvido. Pirei o cabeçote.

Tentei me afastar, mas ele continuou segurando a minha cintura. Esfregou-se um pouco em

mim, e senti sua ereção enorme ganhando vida. Ofeguei e gemi ao mesmo tempo.

– Estou torcendo por você com firmeza... – rosnou. E que firmeza, meu filho! – Torço com

jeito... Torço como você quiser, vizinha... – Senti o grau de safadeza no seu timbre.

Senhor! Frases dúbias àquela altura do campeonato?

De repente, Caio se afastou por completo. Senti-me como se estivesse bêbada. Até bambeeí um

pouco para frente. Sua ausência abrupta me deixou desnorteada. Virei-me para encará-lo. O maldito

sorria. Não era um sorriso qualquer, era o sorriso safado pelo qual eu havia me apaixonado.

– Vá, Raissa. Posso não responder por mim se demorar mais uns... cinco segundos. – Dei um

passo para trás. – Cinco... Quatro... Três...

Dei meia volta e saí correndo. Ouvei suas gargalhas ao longe. Depois, claro, ri de mim mesma

durante todo o percurso até chegar à empresa fodona que eu nem acreditava que tinha se interessado

pela minha pessoa.

Fizeram-me esperar durante meia hora em uma sala pequena e meio sufocante. Usei todo o

tempo para divagar sobre as inúmeras formas de transar com o meu vizinho no meio do nosso jardim

(foi uma coisa selvagem no estilo Adão e Eva no paraíso), portanto mal senti o tempo passar.

Uma senhora loira me convidou para ir até a sua sala, e então o questionário completo foi

realizado. A mulher só faltava me perguntar a cor da calcinha que eu estava usando. Perguntou,

inclusive, sobre coisas que estavam no meu currículo como se nunca tivesse o visto em parte alguma.

Desconfiei imediatamente. Como a empresa tomou conhecimento sobre mim? Tive receio de

perguntar. Guardei a minha curiosidade para outro momento.

Após um tempão de conversas intermináveis, em que eu ficava cada vez mais nervosa por

compreender que a mulher realmente estava gostando de mim (ainda não conseguia acreditar que

estava tendo uma chance naquela empresa), fui jogada para outra sala, igualmente pequena e

sufocante. Esperei por quarenta minutos, contados no relógio (deu tempo de imaginar o Calvin e eu

usando apenas uma folhinha para cobrir nossos sexos).

Por fim, a mesma mulher se sentou ao meu lado e disse que, a partir de segunda-feira, caso fosse

do meu interesse, participaria de alguns treinamentos na empresa. Caso meu desempenho fosse

satisfatório, eles teriam “o maior prazer” de me contratar, palavras dela. Falou ainda que eu não me

preocupasse, pois esses treinamentos costumavam ser simples e que eu estava praticamente contratada

por causa do meu bom currículo.

Agradei como se ela fosse a inventora do chuveiro elétrico (alguém precisava agradecer a essa

pessoa, sério), e saí de lá com um sorriso de orelha a orelha. Minha felicidade foi tanta que a primeira

coisa que fiz foi ligar para casa. Mamãe ficou contentíssima com a novidade, e prometeu espalhá-la

para o restante da família. Tentei ligar para o Caio, mas seu telefone se encontrava desligado. Melhor

assim. Eu acho...

Disposta a comemorar, porém sem saber como por estar sozinha, decidi passar em uma loja de

construções. Não me pergunte o que deu em mim; comprei um rolo daqueles de pintar parede e mais

um pincel simples. Comprei também uma tinta cor-de-rosa, do mesmo tom que eu sempre quis que

estivesse na parede do meu quarto, e meus pais nunca permitiram.

Minha comemoração se resumiu aquilo: terminei a garrafa de vinho que tinha aberto no dia

anterior enquanto, trajada só com uma camisa larga de mendigo e uma calcinha velha, pinteí a parede

da Clarice. O resultado final ficou uma porcaria por causa do acabamento. Sujei o chão, as paredes ao

lado e até mesmo o teto (sem contar que quase caí da escada de alumínio, morrendo de medo de me

equilibrar naquilo). Bom, mas pelo menos foi divertido e eu não tinha mais uma parede que traduzia

as raízes da revolta.

Fiquei tão cansada depois do trabalho árduo que peguei no sono assim que escureceu. Acordei

com o Caio me chamando no quarto ao lado. Minha cama estava afastada da parede, por isso fiquei

um pouco desnorreada antes de entender o que realmente acontecia.

– Raissa?

– Hum...

– Desculpa te acordar... Mas estou muito curioso, como foi a entrevista?

Sentei-me devagar, olhando a parede cor-de-rosa diante de mim.

– Acho que deu certo... – respondi sonolenta. Bocejei.

– Excelente! Sabia que conseguiria! Estou muito feliz por você.

Sorri.

– Obrigada. – Só depois que notei a estranheza se intensificando. Juntei A mais B e tive certeza

de que alguma coisa que eu não sabia tinha acontecido. – Agora me conte tudo.

– Contar o quê? – Sua voz saiu apreensiva.

– O que você fez. Primeiro uma empresa que não entreguei currículo me liga... Depois você sabe

que eu tinha uma entrevista marcada... Vamos, Caio, conte-me a verdade.

– Tudo bem. Eu ia te contar mesmo. Nunca mais vou te esconder nada, Raissa, relaxa. – Meu

coração ficou do tamanho de um amendoim. – Então... Depois de raciocinar um pouco, lembrei-me de

que os pais da Karen são donos de uma grande empresa de desenvolvimento...

Putá merda!

– É o quê? Porra, Caio, não acredito!

– Calma, meu bem. Espere que eu conclua, por favor. – Fiquei calada, sem saber o que sentir.

Caio prosseguiu: – Precisamos conversar sobre ela, mas está tarde e não quero te importunar. Por

enquanto, o que precisa saber é que nós conversamos bastante e que ela ficou disposta a nos ajudar.

Não sabíamos se daria certo, foi um tiro no escuro... Não precisamos convencer ninguém, Raissa, ela

me disse que só pediu aos pais para que lhe dessem a chance de uma entrevista. O resto foi contigo.

Esfreguei os meus olhos. Ainda estava sonolenta, e aquelas informações me deixaram ainda

mais confusa.

– Não precisavam ter feito isso... Poxa vida.

Suspirei. Agora, já era. Ele só queria me ajudar. E conseguiu. Certo?

– Está muito chateada?

Dei de ombros.

– Não sei dizer.

– Tudo bem... O importante é que deu certo. Você me enche de orgulho, vizinha.

Abracei a mim mesma e sorri. Pai amado...

– Obrigada – murmurei. – Por tudo. De verdade.

– Não há o que eu não faça por você, Raissa. Fica tranquila.

Do nada, senti vontade de chorar. Meus nervos estavam à flor da pele, sei lá. Podia ser TPM. Ou

amor. Acho que eu sofria de amor em excesso.

– Por que a mudança? – perguntei aos sussurros.

Caio demorou muito a responder.

– Não mudei. Só deixei de não ser eu. Agora eu sou.

– E quem é você?

– Pensei que soubesse. – Acho que ficou um pouco chateado.

– Sei quem você é... Só queria saber se você sabe.

Caio riu de leve. Suspirei de alívio. Não queria que ficasse irritado comigo.

– Não importa o que sou, apenas o que faço. Somos as nossas atitudes.

– Isso foi uma frase?

Riu.

– Não...

– Caio Lispector!

Gargalhamos juntos.

– Eu odeio essa parede – comentou, de repente.

Encarei a maldita.

– Eu também.

– Na minha casa ou na sua? – perguntou com a voz rouca, já transformada pelo desejo.

Entrei em desespero.

– Caio... Não.

– Por quê?

– A gente terminou, lembra?

– E terminamos por que, mesmo?

Dei de ombros.

– Não... Não pensei sobre isso ainda. Por favor... Preciso de um tempo. – Ri sozinha. – Estou

sendo muito... chata, não?

– Não. Está sendo responsável. Eu amo isso em você... – Ah! Alguém me traz um desfibrilador,

por favor? – Pense bastante, vizinha. A gente se magoou muito, eu sei. Faz tão pouco tempo...

Faz? Pareceu ter acontecido no século passado.

– É. – Acreditar que o Caio estava sendo paciente foi complicado. Ele estava agindo com

maturidade, calma, controle... Inacreditável. Em condições normais ele estaria esperneando,

arranjando um modo de terminarmos juntos naquela noite. O pior de tudo é que ele conseguiria.

Ficamos calados por alguns minutos.

– Boa noite, vizinho.

– Boa noite, vizinha... Estou lendo um pouco, ando sem sono.

Voltei a me deitar na cama.

– Leia para mim.

– Sério?

– Sim. Até eu dormir.

Caio riu e começou a ler em voz alta. Devo ter dormido depois da terceira frase, sem entender

bulhufas do que a Clarice queria dizer. Não importa. Só queria ter a chance de dormir com aquela voz

doce inflamando os meus sentidos.

Deixei qualquer raciocínio lógico para depois.

44

Confiando na felicidade reservada para aqueles que seguem o coração sem perder a razão

– Raissa? – Pisquei os olhos, meio atônita. – Raissa, você já acordou?

Por um instante não soube nem quem me chamava.

– Hum... Não – respondi mesmo assim, e então comecei a entender quem eu era e o que estava

acontecendo. – O que houve, Caio?

– Você está demorando a acordar...

– Que horas são?

– Dez pras nove.

– Isso é considerado tarde? Credo... Estou desempregada, esqueceu?

– Não por muito tempo. Bom, é que eu fiz um café da manhã pra gente... – Eu ia reclamar, mas

ele logo me cortou: – Um simples e inocente café da manhã, prometo.

Simple e inocente? Minha nossa... Juro que imaginei exatamente o oposto:
um café da manhã

completo, regado a sexo em cima da mesa. Hunft. Não tenho culpa se
aquele cara aflora tudo o que há

de mais pervertido em mim.

– Estou indo – foi o que me restou responder. Eu que não negaria uma
proposta indecente logo

pela manhã. Não fiquei louca e estava morrendo de carência. Uma ótima
mistura para uma recaída. –

Meu Deus, tenho que parar com isso – resmunguei baixinho, mas ele ouviu.

– Parar com o quê?

– Nada não. Chego já.

Soltei mil bocejos até ficar realmente pronta. Foi difícil. Meu cabelo não
queria acordo, por isso

acabei o prendendo. Saí de casa quase sem suportar a luz solar prejudicando
os meus olhos, parecia

uma mulher das cavernas. Parei um pouquinho para admirar a minha
varanda (não conseguia passar

por ela sem dedicar um tempinho), e cruzei a varanda do 105.

Bati a porta. Não queria ser indelicada. Tudo bem que tínhamos acesso à
casa um do outro antes,

mas... Bom, enfim. Eu bati a maldita porta. Atire pedras em mim se quiser.

Não recebi respostas. Depois da quarta tentativa, desisti e abri logo de uma
vez. Claro que estava

aberta. Procurei o Caio pela cozinha, mas ele não estava. Contudo, um cheiro delicioso incensava o

ambiente. Não deu outra: minha barriga roncou alto.

Percebi a porta da varanda aberta. Suspirei fundo antes de invadir o quintal. Caio me esperava de

pé, escorado em uma das pilastras de madeira da palhoça. A mesa estava magnificamente posta. Sorri.

Impossível não se sentir feliz com uma visão do paraíso como aquela.

Meu sorriso durou um segundo, pois no outro soltei um grito de susto. Foi alto e desesperado,

pois demorei demais a entender que dois cachorrinhos haviam surgido do além para subir em minhas

pernas. Ouvi o Caio se aproximando e gargalhando, certamente achando muito divertida aquela cena

deprimente.

Tentei me afastar dos bichos, mas os loucos insistiam em ter a minha atenção. Soltei mais um

bocado de gritos. Caio ria cada vez mais alto do meu desespero. Aproximou-se de vez e segurou os

dois nos braços, salvando a minha vida.

Aliviada, levei uma mão ao peito e o encarei com ar de surpresa. Os cachorros começaram a lhe

lamber, alvoroçados. Eca!

– De quem são esses bichos, Caio? Enlouqueceu de vez?

– Não gosta?

Olhei para eles. Eram bonitinhos, eu acho. Um tinha a coloração marrom, e o outro, preta. Eram

filhotes ainda... Muito ouriçados e agitados.

– Eu... Não sei...

Caio ergueu uma sobrancelha, fazendo um olhar debochado.

– Não acredito que você tem medo de cachorro, Raissa!

Fiz careta. Eu não tinha medo de cachorro. Claro que não. Só nunca me esqueci da vez em que

um vira-lata me atacou na rua, quando eu tinha onze anos. Mas eu não tenho medo de cachorro, certo?

– Claro que não!

– Ah, bom... – Ele se aproximou mais de mim, oferecendo-me um deles, o marrom. Pestanejei,

mas tentei tomar coragem para não pagar outro mico. Segurei o cachorro totalmente sem jeito (talvez

do mesmo em que eu seguraria um recém-nascido). – Esse aí é o macho.

O cãozinho quis escalar o meu corpo, mas o preni desesperadamente. Ele parou de repente.

Depois, começou a lamber o meu braço. Deixei. Fazer o quê? Devo ter feito cara feia, pois o Caio

desatou a rir de mim.

– De qual raça são? – Eu não entendia nada sobre cães.

– Vira-lata.

Congelei. Ai, meu Deus...

– São... Seus?

– Esta, sim. – Virou o focinho do cãozinho preto para mim. – Se chama Clarice. Clarice

Lispector.

Encarei-o. Logo em seguida, gargalhamos juntos.

– E este?

– Seu.

Fodeu de vez.

– Me... Meu? – O cachorro ainda lambia os meus braços como se eu fosse um pedaço de carne. –

Por... Por quê?

Caio ficou meio sério.

– Estava indo ao mercado comprar itens para o nosso café. Uma garotinha estava os oferecendo,

dizendo que havia os achado na rua ontem e os pais não queriam ficar com eles... – Fez cara de órfão.

Ele tinha de saber que aquela carinha de amolecer corações era golpe baixo!

– Não pude deixá-los. Sei

lá, lembrei de nós.

– Nós não somos parecidos com eles, somos? Quero dizer, você nem é tão peludo...

Caio gargalhou alto. Estava com ótimo humor.

– Não, mas a gente podia canalizar um pouco nossas carências. Somos tão solitários... Cães são

bons amigos, vamos nos dar bem com eles. – Sorriu de um jeitinho lindo. – Além de que me lembrei

da Clarice também: “e quando acaricio a cabeça do meu cão, sei que ele não exige que eu faça sentido

ou me explique”.

Olhei para o cãozinho em meus braços.

– Gostei. É bom não precisar se explicar, às vezes.

Tentei acariciar a cabeça do bicho. Ele me olhou pela primeira vez. Juro que só me veio um

nome à mente: Calvin Klein Magalhães Bressiani, mais conhecido como CK. Sério, o cachorro fez a

mesma cara de abandonado que o Caio tinha feito há um segundo.

– Raissa?

Acordei do transe. Ai, Senhor, eu já estava batizando o cãozinho com os nossos sobrenomes?

Ferrou total!

– Eu... Não sei cuidar de um... Não posso ficar com ele.

CK sentiu minha agitação, por isso começou a tentar escalar o meu corpo de novo. Comecei a rir

da agonia dele, pois era bem parecida com a minha. Certo, eu tinha gostado do bicho. Admito. Ele era

fofo. E alegre.

Caio me observava com olhos apaixonados. Clarice se comportava como uma mocinha nos

braços dele. Acho que aqueles cãezinhos pareciam mesmo com a gente. Suspirei fundo.

– Comprei ração, coleiras, brinquedos... Amanhã vou levá-los a um veterinário. Tomarão

vacinas e um bom banho. – Acho que o Caio não ouviu o que eu falei, só pode. Balancei a cabeça em

negativa. – O quintal é grande, o jardim também... Podemos ficar com eles, Raissa.

Suspirei mais uma vez. Caio fez a maldita cara de abandonado de novo, exatamente a mesma

que o CK me oferecia. Ri dos dois.

– Podemos ficar com eles, vai!

Rimos juntos durante um tempo. Caio pôs a Clarice no chão e segurou o CK, colocando-o lá

também. Os dois começaram a correr pela grama verdinha.

– Já escolheu um nome para ele?

– Sim. CK, de Calvin Klein.

Caio gargalhou até dobrar a barriga. Entrei na onda totalmente, porque juízo pouco eu tenho

muito. Ele me abraçou, de repente. Sequer me importei. Abraçamo-nos forte, e assim ficamos durante

alguns minutos. Afundei meu rosto em seu peito, aspirando-lhe o cheiro de homem bom. Do meu

homem bom.

– Excruciante... – murmurou.

– Hã?

– Nada. Vamos comer alguma coisa, meu bem. – Beijou a minha testa antes de nos afastar, e

prometi me lembrar de procurar a palavra “excruciante” no dicionário.

Clarice e CK se davam superbem. Acho que eram irmãos ou algo assim. Passaram todo o tempo

do café da manhã empolgados com a mangueira. Acho que pensavam que era uma cobra. O CK era

todo bobão e atrapalhado, e a Clarice exibia elegância até na hora de brincar. Fiquei reparando neles

porque não queria olhar o Caio tão de perto. Era uma tortura tê-lo bem na minha frente. Fiquei

monossilábica, travada, inquieta (comendo feito uma porca). Totalmente diferente do que sou (exceto

pela comilança), e isso me irritou tanto que eu já não sabia mais o que fazer.

– Suponho que, agora que já arranhou um emprego, não vá precisar vender a casa... – Caio falou

dentre as tantas coisas que matraqueou sozinho naquela manhã. Dei de ombros, balançando a

colherinha dentro da xícara de café. – Carlos me falou sobre suas pretensões...

– E o que disse a ele? – Carlos havia sumido a semana inteira.

Meu vizinho ficou bem sério, observando-me como se a minha presença o chateasse.

– Que eu ia comprar a casa. – Desviei os olhos, surpresa. Droga... Aquilo ia dar em merda. – Vou

comprar e colocá-la no seu nome, Raissa.

Voltei a encará-lo. Bufe.

– Não faz sentido.

– O que não faz sentido é você não estar mais aqui. Não percebe que este é o seu lar? –

Gesticulou na direção do jardim como se ele fizesse parte da casa em questão. De fato, morar no 104

sempre significou morar no 105.

– Podemos mudar de assunto?

– Vai fugir até quando? – Ficou bem chateado mesmo.

– Vai respeitar ou não o meu tempo? – rebati.

Ele se calou. Passou as mãos pelo cabelo e suspirou, buscando calma. Perdi o clima. Já tinha

comido bastante, portanto parei de vez. Só dei um último gole no café, e nem me pergunte como

passou pela minha garganta.

– Só queria saber o que falta para você... – murmurou.

Levantei-me.

– O que me falta deveria estar em mim, não em você. Caio, não sou idiota, sei que está tentando,

mas...

Ele se levantou também.

– Não tem jeito, é isso? Nada que eu fizer vai te fazer mudar de ideia?

Senti meus olhos ficarem marejados. Merda... Estraguei tudo. Minha mania teimosa de ser e eu,

friends forever. Nem eu sabia o que estava faltando, só sabia que faltava.

– Eu não disse isso.

– Então, há esperança. – Sorriu de um modo triste.

– Há esperança onde há amor. Sempre houve os dois – proferi. – Bom dia, vizinho. Obrigada

pelo café... E pelo CK.

Por um instante, achei que o Caio fosse me impedir de ir embora, mas não. Ficou plantado rente

à mesa, enquanto eu pensava se levava ou não o CK comigo. Foi ele quem fez a escolha: correu até

mim desesperadamente. Peguei-o em meus braços e o levei, rezando para que não fizesse cocô no meu

sofá.

Tentei me distrair brincando com o CK até perceber que o Caio havia ido ao trabalho. Só então

voltei a dar as caras no jardim; ele tinha deixado uma coleira e dois potes, um com ração e o outro

com água. O pobre do CK comeu quase tudo. Coloquei a coleira nele, disposta a passear, quando vi a

Clarice na varanda do 105. Estava rodeada de brinquedos, presa por uma coleira dupla.

CK ficou louco quando a viu. Decidi levar ambos ao passeio, e não me arrependi. Eles se

comportaram muito bem, além de que foi uma atividade ótima para pensar. Voltei para casa com

algumas decisões tomadas. Deixei os bichinhos na varanda do 105 e entrei em casa já digitando o

número do Carlos em meu celular. Ele atendeu prontamente:

– Oi, Raissa! Como está?

– Oi... Bem, e você?

– Ótimo! Tem alguma notícia boa para me dar?

– Não quero mais vender a casa.

Carlos riu e assoviou.

– Foi rápido, não?

– Argh, para! Não vem com essa de “eu te avisei”. – Ri também.

– Já se acertaram?

– Não. – Voltei a ficar séria.

– Ué... Por que a mudança, então?

– Aqui é o meu lar. Não importa o que aconteça.

Ele ficou calado por uns instantes, depois soltou:

– Sejam felizes, Raissa. Eu ia passar por aí, mas nem vou mais. Sei que se acertarão, essa casa é

de vocês. Sugiro que arranquem as paredes provisórias, se casem e me deem vários sobrinhos.

– Ei, ei! Não viaje! – Rimos bastante daquilo, mas meu cérebro pirou só de imaginar a cena.

Caramba... Seria mágico! – Obrigada, Carlos... Pelo que fez por nós.

– Não há de quê, cunhada. – Revirei os olhos. – Eu nunca vi o meu irmão idiota realmente feliz.

Algo me diz que verei em breve.

Sorri. Consegui sentir a fibra da esperança dentro de mim.

– Será?

– Com certeza. Até o dia do casamento, Raissa!

– Até. – Ignorei sua piadinha.

Aquele telefonema me deixou reflexiva por horas. Tentava encontrar o que estava faltando...

Precisava achar com urgência. Caio estava sendo tão apaixonante, tão decidido... Será que todas as

dúvidas finalmente haviam ido embora? Será que, enfim, aquele relacionamento estaria seguro? Como

acreditar nisso? Que espécie de mudança drástica de rumo era aquela? Pouco mais de uma semana era

o suficiente?

Até quando podíamos esperar? Eu precisava mesmo daquele tempo tão cruel longe dele?

Retirei todas as coisas que tinha encaixotado. Adiei a minha partida, ou cancelei, sei lá. Foi aí

que me lembrei de avisar a mamãe: liguei para ela e lhe falei sobre o emprego novo, além do

cancelamento da mudança. Como o Carlos, também perguntou se o Caio e eu havíamos nos acertado, e

ficou meio triste em saber que não.

Caio não deu as caras durante toda a sexta-feira. Como eu havia deixado o CK com a Clarice na

varanda dele, tomou a liberdade de deixá-los em um *pet shop*. Um bilhete na varanda avisou que eu

deveria pegá-los no fim do dia. O recado foi bem sucinto, apenas informativo.

Passei o dia todo me sentindo um pouco abandonada. As coisas só ficaram melhores quando

busquei nossos bichinhos. Eles me fizeram companhia como ninguém; brinquei até me cansar,

voltando a ser criança mesmo. Nunca quis ter um animal de estimação (provavelmente por causa do

ataque que sofri), mas aquele dia fez com que eu me perguntasse como tinha conseguido viver sem um

durante tantos anos.

Antes de dormir, reuni alguns lençóis velhos e preparei um cantinho para eles dormirem na

varanda do 105. Com o tempo, aposto que não precisariam mais ficar com as coleiras. Eles eram tão

comportados, quase não latiam, e ficaram de bom grado. Clarice foi a primeira a entender que era a

hora de dormir: deitou-se nos lençóis e começou a ignorar as investidas do CK.

Este é o meu problema: às vezes é preciso muito para me apegar a alguma coisa, e às vezes não é

preciso nada.

Era sábado e eu estava quase pronta para visitar os meus pais quando ouvi batidas na minha

porta. Era o Caio, recém-tomado banho (que cheiro bom!) e vestido como se fosse sair também.

Estava segurando o CK e a Clarice pelas coleiras, ambos distraídos com um dos vasos da minha

varanda.

– Bom dia, vizinha. Acha que devemos levá-los?

– Levá-los? Quem? Para onde? – Esqueci até de saudá-lo.

– Clarice e CK. Para casa dos seus pais.

– Posso levar sim. – Ergui a mão para pegar as coleiras, mas o Caio não se mexeu. Ficou me

olhando até eu me sentir completamente envergonhada.

– Está pronta? – perguntou.

– Sim. Pode deixá-los comigo. – Minha mão ainda estava erguida.

– Vamos ter que ir em dois carros, pois só vou poder ficar até o almoço. Não consegui trocar o

meu dia de folga.

Não demonstrei reação alguma além de abaixar a minha mão. Só consegui imaginar aqueles

lábios nos meus e a gente se atrasando porque paramos para transar loucamente no meu sofá.

– Certo – falei baixo.

Caio sorriu. Acho que pensou que seria mais difícil me convencer a deixá-lo ir. Bom, quem sou

eu para impedi-lo? Minha família é apaixonada por ele, e vice-versa. Jamais negaria aquele encontro,

não importava se estávamos juntos ou não.

Seguimos em carros separados, mas o Caio não saiu da minha cola.
Estacionou atrás de mim e

correu para dar tempo de abrir a minha porta. Ofereceu sua mão para me
ajudar a sair do carro. Aceitei

e comecei a rir daquilo.

– Seu bobo, o que está tentando fazer?

– Provando que eu vejo bastante felicidade pra gente, sua boba.

Foi um negócio combinado, só pode. Assim que ele falou aquela frase,
olhamos para boca um do

outro. Ele deu um passo para frente e eu avancei, pronta para beijá-lo ali
mesmo, no meio da rua. Só

que, no mesmo instante, Guilherme apareceu no portão.

– Pai! Mãe! Eles chegaram! Estão se amassando antes de entrar!

“Putá que pariu”, foi o que consegui ler nos olhos frustrados do Caio. Os
meus não ficaram

nadinha diferentes. Depois, claro, a gente riu muito daquilo.

Caio puxou as duas coleiras com uma mão e, com a outra, segurou a minha.
Chegar de mãos

dadas com ele foi sensacional para mim, mas o acontecimento passou
despercebido. Todo mundo

ficou encantado com os bichos, sobretudo a Clarinha. Viraram os mais
novos xodós da família em

menos de um segundo.

A felicidade ficou evidente nos olhos do Caio, foi lindo de ver. A recepção para ele também foi

bem calorosa. Embora não tivesse entendido nada, mamãe se animou bastante com sua presença.

Papai lhe deu um sermão de quase uma hora sobre o fato de ser errado brigar com o próprio irmão. Foi

engraçado, confesso. Caio ouviu tudo com tanto respeito que só consegui ficar ainda mais apaixonada,

se é que era possível.

Foi no meio da conversa que eu decidi ser a hora certa para dar o comunicado à família:

finalmente contei sobre o verdadeiro nome do Caio. Tive que enrolar todo mundo, inventando mil

situações e desculpas, mas deu certo. Quero dizer, mais ou menos. A verdade é que ninguém, além do

papai (que não pareceu feliz com aquilo), se deu o trabalho de chamá-lo por outro nome que não

Calvin. Como o Caio não pareceu se importar, deixei quieto. O importante era que soubessem.

Fizemos de tudo para não atrasar o almoço, visto que o Caio ainda tinha que seguir para o

trabalho. Dentre muitas conversas, risadas e o velho clima familiar que eu não me via sem (tirando

algumas conversas constrangedoras, uma delas envolvendo os meus pais preocupados com os métodos

contraceptivos que eu estaria usando... Eu sei, acho que eles, enfim, descobriram que eu não era mais

virgem ou algo assim... Devem ter percebido que ninguém podia ser virgem estando com um homem

como o Caio), passamos uma manhã agradabilíssima.

Eu estava colocando a mesa com a ajuda do papai quando a campanha tocou. Guilherme foi

atender e, adivinhe quem havia resolvido dar o ar de sua graça?

Lilian.

Todos vieram cumprimentá-la na maior animação, mas eu fiquei parada, com um prato nas

mãos, imaginando uma deixa perfeita para atirá-lo na cabeça da mocreia (ou para introduzi-lo em seu

ânus). Não consegui reagir quando ela veio toda alegrinha para o meu lado, dando-me um abraço mais

falso que seios siliconados. Depositei o prato na mesa antes que alguém precisasse chamar uma

ambulância.

Caio veio da cozinha com uma travessa de arroz nas mãos. Olhou para Lilian, que

cumprimentava a mamãe, depois para mim. Sua chateação lhe fez cerrar o maxilar. Ele se aproximou

de mim, colocando o arroz na mesa. Encarou-me como se pedisse socorro.

Eu tinha algumas opções diante de mim:

a) Usar a ideia do prato no rabo. Ia ser difícil retirá-lo da bunda dela. Talvez doesse mais do

que a dor que nos provocou nos últimos meses;

b) Armar o barraco. Faria o maior escândalo, chamaria a vadia de tudo, menos de bonita, e

encenaríamos algo próximo a novela mexicana;

c) Eu podia jogar aquele arroz no cabelo dela. Ia demorar alguns dias para sair tudo, certeza. E

a cada grão ela se lembraria de nunca mais mexer com o que é meu;

d) Voadoras sempre funcionam. Socos, pontapés e uma boa puxada nos cabelos também. Meus

dedos até coçaram, loucos para usar a força.

Entretanto, em vez de tudo aquilo, resolvi me utilizar da última opção:

e) Esbanjar a minha felicidade na cara do recalque, no maior clima “beijinho no ombro”.

Encarei o Caio de volta e sorri. Ele estava tenso, muito nervoso mesmo, coitado. Mamãe tinha

puxado a Lilian para uma conversa sobre a minha tia, o que acabou nos dando um tempo.

Simplemente o abracei. Quero dizer, meio que grudei no sujeito como chiclete. Caio estranhou

muito, porém envolveu seus braços ao redor de mim.

Virei o rosto para conferir o momento em que a louca perceberia que ele estava presente.

Aconteceu. Lilian meio que se espantou, e o rosto ficou todo vermelho. Caio permaneceu olhando para

mim, mas eu não desviei os meus olhos dela.

– Caio! Tudo bem? – berrou, e se aproximou de nós.

Meu coração disparou. Como a maldita sabia o nome dele? Puta merda... Ele tinha lhe dito?

Inacreditável! Demais para mim. Passei um tempão sem saber, e o infeliz simplesmente lhe disse? Ah,

não, chega!

Finquei minhas unhas nas costas dele, criando forças para não largá-lo. Eu estava puta, mas o

meu ódio pela prima do capeta era maior. Caio se veria comigo, mas depois. Enquanto isso, bastava

que sentisse um pouco da dor que eu estava sentindo, mesmo que fosse nas costas, e não no coração.

Lilian parou de se aproximar quando percebeu que eu não ia lhe dar qualquer chance de encostar

nele.

– E aí? – Caio respondeu sem emoção.

– Não sabia que estaria por aqui hoje.

– Pois é.

Achei legal ele ter começado a mexer nos meus cabelos de uma forma bem carinhosa. Beijou-

me o topo da cabeça. Visualizei a Lilian reparando nos nossos gestos, mas disfarçando bem a irritação.

Desviou a atenção de nós porque a Sara veio cumprimentá-la.

Empurrei o Caio para sala de estar, ainda sem largá-lo. Não queria esperar para saber como a

Lilian sabia o nome dele. Do contrário não conseguiria almoçar ou fazer qualquer coisa que não fosse

pensar sobre isso.

Larguei-o assim que ficamos sozinhos.

– Você disse o seu nome para ela? – resmunguei.

Ele abriu bem os olhos.

– Não!

– Então, como...?

– Ela descobriu quando me procurou no restaurante. Eu juro, Raissa, acredite em mim! – Nossa,

ele ficou mesmo desesperado.

Espalmei minhas mãos para frente.

– Certo. Calma. Eu acredito.

– Raissa... Por favor, não deixe ela nos separar.

Balancei a cabeça.

– Não vai. Não foi ela quem nos separou.

– Eu sei.

Sabe? Como? Se ele sabe o que nos separou, será que daria um jeito nas coisas? Além de todas

as tentativas de me conquistar, havia uma mudança realmente significativa?

– Não saia de perto de mim – falei em tom de ordem.

– Nunca, meu amor.

Acho que o meu rosto corou bastante.

– O rango está na mesa, filhotes! Venham antes que esfrie! – Mamãe gritou com a voz bem

estridente.

Caio me abraçou forte, e voltamos agarrados, prontos para exorcizar a minha prima querida.

Acredito que tenha funcionado. Sentamos à mesa com as cadeiras quase coladas de tão unidas que

ficaram. Ele serviu a minha comida pessoalmente, e ficou me olhando daquele jeito apaixonado que

eu adorava. Até o Guilherme fez um comentário sobre as nossas caras de bocós, e a família inteira riu

da gente (menos a vadia, que sorriu amarelo).

Caio ficava me tocando o tempo todo. Colocava meus cabelos para trás, alisava minha bochecha,

segurava minha mão quando ela ficava livre... A cena romântica foi tão bem configurada que acabei

achando tudo um exagero. Porém, por saber que não era forçado (ele realmente estava feliz fazendo

aquilo), fiquei mesmo muito emocionada com o tamanho do seu carinho por mim.

CK e Clarice fizeram a festa embaixo da mesa, recebendo pedacinhos de carne da família toda,

por mais que Caio e eu não concordássemos com aquilo. Ia ser dureza acostamá-los a não ficar

pedindo comida enquanto estivermos à mesa.

Depois da sobremesa, e de muito grude, Caio avisou a todos que precisaria ir, pedindo desculpas

por não poder ficar mais tempo e elogiando a comida da mamãe. Todos se levantaram para

cumprimentá-lo, e ele circulou a mesa para não deixar ninguém de fora do cumprimento. Quase

gargalhei quando o Caio simplesmente pulou a Lilian, que ficou com a cara feia. A família inteira

percebeu, mas ninguém comentou nada.

Quando ele voltou para mim de novo, agarrou-me pela cintura e me puxou. A outra mão segurou

a minha nuca com fervor e, sem que eu conseguisse raciocinar, deu-me um selinho molhado. Foi

instantâneo: um fogo definitivo cresceu dentro de mim. Meu Deus... Como eu o queria! Como era

enorme aquela saudade!

– Tchau, meu amor... – murmurou, encostando nossas testas.

Sorri.

– Tchau, meu lindo.

Ele também sorriu, emocionado.

– A gente se vê mais tarde?

Aquiesci. Oh, sim, definitivamente nos veríamos mais tarde. Sério, aquele homem precisava ser

meu de novo. E que esse tal de “mais tarde” chegasse logo, fazendo favor.

As coisas ficaram bem vazias depois que ele foi embora. Ofereci-me para lavar os pratos mesmo

sendo a vez da Sara, pois queria me livrar da presença da Lilian. Entretanto, a filha de uma mãe se

ofereceu para enxugá-los. Eu sabia que viria treta. Estava só esperando a maldita colocar as garrinhas

de fora.

Juro que só demorou um segundo. Foi mamãe nos deixar sozinhas na cozinha e pronto.

– Então... Você e o Caio, hein? Quem diria...

Prendi os lábios.

– Pois é.

Tentei não imaginar a cena imunda dos dois atracados em uma cama. Cara... Aquilo doía. Era

um tormento, mas infelizmente eu precisava vencer o meu ciúme, pela minha própria saúde mental.

– Preciso falar uma coisa séria contigo, Rai.

Continuei espalhando detergente nos pratos com uma esponja. Meu coração acelerou bastante,

porém eu prometi a mim mesma que não me abalaria. Não podia engolir o veneno dela.

– Pode falar.

– É muito sério. – Aproximou-se ainda mais. Por um instante, imaginei aquele tubo de

detergente enfiado na boca dela.

– Desembucha.

– Então... Sei que estão juntos há algum tempo... Eu... Poxa, é muito difícil dizer isso, Rai, mas

eu gosto muito de você e não quero que se machuque.

Parei o que estava fazendo e olhei para sua cara de cínica. Caramba, como a gente se engana

com as pessoas! Eu esperava aquele tipo de comportamento vindo de alguém como a Karen, e não da

minha prima, alguém que convivi durante anos.

O mundo pareceu ter virado do avesso. Karen havia nos apoiado, contra toda a minha lógica

preconceituosa, e agora eu sentia o veneno da Lilian tentando ser espalhado. Fiquei triste por nós. É

uma pena perder alguém que você considerava.

– Diga.

– É o Caio, ele... Anda te traindo.

Queimei de raiva.

– Sério?

– Sim, Rai... Eu vi...

– Quando?

– Faz um tempo, mas ele já estava contigo. Sara me disse. Eu o vi com outra garota...

Perdi a paciência.

– Está mentindo. Poupe-me, Lilian.

Voltei a lavar os pratos. Acho que a louca se desesperou.

– Ele não presta, Raissa, acredite em mim! Ele tentou me beijar à força!

Joguei o detergente dentro da pia e quase não enxerguei nada ao olhar para cara da sujeita.

– Mentirosa.

– Juro! Nós... Ai, não acredito que vou dizer isso, mas... Eu não sabia que ele estava contigo,

juro... – A idiota era tão fingida que seus olhos marejaram. – Nós dormimos juntos, Raissa. Me

desculpe... Eu não sabia. Quando soube de vocês, tentei tirar satisfações... Foi então que ele me beijou

à força!

Super à força. Aham. Eu vi a força que ela tinha colocado para sair dos braços dele. De tanta

força, ela podia virar a mais nova mulher-maravilha, se quisesse.

Eu tinha outras opções diante de mim:

a) Acreditar nela e duvidar do Caio. Opção riscada. Nem acredito que cogitei colocá-la aqui.

Vamos à opção “a” de verdade:

a) Pegar o tubo de detergente e enfiá-lo na garganta profunda da vadia. Depois, apertaria o tubo

até vê-la morrendo afogada em detergente;

b) Quebrar um prato na cabeça dela ainda era uma opção. Ia ser ótimo se tivesse uma amnésia

com o golpe (quem sabe assim esquecesse de uma vez que eu existo?);

c) Armar o barraco sempre está na lista. Podíamos nos atracar e destruir a cozinha inteira. Eu

só ia parar quando ela estivesse inerte no chão;

d) Desarmá-la. Acabar com aquela putaria definitivamente.

Escolhi a letra d: a opção mais inteligente e eficaz. Além de que a mamãe jamais me perdoaria

se eu destruísse sua cozinha mesmo...

– Eu sei de tudo, Lilian – falei seriamente. – Sei a história inteira. Sei que dormiram juntos *antes*

de assumirmos um compromisso. Sei das suas chantagens e ameaças. Caio me contou tudo.

Ela arregalou os olhos, ficando ainda mais desesperada.

– Não sei o que ele te disse, mas...

– Você é uma mentirosa. Uma cretina da pior espécie.

– Raissa, eu...

– Conheço várias formas de te destruir, Lilian. Conheço você há anos, sei de todos os seus

podres.

Ela fez cara afetada de animal selvagem tentando não se deixar acuar. Não me meteu nem um

pingo de medo.

– Também conheço os seus.

Sorri.

– Não há nada que os meus pais não saibam ou não possam saber. Aposto que a titia ia amar

saber que você ficou grávida no ano passado e abortou voluntariamente depois de tomar um chá que

conseguiu com uma amiga da faculdade.

Por aquela a Lilian não esperava. Eu sabia de tantas doideiras que ela havia aprontado na vida

que, se eu resolvesse espalhar tudo, ninguém da família iria querer olhar para sua cara. O lance do

aborto foi uma coisa de que me lembrei de última hora, mas havia muito mais, e ela sabia. Desde as

tantas vezes que mentiu para titia que ia dormir lá em casa (e eu sempre encobria suas escapulidas),

encontros com homens casados, até aquela vez que ela, bêbada, aceitou fazer sexo oral em um cara por

cinquenta reais, no banheiro de uma boate.

Pensando bem, eu que estava cega o tempo todo. Aquela mulher nunca prestou mesmo. Talvez

por isso não tivesse lhe contado sobre a minha mudança. No fundo, eu também queria me distanciar

dela.

– Você não ousaria...

– Ousaria, sim. Acho bom parar com essas merdas e nos deixar em paz – falei de um jeito tão

tranquilo que até me surpreendi. – Nós nos amamos. Você nunca vai conseguir o que quer.

– Só queria te abrir os olhos, Raissa...

– Oh, sim, estão bem abertos. Agora sei a vadia que você é.

– Vadia é a... – gritou.

Interrompi-a usando o meu dedo indicador contra a sua boca. Usei tanta força que meu dedo

ficou doendo, mas ela deve ter sentido dor também, pois deu vários passos para trás.

– Cale a sua boca – respondi baixo, mantendo o nível. – Vadia é você mesmo, sua imunda. Não

venha armar barraco não, que eu só não quebrei a sua cara ainda porque tenho pena do que vou usar

para quebrá-la. Qualquer coisa vale mais do que ela – desdenhei. – Quero que saia desta casa *agora*, e

nunca mais volte. Deixe a minha família em paz, isso inclui o Caio. *Eu juro* que vou acabar contigo se

não levar em consideração o que estou dizendo.

Ela se afastou, toda ofendida. Sua expressão exalava raiva.

– Vocês se merecem!

– Sim, nos merecemos. – Sorri. – Agora, faça-me o favor de nunca mais deixar que eu olhe para

essa sua cara de vagabunda de novo.

Raissa 1000 x 0 Lilian.

A otária saiu da cozinha batendo o pé. Voltei a lavar os pratos. Fiquei escutando ela se

despedindo do pessoal na sala, alegando que precisaria ir também. O alívio total se instalou no meu

corpo quando ela finalmente se foi. Já podia recolher a cruz e a água benta, pois o demônio havia sido

exorcizado com sucesso.

Só me restava deixar o dia passar. Confesso que foi difícil manter a calma. Tentei me distrair,

mas não parava de pensar no encontro com o Caio. Ia sair faíscas, com certeza. Só de pensar eu já

ficava excitada. Não via a hora de tudo entre nós voltar a ficar bem. Aquele tempo, mesmo necessário,

estava me matando. E, se era para morrer, eu queria que fosse de tanto tesão, com seu corpo em mim,

e não por causa daquela ausência insuportável.

Cheguei a minha casa bem cansada. Até o CK e a Clarice estavam mortos (pudera, não pararam

de brincar nem por um segundo), logo se deitaram em um canto da sala e por lá ficaram. Tratei de

cuidar de mim: tomei um banho completo, sequei os cabelos e vesti uma camisola simples de algodão,

sem calcinha. Deitei na minha cama e esperei pelo Caio enquanto, olhando para o teto, pensava em

tudo.

Eu não podia mais ter medo. Mesmo que não déssemos certo, cada segundo valeria a pena. Claro

que não ficaria com ele pensando no fim, é só que eu saberia aproveitar a intensidade de cada instante

ao seu lado. Ele tem razão: há muita felicidade para nós dois. Foi o destino que me levou até ali, e eu

acredito no meu futuro.

As linhas que Deus escreve são perfeitas, como um livro repleto de altos e baixos,

aprendizagens, erros, consertos, lágrimas, sorrisos, porém com um fim emocionante. Eu acredito no

felizes para sempre.

Olhando para o passado, vejo que eu faria exatamente o que fiz. Não há arrependimentos. Minha

consciência anda de bem comigo, e a felicidade que eu mereço está a caminho. E não pode chegar

nada diferente do que ela na vida de quem ouve a voz do coração sem perder a cabeça.

Sorri quando ouvi o barulho da porta do 105 se abrindo. Enxuguei algumas lágrimas e me sentei

na cama. Encarei a parede, esperando pacientemente. Acho que o Caio foi direto ao chuveiro, pois

demorou uma eternidade. Já não podia mais suportar a expectativa quando finalmente senti sua

presença no quarto.

– Raissa? – Fechei os olhos e voltei a sorrir. Eu amo aquele homem. Acho que já nasci o

amando, mesmo ele não estando no mundo. “Já era amor antes de ser”.

– Caio – choraminguei.

– O que houve, meu bem? Por que está chorando? – Só então percebi que eu chorava e sorria ao

mesmo tempo. – Foi a Lilian, não foi?

– Não... Não. Ela está fora de nossas vidas. Não se preocupe. Ninguém vai nos separar.

– Você... Bateu nela?

Credo. Minha suposta fama de barraqueira estava tão enraizada assim?

– Não foi preciso.

– O que fez, então?

– Quer mesmo falar sobre ela?

– Não, é que... Fico preocupado. Seus pais...

– Confie em mim.

– Eu confio a minha vida a você, Raissa – falou de um jeito apaixonado. Meu corpo vibrou de

desejo, e o coração se aqueceu como se tivessem jogado óleo quente nele.

– Uma frase – pedi.

Caio ficou em silêncio. Quando ouvi sua voz de novo, quase morri do coração:

– Eu te amo.

Foi impossível não começar a chorar como uma criança.

– Na minha... casa ou... na sua? – quase não consegui perguntar.

– Na nossa, Raissa. Vou repetir a frase olhando em seus olhos.

Ouvi ruídos estranhos, e depois o silêncio se fez presente. Fiquei esperando ele bater na minha

porta, por isso me levantei da cama. Não entendi nada quando percebi que o Caio tinha voltado para o

quarto. Ainda chorava de tanta emoção.

– Afaste-se da parede, vizinha!

Olhei ao redor. A cama ainda estava do outro lado desde que pintei a parede da Clarice.

– O que vai fazer?

– O que eu devia ter feito há muito tempo. Afastou?

– Si... Sim.

Meu Deus! Ele não ia fazer o que eu achava que... É, ele fez. Uma explosão foi ouvida, e pedaços

da parede fina de gesso voaram. Um buraco do tamanho de uma bola de futebol foi aberto. Afastei-me

ainda mais.

O doido não parou. Continuou investindo contra a parede, arrancando mais pedaços do gesso e

aumentando o buraco. Percebi que estava usando uma enxada de jardim. Caramba!

Caio só ficou satisfeito quando a abertura ficou maior do que ele. Coloquei a mão na boca,

estupefata. Vi quando largou a enxada e atravessou a parede, mantendo os olhos escuros fixos em

mim.

Alcançou-me depressa. Puxou-me para si, e fui sem demora, já no modo marionete. Seus olhos

ficaram a centímetros dos meus. Senti seu corpo grande e quente em mim, coberto apenas pela

inconfundível cueca boxer.

– Eu preciso de você. Eu te amo. – Colocou os pontos finais nos lugares certos de cada frase. –

Eu te amo, Raissa... “Já era amor antes de ser”.

Ele não me deu tempo para responder ou chorar. Juntou nossos lábios com o tal sentimento

urgente enraizado. Beijou-me tão loucamente que tive certeza de que estava no paraíso. Tomei a

liberdade de pular em seus braços, e o Caio me segurou pelas coxas, sem parar de me beijar daquele

jeito incrível.

Assanhei seus cabelos, arranhei suas costas, puxei-o para mim como pude. Caio me jogou na

cama e veio com tudo. Minha camisola subiu quando abri as pernas ao seu redor. Ele não demorou

nada a descobrir que eu estava sem calcinha, com más intenções desde o princípio.

Sorriu entre os meus lábios.

– Safada!

Olha quem fala!

– Aprendi com o meu vizinho do 105.

As promessas daquela noite foram seladas assim que ele me encarou com olhos maliciosos e

sorriso cafajeste.

– Vou foder tanto essa boceta gostosa que o meu pau vai derreter dentro dela.

Fazer o quê? Uma vez safado, sempre safado.

45

(4 meses depois)

Sou tão dela que às vezes acho que sou ela, e ela é tão minha que parece um espelho diante de

mim

Raissa andava meio triste. Dava para ver em seus olhos que faltava alguma coisa, e saber disso

me deixava levemente desesperado. Tentei de tudo naquele domingo; como em todos os outros,

fizemos nosso conhecido churrasco, com direito a farofa, tomates, carnes de primeira e sua

inigualável caipirinha, que ela sempre faz questão de preparar.

Foi a primeira vez que me recusou. Toquei seu corpo de uma maneira sensual quando me pediu

para passar protetor em sua pele macia, e, percebendo minhas más intenções, recuou completamente.

Aquela chatice e falta de senso de humor não eram típicos dela. Talvez a chatice, mas não naquele

nível. Alguma coisa importante estava acontecendo, e a louca não queria me dizer.

Separei aquele dia para ser especial, perfeito. Não estávamos em nenhuma data específica, não

que eu me lembre, porém me senti livre para planejar um dia memorável para nós dois. Por isso, vê-la

daquele jeito me fez recuar junto, sem saber o que fazer para melhorar as coisas. A angústia me fez

concordar com ela quando sugeriu que encerrássemos o churrasco uma hora antes do horário oficial

para o encerramento do churrasco dos domingos.

Nem Clarice e CK fizeram Raissa ficar animada. Quando o dia era difícil e estávamos cansados

demais, sempre faziam a nossa alegria. Brincávamos com eles para tirarmos a tensão, aliviarmos o

estresse e espantarmos a solidão. Sim, solidão, porque Raissa e eu nascemos para ser solitários.

Estamos juntos em todos os momentos possíveis, mas descobrimos, com a ajuda da Clarice, que há

um tipo de solidão incurável: “e ninguém é eu, e ninguém é você. Esta é a solidão.” Acredite,

passamos horas desenvolvendo a ideia de que todo mundo é sozinho. Foi uma noite incrível que, claro,

terminou com nós dois entrelaçados fervorosamente entre os lençóis. Não importa se viveremos uma

eterna solidão; a minha eu queria saborear junto com a dela.

– Vou tomar banho – avisou assim que terminamos de trazer as coisas do quintal. Tranquei a

porta depois que Clarice e CK entraram e se perderam debaixo do sofá.

Cheguei a pensar que aquilo fosse um convite, e logo me animei, mas Raissa simplesmente

entrou no banheiro e trancou a porta. Foi a gota d’água para me sentir um completo imbecil. Eu tinha

feito alguma coisa errada. Mas, o quê? Não me lembrava. Naqueles meses em que resolvemos morar

juntos, havia sido um homem diferente; mais maduro, menos temeroso, mais confiante, menos

agitado.

Aquela casa ganhou vida nova depois que mandamos remover todas as paredes de gesso. A

estrutura original me deixava com ar nostálgico durante todo o tempo, mas era bom. Eu sentia os

meus pais comigo. Eles estavam felizes por mim, com certeza. Pena que os pais da Raissa não ficaram

tão felizes com a nossa decisão. Acharam cedo demais para aquilo, e encravavam sobre o assunto

sempre que tinham oportunidade.

– Raissa? – Dei batidas na porta do banheiro. – Não se esqueceu de nada aqui fora?

Ouvi o barulho do chuveiro.

– A toalha está aqui! – berrou.

– Eu estava falando de outra coisa.

– Do quê?

Suspirei.

– Deixa pra lá. Eu me enganei.

Entre no nosso quarto. Era engraçado porque ele tinha duas portas, duas janelas e era enorme,

talvez por ter sido uma sala anteriormente. Nosso próximo passo era fechar uma das portas e abrir

outra que dava para um dos banheiros, assim teríamos uma suíte grande. Raissa gostava da ideia de

um closet. Podíamos fazer um bacana por causa do amplo espaço que usufruíamos.

Raissa vendeu a sua cama e eu vendi o meu guarda-roupa. Compramos um armário bem grande,

que coubessem todas as nossas coisas. A cama que ficou foi a minha, pois havia sido dos meus pais e

eu jamais me livraria dela. Era feita de uma madeira muito boa, além de ser grande. Ideal para nós

dois, embora a Raissa achasse estranho transar no mesmo lugar que os meus pais transavam, mesmo

eu explicando que havia comprado um colchão novo logo que meu pai faleceu.

Olhei para apenas mais um dos ambientes da casa onde ficava nítida a nossa união. O quarto

tinha tanto de nós dois que dava vontade de rir, começando pela prateleira com os ursinhos e os meus

bonecos, todos reunidos. O computador da Raissa ocupava espaço no mesmo móvel, que adaptamos,

do meu videogame. As cortinas floridas continuaram sendo a essência dela, mas as mesinhas de

cabeceira eram minhas: continham várias fotos, alguns livros mais importantes, a minha velha

luminária... Era engraçado nos perceber naquele lugar. Emocionante, até. Jamais imaginaria que as

minhas loucuras um dia pudessem ser compartilhadas com as loucuras de outra pessoa.

Eu a amava cada dia mais. Aqueles meses foram os mais inacreditáveis da minha vida; ir dormir

e depois acordar com quem se ama é a sensação mais perfeita que existe. Vivia em um estado de

felicidade tão grande que mal me reconhecia. Não que a dor tivesse morrido. Meu passado nunca

deixaria de doer, por mais que eu quisesse, mas sofrer ou não sempre foi uma opção. Só fiz a escolha

certa: parar de me lamentar e buscar ser feliz. Quando o coração está ocupado com a alegria, nada

mais além dela consegue ter espaço.

“Não tenho tempo pra mais nada, ser feliz me consome muito.”

Quase não tivemos uma briga. Embora eu seja sufocante, e ela ciumenta demais, mantivemos o

diálogo como a nossa principal regra. Raissa era a primeira a saber de tudo o que acontecia comigo. É

por isso que eu não fazia ideia do que tinha feito de errado. Depois que o medo de perdê-la foi

controlado – apenas controlado, porque eu jamais deixaria de ter medo de perder a mulher da minha

vida –, passei a me concentrar em ser o melhor para ela, sem deixar de ser eu mesmo. Isso não é ruim.

Ter medo de perder é o que faz a gente cuidar e proteger melhor o que é nosso.

Raissa demorou tanto que deu tempo de eu ir tomar banho no outro banheiro. A gente quase

nunca usava aquele, mas servia para emergências. Vesti uma cueca e, sem saber o que fazer, guardei a

minha surpresa dentro dela. Aquele dia não ia passar em branco, por mais que não tivesse sido como

eu desejava. Eu não queria adiar o inadiável. Havia esperado demais por aquilo.

Tinha certeza de que o que acontecia com a Raissa não envolvia diretamente o nosso

relacionamento. Se assim fosse, ela já teria me dito, conversado comigo. A minha mulher não

consegue esconder nada de mim por muito tempo. É uma ansiosa no sentido de ser entusiasmada em

excesso, uma pessoa que, ao contrário de muitas, não fica de charminho para receber atenção. É um

ser autêntico, iluminado, um anjo que... Certo, estou exagerando de novo. Sempre vai ser assim

quando eu falar ou pensar nela. O que sinto é exageradamente amor.

Entrei na ampla biblioteca. Raissa concordou em deixá-la no lugar original, por isso sua cozinha

teve que se unir à minha do outro lado da casa. Admito, transformar uma biblioteca em cozinha foi

mais fácil do que transformar uma cozinha em biblioteca de novo. Até porque foi o lugar em que mais

investimos, sem dúvida. Pintamos as paredes de forma diferenciada, em tons de azul e rosa.

Trouxemos a estante da mamãe, que ocupou uma parede quase toda, algumas prateleiras e o famoso

tapete. Espalhamos pufes, almofadas, uma poltrona caríssima, abajures em duas mesinhas com

gavetas, que continham vários lençóis e edredons... Criamos um cenário perfeito para a leitura. Até ar-

condicionado colocamos, para não deixarmos de ler em dias quentes. De longe, era o lugar mais

incrível da casa.

Tudo ficava ainda mais perfeito com a nova parede da Clarice, que criamos de uma forma bem

especial. Todas as frases importantes estavam organizadas, escritas à mão, exceto uma, que foi

adaptada para nós: “Liberdade é pouco. O que eu desejo tem alguns nomes:” Mandamos fazer um

adesivo grande com essa frase, cheio de floreiros. Abaixo do adesivo, penduramos um quadro branco

médio, estilo de salas de aula, e é lá que está a lista de nomes de coisas que desejamos, escritas com

pincel atômico.

Nossos nomes são os primeiros. Raissa escreveu o meu, e eu o dela. Depois, soltamos a nossa

imaginação: felicidade, paz, amor, família, compromisso, saúde, maturidade, respeito, fidelidade,

compreensão... A lista só fazia aumentar. Cada membro da família da Raissa escreveu uma palavra

diferente. Meu irmão Carlos escreveu uma que nos faz rir até hoje: sobrinhos. A ideia me espantava

um bocado, mas me deixava iluminado também.

Karen escreveu uma coisa que nem a Raissa e nem eu pensamos: amizade. Ainda tínhamos um

pé atrás com aquilo. Apesar de ter nos ajudado muito, Karen ainda se mantinha um pouco distante

para não haver confusão entre mim e a Raissa. Só nos visitou duas vezes, uma para apresentar sua

nova namorada – fiquei surpreso, pois Karen não costumava namorar – e a outra de passagem, só para

dar um oi.

Liguei o ar-condicionado e o som. Escolhi a seleção do Lulu Santos, em volume baixo. Era

costume nosso sempre ler depois do banho, ou apenas ficar na biblioteca aspirando cheiro de livro,

estirados no tapete da mamãe. Às vezes, fazíamos amor ali mesmo. Bom, eu queria que aquele fosse

um desses dias.

Raissa demorou tanto que eu estava quase dormindo entre as almofadas. Decidi procurá-la, e a

encontrei deitada na nossa cama, com a expressão visivelmente triste. Encostei a minha cabeça na

lateral da porta e cruzei os braços, observando-a. Ela demorou um pouco a notar minha presença, mas

sorriu de leve quando me viu. Não sorri.

– O que há contigo?

– Eu... ainda estou pensando sobre.

– Sobre o quê, meu bem? Preparei a biblioteca pra gente. Vamos? –
Aproximei-me dela e ofereci

uma mão. Ela aceitou e se levantou devagar, deixando-me guiá-la até o
nosso reduto particular.

Raissa logo se deitou no tapete, e deitei ao seu lado, virado para ela.
Encarei-a de perto e esperei.

Ficou me olhando com uma expressão muito vaga. Meu desespero se
intensificou.

– Se não me contar, vou ter uma síncope. O que está te afligindo tanto?

Ela prendeu os lábios. Desviou o rosto e suspirou.

– É o trabalho. – Esperei que completasse, porém se calou totalmente.

– O que tem seu trabalho?

– Nós... Estamos com algumas dívidas. Não foi fácil deixar a casa assim. –
Gesticulou para o

ambiente.

– Está preocupada com as dívidas? Vamos dar conta, Raissa. Fizemos todos
os cálculos, lembra?

– Além de unirmos nossas vidas, havíamos unido também nossos
orçamentos. O que ganhávamos

dava para vivermos muito bem.

– Fui promovida – soltou.

Fiquei muito surpreso. O emprego da Raissa na empresa dos pais da Karen era bom demais, e

pelo que ela me contava estava gerando bons frutos. Entretanto, não esperava que algo assim

acontecesse tão cedo.

– Uau! Isso é ótimo, meu amor! – Sorri de orelha a orelha, mas, percebendo que ela não sorria,

parei. – O que há de errado nisso, Raissa?

– Fui promovida e remanejada para a matriz... Que fica em Los Angeles.

Caralho... Acho que meu cérebro parou de funcionar por alguns instantes. Devo ter tido a tal

síncope sem perceber.

– Tão... Tão longe... assim?

Ela se sentou. Sentei-me também, meio nervoso. O que ela estava querendo dizer? Que iria para

longe? E eu? Iria junto? Mas, e o restaurante?

Quando a ficha caiu, quase não suportei existir. Raissa estava querendo ir embora sem mim?

– Sim.

Balancei a cabeça, sentindo que logo começaria a chorar. Meus olhos se umedeceram bem

depressa. Não podia acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Raissa não podia me deixar daquele

jeito, não depois de tudo o que construímos juntos. Em contrapartida, era o seu futuro. Ela se daria

muito bem na empresa, e não era qualquer empresa. Sua vida estaria feita.

– O que decidiu fazer? – perguntei logo, engolindo o choro e o desespero. Precisava suportar

suas decisões. É isso o que faz um homem quando ama de verdade uma mulher, por mais que esteja a

fim de agir como um garoto e começar a espernear.

– Eu não vou. – Olhou-me intensamente. Arquejei de alívio, e sem querer deixei uma lágrima

escorrer. – Por que está chorando? – Fez uma careta.

– Por um momento, achei que fosse me deixar.

– Deixar? – Sua careta se amplificou, ficando engraçada. Sorri de nervosismo. – Isso nunca

estive em pauta, Caio Bressiani.

Puxei-a para mim e a beijei até o meu coração voltar a bater como o de uma pessoa normal.

Raissa veio, mas ainda consegui sentir que estava abalada.

– Fale tudo, Raissa, pelo amor de Deus – sussurrei entre os seus lábios.

– Era a minha única opção – murmurou. Suas mãos estavam tremendo. – Tentei negociar com a

empresa, mas não quiseram acordo. Eles não precisam de mim aqui...
Queriam me oferecer um cargo

bem inferior, então... Eu me demiti.

Putá merda... Raissa estava gostando tanto daquele emprego...

– Quando?

– Sexta-feira. Vou cumprir aviso prévio e... Tchau.

Senti um gosto meio amargo na boca. Entender que a culpa toda era minha
foi horrível. Eu

estava prendendo a Raissa, obrigando-a a ficar. Se não fosse por minha
causa, certamente ela aceitaria

aquela proposta. Era praticamente irrecusável.

– Vai dar tudo certo. Você vai encontrar outro emprego e...

– Aí é que está. Cansei, Caio. Não quero mais essa área, estou desgostosa,
desanimada... Passei

minha vida toda tentando provar a mim mesma que não tinha errado na
escolha, mas... Agora, aos

vinte e oito, quase vinte e nove, vejo que não nasci para ser analista.

Segurei seus cabelos.

– O que quer ser, então?

– Aí é que está. Não sei. – Deu de ombros. – Estou cogitando outra
faculdade. Gastronomia,

talvez.

Afastei nossos rostos, e meus olhos quase escapuliram das órbitas.
Naqueles quatro meses,

fizemos tudo juntos, inclusive cozinhar. Raissa havia se tornado uma boa ajudante de cozinha. Fiquei

feliz por ela ter se interessado em aprender, mas não fazia ideia de que tinha gostado tanto.

– Sério?

– Sabe, eu... Estou tão ligada a você que só gosto de fazer o que a gente faz. Cuidar das flores,

dos nossos animais, cozinhar, cuidar da casa... É assim que me sinto realizada. – A coitada começou a

chorar. – O tempo que passo no trabalho é só uma desculpa para ficar longe do que amo fazer, que é

ser sua, que é estar contigo. É loucura, eu sei...

– Não. Não, não é loucura. Entendo... Perfeitamente.

– Estou desesperada! Temos contas para pagar, fui demitida e não consigo ver felicidade

profissional para mim.

– Calma, Raissa...

– Falei com meus pais ontem... Abri o jogo... – falou aos prantos, começando a realmente

demonstrar o quanto estava aflita. – Eles não me entendem. Estão chateados por estarmos morando

juntos, acham loucura que eu faça uma faculdade nesta altura do campeonato... Eu também não teria

como pagar. Podia tentar uma universidade pública, mas voltar a fazer cursinho pré-vestibular vai ser

torturante. Então... Minha única saída é tentar arranjar outro emprego e me contentar.

– Raissa... Pare. Olha para mim. – Segurei seu rosto com as duas mãos, e enxuguei-lhe as

lágrimas com os polegares. – Você não vai se contentar. Eu te conheço, não vai. Você é uma mulher

que luta pelo que quer, e não aceita nada diferente. Acalme-se.

– Mas, Caio, como vou...

– Psiu... Vai. Não importa como, mas vai. Estou aqui, não estou?

– Sim, você está... E as nossas dívidas também. Papai disse que...

– Seu pai está puto conosco. Ele vai dizer qualquer coisa para te convencer a voltar para casa.

Estou certo disso?

Ela aquiesceu.

– Eles disseram que pagariam a minha faculdade se eu voltasse para casa, pelo menos enquanto

não arranjasse um emprego na área que quero.

Meu coração voltou a acelerar. Não conseguia viver naquela casa sem a presença dela. Raissa

fazia parte daquelas paredes, era o que mantinha o teto de pé.

– Aqui é a sua casa – defini.

– Eu sei. Só não sei o que fazer.

– Não estamos morando juntos por morar, Raissa... Não estamos brincando de casinha. Você é a

minha responsabilidade, bem como sou a sua.

– Caio...

– Vamos pagar as dívidas, a sua faculdade e tudo o que for preciso... Tem o seguro desemprego,

já pensou nisso? Podemos financiar a faculdade também. Sempre há um modo, meu amor, só não me

faça ficar sem você.

– Eu não quero ficar sem você – choramingou. – Só que está sendo tão difícil não ter o apoio da

minha família... Eles te amam, mas...

– Eu sei, Raissa. – Prendi os lábios e, de repente, lembrei-me de um detalhe importante. Já havia

me esquecido dos meus próprios motivos para estar ali naquela noite. Não podia existir momento mais

propício do que aquele. Sorri. – Vai ficar tudo bem. Um passo de cada vez. Daremos um jeito.

Promete não se preocupar com isso?

Eu conhecia um jeito eficaz, definitivo e impressionante de fazer os pais da Raissa pararem de

encrencar conosco.

Ela soltou um suspiro bem profundo.

– Prometo.

Fiquei a observando durante um tempão. Meu amor só fazia aumentar, daqui a pouco eu

precisaria de outro coração. Um só era pouco demais para sentir tanto.

– Gastronomia? – Sorri.

Ela sorriu também.

– Sei que sou péssima...

– Ei... Não. Caramba, a minha mulher quer ser cozinheira, como eu.

Rimos juntos.

– Soa patético – resmungou.

– Soa perfeito, Raissa. Podíamos abrir um restaurante com as receitas da mamãe. Pode ser algo

pequeno, só nosso... Meu Deus, a gente pode pôr o nome dela, se você quiser.

Raissa riu e chorou ao mesmo tempo.

– Está de brincadeira, né?

– Não... Estou visualizando tudo. – E estava mesmo. Quase não suportava a emoção. Podia ver as

peessoas sentadas em cadeiras bem articuladas, Raissa e eu dividindo uma cozinha singela, porém

fantástica... – Você podia começar vendendo alguns doces na faculdade. Iam vender bem. Lembra

daquela torta crocante que fizemos? Você fez a maior parte sozinha, ficou uma delícia.

– Caio... Você está viajando. Ainda acho tudo uma loucura.

– Depois pensamos em tudo. – Agarrei seus cabelos com uma mão só, e fiz nossos corpos

colarem. – Estou tão feliz que só quero comer a sua boceta.

Ela me olhou, chocada. Não sei o que há comigo, acho que sou uma espécie de maníaco sexual.

Estar feliz só aumentava o meu tesão. Além de que havia tido uma ideia maluca e safada ao mesmo

tempo. Tinha que colocar em prática antes que a nossa conversa esfriasse, afinal, havia apenas uma

solução para tudo.

– Você tem problemas sérios. – Ela riu de mim.

– Ajude-me a resolver um deles – rosnei em seu ouvido, e guiei minha boca pelo seu pescoço até

encontrar aqueles lábios saborosos. Ela iria me ajudar a resolver dois, na verdade.

Beijamo-nos fervorosamente. Raissa se empolgou um bocado, pois me empurrou contra o tapete

e depositou suas pernas ao redor da minha cintura. Apalpei sua bunda como se fosse massa de pão.

Queria arrancar aquele short, queria aquela boceta quente rebolando no meu pau. Queria sua boca em

mim, sua pele na minha, queria fodê-la e fazer sua boceta transbordar com nossos gozos misturados.

Ela gemeu baixinho entre os meus lábios. Meu cérebro se transformou imediatamente. Esqueci o

mundo, para mim só existia aquela gostosa em cima de mim. Arranquei sua blusa de alças. Ela estava

sem sutiã, uma feliz surpresa. Desci minha língua pelo bico perfeito de seu seio. Tomei ambos em

minhas mãos, enquanto dava um trato completo em um deles. O outro teria sua vez em breve. Adoro

tratar aquele par de tentação como frutas saborosas, chupo-os como se estivesse recolhendo meu

próprio alimento. Ainda bem que aquelas frutas não tinham fim nunca, aproveito-as até me exaurir.

Raissa começou a gemer um pouco mais alto. Sentei-me embaixo dela, tomando cuidado para

que não sentisse meu pau duro sendo dividido pela sua surpresa dentro da minha cueca. Duas

surpresas em um lugar só... Hum... Ela ia gostar. Eu amaria se ela me desse aquilo junto com a sua

boceta. Para ser sincero, eu já amaria só a sua boceta, e ter algo a mais seria pedir além do que

mereço.

Senti suas unhas rasparem as minhas costas. Arrepiei-me umas trezentas vezes com seu

movimento, e ficou pior quando começou a passá-las pelo meu couro cabeludo, assanhando-me os

cabelos. Acho que até meu pau se arrepiou, pois ele vibrou imponente, latejando de vontade de ocupar

um espaço naquela mulher que foi feito especialmente para ele.

Segurei seus cabelos e trouxe seu rosto até o meu. Quase engoli seus lábios com um beijo de

movimentos loucos, mesclando nossas línguas com avidez. Ela começou a apalpar o meu peitoral,

abafando suspiros por causa do beijo intenso, de tirar o fôlego. De fato, depois de alguns minutos,

afastamos nossas bocas por estarmos prestes a morrer sem ar.

– Eu te amo tanto... – disse arfando. – Obrigada... Obrigada por estar sempre do meu lado.

– Sempre, Raissa... Se você quisesse ser astronauta, iríamos para lua agora mesmo. Vou te

apoiar pelo resto da minha vida. – Guiei uma mão até passá-la por dentro do seu short. Encontrei sua

boceta quente querendo ficar úmida. Agitei-a até sentir mais líquido ser fabricado. Queria aquele lugar

molhado o máximo que pudesse, pronto para me receber por inteiro.

Girei nossos corpos e a fiz deitar sobre o tapete. Observei seu corpo maravilhoso, combinando

com uma carinha safada que eu amava. Retirei seu short depressa, junto com a calcinha. Cheirei-os

profundamente e os joguei longe.

– Safado de uma figa... – ouvi seu murmúrio.

Sorri. Alisei meu dedo indicador em sua abertura pronta enquanto a observava com mais

cuidado.

– A propósito, eu também te amo. – Minha voz saiu em formato de gemido.

Ver seu sorriso amplo direcionado a mim me encheu de felicidade. E então meu tesão aumentou

mais ainda. Penetrei um dedo na sua vagina úmida, e a senti me recebendo com suavidade,

devagarzinho. Gemeu o meu nome. Senti-me fora da realidade, como se tivesse acabado de deixar de

ser eu. No entanto, sabia que aquele era o Caio, como ela tinha acabado de dizer, ninguém mais

ninguém menos do que ele.

– Eu sou uma boba, admita... – murmurou. Ainda estávamos conversando? Caramba... Eu só

conseguia pensar naquela boceta. Como a Raissa conseguia pensar em outra coisa em um momento

como aquele?

Retirei meus dedos de dentro dela, e só me preocupei em lhe massagear por fora. Encarei seu

rosto, tentando me concentrar em respondê-la direito. Lembrei de uma frase, como sempre.

– “É quase impossível evitar excesso de amor que o bobo provoca. É que só o bobo é capaz de

excesso de amor. E só o amor faz o bobo”. – Visualizei seu sorriso mais uma vez. – Estou me sentindo

muito bobo agora, Raissa.

– Você é bobo por aceitar minhas bobices.

Esgueirei-me no tapete até me debruçar sobre sua vagina. Raissa abriu as pernas e ficou me

olhando com surpresa e ansiedade. Eu também estava ansioso. Muito, aliás. De repente, percebi que

estava demorando muito. Queria logo que chegasse a hora, pois nunca iria fodê-la do jeito que quero

sem resolver a minha situação. Queria que gozasse sabendo o que eu tinha planejado. Queria que seu

grito fosse diferente.

– Sou bobo porque te amo. Apenas.

Afundi a minha boca nela. Ouvi seu gemido alto, e uma tentativa de fechar as pernas. Forcei

meus braços sobre suas pernas, impedindo de acontecer. Seria rápido e preciso. Já estava com a boca na

botija, ela ia se decepcionar se eu não fosse até o fim pelo menos uma vez.
Sou um ansioso por

natureza, nunca sei por onde começar com a Raissa.

Chuei sua boceta com tanto gosto que quase não consegui parar. Sentir seu cheiro, sua

consistência, sua intimidade tão perto de mim... Era incrível. O formato da sua pele tão sensível me

causava desespero de tão delicioso. Podia morrer chupando, lambendo, trazendo aquela mulher para

mim. Não me canso. Não me conformo quando tenho que parar.

Rosnei depois que ela gozou divinamente, gritando meu nome e coisas ininteligíveis, que

naquele instante faziam mais sentido do que imaginávamos. Afastei-me no impulso, e me sentei no

tapete achando que não resistiria a tanta sedução. Toquei no pau duro, que já melava um pouco a

cueca, e me perguntei se a surpresa ainda estava intacta. Bom, lá ela estava.

Depois de pensar um pouquinho sobre aquilo, quase tive um troço. Caralho... Onde eu estava

com a cabeça? Que ideia de jerico a minha! Não podia transformar aquele momento importante em

uma coisa tosca. Será possível que o nível da minha safadeza tinha queimado alguns dos meus

neurônios? Não havia outra explicação. Raissa merecia uma coisa mais especial, com champagne,

jantar e pétalas de rosa na nossa cama.

Para o meu desespero, ela veio para cima de mim, tocando o meu pau com jeito. Fodeu tudo.

Como tiraria a surpresa de lá? Tentei me afastar um pouco, mas a louca me segurou com firmeza.

Usou uma mão para me empurrar contra o tapete ferozmente. Seu olhar selvagem não me deu

escolhas: fui sem pestanejar, porém o desespero da mudança de ideia me fez quase amolecer. Quase.

A verdade é que ainda estava com um tesão dos infernos, o que só ampliava a ideia de que eu era um

maníaco sexual.

Um caso perdido de safadeza.

Ela revirou o meu pau por dentro da cueca. Não encontrou o objeto. Meu coração batia

acelerado, de excitação, ansiedade, nervosismo... Tudo junto. A doida deixou meu pênis livre, só ele, e

o agarrou com as duas mãos. Soltei um gemido que partiu do fundo das minhas entranhas. Um

espasmo fez meu corpo se contorcer muito. Caralho!

Raissa me olhou sensualmente, e só consegui lhe devolver um olhar desesperado. A louca

simplesmente me abocanhou. Puta que pariu... O que eu ia fazer? Pensei bastante. Mentira, pensei só

um pouco, pois não dava para raciocinar direito. Por fim, achei que, no fundo, queria que fosse assim

mesmo: de um jeito casual e erótico. Este sou eu, certo? Precisava parar de me angustiar. Não

adiantaria tirá-la de cima de mim, e eu nem queria que ela saísse. Além de que eu tinha o elemento

surpresa em minhas mãos. Em minhas mãos não, no meu pênis, para ser mais exato. Se bem que, do

jeito que as coisas iam, com certeza escorreu para as minhas bolas.

É estranho ter o futuro inteiro sobre o seu saco escrotal.

Raissa me chupava com tanta malícia que eu estava quase gozando. O problema era que eu não

podia gozar. Ia ser uma meleca completa, e só pioraria a situação, que já era periclitante. Rezei para

que algum deus dos desesperados na biblioteca me socorresse. Ela precisava achar logo o maldito

objeto. Eu não podia induzi-la até lá, certo? O que eu diria? “Chupa as minhas bolas com essa boca

faminta, cachorra”?

Puxei os cabelos dela, tomando-o como rédea, e rosnei alto:

– Chupa as minhas bolas com essa boca faminta, cachorra!

Raissa finalmente largou o meu pau e desceu mais a minha cueca. Dobrou-a tanto que, por um

instante, pensei que a porra da surpresa se esconderia de novo, mas não. Finalmente ela a encontrou.

Primeiro, Raissa fez uma careta. Deve ter achado que eu tinha ganhado uma terceira bola.

Depois, ela pegou o objeto e se ajoelhou no tapete. Aproveitei e me sentei para olhá-la de perto. Logo

em seguida, ela o abriu: era uma caixinha azul-escura pequena e retangular. O conteúdo fez o amor da

minha vida levar uma mão à boca.

Não consegui falar nada. Eu sabia que precisava falar alguma coisa, mas não encontrei palavras

para exprimir o que eu queria. Raissa olhou para o meu pau, ainda duro, depois para mim. Desistiu, e

observou a caixinha de novo. Vi o instante em que seus olhos se encheram de lágrimas.

– Safa... – Não concluiu a palavra, mas as duas primeiras sílabas já me fizeram sorrir.

Naquele ângulo eu não podia ver, mas a caixa trazia um par de alianças douradas. Para ser

sincero, eram as alianças dos meus pais. Passei uma eternidade tentando medir o dedo da Raissa sem

que ela perceba, e cheguei à conclusão de que a aliança da minha mãe caberia em seu dedo. A do meu

pai ficava meio folgada em mim, mas dava.

Toquei a lateral do seu rosto, e aproveitei para enxugar uma lágrima sorrateira. Sorri mais

amplamente.

– Deseja ser a Sra. Klein?

Fi.

“... o fim parece um erro, como um ponto final

no meio da frase.” (Tia Clarice)

Gostou do livro? Detestou? Tem algo a dizer?

Vou adorar receber seu comentário!

Conheça as outras obras da autora:

Trilogia Despedida de Solteira, Dominados e Diário de uma Cúmplice

Sobre a autora:

Mila Wander nasceu e mora em Recife. É professora, maquiadora profissional e escritora. “Meu

Conselheiro de Luz” foi sua primeira obra concluída e publicada em 2012.

“Despedida de Solteira” foi

seu romance de estreia na literatura erótica, seguido por “Dominados” e “Diário de uma cúmplice”.

CONTATO: camilavnw@gmail.com

Copyright© – Todos os direitos reservados. Qualquer cópia parcial ou total é proibida.

NÃO COMPARTILHE O PDF DESTA OBRA. PIRATARIA É CRIME.